

TINTA DA CHINA



COM O ALTO PATROCÍNIO
DE SUA EXCELÊNCIA



O Presidente da República

LITERATURA-MUNDO COMPARADA
PERSPECTIVAS EM PORTUGUÊS

COORDENAÇÃO GERAL: HELENA CARVALHÃO BUESCU

PARTE III

PELO TEJO VAI-SE PARA O MUNDO

VOLUME 5



COORDENAÇÃO CIENTÍFICA:
HELENA CARVALHÃO BUESCU
SIMÃO VALENTE

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXX

PARCEIROS INSTITUCIONAIS:



Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto HUIDB/00509/2020.

APOIOS:



© 2020, Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa e Edições tinta-da-china, Lda. Rua Francisco Ferrer, 6 A | 1500-461 Lisboa 21 726 90 28/29 | info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

TÍTULO:

Literatura-Mundo Comparada: Perspectivas em português III — Pelo Tejo Vai-se para o Mundo (Volume 5)

COORDENAÇÃO GERAL:

Helena Carvalhão Buescu

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA DE III — PELO TEJO VAI-SE PARA O MUNDO:

Helena Carvalhão Buescu e Simão Valente

COORDENAÇÃO EXECUTIVA DE III — PELO TEJO VAI-SE PARA O MUNDO:

Amândio Reis, Ariadne Nunes, Bernardo Diniz Ferreira, Camila Seixas e Sousa, Francisco Carlos Marques, Gonçalo Cordeiro, João M.P. Gabriel, Marta Rosa, Rafael Esteves Martins

COMPOSIÇÃO: Tinta-da-china

CAPA: Tinta-da-china

1.ª edição: Maio de 2020

ISBN 978-989-671-548-9

Depósito Legal n.º 467787/20

Este volume reproduz os textos fixados nas edições consultadas, identificadas junto a cada texto.

COLABORADORES

(PARTE III, VOLS. 5 E 6)

Acervo Indígena — Acind — coleção
especial da Biblioteca Central da
Universidade Federal de Minas Gerais
— Brasil

Adalberto Alves
Amândio Pereira dos Reis
Ana Luísa Amaral
Ana Paula Coutinho Mendes
André Simões
Ângela Fernandes
António Barrento
António Graça de Abreu
António Rei
Ariadne Nunes
Ba Djibril
Badr Hassanien
Bernardo Diniz Ferreira
Camila Seixas e Sousa
Carlos Botão Alves
Catarina Nunes de Almeida
Chan Hoi Kei
Daniela Guerreiro
Delfim Correia da Silva
Dulce Pereira
Flávia Ba
Francisco C. Marques
Francisco Caramelo
Gil de Carvalho
Gonçalo Cordeiro
Helena Trindade Lopes
Hugo Maia
Humberto U Long Io
Inocência Mata
Inês da Rocha Silva
Isabel Araújo Branco
Isabel Dâmaso Santos

Jessie Wu Yuxi
João M. P. Gabriel
José Augusto Ramos
José Carlos Calazans
José Pedro Sousa
Licínia Jorge
Lu Ziliang
Lúcia Mucznik
Luís Manuel de Araújo
Mactar Seck
Margarida Vale de Gato
Maria Abreu Pinto
Maria de Fátima Rosa
Maria Inês Almeida
Mariana Nunes
Marta Pacheco Pinto
Marta Rosa
Mercy Wambui
Miguel Filipe Mochila
Milad Rasheed
Miriam de Sousa
Mitzi Guerrero
Moacir Amâncio
Moctar Diouf
Núcleo Literaterras — Universidade
Federal de Minas Gerais
Patrícia Couto
Patrícia Infante da Câmara
Paulo Dias
Rafael Esteves Martins
Raquel Carapinha
Rita Ray
Rui Carlos Fonseca
Rui Manuel Gomes Vieira
Sebastián Patrón
Shiv-Kumar Singh

Sofia Chan
Sofia de Sousa Kou
Sónia Jorge

Telo Ferreira Canhão
Viviane de Cássia Maia Trindade
Wong Chang Chi

PARTE III
PELO TEJO VAI-SE PARA O MUNDO
(VOLUME 5)

ÍNDICE GERAL

Palavras Prévias	27
Introdução Geral	29
Introdução — <i>Pelo Tejo Vai-se para o Mundo</i>	35

O MUNDO ANTIGO (III MILÉNIO A.C. — 500)

(I) MESOPOTÂMIA: A INVENÇÃO DA ESCRITA, AS PRIMEIRAS CIDADES E IMPÉRIOS, OS TEXTOS MAIS ANTIGOS

«Lenda de Sargão de Akkad», in <i>Legends of the Kings of Akkade</i>	49
«Etana», in <i>The Standard Babylonian Etana Epic</i>	50
<i>A Epopeia de Gilgamesh</i>	55
«Atra-Hasis», in <i>Atra-Hasis: The Babylonian Story of the Flood</i>	62
<i>Enuma Elish</i> , in <i>The Standard Babylonian Creation Myth Enūma Eliš</i>	70
«Código de Hammu-rabi», in <i>Law Collections from Mesopotamia and Asia Minor</i>	73
«Oráculos proféticos da Assíria», in <i>A Linguagem Profética na Mesopotâmia</i>	76
«Textos proféticos de Mari», in <i>A Linguagem Profética na Mesopotâmia</i>	78
«Hino acróstico de Assurbanípal a Marduk e a Zarpanitu», in <i>Court Poetry and Literary Miscellanea</i>	82
«Hino de Assurbanípal a Ashur», in <i>Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas</i>	86

(2) O ANTIGO EGIPTO

«A batalha de Kadech», in <i>A Guerra na Antiguidade, vol. I</i>	99
«Contos do Papiro Westcar», in <i>Mitos e Lendas do Antigo Egipto</i>	102
«A Estela poética de Turmés III», in <i>A Guerra na Antiguidade, vol. II</i>	112
«Hino a Aton», in <i>Dicionário do Antigo Egipto</i>	115
«As Lamentações de Khakheperréseneb», in <i>Textos da Literatura Egípcia do Império Médio</i>	120
«Conto do camponês eloquente», in <i>Textos da Literatura Egípcia do Império Médio</i>	124
«Conto do naufrago», in <i>Textos da Literatura Egípcia do Império Médio</i>	142
«Diálogo de um desesperado com o seu <i>ba</i> », in <i>Textos da Literatura Egípcia do Império Médio</i>	149
«História de Sinuhe», in <i>Textos da Literatura Egípcia do Império Médio</i>	156
«Instrução de Kheti», in <i>Textos da Literatura Egípcia do Império Médio</i>	172
«Canto de amor», in <i>Chants d'amour de l'Egypte antique</i>	182
«Capítulo CXXV», in <i>The Book of The Dead</i>	190

(3) MUNDO CANANAICO E BÍBLICO

LITERATURA EM UGARÍTICO

<i>Baal e Yammu</i>	203
<i>O Palácio de Baal</i>	208
<i>Baal e Motu</i>	215
<i>Epopéia de Kirta</i>	222
<i>Epopéia de Aqhatu</i>	228

LITERATURA EM HEBRAICO

BÍBLIA

Nova Bíblia dos Capuchinhos

237

«Manuscritos do Mar Morto»,
in *Die Texte aus Qumran*

252

LITERATURA EM ARAMAICO

BÍBLIA

Nova Bíblia dos Capuchinhos

257

LITERATURA EM GREGO

BÍBLIA

Nova Bíblia dos Capuchinhos

263

(4) ÍNDIA. A ÉPOCA CLÁSSICA (COSMOGONIA E HERÓIS)

«X Mandala; Sūkta 10.129 — Hino da Criação»,
in *Rig Veda Mantra Sambita*

279

«II Mandala; Sūkta 2.35 — O Filho das Águas»,
in *Rig Veda Mantra Sambita*

280

«I Mandala; Sukta 160 — O Céu e a Terra»,
in *Rig Veda Mantra Sambita*

282

«A Criação dos Seres»,
in *Prashna Upanishad*

283

«Meditação sobre o Om»,
in *Chandogyā Upanishad*

285

«A Causa do Universo»,
in *Chandogyā Upanishad*

287

«IV Adhyaya, 5 Brahmana, Yajñavalkya e Maitreyi»,
in *Brihadaranyaka Upanishad*

288

AUVAIYAR

«Purananuru 102: Sobre Pokuttelini», in *The Oxford India Ramanujan*

292

VĀLMĪKI

«Livro II: Ayodhya Kanda; Capítulo I [Sarga] — O Livro de Ayodhya»,
in *Sbrimad Vālmiki Ramayan*

293

VITTAKUTIRAIYĀR

«Kurunthokai 74: Kurinji thinai — O que a sua amiga lhe disse»,
in *Old Tamil Poetry*

297

- Krishna Dvapayana VYASA
«Bhagavad-Gita; Jñāna Yoga, Capítulo II — O conhecimento transcendente»,
in *Complete Shrimad Bhagavad-Gita in Sanskrit and Hindi* 298
- THEVAKULATHĀR
«Kurunthokai 3: Kurinji thinai — O que ela disse»,
in *Love Stands Alone: Selections from Tamil Sangam Poetry* 304

(5) CHINA. A TRADIÇÃO CLÁSSICA

- «Dezanove poemas antigos — Dois»,
in *Quinhentos Poemas Chineses* 309
- «Dezanove poemas antigos — O décimo quinto»,
in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: do Shijing a Lu Xun* 310
- CONFÚCIO (compilado por)
«O livro das odes: ‘Vento e chuva’», in *Quinhentos Poemas Chineses* 311
- CONFÚCIO (compilado por)
«O livro das odes: ‘Folhas secas’ e ‘Os soldados’»,
in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: do Shijing a Lu Xun* 312
- LAO TSE
«Dois», «Trinta e seis», «Quarenta e sete»,
in *Tao Te Ching: Livro da Via e da Virtude* 314
- LIU LING
«Elogio do vinho», in *Quinhentos Poemas Chineses* 316
- QU YUAN
«Enigmas», in *Quinhentos Poemas Chineses* 317
- TAO YUANMING
«Bebendo um álcool», in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: do Shijing a Lu Xun* 319
- XIE LINGYUN
«Diálogo no rio Dongyang», in *Quinhentos Poemas Chineses* 320

ENTRE A ANTIGUIDADE E A IDADE MODERNA (500-1500)

(1) O DESPERTAR DO MUNDO ÁRABE-ISLÂMICO

- Maryam AL-ANSARĪ
[eis que o rodar do tempo me fez velha:], in *O Meu Coração É Árabe* 325

Badi' al-Zamān AL-HAMADHANI «A Maqama de Hulwan», in <i>Maqāmāt</i>	326
AL-KHANSA' [eu era sem sono e fui da noite vigilante], in <i>Arabic Poetry</i>	329
AL-MUTANABBÎ [um homem tem a dimensão alcançada por seus feitos], in <i>La solitude d'un homme</i>	331
<i>As Mil e Uma Noites</i>	333
IBN'AMMÂR «A Al-Mu'tadid», in <i>O Meu Coração É Árabe</i>	344
IBN AL-FÂRID [bebemos, em recordação do Amado, um vinho], in <i>Arabic Poetry</i>	345
Abû Muhammad IBN SÂRA ASH-SHANTARINÎ [ah, a noite que eu sem fim passei!...], in <i>O Meu Coração É Árabe</i>	346
'Antara IBN SHADÂD [fazei-me guerra, ó acasos das noites], in <i>Arabic Poetry</i>	347
IBN ZAYDÛN [ali eu te revi em recordação], in <i>A Phala</i>	349
Abû NUWÂS [o oprimido pelo amor é um deprimido], in <i>Arabic Poetry</i>	351
(2) O ADSTRATO CULTURAL IBÉRICO	
A LITERATURA ÁRABO-ISLÂMICA DO AL-ANDALUS	
Abû al-'Alâ 'AL-MA'ARRÎ [será seguir a via da grandeza viver como eu vivo], in <i>La poésie arabe classique</i>	357
Ibn 'Abbâd AL-MU'TAMID «Inocultável», in <i>Al-Mu'tamid, Poeta do Destino</i>	358
Wallâda Bint AL-MUSTAKFI [tivesses tu sido fiel ao nosso amor], in <i>Florilêge de la poésie andalouse au féminin</i>	359
IBN (AL-)'ARABÎ [...encanto é o da formosa que usa véu], in <i>No Vértice da Noite</i>	360
Abû Bakr Muhammad IBN QUZMÂN «À amada Umm al-Hakam», in <i>El mejor de Ben Quzmán</i>	361

A SINGULARIDADE MOÇÁRABE

- «Dolo»,
in *Crónica Mozárabe de 754* 365
- «Kharjat»,
in *Las Jarchas Mozarabes y los comienzos de la Lirica Romanica* 367

A LITERATURA HEBRAICO-SEFARDITA

- Yehudah ALHARIZI
«A boda», in *Hashirá haivrit besefarad uveprovence* 373
- Yehudah HALEVI
«O gazel», in *Revista de Estudos Orientais* 379
«A gazelinha não me toques», in *Cadernos de língua e literatura Hebraica* 381
«A terra, qual menina», «Servos do tempo» e «Ofan»,
in *Hashirá haivrit besefarad uveprovence* 382
- Shmuel HANAGUID
[Há um mar entre mim e ti] e [Disse ela: alegra-te por ter chegado],
in *Hashirá haivrit besefarad uveprovence* 385
[A terra é do homem a prisão diária] e [Daria a vida por / Tão pérfido gazel],
in *The Penguin Book of Hebrew Verse* 386
[Daria a vida por / Gazel que despertou] e [Vê este meu sofrer agora],
in *Revista de Estudos Orientais* 387
- Avraham IBN EZRA
«Madrugó e à casa do patrono eu vou» e «A capa rasgada»,
in *Hashirá haivrit besefarad uveprovence* 388
«As esferas e os signos lá no céu», in *The Penguin Book of Hebrew Verse* 389
- Moshê IBN EZRA
«E a maçã, na verdade, Deus não criou»,
in *Hashirá haivrit besefarad uveprovence* 390
«Túnica de cores», in *Carta a Fernando Pessoa* 391
- IBN GABIROL
[O inverno escreveu com tinta de chuva],
in *Hashirá haivrit besefarad uveprovence* 392

(3) A LITERATURA BIZANTINA

- «Beltandro e Crisantza»,
in *Romanzi Cavallereschi Bizantini* 399
- «Canto VI»,
in *Digenis Akritis* 402

Ana COMNENA «Alexíada», in <i>Annae Comnenae Porphyrogenitae Alexias</i>	406
DUCAS «Capítulo XXXIX — <i>História</i> », in <i>Ducae Michaelis Ducae Nepotis Historia Byzantina</i>	412
Agátias ESCOLÁSTICO «V, 261», in <i>Anthologie Grecque, Première Partie</i>	417
Nicetas EUGENIANO «Livro IV — Drosila e Cárcles», in <i>Il Romanzo Bizantino del XII Secolo</i>	418
Eustácio MACREMBÓLITES «Livro XI — Hismine e Hismínias», in <i>Il Romanzo Bizantino del XII Secolo</i>	420

(4) PÉRSIA

ATTÂR [abre-se o vale do amor], in <i>Irão — Viagem ao País das Rosas</i>	429
FERDOWSI «Rostam contra Sohrab», in <i>Irão — Viagem ao País das Rosas</i>	430
HÂFIZ [tu tens o esplendor que é o da manhã], in <i>Irão — Viagem ao País das Rosas</i>	431
JAMI [como é doce a brisa no sopro da manhã!], in <i>Irão — Viagem ao País das Rosas</i>	432
Omar KHAYYÂM [sabes lá o que o futuro te vai dar], in <i>Irão — Viagem ao País das Rosas</i>	433
NIZÂMÎ [diz-me, de onde vens?], in <i>Irão — Viagem ao País das Rosas</i>	434
RUDAKI [breve ou longa, que me importa a vida!], in <i>Irão — Viagem ao País das Rosas</i>	435
RÛMI [Copeiro], in <i>Irão — Viagem ao País das Rosas</i>	436
SA'ADI [somos filhos da humana condição], in <i>Irão — Viagem ao País das Rosas</i>	437
SANÂ'I [esse coração, livre de dor e de pesar], in <i>Irão — Viagem ao País das Rosas</i>	438

(5) ÍNDIA

KABIR
«A morada do amado», in *The World's Poetry Archives* 443

KALIDASA
«A nuvem mensageira (primeira parte)», in *The Meghaduta of Kalidas* 444

Swami SVATMARAMA
«Luz sobre o Hathayoga», in *Hathayoga Pradipika* 446

(6) CHINA: LITERATURA DAS DINASTIAS TANG E SONG (618-1279)

«A brisa no alaúde»,
in *Quinhentos Poemas Chineses* 451

BAI JUYI
«Canto do remorso perpétuo», in *Poemas de Bai Juyi* 452

DU FU
«A Wei Pa» e «Lua cheia», in *Quinhentos Poemas Chineses* 456
«Ode aos oito imortais do vinho», in *Quinhentos Poemas Chineses* 457
«Pensamentos nocturnos»,
in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: Do Shijing a Nalan Xingde* 458

HAN SHAN
[Por sorte, habito solitário entre penhascos,],
in *Quinhentos Poemas Chineses* 459

HAN YU
«Ruína», in *Quinhentos Poemas Chineses* 460

LI BAI (ou LI PO)
«Canto das aves, à tarde», in *Quinhentos Poemas Chineses* 461
«Com uma taça de vinho na mão» e «Uma noite entre amigos»,
in *Quinhentos Poemas Chineses* 462
«Na margem do rio» e «Lamento nos degraus de Jade»,
in *Quinhentos Poemas Chineses* 463

LI HO (ou LI HE)
«Chega o Outono», in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: Do Shijing a Lu Xu* 464

LI QINGZHAO
«Primavera em Wuling», in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: Do Shijing a Lu Xu* 465

LIU ZONGYUAN
«Neve no rio», in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: Do Shijing a Lu Xu* 466

SU DONGPO (ou SU SHI)
«Cruzeiro no rio Ying», in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: Do Shijing a Lu Xu* 467

«Escrito na parede da casa do mestre *chan*, no templo dos Dois Bambus»
e «No pórtico, junto ao lago»,
in *Quinhentos Poemas Chineses* 468

WANG CHANGLING
«Dolência dos apartados femininos»,
in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: Do Shijing a Lu Xun* 469

WANG WEI
«Uma despedida» e «Despedida»,
in *quān táng shī* 470
«Poema mesclado», «Linhas» e «Oferecendo de beber a Pei Ti»,
in *Quinhentos Poemas Chineses* 471
«Suspiro por um cabelo branco», in *wáng yóu chéng jí jiān zhù* 473

ZHANG JIULING
«Quarto minguante», in *Quinhentos Poemas Chineses* 474

(7) COREIA: A DINASTIA JOSEON

«Canções de dragões em voo»,
in *Anthology of Korean Literature* 477

(8) A IDADE CLÁSSICA DO JAPÃO

«Sobre o homem que fez cópias do sutra para salvar uma raposa»,
in *Konjaku Monogatari-shū: narrativas antigas do Japão* 483

«Sobre o homem que abdicou da vida mundana ao comover-se com o local
em que a fêmea de pato selvagem estava vendo o macho morto»,
in *Konjaku Monogatari-shū: narrativas antigas do Japão* 486

Ono no KOMACHI
[A noite mergulha], [Triste a pescadora que]
e [Aqui sobre o mundo],
in *O Japão no Feminino* 488

Zeami MOTOKIYO
«O Manto de Penas», in *O Teatro de Gil Vicente e o Teatro Clássico Japonês* 489

Izumi SHIKIBU
[Deitada e sozinha], [O vento penetra] e [Ao lembrar-me de ti...],
in *O Japão no Feminino* 498

Murasaki SHIKIBU
«O conto de Yūgao — Conto de Verão», in *Genji Monogatari* 499

Sei SHŌNAGON
«Notas do travesseiro», in *O Bon-Odori em Tokushima* 503

(9) TRADIÇÕES DA ÁSIA CENTRAL

- «Buč, buč, canta o sāmürgük»,
in *Poemas Anónimos: Turcos, Mongóis, Chineses e Incertos* 507
- «Canção de Tölös»,
in *Poemas Anónimos: Turcos, Mongóis, Chineses e Incertos* 508
- «Canção dos Qidan»,
in *Poemas Anónimos: Turcos, Mongóis, Chineses e Incertos* 509
- «Falar ouvi»,
in *Poemas Anónimos: Turcos, Mongóis, Chineses e Incertos* 510
- O Livro Tibetano dos Mortos* 511
- «Tornei-me o vosso Rei»,
in *Poemas Anónimos: Turcos, Mongóis, Chineses e Incertos* 513
- «Veio ter comigo um Uigur, pagão»,
in *Poemas Anónimos: Turcos, Mongóis, Chineses e Incertos* 514

(10) TRADIÇÕES FUNDACIONAIS DO PACÍFICO

- «A criação»,
in *Paki Waitara: Myths and Legends of the Maori* 517
- «A lenda de Sina e da sua enguia»,
in *The Myths, Legends and Customs of Old Samoa* 520
- «O segredo do fogo descoberto e perdido»,
in *Myths and Legends of the Australian Aboriginals* 523

(11) SUDESTE ASIÁTICO

- «O Trágulo vitorioso: o duelo»,
in *Anthology of ASEAN Literatures* 527
- Nguyễn TRÁI
[Sinto-me tão só ao trautear esta canção.]
e «Ancoragem nocturna em porto marítimo»,
in *The Heritage of Vietnamese Poetry* 529

(12) TRADIÇÕES PRÉ-COLONIAIS: ÁFRICA

- A Epopeia do Kajoor* 533
- «Sundjata»,
in *Les épopées d'Afrique noire* 539

(13) TRADIÇÕES PRÉ-COLONIAIS: AMÉRICAS

IANOMAMI	
«A Lua», in <i>Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro</i>	555
IROQUOIS	
«O Conselho da Grande Paz: A Grande Lei Vinculativa, Gayanashagowa», in <i>The Constitution of the Five Nations</i>	556
MAIA-QUICHÉ	
<i>Popol Vub: O esplendor da palavra antiga dos Maias — Quiché de Quaubtlemallan: aurora sangrenta, história e mito</i>	558
MARUBO	
«Kaná kawã: Raptada pelo Raio», in <i>Quando a terra deixou de falar: cantos da Mitologia Marubo</i>	570
MBYÁ-GUARANI	
«Ayvu Rapyta — A fonte da fala», in <i>Roça Barroca</i>	583
NAVAJO	
«Via da noite», in <i>Four Masterworks of American Indian Literature</i>	586
TLALTECATZIN de Cuauhchinanco	
«Canção de Tlaltecatzin», in <i>Fifteen Poets of the Aztec World</i>	591
ZUNI	
«O coioete rouba o Sol e a Lua», in <i>American Indian Myths and Legends</i>	594

A IDADE MODERNA (1500-1800)

(1) LEVANTE E CÁUCASO

«A carta que mandaram os Padres da Índia, da China e da Magna China, um relato síriaco da chegada dos Portugueses ao Malabar e seu primeiro contacto com a hierarquia cristã local», in <i>Revista da Universidade de Coimbra</i>	601
Evlia ÇELEBI	
«Secção V: Sobre o perímetro de Constantinopla», in <i>Narrative of Travels in Europe, Asia, and Africa in the Seventeenth Century</i>	606
SAYAT-NOVA	
«Eu, rouxinol no exílio», in <i>La poésie Arménienne du Vè siècle à nos jours</i>	609

(2) ÍNDIA

- Goswami TULSĪDĀS
«Colecção dos dísticos», in *Kavitavali* 613

(3) ÁFRICA

- Epopéia de Askia Mohammed* 617

- Nzinga MBEMBA (Afonso do Congo)
«Carta de D. Afonso a D. Manuel denunciando a cobiça do Governador e Capitão da Ilha de S. Tomé Fernão de Melo (5 de Outubro de 1514)», in *As Cartas do «Rei» do Congo D. Afonso* 620

(4) EXTREMO ORIENTE

A LITERATURA CHINESA DAS DINASTIAS MING E QING (1366-1912)

- CAO XUEQIN
«Capítulo II», in *O Sonho do Pavilhão Vermelho* 629

- HSÜ-CHÊN CH'ING
«Fantasia da Primavera», in *Oito Elegias Chinesas* 632

- UANG-IANG-MING (ou WANG YANGMING)
«Á noite, no Pêgo-Dragão», in *Oito Elegias Chinesas* 633

- UANG LING-HSIANG
«Sobre o Terraço», in *Oito Elegias Chinesas* 634

- WU LI (ou WU YUSHAN)
«Impossível a viagem para o Ocidente», in *Quinhentos Poemas Chineses* 635
«Para S. Inácio de Loyola», in *Quinhentos Poemas Chineses* 636

- ZHANG RULIN
«Macau festivamente límpido», in *Quinhentos Poemas Chineses* 637

JAPÃO: UMA CIVILIZAÇÃO ENTRE DUAS ERAS

- Matsuo BASHŌ
[Um templo, um tanque musgoso], in *Relance da Alma Japonesa* 641
Quatro *haiku*, in *Haikai: antologia e história* 642
Vinte e nove *haiku*,
in *Ao Encontro da Natureza Através da Poesia Haiku de Matsuo Bashō* 643

- Yosa BUSON
Dez *haiku*, in *Haikai: antologia e história* 647

CHIYO-NI (ou Chiyoyo)	
«A trepadeira trepou», in <i>Relance da Alma Japonesa</i>	649
Cinco <i>haiku</i> , in <i>O Japão no Feminino</i>	650

(5) POLIFONIAS DO NOVO MUNDO: AS AMÉRICAS

AMÉRICA DO SUL

Inca GARCILASO DE LA VEGA	
«De fábulas históricas da origem dos Incas», in <i>Comentarios reales de los Incas</i>	655
KRENAK	
«O tempo que Deus andava no mundo», in <i>Conbé Panda Ríthioc Krenak</i>	658
MAXAKALI	
«As crianças cegas», in <i>Penãbã</i>	660
PICHUVY CINTA LARGA	
«Ngurá» e «Os animais», in <i>Materé ma Kwé tñhim</i>	662
TUPARI	
«A origem da mandioca», in <i>Do açaí cada fruto uma história: narrativas dos povos indígenas de Rondônia e noroeste do Mato Grosso</i>	674
XACRIABÁ	
«Ladainha», in <i>Para seu trono lilar</i>	677

MESO-AMÉRICA E AMÉRICA DO NORTE

<i>Canção de Trabalho de Escravos Negros das Ilhas Barbados</i>	683
«Os últimos dias do Cerco de Tenochitlan», in <i>Visión de los vencidos</i>	684
Olaudah EQUIANO	
«Capítulo 2», in <i>The Interesting Narrative of the Life of Olaudah Equiano, or Gustavus Vassa, the African</i>	686
Benjamin FRANKLIN	
<i>Autobiografia</i>	688
Juan RUIZ DE ALARCÓN Y MENDOZA	
«A verdade suspeitosa», in <i>Parte segunda de las comedias del licenciado don Juan Ruiz de Alarcón y Mendoza</i>	692
SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ	
«O sonho», in <i>Segundo Volume das Obras de Sor Juana Inés de la Cruz</i>	699
Phillis WHEATLEY	
«Para S.M. Um jovem pintor africano, ao ver as suas obras», in <i>The Collected Works of Phillis Wheatley</i>	702

John WINTHROP «Um modelo de caridade cristã», in <i>Collections of The Massachusetts Historical Society</i>	704
---	-----

A REVOLUÇÃO DO SÉCULO XIX

(1) REALIDADE E DESASSOSSEGO

«O Rei Naga», in <i>Phya Khankhaak: The Toad King</i>	711
Emily DICKINSON «Poema 1619», in <i>The Poems of Emily Dickinson</i>	714
Ralph Waldo EMERSON «Pessoal», in <i>The Complete Essays and Other Writings of Ralph Waldo Emerson</i>	715
Nathaniel HAWTHORNE <i>A Letra Escarlate</i>	719
Washington IRVING «O palácio do Alhambra», in <i>Contos do Alhambra</i>	722
Kobayashi ISSA Quatro <i>haiku</i> , in <i>Haikai: antologia e história</i>	727
Henry JAMES <i>Os Embaixadores</i>	728
Mark TWAIN «Capítulo I», in <i>As Aventuras de Huckleberry Finn</i>	730

(2) LITERATURA E CONDIÇÃO HUMANA

Emily DICKINSON «Poema 1017», in <i>The Poems of Emily Dickinson</i>	735
Kobayashi ISSA Quatro <i>haiku</i> , in <i>Haikai: antologia e história</i>	736
MUYAKA «Sobre a desilusão», in <i>Muyaka: 19th Century Swahili Popular Poetry</i>	737
Amado NERVO <i>O Doador de Almas</i>	739
Masaoka SHIKI Um <i>haiku</i> , in <i>Haikai: antologia e história</i>	743

John Greenleaf WHITTIER
«O menino descalço», in *The Complete Poetical Works of John Greenleaf Whittier* 744

(3) EMANCIPAÇÃO, LIBERDADE E RESISTÊNCIA

Frederick DOUGLASS
Memórias de um Escravo Americano 749

James FENIMORE COOPER
O Último dos Moicanos 751

Harriet JACOBS
«Capítulo XVII — A Fuga», in *Incidentes na Vida de uma Escrava* 756

José MARTÍ
Nossa América 759

Domingo Faustino SARMIENTO
Facundo: civilização e barbárie na pampa Argentina 763

Harriet Beecher STOWE
A Cabana do Pai Tomás 767

Henry David THOREAU
A Desobediência Civil 770

(4) A EMANCIPAÇÃO LITERÁRIA DA MULHER

Kate CHOPIN
«Um par de meias de seda», in *Meias de Seda* 777

Emily DICKINSON
«Poema 536», in *The Poems of Emily Dickinson* 782

Charlotte Perkins GILMAN
«O papel de parede amarelo», in *The Yellow Wall-Paper, Herland, and Selected Writings* 783

(5) A LITERATURA COMO ARTE

Emily DICKINSON
«Carta a senhor Higginson», in *The Letters of Emily Dickinson* 789

Mirza GHALIB
[A rosa com suas fragrantas pétalas],
in *Ghalib interpretations: translation of Ghalib's selected verse* 791

Kobayashi ISSA Três <i>haiku</i> , in <i>Haikai: antologia e história</i>	792
Herman MELVILLE <i>Bartleby</i>	793
Edgar Allan POE «O retrato oval», in <i>Poetry and Tales</i>	797
Masaoka SHIKI Dois <i>haiku</i> , in <i>Haikai: antologia e história</i>	800
Walt WHITMAN «Perfumados prados do meu peito», in <i>Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro</i>	801

(6) AFECTOS E EMOÇÕES

Emily DICKINSON «Poema 1336», in <i>The Poems of Emily Dickinson</i>	805
Jibrân Khalil JIBRÂN [cala-te, meu coração! o espaço é surdo], in <i>Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro</i>	806
RAMA II «Inao», in <i>Anthology of ASEAN Literatures</i>	807
Ahmad SHAWQI [confundiram-na ao chamar-lhe bela], in <i>Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro</i>	810
SUNTHORN PHU «Nirat Phra Bat», in <i>Sunthorn Phu: An Anthology</i>	811

(7) CONFLITOS

«Eu, rico Koča do Khan», in <i>Poemas Anónimos: Turcos, Mongóis, Chineses e Incertos</i>	815
«Shaka», in <i>Izibongo: Zulu Praise-poems</i>	816
Rubén DARÍO «O triunfo de Calibã», in <i>Revista Iberoamericana</i>	817
Abdul Abdullah KADIR (ou Munshi Abdullah) <i>As Histórias de Abdullah</i>	821

José MÁRMOL
«Capítulo II — A primeira cura», in *Amalia* 822

(8) HUMOR, SÁTIRA E IRONIA

Ruben DARÍO
«O sátiro surdo — conto grego», in *Curiosidades Literárias e Outros Contos* 831

Nguyen KHUYEN
«A uma estátua», in *The Heritage of Vietnamese Poetry* 835

Notas críticas 837

PALAVRAS PRÉVIAS

Quero, na qualidade de coordenadora geral deste projecto, deixar uma palavra pessoal de reconhecimento, apreço e admiração a todos os membros da equipa organizadora. Os seus membros variaram de acordo com os objectivos de cada uma das Partes adiante mencionadas. A dedicação, o entusiasmo, a colaboração generosa de todos foram, nos vários anos ao longo dos quais este projecto decorreu, uma das mais compensadoras experiências académicas que pessoalmente tive, bem como a confirmação de que a Universidade tem muito a fazer, quando conta com pessoas que acreditam nos seus projectos e na possibilidade de os partilhar com uma comunidade que, aqui, é tanto científica como, de forma mais lata, a de todos quantos lêem em português. A Literatura-Mundo em português sob uma perspectiva comparatista é uma área que esta antologia aborda e de que mostra apenas uma pequena parte.

HELENA CARVALHÃO BUESCU
Centro de Estudos Comparatistas
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

INTRODUÇÃO GERAL

Este conjunto de antologias corresponde a um projecto desenvolvido no Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa, relativo ao campo de estudos da Literatura-Mundo (*World Literature, Weltliteratur*), a que por razões científicas chamamos Literatura-Mundo Comparada. A visão que aqui se propõe para esse campo é, pois, uma visão comparatista, sem a qual não nos parece que a Literatura-Mundo possa realmente existir. É o enfoque comparatista que permite a leitura destes textos, de variadíssimas proveniências mundiais (geográficas e históricas), simultaneamente como objectos singulares (cada texto em si mesmo considerado) e como objectos em diálogo e por essa razão entre si comparáveis, dando assim conta da perspectiva diferenciada, nas suas diversas semelhanças, paralelos e contrastes, que a Literatura-Mundo Comparada tem de saber reconhecer e sustentar.

Diga-se desde já que este conjunto de antologias exprime o ponto de vista de uma equipa organizadora historicamente situada em Portugal, e são por isso as categorias estéticas e histórico-sociais mais operativas no contexto português, a partir do qual este projecto foi concebido e realizado, que aqui se encontram plasmadas. É nossa convicção que este tipo de antologias dá a ler não apenas o objecto por si constituído (os textos seleccionados), mas também o ponto de vista de quem constitui o objecto — neste caso, uma equipa de professores de literatura da FLUL e do seu CEC, que olha para o mundo, nas décadas iniciais do século XXI, a partir de um ângulo de visão que é o seu. É interessante, por exemplo, notar que uma semelhante antologia, se realizada dentro de um século, ou a partir de um outro lugar de visão, daria certamente resultados muito diferentes. A consciência desta situação fez parte integrante de todos quantos colaboraram nesta antologia, sendo aliás, do nosso ponto de vista, a confirmação de uma riqueza epistemológica. Trata-se, por isso, de uma leitura historicamente e comparativamente situada no quadro das literaturas do mundo.

Tal leitura manifesta entretanto aquilo que ocupa principalmente o olhar comparatista: as tensões entre local, regional e mundial, por um lado;

as relações entre língua(s) e diversidade intra e extralinguística, por outro; a convicção de que as fronteiras nacionais não esgotam (antes pelo contrário) a possibilidade de ler textos literários entre si muito diferentes; e a consciência de quem se vai cada vez mais apercebendo, à medida que o trabalho avança, de quantas zonas de silêncio, e mesmo de silenciamento, têm restringido a possibilidade de ler, em português, textos maiores de outras línguas, literaturas e culturas, em especial os mais afastados geográfica e historicamente. Foi esta consciência que norteou o entusiasmo de todos os elementos desta equipa na tentativa, não apenas de revisitar de forma regular traduções já existentes em português de textos de outras literaturas, mas sobretudo de encontrar colaboradores que, a maior parte das vezes *ad hoc* e de forma generosa, se prestassem a verter textos nunca até agora passíveis de ser lidos em português, mormente em tradução directa (por exemplo, excertos da saga islandesa, textos em bengali, ou contos de autores chineses contemporâneos). Talvez estas apresentações permitam aos leitores continuar a procurar, a ler, e quem sabe a traduzir para português ainda outras obras, de forma a tornar mais dialogante a leitura que podemos fazer dos textos que já conhecemos na área da literatura portuguesa, ao cruzá-los com outros, e assim permitir encontros desconhecidos e muitas vezes surpreendentes. Contámos com mais de uma centena de colaboradores, cujos nomes são indicados na respectiva lista que inicia cada uma das três Partes, a quem gostaríamos de deixar, desde já, o nosso profundo reconhecimento.

É por este conjunto de razões que a antologia, em seis volumes, apresenta uma organização diferenciada, de acordo com as três grandes Partes em que se subdivide. A Primeira Parte reúne as literaturas escritas originalmente em português, ou seja, a literatura portuguesa (desde a Idade Média até ao presente), a literatura brasileira, as cinco literaturas africanas de língua portuguesa e as outras com origem em diversos pontos do planeta, como Goa, Macau ou Timor-Leste. O gesto de a todas reunir representa uma afirmação simbólica de alcance simultaneamente estético e político: o passado colonial pode e deve ser reconhecido como história que atravessa todos os corpos nacionais, na sua espessura cultural e simbólica, a fim de que a realidade pós-colonial possa ser encarada, tanto nos países que são ex-colónias como na antiga potência colonizadora, na projecção do futuro das relações entre essas comunidades com o mundo.

Assim, a literatura portuguesa é integrada na Parte I (vols. 1 e 2) desta antologia, e nela ocupa um lugar que, reconhecendo a sua mais extensa densidade histórica no quadro das literaturas em português, com todas as outras literaturas dialoga de forma privilegiada, na perspectiva de um colectivo que

não se esboroa face às diferentes singularidades. A organização deste subgrupo é temática; as razões para tal ficarão claras na diversidade de leituras que esta estrutura permite e potencia, e serão mencionadas na breve introdução específica que antecede cada um dos subgrupos. Assinalemos, entretanto, a excepção que *Os Lusíadas* de Luís de Camões constituem, no âmbito de todo o projecto e, por isso, no âmbito deste primeiro subgrupo. Apenas desta obra encontramos excertos em todas as diferentes secções temáticas que constituem a Primeira Parte da antologia. Reconhecemos com este diferente tratamento a convicção, consensual entre todos os membros da equipa, de que existe um ponto nodal na literatura-mundo comparada, escrita em português, que reenvia, de uma forma ou de outra, a este texto matricial da literatura portuguesa — que se torna, assim, texto matricial também da literatura-mundo escrita em português. Aqui está, por exemplo, a forma como a perspectiva situada deste projecto permite uma aproximação, por um lado, criteriosa e, por outro, reveladora da *posição* que qualquer antologia revela e constrói.

A Segunda Parte (vols. 3 e 4) é constituída pelas literaturas da Europa, lugar geopolítico e histórico em que Portugal se situa e com o qual, por essa razão, dialoga histórica e simbolicamente. Dentro da Parte II, são de notar as heterogeneidades de leitura e de conhecimento das diferentes literaturas que aqui são representadas: a realidade textual de áreas mais distantes (do ponto a partir do qual esta antologia é concebida), como por exemplo a Roménia ou a Islândia, não tem paralelo, por exemplo, com a do território que conhecemos pelo nome de Espanha. Tivemos sempre em mente tais heterogeneidades, bem como a preocupação de, na medida do possível, as corrigir ou de pelo menos as matizar. Embora estejamos conscientes de que nem sempre foi possível encontrar soluções para garantir uma presença mais significativa, em particular das literaturas europeias menos conhecidas e menos representadas em português, fizemos um esforço real para não nos limitarmos ao já anteriormente traduzido, de forma a que esta antologia pudesse também corresponder a um incremento da leitura literária de tradições cujo conhecimento só pode, afinal, enriquecer aquelas com que já pudemos contactar. Nesta Parte II considerámos também como consensual a organização temática, fazendo dialogar textos das mais diferentes tradições europeias, antigas e modernas. Também os temas escolhidos são análogos aos da Primeira Parte acima mencionada, com a excepção de uma das categorias («Língua e Variação») que, no quadro das literaturas europeias, não nos pareceu ter pertinência semelhante à que reconhecemos na Parte I.

Finalmente, a Terceira — e última — Parte (vols 5 e 6) abrange as tradições literárias mundiais que não são recobertas pelos volumes anteriores

— mas que, entretanto, permitem à literatura escrita em português «olhar para o mundo» («pelo Tejo vai-se para o mundo», como reconhecia o cae-riano Fernando Pessoa): tudo quanto está fora quer do quadro «escrito em português» quer do quadro «europeu» é aqui considerado.

O escopo histórico é, também ele, progressivamente maior da Parte I (desde a Idade Média) à Parte II (desde a civilização greco-latina) e, enfim, à Parte III (desde as civilizações pré-clássicas). Por esta razão, pela diversidade estruturalmente mais densa que caracteriza as várias tradições e culturas aqui aproximadas, e ainda pela consciência de que elas exigem uma maior capacidade de enquadrar a sua profundidade e até a sua divergência histórica, optámos nesta Parte III por combinar relação temática e ordenação cronológica. Assim, a organização dos volumes desta Parte é de ordem predominantemente histórica, visível não apenas na ordenação das grandes secções que os estruturam mas, também, no conjunto de outros materiais (em especial as Introduções específicas a vários capítulos) que figuram como complemento para uma leitura mais informada dos respectivos textos literários.

Por um lado, todos os volumes das três Partes referidas, ao optarem por, de uma forma ou de outra, apresentar categorias temáticas como modo de integração textual, propõem na verdade uma articulação comparatista entre os textos que as compõem, e um conseqüente diálogo entre eles — melhor diríamos, diferentes formas de diálogo, que contam com a participação interpretativa do leitor para serem activadas. Por outro lado, a opção por períodos latos, na Parte III da antologia, é subsumida pela lógica inclusiva do gesto antológico. Certamente, qualquer inclusão é também uma exclusão. Mas isso não deve impedir-nos de conhecer, na medida do possível, aquilo que podemos almejar a conhecer. Nada é pior do que o fechamento ao que nos é exterior, seja qual for o pretexto usado para o justificar. Aquilo que cada leitor fará com esta antologia abre possibilidades inúmeras — aliás, impossíveis de prever. Vemos estas leituras como construtivas e múltiplas, concebendo a estrutura da antologia enquanto devedora do cruzamento comparatista, uma produção de questionamentos vários a partir do conjunto proposto, que seriam impossíveis a partir dos textos isolados. Não ignorámos o facto de que os riscos de cruzamentos imprevistos podem dar azo ao choque entre tempos históricos diferenciados (e variados até no mesmo tempo, haja em vista as várias Idades Médias). Parece-nos isto, entretanto, uma vantagem de leitura que quisemos arriscar.

Para terminar, alguns brevíssimos critérios fundamentais na apresentação dos textos: 1) foi definido como *terminus ad quem* para a nossa es-

colha o ano de 2000 — embora na Parte III tal tenha sido flexibilizado; 2) a estrutura dos volumes é obtida a partir do corpo de textos e de categorias que os constituem (Partes I e II), ou da articulação entre os grandes períodos históricos e as categorias temáticas (Parte III); 3) foram actualizadas as grafias, em particular de textos medievais; 4) foram aceites textos traduzidos a quatro mãos, nomeadamente aquelas traduções produzidas no âmbito dos vários leitorados de português espalhados pelo mundo inteiro (pelo que estamos muito reconhecidos em particular ao Camões — Instituto da Cooperação e da Língua); 5) sempre que possível, foram utilizadas traduções directas, depois de cuidadoso escrutínio, nomeadamente em casos em que existiam várias traduções; as traduções indirectas publicadas nas Partes II e III vão sempre indicadas como tal no próprio texto; 6) foram também integradas experiências de tradução poética (como no caso de Herberto Helder); 7) cada Parte apresenta, no final, breves Notas Críticas relativas ao autor e/ou aos textos publicados, de modo a permitir um melhor enquadramento das obras e dos respectivos excertos escolhidos. O Índice Remissivo dos 6 volumes surge no final do volume 6.

A equipa não quer terminar sem mencionar, com imensa gratidão, todos os patrocínios, apoios e colaborações que permitiram a realização deste trabalho.

O destaque vai, em primeiro lugar, para o Alto Patrocínio que o presidente da República entendeu dar a este projecto. É para todos nós uma grande honra e um motivo de orgulho saber que contámos com o reconhecimento simbólico e cultural do senhor presidente da República, a quem manifestamos a nossa gratidão.

Gostaríamos ainda de destacar a UNESCO, que nos atribuiu o seu selo e assegurou o seu patrocínio, em especial para a Parte III, através do Camões, Instituto para a Cooperação e a Língua, dessa forma reconhecendo neste projecto objectivos coincidentes com a filosofia que preside a essa instituição. Pudemos ainda contar, para a Parte III, com o apoio financeiro do Ministério da Cultura, a que deixamos os nossos agradecimentos.

Seguidamente, devemos mencionar todos os que, por todo o mundo, nos ajudaram a realizar uma escolha criteriosa de textos e autores, oferecendo um precioso contributo e, em muitos casos, realizando traduções directas, de outra forma impossíveis de obter. Os seus nomes são, todos eles, reconhecidos nas listas de colaboradores de que a equipa se orgulha e simultaneamente se sente devedora.

Em terceiro lugar, diferentes instituições apoiaram, de forma diferenciada, este projecto. Queremos aqui deixar, com o nosso reconhecimento, a sua menção: o Camões — Instituto da Cooperação e da Língua, que nos

permitiu contar com um bolsheiro, elemento imprescindível para assegurar a consistência destas publicações; o Ministério da Cultura, que reconheceu a consistência e o mérito deste projecto; a Fundação Oriente, cujo apoio, para a Parte III, nos permitiu enfrentar esse desafio (o mais complexo) de forma adequada; a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, em especial o apoio dado à Parte III; a União de Escritores Angolanos, que nos trouxe um apoio crucial para a publicação da Parte I. Um agradecimento especial é devido à Fundação Macau, pelo protocolo estabelecido, que se traduziu numa proveitosa associação, permitindo que a representação da literatura chinesa e da literatura macaense não ficasse confinada aos textos literários já anteriormente traduzidos. Destacamos ainda a Sociedade Portuguesa de Autores (SPA), sem a qual não teria sido possível resolver, a contento, a questão dos direitos autorais, bem como o apoio financeiro e cultural por que reconheceu o alcance deste projecto. Uma palavra também de grande gratidão à Representação Portuguesa da Comissão Europeia e à EUNIC (European National Institutes for Culture).

Agradecemos ainda o patrocínio da Fundação Inês de Castro e da Fundação D. Manuel II, a Casa da América Latina, bem como todas as embaixadas e institutos culturais que, uma vez contactados, nos apoiaram de diversas formas.

O Centro de Estudos Comparatistas e a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, nossa instituição de acolhimento, asseguraram as condições sem as quais este projecto nunca poderia ter sido realizado. Uma palavra de gratidão e reconhecimento é devida a todos os tradutores que, de forma generosa, aceitaram colaborar com as suas traduções para permitir uma representação mais equilibrada das mais diferentes literaturas. Finalmente, queremos deixar uma palavra explícita à nossa editora, Tinta-da-china, que desde o primeiro minuto nos acolheu de forma entusiástica e competente. A todos o nosso obrigado: esta obra é também de todos eles.

Fevereiro de 2020

A EQUIPA,
*Centro de Estudos Comparatistas
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*

INTRODUÇÃO

Pelo Tejo Vai-se para o Mundo

Os últimos volumes (5 e 6) que compõem o projecto *Literatura-Mundo Comparada, Perspectivas em Português* têm como objectivo oferecer ao leitor um conjunto significativo de textos das mais diversas línguas, épocas e literaturas mundiais, traduzidos para português.

Conjugando a interrogação activa do conceito de «Literatura-Mundo Comparada» com a de um conjunto de mundos literários que apenas existem na pluralidade das suas representações, a Parte III explora, tanto na identificação do *corpus* como na sua organização, a articulação entre a perspectiva comparatista que informa o projecto e a dimensão produtiva e concreta do gesto antológico. Após a Parte I (vols. 1 e 2), que tem na língua comum o seu eixo de selecção e organização, ao cingir-se a textos literários originalmente escritos em português e oriundos de diferentes tradições, a Parte II (vols. 3 e 4) enceta o alargamento do projecto e do conceito de *Literatura-Mundo Comparada, Perspectivas em Português* a um conjunto de textos de literatura-mundo traduzidos para português, relativos à Europa. Começa desta forma a reconhecer-se a importância da tradução na mundialização das literaturas em português, o que pressupõe um imprescindível diálogo com as Partes anteriores.

Este pressuposto é retomado e tornado ainda mais denso na Parte III (vols. 5 e 6), visto todos os textos aqui presentes implicarem uma revisitação ou de traduções já realizadas ou, na maioria dos casos, de traduções feitas *ad hoc* para os presentes volumes. Procurámos uma representação cultural, histórica, geográfica e linguística do maior escopo, convictos de que é no conhecimento de outras tradições literárias que reside a capacidade de a literatura não cessar de nos surpreender. Tal implica reconhecer o papel vital de mediadores culturais como os tradutores, bem como da forma como o enriquecimento cultural passa sempre por um esforço de não-cegueira nacional ou regional.

É por isso que «Pelo Tejo [se] vai para o mundo»: para Alberto Caeiro, isso fazia valer mais «o rio da sua aldeia», porque este a menos gente pertencia.

Nesta antologia, entende-se antes que o carácter complementar, e não anti-tético, de «Tejo» e «mundo», bem como a tensão entre eles estabelecida, podem fazer com que o «ruído de fundo», que Italo Calvino entendia ser uma das características dos clássicos, chegue até nós como distantes batimentos do que não vivemos, mas a que pela literatura e pela tradução podemos continuar a aceder.

O objectivo primeiro deste duplo esforço — a afirmação teórica de um entendimento «planetário» e plural das literaturas em português e a proposta concreta de uma articulação, no corpo da antologia, entre textos e literaturas diferentes — é oferecer ao leitor uma publicação que possa ser entendida como um lugar de encontro. Efectivamente, as leituras possíveis permitem a construção de diálogos entre os textos individuais que a compõem fora das delimitações tradicionalmente atribuídas às literaturas nacionais, porém, sem nunca omitir a sua historicidade. É no espaço da antologia, enquanto plataforma de cruzamentos, que estes textos se encontram, enquadrados quer pelos mundos históricos, culturais e linguísticos em que foram produzidos, quer pelas categorias propostas para os séculos XIX e XX, que reflectem já um momento prévio de leitura, por parte da equipa, de possíveis afinidades e mútuas iluminações entre os diferentes textos seleccionados.

Quer as categorias escolhidas para os dois últimos séculos quer as amplas situações históricas e culturais de que estes volumes dão conta correspondem afinal a secções temáticas amplas, e permitem, por um lado, perceber uma variedade significativa nos textos que os compõem e, por outro, uma porosidade entre categorias que, embora não sobreponíveis, se intersectam e complementam de forma produtiva. A porosidade que sustenta esta antologia, e aqui a sua tão diversa Parte III, bem como a variedade dos efeitos de leitura que propõe são aqui consideradas como movimento fundador.

No caso vertente, cumpre salientar o relevo concedido aos textos fundadores do pensamento e das letras não-europeias, enquanto operadores fundamentais de relação entre distintos textos, universos de referência ou geografias literárias, imprescindíveis a uma visão da literatura em português enquanto *literatura-mundo* ou, se quisermos, ao entendimento da sua condição cosmopolita.

Completam a Parte III, por um lado, um conjunto de Introduções a capítulos específicos, capaz de dar conta de movimentos de média duração e com uma mais ampla diversidade histórico-cultural; e, por outro lado, a secção das Notas Críticas, que permitem abordar de modo mais es-

pecífico autores mais próximos do nosso tempo. No final do volume surge o Índice Remissivo, que abrange a totalidade dos volumes desta antologia (1 a 6).

Não poderíamos deixar sem um agradecimento muito especial, aqui, os dois bolseiros que de mais perto colaboraram, de forma continuada, no surgimento dos volumes agora publicados. À Camila Seixas e Sousa e ao João Miguel Palaio Gabriel queremos expressar o nosso reconhecimento por todos os esforços envidados para o conseguimento desta empresa. Sem a ajuda deles nunca teria sido possível fazer o que foi feito. E, de forma também muito grata, queremos ainda registar a forma generosa como os nossos colaboradores nos foram acompanhando neste projecto e nos foram permitindo tomar conhecimento de tradições, culturas e literaturas de outra forma inatingíveis.

As antologias, como as enciclopédias, estiveram entre as minhas primeiras paixões de leitor, desde quando era rapaz, e — como todas as paixões, para mim nunca arquiváveis — continuam a estar. Naquelas páginas encontrava as coisas, os rostos, as vozes, os sentimentos, as cores, as histórias do mundo e parecia-me que o seu autor era a própria realidade, o coro de quem a vive, a constrói, a sofre ou a ama. Não sabia que compor uma antologia podia ser uma criação literária e intelectual não menos original e pessoal do que um romance ou ensaio; ignorava, por exemplo, que *Americana*, a antologia de Vittorini, fora mais importante, para a cultura italiana, do que muitos textos de ficção. Também na escola apreciei as antologias — algumas até por serem más, banais e atamancadas — que me abriram mundos e me fizeram compreender a importância cultural, crítica e fantástica desse verdadeiro género literário, que pode contribuir fortemente para a formação dum indivíduo, duma geração e portanto da sociedade em que aquela vive e actua.

CLAUDIO MAGRIS. «A antologia esquecida», in *Alfabetos*,
trad. Antonio Sabler. 2013. Lisboa: Quetzal. 384.

O MUNDO ANTIGO
III MILÉNIO A.C. — 500

(I)
MESOPOTÂMIA:
A INVENÇÃO DA ESCRITA, AS PRIMEIRAS CIDADES
E IMPÉRIOS, OS TEXTOS MAIS ANTIGOS

Francisco Caramelo | Maria de Fátima Rosa

Na Mesopotâmia, a arte e a literatura constituem, em grande medida, meios e expressões da ideologia real. Paralelamente à sua dimensão estética, a arte e a literatura exprimem uma funcionalidade que se caracteriza pela sua retórica verbal e pela sua retórica visual. Desta forma, podemos falar de construções ideológicas de legitimação do poder ou até de uma propaganda real. Estas construções ideológicas, que se repercutem na iconografia e na produção escrita, nos seus vários géneros e formas, traduzem-se em narrativas que se tornam operantes sobretudo em momentos em que se observa alguma disfuncionalidade política.

Contudo, independentemente da urgência de respostas em situações de ruptura ou de necessidade, capazes de enquadrar e de explicar processos regenerativos, a ideologia real procura sustentar a estabilidade sistémica, fundamentada em arquétipos. O mito desempenha, naturalmente, um papel essencial em todo este processo. A origem arquetípica da instituição real encontrava-se em Anu e em Enlil, designados «reis dos deuses». O poema babilónico da criação, o *Enuma elish*, narra o processo de génese da realeza divina. Anu presidia à assembleia dos deuses. O *Enuma elish* constitui, entre outras coisas, um verdadeiro tratado de teoria política, na medida em que explica a origem do poder real, a sua natureza, a permanência da instituição e a sua legitimidade, mas também a sua dinâmica e a sua fluidez. A instituição permanece, mas a legitimidade de quem a interpreta depende do divino. Esse postulado é também explicado e testemunhado pelo *Enuma elish*. No conflito geracional que opõe os deuses, Marduk, a divindade tutelar da Babilónia, aceita o papel de campeão dos deuses mais jovens no combate contra Tiamat em troca da realeza divina. A realeza de Marduk resulta de um consenso na assembleia divina; deriva também de uma situação de instabilidade. O relato talvez constitua a consciência histórica da origem da realeza humana, mas também da sua natureza dinâmica. Apesar de fundamentada num modelo divino, a instituição real era interpretada por um homem e por isso sujeita às vicissitudes das relações políticas.

A realeza humana e terrena tem, por conseguinte, a sua origem na realeza divina, a qual consiste num modelo, no protótipo, da realeza interpretada pelo homem. A divindade tutelar continuará a ser, no plano ideológico-religioso, o verdadeiro rei e também o modelo a imitar pelo rei terreno. A existência de um modelo divino impõe limites à realeza humana. Por outro lado, o carácter colegial da organização da sociedade divina impõe igualmente constrangimentos a um conceito absoluto de soberania, traduzindo a consciência das dificuldades que se impõem no exercício do poder.

Um dos postulados fundamentais em que assenta a legitimidade da realeza humana é o princípio da predestinação. O rei deve o seu poder ao facto de ter sido nomeado por deus, mandatado para o exercício de uma missão que a divindade delega nele. O rei é escolhido pela divindade para levar a cabo uma missão ordenadora e salvífica.

Uma das linhas de legitimação ideológica em que assenta a realeza é a que transforma o rei no filho de deus, não no filho gerado pela divindade, mas no escolhido, no eleito, no seu favorito. A análise dos oráculos proféticos neo-assírios mostra como o apoio divino, sobretudo de Ishtar, se manifesta tanto através da filiação divina como através de referências ao casamento sagrado. As fontes escritas, mas também a iconografia, designadamente os selos-cilindros, reflectem estas linhas da retórica verbal e visual. A deusa Ishtar é representada como mãe, como figura com atributos guerreiros e, por vezes, até masculinos, e com atributos que exaltam a sua feminilidade.

Esta dimensão de filiação / adopção, que é de eleição ou escolha e não de facto, constitui uma das linhas essenciais de legitimação, estruturantes na ideologia real. A instituição real constitui, deste modo, uma instituição sagrada, o que não faz do rei um ser divino. Apesar de não ser um deus, a asunção de que era escolhido e legitimado pela divindade, bem como a ideia de predestinação, conferiam-lhe um estatuto especial entre o divino e o humano.

No processo de sucessão, cruzam-se as dimensões políticas e ideológicas. O ideal confronta o real. Como coexistem os postulados de que o rei é escolhido por deus ou de que é um predestinado com as vicissitudes da sucessão, processo frequentemente conturbado, como sabemos, na Mesopotâmia? A realidade impõe-se obviamente às construções ideológicas. São estas que se adaptam; são estas que superarão as contradições.

No período neo-assírio, a ideologia real e o mito reflectem os critérios de escolha do sucessor. No período sargónida, o mito de Adapa parece ter uma recepção que legitima um ideal de realeza e de sucessor. Insiste em atributos não divinos da realeza e valoriza os aspectos humanos: o rei e os seus

atributos intelectuais; as suas qualidades militares; as suas competências administrativas. Assurbanípal é descrito como um príncipe que domina a arte da escrita e a adivinhação. Aprende a arte da guerra e adquire competências administrativas. Torna-se assim o príncipe perfeito. Idealmente, o rei será um *apkallum*, um sábio, um novo Adapa. São os atributos humanos, ainda que especiais, da realeza que são valorizados, paralelamente aos vínculos que o ligam ao divino e o tornam a imagem e a representação da divindade. O rei é assim a imagem culminante de uma visão total da realidade; ele é, por natureza, completo e *perfeito*. É preparado para desempenhar esse papel no *Palácio da Sucessão*.

O exercício da realeza tinha as suas limitações políticas e ideológicas, mau grado o apoio divino. Acreditava-se que eram os próprios deuses que limitavam o poder real. Os desaires eram sempre interpretados como o resultado da transgressão ou do desvio das prescrições divinas.

As rupturas, as perturbações políticas, os desaires militares constituíam naturalmente realidades que, contradizendo aparentemente uma teologia e uma ideologia de promessa, eram entendidas como a reposição ou a reconstrução da ordem legítima.

A justiça constitui um instrumento de afirmação do Estado e do poder real, mas é também uma responsabilidade que é atribuída à realeza. O conceito, quer mesopotâmico quer, de forma mais abrangente, semita, de justiça não se limita ao seu exercício e à sua aplicação. Não se circunscreve ao Direito ou à sua dimensão processual e judicial. Os semitas têm um conceito totalizante de justiça. Esta corresponde a um ideal mais amplo de ordem e de harmonia universais. Essa noção arquetípica e primordial de ordem, conservada pelos deuses num plano cósmico e superior, reflecte-se no estatuto da realeza, na medida em que se espera que o rei constitua, no plano terreno, a última instância no exercício concreto da justiça. Por outro lado, pela sua associação com o divino, designadamente com Shamash, ele reproduz na terra o modelo ideal de justiça e de ordem divinas.

Os dois registos complementam-se, isto é, a preocupação concreta com o exercício da justiça e a assunção de que o rei é o fautor e o garante de um modelo de ordem. A partir do III milénio a.C., ainda com os sumérios, mas num fenómeno que continuou com os semitas, assiste-se à produção de textos legais, chamados habitualmente códigos, os quais, podendo considerar-se instrumentos de afirmação do poder real, ainda que a sua aplicabilidade seja discutível, correspondiam essencialmente a um discurso social, político e legal da realeza.

Este discurso insiste numa ideia de equidade, traduz uma retórica do poder que procura definir o papel central do rei como pastor do seu povo e do país, revelando assim uma concepção de sociedade e de ordem política.

A concepção mesopotâmica de ordem vai para além de um discurso social, político e legal dirigido para dentro. Implica igualmente o modo como o mesopotâmio vê o *outro*. Espera-se que o rei estenda essa ordem ao mundo e integre o espaço *não civilizado*. Esta concepção legitima a própria guerra, muito para além da consciência pragmática de que aquela pode levar à conquista e à exploração de recursos económicos e ao controlo dos centros de produção e das rotas comerciais.

Os anais e as inscrições reais assírias ilustram essa visão acerca do *outro* e uma retórica de supremacia. No entanto, essa literatura procura, sobretudo, explorar a identidade e a diferenciação cultural, não contendo juízos de valor de ordem ontológica sobre o *outro*.

Na idiossincrasia assíria, o mundo divide-se entre o civilizado — os assírios — e o *outro*. Esse mundo não assírio é potencialmente conquistável e integrável na ordem assíria, a ordem legítima. A Mesopotâmia é entendida como o centro do mundo; o espaço não assírio é representado na literatura analítica por zonas agrestes — a montanha, a estepe, o deserto.

Os textos literários também reflectem estas concepções. Exemplo disso é a *Epopéia de Gilgamesh*. O par Gilgamesh / Enkidu é representativo. O primeiro é o protótipo do homem civilizado e Enkidu o modelo do homem não civilizado. Isto mostra que a diferenciação entre os homens não é de carácter ontológico, mas antes de natureza cultural. Os homens distinguem-se pelas línguas que falam, pelos deuses que adoram, pelos seus hábitos, pelas suas particularidades. A Mesopotâmia, no centro do mundo, paradigma da civilização, verá assim legitimado pelos deuses o seu direito à conquista e o rei, como seu eleito, o dever de expandir a ordem ao *outro*.

«Lenda de Sargão de Akkad», in *Legends of the Kings of Akkade*. Tradução inédita de Maria de Fátima Rosa. [séculos x-vii a.C.] 1997. Winona Lake: Eisenbrauns. 38-44.*

Eu sou Sargão, o rei forte, o rei de Akkad,
 A minha mãe era uma sacerdotisa; o meu pai, não o conheci. O irmão do meu
 pai vive nas montanhas.
 A minha cidade é Azupirânu, que se ergue na margem do Eufrates.
 A minha mãe, a sacerdotisa, concebeu-me e criou-me em segredo.
 Colocou-me numa cesta de juncos e calafetou a cobertura com betume,
 Atirou-me ao rio e dele não pude emergir.
 O rio levou-me, trouxe-me até Aqqi, aquele que providencia a água.
 Aqqi, aquele que providencia a água, retirou-me do rio, submergindo o seu
 balde;
 Aqqi, aquele que providencia a água, criou-me como seu filho;
 Aqqi, aquele que providencia a água, nomeou-me seu jardineiro.
 [Quando eu] era jardineiro, Ishtar apaixonou-se por mim
 (E) eu exerci a realeza [durante] anos.
 Governei o povo das cabeças negras,
 Abri caminho por entre as grandiosas montanhas com machados de cobre,
 Subi às mais altas montanhas,
 Atravessei (todos) os sopés.
 Percorri o País do Mar [três vezes],
 À grande fortaleza do céu e da terra [eu subi]
 [...] eu removi [...]
 O rei que vier depois de mim,
 Que ele governe o povo das cabeças negras por [x anos],
 Que ele [abra caminho] por entre as grandiosas montanhas com machados
 [de cobre]
 Que ele suba às mais altas montanhas,
 Que ele percorra o País do Mar três vezes,
 Que ele suba à grande fortaleza do céu e da terra.

* Versão do texto datada do período neo-assírio (séculos x-vii a.C.).

«Etana», in *The Standard Babylonian Etana Epic*. Tradução inédita de Maria de Fátima Rosa. [c. 2000-1595 a.C.] 2001. Helsínquia: Neo-Assyrian Text Corpus Project, Department of Asian and African Studies, University of Helsinki. 29-41.*

TAB. II

[...] o homem, o seu nome [...]

Construiu uma torre [...]

O santuário do seu deus Adad [...]

À sombra desse santuário, cresceu um [alto choupo],

No seu topo, estava deitada uma águia; [na sua base, estava enrolada uma serpente].

Diariamente, vigiavam-se [uma à outra].

A águia abriu a sua boca para dizer à serpente:

«Vamos! Criemos uma amizade!

Sejamos amigas, eu e tu!»

A serpente abriu a sua boca para dizer à águia:

«Que ele, Shamash [...] da amizade,

Tu és má! E [desgraçarás o seu es]pírito,

[Comerás o que está proibido], a maldição dos deuses!

(Mas,) vamos! Ergamo-nos, [subamos à montanha]

E juremos pelo [imenso] Infra-mundo».

Diante de Shamash, o guerreiro, elas prestaram juramento:

«Aquele que [transgredir] os limites (impostos por) Shamash,

Que Shamash [o entregue] às mãos do inimigo que (agirá contra ele com) maldade.

Aquele que [transgredir] os limites (impostos por) Shamash,

Que dele se afastem as passagens [da montanha],

Que a arma errante [vá direita] a ele,

Que a armadilha e a maldição de Shamash o dominem e [capturem]!»

* Versão compósita, utilizando cópias de vários períodos, sendo as mais antigas datadas do período paleo-babilónico (período correspondente a c. 2000-1595 a.C.).

[Depois de prestarem juramento, a águia age com maldade contra a serpente, comendo os seus filhos. Shamash castiga-a, atirando-a para o fundo de um fosso do qual não consegue sair.]

A águia, [presa] no buraco,
 Suplicava a Shamash diariamente:
 «Morrerei eu neste buraco?
 Quem saberá que sou alvo da tua punição?
 Salva a minha vida
 E eu farei com que o teu nome seja escutado eternamente!»
 Shamash abriu a sua boca para dizer à águia:
 «Tu és má! Tu desgraçaste o meu espírito,
 Tu comeste o que estava proibido, a maldição dos deuses.
 Morrerás e eu não me aproximarei de ti!
 Mas um homem, que eu enviarei, virá e ajudar-te-á.»
 Diariamente, Etana apelava sem cessar a Shamash:
 «Ó Shamash, tu comeste as minhas ovelhas mais gordas,
 Ó Infra-mundo, tu bebeste o sangue dos meus cordeiros.
 Eu honrei os deuses e celebrei os etemmu*
 Os intérpretes de sonhos usufruíram do meu incenso,
 Os deuses usufruíram dos meus cordeiros para o sacrifício.
 Ó senhor, pronuncia a tua ordem!
 Dá-me a planta da vida,
 Mostra-me a planta da vida!
 Arranca de mim a vergonha; concede-me um filho!»
 Shamash abriu a sua boca para dizer a Etana:
 «Segue o caminho, atravessa a montanha,
 Procura o buraco e examina o seu interior,
 Uma águia permanece refém dentro dele.
 Ela mostrar-te-á a planta [da vida].»
 De acordo com a palavra de Shamash, o guerreiro,
 Etana seguiu [o caminho e atravessou a montanha]
 Encontrou o buraco e examinou o seu interior,
 [Uma águia permanecia refém] dentro dele.
 Prontamente, ele ajudou-a a erguer-se.

* Termo que corresponde à dimensão imaterial do ser humano.

TAB. III

A águia abriu a sua boca [para dizer] a Shamash, o seu senhor:

«Meu senhor [...]

[A língua] das aves [não é como a dos homens]!

Eu sou [uma ave e ele é um homem]!

[Que eu seja capaz de entender] tudo o que ele disser,

E ele [seja capaz de perceber] tudo o que eu pronunciar!»

Shamash, o guerreiro, [proclamou solenemente],

E Etana entendeu a língua da ave.

A águia abriu a sua boca para dizer [a Eta]na:

«Diz-me! Porque vieste tu?»

Etana abriu a sua boca para dizer à águia:

«Ó minha amiga, dá-me a planta da vida,

Mostra-me a planta da vida!

[Arranca] de mim a vergonha; concede-me um filho!

Cede-me a planta da vida!»

[A águia], saindo do seu buraco,

Para receber [...]

«Sozinha, [partirei e observarei] as montanhas,

Far-te-ei chegar a [planta da vida!]»

Ela partiu e su[biu as montanhas],

[Mas depois de as] inspeccionar, a águia [regressou]:

«[A planta da vida] não está [nas montanhas].

Vem, amigo! [Levar-te-ei ao céu],

[A planta estará] com Ishtar, a senhora,

À presença de Ishtar, a senhora, [eu te conduzirei]!»

[A primeira tentativa de Etana para alcançar os céus e encontrar a planta da vida falha. No entanto, após a revelação de um sonho, o rei de Kish decide fazer uma segunda tentativa.]*

Etana abriu a sua boca [para dizer à águia]:

«[Amiga,] o deus [revelou-me um sonho],

(No sonho), passávamos pela entrada da porta de Sîn, de Shamash, de Enlil

e de Ea,

E ajoelhávamo-nos, eu e tu,

* Etana era o rei de Kish.

Passávamos pela entrada da porta de Sîn, de Shamash, de Enlil e de Ea,
E ajoelhávamo-nos, eu e tu.

Vi uma casa com uma janela [que não estava] selada,
Empurrei a sua porta e entrei.

Lá dentro, estava sentada [uma jovem mulher],
(Adornava-a) uma coroa; toda a sua aparência era majestosa.

Um trono (aí) instalado fazia adivinhar a sua divindade.

Debaixo do trono, repousavam leões.

Ao avançar, os leões [atacaram-me].

(Então,) acordei apavorado.»

A águia [disse] a Etana:

«Meu amigo, [o teu sonh]o é claro!

Vem! Deixa que te leve até ao céu de [Anum]!

Coloca [o teu peito] sobre o meu dorso,

Põe [as tuas mãos] sobre as penas das minhas asas,

Pousa [os teus braços] sobre os meus flancos.»

Ele colocou [o seu peito] sobre o dorso dela,

Pôs [as suas mãos] sobre as penas das suas asas,

Pousou [os seus braços] sobre os seus flancos.

Ela aconchegou o seu fardo e fortaleceu-se,

Ergueu-o uma légua,

E falou-lhe:

«Vê, meu amigo, como o país é!

Observa o mar, examina os seus limites.

O país desapareceu,

O mar transformou-se num ribeiro!»

Ergueu-o uma segunda légua,

E falou-lhe novamente:

«Vê, meu amigo, como o país é!

O país é apenas água!»

Ergueu-o uma terceira légua,

E falou-lhe mais uma vez:

«Vê, meu amigo, como o país é!

O mar transformou-se numa vala de jardineiro!»

Depois de subirem até ao céu de Anum,

Atravessaram a porta de Anum, de Enlil e de Ea.

Juntos, a águia e Etana ajoelharam-se.

Passaram pela porta de Sîn, de Shamash, de Adad e de Ishtar.

Juntos, a águia e Etana ajoelharam-se.

Ele viu a [casa; a janela não estava selada].
Empurrou [a sua porta] e [entrou].

[O resto do texto encontra-se perdido.]

*A Epopeia de Gilgamesh, in The Babylonian Gilgamesh Epic: Introduction, Critical Edition and Cuneiform Texts. Vol. I. Tradução inédita de Francisco Caramelo e Maria de Fátima Rosa. [c. 2000-1595 a.C.] 2003. Oxford: Oxford University Press. 538-556, 678-698, 702-724.**

TAB. I

[Aquele que viu as profundezas], a fundação do país,
 [que conheceu ...], sábio em todos os assuntos.
 [Gilgamesh, aquele que] viu as profundezas, a fundação do país,
 [que] conheceu [...], sábio em todos os assuntos.

[...] ... igualmente [...]
 Que [aprendeu] profundamente e plenamente a sabedoria de tudo.
 Ele viu o oculto e expôs o que era secreto,
 Trouxe um relato de um (tempo) antediluviano.

Andou por um caminho longínquo, esgotou-se e encontrou a sua paz.
 Fixou numa estela todos (os seus) feitos.
 Construiu a muralha de Uruk, «o redil»,
 Do sagrado Eanna, o puro celeiro.

[...]

Superior a todos os (outros) reis, dotado de uma excelente compleição,
 Heróico filho de Uruk, touro selvagem indomável.
 Quando segue na dianteira, é líder,
 Quando vai atrás, tem a confiança dos seus companheiros.

Flanco poderoso, protecção das suas tropas,
 Onda furiosa que destrói a muralha de pedra!
 Touro selvagem de Lugalbanda, Gilgamesh, perfeito em força,
 O que mama da vaca suprema, «a vaca selvagem» Ninsun.

* Versão compósita, utilizando cópias de vários períodos, sendo as mais antigas datadas do período paleo-babilónico (período correspondente a c. 2000-1595 a.C.).

Gilgamesh, o alto, perfeito e terrífico,
 Que abriu desfiladeiros nas montanhas,
 Escavou fossos na orla das montanhas,
 E atravessou o oceano, o extenso mar, tão longínquo quanto o nascer do Sol,

Que examinou os quatro cantos do mundo à procura da Vida,
 E por intermédio da sua força alcançou Ut-napishtim, o distante,
 Aquele que restaurou os santuários destruídos pelo Dilúvio,
 E estabeleceu os ritos para a humanidade.

Quem se lhe poderá igualar em estatuto real?
 Quem poderá declarar, como ele: «sou eu o rei!»?
 Gilgamesh, assim chamado desde o dia em que foi concebido,
 É dois terços deus e um terço humano!

TAB. X

Gilgamesh [disse a Ut-napishtim]:
 «Como podem as minhas bochechas não estar vazias, [o meu rosto abatido],
 O meu coração desgraçado, a minha aparência acabada?

Não deve a dor residir no meu coração,
 (E) o [meu rosto] parecer o de um viajante de longa distância?
 Não deve a minha face estar queimada do frio e do calor,
 (E) eu deambular pelas estepes coberto (apenas) com uma pele de leão?

O meu amigo, o asno selvagem que corre, o burro selvagem das montanhas,
 o leopardo das estepes,
 [Enkidu, o meu amigo], o asno selvagem que corre, o burro selvagem das
 montanhas, o leopardo das estepes!

Juntos [escalámos a montanha],
 [Prendemos o touro celeste] e matámo-lo,
 [Destruímos Humbaba], que residia na [floresta] dos cedros,
 Matámos leões [nos desfiladeiros das montanhas].

[O meu amigo, que eu tanto estimo, passou comigo] por todos os perigos,
[Enkidu, o meu amigo, que eu tanto estimo, passou comigo] por todos os
perigos:

[E agora o destino dos mortais alcançou-o!]

Chorei por ele [6 dias e 7 noites],
[Não deixei que o] enterrassem,
[Até (ver) uma larva sair] do seu [nariz].
(Então) tive medo [de morrer também],
Fiquei com pânico da morte [e deambulei] pelas estepes.

O que sucedeu com o meu amigo foi demasiado [para mim],
[E eu vagueei pelas estepes], por caminhos remotos.
O que sucedeu com o amigo Enkidu [pesou sobre mim],
[E eu percorri as estepes], andei por caminhos longínquos.

Como poderia eu ficar em silêncio? Como poderia estar sossegado?
O meu amigo, que eu tanto estimo, regressou ao barro!
Enkidu, o meu amigo, [que eu tanto estimo, regressou ao barro!]
Não sou [eu] como ele? Devo deitar-me,
Para não mais me erguer, [por toda a eternidade?]

Gilgamesh disse a Ut-napishtim:
«Pensei 'vou procurar Ut-napishtim, o distante, de quem se fala',
E andei à procura por todas as terras.
Atravessei as pesadas montanhas,
Cruzei todos os mares, uma e outra vez.

Do doce sono, a minha face pouco conheceu.
Flagelei-me, privando-me do sono.
Enchi as minhas veias de mágoa,
E o que é que ganhei com as minhas atribuições?

Ainda não tinha chegado junto da taverneira e já as minhas vestes estavam
gastas.

[Matei] um urso, uma hiena, um leão, um leopardo, um tigre,
Um carneiro, uma cabra da montanha, animais e bestas selvagens:
Comi a sua carne e esfolei a sua pele.

(Agora), que se coloquem os ferrolhos na porta do sofrimento,
 {Que se sele a sua porta} com argamassa e betume.
 Por minha culpa, não deverão... os divertimentos,
 {Porque eu}, contente...»

Ut-napishtim disse a {Gilgamesh}:
 «Porque é que {tu}, ó Gilgamesh, {prolongas} o sofrimento?
 {Tu foste criado} com a carne dos deuses e dos homens,
 Que eles {fizeram} como o teu pai e a tua mãe!»

{...}

«{Enkidu} eles levaram para o seu destino.
 Tū desesperaste; e o que ganhaste com isso?
 Esgotas-te por falta de sono,
 Enches as tuas veias de mágoa.

(Assim,) aproximas o fim dos teus dias!
 A humanidade é quebrada como uma cana num canavial!
 O jovem bondoso e a jovem mulher bonita,
 {Num instante} a morte os leva!

Ninguém vê a Morte,
 Ninguém vê a face da {Morte},
 Ninguém {ouve} a voz da Morte.
 A Morte é selvagem; devasta a humanidade!

A seu tempo construiremos casas,
 faremos ninhos,
 os irmãos dividirão (a sua herança),
 E existirão contendias na terra.

O rio erguer-se-á trazendo a cheia,
 E as libélulas flutuarão à sua superfície,
 Contemplando a face do Sol.
 E, então, subitamente, nada mais existirá!

O desterrado e o morto, quão iguais são entre si!
 A imagem da morte não pode ser desenhada,
 O morto não cumprimenta o homem na terra.

Os Anunnaku, os grandes deuses, reuniram-se,
Mammitum, criadora do destino, fixou os destinos com eles.
Eles estabeleceram a Morte e a Vida,
(Mas) o dia da Morte não deram a conhecer.»

TAB. XI

Ut-napishtim disse a Gilgamesh:
«Gilgamesh, deixa que te revele um segredo,
Contar-te-ei um segredo dos deuses.

Shuruppak, a cidade que tu conheces,
situada nas [mar]gens do Eufrates,
essa [cidade] era antiga, os grandes deuses viviam nela
quando decidiram enviar o dilúvio.

O seu pai, Anu, pronunciou um juramento,
(tal como) o seu conselheiro, o guerreiro Enlil,
o seu camareiro, Ninurta
e o seu supervisor de canais, Ennugi.

O príncipe Ea pronunciou o juramento com eles,
E à cerca de juncos repetiu as suas palavras:
‘Cerca de juncos, cerca de juncos, parede, parede!
Escuta, ó cerca de juncos! Presta atenção, ó parede!

Ó homem de Shuruppak, filho de Ubar-Tutu,
destrói a casa, constrói um barco!
Abandona a riqueza, procura os seres vivos!
Rejeita a propriedade, preserva a vida!
Faz subir a bordo a semente de todas as coisas vivas!

O barco que construirás,
as suas proporções devem corresponder,
a largura e o comprimento devem ser equivalentes.
Cobre-o como o Apsû!»

[Ut-napishtim segue os conselhos de Ea e constrói um barco, carregando-o com prata, ouro, bestas selvagens e animais das estepes, artesãos especializados, a sua família e o seu clã.]

Quando o dia despontou,
ergueu-se no horizonte uma nuvem negra.
Adad ribombava no seu interior,
Shullat e Hanish seguiam na dianteira,
levando o seu trono sobre as montanhas e o país.

Errakal removia os postes de amarração,
Ninurta, à sua passagem, fazia os açudes transbordar.
Os Anunnaku erguiam tochas,
incendiando o país com a sua luz.

O silêncio sepulcral do deus da tempestade apoderou-se dos céus,
e tudo o que era brilho transformou-se em escuridão.

[...]

Durante seis dias e [sete] noites
o vento soprou, o dilúvio e a tempestade nivelaram a terra.

Quando o sétimo dia chegou,
O vendaval cessou, o dilúvio [findou].
O mar, que se havia debatido como uma mulher em trabalho de parto,
sossegou, a tempestade soçobrou e o dilúvio conteve-se.

Contemplei o mar: o silêncio imperava!
Toda a humanidade regressara à argila!
O terreno inundado estava plano como um tecto.
Abri uma janela; a luz do dia espalhou-se sobre as minhas faces.

Ajoelhei-me, sentei-me e chorei.
As lágrimas rolavam sobre as minhas faces.
Procurei por margens, pelos contornos do mar,
catorze ilhas haviam emergido.

O barco aportara no monte Nimush,
e o monte Nimush deteve-o, não deixando que se movesse.
No primeiro e no segundo dias, o monte Nimush deteve-o, não deixando
que se movesse;
no terceiro e no quarto dias, o monte Nimush deteve-o, não deixando que
se movesse;
no quinto e no sexto dias, o monte Nimush deteve-o, não deixando que se
movesse.

Quando o sétimo dia chegou,
libertei uma pomba e fi-la sair.
A pomba foi, mas regressou.
Não havia pouso à vista e ela voltou.

Libertei (então) uma andorinha e fi-la sair.
A andorinha foi, mas regressou.
Não havia pouso à vista e ela voltou.

Libertei (por fim) um corvo e fi-lo sair.
O corvo foi, viu que as águas recuavam,
comeu, (?), (?) e não voltou.

Providenciei um sacrifício, ofereci-o aos quatro ventos,
coloquei uma oferenda no cume da montanha,
dispus os jarros, sete mais sete,
e neles verti junco, cedro e murta.

Os deuses sentiram a fragrância,
os deuses cheiraram o doce aroma,
os deuses juntaram-se como moscas em redor do sacrifício.

«Atra-Hasîs», in *Atra-Hasîs: The Babylonian Story of the Flood*. Tradução inédita de Maria de Fátima Rosa. [c. 1646-1626] 1999. Winona Lake: Eisenbrauns. 42-61.*

Quando os deuses, (como) o homem,
levavam a cabo o trabalho, suportavam a corveia,
a corveia dos deuses era pesada,
árduo era o trabalho, numerosas as dificuldades.

Os sete grandes Anunnaku[†]
obrigavam os Igigu[‡] a suportar a corveia.
Anum, o seu pai, era rei,
o guerreiro Enlil era o seu conselheiro,
Ninurta o seu camareiro
e Ennugi o seu oficial.

Eles deram as mãos...
lançaram as sortes; os deuses haviam feito a divisão.
Anum subira aos céus,
[...] a terra para a população[§].
Os ferrolhos e as cordas do mar
foram atribuídas a Enki, o príncipe.

[*Texto fragmentado.*]

* Edição do escriba Ku-Aya, durante o reinado de Ammi-saduqa (c. 1646-1626 a.C.).

† Os Anunnaku correspondem ao conjunto dos deuses mais importantes do panteão mesopotâmico nesta composição.

‡ Os Igigu correspondem aos deuses de importância menor.

§ A terra e a humanidade ficaram sob a jurisdição de Enlil.

Noite e dia, os deuses levavam a cabo o trabalho*,
 {debatendo}, amaldiçoando,
 clamando na escavação:
 «[Vamos!] Confrontemos o camareiro!
 Que ele nos liberte do pesado trabalho!

O {deus}, o conselheiro dos deuses, o guerreiro.
 Vamos! Ergamo-lo da sua morada!
 [Enlil], o conselheiro dos deuses, o guerreiro.
 Vamos! Ergamo-lo da sua morada.»

{...†} abriu a sua boca,
 {dizendo} aos deuses, seus irmãos:
 «.... os velhos camareiros,

[Interrupção de algumas linhas no texto.]

O conselheiro dos deuses, o guerreiro.
 Vamos! Ergamo-lo da sua morada!
 Enlil, o conselheiro dos deuses.
 Vamos! Ergamo-lo da sua morada!
 Proclamai a guerra, agora!
 Que a batalha e o combate se misturem!»

Os deuses escutaram o seu discurso
 e atearam fogo às suas ferramentas,
 fogo às suas pás.
 Por Girra puseram de lado os seus cestos.

Avançaram
 até à porta do santuário de Enlil.
 Era noite, a meio da vigília,
 a casa estava cercada; o deus não sabia.
 Era noite, a meio da vigília,
 o Ekur[†] estava cercado; o deus não sabia.

* Os Anunnaku viviam ociosamente, deixando que os pesados trabalhos recaíssem sobre os Igigu, os quais protestavam de forma veemente.

† É possível que o discurso seja proferido pelo deus Wê-ila.

‡ Templo de Enlil.

Kalkal esperou atentamente...
 pegou no ferrolho e inspeccionou...
 Kalkal acordou [Nusku].
 Eles escutaram o clamor [dos Igigu].

(Então,) Nusku acordou [o seu] senhor,
 fê-[lo] levantar-se da cama:
 «Meu senhor, [a tua] casa está cercada,
 a batalha chegou [à tua porta]!
 Enlil, a tua casa está cercada,
 a batalha chegou à tua porta!»

Enlil... à sua morada.
 Enlil abriu a sua boca,
 dizendo ao seu vizir, Nusku:
 «Nusku, tranca a tua porta,
 pega nas tuas armas e mantém-te diante de mim.»

Nusku trancou a sua porta,
 pegou nas suas armas e permaneceu diante de Enlil.

Nusku abriu a sua boca,
 dizendo ao guerreiro Enlil:
 «Meu senhor, a tua face é como um tamarisco*.
 Eles são teus filhos! Porque temes?

Enlil, a tua face é como um tamarisco.
 Eles são teus filhos! Porque temes?
 Dá ordem para que se faça descer Anum.
 Que Enki seja conduzido à tua presença!»
 Ele deu ordem e fez-se descer Anum.
 Enki foi conduzido à sua presença.
 Anum, o rei dos céus, estava presente,
 o rei do Apsû, Enki, compareceu.
 Os grandes Anunnaku estavam presentes.

Enlil ergueu-se...

* Provavelmente refere-se à palidez do seu rosto.

Enlil abriu a sua boca,
 dizendo aos grandes [deuses]:
 «Eles agem insistentemente contra mim!
 Devo iniciar hostilidades...?
 O que é que eu vi com os meus próprios olhos?
 A batalha chegou à minha porta!»

Anum abriu a sua boca,
 dizendo ao guerreiro Enlil:
 «(Quanto) ao discurso dos Igu, que cercaram a tua porta,
 que Nusku saia [para a assembleia]
 e [...] a tua mensagem aos teus filhos.»

Enlil abriu a sua boca,
 dizendo ao [vizir Nusku]:
 «Nusku, abre [a tua porta],
 pega nas tuas armas e [sai] para a assembleia.

Na assembleia de [todos os deuses],
 ajoelha-te, levanta-te e repete a nossa [mensagem]:
 ‘O vosso pai, Anum, enviou-me,
 (assim como) o vosso conselheiro, [o guerreiro] Enlil,
 o vosso camareiro Ninurta
 e o vosso oficial Ennugi.

[Texto fragmentado.]

Quem é que coordenou esta guerra,
 a fim de que a batalha [chegasse à porta de Enlil]?’»

[Nusku dirigiu-se à assembleia de] todos os deuses,
 [ajoelhou-se, levantou-se e] revelou a [mensagem]:
 «O vosso pai Anum [enviou-me]
 (assim como) [o vosso conselheiro], o guerreiro Enlil,
 [o vosso camareiro] Ninurta
 e [o vosso oficial] Ennugi.

[Texto fragmentado.]

Quem é que [coordenou] esta guerra
[a fim de que a batalha chegasse à porta] de Enlil?»

[Segue-se uma intervenção dos deuses revoltosos.]

«[Todos! Cada um de nós], deuses, declarou guerra!
Nós colocámos...
na escavação.
[O trabalho] é excessivo — está a matar-nos!
O labor é [árduo], as dificuldades são muitas.
[(Por isso), cada] um de nós, deuses,
decidiu queixar-se... a Enlil.»

Enlil escutou este discurso,
as suas lágrimas caíram.

Enlil... as suas palavras,
dirigiu-se ao guerreiro Anum:
«Ó Ilustre, leva um decreto contigo
para o céu, transporta a tua força.
Com os Anunnaku sentados diante de ti,
convoca um deus e que eles o sujeitem à destruição.»

Anum abriu a sua boca,
[dizendo] aos deuses, seus irmãos:
«Porque é que os acusamos?
O seu trabalho era árduo e numerosas as suas dificuldades.»

[Após uma interrupção no texto, surge um discurso de Ea. A intervenção do deus da sabedoria é semelhante à de Anum.]*

Ea [abriu] a sua boca,
dizendo aos deuses, seus [irmãos]:
«Porque é que os acusamos?
O seu trabalho era árduo e [numerosas as suas dificuldades].»

* Ea é o equivalente acádico do deus sumério Enki.

Todos os dias...
 O (sinal) de alarme era evidente...
 Há...

[Belet-ili, a deusa do ventre], está presente.
 Que ela crie um homem-lullû*
 para que ele [suporte] o fardo.
 Que ele carregue o fardo.
 Que o homem leve a cabo o trabalho dos deuses.»

[...]

«[Belet-ili, a deusa do ventre] está presente.
 Que a deusa do ventre crie *descendência*,
 e que o homem leve a cabo o trabalho dos deuses!»

Convocaram a deusa e perguntaram
 à parteira dos deuses, a sábia Mami†:
 «Tu és a deusa do ventre, a criadora da humanidade.
 Cria um *lullû* para que ele possa suportar o fardo!
 Que ele suporte o fardo, o serviço de Enlil.
 Que o homem leve a cabo o trabalho dos deuses!»

Nintu abriu a sua boca,
 dizendo aos grandes deuses:
 «Não é aconselhável que eu o faça;
 esse é o trabalho de Enki!
 Ele torna tudo puro.
 Que ele me dê argila para que eu possa fazer o trabalho!»

Enki abriu a sua boca,
 dizendo aos grandes deuses:
 «No primeiro, no sétimo e no décimo quinto dias do mês,
 farei uma purificação com um banho ritual.
 Que se sacrifique um deus
 para que as divindades sejam purificadas por imersão.

* *Lullû* corresponde a uma versão imperfeita do homem.

† Mami, assim como Nintu, constituem nesta composição outras designações para Belet-ili.

Com a sua carne e o seu sangue,
Nintu deve misturar a argila.
(Então,) um deus e um homem
serão misturados juntamente com a argila.

Que possamos escutar a batida* ao longo dos dias vindouros,
que surja um *eṭemmu*† da carne do deus
e seja proclamado como o seu sinal vivo.
Que surja um *eṭemmu* para que (isto) não se esqueça.»

Na assembleia, eles, os grandes Anunnaku, que determinam os destinos,
responderam «Sim!».

No primeiro, no sétimo e no décimo quinto dias do mês,
ele fez uma purificação com um banho ritual.
Wê-ila, dotado de entendimento,
foi sacrificado na assembleia.

Com a sua carne e o seu sangue,
Nintu misturou a argila
(e) [escutaram a batida ao longo dos dias] vindouros.

Um *eṭe[mmu]* surgiu] da carne do deus
e foi proclamado como o seu sinal vivo.
Um *eṭemmu* surgiu para que (isto) não fosse esquecido.

Depois de ter misturado aquela argila,
ela chamou os Anunnaku, os grandes deuses.
Os Igigu, os grandes deuses,
cuspiram sobre a argila.

Mami abriu a sua boca,
dizendo aos grandes deuses:
«Haveis-me confiado uma tarefa — eu levei-a a cabo na perfeição!
Sacrificastes um deus juntamente com o seu entendimento.

* Possível referência ao batimento do coração.

† Termo que corresponde à dimensão imaterial do ser humano.

Eu removi o vosso árduo trabalho.
Impus o vosso fardo ao homem!
Concedestes o clamor à humanidade.
Soltei o grilhão. Instaurei a liberdade!»

Enuma Elish, in *The Standard Babylonian Creation Myth Enūma Eliš*.

Tradução inédita de Francisco Caramelo e Fátima Rosa. [c. 1595-1026 a.C.]
2005. Pensilvânia: Neo-Assyrian Text Corpus Project / Pennsylvania State
University Press. 55-58.*

Regressou para junto de Tiamat, que amarrara.
O senhor pisou a parte inferior do seu corpo
E com a sua maça implacável estilhaçou o seu crânio.
Cortou as veias do seu sangue,
E deixou que o Vento Norte as conduzisse até aos lugares recônditos.
Os seus pais, ao perceberem (a façanha), alegraram-se; regozijaram,
Enviaram-lhe presentes e oferendas.
O senhor descansou e observou o seu corpo,
Dividiu a forma monstruosa e (a partir desta) criou obras magníficas.
Separou-a em duas partes, como um peixe seco;
Com uma metade, ele cobriu os céus,
Desenhou o ferrolho e designou um guarda,
Que instruiu (no sentido de) não deixar sair as suas águas.
Atravessou os céus, inspeccionando os lugares,
E projectou um (local) semelhante ao Apsû, a morada de Nudimmud.
O senhor mediu a estrutura do Apsû,
E fundou um grande santuário, (feito) à sua imagem — o Esharra.
No grande santuário Esharra, que ele construiu, o céu,
Instalou as capelas de Anu, Enlil e Ea.

TAB. V

Criou um lugar para os grandes deuses,
E apresentou as estrelas, constelações (criadas) à sua imagem,
Deu a conhecer o ano e fixou os seus limites,
A cada um dos doze meses, atribuiu três estrelas.

* Versão compósita, utilizando cópias de vários períodos, sendo as mais antigas datadas possivelmente do período meso-babilónico (período correspondente a c. 1595-1026 a.C.).

Após ter concebido os planos dos dias do ano,
 Determinou a posição de Neberu [ou: Júpiter], a fim de firmar os seus laços.
 Para que nenhum pudesse sair do seu curso e vagar,
 Fixou o lugar de Enlil e de Ea em relação a ele.
 Abriu os portões de ambos os lados,
 Fortaleceu os ferrolhos à esquerda e à direita.
 Com o seu fígado, ele posicionou o zénite [ou: o ponto mais elevado].
 Fez aparecer a lua e confiou(-lhe) a noite,
 Fixando a jóia da noite para assinalar os dias.
 «Mensalmente, sem interrupção, expõe a tiara,
 Para brilhar no início de cada mês sobre o país.
 Tu iluminarás os cornos* para assinalar seis dias.
 Ao sétimo dia, a tiara estará meio (visível),
 E ao décimo quinto dia estará em equilíbrio, a meio do mês.
 Quando Shamash te contemplar no horizonte,
 Reduz a tua visibilidade e forma à retaguarda!
 No dia do aparecimento, aproxima-te do caminho de Shamash,
 De modo a que no dia trinta te assemelhes a ele; (que sejas) um duplo de
 Shamash.
 Um signo [x? x x] segue o seu curso,
 Aproxima-te de [x x x] e concede justiça!
 Que Shamash... para matar e pilhar
 ... eu»

[Linhas rasuradas.]

Desde o dia em que deu a conhecer...
 Os guardas da noite e do dia...
 A saliva de Tiamat...
 Marduk criou...
 Condensou as nuvens e fê-las estremecer,
 Erguendo os ventos, causando as chuvas.
 Ele criou o nevoeiro, acumulando o seu veneno,
 E confiou(-o) a si próprio, tomando(-o) na sua mão.
 Posicionou a sua cabeça e empilhou sobre ela uma montanha,
 Abriu uma nascente da qual fez jorrar água.
 Dos seus olhos, fez brotar o Eufrates e o Tigre.

* Referência ao aspecto da lua quando em quarto crescente ou minguante.

Selou as suas narinas e deixou partir o seu...
Sobre os seus seios, amontoou as montanhas distantes,
Abriu canais de água para carregar as cisternas,
Dispôs a sua cauda transversalmente e atou-a com a poderosa amarra.
... Apsû, em baixo, sobre os seus pés.
Pousou a sua coxa de modo a fixar os céus.
Com metade dela, fez um tecto e firmou a terra
{ou: Depois de a cobrir com a sua metade}
... a poeira e fê-la agitar-se no interior de Tiamat.
Lançou a sua rede e estendeu-a na sua totalidade.
Criou o céu e a terra...
... Os seus laços... estão fixos.

«Código de Hammu-rabi», in *Law Collections from Mesopotamia and Asia Minor*. Tradução inédita de Maria de Fátima Rosa. [c. 1792-1750 a.C.] 1997. Georgia: Scholars Press. 76, 81, 85, 105, 116, 121, 133-136.*

PRÓLOGO

Quando o sublime Anum, rei dos Anunnaku, e Enlil, senhor do céu e da terra, aquele que fixa os destinos do país, outorgaram a Marduk, filho primogénito de Ea, o poder de Enlil sobre toda a população, o engrandeceram entre os Igu, pronunciaram o nome sublime da Babilónia, a dignificaram entre as regiões do mundo e fixaram para ele, dentro dela, uma realeza *eterna*, cujas fundações são como o céu e a terra, então, Anu e Enlil pronunciaram o meu nome para zelar pelo bem-estar da população, eu, Hammu-rabi, o príncipe reverente, temente aos deuses, para fazer a justiça aparecer no país, para banir o mal e o perverso e não permitir que o forte oprima o fraco, para me erguer como Shamash[†] sobre os cabeças negras[‡] e iluminar o país.

1 Se um homem denunciou outro homem e o acusou de homicídio, mas não o provou, aquele que o acusou será morto.

22 Se um homem cometeu um roubo e foi capturado, esse homem será morto.

128 Se um homem tomou uma esposa mas não fez o contrato, essa mulher não é esposa.

177 Se uma viúva, cujos filhos ainda são pequenos, decidiu entrar na casa de outro homem, não o poderá fazer sem o consentimento dos juízes. Quando o fizer, os juízes examinarão o património do seu anterior marido e

* Texto composto no final do reinado de Hammu-rabi (c. 1792-1750 a.C.).

† Deus do sol e da justiça.

‡ Nome atribuído pelos mesopotâmios à população do país.

confiá-lo-ão ao seu novo marido e a essa mulher e prepararão uma tabuinha*. Deverão proteger o património, criar as crianças e não poderão vender os bens. O comprador que adquirir os bens dos filhos da viúva, perderá a sua prata e a propriedade reverterá para o seu proprietário.

196 Se um homem cegou o olho de outro homem, cegarão o seu olho.

EPÍLOGO

Estes são os decretos de justiça que Hammu-rabi, o rei poderoso, estabeleceu e que fez o país tomar (o caminho d) a verdade e da boa conduta.

Eu sou Hammu-rabi, o rei perfeito; não fui negligente nem indolente para com os cabeças negras, que Enlil me confiou e cujo pastoreio[†] Marduk me conferiu. Eu procurei para eles lugares pacíficos, superei as dificuldades, lancei sobre eles a luz. Com a arma poderosa que Zababa e Ishtar me outorgaram, com a sabedoria que Ea me concedeu, com a competência que Marduk me deu, eliminei os inimigos de cima e de baixo, extingui as batalhas, providenciei o bem-estar do país, fiz a população dos aglomerados viver em bons pastos, assegurei que ninguém contra ela atentasse.

Os grandes deuses nomearam-me; eu sou o pastor que traz a segurança, cujo ceptro é justo. A minha sombra protectora estende-se sobre a cidade; eu sustive no meu regaço a população do país de Sumer e de Akkad, fi-la medrar sob a minha divindade protectora, concedi-lhe a paz e protegi-a com a minha sabedoria.

Para que o forte não oprima o fraco, para que o órfão e a viúva sejam amparados, inscrevi as minhas palavras valorosas na minha estela e coloquei-a diante da minha estátua, o rei da justiça, na Babilónia, cidade que Anum e Enlil elevaram, dentro do Esagil[‡], o templo cujas fundações são como o céu e a terra, para se determinarem as decisões legais do país, para se decidirem os seus veredictos e para que se conceda justiça ao injustiçado.

[...]

Se um homem não acatou as minhas palavras, que inscrevi na minha estela, desdenhou das minhas maldições, não temeu as maldições dos deuses e, desta forma, apagou os veredictos que eu estabeleci, reverteu os meus decre-

* Referência à consequente necessidade de produção de um documento jurídico que certifique a transferência de património.

† Na ideologia real mesopotâmica, o rei é equiparado a um pastor.

‡ Nome do templo do deus Marduk na Babilónia.

tos, alterou os meus planos, apagou o meu nome inscrito para inscrever o seu nome, ou se, (devido a estas maldições), instruiu outro a fazê-lo, esse homem, seja ele rei, senhor, governador, ou qualquer outra pessoa digna de um nome, que o grande Anum, pai dos deuses, aquele que proclamou a minha regência, remova a aura da sua realeza, quebre o seu ceptro, amaldiçoe o seu destino.

[...]

Que Enlil, cuja palavra é irrevogável, o castigue com estas maldições e que elas o dominem prontamente.

«Oráculos proféticos da Assíria», in *A Linguagem Profética na Mesopotâmia*.
 Tradução de Francisco Caramelo. [século VII a.C.] 2002. Cascais:
 Patrimonia. 183-184, 185, 186-187, 190-192.*

SAA 9, 1.1.

Assaradão, rei dos países, não temas!

Que vento se levantou contra ti, cuja asa eu não tenha quebrado? Os teus inimigos rolarão como maçãs maduras diante dos teus pés!

Eu sou a Grande Senhora! Eu sou Ishtar de Arbela que lanço os teus inimigos diante dos teus pés! Que palavras é que eu te pronunciei nas quais não pudesses confiar?

Eu sou Ishtar de Arbela. Esfolarei os teus inimigos e dar-tos-ei!

Eu sou Ishtar de Arbela. Irei à tua frente e atrás de ti.

Não temas! Tu estás paralisado, (mas), da angústia, erguer-me-ei e sentar-me-ei (a teu lado).

Pela boca de Issar-la-tashiyat de Arbela.

SAA 9, 1.4.

Não temas, Assaradão!

Eu sou Bel! (Enquanto) falo contigo, perscruto o íntimo do teu coração.

Quando a tua mãe te deu à luz, sessenta grandes deuses estavam comigo e protegeram-te. Sin estava à tua direita, Shamash à tua esquerda. Sessenta grandes deuses estavam à tua volta e cingiram-te os rins.

Não confies na humanidade! Levanta os teus olhos! Olha para mim! Eu sou Ishtar de Arbela! Reconciliei Ashur contigo. Tu eras pequeno e eu tomei-te para mim. Não temas! Louva-me!

Qual o inimigo que te atacou, permanecendo eu em silêncio? Que o futuro seja como o passado. Eu sou Nabû, senhor do estilete. Louva-me!

Pela boca da senhora Bayâ, *filho* de Arbela.

* Textos compostos no período neo-assírio (século VII a.C.).

SAA 9, 1.6.

Eu sou Ishtar de Arbela!

Assaradão, rei da Assíria!

Na Cidade Interior, em Nínive, em Calah e em Arbela, darei longos dias e anos duradoiros a Assaradão, meu rei.

Sou a tua grande parteira! Sou a tua excelente ama de leite! Por longos dias e anos duradoiros, estabeleci o teu trono sob os grandes céus.

Vigio numa câmara de ouro no meio dos céus. Acendo a lâmpada de pedra-*elmesbu* diante de Assaradão, rei da Assíria, e vigio-o como a coroa da minha cabeça.

Não temas, rei! Falei contigo, não te menti. Encorajei-te, não deixarei que te envergonhes. Far-te-ei atravessar o rio em segurança.

[...]

SAA 9, 2.2.

Não temas, Assaradão!

Como um marinheiro experimentado, controlarei o barco até um bom porto. O futuro será como o passado. Andarei à tua volta e proteger-te-ei.

A vigilância sobre os países é muito forte. Sessenta deuses estão à minha direita e sessenta deuses estão à minha esquerda.

Assaradão, rei da Assíria! Vencerei os teus inimigos.

[...]

SAA 9, 2.3.

[...]

Proteger-te-ei todo o dia e toda a noite e estabelecerei a tua coroa.

Como um pássaro alado sobre as suas crias, eu gorjeari à tua volta sobre ti. Como uma bela cria de leão, andarei às voltas e deambularei pelo teu palácio. Vaguearei e farejarei os teus inimigos.

Manter-te-ei em segurança no teu palácio. Far-te-ei dominar a preocupação e o medo. O teu filho e o filho do teu filho exercerão a realeza diante de Ninurta. Acabarei com as fronteiras dos países e dar-tos-ei.

A humanidade é falsa. Eu sou aquela que diz e que faz. Farejarei, capturarei e dar-te-ei a filha ruidosa.

[...]

«Textos proféticos de Mari», in *A Linguagem Profética na Mesopotâmia*. Tradução de Francisco Caramelo. [c. 1775-1762 a.C.] 2002. Cascais: Patrimonia. 40-42, 50-51, 61, 68-69, 71-73, 114-116.

Diz a Zimrî-Lîm* assim fala o respondente† de Shamash: assim fala Shamash: «Eu sou o senhor do país. Que se enviem rapidamente a Sippar, cidade de vida, um grande trono para a morada da minha felicidade e a tua filha, a qual eu te pedi. No presente, os reis que se detiveram diante de ti e que continuamente te assaltaram colocam-se na tua mão. Agora, é-te dada a fogueira no país.

E, a propósito do que está consagrado a Addu, escrevi-te, (através de) Kânisânium, antes da derrota. Junta tudo o que está consagrado e que se envie a Alepo, ao templo de Addu.

(Quanto) à oferenda a Dagan, de que o respondente te falou, concede-a para que ele te envie o teu... e a tua vida.

Outro assunto. Nergal, senhor de Hubshalum, durante a derrota, ficou ao teu lado e ao lado do teu exército. Tudo o que dedicaste, bem como uma grande espada de bronze, faz fazer e que se envie a Nergal, rei de Hubshalum.»

E outro assunto. Assim fala Shamash:

«Hammu-rabi, rei de Kurdâ, disse-te mentiras e a sua mão está noutro lado. A tua mão alcançá-lo-á e no interior do seu país decretarás a remissão. Actualmente, todo o país é concedido à tua mão. Quando conquistares a cidade e decretares a remissão, então a tua realza será perpétua.

E outro assunto. Que Zimrî-Lîm, lugar-tenente de Dagan e de Addu, ouça esta tabuinha e que me envie aos meus pés os litigantes.»

AEM 197

Diz à Minha-Estrela: assim fala Inib-shina.

Anteriormente, Shêlebun, o *assinnum*‡ deu-me uma mensagem e eu

* Rei de Mari.

† Uma categoria de profeta.

‡ Outra categoria de profeta.

escrevi-te. Agora, uma *qammatum** de Dagan de Terqa veio ao meu encontro e falou-me nestes termos:

«A amizade do homem de Eshnunna é uma desonestidade. Sob a palha escorre a água e à rede que ele enlaça, eu o juntarei. Destruirei a sua cidade e o(s) seu(s) tesouro(s), que vêm de tempos antigos, eu (os) espoliarei.»

Foi isto o que ela me disse. Agora, protege-te! Sem presságio, não debes entrar no interior da cidade. Foi isto o que eu ouvi: «Ele continuamente confia nele próprio.» Não debes confiar continuamente em ti próprio.

AEM 201

Diz ao meu senhor: assim fala Bahdî-Lîm, teu servo.

A cidade de Mari, o palácio e o distrito estão bem.

Outro assunto. Ahum, o Sumo Sacerdote, trouxe-me a madeixa de cabelo e o cinto de uma extática e, na tabuinha que Ahum enviou ao meu senhor, está escrito um relatório completo sobre ela.

De momento, acabei de enviar ao meu senhor a tabuinha de Ahum, a madeixa de cabelo e o cinto da extática.

AEM 206

Diz ao meu senhor: assim fala Yaqqîm-Addu, teu servo. Um extático de Dagan veio ao meu encontro e disse assim:

«Certamente, o que comerei de Zimrî-Lîm? Dá-me um cordeiro para que eu o coma!»

Dei-lhe um cordeiro. Comeu-o cru diante da Porta da Cidade. Reuniu os anciãos diante da Porta da Cidade de Saggarrâtum e disse assim:

«Vai haver comida! Clama às cidades para que restituam o que é consagrado. Quem praticar um assalto, deve-se fazê-lo sair da cidade. Vestir-me-ás um fato pela felicidade do teu senhor, Zimrî-Lîm.»

Eis o que ele me disse. Pela felicidade do meu senhor, vesti-lhe um fato. Neste momento, escrevi o oráculo que ele me disse e acabei de (o) enviar ao meu senhor. Não me disse o seu oráculo em segredo; deu o seu oráculo na assembleia dos anciãos.

AEM 207

Diz ao meu senhor: assim fala Shibtu, tua serva.

A propósito da notícia sobre a campanha que o meu senhor vai empreender, dei a beber os sinais macho e fêmea (e) acabei de interrogar. O vaticínio

* Outra categoria de profeta.

é muito favorável ao meu senhor. Acabei de interrogar macho e fêmea sobre Ishme-Dagan da mesma maneira: o seu vaticínio não é bom e o seu processo está sob o pé do meu senhor.

Eis o que eles disseram: «O meu senhor levantou a vara. Levantou a vara contra Ishme-Dagan e disse: ‘Vencer-te-ei com a vara. Luta! Vencer-te-ei a lutar.’»

E eu disse: «O meu senhor participará no combate?» (E) eles responderam: «Não se travará o combate. De início, as suas tropas auxiliares serão dispersas. (E) cortar-se-á a cabeça de Ishme-Dagan e colocar-se-á sob o pé do meu senhor, dizendo: ‘O exército de Ishme-Dagan era numeroso, mas, ainda que o seu exército fosse numeroso, as suas tropas auxiliares foram dispersas. As minhas tropas auxiliares são Dagan, Shamash, Itûr-Mêr e Bêlet-Ekallim, bem como Addu, Senhor dos veredictos, que vão ao lado do meu senhor.’»

Ainda que o meu senhor diga «Fê-los falar através da astúcia», não se lhes fez falar nada. Alguns falam, outros combatem. Eles disseram: «As tropas auxiliares de Ishme-Dagan (são) prisioneiros. Com falsidade e com traição, elas titubeiam. Não aceitarão as suas ordens. Diante do meu senhor, o seu exército será disperso.»

A.1121+A.2731

Diz ao meu senhor: assim fala Nûr-Sîn, teu servo.

Uma vez, duas vezes e cinco vezes, escrevi ao meu senhor acerca do gado a oferecer a Addu e do domínio que Addu, o senhor de Kallassu, nos reivindica.

Acerca do gado a oferecer a Addu, Alpân, diante de Zû-hatnim, Abi-shadî e... disse-me assim: «Dá o gado, tal como ele reivindica, e as vacas. O meu senhor, diante dos... disse-me para dar o gado, nestes termos: ‘No futuro, que não haja revoltas contra mim.’» Impus-lhe testemunhas. Que o meu senhor o saiba.

Nos oráculos, estava Addu, senhor de Kallassu, dizendo o seguinte: «Não sou Addu, senhor de Kallassu, que o criei no meu colo e que o fiz retornar ao trono da casa de seu pai? Desde que o fiz retornar ao trono da casa de seu pai, dei-lhe novamente um lugar para residência. Agora, como o fiz retornar ao trono da casa de seu pai, apropriar-me-ei do domínio na sua casa. Se ele não der, o senhor do trono dos territórios e da cidade sou eu e o que dei eu tirarei. Se não for assim e ele conceder o meu desejo, eu dar-lhe-ei trono atrás de trono, casa atrás de casa, territórios atrás de territórios, cidade atrás

de cidade e dar-lhe-ei o país desde oriente até ocidente.» Eis o que disseram os respondentes e nos oráculos aparece também. Além disto, o respondente de Addu, senhor de Kallassu, protesta o lugar de Alahum como domínio. Que o meu senhor o saiba.

Anteriormente, quando eu vivia em Mari, eu reproduzia ao meu senhor qualquer palavra que o respondente ou a respondente dissessem. Agora, habito noutro país. O que eu ouço e o que me dizem não o escrevo ao meu senhor? Se, amanhã ou depois, vier a acontecer qualquer perda, o meu senhor não dirá assim: «Porque é que não me relataste a palavra que o respondente te disse e o teu lugar que ele protestava?» Agora, escrevi ao meu senhor. Que o meu senhor o saiba.

Outro assunto. O respondente de Addu, senhor de Alepo, veio ao meu encontro com Abu-halim e disse-me assim: «Escreve ao teu senhor nestes termos: 'Não sou Addu, senhor de Alepo, que te criei no meu colo e que te fiz retornar ao trono da casa de teu pai? Mas eu não te reivindico nada. Quando um injustiçado ou uma injustiçada apelam a ti, recebe-os em audiência e julga o seu caso. É isto que te peço. Se fizeres isto que te escrevo e se prestares atenção à minha palavra, dar-te-ei o país desde o oriente até ao ocidente e o país de...'.» Eis o que o respondente de Addu, senhor de Alepo, me disse diante de Abu-halim. Que o meu senhor saiba isto.

«Hino acróstico de Assurbanípal a Marduk e a Zarpanitu», in *Court Poetry and Literary Miscellanea*. Tradução inédita de Francisco Caramelo. 1989. Helsínquia: Helsinki University Press. 6-10.

- 1) **(a)** Glorifico o teu nome, Marduk, o mais poderoso dos deuses, *inspector de canal* do céu e da terra...
- 2) que foi bem criado e que, sozinho, é sublime...
- 3) **(na)** Tens *Anu-idade, Enlil-idade, Ninsbiku-dade*, o senhorio e a realza...
- 4) Concentraste toda a sabedoria, a força total...
- 5) **(ku)** Governante louvado, augusto senhor, todo-poderoso, o muito grande
- 6) Tornaram esplêndido o seu senhorio, organizaram a batalha... Anu...
- 7) **(ash)** Tu és exaltado nos céus, és rei na terra, conselheiro competente dos grandes deuses...
- 8) que fixa todas as moradas, que segura os círculos celestiais e todos os países...
- 9) **(shur)** És grandioso entre os deuses. Nudimmud embelezou a tua aparência...
- 10) Os grandes deuses fizeram-te segurar nas tuas mãos a tabuinha dos destinos para elevares...
- 11) beijaram os teus pés, disseram e abençoaram: «Ele é o rei.»
- 12) **(ba)**... os inimigos, Enlil tornou os decretos grandiosos para ti...
- 13) grande... deuses, esplendor brilhante, radiância...
- 14) que vai para o meio do céu...
- 15) **(ni)**... que golpeia o crânio de Anzû, devastador...
- 16) o cão raivoso, o bisonte, o homem-peixe...
- 17) dividiram-nos...
- 18) **(ap)** Herdeiro de Nudimmud... os teus olhos, teme...
- 19) um arco, flechas... espadas, armas...
- 20) Venceste a enorme Tiamat... Qingu, o seu consorte.
- 21) **(li)** Que a Babilónia rejubile contigo e que o Esaggil se regozije contigo, no justo veredicto
- 22) e no decreto que promulgas, nas decisões que tomas... libertas as águas subterrâneas,

- 23) provocas chuvas abundantes... inundações imensas.
- 24) **(sha)** A grandeza de Bel, *inspector de canal* do céu, é notável; ele é mais poderoso do que os deuses, seus pais.
- 25) Ultrapassa em forma, excede em estatura e é esplêndido no seu traje de senhor.
- 26) **(il)** Convocou os Igigi e os Anunnaki. Ajoelharam-se perante ele e os deuses, que o criaram, deitam-se silenciosamente aos seus pés.
- 27) Para se aconselharem, para se consultarem com o senhor, a sua atenção está em Marduk.
- 28) **(su)** São expostas as oferendas, o incenso, os incensários, os instrumentos musicais de cordas, as harpas e...
- 29) Glorificam o construtor do Esaggil, a Babilónia rejubila e... está muito feliz.
- 30) **(ka)** Os Igigi, os Anunnaki, os deuses e as deusas dos lugares de culto, dos santuários
- 31) e dos pódios, submetem-se a ti. Os governadores e os conselheiros oram à tua majestade.
- 32) **(bu)** Primogénito de Nudimmud, preeminente, poderoso, potente, tempestade sem misericórdia, fogo furioso, escaldante chama
- 33) que queima o inimigo, o qual, no meio da batalha, não... o combate pelas armas nem fazer a guerra.
- 34) **(ul)** De elevada estatura, Marduk, sol refulgente, tocha cintilante, que, na sua magnificência...
- 35) que purifica o impuro e faz...
- 36) **(li)** Que todos os deuses e a totalidade das deusas, Anu, Enlil,
- 37) as constelações, as águas profundas, a terra subterrânea, Nudimmud com os deuses Lahmu...
- 38) Câncer e Peixes vejam as acções do senhor dos deuses, Marduk, e que continuamente... para sempre...
- 39) **(ta)** Oferece-me sempre *bursag*, oferendas, puras...
- 40) que o deus encolerizado... através da (sua) ordem suprema fixou para dar vida aos que são dotados da essência da vida.
- 41) **(ni)** O teu nome resplandecente é Júpiter, o deus preeminente, o primeiro entre os primeiros, deus sublime
- 42) que... ao erguer-se, mostra um signo... as Plêiades...
- 43) **(ma)** Nobre, ilustre, Engishgalanna, o senhor... as posições dos Anunnaki...
- 44) ritos de purificação, rituais e oferendas...

VERSO

- 1) **(ma)** A tua declaração é notável, Marduk... sábio.
- 2) Tu és o maior entre todos os deuses. A tua divindade... os deuses...
- 3) **(ru)** Príncipe atencioso e protegido. Na tua rede... à tua direita...
- 4) à tua esquerda está Erragal, o mais poderoso dos deuses, e diante de ti estão as valentes Plêiades...
- 5) O fogo arde à direita e à esquerda... onde tu te enfureceste.
- 6) **(du)** Honrado e glorificado. Como é esplêndido, o deus que... submetem-se... sua divindade.
- 7) À totalidade dos deuses que ocupam os pódios, faz oferendas de cereal...
- 8) **(uk)** Marduk fixou e segurou na sua mão as rédeas dos Igigi e dos Anunnaki, as cordas do céu e da terra.
- 9) A este e a oeste, estabeleceu as constelações, deu-lhes os cursos e as vias...
- 10) **(da)** Juiz das (quatro) regiões, cujo nome importante foi invocado, ponderado, Enlil dos deuses...
- 11) o qual fixa as regras das águas profundas, dá as porções e as oferendas de cereal aos grandes deuses.
- 12) **(li)** Aceita as minhas súplicas, recebe as minhas humildes petições... que o suplicante e sem...
- 13) Que aquele que te agrada constantemente te fale amiúde favoravelmente sobre mim.
- 14) **(li)** Que Anu, Enlil e Ea tornem a tua disposição exultante e tornem o teu coração jubiloso.
- 15) Que Damkina, a tua grande mãe, te ordene que estejas no Esaggil, que tu amas, em sossego.
- 16) **(ka)** Ela é respeitável, é rainha, é forte. Ela é a senhora da casa, a esposa, a deusa, a dama, orgulhosa, grande, sublime, bela...
- 17) Amado por Tutu, preserva a minha vida e eu cantar-te-ei louvores.
- 18) **(lu)** Que eu torne esplêndidas as tuas façanhas, princesa suprema, rainha do Esaggil, deusa das deusas, rainha das rainhas,
- 19) rainha sublime da totalidade de... deusa misericordiosa que adora orações.
- 20) **(ud)** Oro a ti, senhor orgulhoso e irado. Que o teu coração enfurecido se apazigúe e que a tua disposição
- 21) colérica se aquiete e encontre a paz. Que eu obtenha a vida no teu sopro, sublime sábio entre os deuses, Marduk.

- 22/23) **(Iul)** O reverente e piedoso aprendiz de escriba manifesta a grandeza de Zarpanitu, a grande senhora, esposa de Enbilulu, nora de Nudimud, e canta os seus louvores.
- 24) Na totalidade, trinta é o número de versos... em louvor de Marduk...
- 25) A grandeza de Zarpanitu, a grande senhora, amada por Marduk...

(Acróstico: «Eu sou Assurbanípal, que te invocou: dá-me vida, Marduk, e que eu cante os teus louvores.»)

«Hino de Assurbanípal a Ashur», in *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*. Tradução de Francisco Caramelo. 2007. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. 166-168.

K 3258

ABRT 1 32

- 1 O muito grande, o proeminente entre os deuses, o que sabe tudo;
 2 O venerável, o notável, o Enlil dos deuses, o que decreta os destinos.
- 3 Ashur, o grande senhor, o que sabe tudo;
 4 O venerável, o notável, o Enlil dos deuses, o que decreta os destinos.
- 5 Que eu enalteça Ashur, o todo-poderoso, o proeminente entre os deuses, o senhor dos países.
- 6 Que eu exalte a sua grandeza e torne esplêndido o seu louvor.
 7 Que eu exalte a reputação de Ashur e enalteça o seu nome.
 8 Que eu torne esplêndido o louvor do deus que habita no É.HUR.
 SAG.GAL.KUR.KUR.RA.
- 9 Que eu invoque o todo-poderoso e louve o seu heroísmo.
- 10/11 Para mostrar ao mundo que há-de vir, que eu revele o deus que habita o É.SHÁR.RA, Ashur, o que decreta os destinos.
- 12 Que eu fixe a sua memória para que a posteridade a possa escutar.
 13 Que eu enalteça o senhorio de Ashur para sempre:
 14 O competente, de vasto entendimento, sábio dos deuses, nobre,
 15 [...] criador (das criaturas) do céu e da terra, aquele que dá forma às montanhas,
 16 [...] criador dos deuses, aquele que cria Ishtar,
 17 coração insondável, entendimento engenhoso,
 18 eminente, cuja reputação é temida.
 19 [...] do seu [...] Ashur, cuja ordem chega longe,
 20 [...] cuja fundação, tal como uma montanha, não pode ser abalada.
 21 [...] tal como o que está escrito no céu, não negligencia o tempo próprio.
 22 Cuja palavra não pode ser alterada, cuja ordem permanece firme.

- 23 [...] cuja fundação, tal como uma montanha, não pode ser abalada.
 24 [...] tal como o que está escrito no céu, não negligencia o tempo próprio.
 25 [...] a tua palavra é pronunciada desde os primeiros tempos.
 26 [...] nem um deus compreende a tua grandeza, ó Ashur.
 27 A razão dos planos da tua grandeza não é compreendida.
 28 [...] um deus não compreende [...]
 29 a tua [...] a razão [...] da tua [...] não é compreendida.
 30 [...] cujo ataque é irresistível.
 31 [...] que fende montanhas
 32 [...] que confia na sua própria força
 33 [...] que destruiu as suas moradas.
 34 [...] cujas armas [...]
 35 [...] o que aniquilou Anzû
 36 [...] combate
 37 [...] derrota
 38 [...] magnífico
 39 [...] montanhas,
 40 [...] teu
 41 [lacuna]

Rev.

- 1' [...]
 2' [...] que o teu [...] seja dito [...]
 3' [...] que ele não abandone
 4' Pela manhã, que ele planeie o bem para ti; à noite, que ele pronuncie [...]
 5' [...] Ashur [...]
 6' Anu, Enlil, Ea, Belet-ili e Mullissu
 7' reverenciaram a autoridade de Ashur na corte da assembleia dos deuses.
 8' Ordenaram que Assurbanípal, o governador de Ashur, providenciasse, ele sozinho (o culto).
 9' Entre os filhos e bisnetos, nos dias que hão-de vir,
 10' durante os longos reinados, por anos incontáveis,
 11' que o louvor de Ashur não seja olvidado; que ele seja recordado no Esharra.
 12' Que seja incessantemente dito, que (te) abra o entendimento

- 13' tal como fez comigo; Ashur confiar-te-á o domínio sobre o país e sobre o povo.
- 14' A palavra de Ashur é gloriosa; grandiosa é a sua divindade.
- 15' Louvor de Ashur, senhor dos senhores, herói. É benfazejo.

(2)
O ANTIGO EGÍPTO

Luís Manuel de Araújo | Telo Ferreira Canhão
Helena Trindade Lopes

Não existe acordo entre os egiptólogos que se têm dedicado ao estudo da literatura do antigo Egipto acerca dos géneros que nela se podem detectar. Em todo o caso, e sopesando as diversas opiniões, vários géneros se podem distinguir na produção literária do antigo Egipto, a começar pelos textos sapienciais, designados por ensinamentos, instruções ou sabedorias, os quais condensam as expectativas ideológicas dos letrados do país do Nilo; depois, os textos que veiculam uma literatura de ideias e apresentam a resposta individual a essas expectativas; seguem-se os textos narrativos, que contemplam um amplo leque de temas, desde o romance histórico e fantástico aos mitos e contos; e os textos líricos, com as cantigas de amor como expressão de uma admirável poesia deleitosa, estando a ela associados os cantos de harpista e uma rica hinologia. E enfim, mais abaixo na escala da literariedade, chegou até nós um denso conjunto de textos funerários não inseridos em qualquer género específico.

A ideia de uma literatura «para distrair», «para quebrar o tédio» não existia, a não ser como forma literária para lançar as ideias que, como se depreende da leitura dos textos, eram todas de grande impacto na sociedade egípcia, sobretudo no Império Médio. Sendo o principal objectivo da literatura egípcia a formação, os textos de timbre sapiencial tiveram uma grande projecção desde o Império Antigo à Época Baixa e à subsequente Época Greco-romana, pelo que o género está presente ao longo de quase toda a história do antigo Egipto. As instruções, ou ensinamentos, que os próprios egípcios designaram como *sebait*, são textos em que um orador se dirige a um interlocutor, normalmente pai e filho (é assim que ali são designados), dando-lhe conselhos e ensinando-lhe preceitos baseados na sua experiência de vida, sendo as normas de boa conduta apresentadas em pares de versos (sem rima mas com paralelismo dos membros) e jogando com convincentes antíteses. Aqui se inserem os textos sapienciais de letrados como Ptah-hotep, do Império Antigo (o tempo das pirâmides), procurando formar as jovens gerações de funcionários bem inseridos no funcionamento regrado da sociedade do antigo

Egipto. Do atribulado Primeiro Período Intermediário chegou-nos a *Instrução para o Rei Merikaré*, e, já no Império Médio, a *Instrução de Amenemat I ao seu Filho Senuseret*, a *Instrução Lealista* e a *Instrução de Kheti*, também conhecida como «Sátira dos Ofícios». Este género floresceu no Império Novo com os ponderados ensinamentos de Ani, Amennakht e Amenemope, e já no final da civilização egípcia o sábio Ankhchechonk prodigalizava os seus conselhos a quem o quisesse ler, para no início da Época Greco-romana o admirável Petosíris recomendar, com um grande empenho, o cumprimento da *maet* (palavra egípcia com um amplo significado humanista: equilíbrio, verdade, justiça, tolerância, respeito, afecto, solidariedade, mas também ordem, disciplina, organização...).

Depois do legado literário do Império Antigo (os textos sapienciais e as autobiografias edificantes), o Império Médio trouxe novidades na forma e no conteúdo, e nesta época áurea vemos aparecer a literatura de ideias, já em esboço no Primeiro Período Intermediário, a qual reúne um conjunto de textos onde se debatem ideias ou se expõem teses, podendo assumir a forma de lamentações, cartas ou diálogos. A literatura do Império Médio funciona como um espelho onde é possível ver os mais variados aspectos da sociedade egípcia — não apenas da sociedade material, mas também daquilo que essa sociedade tinha de mais íntimo: a sua forma de agir e de pensar. Este brilhantismo foi, sem dúvida, o reflexo dos extraordinários reis dessa época e das suas necessidades mais prementes: pessoal administrativo em abundância e de qualidade, o que permitiu o aparecimento de excelentes escribas e a multiplicação de escolas, e a necessidade de materiais didácticos e pedagógicos que fossem simultaneamente de timbre panfletário e com forte carga ideológica, para reconduzir, sobretudo as elites, ao seu lugar de submissão ao faraó. Todos os textos desta época, de uma forma ou de outra, acabam por se integrar nesta visão: a *Instrução de Kheti* estimula a seguir a formação de escriba e a carreira administrativa; a *Instrução Lealista*, a pôr o rei acima de tudo, e, ao mesmo tempo, pedindo respeito pelos servidores; a *Instrução de Amenemhat I ao seu Filho Senuseret*, além de confirmar o assassinato do rei, apresenta uma série de boas regras de governação, que tanto se aplicam ao faraó como a outros com cargos de chefia; o *Conto do Camponês Eloquentemente* incita a defender o pilar da existência individual e colectiva do elevado preceito maético; a *História de Sinube*, além de mostrar uma faceta mais humana do rei, mostra a relação de superioridade que os egípcios sentiam perante os seus vizinhos e a sua fidelidade ao monarca; o *Conto do Náufrago* apresenta, de uma forma subtil, a felicidade para além da morte; o *Diálogo de um Desesperado com o seu Ba* e *As Lamentações de Khakheperréseneb* dão-nos a visão de um homem novo

mais virado para si mesmo; os relatos incluídos na *Profecia de Neferti* e em *As Admoestações de Ipu-uer*, parecem querer impedir que se esqueçam as atrocidades vividas nos tempos difíceis de forma a impedir o seu reaparecimento; por fim, os *Hinos a Senuseret III* mostram um rei empenhado na governação neste período brilhante e as razões pelas quais ele foi superior a muitos outros que ocuparam o seu lugar, antes ou depois.

Típicos desta época são os contos, textos narrativos compostos por escribas de grande talento, que constituem uma das expressões mais importantes da literatura egípcia. Destinados a uma elite apreciadora da arte de composição e da língua, a sua excepcional qualidade levou a que fossem utilizados pedagogicamente como exercícios de leitura e de esmerada caligrafia hierática para os candidatos à profissão de escriba, acrescentando ainda a aprendizagem da mais exigente escrita hieroglífica. As temáticas são variadas, e nelas se podem detectar subgéneros: contos mitológicos, anedóticos, filosóficos, psicológicos, maravilhosos e contos-moldura, aos quais, contrapondo narrativa de acontecimentos fictícios e narrativa de fundo histórico, devem ser acrescentados os romances, que incluem textos cujos autores se basearam em factos reais. Os contos (alguns deles localizados em reinados do anterior Império Antigo), e as narrativas, além de textos que são rotulados de «proféticos» (embora se profetize depois das ocorrências), testemunham bem o profundo e genuíno anseio egípcio pela manutenção da ordem social com a reiterada prática da *maet* no quotidiano, e por uma grande bonomia e tolerância, revelando um elevado humanismo, sendo os textos redigidos em prosa ou em verso — e nem sempre é fácil descortinar as duas modalidades. A cadência é um aspecto essencial da construção, mas como as vogais não eram escritas é impossível agora saber com toda a certeza onde caía a acentuação. A rima não era usada e a métrica era fundamental, jogando-se também com a aliteração, tão do gosto dos escribas egípcios.

Redigidos no Império Médio mas reportando situações ocorridas no Império Antigo, os contos inseridos em *Khufu e os Magos* defendem, sobretudo, a ideia do monarca divino, bem integrada num ambiente onde a magia abunda. Do Império Novo chegaram-nos contos lendários como *Verdade e Mentira*, que tem algumas lacunas, e cujo argumento coloca frente a frente os dois irmãos inimigos: Osíris, que aqui se chama Verdade (em egípcio, Maet) e Set que é Mentira (Guereg em egípcio); o mais conhecido da literatura egípcia leva por título *Os Dois Irmãos*, um conto com traços míticos e maravilhosos, em parte tomados de um mito de Osíris, com o herói Bata a superar as dificuldades que se lhe vão deparando até acabar com a sua elevação ao trono do Egito; outro conto da época é *O Príncipe Predestinado*, também conhecido

como *O Príncipe Malfadado*, que jornadaia até ao reino do Mitanni, para lá do rio Eufrates, e casa com uma princesa filha do rei mitânico, mostrando o enredo a importância da piedade pessoal típica do tempo de Ramsés II, uma arma eficiente contra o incerto destino.

Inserem-se ainda neste género os épicos textos narrativos de glória e pundonor, como *A Batalha de Meguido* (Tutmés III, que está na origem de um hino a este feroso monarca), *A Batalha de Kadech* (Ramsés II), e *A Vitória sobre os Povos do Mar* (Ramsés III), entre outros textos, que têm o seu antecedente no relato exarado na Estela de Kamés, narrando a expulsão dos odiados Hicsos. Por eles se vê que fazer história é enaltecer o rei do Egipto, invencível no seu dourado carro de guerra, dando origem a um vivo estilo descritivo conhecido por «novela real». Antecedendo alguns séculos o célebre episódio do cavalo de Tróia da *Iliada* homérica, ficou-nos um texto sobre a tomada de Ipu-Jopa, uma cidade cananaica que foi conquistada arduamente por um general de Tutmés III, chamado Djehuti (personagem que de facto existiu).

Datado da XX dinastia, na fase final do Império Novo, e contrastando com os gloriosos tempos anteriores, *A Desventura de Uenamom* evidencia a decadência do Egipto depois de séculos de expansão na Síria-Palestina e na Núbia, regiões onde se obtiveram grandes riquezas. Passada a época de grandeza, a tão desejada madeira de cedro do Líbano tinha de ser obtida com muito custo, narrando este texto a frustrante viagem do funcionário Uenamom em busca da madeira que o Egipto não possuía e que tão necessária era para fazer uma barca para o deus Amon. Podemos comparar, com grande vantagem para a compreensão das respectivas épocas, o texto que alude à ínclita aventura de Sinuhe, que no Império Médio deambula e enriquece na Síria, com o texto que Uenamom redigiu mil anos depois — é que Sinuhe está para o início do Império Médio como Uenamom está para o fim do Império Novo.

Os contos de Setne-Khaemuset são compostos por dois textos que se relacionam: o de *Setne-Khaemuset e Naneferkaptah*, também chamado *Setne-Khaemuset I*, e o de *Setne-Khaemuset e Siosiris*, que também é conhecido como *Setne-Khaemuset II*, ambos da Época Greco-romana. Os dois textos foram escritos em demótico, o primeiro no período ptolemaico, e o segundo no período romano. Em *Setne-Khaemuset e Naneferkaptah*, o tema é a procura de um livro mágico que dá ao seu proprietário a possibilidade de proferir sentenças e com elas poder encantar o céu, a terra, as montanhas, as águas e até o Além, podendo saber o que dizem as aves, os répteis e os peixes, mesmo os de águas profundas, e, o mais importante, poder ver o deus Ré surgir no céu

e na lua. O segundo conto, *Setne-Khaemuset e Siosíris*, contém duas partes: na primeira, Siosíris leva o seu pai a visitar o outro mundo, para se concluir que lá não conta ter sido pobre ou rico na vida terrena, o que interessa é ter sido bom ou mau — e eis que, já desaparecido o Egípto faraónico, ainda a necessidade de praticar o bem (*maet*) é enfatizada, repudiando-se o mal (*isefet*).

A Cheia do Nilo, um clássico da hinologia do antigo Egípto, ficou bem preservado em diversos documentos, e neles se exalta Hapi, a cheia nilótica, sendo também mencionadas várias divindades como Sobek, Tot, Ptah, entre outras. A colectânea de hinos ao deus Ré será um bom exemplo do sincretismo veiculado pela hinologia, porque além dos hinos dedicados ao deus solar há também alguns que invocam Ré-Horakhti, Amon-Ré e Ré-Atum-Horakhti. Não andam muito longe desta fraseologia os hinos a Amon, um deus «único» e solar, além de ter criado os outros deuses, o mundo e a humanidade, actuando como se fosse Atum (pela masturbação), Ptah (pela palavra) e Khnum (pelo trabalho de olaria), sendo ainda conhecidos hinos dedicados a outras divindades, com justificado relevo para o hino a Aton, da autoria do faraó Akhenaton, e que apresenta também o seu deus como sendo o «único».

Na lírica celebram-se os prazeres terrenos, por vezes vividos com tanta intensidade que a demonstração de tão grande apego à vida e às suas delícias é também sintoma de cepticismo nas crenças de sobrevivência para além da morte. Inspirada pela sua úbere paisagem e eivada de um pragmático temperamento optimista, a classe letrada do país do Nilo dispôs-se a cantar o amor em forma literária acompanhando as imagens de animadas cenas de banquete onde as damas se apresentam com vestes transparentes de linho branco e as servas, em poses eróticas, se meneiam por entre os lânguidos convivas.

A poesia lírica e amorosa, ausente nos textos literários do Império Antigo e do Império Médio, ganha lugar de destaque no Império Novo. No género lírico da época detectam-se três subgéneros: o canto descritivo, a lamentação à porta e a cantiga de alba. Em geral, o homem (o amado) desempenha nestes poemas um papel um tanto secundário e passivo, cabendo à rapariga (a amada) tomar a palavra. É ela, em suma, que deseja ser vista: «Vou mostrar-te como sou bela no meu vestido de linho branco.» O homem, em contrapartida, deseja ver — e de resto os poemas foram escritos pelos escribas para sua fruição e deleite de outros. São, fundamentalmente, dois documentos que nos fornecem os melhores exemplos deste novo género literário, o *Papiro Chester Beatty I* e o *Papiro Harris 500*, aos quais se juntam alguns óstracos, sendo a forma básica geral dos poemas o discurso directo na primeira pessoa, dirigido a um jovem ou a uma jovem, em que os amantes se tratam por «irmão» e por «irmã», estando agora em voga o neo-egípcio que ganhou

estatuto literário depois do período de Amarna, em meados do século XIV a.C. Os textos líricos reúnem poemas de amor e outros escritos como os cantos de harpista, onde de uma forma quase epicurista se incita o leitor a gozar a vida.

Entre os textos de timbre funerário avultam os famosos «Textos das Pirâmides», que foram pela primeira vez gravados no interior da pirâmide de Unas, o último rei da V dinastia (c. 2450 a.C.), dos quais irão derivar os «Textos dos Sarcófagos», a partir do II milénio a.C., escritos nas tampas e painéis laterais dos ataúdes rectangulares de madeira típicos do Império Médio, contendo ritos prescritivos alternando com elementos mitológicos. Estes vão servir de inspiração para os capítulos do «Livro dos Mortos», uma tradução moderna da original forma egípcia *Rau nu peret em heru*, que à letra vem a dar «Fórmulas para sair para o dia», escritas geralmente sobre papiro e ilustradas com vinhetas, e cujo objectivo era proteger o defunto na sua viagem para o Além.

Luís Manuel de Araújo e Telo Ferreira Canhão

CRONOLOGIA DO ANTIGO EGIPTO*

NEOLÍTICO	c. 6000 a 4500 a.C.
ÉPOCA PRÉ-DINÁSTICA	c. 4500 a 3000 a.C.
ÉPOCA ARCAICA (<i>I e II dinastia</i>)	c. 3000 a 2660 a.C.
IMPÉRIO ANTIGO (<i>III à VI dinastia</i>)	c. 2660 a 2180 a.C.
PRIMEIRO PERÍODO INTERMEDIÁRIO (<i>VII à XI dinastia</i>)	c. 2180 a 2040 a.C.
IMPÉRIO MÉDIO (<i>XI e XII dinastia</i>)	c. 2040 a 1765 a.C.
SEGUNDO PERÍODO INTERMEDIÁRIO (<i>XIII à XVII dinastia</i>)	c. 1765 a 1550 a.C.
IMPÉRIO NOVO (<i>XVIII à XX dinastia</i>)	c. 1550 a 1070 a.C.
TERCEIRO PERÍODO INTERMEDIÁRIO (<i>XXI à XXV dinastia</i>)	1070 a 664 a.C.
ÉPOCA BAIXA (<i>XXVI à XXX dinastia</i>)	664 a 332 a.C.
ÉPOCA GRECO-ROMANA	332 a.C. a 395 d.C.
ÉPOCA COPTO-BIZANTINA	395 a 641 d.C.

* Esta cronologia baseia-se na que é proposta na obra *Le Monde Égyptien: Les Pharaons* (3 volumes, Paris: Gallimard, 1978-1980), dirigida por Jean Leclant, que se fundamenta nos trabalhos de Erik Hornung, Richard Parker e Jürgen von Beckerath.

«A Batalha de Kadech», in *A Guerra na Antiguidade, vol. I*. Tradução de Luís Manuel de Araújo. 2006. Lisboa: Caleidoscópio / Centro de História da Universidade de Lisboa. 55-102.*

Ano 5, terceiro mês de Chemu (Verão), dia 9, sob a majestade de Ré-Horakhti: o touro poderoso, amado de Maet, rei do Alto e do Baixo Egípto, Usermaetré-setepenré, filho de Ré, Ramessu-meriamon, dotado de vida, eternamente. Sua majestade estava em Djahi, na sua segunda campanha vitoriosa. Um bom despertar em vida, prosperidade e saúde, na tenda de sua majestade, nas colinas a sul de Kadech. Então, de manhã, sua majestade apareceu brilhando como Ré, equipado como o seu pai Montu. O soberano prosseguiu para norte e chegou à região a sul de Chabtuna. Então vieram dois chasu das tribos de Chasu, para dizer a sua majestade: «Os nossos irmãos, que são chefes de tribos (que estão) com o inimigo de Hatti, enviaram-nos a sua majestade para lhe dizer que seremos servos do faraó e que abandonaremos o chefe de Hatti.» Sua majestade disse-lhes: «Onde estão eles, os vossos irmãos que vos enviaram para dizer isso a sua majestade?» E eles disseram a sua majestade: «Eles estão onde está o miserável chefe de Hatti, pois o inimigo de Hatti está na terra de Khaleb, a norte de Tunip. Ele estava com demasiado medo do faraó para seguir para sul quando ouviu que o faraó vinha para norte.»

Mas estas palavras que os dois chasu disseram a sua majestade eram falsas, pois tinha sido o inimigo de Hatti que os enviara para observar onde sua majestade estava, para evitar que o exército de sua majestade se preparasse para lutar com o inimigo de Hatti. Quanto ao inimigo de Hatti, tinha vindo com a sua infantaria e os seus carros, e com os chefes de todas as terras que existiam no território da terra de Hatti, e a sua infantaria e os seus carros, que vieram com ele como aliados para lutar contra o exército de sua majestade, estando ele equipado e pronto atrás de Kadech, a antiga, sem que sua majestade soubesse onde ele estava.

* Tradução do texto mais conciso (conhecido por «Boletim») relativo à batalha de Kadech, travada no ano 5 do reinado de Ramsés II (c. 1275 a.C.) entre o exército egípcio e o exército hitita e seus aliados, que terminou sem resultados concludentes, mas que deu origem à mais notável obra historiográfica egípcia do Império Novo.

Quando os dois chasu que estiveram na (sua) presença foram libertados, sua majestade prosseguiu para norte e alcançou (a zona) noroeste de Kadech. Ergueu-se aí o acampamento de sua majestade e sua majestade sentou-se num trono de ouro fino, a norte de Kadech, na margem oeste do Orontes. Apareceu então um batedor da comitiva de sua majestade, trazendo dois batedores do inimigo de Hatti. Quando estes foram trazidos à sua presença, sua majestade disse-lhes: «Quem são vocês?» Eles responderam: «Nós pertencemos ao chefe de Hatti. Foi ele que nos enviou para observar onde estava sua majestade.» Sua majestade disse-lhes: «Onde está ele, o inimigo de Hatti? Ouvi dizer que ele estava na terra de Khaleb, a norte de Tunip.»

Eles disseram a sua majestade: «Repara, o miserável chefe de Hatti veio com os vários países que o apoiam e trouxe como aliados os da terra de Dardani, de Naharina, de Kechkech, os de Masa, os de Pidasá, a terra de Karkicha e Luka, a terra de Karkemich, a terra de Arzawa, a terra de Ugarit, a de Irun, a terra de Inesa, Muchanet, Kadech, Khaleb, e a terra inteira de Kedi. Estão todos equipados com a sua infantaria e os seus carros, e com as suas armas de combate. São mais numerosos que as areias da praia. Repara, eles estão equipados e preparados atrás de Kadech, a antiga.»

Então sua majestade convocou todos os seus comandantes à sua presença, para que eles ouvissem todas as palavras dos dois batedores do inimigo de Hatti que estiveram a falar na sua presença. Depois sua majestade disse-lhes: «Reparem na situação em que se encontram os governantes estrangeiros e os chefes das terras do faraó. Todos os dias eles dizem ao faraó: ‘O miserável chefe de Hatti está na terra de Khaleb, a norte de Tunip, tendo fugido diante de sua majestade quando ouviu que o faraó vinha a caminho.’ E eles assim disseram diariamente a sua majestade. Mas agora, neste preciso momento, ouvi destes dois batedores do inimigo de Hatti que o miserável inimigo de Hatti chegou com muitos países que estão com ele, homens e cavalos tão numerosos como as areias. Reparem, eles estão escondidos atrás de Kadech, a antiga, e os meus governadores de países estrangeiros e os meus chefes das terras do faraó não foram capazes de dizer que eles vinham aí.»

Então os oficiais que estavam na sua presença responderam ao deus bom: «Os governantes de terras estrangeiras e os chefes do faraó cometeram um grande crime ao não conseguirem descobrir o paradeiro do inimigo de Hatti e avisar atempadamente o faraó». Foi então ordenado ao vizir que apressasse o exército de sua majestade, que então seguia pelo caminho a sul da cidade de Chabtuna, para o trazer até onde estava sua majestade.

E enquanto sua majestade falava com os seus oficiais, o miserável inimigo de Hatti apareceu com a sua infantaria, os seus carros e os muitos países

que estavam com ele. Atravessando o vau a sul de Kadech, eles carregaram sobre o exército de sua majestade, que marchava sem preparação. A infantaria e os carros de sua majestade fraquejaram diante deles e tomaram o caminho do norte na direcção de sua majestade.

Depois, as forças do inimigo de Hatti cercaram sua majestade e os seguidores que estavam a seu lado. Assim que sua majestade os viu, ergueu-se rapidamente e carregou sobre eles como seu pai Montu. Tomando as suas armas e envergando a sua armadura ele era como Set no seu momento de poder. Montou (o seu cavalo) «Vitória em Tebas» e avançou sozinho. Sua majestade era poderosa, seu coração forte, ninguém lhe fazia frente.

Todo o chão estava coberto de fogo, ele queimava todos os países com os seus raios. Os seus olhos eram selvagens quando os olhava; o seu poder brilhava como fogo contra eles. Ele não temia a multidão estrangeira; considerava-os uma ninharia.

Sua majestade carregou sobre as forças do inimigo de Hatti e os muitos países que estavam com ele. Sua majestade era como Set poderoso, como Sekhmet no seu momento de furor. Sua majestade aniquilou todas as forças do inimigo de Hatti, bem como todos os seus grandes chefes e os seus irmãos, e todos os chefes de todos os países que tinham vindo com ele. A sua infantaria e os seus carros tombavam uns sobre os outros. Então sua majestade massacrou-os onde estavam; eles rolaram sob os seus cavalos; e sua majestade estava só, sem mais ninguém.

A minha majestade fez tombar os exércitos dos inimigos de Hatti sob as suas faces, uns sobre os outros, nas águas do Orontes, como se fossem crocodilos. Caí sobre eles como um grifo; ataquei todos os países, eu sozinho. A minha infantaria e os meus carros desertaram, nenhum deles sequer olhou para trás. Como eu vivo, como Ré me ama, como o meu pai Atum me protege, tudo o que minha majestade disse eu fiz em verdade, na presença da minha infantaria e dos meus carros.

«Contos do Papiro Westcar», in *Mitos e Lendas do Antigo Egipto*. Tradução de Luís Manuel de Araújo. [c. séculos XVII-XVI a.C.] 2017. Lisboa: Clássica Editora. 213-231.*

O MARIDO ENGANADO

O príncipe Khafré levantou-se para falar e disse: Eu vou contar à tua majestade um prodígio que aconteceu no reinado do teu pai Nebka, justo de voz, quando ele foi ao templo de Ptah, senhor de Ankhtai.

Quando sua majestade foi a Ankhtai, para fazer uma oferenda, o sacerdote leitor chefe Ubainer estava com ele. Aconteceu que a mulher de Ubainer se apaixonou por um homem da cidade e mostrava a sua afeição mandando presentes de roupa pela sua serva. Sempre que havia condições, ela mandava a serva levar o seu amante até à casa de Ubainer. Aí o homem da cidade dizia à esposa de Ubainer: «Há um pavilhão no jardim, pois bem, vamos lá passar um momento feliz.»

Então a mulher de Ubainer disse ao servidor encarregado do jardim: «Faz preparar o pavilhão que está no jardim.»

Em seguida ele e ela passaram todo o dia a beber. Quando escureceu o homem da cidade desceu para o lago, a fim de ali se purificar enquanto a serva procurou o encarregado do jardim e contou-lhe o que sua ama tinha feito.

Logo que nasceu o dia seguinte, o encarregado do jardim foi procurar o seu senhor Ubainer e contar-lhe tudo o que ouvira da serva. Então Ubainer ordenou ao encarregado do jardim que fosse buscar a sua caixa mágica. Era uma caixa maravilhosamente elaborada, feita de ébano com decorações de ouro. Depois Ubainer tirou dela uma espécie de cera e fez um modelo de crocodilo com sete dedos de comprimento. Recitou então encantamentos mágicos sobre o modelo de crocodilo e disse-lhe: «Quando alguém chegar para se banhar no meu lago, apodera-te dele com a tua boca.»

* O *Papiro de Berlim* 3033 ou *Papiro Westcar*, que teria originalmente nove contos (agora tem apenas quatro completos), foi oferecido a Richard Lepsius, o primeiro egiptólogo que o estudou. Data do período dos Hicsos (cerca dos séculos XVII-XVI a.C.), reproduzindo um original certamente mais antigo, talvez da XII dinastia. O rei Khufu, da IV dinastia (o construtor da Grande Pirâmide de Guiza), escuta vários contos fantásticos que os seus filhos lhe vão sucessivamente apresentando.

Depois de ter dito a sua fórmula, Ubainer entregou o crocodilo ao encarregado do jardim e disse-lhe: «Espera o momento em que o tal homem entrar no meu lago para tomar banho, segundo o seu costume diário: lança então este crocodilo na água na direcção dele.»

O encarregado do jardim retirou-se, levando com ele o crocodilo de cera. Pouco depois, a mulher de Ubainer disse ao encarregado do jardim: «Faz preparar o pavilhão que está no meio do jardim, porque eu quero passar lá um momento.»

O pavilhão foi então fornecido de todas as coisas boas, e elas, a dama e a serva, foram para lá e passaram um dia feliz com o homem da cidade. Ora quando veio o entardecer ele foi até ao lago como fazia todos os dias. Então o encarregado do jardim lançou à água o crocodilo de cera, e este transformou-se num crocodilo com sete côvados, apoderando-se do homem da cidade com a sua boca.

Entretanto, Ubainer passou sete dias com a majestade do rei Nebka, justo de voz, enquanto o homem da cidade era mantido, sem respirar, nas profundezas do lago. Depois desse tempo, a majestade do rei Nebka, justo de voz, foi a Mênfis, e o sacerdote leitor chefe Ubainer aproximou-se dele, dizendo: «Que a tua majestade venha comigo para ver um prodígio do teu reinado: um homem debaixo de água.»

O rei acompanhou Ubainer até ao lago e então o sacerdote chamou o crocodilo, dizendo: «Traz-me o homem até aqui.»

Quando o crocodilo saiu da água e apareceu com o homem, Ubainer disse: «Larga esse homem.» Então o crocodilo largou-o sem o ferir, e sua majestade disse: «Esse crocodilo é certamente perigoso.»

Ubainer curvou-se e pegou no crocodilo, que se tornou de novo um modelo de cera na sua mão. Depois o sacerdote leitor chefe Ubainer contou à majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Nebka, justo de voz, o que o homem da cidade tinha feito com sua esposa. Então sua majestade disse ao crocodilo: «Leva contigo o que te pertence.»

O crocodilo mergulhou no lago e nunca mais ninguém soube para onde ele foi com o homem da cidade. Então a majestade do rei Nebka, justo de voz, ordenou em seguida que a mulher de Ubainer fosse levada para um terreno aberto na zona norte do palácio, onde ela foi queimada, sendo as suas cinzas lançadas ao rio.

«Eis um prodígio que aconteceu no reinado de teu pai, o rei do Alto e do Baixo Egipto Nebka, feito pelo sacerdote leitor chefe Ubainer» (disse Khafré).

Então a majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Khufu, justo de voz, disse: «Que sejam oferecidos mil pães, cem jarros de cerveja, um boi e duas

medidas de incenso ao rei do Alto e do Baixo Egito Nebka, justo de voz, e que seja entregue um bolo, um jarro de cerveja, um naco de carne e uma medida de incenso ao sacerdote leitor chefe Ubainer, porque eu vi um exemplo da sua sabedoria.»

E tudo foi feito de acordo com o que sua majestade tinha ordenado.

O PASSEIO NÁUTICO

Eis que Bauefré se levantou para falar e disse: «Vou dar a conhecer à tua majestade um prodígio que aconteceu no tempo de teu pai Seneferu, justo de voz, realizado pelo sacerdote leitor chefe Djadjaemankh, algo que antes nunca tinha acontecido.»

Certo dia sua majestade o rei do Alto e do Baixo Egito Seneferu percorria todas as dependências do seu palácio à procura de um divertimento, e não encontrou nenhum. Então ele disse: «Vão e tragam-me o sacerdote leitor chefe e escriba dos registos Djadjaemankh.» E ele foi-lhe rapidamente trazido. Então sua majestade disse-lhe: «Percorri todas as dependências do palácio (vida, prosperidade e saúde) à procura de um divertimento e não encontrei nenhum.»

Djadjaemankh respondeu-lhe: «Que a tua majestade se dirija ao lago do palácio (vida, prosperidade e saúde). Equipa uma barca com todas as belas raparigas do teu palácio. O coração da tua majestade divertir-se-á ao vê-las remar para baixo e para cima. E enquanto tu contemplas os belos recantos do teu lago e vês os seus campos e as suas belas margens, o teu coração ficará satisfeito.»

(Disse sua majestade:) «Está bem, vou organizar um passeio náutico. Que me sejam trazidos vinte remos de madeira de ébano cobertos de ouro, com as pegas de madeira de sândalo coberta de electrum. Tragam-me vinte mulheres belas de corpo, de seios firmes e cabelos entrançados, e que ainda não tenham dado à luz. Tragam-me também vinte redes para que essas mulheres as usem em lugar dos seus vestidos.» E tudo foi feito de acordo com as ordens de sua majestade.

Então elas remaram descendo e subindo, enquanto o coração de sua majestade estava feliz ao vê-las remar. Mas a que estava no remo da popa pôs-se a ajeitar o cabelo, e um enfeite de turquesa nova em forma de peixe caiu à água. Então ela parou logo de remar e as outras mulheres pararam também de remar.

Sua majestade disse: «Porque é que pararam de remar?» Elas responderam-lhe: «A nossa remadora da popa parou de remar.» Sua majestade

disse-lhe: «Porque é que não remas mais?» E ela respondeu: «Porque o enfeite de turquesa nova em forma de peixe caiu à água.» Então sua majestade perguntou-lhe: «Queres que eu te dê outro?» Ela respondeu: «Prefiro o meu objecto do que outro parecido.»

Então sua majestade disse: «Vão e tragam-me o sacerdote leitor chefe Djadjaemankh.» E ele foi-lhe rapidamente trazido.

E então sua majestade disse: «Djadjaemankh, meu irmão, fiz como tu disseste e o coração da minha majestade alegrou-se vendo-as remar. Mas um enfeite de turquesa nova em forma de peixe da chefe das remadoras caiu à água, e ela parou de remar, lançando a confusão entre as outras, que pararam também de remar. Eu perguntei-lhe: ‘Porque é que paraste de remar?’ E ela respondeu-me: ‘Porque o meu enfeite de turquesa nova em forma de peixe caiu à água.’ Eu disse-lhe: ‘Rema, que eu dou-te um outro novo.’ Mas ela respondeu-me: ‘Prefiro o meu objecto do que outro parecido.’»

Então o sacerdote leitor chefe Djadjaemankh pronunciou algumas palavras mágicas e pousou uma metade das águas do lago sobre a outra. Encontrou o enfeite em forma de peixe em cima de uma concha, apanhou-o e entregou-o à sua dona.

Ora a água, que tinha doze côvados de profundidade, estava então com vinte e quatro devido à sobreposição feita com as águas. Então ele pronunciou as suas palavras mágicas e tornou a colocar as águas do lago no seu lugar.

E sua majestade passou todo o dia festejando com todo o palácio (vida, prosperidade e saúde). Depois recompensou o sacerdote leitor chefe Djadjaemankh com todas as coisas boas.

«Eis um prodígio que aconteceu no tempo de teu pai, o rei do Alto e do Baixo Egipto Seneferu, justo de voz, realizado pelo sacerdote leitor chefe e escriba dos registos Djadjaemankh» (disse Bauefré).

Então a majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Khufu, justo de voz, disse: «Que sejam oferecidos mil pães, cem jarros de cerveja, um boi e duas medidas de incenso à majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Seneferu, justo de voz. E que seja oferecido um bolo, um jarro de cerveja e uma medida de incenso ao sacerdote leitor chefe e escriba dos registos Djadjaemankh, porque eu vi uma prova da sua sabedoria.»

E tudo foi feito de acordo com o que sua majestade tinha ordenado.

KHUFU E O MAGO DJEDI

Eis que o príncipe Djedefhor levantou-se para falar: «Até agora, a tua majestade só ouviu histórias sobre prodígios efectuados por homens sábios de outros tempos. É impossível saber se essas histórias são verdadeiras ou falsas. Mas o que se poderá dizer sobre os feitos de um homem deste tempo que a tua majestade não conhece?»

E sua majestade disse: «Que feitos são esses, meu filho?»

Respondeu o príncipe Djedefhor: «Existe um homem chamado Djedi que mora em Djedseneferu, justo de voz. Tem cento e dez anos de idade, come quinhentos pães, um quarto dianteiro de um boi e bebe cem jarros de cerveja, e sabe recolocar uma cabeça separada do corpo, fazer um leão caminhar calmamente sem trela atrás dele e ainda sabe o número das câmaras secretas do santuário de Tot.»

Ora a majestade do rei Khufu, justo de voz, sempre quisera saber o número dessas câmaras secretas do santuário de Tot, a fim de reproduzi-las no seu horizonte (túmulo). Então sua majestade disse: «Tu próprio, Djedefhor, meu filho, traz Djedi à minha presença.»

Foram preparados barcos para o príncipe Djedefhor e ele viajou para sul, rumo a Djedseneferu, justo de voz. Quando os barcos chegaram à margem, ele seguiu pela estrada sentado numa liteira com varais de madeira cobertos por folha de ouro.

Quando chegou a casa de Djedi, a liteira foi baixada para o chão. Então Djedefhor levantou-se para saudar Djedi, que estava deitado sobre uma esteira à entrada de casa. Um servidor cobria-lhe a cabeça com unguento, enquanto outro lhe massajava os pés.

Então o príncipe Djedefhor disse: «O teu estado é semelhante ao de um homem que ainda não atingiu a velhice, se bem que na realidade estejas já envelhecido, perto do momento da morte e do enterro. Estás no estado de um homem que dorme de noite sem problemas, que não tem doenças nem acessos de tosse.» — É assim que se saúda uma pessoa venerável.

(E Djedefhor disse:) «Vim aqui para te chamar, da parte de meu pai Khufu, justo de voz. Comerás belos manjares dados pelo rei a quem o serve, e ele far-te-á, depois de uma vida feliz, um belo sepultamento junto a teus pais, que estão na necrópole.»

Então Djedi respondeu: «Em paz, em paz, Djedefhor, filho real amado de seu pai! Que te recompense o teu pai Khufu, justo de voz. Que ele te promova entre os anciãos. Possa o teu *ka* lutar contra o teu inimigo e possa o teu

ba conhecer os caminhos que te levam à porta de Hebesbag.» — É assim que se saúda um filho de rei.

Então o príncipe Djedefhor estendeu-lhe os braços e ajudou Djedi a erguer-se, caminhando com ele de mão dada até à margem. Em seguida, Djedi disse: «Faz com que me cedam uma barca, para que eu possa levar os meus filhos e os meus rolos de papiro.»

Duas barcas com a sua equipagem foram então colocadas à disposição de Djedi, o qual embarcou no barco onde seguia o príncipe Djedefhor, rumo a norte. Quando chegaram à corte, o príncipe Djedefhor entrou antes para pôr ao corrente a majestade do rei do Alto e do Baixo Egípto Khufu, justo de voz.

Então o príncipe Djedefhor disse: «Soberano, vida, prosperidade e saúde, meu senhor, trouxe comigo Djedi.»

Sua majestade respondeu: «Vai e trá-lo à minha presença.»

Depois, sua majestade entrou na grande sala do palácio (vida, prosperidade e saúde), e Djedi foi introduzido lá.

Perguntou sua majestade: «Como foi que até ao presente eu nunca te vi, Djedi?»

Respondeu Djedi: «Só quem é chamado é que vem, soberano, vida, prosperidade e saúde, agora fui chamado e vim.»

E perguntou sua majestade: «É verdade, segundo o que se conta, que podes juntar ao corpo uma cabeça cortada?»

Djedi respondeu: «Sim, sei fazer isso, soberano, vida, prosperidade e saúde, meu senhor.»

Então sua majestade disse: «Tragam-me o prisioneiro que está na prisão para ser executado.»

Mas Djedi respondeu: «Não, um ser humano não, soberano, vida, prosperidade e saúde, meu senhor, porque é proibido fazer semelhante coisa ao gado sagrado (de deus).»

Então trouxeram-lhe um ganso a quem tinham cortado a cabeça, colocando-se o ganso no canto oeste da grande sala e a cabeça no lado leste da grande sala. Então Djedi pronunciou algumas palavras mágicas, e o ganso ergueu-se, cambaleando, e a cabeça fez o mesmo. Quando as duas partes se juntaram, o ganso levantou-se, grasnando. Depois ele fez o mesmo com outro ganso. E sua majestade mandou que lhe trouxessem um boi cuja cabeça tinha sido cortada. Djedi pronunciou algumas palavras mágicas, e o boi ergueu-se perante ele.

E disse Khufu, justo de voz: «Diz-se também que sabes o número de câmaras secretas que há no santuário de Tot?»

Djedi respondeu: «Permita-me a tua majestade dizer que o número não sei, soberano, vida, prosperidade e saúde, meu senhor, mas sei onde pode ser encontrado.»

Sua majestade disse: «Onde está?»

Djedi respondeu: «Num cofre de pedra que está numa câmara do templo de Heliópolis, chamada câmara do inventário.»

E sua majestade disse: «Vai então buscá-lo para mim.»

Djedi respondeu: «Soberano, vida, prosperidade e saúde, meu senhor, não posso trazê-lo.»

E sua majestade perguntou: «Então quem mo poderá trazer?»

Djedi respondeu: «Isso tem de ser feito pelo mais velho dos três filhos que estão no ventre de Reddjedet.»

E sua majestade disse: «Então que se faça isso. Mas afinal quem é essa Reddjedet?»

Djedi respondeu: «É a esposa de um sacerdote de Ré, senhor de Sakhebu, que está grávida de três crianças de Ré, senhor de Sakhebu. O deus disse que eles exerceriam essa função benéfica de rei em toda esta terra e que o primogênito deles seria o grande dos videntes em Heliópolis.»

Ao ouvir isso, o coração de sua majestade caiu na tristeza, mas Djedi disse-lhe: «Mas o que é essa tristeza, soberano, vida, prosperidade e saúde, meu senhor? É por causa das três crianças que mencionei? Nota que tu, depois o teu filho e depois o filho dele reinarão antes do primeiro dos filhos (de Reddjedet).»

Então sua majestade perguntou: «Quando é que Reddjedet dará à luz?»

Djedi respondeu: «No décimo quinto dia do primeiro mês de Peret.»

E sua majestade disse: «Ora é justamente nessa altura que os bancos de areia do canal dos Dois Peixes ficam a descoberto, servidor. Já passei por lá de barco para ver o templo de Ré, senhor de Sakhebu.»

E Djedi respondeu: «Pois bem, farei com que haja quatro côvados de água sobre os bancos de areia do canal dos Dois Peixes.»

Então sua majestade entrou no seu palácio e disse: «Que Djedi entre na casa do príncipe Djedefhor e que viva com ele. Que lhe sejam asseguradas provisões de mil pães, cem jarros de cerveja, um boi e cem vegetais.»

E tudo foi feito de acordo com o que sua majestade tinha ordenado.

O NASCIMENTO DOS PRÍNCIPES

Aconteceu que nessa época Reddjedet começou a sentir as dores de parto e a sua gravidez era complicada. Então a majestade de Ré, senhor de Sakhebu, disse a Ísis, Néftis, Meskhenet, Heket e Khnum: «Vão ajudar a nascer as três crianças que estão no ventre de Reddjedet. Os três filhos dela exercerão essa função benfazeja como reis deste país. Eles construirão os vossos templos, encherão os vossos altares, fornecerão as vossas libações e tornarão as vossas oferendas abundantes.»

As quatro deusas disfarçaram-se de dançarinas e músicas e partiram em companhia de Khnum, o qual transportava a bagagem delas. Quando chegaram à casa, encontraram o marido de Reddjedet, chamado Rauser, em grande aflição, com o saiote em desalinho.

Elas apresentaram-lhe os seus colares e os sistros, e ele disse-lhes: «Minhas senhoras, vede, é a dama que está com as dores do parto e está em dificuldades.»

Então elas disseram: «Deixa-nos vê-la, nós sabemos como fazer um parto.»

Ele disse a elas: «Vinde!»

Então elas entraram e foram para junto de Reddjedet, após o que fecharam a porta. Ísis colocou-se diante dela, Néftis atrás dela, e Heket acelerou o nascimento. E Ísis disse: «Não sejas demasiado poderoso no seu seio, no teu nome de Poderoso.»

A criança deslizou então para as suas mãos. Era um rapaz com um côvado e com ossos sólidos, tinha os membros incrustados de ouro e usava uma cobertura de cabeça de lápis-lazúli verdadeiro. Elas lavaram-no e cortaram o seu cordão umbilical, que foi colocado sobre uma almofada. Depois aproximou-se Meskhenet e disse: «É um rei que exercerá a realeza em todo o país.» Entretanto, Khnum deu saúde ao seu corpo.

De novo, Ísis colocou-se diante dela, Néftis atrás dela, e Heket acelerou o nascimento. E Ísis disse: «Não demores no seu seio, no teu nome de Demorado.»

A criança deslizou então para as suas mãos. Era um rapaz com um côvado e com ossos sólidos, tinha os membros incrustados de ouro e usava uma cobertura de cabeça de lápis-lazúli verdadeiro. Elas lavaram-no e cortaram o seu cordão umbilical, que foi colocado sobre uma almofada. Depois aproximou-se Meskhenet e disse: «É um rei que exercerá a realeza em todo o país.» Entretanto, Khnum deu saúde ao seu corpo.

De novo, Ísis colocou-se diante dela, Néftis atrás dela, e Heket acelerou o nascimento. E Ísis disse: «Não estejas tão escuro no seu seio, no teu nome de Escuro.»

A criança deslizou então para as suas mãos. Era um rapaz com um côvado e com ossos sólidos, tinha os membros incrustados de ouro e usava uma cobertura de cabeça de lápis-lazúli verdadeiro. Elas lavaram-no e cortaram o seu cordão umbilical, que foi colocado sobre uma almofada. Depois aproximou-se Meskhenet e disse: «É um rei que exercerá a realeza em todo o país.» Entretanto, Khnum deu saúde ao seu corpo.

Após terem ajudado Reddjetet a ter os seus três filhos, as deusas saíram dizendo: «Rejubila Rauser, nasceram os três filhos.» E ele respondeu: «Minhas senhoras, o que posso fazer por vós? Entregai este saco de cevada ao vosso transportador de bagagem, que servirá como vosso pagamento.»

Khnum levou consigo o saco de cevada e as deusas foram para o local de onde tinham vindo. Ísis disse então às divindades: «Afinal acabámos por não fazer para essas crianças um prodígio que possamos anunciar a seu pai (o deus Ré, senhor de Sakhebu) que nos enviou.»

Elas fabricaram então três diademas reais (vida, prosperidade e saúde), e colocaram os diademas dentro do saco de cevada. Em seguida fizeram com que o céu aparecesse tempestuoso e com chuva e voltaram à casa. Aí elas disseram: «Vamos colocar aqui o saco, num quarto selado, até que regressemos de fazer a nossa dança no Norte.»

O saco de cevada foi então colocado num quarto selado.

Depois, Reddjetet purificou-se com uma purificação de catorze dias, e no fim disse à sua serva: «A casa está abastecida?»

E ela respondeu: «Está de facto abastecida com todas as coisas boas excepto em jarros com grão (de cevada), porque eles ainda não nos foram trazidos.»

Reddjetet disse: «E porque é que não nos trouxeram os jarros?»

A serva continuou: «Não temos nada com que fazer a cerveja, salvo o saco de cevada pertencente às dançarinas e que foi deixado no quarto com o selo delas.»

Reddjetet disse: «Vai lá e traz-me essa cevada, depois Rauser devolverá o equivalente quando regressar.»

A serva foi e abriu a porta do quarto. Nessa altura ouviu o som de cantos, música e dança, de aclamações e toda a espécie de ruído que se costuma fazer para um rei. Ela voltou atrás para contar a Reddjetet tudo o que tinha ouvido, que então foi até ao quarto sem ouvir nada. Encostou a cabeça ao saco e notou que o som vinha do seu interior. Então colocou o saco numa caixa que

depois meteu dentro de outra maior, que foi atada com uma tira de couro. Meteu tudo dentro de um quarto onde estavam os seus bens e selou-o.

Quando Rauser voltou, regressando do campo, Reddjedet contou-lhe tudo o que se tinha passado. Ele ficou muito contente e depois fizeram um dia feliz.

Passados alguns dias, Reddjedet zangou-se com a serva e fez com que a castigassem com uma tarefa. Então a serva disse às pessoas que estavam na casa: «Mas será que ela me pode fazer isto? Ela deu ao mundo três reis e eu vou dizer à majestade do rei do Alto e do Baixo Egípto Khufu, justo de voz.»

Ela saiu e encontrou o seu irmão mais velho que estava a trabalhar na eira. Ele perguntou-lhe: «O que fazes, pequena?»

Então ela contou-lhe a história, e o seu irmão disse: «Isso é coisa que se faça, vires com essas coisas para mim, como se eu me devesse meter nessa denúncia?»

Eis que ele agarrou numa vara para lhe bater e deu-lhe um golpe. Em seguida a serva foi ao rio para buscar água e veio um crocodilo e levou-a.

O seu irmão foi então contar tudo a Reddjedet, que estava desesperada, com a cabeça sobre os joelhos, o coração entristecido. Ele disse-lhe: «Minha senhora, porque estás tão triste?»

Ela respondeu: «Essa pequena que estava na casa saiu com a ameaça de me ir denunciar.»

Então ele baixou a cabeça e disse: «Minha senhora, de facto ela veio contar-me essa história quando passou junto a mim. Nessa altura dei-lhe uma chibatada. Depois ela foi buscar água ao rio e um crocodilo levou-a.»

«A estela poética de Turmés III», in *A Guerra na Antiguidade, vol. II*.
 Tradução de Luís Manuel de Araújo. [c. 1479-1425 a.C.] 2006. Lisboa:
 Caleidoscópio, Centro de História da Universidade de Lisboa. 89-133.*

Palavras ditas por Amon-Ré, senhor dos tronos das Duas Terras:
 Vens até mim com alegria ao ver a minha beleza.
 Meu filho, meu vingador, Menkheperré, que vive eternamente!
 Eu resplandeço pelo teu amor, o meu coração exulta
 Com a tua boa vinda ao meu templo.
 As minhas mãos envolvem o teu corpo com a protecção da vida.
 Quão agradável é o teu encanto contra o meu peito!
 Coloquei-te no meu santuário e fiz maravilhas para ti.
 Dei-te valor e fiz-te vitorioso em todas as terras.
 Eu impus o temor a ti até aos quatro pilares do céu.
 Eu aumentei o teu domínio sobre todos os corpos,
 Fiz a fama da tua pessoa atravessar os Nove Arcos.
 Os príncipes de todas as terras estão sob o teu jugo
 Eu estendi as minhas próprias mãos e dei-as a ti.
 Eu agrilhoei os arqueiros da Núbia às dezenas de milhar,
 Os do Norte foram capturados às centenas de milhar.
 Fiz os teus inimigos sucumbir a teus pés,
 Para que esmagasses os rebeldes e os traidores.
 Eu dei-te a terra, em todo o comprimento e largura,
 Ocidentais e orientais estão sob o teu comando.

Caminhas sobre todas as terras estrangeiras de coração alegre,
 Ninguém se pode aproximar da tua majestade,
 Tu, comigo como teu guia, alcanças tudo.
 Atravessaste as águas do Eufrates em Naharina,
 Ordenado por mim, com força e vitória,
 Ao ouvir o teu grito de guerra, eles escondiam-se em buracos.

* Tradução do texto contido na estela poética de Tutmés III (c. 1479-1425 a.C.), redigido na sequência da vitória obtida pelo faraó na batalha de Meguido, no ano 23 do seu reinado, sobre uma coligação de cidades cananaicas que se opunham ao avanço egípcio na Síria-Palestina (Retenu e Djahi em egípcio).

Eu retirei às suas narinas o sopro da vida,
E fiz os seus corações encher-se de medo de ti.
A minha serpente na tua fronte consumiu-os,
Ela fez dos malvados as suas presas.
Engoliu com a sua chama os das terras baixas,
Cortou cabeças asiáticas, nenhuma escapou,
Os inimigos vergavam-se perante o seu poder.
Deixei o teu poder percorrer todas as terras,
O diadema brilhante protegeu-te.
Em todo o espaço envolvido pelo céu, ninguém te desafia.
Eles vieram carregando o seu tributo às costas,
Curvados perante a tua majestade, como eu ordenei.
Eu torno fracos os inimigos que investem contra ti,
Faço os seus corações arder, o seu corpo tremer.

Eu vim para te fazer esmagar os chefes de Djahi,
estendi-os sob os teus pés nas suas terras;
Eu fiz com que eles vissem a tua majestade como senhor da luz,
para que brilhes diante deles tal como eu.

Eu vim para te fazer esmagar os povos da Ásia,
para esmagares as cabeças aos Asiáticos do Retenu;
Eu fiz com que eles vissem a tua majestade com a tua armadura,
quando tu empunhas as tuas armas sobre o teu carro.

Eu vim para te fazer esmagar as terras orientais,
para dominar os habitantes da terra do deus;
Eu fiz com que eles vissem a tua majestade como uma estrela cadente,
que espalha fogo e luz com as suas chamas.

Eu vim para te fazer esmagar as terras ocidentais,
Keftiu e Isi estão curvados perante ti;
Eu fiz com que eles vissem a tua majestade como um touro jovem,
de coração firme, chifres afiados e invencível.

Eu vim para te fazer esmagar os povos das terras baixas,
as regiões do Mitanni estremecem com medo de ti;
Eu fiz com que eles vissem a tua majestade como um crocodilo,
senhor do terror nas águas, de quem ninguém se aproxima

Eu vim para te fazer esmagar os povos das ilhas,
o povo do Grande Verde ouviu o teu grito de guerra;
Eu fiz com que eles vissem a tua majestade como o vingador,
que aparece em glória erguido sobre o dorso da sua vítima.

Eu vim para te fazer esmagar os Tjehenu,
as ilhas dos Utjentiú estão sob o teu poder;
Eu fiz com que eles vissem a tua majestade como um temível leão,
enquanto fazes deles cadáveres nos seus vales.

Eu vim para te fazer esmagar os limites da terra,
o que o oceano rodeia está guardado no teu punho;
Eu fiz com que eles vissem a tua majestade como um falcão,
que se apodera de tudo o que avista e deseja.

Eu vim para te fazer esmagar os povos da fronteira,
para capturar esses que andam sobre a areia;
Eu fiz com que eles vissem a tua majestade como o canídeo do Sul,
o corredor veloz, percorrendo as Duas Terras.

Eu vim para te fazer esmagar os Núbios;
eles estão sob o teu poder até à região de Chat;
Eu fiz com que eles vissem a tua majestade como os teus Dois Irmãos,
cujas mãos juntei para ti como sinal de vitória.

Eu coloquei as tuas irmãs atrás de ti para te guardar,
Os braços da minha majestade estão erguidos para afastar o mal,
Eu dou-te protecção, meu filho, meu amado,
Hórus, touro poderoso que se ergue em Tebas,
Que eu gerei no meu corpo divino, Tutmés, que vive eternamente,
Que faz por mim tudo o que o meu *kz* deseja.
Construíste o meu templo como obra para a eternidade,
Tornaste-o mais largo e mais comprido do que era,
Com o seu grande portão [chamado] «Menkheperré festeja Amon-Ré»
Os teus monumentos ultrapassam os dos reis anteriores.
Eu ordenei que os fizesses e estou satisfeito com eles.
Eu coloquei-te no trono de Hórus de milhões de anos,
Para que possas guiar os vivos para sempre.

«Hino a Aton», in *Dicionário do Antigo Egipto*. Tradução de Luís Manuel de Araújo. 2001. Lisboa: Caminho. 122-125.*

Adoração de Ré-Horakhti, que rejubila no horizonte, no seu nome de Chu que está em Aton, vivendo eternamente, do grande Aton vivo que está em júbilo, senhor de tudo o que o disco solar envolve, senhor do céu, senhor da terra, senhor da casa de Aton em Akhenaton.

[Adoração do] rei do Alto e do Baixo Egito, que vive em *maet*, senhor das Duas Terras, Neferkheperuré-uaenré, filho de Ré, o que vive em *maet*, senhor das coroas, Akhenaton, que viva eternamente.

[Adoração] da grande esposa real, sua amada, senhora das Duas Terras, Neferneferuaton Nefertiti, que viva saudável e jovem eternamente, [pelo] vizir e flabelífero à direita do rei, Ai. Diz ele:

Apareces belo no horizonte do céu,
ó Aton vivo, criador da vida!

Quando te ergueste no horizonte oriental,
encheste toda a terra com a tua beleza.

És gracioso, grande, resplandecente
e estás muito acima de todas as terras.

Os teus raios iluminam as terras
até ao limite de tudo o que criaste.

És como Ré, chegas ao limite de todos os países,
que unes para o teu filho que amas.

Embora estejas longe, os teus raios chegam à terra.

Embora todos te vejam, ninguém conhece o teu percurso.

* Neste hino, que reflecte, em grande medida, o espírito cosmopolita e humanista da XVIII dinastia, em que todos os seres humanos se apresentam como criaturas do deus solar, é exaltado o brilhante e cálido poder criador de Aton, tendo sido composto, aparentemente, pelo próprio faraó Akhenaton, limitando-se o cortesão Ai a fazer no texto original pequenas adaptações para o inscrever numa das paredes do seu túmulo em Amarna-Akhenaton. Note-se que, tal como nos hinos a Amon e a outros grandes deuses do Egipto, também Aton é chamado de «único», num henoteísmo exacerbado que alguns tomam, erradamente, por monoteísmo.

Quando desapareces no horizonte ocidental,
 a terra fica na escuridão, como morta.
 Os homens dormem nos seus quartos, com a cabeça tapada.
 Ninguém vê os olhos do outro.
 Podem roubar todos os bens
 guardados debaixo das suas cabeças,
 que eles não darão por nada!
 Todos os leões saem das suas cavernas,
 todas as serpentes mordem.
 A escuridão é um manto, e a terra está em silêncio,
 porque o seu criador repousa no horizonte.

Mas na aurora, quando te ergues no horizonte,
 quando brilhas como disco solar durante o dia,
 afastas a escuridão e lanças os teus raios.
 Então as Duas Terras ficam em festa,
 acordadas e erguidas sobre os seus pés,
 porque tu as fizeste levantar.
 Lavam os seus corpos e vestem as suas roupas.
 Os seus braços erguidos adoram o
 teu aparecimento.
 Todas as pessoas vão trabalhar.
 Todos os animais se alegram nas suas pastagens.
 As árvores e as plantas florescem.
 Os pássaros voam dos seus ninhos
 e as suas asas abertas adoram o teu *ka*.
 Todos os animais saltitam,
 e tudo o que voa e tudo o que anda sobre patas
 vive quando te ergues para eles.
 Os barcos rumam para norte e para sul,
 porque os caminhos se abrem quando apareces.
 Os peixes no rio movem-se na tua direção,
 porque os teus raios chegam ao fundo das águas.

És tu que amadureces a semente na mulher,
 que produzes o sémen no homem,
 que dás vida ao filho no ventre da mãe
 e o acalmas para não chorar mais.
 Tu és a ama no ventre materno,

que dás a respiração para fazer viver tudo o que crias.
Quando a criança sai do ventre para respirar,
no dia do seu nascimento,
abres-lhe a sua boca e cuidas do seu sustento.
Quando o pintainho no ovo já pia dentro da casca,
dás-lhe a respiração lá dentro para o manter vivo.
Quando lhe dás força para partir o ovo,
ele sai do ovo e pia quando é chegado o tempo,
e corre nas suas patinhas, mal saído da casca.

Quão numerosas são as tuas obras
e quão escondidas do entendimento do homem.
Ó deus único, fora do qual não há nenhum!
Criaste a terra, de acordo com o teu desejo, só tu,
com homens, gado e animais selvagens,
com tudo o que na terra existe e anda sobre pés,
com tudo o que há no ar e voa com as suas asas,
os países da Síria e da Núbia, a terra do Egito.
Pões cada um no seu lugar e cuidas do seu sustento.
Cada um tem o seu alimento,
e o seu tempo de vida está fixado.
As suas línguas são diferentes
e as suas características também.
As suas cores de pele são distintas,
porque tu distingues os povos.

Criaste o Nilo no abismo.
Faze-lo surgir segundo o teu desejo,
para dar vida aos homens do Egito,
uma vez que os criaste para ti próprio.
Senhor de todos eles, que cuidas deles,
senhor de todas as terras, que brilhas para elas.
Senhor do dia, grande em glória!
Dás também a vida a todos os países distantes,
pois fizeste um Nilo no céu
que desce para eles como chuva
e cria torrentes nos montes como um mar,
para regar os seus campos e as suas cidades.
Quão perfeitos são os teus planos, ó senhor da eternidade!

O Nilo do céu é para os povos estrangeiros
e para todos os animais que andam sobre patas.
Para o Egito vem o verdadeiro Nilo do abismo.

Os teus raios alimentam todos os campos,
quando brilhas, eles vivem e crescem para ti.
Fizeste as estações do ano
para que se desenvolva tudo o que criaste.
O inverno, para refrescá-los,
e o calor, para que eles te possam saborear.
Fizeste o céu distante para nele te ergueres
e para veres tudo o que criaste.
Quando estás só, brilhando
na tua forma de Aton vivo,
aparecendo radiante, distante ou próximo,
fazes milhões de formas a partir de ti próprio.
Cidades, povoados, campos, o curso do rio,
Todos os olhos te veem lá em cima,
pois tu és Aton do dia sobre a terra.
Mesmo depois de te teres posto,
permaneces no meu coração.
Não há outro que te conheça,
a não ser o teu filho Neferkheperuré-uaenré.
Fizeste com que ele fosse instruído
nos teus caminhos e no teu poder.
O mundo surgiu pela tua mão, como tu o criaste.
Quando te ergues, eles vivem;
quando te pões no horizonte, eles morrem.
És a própria duração da vida,
porque só se vive através de ti.
Todos os olhos fixam a tua beleza, até te pores.
Todo o trabalho acaba quando desces no Ocidente,
e quando nasces de novo, tudo floresce para o rei.

Tudo se move desde que criaste a terra
e a ergueste para o teu filho, que saiu do teu corpo,
o rei que vive pela *maet*, senhor das Duas Terras,
Neferkheperuré-uaenré,
o filho de Ré que vive pela *maet*, senhor das coroas,

Akhenaton, grande no seu tempo de vida,
e a grande esposa real, que ele ama,
senhora das Duas Terras,
Neferneferuaton Nefertiti, que viva para sempre.

«As lamentações de Khakheperréseneb», in *Textos da Literatura Egípcia do Império Médio. Textos hieroglíficos, transliterações e traduções comentadas*. Tradução de Telo Ferreira Canhão. 2014. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 743-775.*

Colecção de palavras, conjunto de conhecimentos,
 resultado da investigação numa forma habilidosa de discurso,
 realizada pelo sacerdote de Iunu,
 o filho de Seni, Khakheperréseneb chamado Ankhu,
 ele diz:
 «Possa eu ter palavras desconhecidas,
 frases estranhas
 com palavras novas que nunca tenham sido pronunciadas,
 sem quaisquer repetições,
 um discurso nunca transmitido de viva voz
 proferido pelos antepassados.
 Eu faço sair do meu corpo o que está nele,
 em ruptura com todo o (homem) que tenha falado,
 porque o que foi dito pode ser repetido.

* Este texto é uma introspecção: um sacerdote de Heliópolis, Khakheperréseneb, fala consigo próprio, com o seu coração, isto é, com a sua consciência. Iniciando o discurso com uma demonstração de satisfação pela qualidade e ineditismo do seu discurso, saudoso de tempos passados, interroga o seu coração e pede-lhe para que seja corajoso face ao novo mundo que os rodeia. É a subversão da ideia monolítica de permanente retorno à «primeira vez», percepcionando-se uma ruptura com a ordem tradicional em nome de um novo conceito de história, que se manifesta expressamente nas linhas 2 e 3 do verso: «aquele que dava ordens é um dos que recebe ordens.» Esta inversão é recorrente em parte dos textos do Império Médio, como por exemplo no *Conto do Camponês Eloquente*, no *Diálogo de um Desesperado com o seu Ba*, em *As Admoestações de Ipu-uer* ou em *As Profecias de Neferti*. Há a descrição de uma terra em desordem e de tempos conturbados, que fazem lembrar o Primeiro Período Intermediário, com a particularidade de serem a visão de alguém que hoje poderíamos apelidar de «revolucionário». Graças à resistência do seu coração, isto é, à sua força de vontade, passou por uma série de provações, partilhando com ele, o seu único e verdadeiro amigo sem restrições, o sofrimento. Daí o epíteto de «Aquele que vive», por ter sobrevivido a tanto mal-estar. Como o próprio Khakheperréseneb diz, foi espectador de tempos difíceis e, com base nessa experiência, descreve uma sociedade que ao trocar *maat* por *isefet* entrou num estado catastrófico. Não é uma perspectiva pessoal mas colectiva, conforme nos apercebemos pelas várias referências a todo o país. Infelizmente, fica a ideia de que apenas nos chegou parte de um texto mais completo que, embora pretenda apresentar-se simplesmente como um trabalho literário, sem qualquer intenção política, tinha um auditório, o que permite supor ter sido um texto destinado a audiências reais com fins doutrinários.

E o que foi dito foi (bem) dito!
Não há nenhum exagero nas palavras dos antepassados
e o que está nelas é apreciado pelos seus sucessores.
Aquele que está a falar não deve falar para falar aquele que deverá falar
a fim de que um outro possa encontrar de que falar.
Não um contador de histórias depois delas acontecerem,
porque isso já foi há muito tempo.
Não um contador do que deverá ser dito,
(isso) é procurar o sofrimento,
é mentir,
(e assim) ninguém lembrará o seu nome a outros.
Eu disse isto de acordo com o que vi,
desde a primeira geração até às que virão depois.
Elas devem imitar o passado.
Se só eu souber o que outros ignoram,
o que é silenciado não é repetido.
Então eu digo-o e o meu coração responder-me-á.
Eu elucidá-lo-ei em relação ao meu sofrimento,
a fim de transferir para ele a pesada carga que trago às costas,
Falarei da minha dor,
Exprimir-lhe-ei o meu sofrimento na sua dependência
e direi 'ah!' com entusiasmo.

Segundo mês de Chemu, dia 28.

Sou eu quem pensa no que aconteceu,
nas coisas que ocorreram em toda a parte da terra.
Aconteceram transformações.
As semelhanças com o ano anterior já não existem.
Cada ano é mais opressivo do que o anterior.
A turbulência da terra aumenta a (sua) destruição,
ela transforma-se num [deserto?].
Maat foi lançada fora;
isefet está no interior da sala do conselho.
Os planos dos deuses são transgredidos;
as suas ordens são negligenciadas.
A terra está na miséria,
há lamentos por todo o lado.
As cidades e as províncias estão desoladas,

toda a gente está submetida de igual modo ao mal.
 Viramos as costas ao respeito,
 os senhores do silêncio estão perturbados.
 Em cada madrugada o sol levanta-se,
 o rosto contrai-se por causa do que aconteceu
 e eu falo contra eles.
 Oprimem os meus braços
 e eu aflijo-me no coração.
 É penoso guardar silêncio a este respeito.
 Um outro coração ficaria prostrado,
 mas o bravo coração que está num lugar de sofrimento
 é irmão do seu senhor.
 Possa eu ter um coração que saiba sofrer!
 Então eu farei dele um lugar de repouso.
 Ele está carregado de lamentações
 e eu afastá-lo-ei do meu sofrimento.»
 Ele diz ao seu coração:
 «Vem, meu coração, que eu falo-te!
 Possas tu responder às minhas palavras,
 possas tu explicar-me o que se passa na terra,
 (onde) os que brilham são derrubados!
 Eu penso no que aconteceu.
 A miséria instalou-se no dia de hoje
 e pela manhã (ainda) não se foi embora.
 Toda a gente está silenciosa quanto a isto.
 A terra inteira encontra-se numa grande agitação.
 Ninguém está vazio de mal.
 Toda a gente faz o mesmo.
 Os corações estão tristes.
 Aquele que dava ordens agora recebe ordens
 e os corações dos dois estão felizes.
 Uma pessoa levanta-se sujeita a isto diariamente
 e os corações não rejeitam isto.
 Os hábitos de ontem são como os de hoje
 porque transgrediram, de facto, muito.
 O rosto (dos homens permanece) imperturbável.
 Não há ninguém que compreenda uma sabedoria,
 nem nenhum homem (suficientemente) zangado
 para falar.

Uma pessoa levanta-se todos os dias para sofrer.
Longa e pesada é a minha doença.
O miserável não tem forças para (se proteger a) si próprio
Ou daquele que é mais poderoso do que ele.
É doloroso (guardar) silêncio em relação ao que se ouve.
É miserável responder a quem é ignorante.
Rejeitar um discurso provoca inimizade.
O coração não aceita a verdade.
Ninguém é tolerante (com) as notícias correntes.
Todo o homem gosta das suas (próprias) palavras.
Cada um fixa-se na (sua) desonestidade.
A rectidão abandonou os discursos.
Eu falo contigo, meu coração, possas tu responder-me!
Um coração agressivo não pode ser silenciado!
Olha, as necessidades do dependente são as mesmas das do senhor!
É muita a carga sobre ti!»

«Conto do camponês eloquente», in *Textos da Literatura Egípcia do Império Médio. Textos hieroglíficos, transliterações e traduções comentadas*. Tradução de Telo Ferreira Canhão. 2014. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 347-507.

APRESENTAÇÃO

Era uma vez um homem que se chamava Khuenanupu.
Era um camponês de Sekhet-Hemat,
cuja mulher se chamava Meret.

O camponês disse à sua mulher:

«Olha! Vou descer ao Egipto
para trazer comida para as minhas crianças.
Vai e pesa-me a cevada
que está no celeiro, o que resta da cevada do último ano.»
Então ele pesou para ela seis alqueires de cevada.

O camponês disse à sua mulher:

«Olha! [tu tens] vinte alqueires de cevada de provisões para ti e para as tuas
crianças.
Faz-me desses seis alqueires de cevada pão e cerveja para os dias em que
estarei de viagem.»

O camponês desceu para o Egipto tendo carregado os seus burros
de juncos, de plantas *redemet*, de natrão, de sal,
de madeira de [...] *tiu*, de varas de Taihu,
de peles de leopardos, de couros de cães selvagens,
de coentros, de pedras *anu*, de plantas *tenem*, de plantas *kheperuer*,
de *sabut*, de *saksut*, de plantas *misut*, de pedras *senet*,
de pedras *abu*, de hortelã, de plantas *inbi*, de pombos,
de pássaros *naru*, de pássaros *ugués*, de feno, de plantas *tebesu*,
de grãos *gengent*, de «cabelos da terra», de grãos *inset*,
uma quantidade de todos os bons produtos de Sekhet Hemat.
O camponês pôs-se a caminho para sul em direcção a Neninesu
e chegou ao distrito de Perfefi, ao norte de Medenit.

Encontrou um homem em pé sobre a margem,
cujo nome era Nemtinakht, filho de um homem chamado Iseri,
um dos dependentes do grande intendente Rensi, filho de Meru.

Então Nemtinakht disse

quando viu os burros do camponês que agradavam ao seu coração:

«Ah! Se eu tivesse algum ídolo

com o qual eu pudesse apropriar-me dos bens deste camponês!»

Ora, a casa de Nemtinakht ficava junto ao caminho ribeirinho que era estreito.

Não era suficientemente largo para exceder a largura de uma peça de estofado: um dos lados ficaria debaixo de água e o outro debaixo da cevada.

Então Nemtinakht disse ao seu dependente:

«Vai e traz-me um bocado de pano de minha casa.»

Ele foi-lhe trazido imediatamente.

Então estendeu-o sobre o caminho ribeirinho, assentando a franja na água e a bainha sobre a cevada.

O camponês circulava num caminho público mas Nemtinakht disse:

«Presta atenção, camponês! Tu não vais caminhar sobre as minhas roupas!»

O camponês respondeu:

«Eu farei o que te agrada, (mas) o meu caminho é bom.»

Então deslocou-se para o lado de cima

e Nemtinakht disse:

«Será que a minha cevada te vai servir de caminho?»

O camponês respondeu:

«O meu caminho é bom. A margem é alta, o caminho está debaixo da cevada e tu obstróis ainda o nosso caminho com as tuas roupas.

Tu não permites que passemos pelo caminho?»

Nesse momento um dos burros encheu a boca com um molho de cevada e Nemtinakht disse:

«Olha! Eu vou ficar com o teu burro, camponês, porque ele comeu a minha cevada!

Vê, ele vai pisar grão por causa da sua ofensa!»

E o camponês respondeu:

«O meu caminho é bom. Estando um lado destruído, levei o meu burro pelo (lado) interdito

e tu toma-lo porque ele encheu a boca com um molho de cevada!

Aliás, eu conheço o senhor deste domínio.

Ele pertence ao grande intendente Rensi, filho de Meru.

E é justamente ele que pune todos os ladrões no país inteiro!

Serei eu espoliado no seu domínio?»

Então Nemtinakht disse:

«É este o provérbio que as pessoas dizem:

‘O nome do pobre só é pronunciado por causa do seu mestre?’

Eu é que falo contigo e é o grande intendente que tu queres evocar!»

Então pegou numa vara de tamargueira verde contra ele

e fustigou-lhe todos os membros com ela.

Apoderou-se dos seus burros que foram introduzidos no seu domínio

e logo o camponês se pôs a chorar muitíssimo pelo mal que lhe tinham feito.

Então Nemtinakht disse:

«Não levantes a tua voz, camponês!

Vê, tu vais em direcção à cidade do senhor do silêncio!»

O camponês respondeu:

«Tu bates-me, roubas os meus bens e tiras-me até o queixume da minha boca!

Ó senhor do silêncio possas tu devolver-me os meus bens

que então eu pararei de chorar para tua terribilidade!»

O camponês vai queixar-se ao grande intendente.

O camponês esperou uma semana inteira apelando a Nemtinakht, mas ele não lhe prestou atenção.

Então o camponês foi para Neninesu

para apelar ao grande intendente Rensi, filho de Meru.

Encontrou-o prestes a sair da porta de casa

para descer até à sua barca oficial.

O camponês disse:

«Ah! Permite-me que te comunique uma questão.

Envia-me o dependente que desejares,

que eu envio-to de volta (informado) sobre ela.»

Assim, o grande intendente Rensi, filho de Meru, fez com que

fosse enviado o seu seguidor predilecto diante dele

e o camponês mandou-o de volta com todos os detalhes da questão.

E logo o grande intendente Rensi, filho de Meru,

denunciou Nemtinakht aos magistrados que estavam com ele.

Eles disseram-lhe:

«Provavelmente é um dos camponeses que veio junto de um outro como ele. Olha, isso é o que eles fazem aos seus camponeses que se dirigem a outros para além deles!

Sim, é o que eles costumam fazer.

É isto razão para que punamos este Nemtinakht por causa de um pouco de natrão e de um pouco de sal?

Ordenemos-lhe que restitua aquilo e ele restituirá.»

O grande intendente Rensi, filho de Meru, ficou em silêncio.

Não respondeu aos magistrados nem ao camponês.

PRIMEIRA PETIÇÃO

Então o camponês veio apelar

ao grande intendente Rensi, filho de Meru, e disse:

«Grande intendente, meu senhor! O maior dos maiores!

Guia de tudo o que existe e de tudo o que não existe!

Se desceres para o Lago da Verdade navegarás nele com uma brisa.

O pano da tua vela não será arrancado;

o teu barco não se irá atrasar;

nenhum acidente afectará o teu mastro;

as tuas vergas não se quebrarão;

não te afundarás quando tocares em terra;

não serás arrastado pelas águas;

não experimentarás a malvadez do rio;

não verás um rosto que tenha medo.

Mas, mudando de direcção, os peixes virão até ti

e tu apanharás o mais gordo dos pássaros.

Porque tu és um pai para o órfão,

um marido para a viúva, um irmão para a mulher divorciada,

o saio de daquele que não tem mãe.

Permite que te faça neste país o nome acima de toda a boa lei:

guia vazio de rapacidade, o mais vazio de vilania;

Aniquilas a mentira e dás existência à verdade!

Vem à voz daquele que apela. Eu falo para que tu entendas:

faz justiça, ó glorioso que glorifica aqueles que são glorificados!

Destrói a minha miséria!

Olha, eu (estou) oprimido pelo [... ...] desgosto!

Vê, eu (estou) debilitado por causa dele!
 Examina-me! Vê, eu (estou) na miséria!»

O grande intendente avisa o rei.

Ora o camponês fazia este discurso
 no tempo da majestade do rei do Alto e do Baixo Egito Nebkauré, justo de
 voz.

E o grande intendente Rensi, filho de Meru,
 foi diante de sua majestade e disse:
 «Meu senhor, encontrei um destes camponeses bom orador na realidade.
 Ele foi despojado dos seus bens por um homem que está ao meu serviço.
 Vê, ele veio suplicar-me sobre esse assunto.»

Então sua majestade disse:

«Se tu desejas ver-me de boa saúde
 deves retê-lo aqui sem responder a nada do que ele possa dizer,
 para que continue a falar.
 Cala-te. Então, que as suas palavras nos sejam trazidas por escrito
 para que possamos ouvi-las.
 Mas assegura o sustento da sua mulher e dos seus filhos!
 Vê, um destes camponeses só vem ao Egito
 (quando) a sua casa está completamente vazia!
 Assegura também o sustento do próprio camponês.
 Tu farás com que lhe sejam dadas provisões,
 mas sem permitir que ele saiba que foste tu quem lhas deu.»
 E assim foram-lhe dados dez pães e dois jarros de cerveja por dia.
 O grande intendente Rensi, filho de Meru, foi quem os deu.
 Ele deu-os a um amigo seu e foi este quem os deu ao camponês.
 Então, o grande intendente Rensi, filho de Meru,
 enviou uma mensagem ao governador de Sekhet-Hemat
 para assegurar a alimentação da mulher do camponês com três galões
 por dia.

SEGUNDA PETIÇÃO

Então o camponês veio apelar-lhe uma segunda vez
 e disse: «Grande intendente, meu senhor!

O maior dos maiores! O mais rico dos ricos!
Aquele em quem os grandes têm alguém que é o maior
e os ricos alguém que é o mais rico!
Leme do céu! Esteio da terra! Fio-de-prumo que suporta pesos!
Leme, não te afastes! Esteio, não te inclines! Fio-de-prumo, não osciles!
Um grande senhor toma (daquele que) não tem senhor
e, por causa disso, pilha alguém isolado enquanto a sua porção está em sua
casa?

Um jarro de cerveja e três pães,
que mais precisas tu de dispensar para saciar os teus dependentes?
Um mortal morre tão bem quanto os seus dependentes!

Serás tu um homem da eternidade?

Tal como a balança de mão inclinar-se e o seu pêndulo desviar-se,
não é errado um homem honesto mudar e desviar-se?
Vê, a justiça escapa debaixo de ti expulsa do seu lugar!
Os magistrados estão a proceder mal.
A qualidade do seu discurso mostra parcialidade: os juízes roubam.
Aquele que apanha com a sua integridade o que é desonesto com as palavras,
faz, portanto, com que ele vacile.
Aquele que deve dar o pão não existe na terra;
aquele que torna as coisas fáceis faz ofegar;
aquele que é mediador torna-se um saqueador;
aquele que deve afastar a necessidade ordena que ela seja criada.
O porto está ele próprio submerso;
aquele que deve castigar o que está errado pratica o mal.»

Então o grande intendente Rensi, filho de Meru, disse:

«Os teus bens são mais importantes para o teu coração
do que o meu dependente ser preso?»

E o camponês respondeu:

«O medidor dos montes de cereais defrauda em seu favor.
Aquele que enche (os celeiros) para outro rouba os seus bens.
Aquele que devia orientar-se segundo as leis comanda o roubo.
Quem, portanto, reprimirá o mal
quando aquele que deve repelir o defeito vacila?
Um (parece) ser justo indo por vias tortuosas,
a calúnia do outro provoca problemas.
Encontras tu (aqui alguma coisa) para ti?»

Corrigir é rápido, o mal dura muito tempo.

Uma boa acção volta ao seu lugar de ontem.

É justamente o preceito:

age para com aquele que age para fazer com que ele aja.

Isto é agradecer a alguém por aquilo que ele faz,

isto é evitar qualquer coisa antes de ela ser lançada,

isto é dar uma instrução a alguém que é mestre artesão.

Oh! Se num instante pudesse trazer a ruína,

destruir a tua rede *rui* de pássaros, diminuir os teus pássaros,

destruir a tua caça de água!

Aquele que via tornou-se cego, aquele que ouvia tornou-se surdo,

aquele que devia guiar tornou-se um falso guia!

(Eu) causei um beru e tu passaste por cima?

Porque ages tu contra ti?

Olha, vê! Tu és forte e poderoso.

O teu braço é activo e o teu coração é ambicioso.

A piedade passou ao teu lado!

Como é miserável o pobre homem que tu destruístes!

Tu pareces um mensageiro de Khenti! Olha, tu superas a senhora da
pestilência!

Se não tens nada, ela não tem nada; se não há nada contra ela, não há nada
contra ti;

se tu não actuares, ela não actual!

O senhor do pão deve ser clemente, a violência é para o criminoso.

Roubar convém àquele que não tem bens quando os bens são roubados pelo
criminoso.

Um mau comportamento daquele que não cumpre não deve ser proclamado
por ele.

Ele procura por si próprio (os seus meios de subsistência).

Mas tu estás saciado com o teu pão e bêbado com a tua cerveja!

Tu és rico e tens todo o tipo de coisas.

O rosto do timoneiro está virado para a frente

e o barco vai à deriva como ele deseja.

O rei está no palácio, o leme está na tua mão

e o mal está instalado à tua volta.

Demorado é o (ofício) do queixoso! Profunda é a divisão!

‘O que é que se passa ali?’, pensarão (as pessoas).

Age como um porto de abrigo! O teu porto está tranquilo,
 (mas) olha, o teu cais está infestado de crocodilos!
 Que a tua língua seja justa e não te enganes.
 Um órgão do homem pode ser a sua ruína!

Não digas mentiras! Vigia os magistrados!
 Um cesto engorda os juízes!
 Dizer mentiras é o seu pasto,
 isso é uma coisa ligeira para o seu coração.
 És o mais sábio de todos os homens
 e simplesmente ignoras os meus problemas?
 Tu que afastas todas as pequenas necessidades de água,
 vê, eu tenho um percurso e estou sem barco!
 Tu que salvas todo aquele que se está a afogar salva o náufrago!
 Defende-me antes que chegues ao teu fim!»

TERCEIRA PETIÇÃO

Então o camponês veio apelar-lhe uma terceira vez
 e disse: «Grande intendente, meu senhor!
 Tu és Ré, senhor do céu, com os teus cortesãos.
 A subsistência de todos os homens vem de ti como a inundação!
 Tu és Hapi que faz reflorescer os prados e fertiliza as terras exaustas.
 Castiga o ladrão, protege do pobre.
 Não te transformes na vaga contra o queixoso!
 Presta atenção, a eternidade aproxima-se!
 Pensa viver muito tempo de acordo com o provérbio:
 respirar pelo nariz é como fazer justiça.
 Pune aquele que deve ser punido e ninguém se aproximará da tua rectidão.
 Errará a balança de mão? A balança de suporte inclinar-se-á para um dos
 lados?
 Será Tot clemente? Se assim for, então tu podes fazer o mal!

Iguala-te a estes três.
 Se os três são clementes, então tu podes ser clemente!
 Não respondas ao bem com o mal.
 Não ponhas uma coisa no lugar da outra.
 O (meu) discurso irá crescer mais do que a planta *senmit*,

mais do que o que é bom para o seu odor.
 Voltar a regar o mal é fazer com que o revestimento (vegetal) cresça.
 Três vezes para fazer com que ele aja.
 Se tu manobrares o leme de acordo com a vela
 a corrente arrasta(-te) para fazer justiça.
 Têm cuidado que encalhas por causa da corda do leme!
 O equilíbrio do país é praticar a justiça.
 Não digas mentiras porque tu és grande.
 Não sejas ligeiro porque tu és (um homem) de peso!
 Não digas mentiras porque tu és a balança (de mão)!
 Não (te) desvies porque tu és a rectidão!
 Vê, tu não fazes senão como uma balança (de mão):
 se ela se inclina, tu também te inclinas!
 Não te desvies quando manobrares o leme!
 Puxa a corda do leme!
 Não roubes quando agires contra o ladrão:
 não há certamente grandeza quando o grande é ganancioso!
 A tua língua é o pêndulo (da balança),
 o teu coração os pesos (da balança),
 os teus lábios são os seus braços.
 Se tu cobrires o teu rosto contra o violento, quem então repelirá o mal?

Vê, tu és como um miserável lavadeiro,
 um ganancioso que prejudica um amigo
 e abandona um dos seus íntimos em favor de um dos seus clientes.
 É seu irmão aquele que vem e lhe traz (presentes).
 Vê, tu és um barqueiro que atravessa todo aquele que paga,
 um justo cuja justiça está despedaçada.
 Vê, tu és como um chefe de armazém
 que não deixa passar o pobre imediatamente.
 Vê, tu és um falcão para o povo,
 vivendo por cima dos pássaros mais fracos.
 Vê, tu és um carniceiro que se alegra com a carnificina,
 a mutilação não é nada para ele.
 Vê, tu és um pastor: então não é mau para mim que tu não saibas avaliar?
 Tu mostras menos respeito do que o crocodilo voraz.
 Os lugares de refúgio faltam nas cidades de todo o país.
 Ouvinte, na verdade tu não escutas!
 Deste modo, porque é que não escutas?

É porque hoje eu reprimi um agressor?
O crocodilo retira-se?
Qual é, portanto, o teu lucro a este respeito?
A secreta verdade será encontrada e fará cair a mentira por terra.
Não faças planos para o amanhã antes de ele chegar!
Ninguém sabe os males que há nele!»

Ora o camponês fazia este discurso
ao grande intendente Rensi, filho de Meru,
à entrada do escritório.
Então (Rensi) fez levantarem-se dois servidores contra ele com chicotes
e fustigarem-lhe todos os membros com eles.

O camponês disse:
«O filho de Meru continua a errar.
O seu rosto está cego perante aquilo que vê, surdo àquilo que ouve,
pouco sensato em relação ao que lhe mencionam.
Olha, tu és como uma cidade sem governador,
como uma companhia sem um chefe,
como um barco sem capitão,
uma associação sem o seu chefe!
Olha, tu és como um polícia que rouba,
um governador que aceita (subornos),
um superintendente de distrito que defende a pilhagem
e se torna o modelo para aquele que agiu (mal).»

QUARTA PETIÇÃO

Então o camponês veio apelar-lhe uma quarta vez.
Encontrou-o prestes a sair da porta do templo de Herichef
e disse: «Ó louvado, possa Herichef louvar-te, porque tu vens da sua casa!
O bem pereceu. Não há adesão a ele. A mentira foi atirada ao chão!
Se a sua barca (já) regressou, como conseguiremos atravessar (o rio)
quando isso é feito de má vontade?
Atravessar o rio sobre as sandálias é fazer uma boa travessia? Não!
Quem é que agora dorme até ao amanhecer?
Estar proibido de caminhar de noite, viajar de dia
e permitir que um homem permaneça de pé por causa do seu caso,

está bem na verdade!

Olha, não serve de nada dizer-te isto:

‘A piedade passou ao teu lado!

Como é miserável o pobre homem que tu destruístes!’

Olha, tu és um caçador que satisfaz o seu desejo,
que está ocupado a fazer (apenas) o que lhe agrada,
que arpoa hipopótamos, trespassa touros selvagens,
pesca peixes e apanha no laço pássaros.

Nenhum discurso rápido está livre de precipitação,
nem há ninguém inteligente que não seja vagaroso em relação aos seus
desejos.

Se fores paciente então conhecerás a verdade!

Controla a tua escolha para o bem daquele que é introduzido humildemente!

Nenhum homem apressado pratica a excelência,
nenhum impaciente produz efeito (com) o braço.

Possam os olhos ver, que o coração será informado!

Não sejas cruel só porque és poderoso, assim o mal não te atingirá!

Passa por cima de um caso e os seus problemas duplicarão.

Aquele que come saboreia;

aquele que foi posto em causa responde;

aquele que dorme sonha.

Quanto ao juiz que merece ser punido,

ele é um modelo para aquele que agiu (mal).

Louco, olha! Tu estás a ser atingido!

Ignorante, olha! Tu estás a ser interrogado!

Despejador de água, olha! Tu estás a encalhar!

Timoneiro, não deixes o teu barco à deriva!

Distribuidor de vida, não (nos) deixes morrer!

Destruidor, não (nos) deixes perecer!

Sombra, não ajas como a luz do sol!

Porto de abrigo, não deixes que o crocodilo (nos) apanhe!

É a quarta vez que apelo para ti!

Vou então passar todo o meu tempo com isto?»

QUINTA PETIÇÃO

Então o camponês veio apelar-lhe uma quinta vez
 e disse: «Grande intendente, meu senhor!
 O pescador *kbudu* está [... ..];
 [... ..] ilude e mata o peixe *ii*;
 o pescador de arpão arpoa o peixe *aubeb*;
 o pescador *djabebu* vai contra os peixes *pakeru*;
 o pescador de rede destrói o rio.
 Olha, nisso tu és como eles!

Não roubes a um pobre os seus bens!
 Ao (homem) fraco que tu conheces!
 Respirar para o miserável são os seus bens;
 aquele que os rouba tapa o seu nariz.
 A razão pela qual foste nomeado foi para ouvir casos,
 para julgar entre as partes, para punir o gatuno.
 (Mas) olha, o que fazes é apoiar o ladrão!
 Tu que devias ser de confiança ages como um transgressor!
 Tu foste colocado como um dique para o necessitado.
 Evita que ele se afogue.
 Olha, tu és o lago que o inunda!»

SEXTA PETIÇÃO

Então o camponês veio apelar-lhe uma sexta vez
 e disse: «Grande intendente, meu senhor!
 O senhor que diminui a mentira faz a verdade aparecer!
 Aquele que cria o bem para toda a gente é o que destrói (o mal)!
 Como a saciedade quando vem acaba com a fome
 e o vestuário acaba com a nudez.
 Como o céu quando acalma depois de uma grande tempestade
 aquece todos aqueles que têm frio.
 Como o fogo cozinha o que está cru.
 Como a água mata a sede.
 Vê por ti próprio:
 aquele que divide é um saqueador;
 o apaziguador cria o sofredor;
 aquele que deve remover os obstáculos é um criador de sofrimento.

Aquele que engana diminui a verdade!
 Prestar boas contas não é com faltas nem com excessos de verdade!
 Se tu adquires (qualquer coisa), então (dá-o) ao teu igual.
 ‘Palrar’, (apenas), é desprovido de seriedade!
 Mas o meu sofrimento conduz-me à separação;
 a minha acusação provoca a partida.
 Não saberemos, na realidade, o que está no coração.
 Não sejas indolente! Age em relação à acusação!
 Se tu divides quem juntará de novo? A vara de sondagem está na tua mão,
 como uma vara que abre (caminho) quando o infortúnio acontece na água!
 Se o barco encalha, então os seus salvados serão destruídos
 e a sua carga ficará no fundo dos bancos de areia.

Tu és instruído, inteligente e completo,
 mas não no que respeita ao roubo!
 Tu devias ser o modelo de todos os homens,
 mas os teus casos oscilam de um lado para o outro!
 A honestidade engana todo o país!
 O jardineiro do mal rega o seu jardim com crimes
 para fazer crescer no seu jardim a mentira,
 para regar de problemas (toda) a propriedade!»

SÉTIMA PETIÇÃO

Então o camponês veio apelar-lhe uma sétima vez
 e disse: «Grande intendente, meu senhor!
 Tu és o leme de toda a terra. A terra navega apenas sob o teu comando!
 Tu és igual a Tot, que julga sem pender para nenhum lado.

Senhor, sê paciente quando um homem te suplica em relação à sua causa
 legítima.

Não te zangues: isso não é para ti!
 Aquele que é prudente tornar-se-á compreensivo:
 não te alegres com o que ainda não chegou,
 nem com o que ainda não aconteceu!
 A indulgência prolonga a amizade destruindo aquilo que aconteceu.
 Ninguém sabe o que está no coração.
 Se a lei é subvertida e a ordem destruída,

nenhum miserável pode viver se for roubado.
A justiça não se dirige a ele.
Além do mais, o meu corpo está cheio:
o meu coração pesado e o que sai do meu corpo é a causa do seu estado!
Tal como a brecha de um dique deixa que se escoem rapidamente as suas
 águas,
também a minha boca se abre para falar!
Então manobrei a minha vara (de conduzir o barco), deitei fora a minha
 água,
despejei o que estava no meu corpo, lavei a minha roupa suja.
O meu discurso está feito. A minha miséria acaba perante ti.
De que mais precisas tu?
A tua indolência faz-te seguir por mau caminho,
a tua rapacidade enganar-te-á, a tua cobiça criar-te-á inimigos.
Mas encontrarás tu outro camponês como eu?
Um preguiçoso mantém um queixoso à entrada de sua casa?

Não há nenhum silencioso que tenhas feito falar,
nenhum adormecido que tenhas acordado,
nenhum deprimido que tenhas animado,
ninguém de boca fechada a quem a tenhas aberto,
nenhum ignorante a quem tenhas feito um sábio,
nenhum tolo a quem tenhas instruído.
Os magistrados devem combater o mal,
eles são os senhores do bem,
os artífices que fazem as coisas serem possíveis,
que voltam a pôr no lugar a cabeça cortada.»

OITAVA PETIÇÃO

Então o camponês veio apelar-lhe uma oitava vez
e disse: «Grande intendente, meu senhor!
Uma grande queda por causa da cobiça.
O rapinante não tem sucesso; o seu sucesso falhou.
Tu és ganancioso: isto não é para ti.
Tu roubas: não é benéfico para ti.

De facto, deixa um homem defender o seu caso, perfeito na realidade.
 A tua porção está em tua casa;
 o teu ventre está cheio;
 a medida de grão transborda.
 Ela transborda e o seu excedente espalha-se pelo chão.
 Ladrão, gatuno, saqueador!
 Os magistrados que foram nomeados para reprimir o mal
 são um refúgio para o agressor!
 Os magistrados foram nomeados para reprimir a mentira!
 Não ter medo de ti faz(-me) apelar para ti!
 Tu não entendes o meu coração!
 O homem silencioso que veio queixar-se a ti não tem medo daquele a quem
 suplica.
 E o seu irmão não te poderá ser trazido da rua!
 As tuas parcelas de terra estão no campo,
 o teu rendimento está na tua propriedade,
 as tuas provisões estão no celeiro.
 Os magistrados estão a dar-te e tu vais aceitando! Serás tu um ladrão?
 Trazem para ti e as tropas estão contigo na divisão das parcelas de terra!

Faz justiça para o senhor da justiça, aquele que tem na verdade a sua justiça!
 Cálamo, rolo de papiro, paleta de Tot, mantém-te afastado do mal!
 A bondade daquele que é bom é boa para ele,
 mas a justiça é para a eternidade:
 ela desce à necrópole com aquele que a cumpre!
 Ele é sepultado e a terra envolve-o,
 (mas) o seu nome não desaparece com ele, sobrevive:
 ele é lembrado por causa da (sua) bondade.
 Esta é a regra das palavras de deus.
 É uma balança de mão? (Então) não se pode inclinar.
 É uma balança de suporte? (Então) não pode pender para um lado.
 Olha, eu virei e outro (como) eu virá para te dirigir a palavra!
 Não respondas pondo em questão o homem silencioso!
 Não ataques quem não (te) ataca!
 Tu não és piedoso; tu não estás a sofrer; tu não estás perturbado.
 Tu não me compensas por este belo discurso que sai da boca do próprio Ré!
 Diz *maat*. Pratica *maat* porque ela é grande. Ela é eficaz. Ela é duradoura.
 Ela decide a teu favor. Ela dá credibilidade. Ela conduz ao estado de
 bem-aventurado.

A balança (de mão) inclina-se?
 É porque os seus pratos carregam coisas!
 Nenhum excesso é possível em relação ao normal.
 Uma acção vil não fará chegar ao porto
 aquele que for o último a alcançar a terra!»

NONA PETIÇÃO

Então o camponês veio apelar-lhe uma nona vez
 e disse: «Grande intendente, meu senhor!
 A língua dos homens é a sua balança de suporte,
 (mas) é a balança de mão que descobre as deficiências.
 Pune aquele que deve ser punido e (ninguém) se aproximará da tua rectidão.
 [...] a mentira [...] as suas porções existem.
 A sua porção regressa à verdade para a corrigir.
 A verdade é propriedade da mentira, que a faz prosperar e não retroceder.
 Quando a mentira se mete a caminho perde-se,
 ela não atravessará na barca, não progredirá.
 Quanto àquele que se torna rico por sua causa,
 ele não terá progenitura, ele não terá herdeiro na terra.
 Quanto àquele que navega com ela, não aportará em terra.
 O seu barco não atracará no cais.

Não sejas pesado, tu não és leve!
 Não sejas lento, tu não és rápido!
 Não sejas parcial, não escutes o (teu) coração!
 Não cubras o teu rosto contra aquele que tu conhecestes!
 Não sejas cego em frente daquele que tu olhaste!
 Não rejeites aquele que vem suplicar-te!
 Abandona esta lentidão em proclamar a tua sentença.
 Age por aquele que agiu por ti.
 Não dês ouvidos a toda a gente
 quando um homem apela pela sua causa legítima.

Não há 'ontem' para o indolente,
 não há amigo para aquele que é surdo à justiça,
 não haverá dias felizes para o avaro.
 Quando o acusado se torna um miserável

e o miserável se transforma num queixoso,
o adversário torna-se um assassino.
Vê, eu fiz-te uma queixa e tu não a escutaste!
Eu irei e farei uma súplica por ti a Anúbis.»

CONCLUSÃO

Então o grande intendente Rensi, filho de Meru,
mandou dois servidores para o trazerem de novo.
O camponês teve medo,
pensou que o fossem punir por causa dos discursos que tinha feito.
O camponês disse:
«Um homem sedento aproxima-se da água,
a boca de uma criança de mama estende-se para o leite.
É a morte que se desejou.
Vê-a porque ela chega: a sua morte vem devagar contra ele.»

Mas o grande intendente Rensi, filho de Meru, disse:
«Não tenhas medo, camponês!
Vê, o que foi feito contra ti foi para agires de acordo comigo!»
O camponês respondeu: «Pela minha vida!
Comerei o teu pão e beberei a tua cerveja eternamente?»
O grande intendente Rensi, filho de Meru, disse:
«Agora fica aqui e escuta as tuas queixas.»
Então fez ler [...] de um rolo de papiro novo
cada petição segundo o seu conteúdo [... ..].

E o grande intendente Rensi, filho de Meru, mandou-o entregar (o rolo de papiro)
à majestade do Alto e do Baixo Egipto Nebkauré, justo de voz.
Isto foi mais agradável ao seu coração (do rei)
do que todas as coisas que estão neste país inteiro.
E sua majestade disse:
«Julga tu próprio, filho de Meru.»
O grande intendente Rensi, filho de Meru,
mandou dois servidores para [trazerem Nemtinakht].
Então trouxeram-no e foi feito um inventário dos [membros da família].
Encontrou seis pessoas, como também [... ..],

a sua cevada do Alto Egípto, o seu cereal,
os seus burros, os seus porcos e [o seu] gado miúdo.
[... ..] Nemtinakht [foi dado] ao camponês,
[com toda a sua propriedade, todos] os seus [bens,
todos os] de[pendentes e tudo o que pertencia] a Nemtinakht.

E acabou, [do princípio ao fim,
conforme o que se encontrou na escritura].

«Conto do naufrago», in *Textos da Literatura Egípcia do Império Médio. Textos hieroglíficos, transliterações e traduções comentadas*. Tradução de Telo Ferreira Canhão. 2014. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 287-345.

PREÂMBULO

Então o excelente companheiro disse:

«Sossega o teu coração, comandante!

Vê, nós chegámos a casa.

O maço está empunhado, o cabeço de amarração cravado,
a amarra da proa posta em terra.

Façamos uma oração. Louvemos deus!

Cada um abraça o seu companheiro.

A nossa equipagem regressou sã e salva,
sem perdas na nossa expedição.

Atingimos os confins de Uauat e passámos Senmut.

Olha nós voltámos em paz,
nós alcançámos a nossa (própria) terra.

Escuta-me (ó) comandante,

porque eu não exagero.

Lava-te! Verte água sobre os teus dedos
e poderás responder quando se dirigirem a ti.

Fala ao rei com toda a franqueza
e responde sem balbuciar.

A boca de um homem pode salvá-lo,
o seu discurso pode fazer com que o perdoem.

Age segundo o teu desejo.

É cansativo falar contigo!

INÍCIO DO CONTO

Eu vou contar-te uma coisa idêntica

que me aconteceu a mim,

quando me dirigia para a região mineira do soberano.

Eu descia pelo Grande Verde
num barco de cento e vinte côvados de comprimento
por quarenta côvados de largura,
com cento e vinte marinheiros a bordo, dos melhores do Egípto.
Vigiassem o céu ou a terra,
o seu coração era mais bravo (do que) o dos leões.

A TEMPESTADE E O NAUFRÁGIO

Eles podiam prever um vendaval antes da sua chegada
e uma tempestade antes da sua formação.
Um vendaval eclodiu quando estávamos no Grande Verde,
antes que conseguíssemos alcançar terra.
O vento levantou-se, ele bramia,
e as vagas atingiam os oito côvados.
O mastro partiu-se arrastando-me com ele
e depois o barco afundou-se.
Dos que estavam a bordo, nenhum sobreviveu.
Então fui depositado numa ilha
por uma vaga do Grande Verde.
Passei três dias sozinho,
(só com) o meu coração por companheiro.
Estendido inerte no interior de (um abrigo de) madeira
eu recolhi-me à sombra.
Depois estendi as pernas à procura de comida.
Encontrei ali figos e uvas,
todo o tipo de excelentes legumes,
figos de sicómoro maduros e verdes,
e pepinos como se tivessem sido cultivados;
aí havia (também) peixes e aves.
Tudo existia aí!
Então, saciei-me
e pus no chão o que era difícil levar nos braços.
Agarrei num pau para fazer lume,
acendi uma fogueira e fiz um sacrifício aos deuses.

APARECIMENTO DA SERPENTE

Foi então que ouvi um barulho de trovão
 e imaginei que fosse uma vaga do Grande Verde.
 As árvores estalavam
 e a terra tremia.
 Destapei a cara e vi que era uma serpente que se aproximava.
 Ela media trinta côvados
 e a sua barba passava os dois côvados.
 O seu corpo estava coberto de ouro,
 e as suas sobranceiras eram de verdadeiro lápis-lazúli.
 Ela inclinou-se para diante.
Então abriu a boca para mim
 enquanto eu permanecia sobre o meu ventre diante dela,
 e disse-me: ‘Quem te trouxe?
 Quem te trouxe, homenzinho?
 Quem te trouxe?
 Se demoras a dizer-me
 quem te trouxe para esta ilha,
 eu farei com que tu te lembres reduzindo-te a cinzas
 e tornando-te invisível!’
 ‘Tu falas-me e eu não escuto (nada) do que dizes!
 Estou aqui diante de ti, mas não me reconheço!’
 Então ela pegou-me com a boca
 e levou-me para a sua toca
 (onde) me depôs sem me fazer mal,
 de boa saúde e intacto.
Ela abriu a boca para mim
 enquanto eu permanecia sobre o meu ventre diante dela,
 e então disse-me: ‘Quem te trouxe?
 Quem te trouxe, homenzinho?
 Quem te trouxe para esta ilha do Grande Verde,
 que tem os seus dois lados na água?’

A HISTÓRIA DO NÁUFRAGO

A isto, respondi-lhe
 (com) os braços caídos diante dela,
 dizendo-lhe: ‘Eu, eu descia para as minas

com uma mensagem do soberano,
num barco de cento e vinte côvados de comprimento
por quarenta côvados de largura.
Estavam a bordo cento e vinte marinheiros, dos melhores do Egípto.
Vigiassem o céu ou vigiassem a terra,
o seu coração era mais bravo (do que) o dos leões.
Eles podiam prever um vendaval antes da sua chegada
e uma tempestade antes da sua formação.
Cada um era mais valente
e forte do que o seu companheiro!
Não havia nenhum incompetente entre eles.
Um vendaval eclodiu quando estávamos no Grande Verde,
antes que conseguíssemos alcançar terra:
o vento levantou-se, ele bramia
e as vagas atingiam os oito côvados.
O mastro partiu-se arrastando-me com ele
e depois o barco afundou-se.
Dos que estavam a bordo, nenhum sobreviveu,
excepto eu que estou aqui na tua presença.

A RESPOSTA DA SERPENTE

Então, eu fui depositado nesta ilha
por uma vaga do Grande Verde'.
Então ela disse-me: 'Não tenhas medo,
não tenhas medo, homenzinho!
Não empalideças! Tu estavas-me reservado!
Vê, o deus fez com que tu vivesses
e conduziu-te à ilha do Ka,
no interior da qual não há nada que não se encontre.
Ela está cheia de tudo o que é bom.
Olha! Tu passarás mês após mês
até completares quatro meses de permanência nesta ilha.
Então, um barco virá do (teu) país,
com marinheiros teus conhecidos.
Tu partirás com eles para o (teu) país
e morrerás na tua cidade.
Como é feliz aquele que pode contar aquilo por que passou,
(depois de) ultrapassados os maus momentos!

Eu vou contar-te uma coisa parecida
 que aconteceu nesta ilha.
 Eu estava aqui com os meus irmãos,
 entre os quais havia crianças.
 Na totalidade éramos 75 serpentes,
 juntando as minhas crianças com os meus companheiros.
 E não me esquecerei de te mencionar uma filhita
 que obtive por meio de preces!
Então, uma estrela caiu
 e eles arderam por sua causa.
 Isto aconteceu quando eu não estava,
 e eles arderam sem que eu estivesse entre eles.
 Então eu (fiquei como) morto por causa deles,
 (quando) os encontrei numa única pilha de cadáveres.
 Se és forte, controla-te!
 Abraçarás os teus filhos,
 beijarás a tua mulher, verás a tua casa.
 E estas coisas serão o melhor de tudo!
 Alcançarás o país onde vivias
 no meio dos teus irmãos
 e existirás de novo!
 Estendido sobre o meu ventre,
 toquei no chão diante dela.

RESPOSTA DO HOMEM E REACÇÃO DA SERPENTE

‘Deixa-me então dizer-te:
 falarei do teu poder ao soberano,
 farei com que ele seja informado da tua grandeza.
 Farei com que te tragam láudano (?),
hekenu, iudeneb, canela (?)
 e incenso dos templos para agradar a cada deus.
 Contarei então o que me aconteceu,
 Quando vi os seus poderes.
 Oraremos a deus por ti na cidade,
 perante os notáveis do país inteiro.
Matarei para ti touros em imolação,
 sacrificarei para ti aves,
 farei com que te tragam barcos

carregados de todas as riquezas do Egipto,
como devemos fazer por um deus que ama os homens,
num país longínquo que os homens não conhecem.»

Então ela riu de mim, daquilo que eu tinha dito

de insensato segundo ela.

Ela disse-me: '(Então) a mirra não é importante para ti?

Tornaste-te possuidor de incenso?

Na verdade, eu sou o governador do Punt:

a mirra pertence-me!

Aquele *hekenu* que tu disseste que me trariam,

é a coisa mais importante desta ilha!

Chegará, na verdade, (o momento) em que deixarás este lugar
e jamais voltarás a ver esta ilha que submergirá.'

O REGRESSO A CASA

Então esse barco veio,

como ela tinha predito anteriormente.

Eu fui, subi a uma árvore alta

e reconheci aqueles que estavam no seu interior.

Então fui para contar isto (à serpente),

mas encontrei-a (já) sabedora do assunto.

Então ela disse-me: 'Adeus!

Adeus, homenzinho!

Para casa ver os teus filhos!

Faz com que o meu nome seja bom na tua cidade!

Olha, é (tudo) o que peço que faças por mim!'

Então eu pus-me sobre o ventre,

(com) os braços estendidos diante dela,

e eis que ela me deu um carregamento de mirra,

hekenu, iudeneb, canela (?),

tichépés, chaasekb, galena,

caudas de girafa,

resina de terebintina,

um grande pedaço de incenso,

dentes de marfim, cães de caça,

macacos, babuínos

e todo o tipo de riquezas de qualidade.

Depois carreguei isto no barco.

Ela chegou e eu pus-me sobre o meu ventre para lhe agradecer.
 Ela disse-me então: ‘Olha! Chegarás a casa em dois meses,
 abraçarás os teus filhos
 e rejuvenescerás no interior da tua sepultura.’
 Então desci até à margem, para junto do barco,
 e chamei a tripulação que estava no barco.
 Dei graças, sobre a margem ao senhor da ilha
 e aqueles que estavam a bordo fizeram o mesmo.
 (Depois) navegámos para norte,
 para a residência real.
 Chegámos à residência em dois meses,
 tal como ela tinha dito.
 Fui então levado à presença do soberano
 e ofereci-lhe os presentes
 que tinha trazido da ilha.
 Ele agradeceu-me
 na presença dos notáveis de todo o país
 e eu fui feito companheiro
 e dotado de duzentos servidores.

CONCLUSÃO

Olha para mim depois que eu toquei terra,
 depois do que vi, do que experimentei!
 Ouve-me, portanto!
 Vê, é bom escutar as pessoas!»
 Então ele disse-me:
 «Não faças de excelente, meu amigo!
 Quem dará água à ave pela alvorada
 para ela ser abatida pela manhã?»

E acabou, do princípio ao fim,
como o que se encontrou na escritura,
na escrita do escriba de dedos hábeis,
Amenaá, filho de Ameni.
Possa ele viver, prosperar e ter saúde!

«Diálogo de um desesperado com o seu *ba*», in *Textos da Literatura Egípcia do Império Médio. Textos hieroglíficos, transliterações e traduções comentadas*. Tradução de Telo Ferreira Canhão. 2014. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 629-679.

PRIMEIRO DISCURSO DO *BA*

... .. vós, para dizer
 As suas línguas não podem ser parciais!
 Isso pode ser uma retribuição... desonesta!
 As suas línguas não podem ser parciais!»

PRIMEIRO DISCURSO DO HOMEM

Eu abri a minha boca para responder ao que o meu *ba* dissera:
 «Isto hoje é demais para mim! O meu *ba* discorda de mim!
 Isso agora é um grande exagero! Isso é como que ignorar-me!
 O meu *ba* não deve partir. Deve permanecer firme comigo nisto.
 (?).
 Não Ele
 no meu corpo como uma armadilha de corda.
 Isso não acontecerá por seu intermédio se ele partir no dia da morte!

Vejam, o meu *ba* está a enganar-me! Eu não devo ouvi-lo.
 Arrasta-me para a morte antes de (eu) lá chegar!
 Lança-(me) ao fogo para que eu me queime!
 seu semelhante (?).
 Ele tem que estar perto de mim no dia da morte!
 Ele deve ficar deste lado como ‘o que reza’ faz, na verdade.
 É ele quem deve ir à frente, uma vez que ele foi a sua própria origem!

O meu *ba* é ignorante ao minimizar o sofrimento relativamente à vida!
 Deténs-me em relação à morte e eu (ainda) não cheguei lá!
 Faz com que me seja agradável o Ocidente! Isto é difícil?

A vida é um estado transitório; (só) as árvores caem!
Esmaga o mal e acaba com a minha miséria!

Possa Tot, aquele que apazigua os deuses, julgar-me!
Possa Khonsu, aquele que escreve verdade, defender-me!
Possa Ré, aquele que controla a barca sagrada, ouvir o meu discurso!
Possa Isdés, na sala sagrada, defender-me!
Para que o meu sofrimento seja (mais) forte, ele aumentou o peso sobre mim!
Será agradável aos deuses protegerem os segredos do meu corpo!»

SEGUNDO DISCURSO DO *BA*

Ao que o meu *ba* me disse:
«Tu não és um homem? Na verdade, tu estás vivo.
O que ganhas em ponderar sobre a vida como um homem rico?»

SEGUNDO DISCURSO DO HOMEM

Eu disse: «Eu ainda não morri!
De facto, se te escapares, não te importará!
Todos os criminosos dizem: ‘Eu vou agarrar-te com firmeza!’
Além disso, quando estiveres morto, o teu nome estará vivo
e aquele será um lugar tranquilo, atractivo para o coração.
O Ocidente é o cais viagem à vista!

Se o meu *ba* me ouvir sem maldade,
com o seu coração de acordo com o meu, será bem sucedido.
Eu farei com que alcance o Ocidente como alguém que está na sua pirâmide
e de cujo enterro era esperado um sobrevivente.

Eu farei uma cobertura para o teu cadáver
e tu farás inveja a (qualquer) outro *ba* cansado.
Eu farei uma cobertura, assim serás aquele que não tem frio,
e farás inveja a (qualquer) outro *ba* que seja quente.
Irei beber água nos remoinhos da margem do rio (onde) farei aparecer
sombra
e tu farás inveja a (qualquer) outro *ba* com sede.

Mas se tu me impedes de morrer desta maneira,
não irás encontrar um lugar onde descansar no Ocidente!

Sê paciente, meu *ba*, meu irmão, até o meu herdeiro chegar,
aquele que fará oferendas, que permanecerá no túmulo no dia do enterro
e preparará a cama na necrópole.»

TERCEIRO DISCURSO DO *BA*

O meu *ba* abriu a sua boca para responder ao que eu dissera:
«Se pensares no enterro será doloroso!
Isso provoca as lágrimas fazendo do homem um miserável!
Isso é como tirar um homem de sua casa e abandoná(-lo) no deserto!
Não voltarás a erguer-te para ver o sol!

Aqueles que constroem em granito,
que levantam bons túmulos de excelente construção,
quando os construtores se tornam deuses,
as suas mesas de oferendas estão vazias como a morte,
dos que morrem nos bancos de areia sem haver um sobrevivente,
quando as águas e o sol já se apropriaram do seu fim,
e os peixes e as margens da água falam com eles!
Ouve-me! Olha, é bom para as pessoas ouvir!
Abraça um dia feliz e esquece as preocupações!
Um homem do povo lavra a sua parcela de terra.
Carrega a colheita destinada à sua subsistência num barco e reboca a
embarcação.

O seu dia de festa aproxima-se e ele vê aparecer a escuridão de uma
tempestade vinda do norte.

Ele aguardou no barco até ao pôr-do-sol.
Então saiu com a mulher e a criança
e passaram um mau bocado num lago repleto de crocodilos
durante a noite por causa dos crocodilos.

Quando finalmente se sentou,
quebrou o silêncio e disse: ‘Eu não choro aquela mãe,
para quem não há regresso do Ocidente
para outra (permanência) na terra!

Eu preocupo-me com os seus filhos apertados no ovo,
que viram o rosto de Khenti antes de terem nascido!’

Um homem do povo pergunta pela refeição da noite.

A mulher diz-lhe:

‘Épara

..... o jantar.’

Ele saiu para o exterior para vociferar por um momento.

Quando voltou para casa estava como (qualquer) outro (homem):
a mulher argumentava e ele não a ouvia.

Ao queixar-se, destruiu o espírito da família.»

TERCEIRO DISCURSO DO HOMEM

Abri a minha boca para responder ao que o meu *ba* dissera:

«Olha, o meu nome é detestado por tua causa,

mais do que o cheiro dos abutres

nos dias de Chemu quando o céu está quente.

Olha, o meu nome é detestado por tua causa,

mais do que o cheiro de uma pescaria

num dia de pesca em que o céu está quente.

Olha, o meu nome é detestado por tua causa,

mais do que o cheiro dos patos,

mais do que um abrigo de juncos cheio de aves aquáticas.

Olha, o meu nome é detestado por tua causa,

mais do que o cheiro dos pescadores,

mais do que as enseadas dos pântanos onde pescam.

Olha, o meu nome é detestado por tua causa,

mais do que o cheiro dos crocodilos,

mais do que estar sentado na borda de um rio cheio de crocodilos.

Olha, o meu nome é detestado por tua causa,

mais do que aquela mulher

cujas mentiras são denunciadas ao seu marido.

Olha, o meu nome é detestado por tua causa,

mais do que uma criança saudável

de quem se diz ser de alguém que lhe tem ódio.

Olha, o meu nome é detestado por tua causa,

mais do que o cais de um crocodilo

que planeia o ataque contemplando as suas costas.

Com quem posso falar hoje?

Com os irmãos é mau

e os amigos de hoje não amam.
Com quem posso falar hoje?
Os corações são gananciosos,
cada homem apropria-se dos bens do seu igual.
[Com quem posso falar hoje?]
A piedade pereceu,
a violência tomou conta de toda a gente.
Com quem posso falar hoje?
Há satisfação em relação ao mal,
o bem foi atirado ao chão por todo o lado.
Com quem posso falar hoje?
Aquele que enfurece um homem com a sua má conduta,
escarnece de toda a gente com o seu mau comportamento.
Com quem posso falar hoje?
Eles pilham,
cada homem rouba o seu igual.
Com quem posso falar hoje?
O malfeitor é um amigo íntimo,
o irmão fará com que (qualquer) acontecimento se torne adverso.
Com quem posso falar hoje?
O passado não é lembrado,
ninguém ajuda aquele que antes o ajudou.
Com quem posso falar hoje?
Com os irmãos é mau,
os estranhos têm que se alcançar para mostrarem afecto.
Com quem posso falar hoje?
Os rostos estão inexpressivos,
cada homem está cabisbaixo em relação aos seus irmãos.
Com quem posso falar hoje?
A ganância está nos corações,
não há nenhum coração humano que seja de confiança.
Com quem posso falar hoje?
Não há homens justos,
a terra foi abandonada aos malfeitores.
Com quem posso falar hoje?
Se falta um amigo íntimo
regressa-se como um desconhecido para se lamentar.
Com quem posso falar hoje?
Não há ninguém que esteja satisfeito,

aquele com quem se caminhava não existe mais.
Com quem posso falar hoje?
Estou sobrecarregado pela miséria,
por falta de um amigo íntimo.
Com quem posso falar hoje?
Vagabundeio errático pela terra
e não há fim para isso.

A morte está ao meu lado hoje
[como] a cura para um homem doente,
como sair para o exterior depois de estar detido.
A morte está ao meu lado hoje
como a fragrância da mirra,
como estar sentado sob um toldo num dia de vento.
A morte está ao meu lado hoje
como a fragrância do lótus,
como estar sentado na margem embriagado.
A morte está ao meu lado hoje
como um caminho muito trilhado,
como um homem que chega a casa depois de uma expedição.
A morte está ao meu lado hoje
como o céu límpido,
como um homem que descobre o que antes ignorava.
A morte está ao meu lado hoje
como um homem desejoso de ver a sua casa,
depois de ter passado muitos anos em cativeiro.

De facto, aquele que está no Além é um deus vivo
que pune as más acções daquele que as faz.
De facto, aquele que está (no Além) deve manter-se firme na barca sagrada,
distribuindo aos templos alimentos cuidadosamente aí escolhidos.
De facto, aquele que está (no Além) é um sábio sem oposição
ao apelar a Ré quando fala.»

QUARTO DISCURSO DO *BA*

Ao que o meu *ba* me disse:

«Atira as lamentações para trás das costas!

Deixa isso para mim, meu irmão!

Possas tu fazer oferendas no incensário

e maneres-te com vida de acordo com o que disseste!

Ama-me aqui e põe de lado o Ocidente!

Quando for desejável que alcances o Ocidente, então o teu corpo juntar-se-

-á à terra

e eu pousarei logo após tu morreres.

Então alcançaremos o cais juntos.»

CÓLOFON

E acabou, do princípio ao fim,

como o que se encontrou na escritura.

«História de Sinuhe», in *Textos da Literatura Egípcia do Império Médio. Textos hieroglíficos, transliterações e traduções comentadas*. Tradução de Telo Ferreira Canhão. 2014. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 167-285.

APRESENTAÇÃO

O membro da elite, o governador,
o dignitário e administrador dos domínios reais nos países dos Asiáticos,
o conhecido do rei, o que ele ama verdadeiramente,
o companheiro Sinuhe diz:
«Eu era um companheiro que seguia o seu senhor,
um servidor do harém real e da grande dama,
a muito louvada esposa real de Senuseret em Khenemsut,
filha real de Amenemhat em Kaneferu,
Neferu, a venerada.

MORTE DE AMENEMHAT I

No ano 30, no terceiro mês de Akhet, dia 7,
o deus subiu para o seu horizonte,
o rei do Alto e do Baixo Egipto Sehetepibré
subiu para o céu e juntou-se ao disco solar,
o corpo divino fundiu-se com aquele que o tinha criado.
O palácio estava em silêncio, os corações em aflição,
a grande porta dupla estava fechada,
a corte estava de luto e os membros da elite lamentavam-se.

A SUCESSÃO AO TRONO E A FUGA DE SINUHE

Ora, sua majestade tinha enviado um exército ao país dos Líbios
e o seu filho mais velho era quem o comandava,
o bom deus Senuseret,

que tinha sido enviado para atacar os países estrangeiros
e para abater os que estavam entre os Líbios.
Agora ele voltava e trazia prisioneiros Líbios
e toda a espécie de gado, sem limites.
Os amigos do palácio enviaram (uma mensagem) para ocidente,
para relatar ao príncipe os acontecimentos que tinham ocorrido na corte.

Os mensageiros encontraram-no na estrada
e alcançaram-no à noite.
Rapidamente ele se pôs em grande correria:
o falcão levantou voo com os seus seguidores
sem dar conhecimento ao seu exército.
De igual modo, tinham mandado (mensagens) para os príncipes
que o tinham acompanhado neste exército,
e um deles tinha sido chamado.
Ora, eu estava lá e escutei a sua voz.
Quando ele falou eu estava a pouca distância.
O meu coração perturbou-se e os meus braços caíram,
um tremor abateu-se sobre os meus membros.
Eu retirei-me com um salto
para procurar um lugar onde me esconder.
Coloquei-me entre dois arbustos
para deixar a estrada para os viajantes.

A TRAVESSIA DO DELTA E DA REGIÃO DO SUEZ

Caminhei em direcção ao Sul.
Eu não pensava chegar ao palácio,
(pois) previa que acontecesse uma luta
à qual podia não sobreviver.
Atravessei Maati, nas imediações do Sicómoro,
e cheguei à ilha de Seneferu.
Passei o dia lá, no limite da terra cultivada,
e parti ao amanhecer.
Encontrei um homem em pé no meu caminho.
Ele saudou-me com respeito (mas) tive medo dele.
Eram horas de jantar
quando passei pela localidade de Negau.

Atravessei numa barca sem remo axial
 graças ao vento de oeste.
 Passei a este da pedreira
 por cima da Senhora da Montanha Vermelha.
 Pus-me a caminho em direcção ao Norte
 e cheguei aos Muros do Rei,
 feitos para reprimir os Asiáticos e esmagar os Beduínos.
 Escondi-me num arbusto,
 com medo de ser visto pela sentinela que estava de serviço no muro.

Pus-me a caminho ao anoitecer
 e, ao amanhecer, cheguei a Peten.
 Parei numa ilha de Kemuer
 e de repente senti muita sede;
 eu queimava e a minha garganta estava ressequida.
 Disse para mim mesmo: 'Isto é o sabor da morte!'
 Desanuviei o espírito, animei-me
 e (então) ouvi mugidos de vacas e vi Asiáticos.
 Fui reconhecido pelo chefe deles que já tinha estado no Egipto.

PELA PALESTINA ATÉ À SÍRIA

Ele deu-me água e aqueceu-me leite.
 Fui com ele para a sua tribo e o que eles fizeram (por mim) foi bom.
 Fui de terra em terra.
 Parti para Biblos e segui para Kedem.
 Passei um ano nesse lugar. Então, Amunenchi veio buscar-me.
 Era o governador do Retenu Superior que me disse:
 'Tu estarás bem comigo. Tu escutarás a linguagem do Egipto.'
 Ele disse isto porque conhecia o meu carácter e tinha ouvido falar da minha
 sabedoria,
 porque as pessoas do Egipto que estavam lá com ele testemunharam por
 mim!

OCULTAÇÃO DA VERDADE E ELOGIO DO NOVO REI DO EGÍPTO

Então ele disse-me:

‘Porque vieste para aqui?’

Aconteceu alguma coisa no palácio?’

Eu respondi-lhe:

‘O rei do Alto e do Baixo Egípto Sehetepibré subiu para o horizonte e não se sabe como isso aconteceu.’

Mas eu disse, deturpando a verdade:

‘Eu regressava de uma expedição ao país dos Líbios quando me contaram.

O meu espírito vacilou, e o meu coração, que não estava mais no meu corpo, lançou-me para os caminhos da fuga.

Ninguém falou de mim,

não fui cuspidado na cara,

não ouvi acusações,

o meu nome não foi ouvido na boca de (nenhum) arauto.

Eu não sei o que me trouxe a este país estrangeiro!

Foi como que um plano de deus!

Como ver um homem do Delta em Abido,

(ou seja), um homem dos pântanos na Núbia!’

Então ele disse concordando comigo:

‘Como será esse país sem ele,

esse deus poderoso,

cujos terror se estendia a todos os países estrangeiros,

como Sekhmet num ano de peste?’

Eu respondi-lhe:

‘Certamente o seu filho entrou no palácio

e tomou posse da herança de seu pai.

É agora um deus sem igual.

Não existiu outro antes de si.

É o senhor da sabedoria: excelente a dar conselhos e eficaz nos decretos.

Vamos e vimos conforme as suas ordens!

Ele subjugou países estrangeiros.

O seu pai estava ainda no palácio e ele fez-lhe um relatório depois de ter realizado o que lhe fora ordenado.

Agora é um campeão que age com o seu braço poderoso.
 Ninguém é tão activo como ele
 quando o vemos carregar sobre os inimigos
 ao entrar em combate.

Ele verga a cornamenta, debilita e subjuga (adversários),
 impedindo os seus inimigos de conduzir as tropas.

Ele pune as afrontas e despedaça crânios.

Ninguém lhe faz frente.

Ele é um corredor rápido que destrói os fugitivos.

Ele não tem contemplanções para com quem lhe vire as costas.

Ele tem um espírito persistente no momento do ataque.

Ele enfrenta sem virar as costas.

Ele tem um espírito corajoso quando vê uma multidão.

Ele não permite que a indolência ocupe o seu coração.

Ele fica impaciente quando contempla o Oriente.

Ele rejubila quando carrega sobre os estrangeiros.

Ele agarra o seu escudo e esmaga (inimigos).

Ele não repete o seu golpe quando mata.

Ninguém escapa à sua flecha, ninguém estica o seu arco.

Os estrangeiros fogem das suas mãos como do poder da Grande.

Em combate ele prevê o fim e não se preocupa com nada mais.

Possui encanto e grande doçura.

Conquistou por amor.

A sua cidade ama-o mais do que a todos os seus habitantes,
 ela regozija-se mais com ele do que com o seu deus.

Os homens e as mulheres passam e aclamam-no.

Ele é o rei. Ele conquistou(-a quando estava ainda) no ovo.

O seu rosto está (virado) para ela desde que nasceu.

Ele multiplica os que nasceram com ele.

Ele é único, um dom de deus!

Este país é feliz governado por ele!

Ele alargou as fronteiras,

ele conquistou os países do Sul,

sem deixar de pensar nos países do Norte,

porque ele foi criado para bater os Asiáticos e esmagar os Beduínos.

Manda alguém até ele e faz com que ele conheça o teu nome,

como alguém a averiguar a distância a que está de sua majestade!

Ele não deixará de fazer bem a um país que lhe é leal.'

INSTALAÇÃO E SUCESSO DE SINUHE ENTRE OS BEDUÍNOS

Ele disse-me concordando comigo:

‘Ora bem! O Egípto ficará feliz por ser informado da sua força!

Olha, tu estás aqui comigo e eu far-te-ei bem.’

Ele considerou-me antes dos seus filhos

e casou-me com a sua filha mais velha.

Ele fez com que eu escolhesse para mim do seu país,

com a sua ajuda, uma das suas terras na fronteira com outro país.

Era uma bela terra chamada Iaa.

Aí havia figos e uvas; era mais o vinho do que a água;

o mel era abundante e o óleo copioso; havia todos os tipos de frutos nas suas
árvores;

havia cevada e trigo; e uma quantidade ilimitada de gado de todas as espécies.

A abundância que me foi dada foi pelo amor que eu inspirava:

ele fez-me chefe duma tribo na melhor parte do seu país.

Faziam-me pão todos os dias, (davam-me) vinho em porções diárias,

carne cozinhada, pato assado e animais de caça.

Caçavam para mim e punham (o que apanhavam) diante de mim,

(além) da caça para os meus cães.

Preparavam-me muitas [coisas], com leite em tudo o que era cozinhado.

Passaram por mim muitos anos,

os meus filhos tornaram-se poderosos,

cada homem dirigindo a sua própria tribo.

O mensageiro que viajasse do ou para o palácio ficava comigo

porque eu fazia parar toda a gente e dava água a quem tinha sede.

Eu fazia com que o perdido voltasse à estrada

e socorria o que fora roubado.

Quando os Asiáticos se tornaram hostis,

opondo-se aos chefes dos países estrangeiros,

eu opus-me aos seus movimentos.

O governador do Retenu

fez-me passar muitos anos como comandante do seu exército.

Cada terra contra a qual eu avançava

actuava de forma a vencê-la.

Destruía-lhe as pastagens e as cisternas,

capturava-lhe o seu gado,

trazia comigo a sua população e apoderava-me das suas provisões.
 Eu destruía as pessoas assim:
 com o meu braço forte, com o meu arco,
 com as minhas manobras e com os meus planos excelentes.
 Isso foi útil para mim no seu coração e ele amava-me
 porque sabia que eu era corajoso.
 Ele pôs-me à cabeça dos seus filhos,
 porque viu a força dos meus braços.

O DUELO

Um homem forte do Retenu veio provocar-me à minha tenda.
 Era um campeão sem igual que tinha vencido toda a gente.
 Ele disse que combateria comigo porque pensava vencer-me
 e planeava espoliar-me do meu gado por conselho da sua tribo.
 O governador veio conferenciar comigo e eu disse-lhe: 'Eu não o conheço.
 Na verdade, eu não sou seu companheiro para ir livremente ao seu
 acampamento.
 Por acaso abri a sua vacaria ou atravessei as suas vedações?
 É por rancor, por me ver cumprir as tuas ordens!
 De facto, eu sou como um touro que pertence a uma manada
 no meio de outra manada;
 o touro desta manada ataca-o, o touro dos longos cornos procura alcançá-lo.
 Haverá algum homem de condição inferior que seja amado quando decide
 ser chefe?
 Nenhum estrangeiro se alia a um homem do Delta!
 Pode um papiro florescer na montanha?
 É por um touro gostar de combater
 que um touro feroz toca em retirada com medo de que ele o iguale?

Se quer combater que se cumpra o seu desejo!
 Haverá um deus que ignore as suas próprias ordens,
 ou sabe de facto quais são?'
 Durante a noite encordei o meu arco, atirei as minhas flechas,
 fiz deslizar a minha adaga e poli as minhas armas.
 Fez-se dia e o Retenu veio. Ele incitara as suas tribos
 e metade dos que reunira tinham vindo de terras estrangeiras,
 porque ele pensava neste combate.

Todos os corações ardiam por mim.
As mulheres e os homens murmuravam, cada coração sofria por mim.
Eles disseram: 'Não há outro campeão que lute contra ele?'

Foi então que o seu escudo, o seu machado
e a sua braçada de dardos caíram (sobre mim).
Depois de ter escapado às suas armas
e de fazer passar por cima de mim
as suas flechas em vão, uma a seguir à outra,
ele aproximou-se de mim e eu atirei na sua direcção:
a minha flecha cravou-se no seu pescoço.
Ele gritou e tombou para diante.
Eu acabei com ele com o seu (próprio) machado.
Soltei o meu grito de guerra sobre as suas costas.
Todos os Asiáticos gritaram.
Fiz uma oração a Montu,
(enquanto) os seus simpatizantes carpiam sobre ele.
O governador Amunenchí abraçou-me.
Então, eu apoderei-me dos seus bens e capturei o seu gado.
Aquilo que ele tinha planeado fazer-me, eu fi-lo a ele:
tomei posse do que ele tinha na sua tenda e pilhei o seu acampamento.
Tornei-me poderoso com isso: aumentei as minhas riquezas
e a opulência em cabeças de gado.

Assim, deus terá agido para apaziguar aquele que ele tinha erguido contra
ele
quando o desviou em direcção a outra terra.
Hoje o seu coração está apaziguado.
Antes era um fugitivo em fuga, (agora) a minha fama chegou ao palácio.
(Antes) era um retardatário que se arrastava com fome, (agora) dou pão ao
meu vizinho.
(Antes) era um homem que fugia do seu país sem nada, (agora) tenho roupas
de linho fino.
(Antes) era um homem que corria por não ter quem enviar, (agora) sou rico
em servos.
A minha casa é bela, o meu domínio é vasto, (agora) lembram-se de mim no
palácio.

O DESEJO DE REGRESSO AO EGIPTO

Ó deus, qualquer que sejas, que decidiste esta fuga,
 possas tu apaziguar-te e fazer-me voltar para o palácio!
 Faz com que eu volte a ver o lugar onde o meu coração reside!
 O que há de mais importante do que ser enterrado na terra onde nasci?
 Vem em meu auxílio!
 Ocorreu um feliz acontecimento: eu fiz com que o deus fosse apaziguado!
 Possa ele fazer o mesmo para dar um bom fim àquele a quem ele afligiu.
 Possa o seu coração compadecer-se por aquele que ele excluiu para viver no
 estrangeiro!
 Se hoje ele está apaziguado, possa ele escutar a prece daquele que está no
 exílio!
 Possa ele conduzir aquele que forçou a uma vida errante, ao lugar de onde o
 tirou!
 Possa o rei do Egipto ser clemente comigo, possa eu viver da sua paz!
 Possa eu saudar a senhora do país que está no seu palácio!
 Possa eu escutar as mensagens dos seus filhos!
 Então, que o meu corpo rejuvenesça, porque a velhice chegou.
 A debilidade dominou-me; os meus olhos estão pesados;
 os meus braços estão fracos; as minhas pernas recusaram-se a seguir;
 o (meu) coração está cansado. Eu estou perto da partida!
 Que eles me conduzam à cidade da eternidade.
 Possa eu acompanhar a 'senhora de tudo'!
 Possa ela falar bem de mim aos seus filhos!
 Possa ela passar a eternidade por cima de mim!

Ora, quando falaram à majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Kheperka-
 ré, justo de voz,
 desta condição em que eu me encontrava,
 logo sua majestade me enviou (emissários) com presentes reais,
 para satisfação do humilde servidor, como qualquer governador estrangeiro.
 E os príncipes, que estavam no palácio, fizeram-me ouvir as suas mensagens.»

O DECRETO REAL

Cópia do decreto que trouxeram ao humilde servidor,
relativamente ao seu regresso ao Egípto.

«Hórus: que vive nos nascimentos; o das Duas Senhoras: que vive nos nascimentos;

rei do Alto e do Baixo Egípto: Kheperkaré;

filho de Ré: Amenemhat, que viva para sempre, eternamente!

Decreto real para o companheiro Sinuhe.

Vê, trouxeram-te este decreto do rei para te fazer saber:

tu percorreste países estrangeiros; foste de Kedem para o Retenu;

andaste de terra em terra aconselhado pelo teu coração.

O que fizeste para que alguém aja contra ti?

Não injuriaste (de modo a) alguém punir as tuas palavras!

Não falaste contra o conselho dos grandes (de modo a que) se oponham aos teus discursos!

Esta decisão foi o teu coração que a tomou, não havia nada no (meu) coração contra ti!

O teu céu que se encontra no palácio está estável e próspero hoje;

a sua cabeça ornada é soberana no país;

e os seus filhos estão na sala de audiências.

Acumula as riquezas que eles te derem, tu viverás da sua extensão.

Volta para o Egípto! Vê a casa na qual nasceste!

Beija a terra da grande porta dupla! Junta-te aos amigos!

Na verdade, hoje tu começaste a envelhecer. Tu perdeste virilidade.

Pensa no dia do enterro, na passagem ao estado de bem-aventurado.

Uma noite ser-te-á destinada, com óleos e faixas de mumificação das mãos de Tait.

Far-te-ão um cortejo fúnebre no dia da união à terra,

a máscara da múmia será de ouro, a cabeça de lápis-lazúli,

o céu estará por cima de ti quando fores posto no sarcófago.

Serás puxado por bois e precedido por cantores.

Será executada a dança dos mortos à entrada do teu túmulo,

será recitada para ti a lista de oferendas

e farão sacrifícios diante da tua estela funerária.

Os teus pilares serão construídos em calcário junto aos dos príncipes.

Tu não morrerás num país estrangeiro! Os Asiáticos não te enterrarão!

Tu não serás depositado numa pele de carneiro, nem te farão um túmulo
(qualquer).

Já é tarde para uma vida errante! Pensa no (teu) cadáver e regressa!»

MANIFESTAÇÃO DE ALEGRIA E RESPOSTA AO DECRETO REAL

«Este decreto chegou-me quando eu estava no meio da minha tribo.
Foi-me lido em voz alta e eu deitei-me sobre o meu ventre.
Toquei o (pó do) chão e fiz com que ele se espalhasse sobre o meu cabelo.
Percorri o acampamento aos berros dizendo:
‘Como é que isto pode ser feito a um servidor
cujo coração se perdeu pelas terras estrangeiras?
Na verdade, boa é a clemência que me salva da morte!
O teu *ka* vai fazer com que eu passe o fim dos meus dias em casa.’»

Cópia da resposta a este decreto.

O servidor do palácio, Sinuhe, diz: «Em muito boa paz!
Conhecimento da fuga que o humilde servidor fez na sua ignorância.
Pelo teu *ka*, (ó) deus perfeito, senhor das Duas Terras,
amado de Ré, favorito de Montu senhor de Tebas,
de Amon senhor do trono das Duas Terras,
de Sobek-Ré, de Hórus, de Hathor, de Atum e da sua Enéade,
de Sopedu-Neferbau-Semseru o Hórus do Oriente,
da senhora de Imehet, possa ela envolver a tua cabeça,
do conselho que dirige a inundação,
de Min-Hórus que vive nos desertos,
de Uereret senhora de Punt, de Nut, de Horoéris-Ré
e de todos os deuses do Egipto e das ilhas do Grande Verde.
Possam eles dar vida e poder ao teu nariz!
Possam eles dotar-te com os seus dons!
Possam eles dar-te uma eternidade sem fim e uma duração sem limites!
Possa o medo que tu inspiras repercutir-se por planícies e montes
porque tu dominaste (tudo) o que rodeia o disco solar!
Esta é a prece deste servidor ao seu senhor que o salva do Ocidente!

O senhor da percepção, que compreende o povo,
ele percebeu na majestade do palácio
aquilo que o humilde servidor tinha medo de dizer.

É como uma coisa excessivamente grande para se repetir!
 O grande deus, imagem de Ré,
 dá sensatez àquele que trabalha para si próprio!
 O humilde servidor está na mão daquele que pergunta por si.
 Por isso faz com que esteja sob a sua autoridade!
 A tua majestade é Hórus, o conquistador;
 os teus braços são mais poderosos do que todos os países.

Possa agora a tua majestade ordenar que ele traga
 Meki de Kedem, Khentiuiach de Khentekechu
 e Menus das duas terras de Fenekhu.

São governadores com nomes famosos que cresceram no amor a ti,
 sem mencionar o Retenu, que é teu como os teus cães de caça!
 Na verdade, esta fuga que foi feita pelo (humilde) servidor,
 não foi planeada, não estava no meu coração, eu não a imaginei!
 Eu não sei o que me separou do (meu) lugar!
 Foi como uma espécie de sonho,
 como se um homem do Delta se visse em Elefantina,
 (ou seja), um homem dos pântanos na Núbia!
 Eu não tive medo, ninguém correu atrás de mim,
 eu não ouvi acusações,
 o meu nome não foi ouvido na boca do arauto. Apesar disso o meu corpo
 arreprou-se, as minhas pernas puseram-se em fuga e o meu coração
 orientava-me.

O deus que determinou esta fuga conduziu-me,
 porque eu não sou arrogante frente ao medo.
 Um homem conhece o seu país!
 Ré instalou o temor a ti em todo o país
 e o terror a ti em todos os países estrangeiros!
 Olha, eu estar no palácio ou estar neste lugar,
 sinto-te, na verdade, a cobrir este horizonte,
 pois é segundo o teu desejo que o sol se ergue,
 que por tua vontade a água do rio é bebida,
 que o ar do céu é respirado se tu o disseres!
 O humilde servidor vai legar (o poder) à descendência que criou neste lugar.
 O humilde servidor está de volta; que a tua majestade faça como desejar.
 Vive-se do ar que tu dás! Possam Ré, Hórus e Hathor amar a tua augusta
 narina!

Possa Montu, senhor de Tebas, desejar que ela viva eternamente!»

O REGRESSO AO EGIPTO

«Fizeram-me passar (mais) um dia em Iaa para transmitir os meus bens aos meus filhos.

O meu filho mais velho ficou com a minha tribo e todos os meus bens ficaram na sua posse:

os meus servos, todo o meu gado, os meus frutos e todas as minhas árvores de fruto.

O (humilde) servidor iniciou o regresso ao sul.

Fiz uma paragem nos Caminhos de Hórus

e o comandante que aí estava encarregue de patrulhar a fronteira, enviou uma mensagem para o palácio para os informar.

Sua majestade enviou um intendente da confiança dos camponeses do domínio real,

acompanhado de barcos carregados com presentes do rei

para os Asiáticos que me tinham acompanhado no percurso até aos Caminhos de Hórus.

Eu chamei cada um deles pelo seu nome,

e todos os servidores foram fazer as suas obrigações.

Parti (navegando) e fui transportado com vigor.

Amassaram e coaram ao meu lado até tocar em Itju.

NO PALÁCIO REAL

Então, na aurora do segundo dia, vieram chamar-me:

tinham chegado dez homens que me conduziram ao palácio.

Eu toquei com a cabeça o chão entre as esfinges.

Os príncipes estavam de pé no pórtico para me acolher.

Os amigos, (que tinham sido) admitidos no pátio de entrada com colunas, mostravam-me o caminho para a sala de audiências.

Encontrei sua majestade num grande trono sob um pórtico dourado, e logo me prostrei sobre o meu ventre,

inconsciente de mim próprio na sua presença.

Este deus dirigiu-se a mim amigavelmente,

mas eu estava como um homem tolhido pela escuridão!

O meu *ba* enfraqueceu, o meu corpo estremeceu

e o meu coração desapareceu do meu corpo: eu senti-me desfalecer!
Sua majestade disse a um dos amigos:
‘Ergue-o e faz com que ele me fale!’
(Depois) sua majestade disse:
‘Olha, tu voltaste! Tu percorreste países estrangeiros em fuga.
A idade atacou-te e foste envelhecendo. Atingiste a velhice.
Não é coisa sem importância o teu cadáver!
Não serás inumado pelos estrangeiros! Não ajas, não ajas agora!
Não fales (até) o teu nome ser pronunciado!
Tens medo de uma punição?’
Eu respondi a isto cheio de medo:
‘Que me disse o meu senhor? Que respondo eu a isto?
Nada posso fazer: na verdade é a mão de deus!
O medo está no meu corpo como o que provocou a fuga ordenada.
Olha, estou aqui na tua presença! Tu és a vida!
Possa a tua majestade agir como ela desejar!’

Fizeram entrar os príncipes
e sua majestade disse à esposa real:
‘Vê! Sinuhe voltou como Asiático, criado pelos Asiáticos!’
Ela lançou um grande grito
e os príncipes gritando a uma só voz
disseram a sua majestade:
‘Na verdade não é ele, ó soberano, meu senhor!’
Sua majestade disse: ‘Na verdade é ele.’
Ora, elas traziam os seus colares,
as suas matracas e os seus sistros nas mãos
e presentearam com eles sua majestade:
‘Que as tuas mãos (se estendam) para a Bela, rei eterno,
(para) os ornamentos da senhora do céu!
Possa a Dourada dar vida ao teu nariz!
Possa a senhora das estrelas unir-se a ti!
Possa a coroa do Alto Egípto descer em direcção à coroa do Baixo Egípto
e juntas unirem-se na palavra da tua majestade!
Possa Uadjit ser posta na tua frente,
porque tu tiraste os pobres do mal!
Que te seja agradável Ré, senhor das Duas Terras!
Saudações para ti e para a senhora de tudo!
Distende o teu arco e alivia a tua flecha!’

Dá ar àquele que sufoca! Dá-nos a nossa bela festa
 (na pessoa) deste chefe nómada, filho do vento do Norte,
 estrangeiro nascido no Egipto!
 Ele pôs-se em fuga por temor a ti!
 Ele deixou o país por ter muito medo de ti!
 Não empalidecerá mais o rosto daquele que viu a tua face;
 não terá mais medo o olho que olhou para ti!

Sua majestade disse:

‘Ele não terá medo. Ele não estará mais em condição de ter muito medo.
 Ele será um amigo entre os oficiais, ele será posto no meio dos cortesãos.
 Ide vós aos (seus) aposentos privados para (o) ensinar a fazer o seu serviço!’

REINSTALAÇÃO NO PALÁCIO REAL

Eu saí da sala de audiências e os príncipes vieram dar-me a mão.
 De seguida fomos para a grande porta dupla
 e eu fui instalado na casa de um príncipe, cheia de luxos:
 tinha uma casa de banho e espelhos.
 Havia aí coisas preciosas que pertenciam ao tesouro
 — roupas de linho real, mirra e óleo fino —
 (coisas) do rei e dos oficiais que ele amava em cada quarto.
 Todos os servidores estavam na sua função.

Fizeram com que os anos fossem eliminados do meu corpo:
 barbearam-me e cortaram-me o cabelo.
 A sujidade foi dada ao deserto e as roupas aos Beduínos.
 Vestido de linho fino, ungido com óleo fino
 e estendido sobre uma cama, dei a areia àqueles que estão nela
 e o óleo de árvore para os que se ungem.

Então deram-me uma casa de proprietário de jardim
 que tinha pertencido a um amigo.
 Numerosos trabalhadores (re)construíram-na
 e todas as suas árvores foram plantadas de novo.
 Traziam-me comida do palácio três ou quatro vezes por dia,
 sem contar com a que me davam os príncipes constantemente.

A ETERNIDADE NO HORIZONTE

Construíram para mim uma pirâmide de pedra no meio das pirâmides.
O intendente dos talhadores de pedra da pirâmide preparou o local,
o intendente dos tesoureiros fez a escrita, (o intendente) dos escultores
gravou,
o intendente dos trabalhadores que estavam na necrópole estava atarefado
com ela.
Todo o mobiliário que iria ser posto no túmulo teria os seus elementos
feitos aí.
Deram-me sacerdotes funerários e fizeram-me um domínio funerário
com terras aráveis, em frente, no lugar certo,
como deverá ser feito para um primeiro amigo.
A minha estátua foi coberta de ouro e o saiote era de electro.
Foi sua majestade quem o mandou fazer.
Não há outro homem comum que tenha recebido tal tratamento!
Eu obtive os favores do rei até (chegar) o dia da (minha) morte.»

E acabou, do princípio ao fim,
como o que se encontrou na escritura.

«Instrução de Kheti», in *Textos da Literatura Egípcia do Império Médio. Textos hieroglíficos, transliterações e traduções comentadas*. Tradução de Telo Ferreira Canhão. 2014. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 871-946.

I

Princípio da instrução

feita por um homem de Tjaret,
chamado Kheti, filho de Duauf,
ao seu filho chamado Pepi,
quando viajavam em direcção ao sul para a residência real,
para o pôr na escola dos escribas,
com os filhos dos magistrados,
a elite da residência real.

II

Então ele disse-lhe:

«Eu vi muitos espancamentos.
Dirige o teu interesse para a escrita.
Eu vi (como se) salvam (pessoas) através do seu trabalho!
Olha, não há nada melhor do que a escrita!
É como ser levado pela água!
Lê até ao fim o livro Kemit
e aí encontrarás estas palavras:
‘Quanto ao escriba, seja qual for a sua posição na residência real,
ele nunca será insignificante aí.’»

III

Ele põe a sua sabedoria ao serviço de outro,
não ficará ele satisfeito?
Eu nunca vi (outras) funções como esta,
em que se pode dizer esta frase acerca dela:

eu vou fazer com que tu ames mais a escrita do que a tua mãe.
Eu vou fazer com que a sua beleza penetre em ti.
É maior do que qualquer outra profissão,
não há outra como ela no país de que se possa falar.
(O escriba) começou a florescer (ainda) na infância;
ele será felicitado
e enviado numa missão,
ele não regressará sem se vestir com um saiote.

IV

Eu nunca vi um escultor em missão
ou um ourives ser enviado em missão!
Mas eu vi o fundidor no seu trabalho, na boca da sua fornalha,
os seus dedos são como os excrementos dos crocodilos,
o seu fedor é como o dos ovos dos peixes.

V

Cada artesão ao usar a enxó
cansa-se mais do que aqueles que trabalham nas corveias.
Os seus campos são a madeira,
a sua ocupação (as ferramentas de) bronze.
A noite não o furta ao trabalho:
depois dos seus braços produzirem em excesso,
à noite ele acende uma candeia.

VI

Os joalheiros procuram obter a perfeição
em todo o tipo de pedra preciosa dura.
Quando ele acabou (o trabalho) esplêndido,
os seus braços estão arruinados por causa do cansaço.
Ele senta-se sobre os alimentos de Ré
com os joelhos e as costas retorcidos.

VII

O barbeiro barbeia mesmo até ao anoitecer.

Ele está completamente absorvido.

Abrindo caminho com o seu ombro

ele vai de rua em rua

à procura de alguém para barbear.

Ele mantém os seus braços activos para encher a sua barriga,
como uma abelha que come de acordo com o seu trabalho.

VIII

Aquele que apanha canas vai para norte para os pântanos do Delta
para apanhar setas para si.

Depois dos seus braços produzirem em excesso,

depois dos mosquitos o terem chacinado

e das moscas o terem afligido bastante,

ele fica em pedaços por tudo isso.

IX

O oleiro está sob a terra

enquanto permanece em pé entre os vivos.

Ele destrói mais os prados do que um suíno,

para cozer aí debaixo os seus moldes.

As suas roupas estão rijas e pesadas,

a sua touca é um farrapo

e (assim) o ar entra no seu nariz

e desencadeia logo altas temperaturas num ser são.

Ele faz um pilão dos seus pés,

amassando ele próprio o barro.

Ele destrói o pátio de qualquer casa

e torna irregulares os lugares públicos.

X

Vou falar-te igualmente do construtor de muros.

A (sua) experiência é dolorosa.

Ele está lá fora ao vento,

a trabalhar em tanga,
e uma touca de cordas por tecer
cai-lhe pelas costas.
Os seus braços sofrem com a sua eficácia
ao misturar todas as suas imundices.
Ele come o pão com os seus dedos,
mas para se lavar só tem um momento.

XI

É vil o carpinteiro precisar de todas as suas forças
para ultrapassar a (instalação da) cobertura de uma sala,
uma sala de dez cúbitos por seis cúbitos.
Passa o mês a instalar a cobertura.
Depois de aplicada madeira (?) com cordas
todo o trabalho fica feito.
Quanto à comida que ele leva para casa,
não há mesmo nada a distribuir pelos seus filhos.

XII

O jardineiro transporta uma canga
e os seus ombros serão usados permanentemente até à velhice.
Há um grande inchaço no seu pescoço
que cria gordura.
Ele passa a manhã a regar os legumes
e à tardinha rega os coentros,
depois de ter passado o dia
mal do seu inchaço.
(Isto) acontecerá até ele morrer,
mais envelhecido do que em qualquer (outro) ofício.

XIII

O agricultor lamenta-se eternamente,
levantando a sua voz mais alto do que a do corvo.
Os seus dedos estão inchados
de carregar tudo sob os excessos dos ventos.
Ele está muito cansado quando vai trabalhar para os pântanos

e viverá (sempre) em farrapos.
 É tão forte como os leões!
 Os hipopótamos ficam aflitos com ele!
 O seu trabalho difícil (sente-o) na sua residência
 ao chegar aí (vindo) dos campos inundados.
 Quando chega a casa à noite
 os seus movimentos prenderam-no com força.

XIV

O tecedor de esteiras de junco no interior da sala de tecelagem
 tem uma posição pior do que uma mulher (no parto).
 Com os seus joelhos contra o estômago
 não consegue respirar (nenhum) ar.
 Se ele estiver um dia sem tecer
 é castigado com cinquenta chicotadas.
 Ele tem que dar provisões aos porteiros
 para poder ver a luz do dia.

XV

Do fabricante de flechas há que ter pena
 quando sai para o deserto:
 ele dá mais aos seus burros
 do que o trabalho deles lhe dá a ele.
 Ele dá demasiado ao homem do campo
 que lhe aponta o caminho (certo).
 Ele chega daí dos campos inundados
 e quando chega a casa à noite
 os seus movimentos agarraram-no com força.

XVI

O mensageiro vai para o estrangeiro
 depois de ter legado aquilo que é útil aos seus filhos,
 temendo os leões e os Asiáticos.
 Ele só se conhece a si próprio quando está no Egipto,
 ele chega aí aos prados
 e alcança a sua casa à tardinha

quebrado pela caminhada.
(Enquanto) as suas casas forem de pano e de tijolo
ele não regressará feliz.

XVII

Quanto ao fogueiro, os seus dedos estão putrefactos
e cheiram como os cadáveres.
Cada um dos seus olhos está miserável
e não pode libertar-se dessa condição.
Ele passa o dia a cortar canas
e tem as suas roupas horríveis.

XVIII

O fabricante de sandálias é completamente miserável,
eternamente submerso nos seus utensílios.
A sua prosperidade é a prosperidade dos cadáveres,
mas o que ele morde é apenas a sua pele.

XIX

O lavador lava na margem do rio
e está ao alcance dos crocodilos.
«Pai, sai da água vivo!»,
dizem o filho e a filha!
Não é uma profissão que te satisfaça;
é uma profissão distinta de todas as outras!
A porcaria mistura-se na sua comida;
nenhuma parte dele está limpa.
Dão-lhe (até) uma tanga de mulher
que estava com a menstruação;
ele chora sendo toda a vida um indigente
e carregando com isso.
Dizem-lhe: «Eis a roupa suja, vem aqui!
(Pega-lhe) pela borda e mergulha-a tu próprio.»

XX

O passarinho aflige-se muito
 para encontrar um lugar para caçar.
 Se um bando de pássaros passa no céu sobre ele,
 ele diz: «Se eu tivesse uma rede!»
 Como o deus não permite que isso aconteça,
 ele aflige-se com os seus próprios planos.

XXI

Do mesmo modo, vou falar-te acerca do pescador.
 Ele aflige-se mais do que em qualquer outra profissão.
 Ele não tem trabalho a não ser no rio,
 misturado com os crocodilos.
 (Mesmo) quando é inteiramente recompensado,
 ele lamenta-se.
 Ele nunca diz: «Eis um crocodilo à espera.»
 O medo cegou-o.
 Quando sai da água em boas condições
 ele diz que foi o poder do deus.
 Olha, não há nenhuma profissão livre de patrões
 excepto a de escriba: ele é o (seu próprio) patrão.

XXII

Mas se tu sabes escrever
 isso será melhor para ti
 do que as profissões de que te falei.
 Olha! Um subordinado é sempre um subordinado!
 Ninguém pode dizer que um agricultor é um homem;
 não é um guardião para ti.
 Olha, isto foi feito viajando para sul em direcção à residência real!
 Olha, isto foi feito por amor a ti!
 É benéfico para ti um dia na escola:
 é para a eternidade, o seu trabalho é uma montanha.
 Apressa-te! Apressa-te! Eu quero que aprendas.
 Eu quero que desejes pôr em movimento uma rebelião.

XXIII

Eu vou dizer-te igualmente outras palavras
para te instruíres no conhecimento.
(Tais) como: se te detiveres num lugar onde alguém luta
não te aproximes... da agitação com um tijolo.
Se alguém pegar num tijolo precipitadamente,
ninguém sabe como opor-se ao calor (do momento).
Testemunhar junto dos juízes
(permite) ponderar uma resposta favorável.

XXIV

Se caminhares atrás de altos dignitários
não te aproximes muito, como quem sabe o que lhe convém.
Se tu entrares e o senhor da casa estiver em casa,
com os seus braços estendidos para outro que chegou antes de ti,
tu sentar-te-ás com a mão na boca.
Não peças nada na sua presença,
mas interage com ele quando fores interpelado.
Evitar fixar a mesa.

XXV

Sê ponderado e muito respeitador.
Não fales de assuntos secretos.
Aquele que dissimula os sentimentos é um autêntico escudo.
Não digas palavras irreflectidas
quando estás sentado com alguém que é irritável.

XXVI

Se tu saíres da escola
depois do meio-dia,
para andar para baixo e para cima na rua,
prepara-te para as consequências disso.

XXVII

Se um alto dignitário te mandar em missão,
 ó! fala como ele falaria!
 Não omitas nem acrescentes nada relativamente a isso!
 Aquele que deita abaixo desvia-se;
 ele não tem um nome que dure.
 Aquele que mostrar fidelidade com todo o seu bom exemplo,
 nada lhe será escondido
 e não será feita distinção em relação a cada situação.

XXVIII

Não digas mentiras contra a mãe dele.
 O alto dignitário não gosta disso!
 Mesmo que depois aconteça algo nesse sentido,
 os seus braços serão naturais e o seu coração misericordioso.
 Não se acrescenta isso com um desafio!
 É vil para o ventre se tu lhe obedeceres!
 Se ficares satisfeito com três pães
 ingeridos com dois jarros de cerveja,
 não haverá obstáculos para o ventre poder lutar por isso.
 Se um outro se sacia não permaneças.
 Evitar fixar a mesa.

XXIX

Olha! Tu enviarás multidões
e ouvirás os discursos dos altos dignitários.
 Então, tu adquirirás a maneira de ser dos filhos dos homens,
 ao seguirem os seus passos.
 Um escriba é respeitado segundo a forma como ouve;
 aquele que escuta transforma-se num valor forte para o coração.
 Tu não deves falar por falar.
 Apressa-te quando te puseres em marcha,
 sem deixares de pensar.
 Associa-te a alguém mais importante do que tu:
 os amigos de um homem são o seu exército.

XXX

Olha! Renenet pôs-te no caminho do deus.

A Renenet do escriba está sobre o seu ombro
no dia do seu nascimento.

Ele chegará à sala de audiências

e o tribunal enviar-lhe-á gente.

Olha, nenhum escriba terá falta de comida

ou de bens do palácio real, v.p.s.!

Meskhenet fará florescer o escriba

e pô-lo-á à frente do tribunal.

Agradece ao teu pai e à tua mãe

que te deram vida!

Olha, isto que eu fiz para ti

é também para as gerações futuras!

CÓLOFON

Isto é o seu fim, perfeito e em harmonia.

«Canto de amor», in *Chants d'amour de l'Égypte antique*. Tradução inédita de Maria Helena Trindade Lopes. [século XIII-XII a.C.] 1992. Paris: J. Maisonneuve. 63-73.*

— *Primeiro Conjunto*

INÍCIO DAS FÓRMULAS DO GRANDE CONTENTAMENTO

PRIMEIRA DECLARAÇÃO

(O «irmão»)

A única, a «irmã» sem igual,
 Mais bela do que todas as outras,
 Vê-la é como ver a estrela que aparece
 No início de um bom Ano.
 Aquela de perfeição luminosa, a de compleição resplandecente,
 Aquela de olhos belos quando lança um olhar,
 Suave é a sua boca quando ela fala;
 Ela não diz uma palavra a mais.
 Aquela de longo pescoço, a de colo resplandecente,
 Os seus cabelos são verdadeiro lápis-lazúli.
 O seu braço vale mais do que o ouro,
 E os seus dedos são como lótus.
 Aquela de dorso voluptuoso (e) de cintura fina,
 Cujos quadris acentuam a sua beleza;
 Aquela de andar gracioso quando caminha,
 É pela sua postura que ela conquista o meu coração.
 A consequência: todos os homens se voltam para a olhar.

* Ciclo do Papiro Chester Beatty — Este papiro, que pertenceu aos arquivos de uma influente família de escribas de Deir el-Medina, e que foi transmitido de geração em geração durante a época Ramessésida, é não só o mais completo como também o mais importante dos ciclos dos Cânticos de Amor. O poema é constituído por três ciclos: o primeiro com sete estrofes, com falas alternadas do «irmão» e da «irmã», o segundo com três poemas, proferidos pela rapariga e o terceiro, que nos revela o nome do escriba que terá copiado este texto, com sete poemas.

Aquele que a abraçar é feliz,
E transforma-se no primeiro dos apaixonados.
Quando a vemos sair à rua,
Ela é semelhante àquela divindade, a Única.

SEGUNDA DECLARAÇÃO

(A «irmã»)

O meu irmão comove o meu coração com a sua voz,
Fazendo com que uma doença se apodere de mim.
Ele mora junto à casa da minha mãe,
(Mas) eu não saberia ir ter com ele.
A minha mãe tem razão ao recomendar-me:
«Renuncia a vê-lo!»
(Mas) o meu coração recusa, só de pensar nele,
Desde que o amor se apoderou de mim.
Ele é um imprudente,
Mas eu, eu sou como ele.
Ele não conhece os meus desejos de o abraçar,
Ele também (ainda) não escreve à minha mãe.
«Irmão», escuta! Eu estou-te destinada
pela Dourada, a deusa das mulheres.
Vem para junto de mim para eu ver a tua perfeição!
O meu pai e a minha mãe ficarão felizes,
Todos os meus familiares te aplaudirão ao mesmo tempo,
É a ti que eles aplaudirão, meu «irmão».

TERCEIRA DECLARAÇÃO

(O «irmão»)

O meu coração queria ver a sua perfeição.
Enquanto eu estava em sua casa. (Mas) eu encontro Mehy
No seu carro,
Com os seus (amigos) galanteadores.
Eu não podia deter-me na sua presença.
Eu deveria passar por ele sem me virar.
Ver o rio será como (ver) o caminho;

Eu não prestava atenção aonde colocava os pés.
 «Tu és completamente inconsciente, meu coração.
 Porque razão queres tu afrontar Mehý?»
 Vê, se eu passo diante dele,
 Revelo-lhe aquilo que me perturba.
 «Aqui estou à tua disposição», dir-lhe-ei.
 E ele nomeará o meu nome,
 E acrescentar-me-á à elite do harém
 Que está depois dele.

QUARTA DECLARAÇÃO

(A «irmão»)

Está pronto a esconder-se, o meu coração,
 Quando eu penso no amor que tenho por ti.
 Ele não me permite andar como toda a gente.
 Ele saltou do seu lugar.
 Ele não me permite vestir a minha túnica.
 Eu não visto mais o meu xaile,
 Eu não pinto mais os meus olhos.
 Eu já nem me perfumo.
 «Não fiques sem fazer nada, vai ter com ele à sua casa»,
 Diz-me o meu coração cada vez que eu penso nele.
 Não sejas — meu coração — insensato comigo!
 Porque te fazes de tolo?
 Fica calmo. (Porque) quando o irmão se dirige a ti,
 Inúmeras pessoas (fazem) o mesmo!
 Não deixes que as pessoas digam a meu respeito:
 «Uma mulher perdida de amor!»
 Sê firme sempre que eu penso nele.
 Meu coração, não te escondas!

QUINTA DECLARAÇÃO

(O «irmão»)

Eu quero adorar a Dourada; eu quero louvar a sua excelência;
 Eu quero exaltar a senhora do céu,

Eu quero prestar louvores a Hathor,
E glorificar a senhora.
Eu quero evocá-la para que ela oiça as minhas súplicas.
E que a senhora me envie (a irmã).
Ela (a irmã) veio para me ver.
Foi importante o que me aconteceu!
Eu alegrei-me, regozijando-me, radiante,
Quando alguém disse: «Ei-la!»
Vê: quando ela vem os galanteadores prosternam-se,
Tão grande é o amor que ela suscita.
Eu quero fazer orações à minha deusa,
Para que ela me conceda a irmã.
Fez ontem três dias que eu formulei súplicas a este propósito,
(mas) já passaram cinco dias desde que ela me deixou.

SEXTA DECLARAÇÃO

(A «irmã»)

Como eu fui espreitá-lo perto da sua casa,
Eu encontrei a sua porta aberta,
E o irmão de pé ao lado da sua mãe,
Todos os seus irmãos e irmãs estavam com ele.
O amor dele aprisionou-me o coração
De todos aqueles que passam na estrada,
(Ele), o jovem excelente, sem igual,
O irmão de personalidade singular.
Ele olhou para mim quando eu passei.
Eu estava sozinha para me deleitar.
Como o meu coração ficou cheio de alegria,
Irmão, quando eu (te) vi!
Ah, se a minha mãe conhecesse o meu sentimento,
Ela teria logo percebido!
Ó Dourada faz com que ela perceba.
Então, eu irei ter com o irmão,
E eu abraçá-lo-ei diante dos seus familiares,
E não chorarei diante deles,
Alegrar-me-ei por eles saberem
Que tu me conheces.

Eu vou celebrar uma festa para a minha deusa.
 O meu coração saltou até ficar fora do lugar,
 Para fazer com que eu veja o irmão esta noite.
 Foi bom, o que aconteceu.

SÉTIMA DECLARAÇÃO

(O «irmão»)

Há sete dias que eu não vejo a irmã.
 A doença abateu-se sobre mim,
 Ao ponto de me encontrar num estado em que o meu coração está pesado,
 E em que perdi a consciência de mim mesmo.
 Se os médicos vêm ver-me,
 Os seus remédios não me acalmam,
 Os mágicos não sabem como curar-me.
 Não conseguem identificar a minha doença.
 Há que dizer «Ei-la!» para que eu melhore.
 Há que nomear o seu nome para me aliviar.
 Não há como as idas e as vindas das suas mensagens para que o meu coração
 convalesça.
 A irmã é mais útil para mim do que qualquer remédio.
 Ela é mais eficaz para mim do que qualquer receita.
 A minha salvação depende dela estar ao meu lado.
 Vê-la bastava para ficar logo restabelecido.
 Descobrisse ela o seu olhar que o meu corpo logo se revigoraria.
 Ela falaria, e então eu recuperaria a força.
 Eu deveria beijá-la para que ela afastasse o mal, de mim.
 (Mas) já faz sete dias que ela me deixou.

— Segundo Conjunto

Se ao menos eu pudesse ir ter com a «irmã» rapidamente,
 Como o mensageiro do rei que se apressa,
 Enquanto o seu senhor tem o espírito ocupado pela espera da sua mensagem,
 E pelo desejo de a compreender.
 Todas as cavaliças estão aprestadas para ele,
 Os cavalos estão disponíveis para acarretar,

A carruagem encontra-se adornada no seu lugar.
 Está fora de questão, para ele, demorar-se no percurso.
 Chegado à casa da sua «irmã»
 O seu coração poderá entregar-se à alegria.

Se ao menos eu pudesse ir ter com a «irmã» rapidamente,
 Como o cavalo do rei,
 O melhor de todos os cavalos de batalha,
 O primeiro das cavaliças.
 Ele é objecto de uma atenção particular na sua alimentação.
 O seu senhor reconhece o seu passo.
 Se ele não ouve o som do chicote
 Não saberá treinar-se.
 Não será um dos melhores entre os contingentes dos *tuber*
 Em mestria.
 Ele é perito em realizar-se no coração da «irmã»
 Porque ele não está longe da «irmã».

Se ao menos eu pudesse ir ter com a «irmã» rapidamente,
 Como uma gazela saltitante num planalto deserto.
 As suas patas movem-se, o seu corpo enfraquece,
 O medo invade o seu corpo,
 Um caçador persegue-a com o seu cão,
 Eles não conseguem descobrir o seu rasto;
 Ela encontrou descanso num bosque;
 Como caminho ela utiliza o rio.
 Logo que chegues à sua porta
 Beija a tua mão quatro vezes.
 Tu deverás colocar-te no encaço do amor da «irmã».
 Foi a Dourada que a concedeu a ti.

— *Terceiro Conjunto*

INÍCIO DOS DOIS DÍSTICOS ENCONTRADOS NUM PROCESSO
 EM MANUSCRITOS (E) QUE FOI FEITO PELO ESCRIBA DA
 (INSTITUIÇÃO DO TÚMULO), NAKHTSOBEK.

Então tu deves apresentar-te na casa da «irmã».
 Acedes à sua porta

Que se desaferrolhe a sua sala de recepção.
 Como é magnífica, a sua pérgula!
 Oferece canto e dança;
 Vinhos e cervejas das grandes cerimónias (beneficiam) do seu apoio.
 Cabe a ti agitar os seus sentidos (?),
 E levá-la ao êxtase durante a sua noite!
 Então ela dir-te-á, inevitavelmente: «Toma-me nos teus braços!
 Ao amanhecer estaremos na mesma posição.»

Tu tens de te dirigir à casa da «irmã»,
 Sozinho, sem mais ninguém.
 Apenas a ti compete descobrir a entrada
 Apesar da colunata estar (aberta) ao vento;
 É apenas por um sopro do vento que o céu se manifesta,
 Até trazer o seu odor;
 O perfume espalha-se, embriagando
 Aqueles que estão perante ela.
 É a Dourada que o ofereceu
 Para que tu completes a tua vida.

(O «irmão»)

Ela é perita em lançar o laço, a «irmã».
 Apesar de não ter sido concebida por um caçador de touros.
 Se ela lança o laço contra mim, é com os seus cabelos;
 Se ela me aprisiona, é com o seu olhar;
 Se ela me prende, é com o seu colar;
 Se ela me marca a ferro, é com o seu anel.

(A «irmã»)

Quando tu discutias com o teu coração:
 «À sua procura! A mim o seu abraço!»
 Assim como Amon perdura, eu caminho para junto de ti,
 A minha túnica sobre o ombro.

(A «irmã»)

Eu encontrei o irmão no caminho para o lago,
 O seu pé pousado na enchente
 Ele preparava os altares do dia (?),
 Tendo sido escolhido entre aqueles-encarregados-da-cerveja;

Ele estendia a pele do torso,
A sua estatura levando a melhor sobre a sua largura de ombros.

(O «irmão»)

Quanto ao que ela me fez, a «irmã»,
Dever-me-ia calar a esse respeito?
Deixar-me ficar à entrada da sua casa,
Enquanto ela se retirava para dentro!
Ela não me disse: «Adeus!»
Privando-me da minha noite.

(O «irmão»)

Eu passei junto à sua casa de noite,
Eu bati; ninguém ma abriu.
A noite é boa para o nosso porteiro!
Ferrolho, quero abrir-te.
Cadeado, tu és o meu destino,
Tu és o meu génio.
Sacrifiquemos o nosso boi no interior.
Cadeado, não manifestes o teu descontentamento!
Sacrifiquemos um boi pelo ferrolho,
Gado para a lingueta,
Um ganso para a soleira,
Gordura para a chave!
Todos os bocados do nosso boi,
Irão para o carpinteiro,
De modo a que ele faça um ferrolho de junco,
Um cadeado de palha.
Chegue o irmão a qualquer momento,
Ele encontrará a sua casa aberta,
Ele encontrará uma cama coberta de linho fino,
(E) uma rapariga.
A rapariga dir-me-á:
«Esta casa está destinada ao filho do director da cidade».

«Capítulo CXXV», in *The Book of The Dead: facsimiles of the papyri of Hunefer, Anhai, Kerāshber and Netchemet; with supplementary text from the papyrus of Nu with transcripts, etc.* Tradução inédita de Maria Helena Trindade Lopes. 1899. Londres: British Museum. 47-50.*

Texto segundo o papiro de Nu[†].

Declaração de inocência perante o grande deus.

Palavras ditas por N:

Salve ó tu, grande deus, senhor das duas Maat! Eu vim para junto de ti, (ó) meu senhor, fui trazido para ver a tua perfeição. Eu conheço-te, e conheço o nome dos quarenta e dois deuses que estão contigo nesta sala das duas Maat, e que vivem da guarda dos pecados e matam a sede com o sangue no dia da avaliação das qualidades, diante de Uennefer. Vê: «Aquele das duas filhas, aquele das duas Meret, o mestre das duas Maat», é o teu nome. Eu vim para junto de ti e trouxe-te o que é justo; por ti expulsei a iniquidade.

Não cometi a iniquidade contra os homens.

Não maltratei (as) gentes.

Não cometi pecados na sala da Verdade.

Não (tentei) conhecer aquilo que não é (para conhecer).

Não fiz o mal.

Não comecei o dia a receber uma oferenda das pessoas que trabalham para mim; e não me tornei um chefe de escravos.

Não blasfemei contra Deus.

Não privei um pobre dos seus bens.

Não fiz aquilo que é condenável pelos deuses.

Não permiti que um servo fosse maltratado pelo seu senhor.

* Literatura funerária. Este texto, central em qualquer versão do *Livro dos Mortos*, expressa a famosa cena da psicostasia que se traduz na ideia de um julgamento *post mortem*. A tradução aqui apresentada, que cita somente o texto das duas versões negativas, a parte mais significativa do capítulo, segue a versão revista, para reedição, de M.H.T. Lopes, *O Livro dos Mortos do Antigo Egipto*, Lisboa (no prelo).

† O Papiro de Nu, actualmente em exposição no Museu Britânico, e exemplo de livro funerário típico dos nobres tebanos do Império Novo, é o maior, mais perfeito, melhor conservado e iluminado de todos os papiros funerários que sobreviveram até nós.

Não fiz ninguém sofrer.
Não provoquei a fome.
Não fiz chorar.
Não matei.
Não mandei matar.
Não fiz sofrer ninguém.
Não subtraí oferendas dos templos.
Não roubei pães dos deuses.
Não roubei as oferendas dos bem-aventurados.
Não fui pederasta.
Não forniquei nos lugares santos do deus da minha cidade.
Não falsifiquei o alqueire.
Não encurtei a medida de comprimento.
Não fui desonesto no respeitante ao cadastro das terras.
Não aumentei os pesos da balança.
Não manipulei o braço da balança.
Não tirei o leite da boca das crianças.
Não me apoderei do gado nos prados.
Não apanhei a laço as aves destinadas aos deuses.
Não pesquei peixes com peixes mortos.
Não obstruí as águas quando deviam correr.
Não desfiz as barragens estabelecidas nas águas correntes.
Não apaguei as chamas de um fogo que devia arder.
Não violei as regras das oferendas de carne.
Não roubei o gado pertencente aos templos dos deuses.
Não impedi nenhum deus de se manifestar.
Eu sou puro, eu sou puro, eu sou puro!

Declaração de inocência perante os quarenta e dois deuses.*

- Ó tu, Espírito, que marchas a grandes passadas, e que surges em Heliópolis, eu não cometi iniquidade.
- Ó tu, Espírito, cujos braços estão rodeados de um fogo que arde, e que te manifestas em Kheraha, eu não trabalhei com violência.
- Ó tu, Espírito, que respiras o alento divino, e que te manifestas em Hermópolis, eu não fui cúvido.
- Ó tu, Espírito, que te alimentas à sombra dos mortos, e que te manifestas nas Fontes do Nilo, eu não roubei.
- Ó tu, Espírito, cujos membros apodrecem e empestam, e que te manifestas no Rosetjau, eu não matei os meus semelhantes.
- Ó tu, Espírito, sob a dupla forma de Leão, e que te manifestas no céu, eu não diminuí o alqueire do trigo.
- Ó tu, Espírito, cujos olhos ferem como punhais, e que te manifestas em Letópolis, eu não cometi fraudes.
- Ó tu, Espírito, da deslumbrante máscara, e que te manifestas em Khetkhet[†], eu não roubei o que pertencia aos deuses.
- Ó tu, Espírito, que esmagas e trituras os ossos, e que te manifestas em Heracleópolis, eu não menti.
- Ó tu, Espírito, que fazes crescer as chamas, e que te manifestas em Mênfis, eu não subtraí o alimento dos meus semelhantes.
- Ó tu, Espírito, divindade das fontes do Nilo, e que te manifestas em Amenti, eu não difamei.
- Ó tu, Espírito, cujos dentes brilham como o Sol, e que te manifestas na região do Faium, eu nunca fui agressivo.
- Ó tu, Espírito, que te precipitas sobre o sangue das vítimas, e que surges junto do cadafalso, eu não matei os animais dos templos.
- Ó tu, Espírito, que te alimentas das entranhas dos pecadores, e que te manifestas na Sala dos Trinta Juízes, eu não defraudei.
- Ó tu, Espírito, Senhor da Ordem Universal, que te manifestas na Sala da Verdade-Justiça, eu não monopolizei os campos de cultivo.
- Ó tu, Espírito, que andas retrocedendo, e que te manifestas em Bubastis, eu nunca escutei às portas.
- Ó tu, Espírito Aati, que apareces em Heliópolis, eu nunca pequei por excesso de palavra.

* Segunda confissão negativa.

† Local desconhecido.

- Ó tu, Espírito Tutuf, que apareces em Ati, eu nunca amaldiçoei quando me causaram algum dano.
- Ó tu, Espírito Uamenti, que apareces nas covas da tortura. Eu nunca cometi adultério.
- Ó tu, Espírito, que olhas com cuidado as oferendas que te levam, e que te manifestas no templo de Amsu, eu não forniquei.
- Ó tu, Espírito, chefe dos deuses antigos, que apareces em Nehatu, eu nunca aterrorizei qualquer pessoa.
- Ó tu, Espírito-destruidor, que te manifestas em Kauí, eu nunca violei a ordenação dos tempos.
- Ó tu, Espírito, que apareces em Urit, eu nunca cedi à cólera.
- Ó tu, Espírito, que apareces sob a forma de uma criança na Região do lago Hekat, eu nunca fui surdo às palavras da justiça.
- Ó tu, Espírito, cuja voz é penetrante, e que apareces em Unes, eu nunca promovi querelas.
- Ó tu, Espírito Basti, que apareces nos Mistérios, eu nunca fiz derramar lágrimas aos meus semelhantes.
- Ó tu, Espírito, cujo rosto se encontra na parte traseira da cabeça e que sais da tua morada oculta, eu nunca pequei contra a natureza dos homens.
- Ó tu, Espírito, com a perna envolta em fogo e que sais de Akhekhu, eu nunca pequei por impaciência.
- Ó tu, Espírito, que sais de Kenemet e cujo nome é Kenemeti! Eu nunca injuriei ninguém.
- Ó tu, Espírito, que levas nas tuas mãos a tua oferenda, e que sais de Sais, eu nunca fui querelador.
- Ó tu, Espírito, cujos rostos são múltiplos, e que apareces na cidade de Djefit, eu nunca agi com precipitação.
- Ó tu, Espírito, que apareces em Unth e que estás cheio de astúcia, eu nunca faltei com o respeito aos deuses.
- Ó tu, Espírito ornado de cornos e que sais de Satiú! Nos meus discursos nunca usei demasiadas palavras.
- Ó tu, Nefertum, que sais de Mênfis! Eu nunca defraudei nem agi com perversidade.
- Ó tu, Tum-sep, que sais de Djedu (Busíris)! Eu nunca amaldiçoei o Rei.
- Ó tu, Espírito, cujo coração está activo e que sais de Debtí! Eu nunca poluí as águas.
- Ó tu, Hi, que apareces no Céu! Sabe-o: as minhas palavras nunca foram altaneiras.

Ó tu, Espírito, que dás as ordens aos Iniciados, eu nunca amaldiçoei os deuses.

Ó tu, Neheb-neferet, que sais do Lago, eu nunca fui impertinente.

Ó tu, Neheb-Kau, que sais da cidade, eu nunca intriguei para me fazer valer.

Ó tu, Espírito, cuja cabeça é santificada e que sais, de repente, do teu esconderijo, eu não enriqueci de forma ilícita.

Ó tu, Espírito, que levas diante de ti o teu braço cortado e que sais do Mundo Inferior, eu nunca desdenhei o deus da minha cidade.

[...]

(3)
LITERATURA NO MUNDO
CANANAICO E BÍBLICO

José Augusto Ramos

Esta colectânea representa uma identidade histórico-cultural que se prolonga por muitos séculos, na continuidade de matrizes, temas e recursos, na costa mediterrânica da Síria-Palestina, onde a Bíblia tem o seu enraizamento e recebeu a sua forma literária. Esta sequência cultural exprimiu-se em criações literárias específicas, atravessando diversas fases e exprimindo-se em línguas específicas de várias literaturas. Nessa perspectiva, esta colectânea pretende percorrer os níveis representados por cada uma das línguas literárias utilizadas, consoante as épocas desta evolução. Estas línguas são o ugáritico, o hebraico, o aramaico e o grego. As três primeiras situam-se no âmbito das culturas de base semítica e esta é a razão do denominador comum que as aproxima. O grego entra como língua externa que é utilizada por falantes e escritores que são, eles mesmos, semitas. Trata-se de uma modalidade oriental de grego e, por esta via, beneficia do mesmo denominador comum.

A ruptura de cariz religioso que é costume assinalar com a passagem do Antigo para o Novo Testamento, mesmo apesar das novas ideias religiosas que são bem reconhecíveis, não inibe a continuidade de matrizes e modelos literários, inteiramente condizentes com as coordenadas de identidade que, ao longo de milénios, se foram definindo e se mantiveram. Pode ser um roteiro temático e identitário do vector cultural que vai desde a mais antiga literatura de Canaã até ao fim da Bíblia.

Os temas mais destacados deste vector de identidade incidem sobre mitologias de combate como estrutura de antropologia e de processo histórico, definição do divino como ordenamento funcional e semântico do universo, concepção messianizada da sociedade e simbolismo antropológico da sexualidade, integrando as estruturas fundamentais da consciência na relação com os outros e com Deus.

O cerne da reflexão incide, portanto, sobre a aventura social do homem na História e sobre o núcleo individual da antropologia como íntima emoção estética e como intuição ôntica estrutural. Como chave destes dois pólos de reflexão, acompanharemos o progredir da reflexão sobre Deus, como chave

de abóbada e fecho deste edifício. Se privilegamos textos em poesia, é porque este era o género literário mais reconhecido, mais elaborado linguisticamente e mais elevado do ponto de vista literário.

LITERATURA EM UGARÍTICO

José Augusto Ramos

Ugarit foi uma cidade-estado de modelo protofenício, situada na costa síria do Mediterrâneo, em frente da ilha de Chipre, beneficiando, por um lado, das actividades marítimas e, por outro, das riquezas de produção agrícola na região de Laodiceia da Síria. O seu posicionamento era igualmente privilegiado do ponto de vista comercial, tanto para o mar como para o interior asiático. O seu florescimento ocorreu principalmente em meados do segundo milénio antes de Cristo e durou até à destruição às mãos dos povos do mar, nos inícios do século XII. A literatura de Ugarit ficou a ser a única representante directa das culturas que se desenvolveram em Canaã, no tempo anterior à Bíblia, e que lhe serviram de fundamento. A convenção para uso do alfabeto, sob inspiração de práticas avulsas vindas do Egipto, foi invenção dos falantes da língua franca falada na generalidade das cidades-estado de Canaã. Esta língua cananaica do alfabeto ficou conservada com dois nomes, o fenício e o hebraico, pelo nome dos dois grupos de falantes que a conservaram por mais tempo. Provavelmente por ter sido escrita em suportes frágeis como o papiro, a literatura fenícia perdeu-se por completo. Ugarit, situada na zona de influência tecnológica da Mesopotâmia, adaptou o alfabeto para escrever com tinta a um outro desenho de alfabeto para escrever em argila. A conservação extraordinária da literatura de Ugarit ficou, portanto, a dever-se ao facto de ali se ter adaptado a nova escrita alfabética à técnica cuneiforme de escrever sobre tabuinhas de argila.

Os textos apresentados são tradução nossa, a partir do original em ugarítico. Seguimos o texto ordenado e estruturado na edição de Gregorio del Olmo Lete: *Mitos y leyendas de Canaán, según la tradición de Ugarit*, Madrid, Institución San Jerónimo / Ednes Cristiandad, 1981. A edição crítica é a de M. Dieteruch; O. Loretz; J. Sanmartin, *Die keilalphabetische Texte aus Ugarit. Einschliesslich der keilalphabetischen Texte ausserhalb Ugarits. Teil I. Transcription*, Kevelaer, Butzon and Bercker, 1976. A sigla KTU usada para identificar os textos tem como base esta edição.

Os primeiros três textos representam três secções do ciclo mitológico do deus Baal, que é a narrativa mítica cuja função se pode considerar

praticamente estruturante da cultura e da filosofia em Ugarit. Os dois seguintes são poemas épicos que têm por tema duas personagens lendárias e tratam temas políticos e antropológicos de importância maior. O seu carácter épico dá-lhes um estatuto e uma representatividade que equivalem a uma autêntica mitologia.

O texto que se obtém é, algumas vezes, reconstruído, aproveitando para isso as evidências provenientes dos lugares paralelos, que oferecem boas garantias de pertinência, dado o carácter estruturado e formulaico com que está construído este tipo de literatura. Em alguns casos, prescindimos de sinais indicadores de pequenos troços reconstituídos, por procederem de espaços directamente paralelos. Outros casos de reconstrução serão assinalados com parênteses rectos.

Baal, que significa «senhor», é o deus que tem e que detém o encargo de governar o universo. Nesta primeira parte do ciclo mitológico, ele concorre e luta pela legitimidade em exercer o seu poder. E consegue-o afirmando-se contra outros pretendentes, nomeadamente contra uma personagem que ficou como protótipo mítico de adversário e concorrente, Yammu. Mesmo que este nome seja o nome mais corrente de mar, a personagem representa uma forma inteiramente mítica do mar. Esta concorrência é um símbolo da própria função. Com efeito, o domínio criador e organizador do mundo, que a verdadeira função entregue a Baal representa um combate perene contra o caos. O mitema aqui apresentado é essencial e estrutural da metafísica pré-clássica, nomeadamente da costa oriental do Mediterrâneo. Dele seleccionamos alguns passos principais.

A segunda secção do ciclo mítico de Baal parece constituir uma sequência natural do quadro anterior. Ali, com efeito, já se considerava que um palácio de morada e de governo deveria ser a concretização natural do poder planeado para ser colocado nas mãos de Yammu. Trata-se da expressão institucional natural, no sentido de garantir a eficácia do poder. Para Yammu, a ideia estava a ser preparada como uma oferta. No caso de Baal, a questão é igualmente objecto de discussão na assembleia dos deuses. Porém, este palácio será mérito de governação do próprio Baal e da maneira decidida como este deus assume o seu poder. No entanto, há uma espécie de mediação que é assumida pela deusa Anat. Como irmã inteiramente cúmplice das funções de Baal, ela representa como que uma colaboração partilhada de modo fraterno. A sua combatividade em prol da causa comum é a isso que se deve certamente.

A terceira parte do ciclo mitológico de Baal e Motu não representa apenas um combate entre Baal e a morte, saindo vencedor o deus vitorioso, que

assim averba mais uma vitória à sua conta. Esta narrativa mítica tem mais intensidade e a questão da morte implica neste contexto uma relação bem mais dialéctica do que isso. Baal luta contra a morte, mas também luta em conjunto com a morte, numa solidariedade que interliga dinamismos contrapostos dentro da realidade cósmica, porque Baal, como realidade globalizante, encarna em si mesmo um ciclo de morte e ressurreição, ciclo que ele vive, em nome do sentido que essa experiência transporta. Visionar este mito como uma luta com Motu exprime a densidade e intensidade destas vivências. Tanto mais que o mito começa com lamentações de Motu pelo miserável estado em que ficou, depois da vitória de Baal sobre Yammu. Baal aceita descer ao mundo dos mortos, através da garganta devoradora de Motu, contanto que fique garantida a continuidade da fertilidade na terra.

PROCLAMAÇÃO DE YAMMU
(KTU I.I IV, 13-26)

E respondeu o Benigno, Ilu, o [Bondoso]*
«Certamente proclamarei o nome de meu filho Yawu.
Ó deusa†, [o seu nome é ‘amado de Ilu’].»
E proclamou o nome de Yammu‡,
[o nome do amado de Ilu].
[Então as deusas] responderam:
«Para nosso sustento [se proclamou o teu nome];
tu é que foste proclamado ‘senhor’.»
[E respondeu o touro, Ilu, seu pai]:
«Eu, o Benigno, Ilu, [o Bondoso],
[o ceptro te coloco] nas mãos,
Eu te proclamo [‘senhor’ dos deuses];
O teu nome é ‘Amado de Ilu’§.
[Um palácio te será edificado com o meu ouro],
[ser-te-á erguida] uma casa com a minha prata.
Tu terás de a [conquistar e arrebatat]
das mãos de Baal, o Vitorioso,

* Nesta poética teatral, as divindades, no papel de personagens do mito, aparecem qualificadas com epítetos, que definem uma rede de relações e ajudam a definir a função teatral da personagem. Ilu é o deus supremo do panteão cananaico juntando características de pai e de presidente da assembleia dos deuses. A ação descrita é em grande parte feita de retórica literária.

† A deusa Athiratu, conhecida em tempos posteriores como Achera, é esposa do deus supremo Ilu e mostra-se bastante interveniente no dinamismo deste ciclo de Baal, solicitando frequentemente um conjunto de deuses e deusas, num papel marcadamente maternal.

‡ O paralelismo deste texto associa Yammu com uma figura menos conhecida no semítico ocidental, Yawu. Cf. André Caquot; Maurice Sznycer; Andrée Herdner: *Textes ougaritiques*, T.I, Paris, Cerf, 1974, 309.

§ O título de investidura exprime a razão específica que serve de fundamento à nomeação.

{das mãos do auriga das nuvens}*.
 Pois ele nos desprezou {em seu orgulho},
 {nos incomodou na sua altivez}.
 Expulsa-o do {seu trono régio},
 {do divã, do sólio} do seu poder,
 {estabelecendo a sua soberania na terra}.
 Pois, se não {o expulsas do seu trono},
 ele te esmagará como {um cordeiro, por terra}
 {como um leitão contra o solo}.»

BAAL CRITICA O MEDO DOS DEUSES (KTU 1.2 I, 19-29)

Caminharam os mancebos sem deter-se;
 {assim} puseram-se a andar em frente,
 para a montanha divina,
 para a assembleia plenária†.
 Também os deuses se tinham sentado,
 os santos estavam a alimentar-se,
 estando Baal de pé junto de Ilu.
 Mal os deuses os viram,
 mal viram os mensageiros de Yammu‡,
 a embaixada do juiz [Naharu],
 inclinaram os deuses as suas cabeças,
 sobre os seus joelhos
 e sobre os seus assentos principescos.
 Contra eles protestou Baal:
 «Por que baixastes, ó deuses, as vossas cabeças
 sobre os vossos joelhos,
 sobre os vossos assentos principescos?»

* Este título sublinha quanto o deus Baal anda associado aos fenómenos atmosféricos.

† Em vez de se lançar à conquista de Baal, Yammu envia mensageiros à assembleia dos deuses, reclamando que lhe entreguem Baal. Os deuses vão ficar atemorizados e Baal, lutando pela continuidade do poder que exerce no governo do mundo, ajuda os deuses a reagir aos seus medos e hesitações e a tomar partido contra Yammu.

‡ O nome que funciona em paralelo com o de Yammu é Naharu, que significa rio ou torrente. É uma maneira de descrever o mar atravessado por fortes torrentes no seu interior. O segundo nome, isto é, o de rio, serve também para estender o alcance mítico do próprio mar, prolongando a sua presença pela extensão de águas que existem em terra.

Estou a ver, ó deuses, como vos humilham
os ditames dos mensageiros de Yammu,
a embaixada do juiz Naharu*.
Levantai, ó deuses, as vossas cabeças
de cima dos vossos joelhos,
dos vossos assentos principescos.
Pois eu mesmo responderei aos mensageiros de Yammu,
à embaixada do juiz Naharu.»
Levantaram os deuses as suas cabeças,
de cima dos seus joelhos,
dos seus assentos principescos.

INTERVENÇÃO DE KOTHARU (KTU 1.2 IV, 7-10)

E replicou Kotharu-Hasisu†:
«Não te disse eu, ó príncipe Baal,
de forma repetida, ó auriga das nuvens?
Agora, o teu inimigo, ó Baal,
agora, o teu inimigo debes esmagar.
Apoderar-te-ás do teu reino eterno,
do teu domínio pelos séculos dos séculos‡.»

* Isto é, o juiz «Torrente», nome simétrico de Yammu, o «Mar». O título de juiz está aqui aplicado no sentido de autoridade que governa. É o título dado aos chefes carismáticos dos hebreus antes da monarquia e que dá nome ao livro dos juízes. Segundo o testemunho dos historiadores romanos, os próprios cartagineses que pertenciam à mesma cultura cananaica chamavam «sufetas» (juízes) aos seus chefes.

† Divindade representativa dos domínios de vários artesanatos criativos. Tanto aqui como na epopeia de Aqhatu, é sobretudo a produção de armas ou instrumentos de construção, de combate e de caça.

‡ Baal é afirmado como detentor do governo, mesmo quando corre perigo ou se pretende passá-lo para as mãos de Yammu. Baal tem, no entanto, de lutar continuamente para manter o poder que é naturalmente visto como seu. Na verdade, é a sua própria eficácia de vitorioso que lhe mantém a legitimidade.

CONJURO MÁGICO

(KTU 1.2 IV, 11-26)

Kotharu uma maçã dupla fez descer
e proclamou os seus nomes:

«De teu nome tu és Yagrus,
Yagrus, o que expulsa Yammu.
Expulsa a Yammu do seu trono,
a Naharu do sólio do seu poder.
Saltarás das mãos de Baal,
como uma águia dos seus dedos;
atinge nos ombros o príncipe Yammu,
no peito, o juiz Nahar.»

Saltou a maçã das mãos de Baal,
como uma águia, dos seus dedos;
atingiu nos ombros o príncipe Yammu,
no peito, o juiz Naharu.

Forte, porém, Yammu não caiu,
não se dobraram os seus artelhos,
não se descompôs a sua figura.

Kotharu uma maçã dupla fez descer
e proclamou os seus nomes:

«De teu nome tu és Ayyamur,
Ayyamur expulsa Yammu.
Expulsa Yammu do seu trono,
Naharu, do sólio do seu poder.
Saltarás das mãos de Baal,
como uma águia dos seus dedos;
atinge na moleirinha o príncipe Yammu,
entre os olhos, o juiz Naharu.

Que Yammu se desconjunte
e caia por terra.»

Saltou a maçã das mãos de Baal,
como uma águia dos seus dedos;
atingiu na moleirinha o príncipe Yammu,
entre os olhos, o juiz Naharu.

Yammu desconjuntou-se,
caiu por terra;

dobraram-se os seus artelhos
e descompôs-se a sua figura.

COMBATE E VITÓRIA

(KTU 1.2 IV, 27-32)

Baal desfez e assolou Yammu,
desfez o juiz Naharu.
Por nome o repreendeu Athtartu*:
«Envergonha-te, ó Vitorioso Baal,
Pois nosso cativo era o príncipe [Yammu],
sim, cativo nosso era o juiz Naharu.»
Mal as palavras saíram da sua boca,
O vitorioso Baal envergonhou-se,
o auriga das nuvens replicou:
«Yammu está, sem dúvida, morto.
E desta maneira Baal assume a realeza!»

* Deusa muito conotada com os domínios da fertilidade, conhecida na Bíblia com o nome de Astarté. Aqui não parece ter especial ligação com Baal. Pelo menos, parte desta deusa a repreensão que deixa pairar sobre o final desta história algum sabor de incompletude ou de insatisfação, apesar do final vitorioso desta narrativa mítica.

MENSAGEM DE BAAL PARA ANAT
(KTU 1.3 III, 4-30)

[Pegue numa lira em suas mãos,
coloque a cítara ao seu peito,
cantando o amor do Vitorioso Baal,
a afeição de Pidrayu, filha da luz,
a paixão de Tallayu, filha do orvalho,
o amor de Arsayu, filha da nascente*.
Como pajens, assim entrareis
aos pés de Anat, inclinando-vos por terra.
Prostrai-vos, prestando homenagem;
e dissei à Virgem Anat
reiterai à cunhada dos povos[†]:
«Mensagem do Vitorioso Baal,
palavra do mais vitoriado dos heróis:
‘Apresenta-te na terra da guerra,
estabelece nas estepes a concórdia,
derrama a paz nas entranhas da terra,
sossego nas entranhas dos campos.
Empunha o teu cajado e a tua maça,
para mim os teus pés se apressem,

* Este amor entre Baal e Anat insere-se na dimensão funcional de governo, que este deus representava. Por isso o canto de amor de Anat por Baal inclui uma relação análoga para com as filhas deste. A explicação pormenorizada do significado dos seus nomes explicita e reforça o valor simbólico e a eficácia das funções exercidas por Baal como regulador dos ritmos de vida da natureza.

† Este título de Anat é de difícil interpretação, mas enquadra-se na relação fraterna relativamente a Baal. Virgem, especificamente por não ter filhos, ela é a cunhada possivelmente em sentido levirático (ver Nm 18,8; Dt 25, 5-7), porque representa a esperança de fecundidade familiar, mesmo quando ocorreu a morte de um irmão sem filhos. Este título pode conter ainda outros matizes (ver André Caquot: *Textes ougaritiques*, Paris, Cerf, 1974, T. I, 89 ss).

para mim corram os teus passos.
 Pois tenho uma palavra e vou dizer-ta,
 uma fala, e vou reiterar-ta.
 É palavra de madeira, conversa de pedra,
 murmúrio dos céus com a terra,
 dos abismos com as estrelas,
 a *pedra* do raio, que os céus nem conhecem,
 uma palavra que não conhecem os homens
 e não entendem as multidões da terra.
 Vem cá e eu ta revelarei,
 na minha divina montanha, Safon*,
 no santuário, na montanha de minha propriedade,
 no agrado, na colina da vitória.’»

[A revelação referida será feita depois do cerimonioso ritual de acolhimento oferecido a Anat, indiciado numa parte menos bem conservada do texto. A revelação em questão consiste em declarar que Baal não tem um palácio a que tem direito e que é indispensável. Nesse sentido, Anat dirige-se ao deus supremo, Ilu, com ameaças que o levam a mostrar-se sensível à questão que motiva esta secção do mito, tal como tinha já mostrado o seu acordo, quando a questão se tinha levantado a propósito de uma possível investidura de Yammu. A linguagem que se pode verificar entre os deuses que pertencem a esta assembleia divina reparte-se entre alguns modos de tipo mais afectuoso e outros bastante agressivos.]

BAAL, REI SEM PALÁCIO (KTU 1.3 V, 25-44)

Das sete câmaras, respondeu Ilu,
 de dentro das oito antessalas†:
 «Eu bem te conheço, pois és inexorável
 e não há, entre as deusas, outra da tua resistência.

* Safon, nome usado na região para designar o Norte, era o nome de uma montanha situada um pouco acima da cidade de Ugarit, mais tarde designada como o monte Cássio. Ali considerava a mitologia de Ugarit que estava situada a morada superior de Baal. Esta dose intensa de simbolismo foi conservada pelos hebreus que cuidaram em aplicá-la à colina de Sião, em Jerusalém, enriquecendo-a com todas as conotações míticas que o monte Safon sugeria.

† Esta metáfora numérica crescente é natural quando no Oriente se fala do palácio dos reis ou dos deuses mais destacados. Aqui pode igualmente servir como contraste entre o grande palácio do deus Ilu e a falta de palácio que afecta a eficácia das funções do deus Baal; como rei, este precisa de um palácio para mais dignamente governar a terra.

Que desejas, ó Virgem Anat?»
 E respondeu a Virgem Anat:
 «Seja a tua mensagem, ó Ilu, o sábio,
 tu que és sábio pela eternidade,
 uma vida ditosa seja a tua mensagem:
 ‘O nosso rei é o Vitorioso Baal;
 é ele o nosso juiz, acima do qual não há ninguém.
 Todos juntos seu cálice lhe levaremos,
 todos juntos levaremos a sua taça.’»
 Suspirando, porém, exclamou o touro Ilu, seu pai,
 Ilu que o estabeleceu como rei;
 exclamaram também Athiratu* e os seus filhos,
 a deusa e o clã dos seus familiares:
 «Mas eis que Baal não tem casa como os deuses,
 uma mansão como os filhos de Athiratu.
 A morada de Ilu é o abrigo e seu filho,
 a morada da Grande Senhora, Athiratu do mar,
 é a morada de [Pidra]yu, filha da luz,
 o [abrigo] de Tallayu, [filha] do orvalho,
 a morada de [Arsayu, filha da nascente],
 a morada [das noivas gloriosas].»†

[Reunir os consensos necessários para a construção de um palácio para Baal exigiu muita movimentação diplomática entre os deuses, mas finalmente chegou-se a uma conclusão positiva.]

DECISÃO DE CONSTRUIR O PALÁCIO (KTU 1.4 IV, 58 — 1.4 V, 1-19)

E respondeu o Benigno Ilu, o Bondoso:
 «Porventura sou eu escravo, criado de Athiratu?
 Porventura sou um escravo que pega na trola?
 Ou é uma escrava Athiratu,

* A deusa Athiratu aparece na mitologia de Ugarit sobretudo como esposa do deus supremo, Ilu. Os seus filhos são a globalidade dos deuses, em unísono pela causa do palácio de Baal.

† As filhas de Baal são chamadas noivas gloriosas, porque são entendidas como uma extensão da função fecunda de Baal para a terra; e essa fertilidade incide sobre a produtividade e o sucesso de toda a natureza e do universo inteiro, mas também sobre a fecundidade no aspecto humano.

que se ponha a fazer tijolos?*

Construa-se uma casa para Baal, como os deuses,
um castelo igual ao dos filhos de Athiratu!»

E respondeu a Grande Dama, Athiratu do Mar:
«És grande, Ilu; em verdade, és sábio;
as cãs da tua barba decerto te ensinam,
dando sossego ao teu peito.
Pois assim Baal pode armazenar a sua chuva,
fazer grande armazenamento de neve.
Então lança a sua voz desde as nuvens,
atirando para a terra os raios.
Que uma casa de cedro lhe construam,
uma casa de tijolos lhe levantem.
Comunique-se, assim, ao Vitorioso Baal:
‘Convoca uma quadrilha a tua casa,
uma brigada dentro do teu palácio.
Tragam-te os montes abundante prata,
as colinas, o ouro valioso.
Tragam-te as pedras mais preciosas.
Constrói assim uma casa de prata e ouro,
uma casa de puro lápis-lazúli.’»

KOTHARU RECEBE DE BAALO ENCARGO (KTU 1.4 V, 44 — 1.4 VI, 35)

Depois que chegou Kotharu-Hasisu,
colocou um boi diante dele,
um cevado mesmo na sua frente.
Preparou um trono e fê-lo sentar
à direita do Vitorioso Baal.
Enquanto os deuses comiam,

* A razão para aceitar a construção de um palácio para Baal é a de que aquele deus, como rei, irá cuidar e garantir lazer e sossego para os deuses. Argumento semelhante aparece na epopeia de Enuma Elish para justificar a criação do homem. Resulta daqui uma interessante analogia entre a função de Baal e a dos humanos.

respondeu o Vitorioso Baal,
 replicou o auriga das nuvens:
 «[Rápido,] uma casa, [ó Kotharu],
 rápido, ergue um palácio;
 rápido, uma casa me seja construída,
 rápido, um palácio me seja erguido,
 mesmo nos píncaros de Safon.
 Mil jeiras abarcará a casa,
 dez mil jugadas o palácio.»

[.....]

[Rápido], uma casa construíram,
 [rápido], ergueram um palácio;
 caminharam para o Líbano e suas árvores,
 para o Siryanu, desejado pelos seus cedros.
 Eis o Líbano e as suas árvores,
 o Siryanu, desejado pelos seus cedros.
 Acenderam fogo na casa,
 as chamas no palácio.
 Eis! Um dia e dois dias,
 o fogo ardeu na casa,
 as chamas no palácio.
 Um terceiro e quarto dia,
 devorou o fogo na casa,
 as chamas no palácio.
 Um quinto e sexto dias,
 devorou o fogo na casa,
 as chamas no meio do palácio.
 Mas eis que aos sete dias
 se apagou o fogo na casa,
 as chamas no palácio.
 Mudara-se a prata em lâminas,
 o ouro fora transformado em tijolos.

BAAL NAS SUAS FUNÇÕES DE REI (KTU 1.4 VII, 5-52)

Enquanto os deuses se regozijavam na montanha,
enquanto [se divertiam] os deuses em Safon*,
passou ele de cidade em cidade,
girou de vila em vila.

Sessenta e seis cidades tomou,
setenta e sete vilas;
de oitenta Baal [se assenhoriou],
de noventa Baal se apoderou.
[Haddu] ao [seu palácio voltou],
Baal, ao interior da sua casa.

[.....]

Abriu uma janela na casa†,
uma clarabóia no palácio,
abriu Baal uma seteira nas nuvens.

A sua voz santa Baal emitiu‡,
repetiu Baal [a expressão] dos seus lábios;
a sua voz santa [estremeceu] a terra,
remexeram-se [as praias] frente ao mar,
as colinas da terra tremeram.

Os inimigos de Baal acolheram-se aos bosques,
os adversários de Haddu§, às encostas dos montes.

* A festa solene da realeza de Baal celebrada pelos deuses consiste em regozijos e banquetes. Enquanto decorre a festa, porém, Baal encontra-se já em campanha como rei, percorrendo a terra. Baal esgota-se inteiramente na sua função, transcendendo as efemérides, por mais pertinentes e significativas que elas sejam.

† Depois de algum tempo de resistência à ideia, Baal decide aceitar uma proposta que lhe fora anteriormente feita por Kotharu-Hasisu, no sentido de se abrir uma clarabóia no seu palácio, relativamente à qual Baal, de início, se tinha mostrado bastante renitente. Agora tornou-se evidente para ele a função específica pensada para esta clarabóia no exercício da sua realeza; serviria para facilitar a queda da chuva, instrumento de Baal na gestão da natureza.

‡ Um dos sinais mais impressionantes da acção de Baal na natureza era o trovão, que trazia associado o relâmpago e a chuva. O trovão era a voz que precedia nesta sequência benfazeja de fertilidade. Além disso, o trovão tinha a conotação da voz que fazia pensar na divindade como uma pessoa.

§ Haddu é uma maneira local de pronunciar o nome do deus Hadad. Este era provavelmente o nome próprio do deus que na mitologia de Ugarit aparece sobretudo com o seu título de Baal. Na verdade, o deus Hadad era na mitologia mesopotâmica uma divindade ligada à meteorologia e pertencia provavelmente ao património cultural dos semitas do noroeste.

E declarou o Vitorioso Baal:
 «Inimigos de Haddu, por que vos assustais?
 Por que temeis a arma do Poderoso?
 Os olhos de Baal precedem as suas mãos,
 quando a seta de cedro dispara da sua direita.
 Desde que Baal se sentou na sua casa,
 alguém, rei ou não-rei,
 poderá estabelecer o domínio na terra?
 Um mensageiro vou mesmo enviar
 ao filho dos deuses, Motu,
 um arauto, ao amado de Ilu, o herói,
 para que grite Motu* no seu interior,
 aprenda o amado no seu íntimo.
 ‘Eu sou o único que reinará sobre os deuses,
 o que realmente engordará deuses e homens,
 o que saciará as multidões da terra†.’»

* Motu é um deus, cujo nome significa morte e se identifica simbolicamente com todas as imagens de morte. Aqui está a aparecer no fim da secção mítica como um dado que adia a questão das fronteiras ou dificuldades que se levantam ao poder de Baal. Isto constitui uma porta aberta a preparar a próxima secção mítica deste ciclo de Baal.

† Esta declaração a encerrar a narrativa do palácio de Baal deve referir-se às funções do próprio Baal que aparecem aqui descritas com grande síntese e clareza. Eventualmente, poderia também pensar numa antecipação de mensagem destinada a Motu, para quem as atenções se viram a partir deste ponto. Neste caso seria, desde já, sugerir uma espécie de autocandidatura de Motu que se propõe, ele também, para governar o mundo. Esse vai ser, com efeito, o tema do quadro final do ciclo de Baal.

BAAL MORREU
(KTU 1.5 VI, 1-10)

[Assim foram em frente]
[ao encontro de Ilu, na fonte dos dois rios],
[no interior da nascente dos dois oceanos]*.
[Dirigiram-se à gruta de Ilu] e entraram
[na morada do rei, pai] de anos.
[Levantaram a voz e exclamaram]:
«Demos voltas até [aos confins da terra],
até aos limites das pradarias,
chegámos à delícia da terra da peste,
à beleza dos campos da praia-mortandade,
chegámos aonde está Baal caído por terra.
Morreu o Vitorioso Baal!
Pereceu o príncipe, senhor da terra†.»

* Referência ao mítico lugar de habitação do deus Ilu. É para ali que segue esta mensagem, informando-o de que Baal morreu.

† «Senhor» está aqui expresso com o mesmo termo «baal», que significa realmente dono ou senhor. De resto, ao longo do ciclo mitológico o termo «baal» é praticamente sempre usado no sentido de um título já reconhecido. De qualquer modo, ele conserva o seu título de senhor, mesmo quando, tendo morrido, se encontra também remetido para a terra, isto é, o mundo subterrâneo onde se recolhem os mortos. É de salientar a afirmação intensamente dialéctica destes contrastes, que são assumidos com a garantia de continuidade para o poder, os atributos e a imagem do deus Baal.

LAMENTAÇÃO FÚNEBRE POR BAAL
(KTU 1.5 VI, 11— 1.6 I, 9)

Então o Benigno, Ilu, o Bondoso,
desceu do trono, sentou-se no escabelo,
e deixando o escabelo, sentou-se em terra;
espalhou cinza de aflição sobre a cabeça,
pó de humilhação sobre o seu crânio;
por vestido, cobriu-se de uma túnica ritual;
a pele com uma pedra talhou
e as duas tranças, com uma navalha.
Arranhou a face e o queixo,
arroteou a cana do seu braço.
Lavrou como quintal o peito,
como um vale arroteou as costas.
Levantou a voz e exclamou:
«Baal está morto! O que será do povo?
O filho de Daganu! Que será da multidão?
Atrás de Baal vou descer à terra!»
Também Anat percorreu e rastejou
todos os montes até às entranhas da terra,
todas as colinas até ao seio dos campos.
Atingiu a delícia da terra da peste,
a beleza dos campos da praia-mortandade.
Por vestido cobriu-se de uma túnica ritual,
a pele com uma pedra talhou,
as duas tranças, com uma navalha.
Arranhou a face e o queixo,
arroteou a cana do seu braço.
Lavrou como quintal o peito,
como um vale arroteou as costas.
Levantou a voz e exclamou:
«Baal está morto! O que será do povo?
O filho de Daganu! Que será da multidão?
Atrás de Baal vou descer à terra.»
Com ela desceu a Luminária dos céus, Shapshu*.

* Shapshu significa o sol. Ao descer ele também ao mundo dos mortos quer dizer que toda a luz do universo, mesmo para os deuses, se apaga com a morte de Baal.

SEPULTURA DE BAAL

(KTU 1.6 I, 9-30)

Quando se saciou de chorar,
 de beber como vinho as lágrimas,
 alto gritou à Luminária dos deuses, Shapshu:
 «Carrega-me, por favor, o Vitorioso Baal.»
 Escutou a Luminária dos deuses, Shapshu,
 levantou o Vitorioso Baal
 e assim aos ombros de Anat o colocou.
 Ela subiu com ele às alturas de Safon,
 Chorou-o e sepultou-o;
 colocou-o na caverna dos deuses da terra*.
 Degolou setenta touros selvagens
 como oferta fúnebre do Vitorioso Baal;
 degolou setenta bois
 como oferta fúnebre do Vitorioso Baal;
 degolou setenta ovinos
 como oferta fúnebre do Vitorioso Baal;
 degolou setenta cabras montesas
 como oferta fúnebre do Vitorioso Baal;
 degolou setenta asnos
 como oferta fúnebre do Vitorioso Baal;
 o seu sacrifício preparou [...].

[A alguns deuses que se opunham à realeza de Baal, nomeadamente a deusa Athiratu, sempre mais voltada para o lado de Yammu, Anat vai sarcasticamente dizer que podem dar-se por contentes, mas que terão agora de encontrar um substituto para o deus Baal que possa governar a terra, mas essa substituição não se apresenta como coisa fácil. Tentaram arranjar alguém como substituto, mas este revelou-se simplesmente ridículo. Por isso, Anat toma a iniciativa de se lançar de imediato a uma solução alternativa, a de procurar Baal, ultrapassando Motu, a morte, e promover a única coisa que faz sentido, isto é, a ressurreição de Baal.]

* Assim está Baal identificado aos mortos divinizados, que podem ser sobretudo os antigos reis divinizados pela via fúnebre e habitando a terra, o mundo subterrâneo dos mortos. Entre reis, fica Baal bem enquadrado.

PROCURA DE BAAL E DESAFIO A MOTU
(KTU 1.6 II, 4-25)

Um dia e mais dias passaram
e Anat, a Mulher, o buscou.
Como o coração da vaca pelo seu vitelo,
como o coração da ovelha pelo seu cordeiro,
assim era o coração de Anat após Baal.
Pegou Motu pela ponta do vestido,
agarrou-o pela fímbria do manto,
levantou a voz e exclamou:
«Tu, Motu, entrega o meu irmão!»
E respondeu o divino Motu:
«Que exiges de mim, ó Virgem Anat?
Eu mesmo percorri e rastejei
todos os montes até às entranhas da terra,
todas as colinas até ao interior dos campos.
O alento faltou aos humanos,
o alento às multidões da terra.
Cheguei à delícia da terra da peste,
à beleza dos campos da praia-mortandade.
Encontrei o Vitorioso Baal,
eu mesmo fiz dele um cordeiro para a minha boca,
como leitão, entrando na minha garganta, ele se desfez.
É que a Luminária dos deuses, Shapshu,
está a abrasar o vigor dos céus,
nas mãos do divino Motu*.»

RESSURREIÇÃO DE BAAL
(KTU 1.6 III, 1 — 1.6 IV, 5)

«Morreu o Vitorioso Baal,
Pereceu, de facto, o príncipe Baal da terra†!
Mas, se está vivo o Vitorioso Baal,

* Estes últimos versos são muito explícitos para relacionar Motu com a morte da natureza, provocada pelo calor do Verão, aspecto oposto ao lado outonal, invernal e primaveril, que é representado pelo ciclo de renovação associado com Baal.

† Isto é, «senhor da terra dos mortos», como ficou explicado em nota anterior.

e se existe o príncipe Baal da terra,
 num sonho do Benigno Ilu, o Bondoso,
 numa visão do criador das criaturas,
 os céus choverão azeite,
 as torrentes fluirão com mel,
 e eu saberei que está vivo o Vitorioso Baal,
 que existe o príncipe Baal da terra.»
 Alegrou-se o Benigno Ilu, o Bondoso,
 os seus pés no escabelo apoiou,
 desfranziu o sobrolho e sorriu.
 Levantou a voz e exclamou:
 «Eu vou sentar-me e vou repousar,
 e repousará dentro em mim o alento,
 pois está vivo o Vitorioso Baal,
 pois existe o príncipe Baal da terra!»
 Alto gritou Ilu para a Virgem Anat:
 «Escuta, ó Virgem Anat,
 Diz à Luminária dos deuses, Shapshu:
 ‘Ressequidos estão os sulcos dos campos, ó Shapshu,
 ressequidos, os sulcos dos campos, ó deus.
 Acaso te farão senhor dos sulcos da arada?’»
 Onde está o Vitorioso Baal,
 onde está o príncipe Baal da terra?’»

LUTA CONTRA MOTU (KTU 1.6 V, 1— 1.6, 29)

Pegou Baal nos filhos de Athiratu;
 aos grandes atingiu com o garrote,
 aos iguais a Yammu atingiu com a maça,
 aos pequenos arrastou por terra
 e [subiu] Baal ao seu trono régio,
 [ao divã], ao sólio do seu poder.
 [...]
 Atemorizou-se o divino Motu,
 teve medo o amado de Ilu, o Caudilho.
 Agitou-se Motu na sua prostração,
 humilhou-se diante de Baal.

Este foi instalado no seu trono régio,
 no divã, no assento do seu poder.
 [...]

 Shapshu gritou para Motu:
 «Escuta, por favor, ó divino Motu,
 como poderás combater
 contra o Vitorioso Baal?
 Como queres que te escute
 o touro Ilu, teu pai?
 Decerto ele arrancará pela base a tua sede,
 derrubará o teu trono real;
 certamente quebrará o teu ceptro de comando.»

HINO A BAAL (KTU 1.6 VI, 43-53)

Possas tu sentar-te*
 possas provar comida de sabor
 possas comer o pão da oferta,
 possas beber o vinho da libação.
 Shapshu vai submeter-te os *rapaúma*†,
 Shapshu vai submeter-te essas divindades;
 junto a ti estão os deuses e também os homens,
 junto de ti está Kotharu, o teu amigo‡,
 e Hasisu, teu conhecido;
 contra Yammu, Arshu e Tunanu
 Kotharu-Hasisu uma mão
 te há-de dar, Kothar-Hasisu.

* A falta de uma palavra chave na primeira linha deixa dúvidas na sua tradução. No entanto, parece deduzir-se da série de partículas enfáticas que começam os primeiros versos que o hino esteja focado em dirigir convite a alguém capaz de receber ofertas de culto. Nesta posição de final do ciclo de Baal, o mais plausível é que o destinatário do hino seja Baal. O seu nome não está explícito, mas vários dos nomes referidos pertencem à sua companhia.

† Os *rapaúma* eram indivíduos de especial condição que no mundo dos mortos eram considerados de algum modo como divindades. Poderia ser o caso dos reis que no outro mundo eram divinizados. Este espaço dos mortos não era um espaço normal de intervenção para Baal. O deus do Sol, Shapashu, parece servir-lhe de ajuda e complemento.

‡ Kotharu-Hassisu, divindade do domínio da indústria e da construção, destaca-se como sendo principal colaborador de Baal, sinal de que este era uma divindade voltada para tarefas práticas e concretas.

COLOFÃO DE COPISTA
(KTU 1.6 VI, 54-58)

O escriba foi Ilimilku, *sbubani**,
discípulo de Attanu-Purliani,
sumo-sacerdote, pastor máximo,
inspector de Niqmadu, rei de Ugarit,
pessoa importante, senhor do nosso sustento.

* Não tendo especial significado literário, esta nota final é importante porque mostra o enquadramento histórico e cultural no contexto da cidade cananaica.

KIRTA, REI SEM HERDEIRO

(KTU I.14 I, 6 — I.14 II, 5)

A família de Kirta ficou destruída,
 a casa do rei desapareceu,
 ele que tinha sete irmãos
 oito filhos de uma mãe.
 Kirta em sua estirpe ficou arruinado,
 Kirta, ameaçado em sua linhagem.
 Esposa legítima bem ele tivera,
 Uma consorte segundo a lei,
 uma mulher desposara, mas ela foi-se.
 Parentes maternos ele tivera:
 um terço morreu em pleno vigor,
 um quarto, de enfermidades,
 um quinto ceifou-o Rashpu[†],
 um sexto, o pajem Yammu
 e um sétimo, eis, foi abatido por Shalhu[‡].
 Kirta contemplou a sua estirpe,
 contemplou a sua estirpe arruinada,
 inteiramente minada a sua mansão.

* Kirta, também vocalizado como Keret, por analogia com o hebraico, é personagem central de uma espécie de drama da realeza ameaçada por perspectivas preocupantes para a consciência humana e para a própria consistência da instituição. Parece ter algo da densidade do livro de Job aplicada à experiência da realeza. É uma perspectiva humanisticamente subtil. As três situações de dramatismo aparecem sublinhadas e esquematizadas nos três temas com os quais se pode fazer uma pequena antologia desta epopeia.

† Nome do deus da peste. Mas era também considerado o equivalente do deus mesopotâmico para o mundo dos mortos, Nergal. Devia ter também outros aspectos muito atractivos na religião dos semitas do noroeste, tendo em conta a grande quantidade de nomes teofóricos em que é usado.

‡ Nome de um deus do mundo dos mortos, que aqui representa a ameaça à vida, tal como Rashpu e Yammu.

Entrou no seu quarto a chorar,
 repetindo queixumes, ei-lo a verter lágrimas.
 As suas lágrimas corriam
 como siclos para o chão,
 como peças de cinco sobre o seu leito.
 Em seu chorar, eis que adormeceu.
 No seu pranto, houve sonolência;
 o sono venceu e ele deitou-se,
 a sonolência, e aconchegou-se.
 E, no seu sonho, Ilu desceu,
 na sua visão, o pai do homem.
 Este aproximou-se, perguntando a Kirta:
 «Que tens, Kirta? Pois está a chorar,
 a derramar lágrimas, o afável pajem de Ilu!
 Acaso deseja a realeza do touro, seu pai,
 ou um poder como o pai dos homens?»
 [...]

[E respondeu Kirta, o magnífico],
 [o afável servo de Ilu]:
 [«Para quê a mim prata ou ouro amarelo],
 parte do seu terreno [com servos] perpétuos,
 conjuntos de aurigas, cavalos e carros
 da reserva de escravos?
 [Concede-me] que possa obter filhos,
 [faz com que] eu multiplique a parentela.»

[Um oráculo de Ilu indica uma solução para o grave problema. Esta deve consistir numa solene expedição militar a uma cidade estrangeira, com o intuito de conseguir uma princesa, que venha a casar com o rei Kirta. Esta expedição assemelha-se mais a uma peregrinação que a uma marcha militar com intenções de guerra. Não estando o rei daquela cidade disposto a conceder-lhe a princesa e pretendendo despedi-lo com outros presentes, Kirta continua a insistir na única pretensão que o motiva.]

RÉPLICA DE KIRTA

(KTU I.I4 VI, 16-35)

Respondeu Kirta, o Magnífico:

«Para que quero eu prata ou ouro do melhor,

Uma parte do seu território,
 com servos para a eternidade
 com tripla de cavalos
 da sua reserva de escravos.
 Deves, antes, dar-me o que não há em minha casa;
 Dá-me a jovem Hurrayu,
 A mais graciosa da estirpe do teu primogénito,
 Cuja graciosidade é como a de Anatu,
 Como encanto de Athiratu o seu encanto,
 Cujas pupilas são gemas de lápis-lazúli,
 As suas sobancelhas, placas de alabastro.
 Aquilo que no meu sonho Ilu me outorgou,
 Na minha visão, o pai do homem.
 Que ela gere descendência para Kirta,
 Um príncipe para o servo de Ilu.»

KIRTA, REI SEM IMORTALIDADE
 (KTU I.16 II, 35 — I.16 V, 28)

Chorou ela* e rangeu os dentes,
 levantou a sua voz, chorando:
 «Na tua vida, ó nosso pai, nos alegrávamos,
 na tua imortalidade nos regozijávamos.
 Como um cão em tua casa envelhecido,
 como um cachorro à entrada do teu pórtico,
 como os mortais também tu morres, ó pai,
 e o teu pórtico tornou-se um pranto continuado,
 feito pelas mulheres, ó pai excelso.
 Mas será que os deuses morrem?
 A descendência do Benigno há-de viver!
 Por ti chora, pai, a montanha de Baal,
 Safon, a montanha santa;
 e se lamenta a fortaleza poderosa,
 o baluarte amplo de envergadura.

* É uma lamentação pelo destino mortal do rei Kirta, que aqui é colocada na boca da sua filha, Thitmanatu, nome que quer dizer Oitava ou Octávia.

Também Kirta é filho de Ilu*
 Descendência do Benigno e Santo!»

[...]

«Vertendo azeite [de paz] nos sulcos
 dai volta à terra e aos céus!

Virai-vos para os extremos da terra,
 para os confins dos prados olhai!
 Para a terra haja a chuva de Baal,
 Para os campos, a chuva do altíssimo!

É agradável para o trigo no sulco,
 na arada como um perfume,
 sobre a colina é como uma coroa!»

[...]

Ergueram as suas cabeças os camponeses,
 para cima os que cuidam do trigo;
 o grão acabara em seus depósitos,
 acabara o vinho em seus odres,
 acabara o azeite em suas talhas†.

[...]

E disse o Benigno, Ilu, o Bondoso:

«Sentai-vos, meus filhos, em vossas sedes,
 em vossos tronos principescos!

Eu mesmo farei um encantamento e o disporei,
 disporei que ele afaste a enfermidade,
 deitando fora a doença.»

KIRTA, REI AMEAÇADO PELA REVOLTA (KTU I.I6 VI, 2I-58)

Passou um dia e mais um segundo.
 Sentou-se Kirta no seu trono,
 Sentou-se no trono real,
 no divã, no sólio do poder.

* A realeza é uma participação numa função de características divinas. Daí a filiação divina do rei aqui metaforicamente mencionada. A importância destas funções arrastaria como lógica a ideia da imortalidade para os reis, detentores de tais funções.

† A morte do rei sugere dimensões de catástrofe para a natureza, algo semelhantes ao desarranjo que resulta da morte ou do enfraquecimento das funções do deus Baal.

Também Yassibu se sentou no palácio
 e recebia instruções do seu interior:
 «Yassibu, vai ter com o teu pai,
 vai ter com o teu pai e diz,
 reitera a Kirta, teu senhor:
 ‘Escuta e presta bom ouvido.
 Podes falar como guerreiro para guerreiros*
 ou dar ordens a um enxame?
 Deixaste cair as tuas mãos em prostração.
 Não julgas a causa da viúva
 nem sentencias em favor do oprimido.
 Por irmã tens a cama da doença,
 por companheira a esteira da enfermidade.
 Desce da realeza que eu serei rei;
 deixa o teu poder que eu tomarei assento.’»

Avançou o pajem, Yassibu,
 até à presença do seu pai entrou,
 ergueu a sua voz e exclamou:
 «Escuta, por favor, ó Kirta, o Magnífico,
 escuta e dá ouvidos.
 Podes falar como guerreiro para guerreiros
 e dar ordens a um enxame?
 Deixaste cair as tuas mãos em prostração,
 não julgas a causa da viúva,
 nem sentencias em favor do oprimido,
 não afastaste os predadores do pobre.
 Na tua presença, não fizeste alimentar o órfão,
 nem, ao teu lado, a viúva.
 Por irmã tens a cama da doença,
 por companheira a esteira da enfermidade†.
 Desce da realeza que eu me tornarei rei,
 deixa o teu poder, que eu tomarei assento.»

* A legitimidade do poder real poderia ser questionada por razões de eficácia na condução da guerra ou por falhas na administração da justiça, sublinhando aqui o caso dos mais desprotegidos.

† A vontade que o filho primogénito de Kirta tem em tomar o lugar de rei que ainda pertence ao seu pai leva-o a recorrer aqui ao argumento, politicamente pertinente, de que a falta de vigor do rei o incapacita para o exercício de várias das suas principais obrigações reais.

Respondeu Kirta, o Magnífico:
«Que Horanu esmague, ó filho*,
que esmague Horanu a tua cabeça,
Athtartu, Nome de Baal, o teu crânio!
Rápido chegues ao fim dos teus anos.
Que pela tua cobiça, sim, tu sejas humilhado.»

O escriba Ilimilku, inspector

* O rei responde ao filho rebelde com uma maldição divina, porque a legitimidade do poder, a realeza, desce do céu.

BAAL PROMETE A DANILU UM FILHO IDEAL
(KTU I.17 I, 1-40)

[Então Danilu], valente Rapaí,
Imediatamente o valente [Harnami]†,
cingido, aos deuses deu alimento,
cingido, deu de beber aos filhos do santo.
Tirou a sua vestimenta, subiu e deitou-se,
tirou a sua capa e foi dormir.
Passou um dia e outro;
[cingido], aos deuses Danilu,
cingido [aos deuses] alimentou,
cingido, deu de beber aos filhos do [santo].
Um quinto e sexto dia passaram;
cingido, [aos deuses] Danilu,
cingido aos deuses deu alimento,
[cingido], deu de beber aos filhos do santo.
Tirou a sua vestimenta Danilu,
tirou a sua vestimenta, subiu e deitou-se,

* Esta epopeia chama-se também *Epopéia de Danilu e Aqhatu*. De facto, ela começa com uma personagem de condição real algo semelhante à de Kirta. Chama-se Danilu; e Aqhatu é um filho miraculoso e maravilhoso que lhe é dado. Mas o foco dramático do texto parece estar sobretudo concentrado na figura de Aqhatu. Esta epopeia traz ao conjunto da literatura de Ugarit um conteúdo muito específico. Não trata directamente de funções cósmicas ou sociais importantes em si mesmas, como acontecia em textos anteriores. Aqhatu foi vítima da vingança da deusa, por causa de uma injustificável inveja da deusa Anat relativamente a um arco maravilhoso que o deus Kotharu ofereceu ao príncipe como presente de nascimento. Mas não se trata apenas de um drama pessoal, porque, mais uma vez, esse drama repercute-se em consequências cósmicas.

† Estas referências que constituem traços essenciais da identidade de Danilu parecem apontar para a história de um rei, originária de uma cidade estrangeira, situada possivelmente na Síria. Os dois cognomes que se lhe acrescentam parecem ter um significado gentilício. Em Ez 14, 12-20, aparece mencionado como sábio alguém de nome Daniel, que pode ter alguma relação cultural com o primeiro herói desta história.

tirou a sua capa e pôs-se a dormir.
 Mas eis que, ao sétimo dia,
 se aproximou Baal na sua benevolência*:
 «Pobre de ti, valente Rapaí!
 Queixoso está o herói, o valente Harnami,
 ele que não tem filhos como os seus irmãos
 nem rebento como os seus parentes.
 Pois que tenha um filho como os seus irmãos
 e um rebento como os seus parentes.
 Que, cingido, ele dê aos deuses alimento,
 cingido, dê de beber aos filhos do santo!
 Abençoa-o, por favor, ó touro Ilu, meu pai,
 conforta-o, ó criador das criaturas!
 E haja um filho seu em casa,
 um rebento no meio do seu palácio;
 que ele erga a estela do seu deus paterno,
 no santuário, o cipo do seu povo;
 da terra faça sair o seu ‘fumo’,
 na lama proteja os seus restos;
 que ele feche a boca aos seus detractores,
 expulse o que faz algo contra ele;
 que segure a sua mão na sua embriaguez
 e o carregue, quando está saciado de vinho;
 que ele consuma a sua porção no templo de Baal
 e o seu bocado, no templo de Ilu;
 que ele reboque o seu telhado, no dia do barro,
 lave os seus vestidos, no dia do sujo†.»

[Uma taça] tomou Ilu na sua mão,
 abençoou Danilu, valente Rapaí,
 confortou o herói, o valente Harnami:
 «Que em seu vigor reviva Danilu, valente Rapaí,
 em seu desejo o herói, o valente Harnami,
 Que em seu espírito haja vigor,
 suba ao seu leito [e se deite].

* Ou: «no seu implorar». A cena que aqui se descreve é uma espécie de procura de uma revelação, através de um sonho ritualmente preparado ou como que provocado, uma incubação.

† É a descrição das funções e do perfil de um filho ideal, segundo os padrões da ética familiar e política, tal como eram entendidas em Ugarit.

Que ao beijar a sua esposa, [haja concepção],
 ao abraçar, gravidez.»
 [...]

PRESENTE DE NASCIMENTO PARA AQHATU
 (KTU 1.17 V, 1-39)

«Eu mesmo* ali levarei o arco,
 Juntarei flechas em quadruplicado.»
 E eis que passaram sete dias;
 Então Danilu, o valente Rapaí,
 de seguida o herói, o valente Harnami,
 ergueu-se e sentou-se à entrada da porta,
 entre os nobres que estão na eira,
 julgando a causa da viúva,
 sentenciando sobre o caso do órfão.
 Ao levantar os olhos, ele o viu,
 a mil jeiras, mil jugadas.
 Viu de facto a chegada de Kotharu,
 Viu a corrida de Hasisu.
 Pois, eis que ele trazia um arco,
 que juntara flechas em quadruplicado.
 [...]
 Então Danilu, o valente Rapaí,
 de seguida o herói, o valente de Harnami,
 o arco colocou [nos seus joelhos],
 a Aqhatu precisamente [o entregou]:
 «As primícias da tua caça, ó filho,
 [oferece] as primícias da tua caça.
 Sim, as primícias da caça
 No seu palácio [deverás depositar].»

* Palavras ditas pelo deus artesão Kotharu-Hasisu, que produziu e ofereceu o arco prodigioso.

EXIGÊNCIAS DE ANAT E RECUSA DE AQHATU
(KTU 1.17 VI, 16-45)

[Ela levantou a voz] e exclamou:
«Escuta, por favor, ó herói, Aqhatu!
Pede prata e eu ta darei,
ouro, e to enviarei.
Mas dá o teu arco à virgem Anat,
As tuas flechas à ‘cunhada dos povos’.»

Mas respondeu o herói Aqhatu:
«Os melhores freixos do Líbano,
os melhores nervos dos búfalos,
os melhores chifres das cabras montesas
e tendões dos jarretes de touro,
as melhores canas dos imensos canaviais,
entrega-os a Kotharu-Hasisu.
Ele fará um arco para Anat,
Flechas para a «cunhada dos povos’.»

Porém, a virgem Anat replicou:
«Pede vida, ó Aqhatu, herói,
pede vida e eu ta darei,
imortalidade e eu ta concederei.
Far-te-ei contar com Baal os anos,
com os filhos de Ilu contarás os meses.
Como Baal, quando ressuscita alguém,
o ressuscitado convida e lhe dá de beber;
toca e canta na sua presença
e com agrado celebra,
assim também eu darei vida ao herói Aqhatu.»

A isto respondeu o herói Aqhatu:
«Não me enredes, ó Virgem,
pois para um herói o teu enredo é atoleiro.
Um homem, que destino pode alcançar?
Que sorte pode um homem alcançar?
Esmalte não-de verter sobre a cabeça,
argamassa sobre a minha nuca.

Também eu da morte de todos morrerei,
 eu também como os mortais morrerei.
 [Aliás], uma outra palavra te quero dizer:
 Os arcos [são próprios] de guerreiros.
 Porventura vão à caça as mulheres?»

Anat riu-se [às gargalhadas],
 mas no coração ela congeminava, [e disse]:
 «Ouve-me, ó herói Aqhatu,
 ouve-me e tudo te [correrá bem].
 Se te enfrento na senda da rebeldia
 e te apanho no caminho da arrogância,
 destruir-te-ei debaixo dos [meus pés],
 ó mais afável e profundo dos homens!»

MORTE DE AQHATU E SUAS CONSEQUÊNCIAS (KTU I.18 IV, 16-27)

E respondeu a virgem Anat:
 «Escuta, Yatipanu* e te [darei],
 pôr-te-ei como águia na minha cintura,
 como abutre na minha aljava.
 Quando Aqhatu estiver [sentado a comer],
 o filho de Danilu estiver a alimentar-se,
 [sobre ele] as águias revoarão
 e aticarei [um bando] de abutres.
 Entre as águias revoarei eu mesma,
 e sobre Aqhatu te colocarei.
 Bate-lhe duas vezes na moleirinha,
 três vezes por cima da orelha;
 derrama sangue como um assassino,
 como um carniceiro, sobre os seus joelhos.
 Que saia o seu alento como um sopro,
 como um suspiro o seu espírito,

* Divindade secundária, que aqui se encontra ao serviço de Anat e lhe serve de emissário e instrumento.

como fumo das suas narinas,
 que eu da sua prostração o reavivarei.»
 [...]

(KTU I.19 I, 12-46)

«Aqhatu foi abatido como um corajoso;
 como uma víbora ‘terrível’ na sua cerca,
 como um cão preso à sua estaca o feriu.
 Assim, por causa do seu arco o feriu,
 por causa das suas flechas não o deixei viver.
 Mas o seu arco não me foi cedido
 e pela morte foi arrebatado o amamentado de Anat.
 Primícias dos frutos de Verão,
 definharão as espigas dentro da sua camisa.»
 [...]

Assim se rasgou a roupa de Danilu, o valente Rapaí,
 os vestidos do herói Harnami*.
 Então Danilu, o valente Rapaí,
 conjurou às nuvens na seca terrível:
 «Que as nuvens derramem chuva nos frutos de Verão,
 que o rocio goteje sobre as uvas!»
 Durante sete anos fálhou Baal,
 durante oito, o auriga das nuvens;
 nem o fluxo dos dois oceanos,
 nem a doçura da voz de Baal.

[Descobertos os restos de Aqhatu, depois de longas buscas, por parte do pai e de uma sua irmã, foi feita vingança, não contra Anat, mas contra o guerreiro Yatipanu, que tinha ferido Aqhatu.]

* Estes gestos pertencem a um ritual de luto que Danilu começa a realizar. Não é ainda pela morte de Aqhatu, da qual ainda não teve conhecimento. É por uma espécie de antevisão das suas consequências cósmicas, que começam já a transparecer.

LITERATURA EM HEBRAICO

José Augusto Ramos

A redacção final dos livros bíblicos conservados em hebraico poderá ter acontecido alguns séculos depois do fim da literatura em Ugarit, que aconteceu com a destruição da própria cidade. No entanto, no processo cultural e na comunicação escrita, os temas identitários persistiram. A antologia mínima que se segue representa alguns desses temas.

A grafia da palavra Senhor em itálico no texto bíblico é uma convenção editorial, que significa que no original hebraico aparece o tetragrama divino YHWH (Javé).

TRAVESSIA DO MAR VERMELHO*

EX 15,1-18

- ¹ Então, Moisés cantou, e os filhos de Israel também, este cântico ao Senhor. Eles disseram:
«Cantarei ao *Senhor*
que é verdadeiramente grande:
cavalo e cavaleiro lançou no mar.
- ² Minha força e meu canto é o *Senhor*:
Ele foi para mim a salvação.
É este o meu Deus: glorificá-lo-ei;
o Deus de meu pai: exaltá-lo-ei.
- ³ O *Senhor* é um guerreiro:
Senhor é o seu nome.
- ⁴ Os carros de guerra do faraó e o seu exército
Ele atirou ao mar;
e os seus combates escolhidos
foram afundados no mar dos juncos.
- ⁵ Cobrem-nos os abismos:
desceram às profundezas como uma pedra.
- ⁶ A tua direita, *Senhor*,
resplandeceu de força;
a tua direita, *Senhor*,
apanhou o inimigo.
- ⁷ Com a grandeza da tua majestade,
destróis os que se levantam contra ti:

* Dominar o caos representado pelo mar é a maior metáfora de criação, partilhada pelas principais culturas do antigo Oriente. E esta criação é representada como uma intervenção de governo e de justiça por parte de um criador. É o que faz igualmente Baal, nos textos de Ugarit antes escolhidos e apresentados. O salmo 114 dá uma versão entusiasta deste mesmo tema.

- envias a tua ira,
que os devora como palha.
- ⁸ Com o sopro das tuas narinas,
as águas amontoaram-se,
as ondas ficaram paradas como um muro,
os abismos coalharam no coração do mar.
- ⁹ O inimigo disse: 'Persegurei, alcançarei,
repartirei os despojos:
neles se saciará a minha alma.
Desembainharei a minha espada:
a mão os exterminará.'
- ¹⁰ Sopraste com o teu vento,
e o mar os recobriu.
Afundaram-se como chumbo nas alterosas.
- ¹¹ Quem é como Tu, entre os deuses, *Senhor*?
Quem é como Tu enaltecido de santidade,
temível de glória,
fazendo maravilhas?
- ¹² Estendeste a tua direita:
a terra engoliu-os.
- ¹³ Com o teu amor conduziste este povo que resgataste.
Com a tua força o guiaste para a tua morada santa.
- ¹⁴ Os povos ouviram e estremecem:
Um tremor se apoderou dos habitantes da Filisteia;
- ¹⁵ transidos de pavor ficaram então os chefes de Edom;
um tremor se apoderou dos poderosos de Moab;
esmorecem todos os habitantes de Canaã.
- ¹⁶ Cairão sobre eles o pavor e o tremor;
Com a grandeza do teu braço, ficarão paralisados como pedra,
até que passe o teu povo, *Senhor*,
até que passe este povo que resgataste.
- ¹⁷ Fá-lo-ás entrar e plantá-lo-ás na montanha que é a tua herança,
o lugar que fizeste para Tu habitares, *Senhor*,
o santuário do Senhor, que as tuas mãos estabeleceram.
- ¹⁸ O *Senhor* reinará eternamente e para sempre.»

O ENRAIZAMENTO DE ISRAEL EM CANAÃ*

JS 24,1-15

- ¹ Josué reuniu todas as tribos de Israel em Siquém e convocou os seus anciãos, chefes, juizes e oficiais; todos se apresentaram diante de Deus.
- ² Então, Josué disse a todo o povo: «Eis o que diz o *Senhor*, Deus de Israel: ‘Vossos pais, Tera, pai de Abraão e de Naor, habitavam, ao princípio, do outro lado do rio e serviam outros deuses. ³ Tomei o vosso pai, Abraão, do outro lado do Jordão e conduzi-o à terra de Canaã. Multipliquei a sua posteridade, dando-lhe Isaac. ⁴ A Isaac dei Jacob e Esaú e dei a Esaú a montanha de Seir; Jacob, porém, e os seus filhos foram para o Egípto.
- ⁵ Depois enviei Moisés e Aarão e feri o Egípto com tudo o que fiz no meio dele. Por fim, tirei-vos de lá. ⁶ Tirei os vossos pais do Egípto e chegastes ao mar. Os egípcios perseguiram os vossos pais com carros e cavaleiros até ao Mar dos Juncos. ⁷ Eles, porém, clamaram ao *Senhor* e o *Senhor* pôs trevas entre vós e os egípcios e fez avançar o mar sobre eles cobrindo-os. Os vossos olhos viram o que fiz aos egípcios e, depois disto, passastes largo tempo no deserto.
- ⁸ Levei-vos, em seguida, para a terra dos amorreus, que habitavam do outro lado do Jordão. Eles combateram contra vós, mas Eu entreguei-os nas vossas mãos. Tomastes posse da sua terra e Eu exterminei-os na vossa frente. ⁹ Balac, filho de Cipor, rei de Moab, levantou-se para lutar contra Israel e mandou chamar Balaão, filho de Beor, para vos amaldiçoar. ¹⁰ Eu, porém, não quis ouvir Balaão e ele teve de vos abençoar repetidas vezes, e assim vos tirei das mãos de Balac.
- ¹¹ Atravessastes o Jordão e chegastes a Jericó. Combateram contra vós os homens de Jericó, os amorreus, os perizeus, os cananeus, os hititas, os guirgaseus, os heveus e os jebuseus; mas Eu entreguei-os nas vossas mãos. ¹² Mandeí diante de vós insectos venenosos que expulsaram os dois reis dos amorreus. Não foi com a vossa espada, nem com o vosso arco. ¹³ Dei-vos, pois, uma terra que não lavrastes, cidades que não edificastes e que agora habitais, vinhas e oliveiras que não plantastes e de cujos frutos vos alimentais.’
- ¹⁴ Temei, portanto, o *Senhor* e servi-o com toda a rectidão e verdade. Afastai esses deuses, a quem os vossos pais serviram do outro lado do rio e no Egípto e servi o *Senhor*. ¹⁵ E se vos desagrada servi-lo, então, escolhei

* O relato da assembleia do povo de Israel que teve lugar em Siquém tem aspectos de rejeição e confronto para com as culturas religiosas anteriormente vigentes na região de Canaã, mas ao mesmo tempo recolhe sentimentos de identificação e memória.

hoje aquele a quem quereis servir: os deuses a quem vossos pais serviram, do outro lado do rio, ou os deuses dos amorreus, cuja terra ocupastes, porque eu e a minha casa serviremos o *Senhor*.»

REALEZA TEM LEGITIMAÇÃO E GARANTIA DIVINA*

2 SM 7, 1-16

- ¹ Quando o rei se instalou em sua casa e o *Senhor* lhe deu paz, livrando-o dos seus inimigos, ² disse David ao profeta Natan: «Não vês que eu moro num palácio de cedro, enquanto a Arca de Deus está abrigada numa tenda?» ³ Natan respondeu-lhe: «Pois bem, faz o que te dita o coração, porque o *Senhor* está contigo!»
- ⁴ Mas, naquela mesma noite, o *Senhor* falou a Natan, dizendo-lhe: ⁵ «Vai dizer ao meu servo David: Diz o *Senhor*: És tu que me vais construir uma casa para Eu habitar?» ⁶ Desde que fiz subir da terra do Egito os filhos de Israel até ao dia de hoje, não habitei em casa alguma; mas peregrinava alojado numa tenda que me servia de morada. ⁷ E, durante todo o tempo em que andei no meio dos israelitas, disse, porventura, a algum dos chefes de Israel que encarreguei de apascentar o meu povo: ‘Por que não me edificais uma casa de cedro?’ ⁸ Dirás, pois, agora, ao meu servo David: Diz o *Senhor* do universo: Eu tirei-te das pastagens onde apascentavas as tuas ovelhas, para fazer de ti o chefe de Israel, meu povo. ⁹ Estive contigo em toda a parte por onde andaste; exterminei diante de ti todos os teus inimigos e fiz o teu nome tão célebre como o nome dos grandes da terra. ¹⁰ Fixarei um lugar para Israel, meu povo; nele o instalarei e ali habitará, sem jamais ser inquietado; e os filhos da iniquidade não mais o oprimirão, como outrora, ¹¹ no tempo em que Eu estabelecia juízes sobre o meu povo, Israel. A ti concedo uma vida tranquila, livrando-te de todos os teus inimigos.

Além disso, o *Senhor* faz hoje saber que será Ele próprio quem edificará uma casa para ti. ¹² Quando chegar o fim dos teus dias e repouares com teus pais, mantereí, depois de ti, a descendência que nascerá de ti e consolidarei o seu reino. ¹³ Ele construirá um templo ao meu nome e Eu

* Os textos mítico-poéticos de Ugarit sobre a realeza de Baal exprimem um modelo de sociedade que Israel procura transformar em realidade prática, adoptando um discurso que transforma de alguma maneira o discurso simbólico e mítico que vemos no ciclo de Baal. Sobre a importância e os problemas implicados nesta opção pela realeza pode ver-se também: 1Sm 8,1-22; 1Sm 12,1-25; 2Sm 7,17-29.

firmarei para sempre o seu trono régio. ¹⁴ Eu serei para ele um pai e ele será para mim um filho. Se ele cometer alguma falta, hei-de corrigi-lo com varas e com açoites, como fazem os homens, ¹⁵ mas não lhe tirarei a minha graça, como fiz a Saul, a quem afastei diante de ti. ¹⁶ A tua casa e o teu reino permanecerão para sempre diante de mim, e o teu trono estará firme para sempre.»

CONFLITO COM AS RELIGIÕES DE CANAÃ*

1 RS 18, 20-46

²⁰ Então, Acab mandou chamar todos os filhos de Israel e reuniu os profetas de Baal no monte Carmelo. ²¹ Elias aproximou-se de todo o povo e disse: «Até quando andareis a coxear dos dois pés? Se o *Senhor* é Deus, segui-o; mas se Baal é que é Deus, então segui a Baal!» O povo não respondeu.

²² Elias continuou: «Só eu fiquei como único profeta do *Senhor*; enquanto os profetas de Baal são quatrocentos e cinquenta. ²³ Dêem-nos, então, dois novilhos; eles escolherão um, hão-de esquartejá-lo e o colocarão sobre a lenha, sem lhe chegar fogo. Eu tomarei o outro novilho, colocá-lo-ei sobre a lenha, sem igualmente lhe chegar fogo. ²⁴ Em seguida, invocareis o nome do vosso deus; eu invocarei o nome do *Senhor*. Aquele que responder, enviando o fogo, será reconhecido como verdadeiro Deus.» Todo o povo responde: «Estas palavras são correctas.» ²⁵ Então Elias disse para os profetas de Baal: «Escolhei vós, primeiro, um novilho e preparai-o, porque vós sois mais numerosos; invocai o vosso Deus, mas não chegueis fogo ao novilho.» ²⁶ Eles tomaram o novilho que lhes fora dado e esquartejaram-no. Depois, puseram-se a invocar o nome de Baal, desde manhã até ao meio-dia, gritando: «Baal, escuta-nos!» Mas nenhuma voz se ouviu nem houve quem respondesse. E dançavam à volta do altar que tinham levantado. ²⁷ Quando era já meio-dia, Elias começou a escarnecer deles, dizendo: «Gritai com mais força! Talvez esse deus esteja entretido com alguma conversa! Ou então estará ocupado, ou anda de viagem. Talvez esteja a dormir! É preciso acordá-lo!» ²⁸ Então eles gritavam em voz alta, feriam-se, segundo o seu costume, com espadas e lanças, até ficarem cobertos de sangue. ²⁹ Passado o meio-dia,

* O choque cultural foi-se acentuando cada vez mais entre os hebreus e a cultura de Canaã; um dos principais resultados literários foi o processo de caricaturização a que foi sistematicamente submetido o nome e a imagem do deus Baal e o progressivo desenvolvimento do monoteísmo.

continuaram enfurecidos, até à hora em que era habitual fazer-se a oblação. Mas não se ouviu resposta nem qualquer sinal de atenção.

- ³⁰ Foi então que Elias disse a todo o povo: «Aproximai-vos de mim.» E todo o povo se aproximou dele. Elias construiu logo o altar do *Senhor*, que tinha sido demolido. ³¹ Tomou doze pedras, segundo no número das tribos de Jacob, a quem o *Senhor* dissera: «Chamar-te-ás Israel.» ³² Com essas pedras erigiu um altar ao nome do *Senhor*; em volta do altar cavou um sulco, com a capacidade de duas medidas de semente. ³³ Dispôs a lenha sobre a qual colocou o boi esquarterado ³⁴ e disse: «Enchei quatro talhas de água e derramai-a sobre o holocausto e sobre a lenha.» Depois acrescentou: «Tornai a fazer o mesmo.» Tendo eles repetido o gesto, acrescentou: «Fazei o mesmo pela terceira vez.» Eles obedeceram.
- ³⁵ A água correu à volta do altar até o sulco ficar completamente cheio. ³⁶ À hora do sacrifício, o profeta Elias aproximou-se, dizendo: «*Senhor*, Deus de Abraão, de Isaac e de Israel, mostra hoje que és tu o Deus em Israel, que eu sou o teu servo; às tuas ordens é que eu fiz tudo isto. ³⁷ Responde-me, *Senhor*, responde-me! Que este povo reconheça que Tu, *Senhor*, é que és Deus, aquele que lhes converte os corações.»
- ³⁸ De repente, o fogo do *Senhor* caiu do céu e consumiu o holocausto, a lenha, as pedras, a lama e até mesmo a própria água do sulco. ³⁹ Ao ver isto, o povo prostrou-se de rosto por terra, exclamando: «O *Senhor* é que é Deus! O *Senhor* é que é Deus!» ⁴⁰ Disse-lhe então Elias: «Prendei agora os profetas de Baal, não deixeis fugir um só deles!» Prenderam-nos e Elias levou-os ao vale de Quichon, onde os matou. ⁴¹ Depois Elias disse a Acab: «Vai, come e bebe, pois já ouço o rumor de uma forte chuva!»
- ⁴² Acab foi comer e beber; Elias subiu ao cimo do monte Carmelo, prostrou-se por terra, colocando a cabeça entre os joelhos; ⁴³ e disse ao seu servo: «Sobe e observa para os lados do mar.» Ele subiu e observou dizendo: «Não vejo nada!» Por sete vezes Elias lhe repetiu: «Volta e torna a observar.» ⁴⁴ À sétima vez, o servo respondeu: «Eis que sobe do mar uma pequena nuvem como a palma da mão!» Disse-lhe então Elias: «Vai dizer a Acab que prepare o seu carro e desça quanto antes, para que a chuva não o detenha aqui.» ⁴⁵ Nesse momento, o céu cobriu-se de nuvens negras, o vento soprou e a chuva começou a cair torrencialmente. Acab subiu para o seu carro e partiu para Jezrael. ⁴⁶ A mão do *Senhor* esteve sobre Elias, que, de rins cingidos, ultrapassou Acab e chegou a Jezrael.

O MUNDO GOVERNADO DE MANEIRA IDEAL*

IS II, 1-9

- ¹ Brotará um rebento do tronco de Jessé,
e um renovo brotará das suas raízes.
- ² Sobre ele repousará o espírito do *Senhor*:
espírito de sabedoria e de entendimento,
espírito de conselho e de fortaleza,
espírito de ciência e de temor do *Senhor*.
- ³ Não julgará pelas aparências,
nem proferirá sentenças somente por ouvir dizer;
- ⁴ mas julgará os pobres com justiça
e com equidade os humildes da terra;
ferirá os tiranos com as sentenças da sua boca
e os maus com o sopro dos seus lábios.
- ⁵ A justiça será o cinto dos seus rins,
e a lealdade circundará os seus flancos.
- ⁶ Então o lobo habitará com o cordeiro
e o leopardo deitar-se-á ao lado do cabrito;
o novilho e o leão comerão juntos,
e um menino os conduzirá.
- ⁷ A vaca pastará com o urso,
e as suas crias repousarão juntas,
o leão comerá palha como o boi.
- ⁸ A criancinha brincarà na toca da víbora,
e o menino desmamado meterá a mão na toca da serpente.
- ⁹ Não haverá dano nem destruição
em todo o meu santo monte,
porque a terra está cheia de conhecimento do *Senhor*;
tal como as águas que cobrem a vastidão do mar.

* A imagem de governo ideal do mundo lembra as condições em que se encontrava o universo sob governo do deus Baal. O texto sobre a missão de um profeta, em Is 61,1-3, transcrito logo a seguir, traduz uma imagética equivalente.

IS 61, 1-3

- ¹ O espírito do Senhor *Deus* está sobre mim,
 porque o *Senhor* me ungiu:
 enviou-me para levar a boa-nova aos que sofrem,
 para curar os desesperados,
 para anunciar a libertação aos exilados
 e a liberdade aos prisioneiros;
- ² para proclamar um ano da graça do *Senhor*,
 o dia da vingança da parte do nosso Deus;
 para consolar os tristes,
- ³ para coroar os aflitos de Sião,
 para mudar a sua cinza em coroa,
 o seu semblante triste em perfume de festa
 e o seu abatimento em cânticos de alegria.
 Então serão chamados «terebintos de justiça»,
 «plantação do *Senhor*, para sua glória».

TRAÍÇÃO DOS GOVERNANTES*

EZ 34,1-16

- ¹ Foi-me dirigida a palavra do *Senhor*, nestes termos: ² «Filho de homem, profetiza contra os pastores de Israel, profetiza e diz a esses pastores: Assim fala o Senhor *Deus*: 'Ai dos pastores de Israel, que se apascentam a si mesmos! Não devem os pastores apascentar o rebanho? ³ Vós, porém, bebestes o leite, vestistes-vos com a sua lã, matastes as rezes mais gordas e não apascentastes as ovelhas. ⁴ Não tratastes das que eram fracas, não cuidastes da que estava doente, não curastes a que estava ferida; não reconduzistes a transviada; não procurastes a que se tinha perdido; mas a todas tratastes com violência e dureza. ⁵ Por isso, à falta de pastor, elas dispersaram-se e, na sua debandada, tornaram-se presa de todos os animais do campo. ⁶ As minhas ovelhas vagueiam por toda a parte, pelas montanhas e pelas colinas elevadas;

* Um dos tópicos frequentes da literatura hebraica, sobretudo no discurso dos profetas, é o de criticar profundamente a maneira como os seus reis seguem uma prática de poder que se distancia, por vezes, do ideal de sociedade pressuposto nas regras de ética para a realeza. A passagem sobre o bom pastor em Jo 10,1-21 é uma imagem que contrasta com esta relação, considerada incorrecta, injusta e desumana, entre o rei-pastor e o seu rebanho.

o meu rebanho anda disperso por toda a superfície do país; ninguém se preocupa nem as vai procurar.’

⁷ Por isso, pastores, ouvi a palavra do *Senhor*: ⁸ ‘Pela minha vida — oráculo do Senhor *Deus* — porque as minhas ovelhas ficaram entre a pilhagem e se tornaram presa de todos os animais dos campos, por falta de pastor; porque os meus pastores não se preocupam com o meu rebanho; porque eles se apascentam a si mesmos e não apascentam o meu rebanho.’

⁹ Por isso, pastores, ouvi a palavra do *Senhor*. ¹⁰ Assim fala o Senhor *Deus*: ‘Aqui estou Eu contra os pastores! Vou tirar as minhas ovelhas das suas mãos e não permitirei que apascentem mais as minhas ovelhas; e eles não se apascentarão a si mesmos. Da sua boca arrancarei as minhas ovelhas, e elas nunca mais serão uma presa para eles.’»

¹¹ Porque assim fala o Senhor *Deus*: «Eis que Eu mesmo cuidarei das minhas ovelhas e me interessarei por elas. ¹² Como o pastor se preocupa com o seu rebanho, quando se encontra entre as ovelhas dispersas, assim me preocuparei Eu com o meu. Reconduzi-lo-ei de todas as partes por onde tenha sido disperso, num dia de nuvens e de trevas. ¹³ Arrancá-las-ei de entre os povos e as reunirei dos vários países, a fim de as reconduzir à sua própria terra e as apascentar nos montes de Israel, nos vales e em todos os lugares habitados da região.

¹⁴ Eu as apascentarei em boas pastagens; o seu pasto será nas montanhas elevadas de Israel; estarão tranquilas em bons pastos; comerão em férteis prados, nos montes de Israel. ¹⁵ Sou Eu que apascentarei as minhas ovelhas, sou Eu quem as fará descansar — oráculo do Senhor *Deus*. ¹⁶ Procurarei aquela que se tinha perdido, reconduzirei a que se tinha tresmalhado; cuidarei a que estava ferida e tratarei da que estava doente. Vigiarei sobre a que está gorda e forte. A todas apascentarei com justiça.»

PAIXÃO DE DEUS PELO POVO DE ISRAEL*

OS 2, 4-22

⁴ Protestai contra a vossa mãe, protestai.

Ela não é mais a minha mulher,

* O sistema de semânticas e valores das culturas cananaico-bíblicas atribui um simbolismo muito especial aos domínios sexuais da antropologia. Há quem pense que a mitologia de Ugarit distingue subtilmente a simbólica da criação, de forte semântica sexual, associada com o deus supremo do panteão, Ilu, e a simbólica da gestão do mundo, de semântica sociopolítica, simbolicamente associada com o deus Baal. O tema da paixão de Deus pelos humanos, como povo e como indivíduo, tem no livro do profeta Oseias o seu texto maior; Ez 16 é outro clássico do tema. E com estes convergem Ez 23; Jr 31, 1-22; e ainda o Cântico dos Cânticos, apresentado na Parte II desta antologia.

- nem Eu sou mais o seu marido.
Afaste da sua face as prostituições
e os adultérios de entre os seus seios,
5 senão, deixá-la-ei toda nua,
como no dia do seu nascimento;
torná-la-ei um deserto como terra árida,
e farei que pereça de sede.
- 6 Não terei compaixão dos seus filhos,
pois são filhos de prostituição.
- 7 A sua mãe prostituiu-se,
desonrou-se aquela que os concebeu.
Ela disse: «Correrei atrás dos meus amantes,
que me dão o meu pão e a minha água,
a minha lã e o meu linho,
o meu azeite e a minha bebida.»
- 8 Por isso, Eu fecharei o seu caminho com espinhos;
erguerei uma sebe em seu redor,
para que ela não encontre atalhos.
- 9 Ela perseguirá os seus amantes,
mas não os alcançará;
procurá-los-á, mas não os encontrará.
Então, ela dirá: «Voltarei ao meu primeiro marido,
porque eu era outrora mais feliz do que agora.»
- 10 Mas não reconheceu que era Eu
quem lhe dava o trigo, o vinho e o azeite
e lhe prodigalizava a prata e o ouro
que iam gastar com Baal.
- 11 Por isso, retomarei o meu trigo, a seu tempo,
e o meu vinho, na estação adequada;
retirarei a minha lã e o meu linho,
com que cobria a sua nudez.
- 12 Vou descobrir a sua vergonha diante dos seus amantes;
ninguém a livrará da minha mão.
- 13 Porei fim aos seus divertimentos,
às suas festas, às suas festas da Lua-nova,
aos seus sábados e a todas as suas solenidades.
- 14 Devastarei as suas vinhas e as suas figueiras,
Das quais ela dizia:
«Esta é a minha paga,

- que me deram os meus amantes.»
 Mas Eu hei-de transformá-las num matagal
 e serão devoradas pelos animais selvagens.
- ¹⁵ Hei-de pedir-lhe contas pelos dias de Baal,
 quando queimava incenso a esses ídolos,
 de colares e anéis ataviada,
 a cortejar os seus amantes,
 enquanto de mim se esquecia
 — oráculo do *Senhor*.
- ¹⁶ É assim que a vou seduzir:
 ao deserto a conduzirei, para lhe falar ao coração.
- ¹⁷ Dar-lhe-ei então as suas vinhas
 e o vale de Acor será como porta de esperança.
 Aí, ela responderá como no tempo da sua juventude,
 como nos dias em que subiu da terra do Egipto.
- ¹⁸ Naquele dia — oráculo do *Senhor* —
 ela me chamará: «Meu marido»
 e nunca mais: «Meu Baal.»
- ¹⁹ Tirarei da sua boca os nomes de Baal,
 de modo que tais nomes não voltem a ser recordados.
- ²⁰ Farei em favor dela, naquele dia,
 uma aliança com os animais selvagens,
 com as aves do céu e com os répteis da terra;
 farei desaparecer da terra o arco, a espada e a guerra,
 e farei com que eles repousem em segurança.
- ²¹ Então, te desposarei para sempre;
 desposar-te-ei conforme a justiça e o direito,
 com amor e misericórdia.
- ²² Desposar-te-ei com fidelidade,
 e tu conhecerás o *Senhor*.

HISTÓRIA DE AMOR DE JAVÉ POR JERUSALÉM*

EZ 16,1-14

- ¹ Foi-me dirigida a palavra do *Senhor* nestes termos: ² «Filho de homem, dá a conhecer a Jerusalém as suas abominações e diz: ³ Assim fala o Senhor

* Neste texto, a relação de amor de Deus com Jerusalém integra variados matizes do amor: humanitário e compassivo, paternal e sponsal.

Deus a Jerusalém: Pelas tuas origens e pelo teu nascimento, és da terra do cananeu. O teu pai era amorreu e a tua mãe hitita. ⁴No dia em que nasceste não te cortaram o cordão umbilical, não foste lavada em água para seres purificada, não te friccionaram com sal nem te envolveram em faixas. ⁵Nenhum olhar teve piedade de ti, para te fazer uma só destas coisas, por compaixão de ti; mas deitaram-te em campo aberto, por repugnância de ti, no dia em que nasceste. ⁶Passai, então, junto de ti e vi que te agitavas em teu sangue e disse-te: ‘Vive em teu sangue.’ ⁷Fiz-te crescer como a erva dos campos e ficaste grande e cresceste, adquiriste uma beleza perfeita; os teus seios formaram-se e chegaste à puberdade; mas tu estavas nua, completamente nua.

⁸ Então, passei de novo perto de ti e vi-te; e eis que o teu tempo era o tempo dos amores. Estendi sobre ti a ponta do meu manto e cobri a tua nudez. Fiz, então, um juramento e estabeleci contigo uma aliança — oráculo do Senhor *Deus*. E ficaste a ser minha. ⁹Banhei-te em água, lavei o sangue que te cobria e ungi-te com azeite. ¹⁰Vesti-te com vestes bordadas, calcei-te sandálias de cabedal fino, cingi-te a cabeça com um véu de linho e cobri-te de seda. ¹¹Ornei-te de jóias, pus-te braceletes nos pulsos e um colar ao pescoço. ¹²Coloquei-te um anel no nariz, brincos nas orelhas e uma coroa de ouro na cabeça.

¹³ Ficaste, assim, ornada de ouro e prata; o teu vestido era de linho fino, de seda e recamado de bordados. Como alimento tinhas a flor de farinha, o mel e o azeite. Tornaste-te extraordinariamente bela e chegaste à dignidade real. ¹⁴O teu nome espalhou-se entre as nações, graças à tua beleza; porque ela era perfeita, por causa do esplendor de que Eu te havia adornado» — oráculo do Senhor *Deus*.

A REALEZA DIVINA, PADRÃO DE ORDEM*

SL II O

¹ *De David. Salmo.*

Disse o *Senhor* ao meu senhor:

«Senta-te à minha direita,
e Eu farei dos teus inimigos
um estrado para os teus pés.»

* Um dos espaços onde mais profundamente ressoam ecos da literatura de Canaã são os salmos onde, frequentemente, verificamos convergências na ideia de ordenamento do mundo pacificamente convergentes entre as culturas de Canaã e a sensibilidade religiosa dos salmistas.

- ² De Sião, o *Senhor* estenderá o ceptro do teu poder.
Dominarás os teus inimigos na batalha!
- ³ A tua família é de nobres,
desde o dia em que nasceste;
no esplendor do santuário,
das entranhas da madrugada,
como orvalho Eu te gerei.»
- ⁴ O *Senhor* jurou e não voltará atrás:
«Tu és sacerdote para sempre,
segundo a ordem de Melquisedec.»
- ⁵ O Senhor está à tua direita;
Ele esmagará os reis, no dia da sua ira;
- ⁶ julgará as nações:
amontoará cadáveres e esmagará cabeças
pela vastidão da terra.
- ⁷ No caminho, beberá da torrente;
e, logo a seguir, erguerá a cabeça.

SIÃO À IMAGEM DO MONTE SAFON*

SL 48

- ¹ *Cântico. Salmo dos filhos de Coré.*
- ² Grande é o *Senhor* e digno de louvor,
na cidade do nosso Deus, no seu monte santo.
- ³ Belo em altura, alegria de toda a terra,
o monte Sião, nas alturas do Norte[†],
é a cidade do grande rei.
- ⁴ No meio das suas fortalezas,
Deus mostrou-se um refúgio seguro.

* Jerusalém representada como monte Sião recolhe em si o simbolismo que, nas culturas de Canaã, sobretudo na da cidade de Ugarit, andava associado ao monte Safon, montanha de Baal. Com este simbolismo acrescentado, Sião torna-se a cidade de referência para o mundo inteiro, dado explícito no Sl 87.

† A expressão *nas alturas do Norte*, literalmente «nos píncaros de Safon», refere-se ao monte Safon, perto de Ugarit, de que as populações de Canaã se serviam para designar o Norte. Ali se reuniam os deuses em assembleia (Is 14,12-13). Sobre essa montanha estava localizada a morada de Baal (ver Sl 89,6-7).

- ⁵ Eis que os reis se coligaram
e juntos atacaram a cidade.
- ⁶ Mal a viram ficaram aterrados,
perturbaram-se e puseram-se em fuga.
- ⁷ Ali mesmo apoderou-se deles o medo,
uma angústia como a da mulher que dá à luz;
- ⁸ era como o vento leste,
que destroça as naus de Társis.
- ⁹ Como nos contaram, assim o vimos,
na cidade do *Senhor* do universo,
na cidade do nosso Deus.
Deus consolidou-a para sempre!
- ¹⁰ Meditamos, ó Deus, sobre o teu amor,
no interior do teu templo.
- ¹¹ Como o teu nome, ó Deus,
assim o teu louvor chega aos confins da terra;
a tua direita está cheia de justiça.
- ¹² O monte Sião alegra-se,
as cidades de Judá exultam,
porque as tuas decisões são justas.
- ¹³ Percorrei Sião, caminhai em seu redor
que este Deus é o nosso Deus;
pelos séculos sem fim,
é Ele o nosso guia!

DEUS E A SABEDORIA*

PR 8, 22-36

- ²² O *Senhor* criou-me como primícia das suas obras,
desde o princípio, antes que criasse coisa alguma.

* Uma das coordenadas marcantes da literatura cananaico-bíblica é o aprofundamento progressivo do conceito de Deus pela via da valorização das funcionalidades e pelo aprofundamento da capacidade metafórica das hipóstases. Estabelece-se desta maneira um jogo de espelhos entre o conceito de Deus e os conceitos de valor essenciais. De Canaã a Bíblia recebeu já elaborado o conceito de Senhor como uma das mais eficazes definições ou designações de Deus. O facto de Senhor se ter tornado desde há milénios o nome-definição mais capaz para designar a Deus é um património que muito se deve à teorização processada em Canaã, antes do próprio aparecimento dos hebreus na região.

- ²³ Desde a eternidade fui formada,
desde as origens, antes dos primórdios da terra.
- ²⁴ Ainda não havia os abismos e eu já tinha sido concebida,
ainda as fontes das águas não tinham brotado;
- ²⁵ antes que as montanhas fossem implantadas,
antes de haver outeiros, eu já tinha nascido.
- ²⁶ Ainda Ele não tinha criado a terra nem os campos,
nem os primeiros elementos do mundo.
- ²⁷ Quando Ele formava os céus, ali estava eu;
quando colocava a abóbada por cima do abismo;
- ²⁸ quando condensava as nuvens nas alturas,
quando continha as fontes do abismo;
- ²⁹ quando fixava ao mar os seus limites,
para que as águas não ultrapassassem a sua orla;
quando assentou os fundamentos da terra,
- ³⁰ eu estava com Ele como arquitecto
e era o seu encanto todos os dias,
brincando continuamente em sua presença.
- ³¹ Brincava sobre a superfície da terra
pois as minhas delícias é estar com os seres humanos.
- ³² Agora, meus filhos, ouvi-me.
Felizes os que seguem os meus caminhos.
- ³³ Ouvi as minhas instruções para serdes sábios;
não queirais rejeitá-las.
- ³⁴ Feliz o homem que me ouve
e que vela todos os dias à minha porta
e é assíduo no limiar da minha casa!
- ³⁵ Aquele que me encontrar encontrará a vida
e alcançará o favor do *Senhor*.
- ³⁶ Mas quem me ofender prejudica-se a si mesmo
e os que me odeiam amam a morte

«Manuscritos do Mar Morto», in *Die Texte aus Qumran*. Tradução inédita de José Augusto Ramos. 1981. Darmstadt: WBG.

GUERRA DOS FILHOS DA LUZ CONTRA OS FILHOS DAS TREVAS* 1QM I,1-15

- ¹ Para o Mestre. Regra da guerra. O início do ataque dos filhos da luz será lançado contra o grupo dos filhos das trevas, contra o exército de Belial, contra as tropas de Edom e de Moab e dos filhos de Amon ² e as tropas de... e dos filisteus, e contra as tropas dos Kittim da Assíria e aqueles que os ajudam de entre os ímpios da aliança. Os filhos de Levi, os filhos de Judá e os filhos de Benjamim, os exilados do deserto, guerrearão contra eles. ³[...] contra todas as suas tropas, quando os filhos da luz exilados no deserto dos povos retornarem para acampar no deserto de Jerusalém. E depois da guerra subirão dali ⁴[...] dos Kittim no Egito. E a seu tempo, sairá com grande fúria para guerrear contra os reis do Norte, e a sua cólera exterminará e cortará o corno de ⁵[... Se]guir-se-á um tempo de salvação para o povo de Deus e um período de domínio para todos os homens da sua herança, e de destruição eterna para todo o grupo de Belial. Haverá pânico ⁶en[orme entre] os filhos de Jafet, e cairá a Assíria, e não haverá socorro para ela; o domínio dos Kittim acabará, sendo abatida a impiedade, sem que fique um resto, e não haverá escapatória ⁷[para os filhos das trevas]. ⁸ E [os filhos da jus]tiça resplandecerão em todos os confins da terra, irão iluminando até ao final dos tempos de trevas; e no tempo de Deus a sua grandeza excelsa brilhará durante todos os tempos ⁹[eternos] para paz e bênção, glória e gozo e longos dias

* Este excerto da «Regra da Guerra», um dos textos do Mar Morto, exprime bem a maneira como o mundo hebraico do tempo do Império Romano vivia uma consciência histórica cada vez mais carregada com a sensação de que um confronto com forças e condições adversas os ameaçava cada vez mais. É a consciência das fragilidades históricas acumuladas e transmitidas, de que a literatura cananaico-bíblica constituía vivo testemunho. Além dos inimigos do tempo bíblico tinham aparecido mais recentemente os Kittim, nome com que se passou a designar sucessivamente o mundo dos gregos e dos romanos. Os textos de Daniel e os do Apocalipse, já integrados na Parte II, oferecem um bom enquadramento para este excerto.

para todos os filhos da luz. E no dia em que caírem os Kittim haverá um combate e destruição feroz diante do Deus de ¹⁰ Israel, pois este será o dia fixado por Ele desde antigamente para a guerra de extermínio contra os filhos das trevas. Neste dia, enfrentar-se-ão para grande destruição a congregação dos deuses e a assembleia dos ¹¹ homens. Os filhos da luz e o grupo das trevas guerrearão entre si pelo poder de Deus, entre o grito de uma imensa multidão e o clamor dos deuses e dos homens, no dia da calamidade. Será um tempo de ¹² tribulação pa[ra to]do o povo redimido por Deus. De todas as suas tribulações, nenhuma será como esta, desde que começou a acelerar até se completar a redenção eterna. E no dia da sua guerra contra os Kittim ¹³ sai[rão para a destruição]. Na guerra, os filhos da luz serão os mais fortes durante três lanços para esmagar a impiedade; e em outros três o exército de Belial cingir-se-á para fazer retroceder o grupo de [... (Deus)]. Os batalhões de infantaria farão derreter-se o coração, mas o poder de Deus reforçará o cora[ção dos filhos da luz.] E no sétimo lanço, a grande mão de Deus submeterá ¹⁵ [Belial e to]dos os anjos do seu domínio e todos os homens do [seu grupo].

LITERATURA EM ARAMAICO

VER FUTURO NOS PENSAMENTOS DO CORAÇÃO*

DN 2, 31-45

- ³¹ «Ó rei. Tu tiveste uma visão. Eis que uma grande, uma enorme estátua se levantava diante de ti; era de um brilho extraordinário, mas de um aspecto terrível. ³² Esta estátua tinha a cabeça de ouro fino, o peito e os braços de prata, o ventre e as ancas de bronze, ³³ as pernas de ferro, os pés metade de ferro, metade de barro.
- ³⁴ Contemplavas tu esta estátua, quando uma pedra se desprende da montanha, sem intervenção de mão alguma, e veio bater nos seus pés, que eram de ferro e argila, e lhos esmigalhou. ³⁵ Então, com a mesma pancada, foram feitos em pedaços o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro; e, semelhantes ao pé que no Verão voa da eira, foram levados pelo vento sem que deixassem qualquer vestígio. A pedra que tinha embatido contra a estátua transformou-se numa alta montanha, que encheu toda a terra.
- ³⁶ Este era o sonho. Vamos agora dar ao rei a sua interpretação. ³⁷ Tu, ó rei, és o rei dos reis, a quem o Deus dos céus deu a realeza, o poder, a força e a glória; a quem entregou o domínio sobre os homens, onde quer que eles habitem, sobre os animais terrestres e sobre as aves do céu. Tu é que és a cabeça de ouro.
- ³⁹ Depois de ti surgirá um outro reino menor que o teu; depois, um terceiro reino, o de bronze, que dominará sobre toda a terra. ⁴⁰ Um quarto reino será forte como o ferro; assim como o ferro quebra e esmaga tudo, assim este esmagará e aniquilará todos os outros. ⁴¹ Os pés e os dedos que viste, em parte de argila de oleiro e em parte de ferro, indicam que este reino será dividido; haverá nele alguma coisa da resistência do

* Este excerto e o seguinte são retirados do livro de Daniel na parte que está em língua aramaica, nomeadamente a secção representada por Dn 2, 4b-7, 28. Nesta secção está presente o conteúdo mais directamente apocalíptico do Antigo Testamento.

ferro, conforme tu viste ferro misturado com argila. ⁴² Os dedos dos pés, em parte de ferro e em parte de barro, significam que o reino será ao mesmo tempo forte e frágil. ⁴³ Se tu viste o ferro junto com o barro, foi porque as duas partes se uniram por descendência humana, mas não se aguentarão juntas, do mesmo modo que o ferro não se funde com a argila.

- ⁴⁴ No tempo destes reis, o Deus dos céus fará aparecer um reino que jamais será destruído e cuja soberania nunca passará para todo o povo. Esmagará e aniquilará todos os outros, enquanto ele subsistirá para sempre. ⁴⁵ Foi o que pudeste ver na pedra que se desprendia da montanha, sem intervenção de mão alguma, e que reduzia a migalhas o ferro, o bronze, a argila, a prata e o ouro. O grande Deus deu a conhecer ao rei o que acontecerá no futuro. O sonho é verdadeiro e a interpretação dele é digna de crédito.»

NARRATIVA PARA UM IMPÉRIO FUTURO*

DN 7, 1-14

- ¹ No primeiro ano do reinado de Baltasar, rei da Babilónia, estando Daniel na cama, teve um sonho e visões. Consignou por escrito este sonho e o essencial dos factos. ² Assim se exprimiu Daniel: «Na minha visão nocturna, eu via os quatro ventos do céu precipitarem-se sobre o grande mar. ³ Surgiram do mar quatro grandes animais, diferentes uns dos outros.
- ⁴ O primeiro era semelhante a um leão, mas tinha asas de águia. Enquanto o contemplava foram-lhe arrancadas as asas. Levantavam-no da terra e endireitavam-no sobre os pés como um homem. Depois, deram-lhe um coração de homem.
- ⁵ Em seguida, apareceu um segundo animal semelhante a um urso; erguia-se sobre um dos lados e segurava na goela, entre os dentes, três costelas. Diziam-lhe: ‘Vamos! Devora muita carne!’
- ⁶ Depois disto, vi um terceiro animal parecido com uma pantera, que tinha sobre o dorso quatro asas de ave e também quatro cabeças. Foi-lhe entregue a soberania.

* Os quatro monstros que sobem do mar descrevem os períodos dramáticos da História, mas não anulam as expectativas de uma era de paz e justiça, que posteriormente recebeu a designação de Quinto Império. O P. António Vieira foi um intérprete entusiasta destas questões.

- ⁷ Enfim, quando contemplava estas visões nocturnas, divisei um quarto animal, horroroso, aterrador e de uma força excepcional. Tinha enormes dentes de ferro; devorava, depois fazia em pedaços e o resto calcava-o aos pés. Era diferente dos animais anteriores, pois tinha dez chifres.
- ⁸ Quando eu contemplava os chifres, eis que surgiu do meio deles um outro chifre mais pequeno. Para dar lugar a este chifre, três dos primeiros foram arrancados. Este chifre tinha olhos como um homem e uma boca que proferia palavras arrogantes.
- ⁹ Continuava eu a olhar até que foram preparados uns tronos, e um ancião sentou-se. Branco como a neve era o seu vestuário e os cabelos da cabeça eram como de lã pura; o trono era feito de chamas com rodas de fogo flamejante. ¹⁰ Corria um rio de fogo que jorrava da parte da frente dele. Mil milhares o serviam, dez mil miríades lhe assistiam. O tribunal reuniu-se em sessão e foram abertos os livros.
- ¹¹ Eu olhava. Por causa do ruído das palavras arrogantes que o chifre proferia, esse animal foi morto e o seu corpo desfeito e atirado às chamas do fogo. ¹² Quanto aos outros animais, também lhes foi tirado o poderio; no entanto, a duração da sua vida foi-lhes fixada a um tempo e uma data.
- ¹³ Contemplando sempre a visão nocturna, vi aproximar-se sobre as nuvens do céu um ser semelhante a um filho de homem. Avançou até ao Ancião, diante do qual o conduziram. ¹⁴ Foram-lhe dadas a soberania, a glória e a realeza. Todos os povos, todas as nações e as gentes de todas as línguas o serviram. O seu império é um império eterno que não passará jamais, e o seu reino nunca será destruído.»

LITERATURA EM GREGO*

* A língua grega aparece a dar expressão às questões de pensamento e cultura da tradição literária cananaico-bíblica, ainda antes de ter servido para assumir a totalidade da literatura produzida pelo cristianismo. Isso aconteceu desde cedo, nos tempos do helenismo, e a sua marca divide-se entre o Antigo Testamento, com marca judaica, e o Novo Testamento, de teor cristão. Esta língua tornou-se assim a quarta e última a assumir a tarefa de dar expressão a esta sequência cultural, que já então era claramente multimilenar.

CASAMENTO COM A SABEDORIA*

SB 8,1-16

- ¹ A sabedoria estende-se com vigor de uma extremidade à outra e tudo governa com bondade.
- ² Eu a amei e busquei desde a minha juventude, procurei tomá-la por esposa e enamorei-me da sua formosura.
- ³ A sua intimidade com Deus proclama a nobreza da sua origem, pois o Senhor do universo a amou.
- ⁴ É que ela está iniciada na ciência de Deus e é ela quem escolhe as suas obras.
- ⁵ E se a riqueza é um bem desejável na vida, que há de mais rico que a sabedoria que tudo pode?
- ⁶ E se é a inteligência que opera, quem mais que ela é artífice de todas as coisas?
- ⁷ E se alguém ama a justiça, tem como seus frutos as virtudes, pois ela ensina temperança e prudência, justiça e fortaleza. E nada há mais útil do que isto para os homens.
- ⁸ Se alguém deseja uma vasta experiência, ela conhece o passado e adivinha o futuro, penetra as subtilidades da linguagem e a chave dos enigmas, prevê sinais e prodígios e o desfecho das idades e dos tempos.

* Tendo em conta que a sabedoria apresenta o significado de uma hipóstase de Deus, esta adesão do humano à sabedoria representa uma maneira de tratar o tema do casamento com Deus, segundo os termos e o horizonte de uma serenidade sapiencial, que é curiosamente menos emocional e passional do que o casamento em que Deus aparece directamente como o esposo.

- ⁹ Por isso resolvi tomá-la por companheira da minha vida,
sabendo que ela será para mim conselheira do bem
e consolação nas preocupações e nas tristezas.
- ¹⁰ Graças a ela, alcançarei glória entre as multidões
e, embora jovem, gozarei do respeito dos anciãos.
- ¹¹ Ser-me-á reconhecida perspicácia nos julgamentos
e farei a admiração dos poderosos.
- ¹² Se me calar, esperarão que fale;
se falar, escutar-me-ão atentamente;
se me alargar no discurso,
ficarão cheios de admiração.
- ¹³ Graças a ela, alcançarei a imortalidade
e deixarei para a posteridade uma memória eterna.
- ¹⁴ Governarei povos
e as nações me serão submetidas.
- ¹⁵ Os tiranos temíveis, ao ouvir-me, assustar-se-ão
com o povo, mostrar-me-ei amável e corajoso na guerra.
- ¹⁶ Ao regressar a casa, repousarei ao lado dela,
pois o seu convívio não tem nada de desagradável,
nem a sua intimidade é aborrecida,
mas apenas deleite e alegria.

A SOBREVIVÊNCIA DO POVO
NA FRAGILIDADE DE UMA HEROÍNA*
JD 16, 1-17

- ¹ Disse Judite:
«Entoai um cântico ao meu Deus com tamborins,
cantai ao meu Senhor com címbalos, cantai-lhe um salmo novo,
exaltai-o e invocai o seu nome,
- ² porque Deus é o Senhor que esmaga as guerras,
porque me reconduziu ao seu acampamento no meio do povo
e me arrancou às mãos dos meus perseguidores.

* As condições de fragilidade política da região de Canaã contribuíram para a definição de situações dialécticas em que algumas narrativas de salvação e sobrevivência tendiam a valorizar o papel de heroínas, como em Jz 5, 2-31 e como a deusa Anat lutava pela causa de Baal. É esse género de superação de dificuldades, que pareciam incontornáveis, aquilo que ressoa por dentro do cântico de Judite. A mariologia desenvolvida sobretudo no cristianismo encontra aqui raízes literárias de profundidade.

- ³ Os assírios vieram das montanhas do Norte,
com miríades dos seus guerreiros;
a sua multidão cobria os vales
e os seus cavalos cobriam as montanhas.
- ⁴ Ameaçou queimar o meu território,
matar os meus jovens à espada,
deitar por terra as minhas crianças de peito,
fazer das minhas crianças presa sua
e raptar as minhas virgens.
- ⁵ Mas o Senhor todo poderoso
fez-lhes frente pela mão de uma mulher.
- ⁶ O seu homem valente não morreu às mãos dos jovens,
nem foram os filhos dos Titãs que os derrotaram,
nem foram os gigantes que o venceram,
mas sim Judite, filha de Merari,
que o derrotou com a beleza do seu rosto.
- ⁷ Ela tirou o seu vestido de viúva,
para exaltar os oprimidos de Israel.
Ungiu o seu rosto com perfume,
- ⁸ segurou o cabelo com uma tiara
e vestiu um vestido para o seduzir.
- ⁹ A sua sandália encantou os seus olhos,
A sua beleza cativou o seu espírito
E a espada cortou-lhe o pescoço.
- ¹⁰ Os da Pérsia tremeram,
por causa da sua audácia
e os da Média ficaram perturbados com a sua coragem.
- ¹¹ Então os meus humildes soltaram gritos de guerra,
o meu povo fraco gritou
e os inimigos tremeram;
levantaram as suas vozes e o inimigo retrocedeu.
- ¹² Os filhos das servas trespassaram-nos,
feriram-nos como filhos de fugitivos,
pereceram diante do exército do meu Senhor.
- ¹³ Cantarei ao meu Deus um cântico novo;
Senhor, Tu és grande e glorioso,
maravilhoso em poder e invencível.
- ¹⁴ Que todas as tuas criaturas te sirvam,
já que disseste e elas foram feitas.

Enviaste o teu espírito e as formaste
e ninguém pode resistir à tua voz.

- ¹⁵ O tumulto das águas sacudirá as montanhas nos seus alicerces
e os rochedos fundirão como cera diante de ti.
Mas Tu continuarás a mostrar a tua misericórdia
para com aqueles que te temem.
- ¹⁶ Pois é pouco todo o sacrifício e oferta de agradável odor
e toda a sua gordura é nada para o teu holocausto;
mas aquele que teme o Senhor será grande para sempre.
- ¹⁷ Ai das nações que se levantaram contra o meu povo!
O Senhor todo poderoso vingará-se delas no dia do juízo;
enviará o fogo e os vermes sobre a sua carne
e chorarão de dor para sempre.»

CHAVE PARA UMA LEITURA DE CONFIANÇA NA HISTÓRIA*

LC 1,46-55

- ⁴⁶ Maria disse então:
«A minha alma glorifica o Senhor
- ⁴⁷ e o meu espírito se alegra em Deus, meu salvador.
- ⁴⁸ Porque pôs os olhos na humildade da sua serva.
De hoje em diante, me chamarão bem-aventurada todas as gerações.
- ⁴⁹ O Todo poderoso fez em mim maravilhas.
Santo é o seu nome.
- ⁵⁰ A sua misericórdia se estende de geração em geração
sobre aqueles que o temem.
- ⁵¹ Manifestou o poder do seu braço
e dispersou os soberbos.
- ⁵² Derrubou os poderosos de seus tronos
E exaltou os humildes.
- ⁵³ Aos famintos encheu de bens
e aos ricos despediu de mãos vazias.

* Porque a história é um processo em que se acumulam injustiças e desigualdades, o optimismo, a confiança e a resiliência com que se olha para ela dependem de uma chave de leitura e resolução dos novelos e problemas que sempre exhibe. O texto do Magnificat, colocado por Lucas na boca de Maria, com base numa experiência pessoal íntima, profunda e marcante, atinge este ponto nevrálgico de hermenêutica do acontecer histórico.

- ⁵⁴ Acolheu a Israel, seu servo,
lembrado da sua misericórdia,
⁵⁵ como tinha prometido a nossos pais,
a Abraão e à sua descendência para sempre.»

REINO DE DEUS: UM BANQUETE DE NÚPCIAS SEM FRONTEIRAS*

LC 14,12-24

- ¹² Disse, depois, Jesus àquele que o tinha convidado: «Quando deres um almoço ou um jantar, não convides os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem os teus vizinhos ricos; não vão eles também convidar-te, por sua vez, e assim retribuir-te. ¹³ Quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos. ¹⁴ E serás feliz, por eles não terem com que te retribuir; ser-te-á retribuído na ressurreição dos justos.»
- ¹⁵ Ouvindo isto, um dos convidados disse-lhe: «Feliz aquele que comer no Reino de Deus!» Jesus respondeu-lhe: «Certo homem ia dar um grande banquete e fez muitos convites. ¹⁷ À hora do banquete, mandou o seu servo dizer aos convidados: ‘Vinde! Já está tudo pronto.’ ¹⁸ Mas todos unanimemente começaram a esquivar-se. O primeiro disse: ‘Comprei um terreno e preciso de ir vê-lo. Peço-te que me dispenses.’ ¹⁹ Outro disse: ‘Comprei cinco juntas de bois e preciso de ir experimentá-las. Peço-te que me dispenses.’ ²⁰ E outro disse: ‘Casei-me e, por isso, não posso ir.’
- ²¹ O servo regressou e comunicou isto ao seu senhor. Então, o dono da casa, irritado, disse ao servo: ‘Sai imediatamente às praças e às ruas da cidade e traz para aqui os pobres, os estropiados, os cegos e os coxos.’
- ²² O servo voltou e disse-lhe: ‘Senhor, está feito o que determinaste e ainda há lugar.’ ²³ E o senhor disse ao servo: ‘Sai pelos caminhos de azinhas e obriga-os a entrar, para que a minha casa fique cheia. ²⁴ Pois eu digo-vos que nenhum daqueles que tinham sido convidados provará do meu banquete.’»

* Assembleia dos deuses reunida num banquete, deliberativo ou comemorativo, é a imagem frequente com que se exprime a concepção das divindades em Canaã e nas culturas semíticas em geral. A visão idealizada e messianizada do futuro, sugerida nos Evangelhos, integra os humanos numa espécie de banquete fraterno e universal. As raízes desta coordenada natural encontram-se bem delineadas em Is 25, 6-12.

O CONCEITO DE *LOGOS*, NA HISTÓRIA DAS HIPÓSTASES DE DEUS*

JO I, 1-14

- ¹ No princípio havia o Verbo;
o Verbo estava com Deus
e o Verbo era Deus.
- ² No princípio Ele estava com Deus.
- ³ Por Ele tudo começou a existir;
e sem Ele nada veio à existência.
- ⁴ Nele estava a vida
de tudo o que veio a existir.
E a vida era a luz dos homens.
- ⁵ A luz brilhou nas trevas,
mas as trevas não a receberam.
- ⁶ Apareceu um homem, enviado por Deus,
que se chamava João.
- ⁷ Este vinha como testemunha,
para dar testemunho da luz
e todos crerem por meio dele.
- ⁸ Ele não era a luz,
mas vinha para dar testemunho da luz.
- ⁹ O verbo era a luz verdadeira,
que, ao vir ao mundo,
a todo o homem ilumina.
- ¹⁰ Ele estava no mundo
e por Ele o mundo veio à existência,
mas o mundo não o reconheceu.
- ¹¹ Veio para o que era seu
e os seus não o receberam.
- ¹² Mas a quantos o receberam.
Aos que nele crêem
deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus.

* João encontra-se bem representado na Parte II desta antologia. Mas é incontornável, nesta sequência de coordenadas de património cultural que atravessa as camadas linguísticas deste filão cananaico-bíblico, sublinhar o hino que João colocou a servir de epígrafe ao seu evangelho e que segue na linha da valorização de conceitos essenciais, em ordem a definir o que é Deus, articulando a totalidade do universo com a universalidade da História.

- ¹³ Estes não nasceram de laços de sangue,
nem de um impulso da carne,
nem da vontade de um homem, mas sim de Deus.
- ¹⁴ E o Verbo fez-se homem
e veio habitar connosco
e nós contemplámos a sua glória,
a glória que tem como Filho Unigénito do Pai,
cheio de graça e de verdade.

PARA ULTRAPASSAR A INCOMPATIBILIDADE CULTURAL ENTRE ISRAEL E CANAÃ*

GL 2, II-22

- ¹¹ Lembrai-vos, portanto, de que vós outrora, — os gentios na carne, os chamados incircuncisos por aqueles que se chamavam circuncisos, com uma circuncisão praticada na carne — ¹² lembrai-vos de que nesse tempo estáveis sem Cristo, excluídos da cidadania de Israel e estranhos às alianças da promessa, sem esperança e sem Deus no mundo. ¹³ Mas, em Cristo Jesus, vós que outrora estáveis longe, agora estais perto, pelo sangue de Cristo.
- ¹⁴ Com efeito, ele é a nossa paz, ele que dos dois povos fez um só e destruiu o muro de separação, a inimizade: na sua carne ¹⁵ anulou a lei, que contém os mandamentos em forma de prescrições, para, a partir do judeu e do pagão, criar em si próprio um só homem novo, fazendo a paz, ¹⁶ e para os reconciliar com Deus num só corpo, por meio da cruz, matando assim a inimizade. ¹⁷ E na sua vinda anunciou a paz a vós que estáveis longe e paz àqueles que estavam perto. ¹⁸ Porque é por ele que uns e outros, num só Espírito, temos acesso ao Pai.
- ¹⁹ Portanto, já não sois estrangeiros nem imigrantes, mas sois concidadãos dos santos e membros da casa de Deus, ²⁰ edificados sobre o alicerce dos apóstolos e dos profetas, tendo por pedra angular o próprio Cristo Jesus. ²¹ É nele que toda a construção, bem ajustada, cresce para formar um templo santo, no Senhor. ²² É nele que também vós sois integrados na construção, para formardes uma habitação de Deus, pelo Espírito.

* Apesar da unidade de fundo que a história literária exprime, as diferenças culturais e religiosas entre Canaã e Israel foram-se intensificando ao longo dos séculos até se traduzirem num sentimento gerador de incompatibilidades radicais. O texto da carta aos Gálatas é um manifesto pela ultrapassagem deste tipo de incompatibilidades que dividia os humanos, ultrapassagem não apenas a nível regional, mas universal.

OS TEMAS LITERÁRIOS DE SEMPRE, PARA SEMPRE*
 AP 20, 11 — 21, 4

- 20 ¹¹ Depois vi um trono magnífico e branco e alguém sentado nele. Os céus e a terra fugiram da sua presença e desapareceram definitivamente.
- ¹² Vi também todos os mortos, grandes e pequenos. Estavam diante do trono e foram abertos uns livros. Foi aberto também um outro livro que é o Livro da Vida. Os mortos foram julgados segundo aquilo que estava escrito nos livros, segundo as suas obras.
- ¹³ O mar devolveu os mortos que nele havia, a morte e o abismo entregaram também os seus mortos, e cada um foi julgado segundo as suas obras.
- ¹⁴ Então a morte e o abismo foram lançados no lago de fogo. Este lago de fogo é a segunda morte ¹⁵ E todos os que não foram encontrados escritos no livro da vida foram lançados no lado de fogo.
- 21 ¹ Vi então um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra tinham desaparecido e o mar já não existia.
- ² E vi descer do céu, de junto de Deus, a cidade santa, a nova Jerusalém, já preparada, qual noiva adornada para o seu esposo. ³ E ouvi uma voz potente que vinha do trono e dizia:
 «Esta é a morada de Deus entre os homens.
 Ele habitará com eles;
 eles serão o seu povo
 e o próprio Deus estará com eles
 e será o seu Deus.
- ⁴ Ele enxugará todas as lágrimas dos seus olhos;
 e não haverá mais morte, nem luto, nem pranto, nem dor,
 porque as primeiras coisas passaram.»

* O fim do combate do mundo, com o desaparecimento do mar, que serviu sempre como metáfora para representar o adversário mor do esforço humano. O fim da História é a tranquilidade e a justiça, pois foi de injustiças que se fez a História que passou. Esta perspectiva remete para os textos do Apocalipse já apresentados na Parte II.

(4)
ÍNDIA:
A ÉPOCA CLÁSSICA
(COSMOGONIA E HERÓIS)

José Carlos Calazans

Do exótico que a Índia foi para uma Europa a dois tempos do Renascimento — a da cultura cristã encerrada sobre si mesma e a da mediterrânica fechada num *Mare Nostrum* —, o Subcontinente tornou-se para os portugueses numa segunda casa de comércio, de religião, de botânica, de família e de livre ser.

A descoberta das línguas indianas de fundo indo-europeu aproximou ainda mais o que o espírito luso adivinhava sem ter ainda visto. O «creio porque vi» do simples marinheiro português que correu o mundo, contribuiu para a quebra do paradigma europeu e veio trazer à Europa uma revolução científica tão profunda como a que Avicena, Averróis, Al-Farābi, Aristóteles e Maimónides operaram na Idade Média.

A literatura não seria menos pródiga em todos os géneros, depois da descoberta do caminho marítimo para a Índia, e não podemos deixar de prestar uma justa homenagem aos primeiros missionários que, no seu esforço quase sempre inglório de converter a todo o custo as populações indianas, e para compreender as culturas locais assim como o hinduísmo, aprenderam as línguas e os dialectos, escreveram vocabulários e gramáticas, compararam as declinações do latim e do grego com os vernáculos indianos de fundo indo-europeu, e chegaram a escrever compêndios sobre a cultura regional, verdadeiros tratados de antropologia que ainda hoje são utilíssimos a quem se atreva a mergulhar da Índia profunda.

Aquela Índia que o Gama (1469-1524) conheceu, que o Albuquerque (1453-1515) defendeu e que o Castro (1500-1548), discípulo de Pedro Nunes, estudou e observou cientificamente, a terra do Índico, julgaram os portugueses tê-la encontrado com seus povos pela primeira vez. Total engano. Foram os indianos os primeiros a encontrar os portugueses de quinhentos, na Ibéria de Averróis e de Maimónides, mesmo antes de as naus terem chegado a Cochim. E o primeiro registo poético-literário, mais teatral do que romanesco, foi precisamente o *Auto das Ciganas* de Gil Vicente (1465-1536), representado pela primeira vez na cidade de Évora. Os ciganos chegavam a Portugal em caravanas por meados de quinhentos, vindos da Andaluzia, e Gil Vicente não perdeu a

oportunidade para registar no seu estilo os modos desta etnia. O seu Auto é um testemunho literário, linguístico e antropológico, onde se encontram indicadores claros sobre a origem indiana dos ciganos, que as vagas sucessivas migratórias da região do Sinde trouxeram até Portugal.

Pouco tempo depois, do outro lado do mundo, na Grande Índia que os indianos apelidaram de *Mahābhārata*, os missionários portugueses trabalharam incansavelmente para aprender a língua sânscrita, a concani, a tamil e outras. Com o objectivo de melhor catequizar as populações, escreveram manuais e logo entenderam as semelhanças entre o latim e o grego por um lado e o sânscrito e o concani por outro, antes de os ingleses reclamarem tal descoberta. Por isto, é importante repor a sequência dos factos históricos na descoberta linguística, sem menosprezo para com os mais antigos aliados dos portugueses — nas aventuras das «descobertas», por vezes, os comerciantes e marinheiros atropelaram-se na ganância dos lucros.

Quando a Companhia de Jesus chegou ao Malabar, na sua primeira fase da missionação, necessitou de intérpretes e para isso foi ajudada pelos primeiros convertidos que frequentavam os colégios. Numa segunda fase, introduziu-se nos seminários a aprendizagem das línguas locais para os religiosos que chegavam pela primeira vez à Índia. Por quererem espalhar a doutrina cristã, surgiu um fenómeno linguístico que inaugurou os caminhos para os estudos comparados e para as traduções de textos religiosos do hinduísmo e até mesmo das crónicas indianas. Deste período seminal da aprendizagem das línguas vernaculares e do sânscrito, com toda a ajuda recebida dos «línguas» locais (tradutores), os jesuítas tornaram-se os primeiros agentes a produzir gramáticas e traduções abreviadas de textos fundadores da literatura hindu.

A crítica teológica e filosófica é abundante nestes autênticos tratados, mas é exactamente neles que podemos ver a precisão das «denúncias» e da exortação em defesa do cristianismo; neles encontramos as primeiras descrições do hinduísmo. É assim que surge o *Homem das Trinta e Duas Perfeições e Outras Histórias* da autoria de Dom Francisco Garcia (1580-1659), e o *Tratado do P.º Gonçalo Fernandes Trancoso sobre o Hinduísmo* (1616); com o mesmo sentido e o zelo próprio do missionário, Fr. Manuel da Assumpção compôs em Bengali no século XVII o *Compêndio dos Mistérios da Fé [...] para os Missionários poderem disputar na dita língua com os brahmanes e gentios*. Por um anónimo do Colégio de São Paulo de Goa do século XVII, foi feita a *Notícia Sumaria do Gentilismo da Azia*, onde se descrevem as oito reencarnações de Vishnu, incluindo onze desenhos coloridos e em perfeito estado de conservação, sem qualquer comentário pejorativo.

Quando Sir William Jones (1746-1794) chegou à Índia, havia já pelo menos meio século que os jesuítas do Colégio de São Paulo em Goa traduziam e escreviam nas línguas locais, com a mesma facilidade com que lidavam com o latim e o grego, e por isso, a nenhum especialista das línguas clássicas seriam indiferentes as semelhanças etimológicas, a composição sintáctica e os verbos que o sânscrito tem com as línguas ocidentais. William Jones afirmou aquilo que os jesuítas lhe disseram em primeira mão.

Das obras indianas traduzidas para o português de setecentos, destacamos uma que é ainda hoje um marco literário de enorme importância para a identidade indiana e até para a literatura mundial, pois esse texto tornou-se até um livro de cabeceira para muitos ocidentais. Trata-se da *Bhagavad Gitá*, «A Canção do Senhor» Krishna, cujo excerto traduzido apresentamos nesta colectânea. A sua primeira aparição é de 1759, feita pelos padres da Companhia, que para a traduzirem tiveram inevitavelmente de a ler ou em sânscrito ou em concani. Hoje, uma excelente cópia desta obra encontra-se nos fundos manuscritos da Biblioteca Pública Eborense.

A *Bhagavad Gitá*, cuja antiguidade é certa para os devotos hindus e discutível para os orientalistas ocidentais, apresenta-se hoje como parte integrante de uma outra obra mais vasta e uma das crónicas fundadoras da grande nação, o *Mahābhārata*. A «Canção» é um dos capítulos deste vastíssimo colosso (74 mil versos) que tem como pano de fundo a guerra homónima, palco de um dos mais maravilhosos ensinamentos sobre a ética, a filosofia e a evolução do homem e do espírito humano. Porém, a versão traduzida para o português de setecentos apresenta uma diferente face, substancialmente mais reduzida, poderíamos mesmo dizer «abreviada» ou «sintetizada», não fosse terem existido outras versões igualmente reduzidas e divulgadas avulso, que foram posteriormente compiladas para depois emergirem na forma final que conhecemos hoje como a clássica. A sua data, como tudo o que é indiano, é de outro tempo, e o tempo da guerra foi apontado pela arqueologia em 1993, a partir de descobertas submarinas realizadas ao largo de Dvaraka no Gujate, a cidade fundada pelo próprio Krishna. A data é 3102 a.C.

Desde o marco cronológico até à fixação da língua clássica e do alfabeto, muitas versões orais flutuaram ao sabor das monções. A forma final é, portanto, a que conhecemos e a versão manuscrita oriunda de Goa uma das versões primordiais e uma jóia linguística.

Mas a antiguidade dos textos hindus adensa-se tão obscuramente como o passado das migrações indo-europeias pela Ásia Central, e o *Ramayana* é a outra obra cujo tempo, não do seu registo literário, mas da sua suposta vivência, é antediluviano. Sobre essas vagas migratórias pouco ou nada sabemos;

o que tentamos a todo o custo desvendar é a partir do coração literário e poético da primeira fase mítica, em que a realidade e o sonho muitas vezes não se distinguem, e ficamos sem saber exactamente se o sábio descreve o que vê com os olhos da carne se através da bebida inebriante do *Soma*. Mais uma vez, as datas aproximadas para a compilação do corpo do *Rigveda Sambhitá* são entre 1700-1100 a.C., o que causa um certo transtorno anacrónico com a data do *Mahābhārata* — referimo-nos ao livro, não à suposta guerra.

A colecção do *Rigveda*, composta por quatro livros (*Sambhitá*, *Bráhma-nam*, *Áranyaka* e *Upanishade*), introduz-nos no universo da cultura e do mito indo-europeu, onde os elementos e as forças da natureza operam por determinação divina, onde os deuses se deixam atrair pelas invocações dos sacerdotes, pela oferenda do fogo sagrado, pelo leite, pela própria vida mortal e pela bebida da imortalidade, o *Soma*.

Desta época primordial da literatura oral indo-europeia emergem os mais belos hinos sobre a criação do universo e do homem (*Hino da Criação*), sobre o aparecimento d'*O Céu e da Terra*, da linguagem e dos sons, da luz e dos planetas e dos outros seres. A forma como a sociedade do período pré-clássico estava organizada, e que se manteve até tão tarde, ao ponto de Gandhi não ter conseguido resolver o confronto social e religioso da Índia contemporânea, ali também se encontra descrita profusamente.

Entre o hinário védico, o «Filho das Águas» é referido várias vezes, mas ao contrário de outras divindades profusamente cantadas e a quem vários hinos são dedicados, só um emerge solitário e misterioso, o Apám Napát.

Esta divindade que se oculta nas águas primordiais é também mencionada no *Avesta* persa como a «água que queima», igualmente designada por Apám Napát, mas é só no *Rigveda* que toma o nome de Agni, com o qual se identifica plenamente, fazendo-nos lembrar a forma poética de Camões: «Amor é um fogo que arde sem se ver.»

Neste hino o poeta védico apresenta-nos a divindade, o seu nascimento misterioso, os cuidados femininos e o alimento conferido pela mulher (as águas). Apám Napát vai-se desvelando ao longo dos versos e de forma gradual percebemos que ele se encontra dentro da matéria líquida, no interior das plantas, como na mais densa madeira. O seu alimento é, portanto, sob a forma líquida, água e óleo quando se desprende da manteiga clarificada (*Gbrita*); o fogo quando vivo é dourado, assim como o óleo. Apám Napát é de cor dourada e por isso é referido igualmente a um nível cósmico como «feto dourado», «semente dourada», o começo da vida.

Apám Napát é o seu nome secreto, mencionado sem ser conhecido, oculto nas águas e liberto pelo fogo, que é ele mesmo. Um enigma que só os

sacerdotes e iniciados védicos podem conhecer, pois são eles que preparam o «Grande Altar» (*Mahávedi*) e o «Altar do Fogo» (*Gárhapatya*). O ritual é um acto criador, como a invocação e o próprio nome de Apám Napát também o são.

A importância desta divindade de eterna juventude encontra-se atestada no *Avesta*, onde disputa com Ahura Mazdá o poder da criação. Tal é a importância de Apám Napát na mitologia indo-europeia.

A tradição hindu, oral e escrita, é certamente a primeira a descrever, com o detalhe próprio dos orientais, os caminhos profundos da meditação e a descoberta do Som Criador OM. Nos textos das *Upanishade* encontramos o ponto de partida empírico para a descoberta do espírito e da imortalidade e, ao mesmo tempo de forma enigmática e simples, o que hoje os físicos tentam com tanto esforço desenvolver.

Já escrevemos em outro lugar (*Religiões, História, Textos e Tradições*, Paulinas: Lisboa, p. 39, 2006) que «o termo *hinduísmo* é uma definição externa à própria cultura indiana, criada pelos estrangeiros para definir a religião do povo que habitou o vale do rio Indo (*Sindus*), originalmente *Aryanos*. Os Arianos verdadeiros eram os residentes e não supostamente os de origem estrangeira ou invasores. Para os hindus a verdadeira definição de religião é e deveria manter-se como *Sanátana Dharma* ('Religião Eterna' ou 'Ordem Permanente')». E é sobre este princípio universal que o sentido de Pátria, Mundo e Universo foi construído para definir o país de Bhárata.

«O ponto de partida teológico do hinduísmo é a criação do universo pelo *Verbo* (**Vác*) ou, com mais propriedade, o momento que antecede a própria criação. Este aparente paradoxo, de onde tudo emerge, é representado pela sílaba OM — *Hum*, para os tibetanos; *Amin*, para os muçulmanos; *Ámen*, para os egípcios, gregos, judeus e cristãos [...]» O *Hino da Criação* é a declaração mais extraordinária sob a forma poética alguma vez escrita pelos seres humanos sobre o mistério da criação, onde toda a experiência mística está contida. A religião hindu não é dogmática e baseia-se tão-somente no reconhecimento de que existem muitos caminhos experimentais para revelar a divindade que se oculta em cada ser humano.

Desde os primeiros textos das *Upanishade* como nos textos posteriores, os princípios filosóficos e éticos já aí estão gravados como incontornáveis para toda a história do pensamento da cultura indiana: *Não-Agressão* (*Ahimsa*), *Gratidão* (*Kritájñata*), *Lei da Acção* (*Karma*), etc. É em torno dos textos fundadores, alguns excertos dos quais aqui publicamos, que se desenvolveram as seis escolas védicas de pensamento: *Nyáya*, *Vaisheshika*, *Sámkhya*, *Yoga* e *Mimánsá* (*Púrva* e *Uttara Vedanta*). Todas elas fundadas na tradição védica

transmitida por «Revelação» (*Sbruti*), uma revelação trazida aos homens por via dos sábios e videntes que, em comunhão com a divindade e os deuses, fizeram sair os próprios *Vedas*.

Mas a Índia tem vários tempos, vários calendários, diferentes etnias e povos que reclamam ainda hoje a sua antiguidade sobre a dos indo-europeus. E a sua literatura, tão vasta quanto a védica, é um monumento linguístico com raízes tão sólidas e quiçá mais antigas. A cultura tamil é a grande rival, com a sua *Sanga Ilakkiam* («Academia Literária») que, como qualquer cronologia ancestral do Subcontinente, se perde na noite dos tempos, remontando a uma mítica terra afundada no Índico, uma «Taprohana» tamil.

A literatura tamil expressa-se através de uma vasta antologia que reúne diferentes períodos, do medieval ao contemporâneo, e que parte da língua drávida, que nada tem de familiar com o ramo linguístico indo-europeu. A sua área de influência é precisamente toda a região centro e sul da Índia (Tamil Nadu e a ilha de Sri Lanka). O tamil compõe de facto a literatura mais antiga da Índia e algumas inscrições em pedra foram datadas do século III a.C.; mas a literatura tamil propriamente dita iniciou-se por volta do século I d.C. Muita da poesia inicial é de natureza religiosa e profundamente simbólica ou épica, contrastando claramente com a poesia da corte secular escrita por membros da própria *Sangam*, ou academia literária.

Entre alguns poemas notáveis dos séculos IV a VI, e que aqui apresentamos, destacam-se o *Akam* («Poemas da Interioridade ou do Amor»), o *Kurunthokai*, o *Kurinji thinai*, e os *Puranaruru*. Os séculos VI a IX viram o surgimento da *Bhakti*, a poesia e a religião da devoção pessoal, que começou na região tamil com os hinos dos *Álvárs* e os *Náyanárs* em honra dos santos *Vaishnavas* e *Shaivas*, poemas estes de carácter simbólico, místico e por vezes de pendor alquímico. Do século XII ao século XVI, muitos foram os tratados filosóficos e antologias de lendas religiosas, bem como os escritos clássicos do poeta Kampan. A partir do século XIX, a literatura tamil foi cada vez mais influenciada pelas formas e ideias ocidentais.

«X Mandala; Sūkta 10.129 — Hino da Criação», in *Rig Veda Mantra Sambita — Complete Text in Devanagari*. Tradução inédita de José Carlos Calazans. 2005. Bangalore: Sri Aurobindo Kapali Sastry Institute of Vedic Culture. 634.

(No início) não existia nem o existente nem o não-existente; não existia o espaço vazio nem o céu acima dele. O que havia então? Em que lugar? Quem zelava (por tudo)? Havia água (ou) o céu infinito? 1

Não existia então a morte nem a imortalidade. A noite e o dia não se distinguem. (Mas) algo existia, sem ar, por sua própria vontade. (E) nada mais havia para além disso. 2

No início o infinito estava oculto pela escuridão; sem qualquer outro sinal, tudo isto era água. O espírito contido no nada pelo poder do Calor Cósmico (*Tapas*) surgiu. 3

O desejo (*Kāma*) foi o primeiro a aparecer nele; eis a primeira origem do pensamento. Os *R̥ṣis* (sábios) encontraram com sabedoria nos seus corações o elo entre o existente e o não existente. 4

Este pensamento desenvolveu-se. Existia em cima? Existia em baixo? Surgiram (então) os lugares de origem; surgiram os poderes. Houve um impulso em baixo; houve outro em cima. 5

Quem realmente pode saber? Quem na verdade poderá dizer? Houve um dia origem? Deu-se a criação? Os deuses apareceram depois do universo ter sido criado. Quem então sabe de onde surgiu tudo isto? 6

Uma vez a criação aparecida — talvez se tenha formado por si mesma ou talvez não — aquele que zela por ela, no mais alto dos céus, só ele sabe — ou será que não? 7

«II Mandala; Sūkta 2.35 — O Filho das Águas», in *Rig Veda Mantra Sambita — Complete Text in Devanagari*. Tradução inédita de José Carlos Calazans. 2005. Bangalore: Sri Aurobindo Kapali Sastry Institute of Vedic Culture. 153-154.

Eu, que procuro recompensas, dei largas à minha eloquência; o Filho das Águas tem de deliciar-se com os meus hinos.

O Filho das Águas que monta os rápidos cavalos (rios e riachos) — certamente os arreará bem? Pois ele irá apreciá-los. **2.35.1**

Esta magia bem-feita deveria ser falada ao seu coração; certamente ele irá tomar conhecimento dela?

O Filho das Águas, nosso conterrâneo, com a grandeza da sua Divindade gerou todos os seres. **2.35.2**

Alguns vêm juntos; outros vão directamente (para o mar); (mas) é a mesma embarcação que os rios enchem.

O brilhante e resplandecente Filho das Águas faz as vagas reluzentes rodopiarem. **2.35.3**

As jovens produzem as viçosas águas, e sem sorrirem giram em volta enquanto cuidam dele.

Com as suas brilhantes e ágeis (chamas) ele brilha ricamente para nosso deleite (embora) sem combustível, com a sua roupagem de *ghṛta*, nas águas. **2.35.4**

Para ele, o Deus inabalável, as três deusas mulheres desejam prover de sustento.

Pois ele continua a estender-se nas águas como se fosse para mulheres adultas. Ele suga os colostros daquelas que dão à luz pela primeira vez. **2.35.5**

Aqui está o nascimento do cavalo e deste sol. Do engano, do dano — do (seu) instilar — protejam os benfeitores.

Nem hostilidades nem falsidades devem alcançá-lo nas cruas fortificações, aquele que não deve ser esquecido (mesmo que) longe. **2.35.6**

Quem quer que tenha uma vaca de boa ordenha nesta casa, ele cresce em seu próprio poder; ele alimenta-se com boa essência.

O Filho das Águas, alimentado pelas águas resplandece à sua volta para dar bens àquele que o honra. **2.35.7**

Aquele que nas águas, verdadeira e inesgotavelmente irradia a toda a volta com seu brilho celestial — nos outros mundos propagam-se apenas como ramos dele, e as plantas propagam-se através da sua semente. **2.35.8**

Porque o Filho das Águas subiu ao colo daquelas que estão inclinadas, erecto e vestido de relâmpago, enquanto elas carregam a sua proeminente grandeza, as exuberantes donzelas de cor dourada rodopiam em volta dele.

2.35.9

Feito de ouro, ele tem uma aparência dourada — o Filho das Águas — também é dourado de um útero dourado, quando se senta. Os doadores de ouro dão-lhe comida. **2.35.10**

Este seu rosto e o seu querido oculto nome tornam-se mais fortes — o do Filho das Águas — que as jovens mulheres, unidas, acendem deste jeito: o *ghṛta* de tons dourados é a sua comida. **2.35.11**

Deveríamos honrar o maior amigo de todos com sacrifícios, com reverência, com oferendas.

Eu preparo o seu dorso; eu tento alimentá-lo com aparas de madeira; eu alimento-o; eu o exalto com versos. **2.35.12**

Enquanto touro ele gerou o embrião nestas (águas). Enquanto criança ele as suga; elas lambem-no.

O Filho das Águas, cuja cor nunca se desvanece, esforçou-se aqui como se estivesse com o corpo de outrem. **2.35.13**

Ele, estando neste lugar tão alto, resplandece sempre com raios que nunca morrem. As águas que trazem *ghṛta* como alimento para o Filho (das Águas), correm, as Exuberantes Donzelas voam circundando-o. **2.35.14**

Eu dei um bom abrigo ao povo, ó *Agni*, e aos príncipes um excelente preparo. Abençoado é tudo o que os deuses consideram favorável. Falemos alto, com os heróis na assembleia. **2.35.15**

«I Mandala; Sukta 160 — O Céu e a Terra» in *Rig Veda Mantra Sambita — Complete Text in Devanagari*. Tradução inédita de José Carlos Calazans. 2005. Bangalore: Sri Aurobindo Kapali Sastry Institute of Vedic Culture. 103-104.

Porque estes dois, o Céu e a Terra, são benéficos a todos, em verdade eles são quem sustenta o poeta do reino aéreo (o Sol) | ele corre entre os dois Santos Lugares de bom nascimento — o divino Sol escaldante, entre as duas deusas (Céu e Terra), de acordo com a sua ordem. 1

Os dois majestosos de grande extensão, inesgotáveis, pai e mãe (Céu e Terra), protegem os seres vivos | as duas metades do mundo, as mais ousadas, que são como (meninas) convidando à admiração, quando o pai (o Sol) as enfeita belamente. 2

Aquele cavalo de tiro (o Sol), o filho dos pais, o perspicaz, apetrechado com os meios de santificação, purifica os seres vivos através do seu poder mágico | da vaca malhada e do touro que possui um bom sémen, ele ordenhou o seu leite ardente todos os dias. 3

Este, (que é) o melhor artesão dos artesãos dos deuses, que gerou as duas metades do mundo benéficas para todos | que mediram os dois reinos aéreos demonstrando a sua boa vontade, com enfeites únicos — ele é universalmente elogiado. 4

Ó Céu e Terra, enquanto formos cantados, ó majestosos, vós nos dareis grande mérito e grande soberania | pelos quais nós estenderemos sobre as comunidades (o nosso controle) todos os dias. Juntos, impulsiona-nos um poder digno de admiração. 5

«A criação dos seres», in *Prashna Upanishad*, in *One Hundred Eight Vedic Upanishads Sanskrit Text*. Tradução inédita de José Carlos Calazans. 2010. Varanasi: Chaukhamba Surbharti Prakashan. 1-3.

Ó deuses, que os nossos ouvidos escutem o que é auspicioso! Ó adoráveis deuses, que os nossos olhos vejam o que é bom! Que nós, bem constituídos de membros e de corpo, possamos cantar em vosso louvor e desfrutar da vida que nos foi dada por Prajapati!

Om Shantih, Shantih, Shantih.

PRIMEIRA QUESTÃO

Suksha, filho de Bharadvaja, Satyakama, filho de Shibi, Saurayani, da família de Garga Kausalya, o filho de Ashvalayana Vaidarbhi, da família de Bhri-gu Kahandhi, o filho de Katyayana — todos eles, fiéis a Brahman e buscando o Supremo Brahman, aproximaram-se com a lenha na mão, do venerável Pippalada, pensando que ele lhes revelaria tudo sobre o Brahman. 1

O Sábio (*Rishi*) disse-lhes então: fiquem comigo por um ano inteiro, praticando austeridades, e em continência de fé; só então me podereis colocar qualquer dúvida ao vosso gosto; se eu souber, certamente vos direi tudo. 2

Então Kabandhi, o filho de Katyayana, aproximou-se de Pippalada e perguntou: — Senhor, de onde vêm todos esses seres? 3

O Sábio respondeu: Prajapati, o Criador, ansiava por descendência, e com esta ideia ele fez penitência, tendo então criado um par: a Matéria (*Rayi*) e a Energia (*Prana*), crendo que juntas elas produziriam criaturas de variadas formas. 4

O Sol (*Surya*) é, de facto, Energia e vida; a Lua (*Candra*) é Matéria, comida e matéria; tudo o que tem forma (densa) e tudo o que é sem forma (subtil) é matéria e, portanto, qualquer coisa que tenha uma forma é de facto matéria. 5

Portanto, quando o Sol se levanta, entra no quadrante leste e assim envolve os seres vivos do oriente com os seus raios; e quando ilumina o sul, o oeste, o norte, o inferior, o superior e o intermediário (os dois hemisférios e o

equador) — quando ilumina tudo — envolve todos os seres vivos com os seus raios. 6

Este Sol é Vaishvanara, aquele identificado com todos os seres vivos; ele é Viśvarūpa, o que assume todas as formas; ele surge todos os dias como Energia (vida) e fogo ou energia (*Agni*); tal como foi declarado no verso do *Rig Vēda*. «O Sol de mil raios existe em centenas de formas como a vida de todos os seres vivos; ele é deslumbrante, omnisciente, vida de todas as criaturas, luz única e doador de energia.» 7-8

O ano é de facto Prajapati e existem dois caminhos: o do sul e o do norte; aqueles que seguem o caminho do *Karma* somente pela execução de actos sacrificiais e piedosos obtêm apenas o Mundo da Lua e certamente retornam (à vida); portanto, aqueles sábios que desejam descendentes viajam pelo Caminho do Sul; o tema (Matéria) é, na verdade, o caminho dos antepassados. 9

Mas aqueles que buscam o Ser através da austeridade, da castidade, da fé e do conhecimento, esses viajam pelo Caminho do Norte e ganham o Sol; o Sol, em verdade, é o objectivo de todas as criaturas vivas, o Imortal, o Destemido; este é o objectivo final de onde não há retorno, pois este é o fim; e para isso existe um mantra (invocação). 10

Alguns chamam-lhe o pai com cinco pés (cinco estações do ano) e com doze formas (meses do ano), o doador da chuva e aquele que mora na região acima do céu; outros, reafirmam que o Sol é omnisciente; aquele em quem, como uma carruagem puxada por sete cavalos (os sete versos da prosódia sânscrita) e correndo numa roda com seis raios (seis meses), o mundo inteiro se funda. 11

O mês, em verdade, é Prajapati; a sua Matéria negra verdadeiramente é alimento; e a sua Energia brilhante é aquela que consome; por isso, alguns Sábios praticam sacrifícios na metade brilhante do mês, enquanto os outros os realizam na outra metade. 12

Dia e noite, em verdade, são Prajapati; destes, o dia é a vida (Energia), enquanto a noite, o alimento Matéria; aqueles que se divertem sexualmente durante o dia realmente perdem a vida; enquanto aqueles que fazem isso durante a noite devem ser considerados celibatários (*Brahmachari*). 13

O alimento, em verdade, é Prajapati e dele vem o sémen; do sémen nascem todas as criaturas. 14

Portanto, todos aqueles que observam a regra de Prajapati geram um par; mas *Brahmaloka* pertence àqueles que observam a austeridade e a castidade e nos quais a verdade está firmemente estabelecida. 15

O puro *Brahmaloka* (o mundo de Brahman) pertence àqueles isentos de desonestidade, de falsidade e de engano. 16

«Meditação sobre o *Om*», in *Chandogya Upanishad*, in *One Hundred Eight Vedic Upanishads Sanskrit Text*. Tradução inédita de José Carlos Calazans a partir de versão *online* [disponível em https://sanskritdocuments.org/doc_upanishat/chhaandogya.pdf: acessado a 8 de Agosto de 2019]. 2010. Varanasi: Chaukhamba Surbharti Prakashan. 2-3.

Deve-se meditar na sílaba *OM*, a qual se chama *Udgitha*; assim as pessoas cantam a *Udgitha* começando com *Om*; segue-se a explicação detalhada sobre esta sílaba: 1

A essência de todos esses seres é a terra; a essência da terra é a água; a essência da água é as plantas; a essência das plantas é a pessoa; a essência de uma pessoa é a fala; a essência do discurso é o *Rig Veda*; a essência do *Rig Veda* é o *Samaveda*; a essência do *Samaveda* é *Udgitha* que é *Om*. 2

Este *Udgitha* (*Om*) é a melhor de todas as essências, a suprema, merecendo o lugar mais alto, o mais elevado. 3

O que é então o *Rik*? O que é o *Samān*? O que é o *Udgitha*? Vamos reflectir. 4 A fala, na verdade, é o *Rik*; o sopro vital (*Prana*) é o *Samān*; a sílaba *Om* é o *Udgitha*; o discurso e o *Prana*, ou o *Rik* e o *Samān*, formam um par. 5

E este par liga-se à sílaba *Om*; quando um par se une, eles cumprem o desejo um do outro. 6

Aquele que conhece isto como aqui se declara e medita na sílaba *Om*, o *Udgitha*, torna-se, em verdade, um realizador de desejos. 7

A sílaba *Om* é usada para dar assentimento, pois onde quer que alguém assine algo, alguém diz *Om* (sim); portanto, o que é consentimento é gratificação; aquele que conhece isto e medita na sílaba *Om*, o *Udgitha*, torna-se, de facto, num concessor de desejos. 8

Através desta sílaba, o triplo conhecimento acontece; quando o sacerdote *Advaryu* dá uma ordem durante o sacrifício, ele diz *Om*; quando o sacerdote *Hotṛ* recita o hino, ele diz *Om*; quando o sacerdote *Udgatri* canta o *Samān*, ele diz *Om*; tudo isto é feito para a glória do imperecível *Atman*, através da grandeza e essência daquela sílaba. 9

Não é verdade que aquele que conhece o verdadeiro significado da sílaba *Om*, e aquele que não o compreende, realizam o mesmo sacrifício e, portanto, devem colher o mesmo fruto; os resultados do conhecimento e da ignorância são diferentes; o trabalho que é feito com conhecimento, fé e os *Upanishades* (ou seja, a meditação sobre as divindades) produz

resultados mais poderosos; esta é, em verdade, a explicação detalhada da sílaba *Om. io*

«A causa do universo», in *Chandogya Upanishad*, in *One Hundred Eight Vedic Upanishads Sanskrit Text*. Tradução inédita de José Carlos Calazans a partir de versão *online* [disponível em https://sanskritdocuments.org/doc_upanishhat/chhaandogya.pdf: acessado a 8 de Agosto de 2019]. 2010. Varanasi: Chaukhamba Surbharti Prakashan. 77

«No começo, meu querido (Śvetaketu Āruṇeya), este universo era o único (*Sat*) que é, um só sem outro igual; alguns dizem que no começo este não-ser (*Asat*) estava sozinho, um só sem um outro; e desse não-ser um ser nasceu.» I Aruṇi (Śvetaketu, o filho de Uddālaka) disse: «Mas como poderia isso ter acontecido, meu querido (pai)? Como poderia nascer um ser do não-ser? Não, meu querido (filho), foi só o Ser que existiu no começo, um só sem um segundo.» 2

«Isso (o Ser ou Brahman) pensou: ‘Eu posso ser muitos; que eu cresça.’ Isso criou o fogo. Esse fogo pensou: ‘Eu posso ser muitos; que eu cresça.’ Isso criou a água. É por isso que sempre que uma pessoa está quente e transpira, a água é produzida apenas pelo fogo (calor).» 3

«Essa água pensou: ‘Eu posso ser muitos; que eu cresça.’ Isso criou comida (ou seja, a terra). É por isso que sempre que chove em qualquer lugar, a comida é produzida com abundância; pois só a partir da água é produzido alimento comestível.» 4

«IV Adhyaya, 5 Brahmana, Yajñavalkya e Maitreyi», in *Brihadaranyaka Upanishad — Sanskrit Text*. Tradução inédita de José Carlos Calazans. 1950. Almora: Advaita Ashrama. 578-579.

Yajñavalkya (o rei filósofo) tinha duas esposas: Maitreyi e Katyayani; delas, Maitreyi estava familiarizada com o Conhecimento do Brahman, enquanto Katyayani tinha uma perspectiva essencialmente feminina; um dia, Yajñavalkya quis abraçar outro modo de vida, 1

E disse: «Minha querida Maitreyi, decidi renunciar a esta vida para me tornar num monge; permite-me então fazer um último acordo entre ti e Katyayani.» 2

Maitreyi respondeu: «Meu querido senhor, se de facto toda a terra tão cheia de riquezas me pertencesse, eu seria imortal por causa disso ou não?»

«Não», respondeu Yajñavalkya, «serás rica e isso será tudo, mas a riqueza não nos pode dar a imortalidade.» 3

Então Maitreyi disse: «O que devo fazer para alcançar o meio pelo qual me possa tornar imortal? Se tu sabes, meu senhor, diz-me.» 4

Yajñavalkya retorquiu: «Minha querida, tu tens sido sempre a minha amada e agora conseguiste desvendar o que está além do meu coração; se quiseres, minha amada, explicar-te-ei; senta-te perto de mim enquanto explico, e medita no que te digo.» 5

E ele disse: «Em verdade, minha querida, não é por amor ao esposo que ele é amado, mas ele é amado por causa do Atman que, em sua verdadeira natureza, é um com o Ser Supremo;

Ninguém ama a sua esposa porque é esposa, mas ela é amada porque se ama o Atman; Na verdade, minha amada, não é por causa dos filhos que eles são adorados, mas eles são adorados por causa do Atman;

Na verdade, minha querida, não é por causa da riqueza que ela é desejada, mas é porque se ama o Atman que a riqueza é desejada;

Na verdade, minha querida, não é pelo bem dos animais que eles são queridos, mas porque se ama o Atman é que eles são queridos;

Em verdade, minha querida, não é por causa do Brahman que o Brahman é respeitado, mas é por amor ao Atman que ele é respeitado;

Em verdade, minha amada, não é por causa do Kshatriya que o Kshatriya é amado, mas é por amor ao Atman que ele é amado;

Na verdade, minha amada, não é pelo bem dos mundos que os mundos são amados, mas é por amor ao Atman que eles o são;

Na verdade, minha amada, não é por causa dos deuses que eles são amados, mas é por amor ao Atman que eles o são;

Na verdade, minha querida, não é pelo amor aos Vedas que eles são amados, mas é por amor ao Atman que eles o são;

Na verdade, minha querida, não é pelo bem dos seres que eles são amados, mas é por amor ao Atman que eles o são;

Na verdade, minha amada, não é pelo bem do Todo que ele é o Todo-amado, mas é por amor ao Atman que ele o é;

Em verdade, minha querida Maitreyi, é o Atman que se deve realizar a si mesmo — que deve ser ouvido, pensado e meditado; pela realização do Atman, minha amada, através da audição, da reflexão e da meditação, tudo isto é conhecido. 6

O Brahman rejeita aquele que o vê como diferente do Atman; o Kshatriya rejeita aquele que o conhece como diferente do Atman; os mundos rejeitam todo aquele que os vê como diferentes do Atman; os deuses (*Devas*) rejeitam todos os que os vêem como diferentes do Atman; todos aqueles que olham os Vedas como estando separados do Atman foram abandonados pelos Vedas; os seres rejeitam quem os conhece como separados do Atman; todos aqueles que procuram seja o que for fora do Atman foram abandonados por coisa nenhuma; estes *Brahmines*, estes *Kshatriyas*, estes mundos, estes deuses, o que quer que exista, este Atman é tudo»; e de imediato ele (Yajñavalkya) passou a explicar o que entende por amor. 7

«Assim como vários tipos particulares de sons de um tambor, quando ele é percutido, não podem ser percebidos por si mesmos, mas antes são identificados apenas quando o som geral do tambor ou o som geral produzido por diferentes tipos de batimentos é captado; 8

Também as várias notas particulares de uma concha, quando é soprada, não podem ser percebidas por si mesmas, mas são identificadas apenas quando a nota geral da concha ou o som geral produzido por diferentes tipos de sopro é captado; 9

É como as várias notas particulares de uma *Vina*, quando é tocada, não podem ser diferenciadas por si mesmas, mas são percebidas apenas quando a nota geral da *Vina* ou o som geral produzido pelos diferentes tipos de interpretação é apreendido. 10

A partir de um fogo aceso com combustível húmido, vários tipos de fumo se libertam, assim como, minha amada, o *Rig Veda*, o *Yajur Veda*, o *Sama Veda*, o *Atharvangirasa*, os *Itihasas* (histórias), os *Puranas* (mitologia), as *Vidya* (artes), os *Upanishades*, os *Shlokas* (versos), os *Sutras* (aforismos), os *Anu-vyakhyanas* (elucidações sobre os *Brahmines*), os *Vyakhyanas* (explicações), os *Yajñas* (sacrifícios), as oblatas ao fogo, a comida, a bebida, este mundo, o outro mundo e todos os seres são como o sopro desta Realidade infinita; deste Atman (Ser Supremo), tudo de facto recebe o seu alento. 11

Assim como o oceano é o único ponto de chegada de todas as águas (o lugar onde elas se diluem), a pele é o único propósito de todos os tipos de toque, as narinas o único receptáculo de todos os cheiros, a língua o único alvo de todos os sabores, o ouvido o único fim de todos os sons, a mente a única meta de todas as deliberações, o intelecto o único ponto (convergente) de todas as formas de conhecimento, as mãos o único objectivo de todas as acções, o órgão de geração o único instrumento de todos os tipos de prazer, o órgão excretório a única via de todas as excreções, os pés o único meio de todos os tipos de caminhada, o órgão da fala o único objectivo de todos os Vedas. 12

Assim como uma porção de sal não tem nem dentro nem fora e é, no seu todo, uma massa homogénea de sabor, até este Atman, minha amada, não tem nem dentro nem fora e é, na sua totalidade, uma massa homogénea de Inteligência; este Atman surge como uma entidade separada dos elementos e com a sua destruição, até esta existência separada também é destruída; depois de atingir essa unidade, não há mais consciência; eu o afirmo minha amada.» Assim o disse Yajñavalkya. 13

Então Maitreyi disse: «Meu querido senhor, agora fiquei totalmente confundida; na verdade, eu não estou a entender nem uma só coisa.»

Ele respondeu: «Minha amada, certamente que eu não estou a dizer nada de confuso; em verdade, esse Atman é imutável e indestrutível. 14

Pois quando há dualidade, tal como é, um vê outro, um cheira outro, um saboreia o outro, um fala com o outro, um ouve o outro, um pensa no outro, um toca no outro, um conhece o outro; mas quando para o conhecedor que é Brahman tudo se tornou no Atman, então o que ele poderia ver e através de quê, o que ele deveria cheirar e com o quê, o que ele deveria provar e com o quê, o que ele deveria falar e através de quê? E através de quê ele deveria pensar, o que ele deveria tocar e através de quê, o que ele deveria saber e através de quê? Através de que meio se deve conhecer Aquilo a que tudo isto se deve? Este Atman é Aquilo que foi descrito como 'isto não, isto não' (*Neti Neti*). É imperceptível, pois nunca é percebido; imperecível

vel, pois nunca se decompõe; desapegado, pois nunca se liga a si mesmo; sem restrições, pois nunca sente dor e nunca sofre lesões. Através do quê, ó Maitreyi, deveríamos conhecer o Conhecedor? Aqui tens os teus ensinamentos. Tudo isto, de facto, é o meio para atingir a imortalidade.» Dito isto, Yajñavalkya renunciou à casa (e partiu para a floresta). 15

AUVAIYAR. «Purananuru 102: sobre Pokuttelini», in *The Oxford India Ramanujan*. Tradução inédita de José Carlos Calazans. 2003. Oxford: Oxford University Press. 141.

O jovem touro
não sente o jugo,
embora a carroça esteja carregada
com sal e outras coisas.
Mas quem pode
prever os danos
quando mergulha em riachos
e sobe as colinas?

Então os mercadores de sal têm
um segundo eixo de segurança
sob a trave principal.

Tu és tão
sublime com guarda-chuvas brilhantes de fama:

quem vive à sua sombra
como que vivendo sob a lua cheia,

tem algum medo
da noite?

VĀLMĪKI. «Livro II: Ayodhya Kanda; Capítulo I [Sarga] — O Livro de Ayodhya», in *Sbrimad Vālmiki Ramayan — Sanskrit Text with Hindi Translation*. Tradução inédita de José Carlos Calazans. 1927. Jaipur: D.P. Sharma. 14-27.

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, o autor e poeta indiano *Vālmiki* descreve as virtudes de Rama e compara-o a um deus, já que ele mesmo é a própria reencarnação de Vishnu. Neste episódio, o rei de Ayodhya revela que pretende coroar o seu filho primogénito Rama com a aprovação de todo o concelho e do povo e para isso convida todos os súbditos e nobres de outras cidades.

Bharatha, ao ir para a casa de seu tio materno, levou com ele o seu bem-amado irmão Shatrughna (aquele que não tem pecados e que destrói os seus inimigos). **2.1.1**

Tratado por seu tio materno Yudhajit, que era um nobre cavaleiro, com carinhosa hospitalidade e amor paterno, Bharatha ali ficou com seu irmão.

2.1.2

Estes bravos heróis Bharatha e Shatrughna, enquanto permaneceram ali entretiveram-se a falar sobre a velhice de seu pai. **2.1.3**

O poderoso Dasharatha também costumava lembrar-se dos seus filhos Bharatha e Shatrughna, que eram semelhantes a Indra e Varuna. **2.1.4**

Dasharatha amava de igual modo a todos os seus filhos, que eram os melhores entre os homens, e como se fossem quatro mãos saindo de seu próprio corpo. **2.1.5**

Rama, como Brahma entre os seres vivos, o mais virtuoso destes irmãos e o mais poderoso, era uma grande fonte de alegria para seu pai. **2.1.6**

Este Rama — não foi o eterno Vishnu que nasceu na terra para matar o egoísta Ravana? **2.1.7**

Assim como mãe (Aditi) de Indra, a melhor entre os (seres) celestiais, Kaushalya brilhou pelo seu filho Rama, o poderoso. **2.1.8**

Rama era de bonita compleição, um herói de valor e sem inveja; em virtudes era como Dasharatha; assim ele era inigualável na sua terra. **2.1.9**

Rama sempre foi de mente calma e afável; nunca reagindo às palavras contundentes dos outros. **2.1.10**

Rama, por sua boa inclinação mental, sente-se bem, mesmo quando uma boa acção lhe acomete; e não se lembra de muitas coisas más. **2.I.II**

Rama sempre tinha algum tempo, mesmo quando praticava tiro com arco, para conversar com as pessoas idosas. **2.I.I2**

Rama era um homem sábio e costumava falar docemente; era sempre ele o primeiro a iniciar uma conversa e o seu discurso era compassivo; ele era cheio de valor, mas sem arrogância por ser forte e destemido. **2.I.I3**

Ele não praticava a mentira e estava sempre alerta sobre tudo; costumava ser atencioso e reverente para com os mais velhos; todos o amavam e ele amava a todos. **2.I.I4**

Era compassivo e tinha conquistado a ira; costumava ser atencioso e reverente para com os sábios; era misericordioso para com os mansos e sabia como agir; sempre com autocontrolo, tinha uma conduta irrepreensível. **2.I.I5**

Rama, agindo como o nobre que era, respeitando as leis da classe guerreira (*Kshatriya*), acreditava que seria capaz de alcançar grande fama (mas apenas) por recompensa divina. **2.I.I6**

Rama não estava interessado nas acções, não considerava benéfico; ele era um estudioso e os assuntos que se opunham à justiça não o atraíam; tal como Vachaspati (o deus da oratória), o seu eloquente discurso era industrioso e motivado à acção. **2.I.I7**

Rama era um jovem sem nenhuma doença e com um excelente corpo; um grande orador que sabia bem o tempo e o lugar; tinha a justa percepção da essência dos homens e era o único cavalheiro sobre a terra. **2.I.I8**

As pessoas amavam o virtuoso príncipe Rama e tratavam-no como se fosse a expressão viva do espírito manifestando-se fora do corpo. **2.I.I9**

Rama, depois de ter completado a sua educação correctamente, depois de ter conhecido a ciência do arco e da flecha segundo a tradição, suplantou o seu pai nesta arte. **2.I.20**

Rama, tendo nascido de um bom clã, era gentil; não era fraco, falava a verdade e era frontal; ele foi bem treinado por aqueles que conheciam a justiça (*Dharma*). **2.I.21**

Rama conhecia a verdadeira forma do desejo, da riqueza e da rectidão; tinha uma excelente memória e sabedoria espontânea; era habilidoso com os protocolos e os costumes sociais. **2.I.22**

Rama era humilde e não deixava que os seus sentimentos o traíssem; era reservado e guardava os seus pensamentos para si mesmo; ajudava os outros e a sua raiva e o prazer não se desperdiçavam; ele sabia quando dar e quando não dar. **2.I.23**

Rama era um firme devoto e uma mente firme; não era teimoso nem proferia palavras contundentes; não era ocioso e estava sempre alerta; reconhecia os seus próprios erros e os dos outros. **2.I.24**

Rama conhecia a teoria e prática da ciência; entendia as diferenças entre os homens e era capaz de discriminar criteriosamente quem proteger e quem punir. **2.I.25**

Ele identificou homens bons e protegeu-os; conheceu pessoas dignas de repreensão; dominava as formas e os meios de ter rendimento e as ciências económicas. **2.I.26**

Em qualquer ramo das ciências com que lidasse, Rama tinha grande habilidade; porém, ele só se sentia confortável depois de entender as realidades económicas; ele nunca permaneceu inactivo. **2.I.27**

Rama conhecia as belas artes e a sua utilidade para o entretenimento; sabia como distribuir a riqueza; era um especialista em montar e domesticar elefantes e cavalos. **2.I.28**

Rama era o melhor conhecedor no mundo da ciência do arco e da flecha, enaltecido pelos campeões do tiro com arco; ele tornou-se num excelente estratega militar, tendo enfrentado e matado inimigos na batalha. **2.I.29**

Mesmo os Devas e os demónios enfurecidos não conseguiram derrotar Rama numa batalha; ele não tinha ciúmes e conquistou a raiva; não tinha arrogância nem inveja, nem humilhou nenhum ser vivo; ele não se rendeu ao tempo. **2.I.30**

O príncipe Rama, com tão boas virtudes, era justo com o povo; uniu os três mundos através da paciência e das respectivas virtudes, e foi como a terra, pela sabedoria de Brihaspathi e pelo valor de Devendra (Indra). **2.I.31**

Rama, com as suas virtudes, foi uma fonte de felicidade para todas as pessoas e uma fonte de alegria para seu pai; enquanto o sol brilhava com seus raios, Rama reluzia com suas virtudes. **2.I.32**

A terra desejava que Rama fosse o seu Senhor, pois ele estava enfeitado com o autocontrole e as normas de comportamento próprias de uma bravura igual à dos senhores do universo como Indra. **2.I.33**

Dasharatha, aquele que destrói os inimigos, começou a observar o percurso do seu filho de virtudes incomparáveis. **2.I.34**

Avançado em idade, Dasharatha pensou: «Rama tornar-se-á rei enquanto eu ainda estiver vivo? Devo eu aproveitar essa felicidade?» **2.I.35**

Um grande e amoroso pensamento emergiu na sua mente: quando seria ele capaz de ver o seu amado Rama coroado como rei? **2.I.36**

«Não é Rama, como uma nuvem de chuva sobre a terra, mais apreciado pelas pessoas do que eu, pois ele deseja o desenvolvimento do mundo e tem igual compaixão para com todos os seres vivos? **2.I.37**

Rama é igual a Yama e a Devendra em valor, a Brihaspathi em sabedoria e a uma montanha em coragem; ele é mais virtuoso do que eu. **2.I.38**

Devo alcançar o céu, depois de ver nesta idade, o meu filho a governar toda a terra?» **2.I.39**

Rama tinha muitas outras virtudes além das até agora declaradas, que não podem ser vistas em outros reis; as suas virtudes não podem ser contadas e são as melhores do mundo; ao ver este único e virtuoso Rama, Dasharatha reuniu com os seus ministros, e decidiram que Rama seria príncipe. **2.I.40-41**

O sábio Dasharatha disse que (Rama) era como um sinal de grande alerta ou por causa de um cometa, ou pelo modo como as coisas são encontradas no céu e na terra; Dasharatha disse igualmente aos ministros que o seu próprio corpo estava a envelhecer. **2.I.42**

Dasharatha reconheceu que, se Rama fosse coroado rei, ele não teria de se preocupar, pois este último tinha um rosto bonito como uma lua cheia e era um grande homem sábio apreciado pelo povo. **2.I.43**

O justo Dasharatha foi ágil com os preparativos para a coroação de Rama, considerando que, se tal era justo para seu próprio benefício, assim seria igualmente benéfico para as pessoas. Porque o que é bom será bom quando tiver de ser. **2.I.44**

Dasharatha convocou outros reis e oficiais de diferentes cidades e vilas do seu reino. **2.I.45**

O apressado Dasharatha não chamou o rei Kekaya, o tio materno de Bharatha ou o rei Janaka, pois pensou que ambos podiam ouvir as boas novas depois. **2.I.46**

O rei Dasharatha recebeu-os adequadamente com casas e jóias; ricamente adornado ele cuidou dos convidados como o Senhor Brahma cuida dos seus filhos. **2.I.47**

Todos os reis convidados, devidamente amados por seu povo, entraram na assembleia depois de o rei Dasharatha, que destrói o exército inimigo, ter-se sentado no seu trono. **2.I.48**

Os reis entraram então, ocuparam os vários assentos que lhes foram atribuídos pelo rei, todos voltados para ele, conforme o protocolo. **2.I.49**

Rodeado pelos respeitadas e humildes reis sentados próximos dele, assim como os importantes chefes de cidades e aldeias, o rei Dasharatha brilhou como o senhor Devendra rodeado pelos Devas. **2.I.50**

VITTAKUTIRAIYĀR. «Kurunthokai 74: Kurinji thinai — O que a sua amiga lhe disse», in *Old Tamil Poetry — Translations of Tamil Poetic Works that span 2000 years*. Tradução inédita de José Carlos Calazans a partir de versão *online* [disponível em <https://oldtamilpoetry.com/2016/05/07kurunthokai-74/>: acessado a 8 de Agosto de 2019].

O nosso homem das colinas
Onde o bambu curvo e verde se ergue para o céu
com a Primavera de um cavalo solto
cresce o desejo pelo nosso amor
como um touro amarrado no Verão
não sabendo que estamos perdidos
pelo bem do verão.

Krishna Dvapayana VYASA. «Bhagavad-Gita; Jñana Yoga, Capítulo II — O conhecimento transcendente», in *Complete Shrimad Bhagavad-Gita in Sanskrit and Hindi*. Tradução inédita de José Carlos Calazans. 2015. Barreiro: Ésquilo Edições e Multimédia. 62-83.

Samjaya disse:

«Arjuna, com os olhos cheios de lágrimas, transbordando de compaixão e de desespero, ouviu as seguintes palavras de Madhusudana.» 2-1

Shribhagavan disse:

«Ó Arjuna, que desânimo é esse? Isso não é próprio de um Arya, é humilhante e não leva ninguém ao céu! 2-2

Ó filho de Pritha, não te acobardes, pois isso não te beneficia; afasta a fraqueza do teu coração e levanta-te!» 2-3

Arjuna disse:

«Ó Madhusudana, como posso eu levantar guerra e lançar flechas (contra) Bhishma e Drona, que tanto reverencio? 2-4

Em verdade, seria preferível ser pobre neste mundo do que matar estes nobres senhores; porque tirando-lhes a vida, usufruiria de riquezas e prazeres (mas) manchados de sangue. 2-5

Não sabemos qual é a nossa melhor opção, nem sabemos se lhes ganharemos ou eles nos conquistarão; quem querará viver depois de matar os filhos de Dhritarashtra que desfilam à nossa frente? 2-6

O meu coração fraqueja e enche-se de compaixão e a minha mente tolda-se sobre o *dharma*, peço-te que me esclareças de forma clara sobre o que é melhor para mim (pois) sou o teu discípulo, ensina-me a mim que te imploro por refúgio. 2-7

Eu não compreendo como é que ganhando um próspero e incomparável reino nesta terra, ou até a soberania sobre os Devas, posso remover a tristeza que se entranha nos meus sentimentos.» 2-8

Samjaya disse:

«Depois de Hrishikesha ter falado com veemência, o grandioso Arjuna retorquiu: não lutarei, ficarei silencioso.» 2-9

Hrishikesha como que sorrindo, proferiu então estas palavras perante o atrevimento de Arjuna, entre os dois exércitos.» 2-10

Shribhagavan disse:

«Lamentas-te com aqueles que não são merecedores de pena, e mesmo assim dizem palavras de sabedoria; o sábio não se amargura nem pelos vivos nem pelos mortos. 2-11

Nunca em tempo algum eu, tu ou estes reis deixaram de existir, nem deixaremos de existir no futuro. 2-12

Tal como o Ser nesta vida habita num corpo de criança, num jovem ou num velho; também pela reencarnação assume outro corpo depois da morte e o sábio não se ilude com isto. 2-13

O filho de Kunti, os elos entre os sentidos e os objectos dos sentidos originam os sentimentos de calor e frio, dor e prazer; eles são transitórios e perecíveis, portanto, controla-os. 2-14

Pois uma pessoa calma, que não se aflige por estes sentimentos e que resiste à dor e ao prazer, torna-se pronta para a imortalidade. 2-15

Não há o 'existente' do *sat* e o 'não existente' do *asat*; em verdade, a natureza destes dois é conhecida pelos profetas da verdade. 2-16

Aprende que todo o universo está assim disposto para ser inalterável; ninguém pode aniquilar o indestrutível. 2-17

Ó descendente de Bharata, dizem que os corpos eternos e imortais assim como a Alma misteriosa são perecíveis, portanto, luta! 2-18

Aquele que pensa que a Alma oprime como quem crê que é opressão, são ignorantes, porque a Alma não oprime nem é opressão. 2-19

A Alma não nasce nem morre em tempo algum, nem sendo deixa de ser outra vez; e não nascida, eterna, permanente e primeva, (pois) não é destruída quando o corpo é aniquilado. 2-20

Ó filho de Pritha, como pode uma pessoa saber que é indestrutível eterna, não nascida e permanente; (como se pode) matar alguém ou ser a causa da morte de alguém? 2-21

Tal como uma pessoa se veste com novas roupas depois de se libertar das velhas, igualmente (a alma) assume novos corpos depois de se livrar de velhos corpos. 2-22

As armas não a podem cortar, o fogo não a pode queimar, a água não a pode molhar e o vento não a pode secar. 2-23

Ela não pode ser cortada, queimada, molhada ou seca; e eterna, toda omnipresente, imutável, imóvel e primeva. 2-24

Diz-se que (a alma) é não-manifestada, impensável e imutável; conhecendo esta (alma), como seria tua obrigação, não te deverias lamentar. 2-25

Se pensas que este (corpo) nasce e morre eternamente, então, não te deverias lamentar desta maneira! 2-26

Pois a morte é certa para aquele que nasce, como o nascimento é certo para aquele que morre; portanto, não te deverias lamentar sobre o que é inevitável. 2-27

Ó descendente de Bharata, todos os seres são não manifestos antes de nascerem e depois da morte; eles só se dão à evidência entre o nascimento e a morte, porquê então esse lamento? 2-28

Alguns vêem esta (alma) como um milagre, outros descrevem-na como maravilhosa e outros ainda ouvem (dizer) que é um milagre; mesmo depois de ouvir falar sobre isto ninguém sabe ao certo o que é. 2-29

Ó descendente de Bharata, a (alma) que mora em todos os corpos é eternamente indestrutível; portanto, não deverias lamentar ninguém. 2-30

Um guerreiro como tu não deveria lamentar-se; pois nada há de mais venturoso para um combatente do que uma boa guerra. 2-31

Ó filho de Pritha, só os melhores guerreiros têm uma oportunidade como esta para uma guerra ímpar, que é como uma porta aberta para o céu. 2-32

Se não lutares uma guerra justa, então não cumprirás a tua missão; perderás o nome e cairás em desgraça. 2-33

As pessoas falarão sempre da tua desgraça, (pois) para aquele que é de recta razão a desonra é pior que a morte. 2-34

Os grandes guerreiros pensarão que te retiraste da batalha por medo; aqueles que te tiverem grande consideração perderão o respeito por ti. 2-35

Os teus inimigos proferirão muitas palavras impróprias e escarnecerão das tuas habilidades; o que poderia ser mais doloroso do que isto? 2-36

Irás para o céu se morreres, ou então terás a alegria na terra se venceres; portanto, ó filho de Kunti, levanta-te determinado a combater. 2-37

Encarando o prazer e a dor, o ganho e a perda, a vitória e a derrota com indiferença, compenetra-te da tua missão. 2-38

Ó filho de Pritha, a descrição (*samkhyā*) sobre a natureza da alma foi-te transmitida; presta agora atenção à sabedoria do *yoga* pela qual te libertarás dos grilhões do *karma*. 2-39

(Através do *karma-yoga*) nada é em vão e nada pode ser atingido; até uma pequena prática desta disciplina é suficiente para impedir qualquer pessoa de ter medo. 2-40

Ó descendente dos *Kurus*, aqueles que são determinados tem (têm) apenas um pensamento, mas quem vacila tem os pensamentos desordenados e dispersos. 2-41

Ó filho de Pritha, os incautos que se deleitam com floreados e que julgam entender os Vedas dizem que nada mais existe. 2-42

Esses prescrevem e glorificam variados rituais védicos para atingir o prazer e o poder daqueles que estão cheios de ambição, desejando ter bons nascimentos, saúde e poder. 2-43

A auto-realização não ocorre nas mentes ligadas ao prazer e ao poder, cujo discernimento está obscurecido por aqueles rituais. 2-44

Ó filho de Pritha, os Vedas estão relacionados com os três estados mentais dos *gunas*; liberta-te da dualidade, sê equilibrado e não dês importância aos pensamentos de apego. 2-45

Para aquele que é um realizado, os Vedas são tão úteis como um reservatório de água quando uma enchente se estende por todo o lado. 2-46

Tu és o único responsável pelo *karma* e não sobre o controle dos resultados; as consequências das acções não deveriam ser o teu objectivo, assim como nunca te deverias deixar atrair pela inacção. 2-47

Ó conquistador de riquezas, faz o que te está destinado com o melhor da tua capacidade, com o pensamento ligado ao Senhor; abdicando dos resultados e permanecendo calmo tanto no sucesso como no infortúnio, (a isto) chama-se *yoga*. 2-48

Ó conquistador de riquezas, trabalhar de forma egoísta é de longe inferior a uma dádiva ao próximo ou *buddhi-yogi*. 2-49

Um *buddhi-yogi* liberta-se por si próprio nesta vida do vício e da virtude, portanto, luta pelo *yoga*; melhorar as aptidões sem ser atraído pelos resultados das acções é designado por *karma-yoga*. 2-50

Os *buddhi-yogis*, que são sábios, possuem uma postura mental porque renunciam aos resultados das acções; eles são verdadeiramente livres dos laços do renascimento e atingem a libertação. 2-51

Quando o teu intelecto rasgar por completo o véu da ilusão, só então ficarás indiferente àquilo que foi ouvido e ao que será escutado. 2-52

Quando o teu intelecto, confuso pelo conflito de várias opiniões e pela doutrina ritualística dos Vedas, for consistente e firme com o Eu, só então atingirás o *yoga*.» 2-53

Arjuna disse:

«Ó Keśava, o que distingue uma pessoa em que a sabedoria está firme e imbuída por um estado de supraconsciência? Como fala uma pessoa que está assim firme? Como tal pessoa se senta e anda?» 2-54

Shribhagavan disse:

«Ó filho de Pritha, quando uma pessoa se liberta dos desejos da mente e está satisfeito no Atman e pela exultação (do Atman), então diz-se que essa pessoa é firme na sabedoria. 2-55

Uma pessoa cuja mente é imperturbável pela tristeza, que não procura prazeres e que está desapegada do medo e da raiva, uma pessoa assim é chamada de sábio. 2-56

Aqueles que estão desapegados, que não são atraídos pelos resultados dos desejos, nem ansiosos por resultados indesejáveis, a sua sabedoria encontra-se realmente firme. 2-57

Quando uma pessoa consegue abstrair-se totalmente dos sentidos e dos objectos, como uma tartaruga faz com os seus membros, então, a sabedoria de tal pessoa é considerada firme. 2-58

O desejo pelos prazeres sensuais dissipa-se assim que uma pessoa se abstém do gosto pela sensação, mas a paixão permanece; (porém), a paixão desaparece para aquele que viu mais além. 2-59

Ó filho de Kunti, a inquietude abafa forçosamente a mente de uma pessoa, até a de um sábio que luta pela perfeição. 2-60

Ao controlar os sentidos, uma pessoa deveria fixar a sua mente no Eu; (só assim) a sabedoria se torna firme e os sentidos controlados. 2-61

A atracção pelos objectos dos sentidos cresce ao pensar-se sobre os objectos dos sentidos; o desejo pelos objectos dos sentidos deriva do apego dos sentidos aos objectos (assim como) a raiva emerge dos desejos insatisfeitos. 2-62

A desilusão emerge da raiva, a mente torna-se rebelde pela desilusão; a razão fica destruída quando a mente se revolta e uma pessoa cai quando se destrói a razão. 2-63

Quem é disciplinado e se alegra com os objectos dos sentidos, tendo os sentidos controlados e livres daquilo que parece ser e não é, atinge a tranquilidade. 2-64

Todas as tristezas se desvanecem quando se atinge a tranquilidade; o intelecto de uma pessoa assim tão tranquila torna-se totalmente firme. 2-65

Não existe Conhecimento nem Percepção para aqueles cujos sentidos não estão sob controlo; e não pode haver paz, e sem paz não pode existir felicidade. 2-66

A mente quando controlada pelo fragor dos sentidos, afasta a sabedoria como uma tempestade desvia um barco no alto-mar do seu destino, (que é) a praia espiritual. 2-67

Portanto, a sabedoria afirma-se naqueles em que os sentidos estão completamente afastados dos objectos dos sentidos. 2-68

Sê consciente daquilo de que os outros são inconscientes; (pois) um sábio está silencioso sobre a experiência que os outros conhecem. 2-69

A paz é atingida quando na mente os desejos penetram sem originarem nenhum distúrbio, como as águas de um rio entram no grande oceano sem este ser perturbado; aquele que deseja objectos materiais nunca está em paz. 2-70

Aquele que deixa todos os desejos, e que se liberta da saudade e do desejo do 'eu' e do 'meu', alcança a paz. 2-71

Ó filho de Pritha, isto é o Brahman, chegando a este estado (de consciência) uma pessoa nunca mais fica desiludida; alcançando este estado, mesmo no fim da vida, uma pessoa atinge o *nirvana*.» 2-72

Om Tat Sat, aqui termina o capítulo segundo da *Shrimadbhagavadgitopaniṣad*, «O conhecimento transcendente», a ciência de Deus (que é) o texto do *Yôga* e o diálogo entre Krishna e Arjuna. 2-73

THEVAKULATHĀR. «Kurunthokai 3: Kurinji thinai — O que ela disse», in *Love Stands Alone: Selections from Tamil Sangam Poetry*. Tradução inédita de José Carlos Calazans. 2013. Londres: Penguin. 75.

Maior que a terra, certamente
mais alto que o céu,
mais insondável que as águas
é este amor por esse homem
das encostas da montanha
onde as abelhas fazem um rico mel
das flores do *kurinci*
que têm talos pretos.

(5)
CHINA: A TRADIÇÃO CLÁSSICA

António Graça de Abreu

A China, mais de quarenta séculos de História, uma civilização continuada, sem quebras nem hiatos, uma cultura enraizada no perpassar dos homens por dentro do tempo, tem, naturalmente, uma vasta e depurada literatura.

Nesta antologia, no que à tradição clássica diz respeito, vamos encontrar o que de melhor a literatura chinesa criou, inventou, produziu.

Os chineses alicerçaram a sua fala, há mais de três mil anos, numa escrita original e única, não alfabética, com milhares e milhares de caracteres, muitos deles ideogramas ou pictogramas, ou numa associação de vários elementos sob diferentes radicais, num todo constituindo um extraordinário modo de escrita, com os caracteres, tantas vezes, sugerindo mais do que explicando, desdobrando-se, abrindo ao leitor os espaços para todos os entendimentos.

A língua chinesa possui uma sintaxe impessoal e passiva que faz tremendas economias e, deliberadamente, ignora género e número (ele ou ela, eles ou elas?). Os vocábulos ou caracteres podem ser, com uma mesma representação gráfica e sonora, substantivos, verbos ou adjetivos. Tudo é concisão e simultaneamente ambiguidade. As regras de prosódia são diversas das nossas, os paralelismos visuais internos da escrita, as figuras de estilo, os jogos de alusões culturais, as alusões históricas e mitológicas nada têm a ver com a nossa cultura, a nossa mitologia, a nossa História.

E, no entanto, os grandes textos literários chineses, em poesia ou em prosa, são universais e eternos. Porque, como diz o provérbio chinês, «debai-xo do céu, todos os homens são irmãos».

Temos as traduções do padre Joaquim de Jesus Guerra e de Gil de Carvalho, de excertos do *Shi Jing*, o *Livro das Odes*, a mais antiga antologia de poesia, presumivelmente compilada por Confúcio (551 a.C — 479 a.C), com velhíssimos poemas breves que marcaram toda a posterior poesia chinesa. Joaquim de Jesus Guerra foi um jesuíta que viveu e missionou durante largos anos em Macau e na China e, em finais de vida, se entreteve, por bem, a traduzir textos clássicos fundamentais da literatura chinesa.

Temos também a tradução de João C. Reis de um poema de Qu Yuan, considerado o primeiro grande poeta da vasta galeria de vates chineses, e de dois dos *Dezanove Poemas Antigos*, um clássico da poesia compilado na dinastia Han (206 a.C — 220 d.C.), em traduções de António Graça de Abreu e de Gil de Carvalho. Os mesmos tradutores são os responsáveis pelos poemas vertidos para língua portuguesa da autoria de Tao Yuanming (365-427) e de Xie Lingyun (385-427), dois grandes poetas da natureza e da suprema sabedoria de existir, já então exercitada em tempos recuados da História do mundo.

Temos ainda a tradução de Jorge Sousa Braga de Liu Ling, um dos «Sete Sábios do Bosque de Bambu», taoista, excêntrico e expoente máximo do desinteresse pelas coisas do mundo, excepto o entusiasmo pelo álcool, de que foi um dos mais militantes seguidores.

Por último, uma referência ao *Tao Tè Ching*, o extraordinário *Livro da Via e da Virtude*, obra tradicionalmente atribuída a Lao Zi ou Lao Tsé, o pai do taoísmo, mas possivelmente elaborada no século 11 a.C.

Enfim, uma breve abordagem às primícias da literatura clássica chinesa, uma tentativa de dar cor, luz e vida, em língua portuguesa, a textos chineses afundados na história literária do grande império do Extremo Oriente, mas sempre actuais, cativantes, sugestivos, modelados pela magia das infindáveis palavras.

«Dezanove poemas antigos — Dois», in *Quinhentos Poemas Chineses*.
Tradução de António Graça de Abreu. 2014. Lisboa: Nova Vega. 61.

Tão verdes as ervas na margem do rio!
Tão frondosos os salgueiros no jardim!
Tão formosa esta mulher no terraço do pavilhão!
Perfeito o seu rosto rosa,
graciosas suas mãos, tão finas!
Outrora, nas casas de música,
foi cantora e bailarina.
Agora, é esposa de um homem
inconstante e vulgar
que vagabundeia por toda a parte
e não regressa a casa.
Tão difícil dormir sozinha
numa cama vazia!

«Dezanove poemas antigos — O décimo quinto», in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: do Shijing a Lu Xun*. Tradução de Gil de Carvalho. 2010. Lisboa: Assírio & Alvim. 73.

Os anos de um homem alcançam cem raramente
É como de mil se tratasse — realmente
Os dias tão curtos, e as noites quão longas
Se fôssemos antes com uma tocha na mão, folgar.
Agarra-te à hora, os prazeres que ela dá
E deixa as outras todas — e o ano que vem
Um asno que gasta seu ouro a poupar
— Deixa-me rir. Também, a quem vem depois.
Um certo Imortal que era Rei ou assim, ficou
Para nós, sem rival. E um fortuito amuleto.

CONFÚCIO (compilado por). «O livro das odes: 'Vento e chuva'», in *Quinhentos Poemas Chineses*. Tradução de Joaquim de Jesus Guerra. [século XI-VI a.C.] 2014. Lisboa: Nova Vega. 34.

O vento e a chuva são frios;
Ouve-se o canto do galo.
Apenas vejo o marido,
Posso eu lá não acalmar?

Vento e chuva em temporal,
O galo canta teimoso
Apenas vejo o marido,
Posso lá não ficar boa?

Vento e chuva e tudo escuro;
E sempre o galo a cantar.
Mas eu vi o meu marido:
Posso lá não me alegrar?

CONFÚCIO (compilado por). «O livro das odes: ‘Folhas secas’ e ‘Os soldados’», in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: do Shijing a Lu Xun*. Tradução de Gil de Carvalho. [século XI-VI a.C.] 2010. Lisboa: Assírio & Alvim. 29, 31.

FOLHAS SECAS

Folhas secas, folhas secas,
O vento é que vos levanta
Ah irmãos, meus irmãos,
Cantai vós, eu de seguida.

Folhas secas, folhas secas,
O vento sopra-as pr’a longe
Ah irmãos, meus irmãos,
Cantai vós, depois sou eu.

OS SOLDADOS

Que planta não amarelece?
Que dia há sem marchar?
Que homem é que não está
Servindo nas quatro fronteiras?

Que planta é que não enegrece?
Que homem não é sem mulher?
Um viva a nós, os soldados!
Já não como homens tratados.

Somos rinocerontes, ou tigres,
P’ra andarmos por estes desertos.
Um viva a nós, os soldados!
Dia e noite sem descanso.

As raposas de pêlo denso
Espreitam das ervas altas.
Os nossos carros de bambu
Vão devagar p'la estrada grande.

LAO TSE. «Dois», «Trinta e seis», «Quarenta e sete», in *Tao Tê Ching: Livro da Via e da Virtude*. Tradução de António Graça de Abreu. 2017. Lisboa: Nova Vega. 31, 99, 127.

DOIS

Debaixo do Céu*, todos vemos que o belo é belo
porque o feio existe.

Todos sabemos que o bom é bom
porque o mau existe.

Coexistem o ser e o não-ser,
completam-se o difícil e o fácil,
aproximam-se o alto e o baixo,
harmonizam-se a voz e o som,
sucedem-se o da frente e o de trás.

Por isso, o sábio avança e nada faz†,
ensina sem nada dizer
e os dez mil seres desenvolvem-se, sem cessar.

Ele trabalha e nada possui,
ele cria e de nada se apropria.

Tudo feito, tudo esquece,
assim, para sempre, a obra permanece.

TRINTA E SEIS

O que encolhe
deve primeiro alargar,
o que enfraquece
deve primeiro ser forte,

* *Tian xia* significa «debaixo do céu», mas traduz-se normalmente «pelo mundo em que vivemos».
† *Wu wei* é um conceito fundamental do taoísmo. Significa «ausência de acção» mas não é inacção, corresponde a actuar não agindo. O sábio parece não produzir, não laborar. Nada faz, no entanto nada fica por fazer. O *wu wei* é difícil de entender para as nossas mentes ocidentais.

o que é humilhado
deve primeiro ser exaltado.
O que recebe
deve primeiro oferecer.
A isto se chama subtil discernimento,
o macio e o fraco vencem o duro e o forte.
Os peixes não devem abandonar águas profundas,
as armas do Império não devem ser exibidas.

QUARENTA E SETE

Podemos conhecer o mundo inteiro sem sair de casa,
podemos ver o *Tao* do Céu sem olhar pela janela.
Quanto mais se viaja, menos se sabe,
por isso, o sábio não dá um passo e chega,
não olha e conhece,
não actua e faz.

LIU LING. «Elogio do vinho», in *Quinhentos Poemas Chineses*. Tradução de Jorge Sousa Braga. 2014. Lisboa: Nova Vega. 74-75.

Um amigo meu, homem superior, considera que a eternidade é uma manhã e dez mil anos um simples abrir e fechar de olhos. O sol e a chuva são as janelas da sua casa. Os oito pontos cardeais, as suas avenidas. Caminha sem destino. Inútil se torna procurar as suas pegadas. A sua casa tem o céu por tecto e a terra por leito. O seu único pensamento é o vinho. Nada mais, aquém ou além, o preocupa.

O seu modo de viver chegou aos ouvidos de dois respeitáveis filantropos: o primeiro, um jovem nobre, o outro, um famoso letrado. Foram visitá-lo e com os olhos furiosos e ranger de dentes, agitando as mangas das suas vestes reprovaram vivamente a sua conduta. Falaram-lhe dos ritos e das leis, do método e do equilíbrio. E as suas palavras zumbiam como um exército de abelhas. Entretanto o seu interlocutor encheu um copo e bebeu-o de um trago. Depois sentou-se no solo com as pernas cruzadas, encheu de novo o copo, afastou a barba e recomeçou a beber até que, a cabeça inclinada sobre o peito, caiu num estado de ditosa inconsciência. Apenas interrompida por relâmpagos de semilucidez. Os seus ouvidos não teriam escutado a voz do trovão, os seus olhos não teriam reparado numa montanha. Cessaram o frio, o calor e a tristeza. Abandonou os seus pensamentos. Inclinado sobre o mundo contemplava o tumulto dos seres e da natureza. Como algas flutuando sobre um rio...

QU YUAN. «Enigmas», in *Quinhentos Poemas Chineses*. Tradução de João C. Reis. 2014. Lisboa: Nova Vega. 44-45.

Antes da criação quem poderia prever
Todas as modificações que vieram a acontecer?

Que estranha força resistiu
A tudo quanto antes era vazio?

Antes da fusão no espaço da luz e escuridão
Quem desse fenómeno entendia a razão?

Imponderáveis poeiras que se aglomeraram
Quem poderá dizer como é que elas se formaram?

Quem poderia dizer que a luz e a madrugada
Sairiam do escuro e da noite mais cerrada?

Força feminina, masculino poder
Que motivos os fez prevalecer?

E o firmamento, de nove anéis, que se criou,
Quem foi o Artista que assim o cinzelou?

E quem tão grande esquema idealizou
E que motivo o Criador impulsionou?

Fazer tão grande cúpula suspender
E de um largo eixo, o mesmo depender?

E sobre que pilares a terra está assente
Ainda para além do oriente?

E as nove esferas que giram sem parar
Qual é a força que as faz entrecruzar?

E o curso dos planetas quem traçou
E os sinais do Zodíaco decifrou?

E o sol e a lua que ficassem no céu
E as constelações, perto de ambos, suspendeu?

E que o sol nascesse no oriente
E morresse depois no ocidente?

E desde o romper da madrugada até ao fim da noite
Quem pode o sentido conhecer deste trajecto?

E qual é da lua o seu poder
Que de um lado desaparece e do outro vai nascer?

Epílogo

Com mágoa regressando agora entendo
Como um relâmpago o céu da noite fendendo

Nem rezando aos céus nos salvaremos
Se guardar o respeito por nós próprios não sabemos

Os reis orgulhosos exigem submissão
Se não se arrependerem não têm salvação

TAO YUANMING. «Bebendo um álcool», in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: do Shijing a Lu Xun*. Tradução de Gil de Carvalho. 2010. Lisboa: Assírio & Alvim. 87.

Um verde pinho está no pátio leste
Ervas e muitas prendem-lhe a beleza
O gelo queima outras espécies todas
A ele o vemos direito e alto de ramos
Pinho de floresta ninguém por ele dá
Mas solitário, o vulgo admira-o mais
Tomo a cabaça, num ramo frio penduro
Para longe deito uma e outra vez os olhos.
A vida é — fantasia ou soalho falso
Porquê atar-me a mundos de poeira?

XIE LINGYUN. «Diálogo no rio Dongyang», in *Quinhentos Poemas Chineses*. Tradução de António Graça de Abreu. 2014. Lisboa: Nova Vega. 94.

Tão formosa a menina
lavando os pés nas águas verdes do rio!...
«És brilhante como a lua entre nuvens
mas tão distante, impossível de alcançar.»
disse o moço esbelto
na barca, descendo as águas.
«Depende», respondeu a donzela,
«se queres a lua, com toda a tua alma,
ela desce das nuvens
e cai nas tuas mãos.»

ENTRE A ANTIGUIDADE
E A IDADE MODERNA
500-1500

(I)
O DESPERTAR DO MUNDO
ÁRABE-ISLÂMICO

'Maryam AL-ANSARÎ. [eis que o rodar do tempo me fez velha:], in *O Meu Coração É Árabe*. Tradução de Adalberto Alves. 1988. Lisboa: Assírio & Alvim. 232-233.

eis que o rodar do tempo me fez velha:
já setenta e nove anos são passados.
frágil teia de aranha é o que sou.
que mais dons hão-de me ser dados ?

e aqui vou eu, pela vida fora,
me arrastando qual criança:
tento andar com o bordão,
sou cativo que perdeu a esp'rança.

quem excederá a tua bondade,
dando-me aquilo que eu não pedi:
um colar de pérolas, que vaidade!
como expressar gratidão por ti?

com este dom, eu fico orgulhosa
e sou, entre todas a mais leda.
oh, grande alma generosa,
torrente de rio, frágil fio de seda.

Badi' al-Zamān AL-HAMADHANI. «A Maqama de Hulwan», in *Maqāmāt*. Tradução inédita de Raquel Carapinha. [1889] 2009. Beirute: Mu'asasat al-Intishār al-Araby / Arab Diffusion Company. 207-210.

Relatou-nos 'Issa ibn Hisham, dizendo:

«Ao regressar da peregrinação, com os que regressavam, quando me detive em Hulwan, com os que aí se detiveram, disse ao meu criado:

— Encontro o cabelo comprido e o corpo algo sujo. Procura, pois, um *hammam* em que entremos e um barbeiro a que possamos recorrer. Mas que o *hammam* seja amplo e asseado, bem arejado e que a sua água seja temperada. E que o barbeiro tenha a mão hábil e a lâmina precisa, que tenha roupas limpas e seja pouco metedido.

O rapaz ausentou-se por longo tempo, regressou vagaroso, e disse:

— Encontrei um lugar como o que descrevestes — e conduziu-nos ao dito lugar.

Pusemo-nos a caminho e, ao chegarmos, não vimos aí quem se ocupasse do lugar. Entrei, ainda assim, e logo atrás de mim entrou um homem, que se aproximou de um pedaço de lama e com esta me manchou a testa e cobriu a cabeça. Saiu, depois disto, e logo entrou um outro homem. E este começou a massajar-me o corpo, de tal feição que me fazia doer os ossos e me macejava as articulações, enquanto soprava assobios e cuspo. Dirigia-se à minha cabeça para a lavar, e à água que nela havia de derramar, quando entrou, sem demora, o primeiro homem. E este saudou o segundo, sem tardar, com um murro no pescoço que lhe fez tinir os caninos e disse:

— Seu malandro, o que tens tu que ver com esta cabeça, quando ela me pertence?

O segundo homem desferiu, então, contra o primeiro um murro que o deixou desfeito e disse:

— Esta cabeça é minha, está na minha posse e nas minhas mãos.

Ao que começaram ambos a lutar, até que mais não puderam e chamaram quem desse de seu juízo. Dirigiram-se ao dono do *hammam* e o primeiro homem disse:

— Sou eu o dono desta cabeça, pois fui eu que lhe manchei a testa e a cobri de lama.

E disse o segundo homem:

— Eu é que sou o seu dono, pois fui eu que massajei aquele que a trouxe e lhe apertei as articulações.

E o dono do *hammam* disse, então:

— Tragam-me o dono da cabeça, para que lhe pergunte a qual dos dois pertence.

Aproximaram-se de mim e disseram:

— Precisamos do teu testemunho, pelo que deves ser paciente.

Levantei-me e acompanhei-os, quer assim desejasse quer não, e disse-me o dono do *hammam*:

— Homem, não digas senão a verdade e que o teu testemunho seja certo. Diz-me, pois, a qual dos dois pertence esta cabeça?

Ao que retorqui:

— Que Alá te abençoe! Esta cabeça é minha, acompanhou-me ao longo do caminho, deu comigo as voltas que dei em torno da Casa Sagrada, nem nunca duvidei que minha fosse.

E o outro disse:

— Cale-se, seu tolo.

Inclinou-se sobre um dos dois rivais da contenda e disse:

— E tu, até quando esta altercação com os demais, em torno desta cabeça? Deixa o que nada vale. Que conheça a maldição de Alá e o fogo do inferno! Façamos, pois, como se esta cabeça não existisse, nem nunca tivéssemos visto este bode.»

Disse 'Issa ibn Hisham: «Ergui-me embaraçado, vesti-me amedrontado e retirei-me com pressa e discrição.

Insultei o rapaz, dei-lhe uma sova e disse a um outro rapaz:

— Parte e traz-me um barbeiro que me alivie desta sujidade.

Trouxe-me um homem esbelto, de boa figura e apresentação, belo como uma estatueta, o que me deixou apaziguado. O homem entrou e disse:

— *As-salamu 'alayka*. De onde és tu?

Respondi:

— De Qum.

Ao que disse:

— Que Alá te abençoe! Da terra do bem e da abundância, terra do sunismo e de bons muçulmanos. Estive na sua mesquita, no mês do Ramadão. As candeias foram acesas e rezou-se a oração de *tarawih*, até que, subitamente, as águas do rio Nilo extravasaram e chegaram àquelas candeias. Porém, Alá tinha-me abençoado com uns chinelos que calcei e que estavam molhados, pelo que não tinham adornos nas mangas. E foi então que o rapaz foi

ter com a sua mãe. Depois de rezar a oração que se reza à hora em que se fica às escuras, quando, à luz do sol, a sombra não pende para nenhum dos lados. Mas como foi a tua peregrinação? Seguiste todos os preceitos, como devem ser seguidos, e as gentes gritaram: que admirável maravilha!? Então, olhei para o farol — e quão leve é a guerra para os que a avistam de longe —, e encontrei a *barisa* tal como estava antes, pelo que entendi que era essa a vontade de Alá e que assim estava destinado. Até quando este aborrecimento? Hoje e amanhã, sábado e domingo. Não me alongo mais. O que vem a ser este disse que disse? Queria apenas que soubesses que al-Mubarrad tem a lâmina afiada, em matéria de gramática. Não faças caso do que se diz por aí. Se a capacidade precedesse a acção, já te teria cortado o cabelo. O que dizes, começamos?»

Disse 'Issa ibn Hisham: «Fiquei perplexo perante a eloquência que havia no seu delírio e temi que ali se demorasse muito mais tempo, pelo que disse:

— Que seja amanhã, *in sha'a Allab*.

Inquiri, depois, os presentes e disseram-me:

— Trata-se de um homem de terras alexandrinas, que se não deu bem com estas águas e a quem se turvou a mente. Diz, sem cessar, palavras sem sentido e grande é o seu mérito, como viste.

Ao que disse:

— Bem o vi. E da sua demência me condoí.

E disse:

‘Aqui faço, por Alá, jura certa e irrevogável promessa
Por mais que viva e padeça, não torno a rapar a cabeça.’»

AL-KHANSA'. [eu era sem sono e fui da noite vigilante], in *Arabic Poetry*.
Tradução inédita de Adalberto Alves. 1965. Cambridge: Cambridge
University Press. 38.

eu era sem sono e fui da noite vigilante
como se os olhos fossem unguídos pela infecção
ao olhar as estrelas sem disso ter vontade.

então me envolvi em pontas de gastos roupões
ao ouvir novas que não me alegraram,
quando me segredaram ao ouvido:
«Sakhr lá está, morando numa tumba,
deitado no solo, numa cova,
no meio de imóveis pedras.»

vai de partida, pois, e que Alá
não afaste nunca d'Ele
um homem que evitou a injustiça,
que sempre deu valor ao parentesco,
que no peito não abrigava o errado,
nem em sua natureza a cobardia.

era, na noite escura, qual ponta de lança
que traçava o refulgir das luzes,
alguém de firme propósito,
livre e filho de livre gente.

por ti, chorarei tão longamente,
com faz a rola em seu lamento
e na noite brilham as estrelas
para o viandante na escuridão.

a paz nunca hei-de fazer
com a gente que te hostilizava. não!

até que o tisanado do pote da cozinha
não se volva branco, em casa do vizinho.

AL-MUTANABBÎ. [um homem tem a dimensão alcançada por seus feitos], in *La solitude d'un homme*. Tradução inédita de Adalberto Alves. 1994. Paris: Ed. Orfée. 22-23.

um homem tem a dimensão alcançada por seus feitos.
e é na medida da sua grandeza que seus actos são grandes.
aos olhos dos mesquinhos, o pequeno é imenso;
para as grandes almas, as grandes coisas são pequenas.

eis-me só e, em toda a parte, sem amigos!
quando aquilo que se almeja é sublime
quem nos poderá ajudar a atingi-lo?

os desejos das almas são, por demais, pequenos
para que por eles nos esgotemos e pereçamos.
para o nobre, melhor é enfrentar-se a morte,
de sombrio semblante, do que o desprezo.
se para sempre vivêssemos, então,
que sentido teria a coragem?
e, já que é forçoso que morramos,
que de cobardes não nos chamem.

o Tempo é aquele que espalha meus poemas.
mal digo um, logo ele o declama.
a minha poesia faz correr os paralíticos
e trinar os que jamais cantaram.
escuta somente a minha voz!
já que ela é o som original
e as outras são apenas eco.

aceito este Tempo e os anõezinhos que fabrica:
o mais sábio de entre eles é um imbecil,
o mais assertivo um tolo,
o mais generoso um cão,
o mais clarividente um cego

o mais desperto uma pantera
e o mais corajoso um macaco.

ao homem de bem, o que mais custa, neste mundo,
é ter de parecer amigo do seu inimigo...

vivemos numa época em que fazer o bem,
pra quase todos, é só não fazer mal.
para onde quer que o homem vá,
seus passos só têm a dimensão dos pés...

dispenso-me de ter pátria e não me apetece
rever a terra que um dia abandonei:
passo sem água 'inda que a sede me devore
quando o sol fustiga o dorso dos camelos.

em mim, um segredo está escondido,
e nenhuma intimidade o pode alcançar
nem nenhum vinho o pode arrancar.

o homem não alcança sempre o que pretende:
os ventos não sopram como querem os navios!

uma filha das estepes tomou meu coração
nele se abrigando como se fosse tenda;
far-lhe-ia injúria se comparasse a sua silhueta
à vergôntea, e a sua saliva ao mel...

tortura ainda meu coração!
nada te darei se não amor:
não há tolo maior que o amante rancoroso...
se fosses um mar, não terias costa,
se fosses chuva, espaço algum te conteria...

quando vou p'ra terras distantes, avanço
qual segredo enroscado no coração da noite:
sou como alfange desembainhado pela glória
mas nunca repostado em sua bainha
e jamais embotado pelos golpes.

As Mil e Uma Noites. Tradução inédita de Hugo Maia a partir de manuscrito com a cota *Arabe 3609-3611*. Bibliothèque Nationale de France.

1.^a NOITE

História do mercador e do génio

Conta-se, ó bem-aventurado e sábio rei, que havia um mercador, muito próspero e dono de uma imensa fortuna. Tinha muitos escravos e criados ao seu serviço, e muitas mulheres e filhos, e havia estabelecido negócios em todos os países. Um dia, tendo resolvido visitar um desses países, munuiu-se de um alforge com pão, tâmaras e outras provisões, montou no seu cavalo e fez-se ao caminho. Passaram-se dias e noites, até que ele chegou são e salvo ao seu destino, tal como Deus havia escrito.

Quando terminou os seus afazeres por aquelas bandas, ó bem-aventurado rei, pôs-se a caminho para regressar à sua terra para junto dos seus. Os três primeiros dias de jornada passaram-se normalmente, mas ao quarto dia o calor era tanto que o chão parecia pegar fogo. Deu-lhe então na vista um jardim, aonde entrou para se abrigar à sombra. Lá encontrou uma noqueira, ao lado da qual havia uma fonte com água a correr, e depois de ter amarrado o cavalo, sentou-se debaixo daquela árvore, e sacou do alforge um naco de pão e algumas tâmaras. Enquanto comia, atirava os caroços, ora para a direita ora para a esquerda. Com a barriga mais satisfeita, fez as suas abluções e orações.

Ainda mal havia terminado, eis que apareceu um génio ancião, tão gigante que a sua cabeça tocava nas nuvens. O génio aproximou-se do mercador de espada em riste e, berrando, disse: «Levanta-te para que eu com esta espada te mate tal como tu mataste o meu filho.» Quando viu e ouviu o génio, tomou-o um enorme pavor e maior terror e, a tremer, perguntou: «Meu bom senhor, que mal fiz eu para merecer a morte?» «Mato-te porque tu mataste o meu filho.» «Mas quem é que matou o seu filho?» «Foste tu quem matou o meu filho», aperfiou o génio. E o mercador replicou: «Mas por amor de Deus, não fui eu quem matou o seu filho! Quando e como poderia tê-lo

feito?» Ao que o génio respondeu: «Então não foste tu que aqui te sentaste, tiraste da sacola umas tâmaras e, enquanto as comias, atiravas os caroços, ora para a direita ora para a esquerda?» Respondendo o mercador que sim, o génio disse: «Pois então foste bem tu quem o matou, porque quando atiravas os caroços, ora para a direita ora para a esquerda, aconteceu o meu filho estar a passar e um caroço acertou-lhe em cheio, sofrendo morte imediata. É por isso que te devo matar.»

«Ah, meu senhor!», disse o mercador, «por amor de Deus, peço-lhe que me não mate.» Mas o génio respondeu: «Tal como tu o mataste, assim me é preciso fazer, então não sabes que é sangue por sangue?» O mercador rogou: «Não há força nem poder senão em Deus Altíssimo e Grandioso. A Deus pertencemos e a Deus regressaremos. Escute-me, ó génio, se eu o matei, fi-lo sem querer. Por favor, perdoe-me.» Mas o génio respondeu: «Sem sombra de dúvida terei de te matar tal como tu mataste o meu filho.» Palavras não eram ditas, e pegava nele e atirava-o ao chão, brandindo a sua espada para dar cabo dele. E nisto vai o mercador e desfaz-se em choros, lamentando perder a sua família, mulher e filhos. Mas mesmo assim, o génio tornou a brandir a espada para o atacar, só que o mercador chorou tanto que até as suas roupas se ensoparam de lágrimas, e disse: «Não há força nem poder senão em Deus Altíssimo e Grandioso», e em seguida declamou uma poesia:

A vida são dois dias, um tranquilo e outro inquietante,
Um límpido como a felicidade e outro turvo de mágoas.
Perguntemos a quem nos afronta com desgraças tão árduas:
«O destino todos oprime, excepto quem é importante?»
A tempestade tanto assola,
Mas só as árvores mais altas imola.
Na Terra há tanta verdura quanto secura,
Mas só quem produz frutos sente a tortura.
E no céu há estrelas incontáveis,
Mas só o Sol e a Lua são eclipsáveis.

Enquanto durava, a tua vida parecia bela e clara,
E não receaste o que o destino te reservara.
Mas agora as tuas noites calmas ruíram,
E da límpida noite turvas mágoas surgiram.

Quando o mercador terminou e a sua choradeira acalmou, o génio disse: «Agora tenho de te matar, tal como tu mataste o meu filho, e assim farei

mesmo que sangue chores.» «Tem mesmo de ser?», tentou o mercador mais uma vez. Mas o génio respondeu que sim, e tornou a brandir a espada para o atacar.

Mas Xerazade, sentindo a manhã chegar, calou-se, deixando o rei Xariar a arder de curiosidade para ouvir o resto da história. «Que história tão boa e tão espantosa», disse Dinarzade à irmã. E Xerazade respondeu: «Isto nada é comparado com o que te contarei na próxima noite, se o rei me poupar e eu viver. O que se segue é ainda melhor e mais espantoso.» Então o rei disse de si para si: «Meu Deus, poupar-lhe-ei a vida até amanhã para ouvir o resto da história.» Quando o Sol se ergueu e o dia raiou, o rei levantou-se e saiu para reinar e exercer o seu cargo, e o vizir, pai de Xerazade, ficou espantado e radiante de alegria. Quando se fez noite, o rei, depois de haver passado todo o dia a tratar dos assuntos do reino, foi para os seus aposentos, levando Xerazade consigo para a cama. Às tantas, Dinarzade disse à sua irmã Xerazade: «Ó mana, se não estiveres a dormir, por favor conta-me um dos teus belos contos para entretermos a noite.» E o rei disse: «Que seja o desfecho da história do génio e do mercador, mal posso esperar por ouvir o resto.» E Xerazade respondeu: «Com o maior prazer, ó bem-aventurado rei.»

8.^a NOITE

Na noite seguinte, Dinarzade disse à sua irmã Xerazade: «Ó mana, se não estiveres a dormir, por favor conta-nos um dos teus belos contos, para entretermos a noite.» E Xerazade respondeu: «Com o maior prazer:»

Conta-se, ó bem-aventurado rei, que o terceiro ancião contou uma história ainda mais estranha e espantosa do que as outras duas. O génio maravilhou-se imenso, e, comovido de emoção, disse: «Concedo-te o perdão de um terço do crime do mercador.» Em seguida, libertou o mercador, entregando-o aos anciões, e partiu dali para fora. O mercador dirigiu-se aos três anciões para lhes agradecer, e estes congratularam-no por estar são e salvo. Depois despediram-se dele, e cada um retomou o seu caminho. O mercador regressou à sua terra para junto da sua família, e reuniu-se com a sua mulher e filhos, com quem viveu até a morte o haver visitado. Mas o que acabei de contar não é tão espantoso nem tão estranho quanto a história do pescador. «Por favor, mana, qual é a história do pescador?» perguntou Dinarzade. E Xerazade disse:

História do pescador e do ifrite

Ouvi dizer que havia um pobre pescador muito velho que tinha uma mulher e três filhas, sem ter que lhes dar a comer. Era seu vezo lançar a rede quatro vezes ao dia. Um dia, antes da oração da madrugada e ainda com a claridade da Lua, saiu com a sua rede, atravessando os arrabaldes da cidade, e foi até à beira-mar. Poisou o cesto, arregaçou as mangas e a camisa, entrou mar adentro até ficar com água pela cintura, e lançou a rede. Esperou que ela se fincasse, e depois de juntar as suas calas, começou a alá-la pouco a pouco, sentindo que cada vez estava mais pesada, até que por mais força que fizesse não a conseguia alar mais. Então recuou até terra firme, espetou uma estaca no chão, e amarrou a ponta das calas da rede à estaca. Depois tirou as suas roupas, mergulhou na água até à rede, e pôs-se a sacudi-la em grande luta no fundo do mar, até conseguir trazê-la por terra. Radiante de alegria, tornou a vestir-se, e foi ver o que havia pescado, mas qual não foi a sua enorme surpresa ao encontrar um burro morto, que ainda por cima rompera a rede. Com isto ficou muito triste, e disse: «Não há força nem poder senão em Deus Altíssimo e Grandioso. Que pescaria tão inesperada!» E pôs-se a declamar:

Ó bravo desbravador da noite escura em anseios,
 Não te esforces, porque o trabalho não traz sustento.
 Olha o pescador labutando cheio de movimento,
 Coberto pela noite dos astros eternamente ordeiros!

A rede moendo as mãos, mas sempre atento,
 Com o mar pela cintura e as ondas batendo,
 Atendendo que a noite lhe traga uma alegria,
 Quando finalmente um peixe cair na armadilha!

Mas a alegria vende-a a quem bem dormiu
 À noite, protegido do vento e do frio.
 Louvado seja o Senhor que dá e priva:
 Um pesca e outro o peixe petisca.

Mas Xerazade, sentindo a manhã chegar, calou-se. «Ó mana, que história tão boa», disse a sua irmã Dinarzade. E Xerazade respondeu: «Se o rei me poupar e eu viver, vão ver que o final desta história é ainda mais estranho e espantoso.»

9.^a NOITE

Na noite seguinte, Dinarzade disse à sua irmã Xerazade: «Ó mana, se não estiveres a dormir, conta-nos o final da história do pescador.» E Xerazade respondeu: «Com todo o prazer:»

Ouvi dizer, ó bem-aventurado rei, que o pescador, quando terminou a sua poesia, sacou o burro fora da rede, e sentou-se no chão a remendá-la. Quando acabou de remendar a rede, espremeu-a e estendeu-a a secar. Depois, entrou mar adentro, invocando Deus Todo-Poderoso, e lançou a rede. Esperou que ela se fincasse e começou a alá-la pouco a pouco; mas movê-la era impossível, estava ainda mais pesada do que da primeira vez. O pescador, ao pensar que deveria ser por causa do peixe, não coube em si de contente; tirou logo as roupas e mergulhou na água para libertar a rede; e para o conseguir foi uma grande luta no fundo do mar que se prolongou até a conseguir trazer para terra; mas na rede não havia senão uma enorme vasilha cheia de areia e lama. Perante tal coisa, pôs-se a chorar muito triste, e disse: «Que dia tão inesperado! Não há força nem poder senão em Deus Altíssimo e Grandioso. A Deus pertencemos e a Deus regressaremos.» E em seguida pôs-se a declamar uma poesia:

Ó fornalhas das tormentas, parem!
Pelo menos, abrandem!
Saí em busca de sustento,
Mas onde está não entendo.
E nem a sorte nem o ofício
Trouxeram algum benefício.
Quantos ignaros sobem até às pléiades,
Mas só o sábio sofre adversidades.

Em seguida, o pescador livrou-se da vasilha, lavou a rede, espremeu-a e estendeu-a a secar. E volveu ao mar, implorando perdão a Deus Todo-Poderoso, e lançou a rede pela terceira vez. Esperou que ela se fincasse, e puxou-a até terra, mas desta vez a rede só lhe trouxe cacos de vasos, calhaus, garrafas, ossos e demais porcarias. O pescador pôs-se a chorar por mor da grande injustiça que lhe era infligida, porque nada de bom lhe vinha à rede; e pôs-se a declamar uma poesia:

Faças o que fizeres, sustento não encontras,
Nem pelos estudos ou belas linhas que escrevas.

Da sorte ou do ganha-pão, chegam-te migalhas;
Há terras férteis e outras desertas.

Pelo destino quem tem valor é humilhado,
Mas o patife que nada merece é elogiado.
Ó Morte! Visita-me, pois por isto a vida morreu:
O pato no alto céu e o falcão no chão se colheu.

Não é surpresa alguma que o bom seja pobre,
E que o ignóbil com autoridade tudo manobre.
Tudo nos é privado para nos lembrar
Que para comer, por restos temos de penar.

Uns cansam-se sem se deterem,
Outros tudo têm sem se mexerem.

Já a aurora luzia e as luzes da manhã aclaravam o dia, quando o pescador ergueu as mãos ao céu, e disse: «Ó Senhor, bem sabes que eu lanço a rede só quatro vezes; já a lancei três vezes, e agora só me sobra uma última tentativa. Imploro-Te, Senhor, que ponhas o mar favorável, tal como fizeste a Moisés.» Depois de remendar a rede, tornou a lançá-la ao mar, e esperou que ela fincasse. Sentindo que ela estava pesada, começou a alá-la, mas movê-la era impossível; então tentou abaná-la, e viu que a rede se havia emaranhado no fundo do mar. «Não há força nem poder senão em Deus Altíssimo e Grandioso», disse o pescador; e em seguida tirou as roupas e mergulhou até à rede, lutando no fundo do mar para a libertar. Quando finalmente conseguiu trazê-la para terra, sentiu que havia nela um objecto muito pesado, e depois de muita trabalhadeira, lá conseguiu abrir a rede, e encontrou uma jarra de bronze larga e de pescoço delgado, selada por uma tampa de chumbo onde estava gravada a marca de um sinete.

O pescador alegrou-se com o achado, e disse: «Posso vender isto aos mercadores de bronze, deve valer pelo menos uns bons dois irdabbes de farinha.»

Em seguida, tentou movê-la, mas ela de tão pesada e cheia que estava não saía do lugar. Pôs-se então a mirar a tampa de chumbo, e disse de si para si: «Vou abrir a jarra, deitar por terra o que está lá dentro, e depois a levarei aos mercadores de bronze, fazendo-a rolar pelo chão.» Sacou então de uma faca que tinha presa à cintura, e pôs-se a raspar a tampa de chumbo, e depois de muita trabalhadeira, lá conseguiu enfim arrancá-la. Segurou nela com a boca, e deitou a jarra no chão, pondo-se a sacudi-la de modo a

entornar o seu conteúdo. Mas para enormíssimo espanto do pescador, de lá nada saiu.

Até que ao cabo de pouco tempo, um espesso fumo começou a sair da jarra, e subia cada vez mais alto, espalhando-se pela face da Terra e crescendo até cobrir o mar, tocar nas nuvens e tapar a luz do dia. Pouco depois, quando já nada mais saía da jarra, o fumo juntou-se todo, estremeceu, e eis que de repente se formou um ifrite tão grande, que com os pés no chão alcançava as nuvens com a cabeça, que era sórdida como latrinas, e tinha dentes grandes como pedregulhos e caninos em forma de espigão, uma boca que parecia uma caverna sem fim, prolongando-se pela avenida da sua garganta; as suas narinas lembravam trompetes, as orelhas tinham a forma de escudos, e os olhos pareciam duas lâmpadas muito brilhantes. Mas chega de palavras para falar deste monstro peganhento, basta lembrar que o pescador, quando o viu, tremeu da cabeça aos pés, ficou de queixo caído e a saliva foi-se-lhe da boca.

«Ó Salomão, ó profeta de Deus, perdoa-me», disse o ifrite. E continuou a falar: «Por favor, perdoa-me, não mais contrariarei as tuas ordens, nem mais fincarei pé contra a tua vontade.»

Mas Xerazade, sentindo a manhã chegar, calou-se. «Que história tão espantosa, ó mana, e tão estranha», disse a sua irmã. E Xerazade respondeu: «O que contarei, a ti e ao nosso rei, na próxima noite, será ainda mais estranho e espantoso, se eu ainda for viva.»

10.^a NOITE

Na noite seguinte, quando Xerazade foi para a cama com o rei Xariar, Dinarzade disse à sua irmã: «Ó mana, se não estiveres a dormir, por favor contarnos como acaba a história do pescador.» E Xerazade respondeu: «Com todo o prazer:»

Ouvi dizer que o pescador, depois do ifrite haver dito tais coisas, falou-lhe assim: «Ó gigante, que estás para aí a dizer? Salomão, profeta de Deus, já morreu faz mais de mil e oitocentos anos, e nós agora estamos no fim dos tempos. Mas afinal por que razão estavas fechado nesta jarra? Qual é a tua história?» O ifrite, depois de ouvir as palavras do pescador, exclamou: «Alvíssaras!» E o pescador assertou: «Ai tão bom, que dia tão feliz!» Mas vai o ifrite e disse: «Alvíssaras! Anuncio que muito em breve irei matar-te!» Ao que o pescador disse: «Vergonha não te falta por tais alvíssaras! E porque hás-de

tu matar-me, a mim que te libertei e te salvei do fundo do mar? A mim que te trouxe de volta ao mundo?» Então o ifrite retraiu-se e disse: «Sendo assim, pede um desejo.» O pescador alegrou-se, e perguntou: «E que tipo de desejo poderei pedir?» E o ifrite respondeu: «Podes pedir de que modo preferes morrer e que tipo de morte queres que eu te dê.» «Mas que mal fiz eu?», perguntou o pescador: «Como podes dar-me tal recompensa, a mim que te libertei?» O ifrite respondeu: «Pescador, ouve a minha história.» «Sê breve», disse o pescador: «porque não estou para muito mais.»

O ifrite falou assim: «Fica sabendo que eu sou um dos génios renegados e rebeldes, e que, juntamente com o gigante Sakhr, desobedeci a Salomão, profeta de Deus e filho de David. Por causa disso, Salomão enviou Ássife, filho de Barkhia, para me capturar à força e humilhar a minha enorme grandeza, levando-me preso até diante dele. Quando o profeta Salomão me viu, e depois de se acostumar ao meu aspecto, convidou-me a que lhe prestasse obediência. Mas eu recusei, e por isso ele prendeu-me nesta jarra de bronze, que fechou com chumbo e selou com o Grandiosíssimo Nome de Deus. Depois ordenou aos génios que pegassem em mim e me largassem no meio do mar. Aquando os primeiros duzentos anos, disse de mim para mim: ‘Quem me libertar durante estes duzentos anos, fá-lo-ei imensamente rico, a ele e à sua descendência.’ Mas passaram-se duzentos anos e ninguém me libertou. E começaram outros duzentos anos, e eu disse de mim para mim: ‘Quem me libertar durante estes duzentos anos, dar-lhe-ei todos os tesouros do mundo.’ Mas passaram-se quatrocentos anos e ninguém me libertou. Durante os cem anos seguintes, disse de mim para mim: ‘Quem me libertar durante estes cem anos, fá-lo-ei rei, serei seu servo, e todos os dias lhe satisfarei três desejos.’ Mas passaram-se cem anos, mais todos estes anos, e ninguém me libertou. Então rugi, mugi e bufei de raiva, e disse de mim para mim: ‘De agora em diante, quem me libertar lhe darei a pior das mortes, ou o deixarei escolher de que modo prefere morrer.’ E pouco tempo passou até que hoje tu me libertaste. Agora escolhe como preferes morrer.»

Depois de ouvir os factos narrados pelo ifrite, o pescador disse: «A Deus pertencemos e a Deus regressaremos. Eu fiz o que estava certo ao libertar-te depois de todos estes anos, mas pior infortúnio não podia receber. Perdoa-me e Deus te perdoará, aniquila-me e Deus te aniquilará.» Mas o ifrite respondeu: «Não tens escapatória. Agora diz-me, de que modo preferes morrer?» O pescador conheceu que a sua morte era certa, e disse: «Ó meus ricos filhinhos, saudade maior do que esta não há.» Aproximou-se do ifrite, e suplicou: «Por favor, lembra-te de que fui eu que desta jarra te libertei e salvei, e salva-me.» Mas o ifrite contestou: «E por que outra razão havia eu de

te matar, senão para te compensar por me teres libertado e salvo?» Ao que o pescador disse: «Tratei-te com bondade e recompensas-me com fealdade. Não mentiu quem como provérbio disse estes versos:

‘Da boa acção que fizemos recebemos fealdade,
Assim é a paga de gentes desavergonhadas.
Quem ajuda os indignos com a bondade,
Sofre a tortura das hienas esfomeadas.’»

O ifrite disse: «Não estiques mais a corda, já te disse que terás de morrer.» Ora, o pescador pôs-se a pensar com os seus botões: «Ele é um génio, mas eu sou um ser humano. Deus, em preferindo os humanos, nos outorgou a razão. Ele tenta manipular-me com as suas diabolices, mas a minha razão não se vergará.» Em seguida, perguntou ao ifrite: «Tenho mesmo de morrer, não é?» O ifrite respondeu que sim. Então o pescador assertou com o ifrite: «Pela virtude do Grandiosíssimo Nome que estava gravado no selo de Salomão, filho de David, aceitas responder de modo sincero a uma pergunta?» E o ifrite respondeu: «Faz a tua pergunta, mas sê breve.»

Mas Xerazade, sentindo a manhã chegar, calou-se. «Que história tão boa e tão espantosa, ó mana», disse a sua irmã Dinarzade. E Xerazade respondeu: «Isto nada é comparado com o que contarei, a ti e ao nosso rei, na próxima noite; será ainda mais espantoso, se o rei me poupar e eu viver.»

II.ª NOITE

Na noite seguinte, Dinarzade disse à sua irmã Xerazade: «Ó mana, se não estiveres a dormir, conta-nos o final da história do pescador.» E Xerazade respondeu: «Com todo o prazer:»

Ouvi dizer, ó rei, que o pescador disse: «Pela virtude do Grandiosíssimo Nome, é mesmo verdade que estavas dentro desta jarra?» O ifrite respondeu: «Sim, pela virtude do Grandiosíssimo Nome, juro que estava aprisionado dentro desta jarra.» Então o pescador disse-lhe: «Mentes, porque nem as tuas mãos nem os teus pés cabem lá dentro, quanto mais tu todo inteiro!» O ifrite contestou: «Garanto-te que estava lá dentro, não me digas que não acreditas em mim?» O pescador respondeu: «De modo algum.» Então o ifrite estremeceu e de repente tornou-se em fumo, elevando-se pelos ares e

espalhando-se pelo mar e por terra, até se ajuntar e, pouco a pouco, entrar todo dentro da jarra.

Mal o fumo entrou todo dentro da jarra, o ifrite gritou: «Ó pescador, aqui estou eu dentro da jarra; agora já acreditas em mim?» Mas o pescador, muito prontamente, fechou logo a jarra com a tampa de chumbo selada, e bradou: «Ó ifrite, agora escolhe tu como preferes morrer! Na realidade, eu vou é lançar-te ao mar, e neste mesmo local vou construir uma casa, e qualquer pescador que aqui venha pescar, eu o impedirei de o fazer, porque o acautelarei avisando que neste sítio mora um ifrite, e quem der de caras com ele morrerá às suas mãos depois de ser obrigado a escolher de que modo prefere morrer.»

Quando o ifrite ouviu isto, sentiu-se encurralado, e quis sair da jarra para fora, mas não conseguiu, pois o selo gravado de Salomão filho de David impedia-o. Tendo percebido que o pescador o havia logrado, o ifrite disse: «Não faças isso, ó pescador, eu estava só a brincar contigo.» O pescador disse-lhe: «Mentes, és o mais imundo e desprezível de todos os ifrites.» E em seguida o pescador começou a rolar a jarra em direcção ao mar, enquanto o ifrite bradava: «Páral! Páral!» e o pescador por sua vez dizia: «Ai parar é que não paro.» Então o ifrite, com uma voz mansinha e submissa, perguntou: «Que tencionas fazer, ó pescador?» «Vou lançar-te ao mar», respondeu o pescador: «da primeira vez permaneceste oitocentos anos; desta vez farei com que permaneças até ao dia do Juízo Final. Não te disse eu: ‘Poupa-me e Deus te poupará, mata-me e Deus te matará?’ Mas tu recusaste poupar-me e preferiste trair-me, pois agora sou eu quem te trai.»

«Se abrires a jarra», disse o ifrite, «recompensar-te-ei e te farei rico.» Mas o pescador retorquiu: «És um grandessíssimo mentiroso. Tratas-me da mesma maneira que o rei Yunane tratou o sábio Dubane.» O ifrite perguntou o que se havia passado entre o rei Yunane e o sábio Dubane, e o pescador disse: «Ouve-me, ó ifrite:»

História do rei Yunane de Zumane e do sábio Dubane

Havia um rei chamado Yunane, que governava uma cidade persa na província de Zumane. Esse rei estava coberto de lepra, e não havia médico ou sábio que o curasse. Por mais remédio ou fomentação que tomasse, nada melhorava a sua saúde. Foi então que apareceu um sábio, chamado Dubane, que havia estudado muitos livros, em muitas línguas, grego, persa, turco, árabe, latim, siríaco e hebraico; e havia aprendido as ciências contidas naqueles

livros e os seus fundamentos, sabendo aplicar os seus benefícios. Conhecia todas as plantas, tanto as benéficas como as venenosas; era versado em filosofia e dominava todas as ciências.

Poucos dias depois de haver chegado à cidade do rei Yunane, o sábio Dubane ouviu falar da lepra de que o rei padecia, e que nenhum médico ou sábio havia conseguido curar. Naquela noite, o sábio foi dormir. E quando Deus fez amanhecer a manhã e o Sol se levantou para iluminar a Terra, o sábio Dubane foi visitar o rei Yunane. Trajando as suas roupas mais suntuosas, apresentou-se ao rei e disse-lhe: «Real senhor, ouvi falar sobre o que aflige o seu corpo, e que muitos médicos trataram vossa alteza, mas em vão. Ora, eu posso curar vossa alteza sem lhe dar remédio algum a beber e sem aplicar fomentações.» Quando o rei ouviu isto, disse: «Se fizeres o que dizes, far-te-ei imensamente rico, a ti e à tua descendência. Conceder-te-ei inúmeras regalias e tratar-te-ei como amigo e companheiro.»

O rei foi muito gentil com o sábio, ofereceu-lhe trajes de honra, e perguntou-lhe: «Consegues mesmo curar-me desta lepra sem me dares beberagens e sem fazeres uso de fomentações?» O sábio respondeu: «Sim, através de um método externo.» O rei ficou espantado, e sentiu uma grande consideração e um enorme respeito pelo sábio, e disse: «Ó sábio, faz então o que disseste.» «Às suas ordens alteza», disse o sábio: «Amanhã de manhã tudo estará pronto, se Deus quiser.» O sábio Dubane alugou então uma casa na cidade, onde destilou e extraiu drogas e remédios. Depois, com grande arte e mestria, fabricou um taco de pólo, perfurou-o por dentro, desde o malho até à pega, e encheu aquele veio com fomentações e drogas que ele conhecia. Além deste taco de pólo de construção exímia, fabricou ainda uma bola, com a mesma arte e mestria. Depois de haver feito os retoques finais para aperfeiçoar aqueles utensílios, foi no dia seguinte encontrar-se com o rei Yunane e beijou o chão diante dele...

Mas Xerazade, sentindo a manhã chegar, calou-se. «Que história tão bela», disse a sua irmã Dinarzade. E Xerazade respondeu: «Ainda não ouviste nada; o que contarei, a ti e ao nosso rei, na próxima noite será ainda mais espantoso e maravilhoso, se o rei me poupar e eu viver.»

IBN'AMMÂR. «A Al-Mu'Tadid», in *O Meu Coração É Árabe*. Tradução de Adalberto Alves. 1999. Lisboa: Assírio & Alvim. 139.

o orgulho no amor — temeí-o! — é a sua vergonha
mas o prazer — aproveitai-o! — é o seu ardor.
não peças à paixão que te dê domínio
prefere ser escravo, nas suas mãos é que tu és livre!
vós me dissestes: o amor prejudicou-te!
eu respondi: quem dera me tivesse feito mal!
meu coração escolheu doença para o corpo
como forma própria de o adornar.
deixai-o, pois, fazer a sua escolha
e não me critiqueis por estar emagrecido:
não está a excelência de uma adaga
justamente na finura do seu gume?
troçastes porque me deixou minha amada?
quanto fim do mês oculta o Crescente que vai vir!
julgais que o fogo do esquecimento me consolará
ou que um profundo sono chegará depois?
mas meu coração, guerreiro da dor, se não sofresses mais
como te acudiria o socorro das lágrimas?

IBN AL-FÂRID. [bebemos, em recordação do Amado, um vinho], in *Arabic Poetry*. Tradução inédita de Adalberto Alves. 2018. Cambridge: Cambridge University Press. 127-132.

bebemos, em recordação do Amado, um vinho.
ficámos ébrios ainda antes de a vida existir.
a lua cheia era a nossa taça, tal como o sol
que o Crescente faz rodar; então
quantas estrelas brilham em nossa confusão!

a não ser por Sua fragrância,
jamais seríamos guiados até sua taberna,
a não ser por Seu esplendor,
a imaginação jamais O teria vislumbrado.

o Tempo, d'Ele, só deixou a derradeira arfada,
como se o Seu desaparecimento fosse ocultação
no entendimento, no interior de cada peito...

não há alegria neste mundo para o sóbrio:
o que morre sem estar embriagado
falha, deveras, na prudência.

deixai-o, então, chorar por ele próprio
e a vida que, por si mesmo, devastou,
ele, que nunca o vinho experimentou.

Abû Muhammad IBN SÂRA ASH-SHANTARINÎ. [ah, a noite que eu sem fim passei!...], in *O Meu Coração É Árabe*. Tradução de Adalberto Alves. 1999. Lisboa: Assírio & Alvim. 202.

ah, a noite que eu sem fim passei!...
o tempo alargava a sua duração
e dava-lhe o cerne do que na vida amei.
comentaram alguns, pela noite fora,
como se ia escoando a sua mansidão.
mas a noite apenas consentia a aurora...

das nuvens tão denso era o breu
que já não se sabia o que era terra ou céu.
ao longe o raio entre trevas se escondia:
era um negro que entre lágrimas sorria.

brandi alto o sabre da minha vontade
e tingi o manto dessa mesma aurora
ao ferir o colo da escuridade
com o sangue da noite pela noite fora.

‘Antara IBN SHADÂD. [fazei-me guerra, ó acasos das noites], in *Arabic Poetry*. Tradução inédita de Adalberto Alves. 1965. Cambridge: Cambridge University Press. 35-37.

fazei-me guerra, ó acasos das noites,
(peleje) a minha mão direita ou a esquerda.
esforçai-vos por serdes a mim contrários e hostis.
por Deus! jamais a minha mente de vós se ocupe!
é alto meu desígnio, mais firme do que a rocha
e mais inamovível que a mais alta serra.
é minha a espada com que golpeio sempre.
diante dela fogem as pontas das lanças.

e a ponta da minha própria lança.
pr’a onde quer que vá, pela noite fora,
guia-me e nunca me deixa extraviar.
o meu corcel jamais se apressa
mas o raio é arrastado em seu encalce
pelo golpear dos cascos (a galope).

o escuro matizado tinge a noite sem estrelas
de escuridão e planta-lhe, entre os olhos,
um fogo, como se fosse o crescente lunar.
quem me resgatar com sua vida
resgatá-lo-ei com a minha, no dia da batalha,
e o recompensarei com generosidade.

quando esteja de pé o mercado da guerra,
com suas altas lanças e esplenda
com as polidas, aguçadas lâminas,
seja eu nele o corrector e minha lança
um mercador comprando almas preciosas.

ó bichos selvagens lá dos ermos !

quando a guerra em chamas se mostrar,
seguí-me pela vastidão vazia!
seguí-me! e vereis o sangue contrário
a correr por entre dunas e areias:
então, regressai, de seguida, e agradecei-me,
recordando tudo o que viram de meus feitos,
e tomai das caveiras das gentes energia
para vossas crias e filhotes.

IBN ZAYDÛN. [ali eu te revi em recordação], in *A Phala*, n.º 22. Tradução de Adalberto Alves. 1991. Lisboa: Assírio & Alvim. 9.

ali eu te revi em recordação.
límpidos eram os campos,
a face da terra apetecia
e, como se mostrasse compaixão,
a brisa da tarde enlanguescia.

do jardim do lago, a prata me sorria,
colar em rijos seios nessa hora.
era um dia sensual, como os de outrora:
roubávamos o prazer à noite
e o destino então dormia.

comprazia-se na flor o meu olhar
vergada de orvalho, as pétalas pendentes,
como se lamentasse o meu sonhar,
por mim chorando lágrimas luzentes.

no ensolarado roseiral a rosa resplendia
e o sol lhe dava a força do meio-dia.
um nenúfar fragrante e sonolento
desperto pela alva perfumava o vento.

tudo isto me enche de paixão por ti
e traz-me turbação ao peito atormentado.
tivesses vindo nesse dia aqui,
e ele seria sempre celebrado.

quisesse a brisa, ó dona da minh'alma,
levar até ti esta dorida calma
em vez de prendas raras e brilhantes.
que podem dar como prenda os amantes?

que Alá nunca dê sossego ao coração
e o deixe voar nas asas do ardor
quando o visite a recordação.

já houve entre nós um puro amor,
jardim visitado sem constrangimento.
só o que fomos celebros neste instante.

escolheste votar-me ao esquecimento
mas serei sempre o teu fiel amante.

Abû NUWÂS. [o oprimido pelo amor é um deprimido], in *Arabic Poetry*.
Tradução inédita de Adalberto Alves. 1965. Cambridge: Cambridge
University Press. 47.

o oprimido pelo amor é um deprimido:
as fundas paixões fizeram dele um inconstante.
chora? é correcto que o faça.
a sério, é o que lhe compete!

‘inda que passe a causa desta pena,
tu fá-la-ás voltar de ti p’ra mim.

ris-te de coração ligeiro
quando quem te ama rompe em pranto.
enfeitiças a minha doença
mas dela tomo força e energia.

(2)
O ADSTRATO CULTURAL IBÉRICO

A LITERATURA
ÁRABO-ISLÂMICA DO AL-ANDALUS

Abû al-'Alâ 'AL-MA'ARRÎ. [será seguir a via da grandeza viver como eu vivo], in *La poésie arabe classique — Études textuelles*. Tradução inédita de Adalberto Alves. 1989. Paris: Publisud. 160-172.

será seguir a via da grandeza viver como eu vivo,
castamente, com coragem, constância e dadivosamente?
será que, em frente a mim, que todos os segredos dominei,
acreditariam num bufo ou despeitado pedinchão?
se te manifesto frieza, dizes que te odeio,
se guardo alguma distância, dizes que sou intransigente.
que entre nós não sopra o vento da desconfiança.
que importam as palavras dos censores?
meus erros, aos olhos de alguns, são numerosos
mas devem-se à alta aspiração dos dadivosos:
é como se, elevando-me acima deste século,
e dos seus habitantes, daí viesse ao mundo benefício.
a minha nomeada foi pelo mundo fora.
quem quererá, então, velar, de um sol, a claridade?...
quando a nescidade vi, espalhada entre os homens,
fingi ignorância p'ra que me julgassem ignorante...
se desejas o poder, que a ânsia dele seja moderada:
quem o alto anela, despenha-se da sua altitude:
a lua não decresce se está no crescente,
a decrescência surge na sua plenitude.

Ibn 'Abbâd AL-MU'TAMID. «Inocultável», in *Al-Mu'tamid, Poeta do Destino*. Tradução de Adalberto Alves. 2016. Lisboa: Althum. III.

por receio de quem espia
cheio de inveja a roer,
ela não veio nesse dia,
p'ra, assim, traída não ser
p'la luz que no rosto esplende,
p'las jóias a tilintar
e p'lo perfume do âmbar
a que o corpo lhe rescende.

é que ao rosto, com o manto,
tapá-lo 'inda poderia,
e as jóias, entretanto,
facilmente as tiraria,
mas a fragrância do encanto
p'ra ocultá-la que faria ?

Wallâda Bint AL-MUSTAKFI. [tivesses tu sido fiel ao nosso amor], in *Florilège de la poésie andalouse au féminin*. Tradução inédita de Adalberto Alves. 2009. Paris: Éditions Bachari. 28.

tivesses tu sido fiel ao nosso amor,
e não terias amado antes minha aia,
preferindo ao ramo onde a beleza surge
um outro em que nada se ostenta.

bem sabes que sou do céu a lua
mas, para meu grande desgosto,
preferiste enamorar-te da desgraça.

IBN (Al-)’ARABÎ. [... encanto é o da formosa que usa véu], in *No Vértice da Noite*. Tradução de Adalberto Alves. 2007. Lisboa: Argusnauta. 114-115.

... encanto é o da formosa que usa véu
e tem desenhos de tinta em seus dedos.

ela faz sinais com os seus olhos
e tem no coração uma pastagem.

oh beleza de um jardim
no meio do fogo dos incêndios!

meu coração abriga qualquer forma:
prado onde passeiam as beldades,
claustro de monges,
templo de idólatras,
Kaaba do peregrino,
tábua da Tora e Alcorão.

eu sigo apenas a religião do Amor:
onde quer que a montada me leve,
a lei do Amor será meu credo
e minha fé!

e, assim, sigo, ao jeito dos amantes.

Abû Bakr Muhammad IBN QUZMÂN. «À amada Umm al-Hakam», in *El mejor de Ben Quzmán*. Tradução inédita de Adalberto Alves. 2019. Madrid: Alianza Editorial. 83-84.

*Como poderia viver, sem dor, na sua ausência
Se deixei junto de Umm al-Hakam meu coração?*

Ele, tão fiel, ficou a seu lado na hora da partida.
Um dia é, para mim, mais longo que um mês.
Perdi os meus desejos, perdi a minha lua.
Depois que a deixei, chegou o meu pesar.

O peito me ferve de tanta saudade.
Tenho de voltar à rainha do mundo,
Já que vão correndo os anos e os meses
Mas, por Umm al-Hakam, não passa meu amor.

Ele pode ufanar-se, entre todas as demais,
Pois é qual flor de romãzeira a sua tez,
E tem grandes olhos, de funda negrura
Que a todos penetram e enfeitiçam.

Oh açúcar saboroso para o paladar!
Por essa boquita de lábios subtis
Não esqueças um pacto que o beijo selou:
Recorda a paz que juntos vivemos.

Sê fiel e constante, tal como eu sou:
Mantém-te em teu lar e guarda recato.
Se alguém me louvar, ouve o que diz.
E não faças caso de quem é maldizente.

Ao meu mensageiro recebe-o bem,
E se uma resposta te dignas mandar,

Aparo-me um osso como pena fiel,
E com tinta de sangue te irei responder.

A SINGULARIDADE MOÇÁRABE

António Rei

A palavra *moçárabe* provém do árabe *musta'rab* significando «o que ou aquele que se arabiza ou torna árabe». A arabização, na Península Ibérica, não foi sinónimo de islamização, pois os moçárabes nunca deixaram de ser cristãos. Aquela realidade sociocultural e religiosa existiu, na península hispânica, ou, mais propriamente, em al-Andalus entre o século VIII e o século XIII.

Sobre aquela comunidade cristã, em contexto sociocultural e político-militar islâmico, vejamos algumas questões básicas.

O facto de esta comunidade não ter sido detentora do poder faz com que não se encontre sobre ela um discurso unívoco. Tal facto obriga a procurar numa diversidade de fontes, pois existe uma grande escassez documental, e o que existe encontra-se bastante disperso.

Um outro aspecto é o geral anonimato da literatura moçárabe. Um anonimato que foi regra, por razões securitárias. Quer, primeiramente, perante as autoridades islâmicas quer, mais tarde, ante as autoridades cristãs romano-cluniacenses.

Outro aspecto que também ajuda a dificultar conclusões de conjunto é o que designamos por *disparidade social*, pois a esta comunidade pertenciam desde os mais simples camponeses até elementos da elite goda, mesmo descendentes dos reis visigodos. Aqueles primeiros, residindo em meio rural, tinham uma cultura muito básica, deficitária no latim, e depois também no árabe. E deste último idioma conheceriam apenas os vocábulos necessários para o dia-a-dia dos mercados, e pouco mais. Pelo contrário, as elites, urbanizadas, eram detentoras de uma cultura letrada, elaborada, livresca e cosmopolita.

À diferenciação social dos cristãos associava-se a *dispersão geográfica*, com os elementos provenientes das elites radicados nas principais cidades de al-Andalus, enquanto os camponeses cristãos, em pequenos povoados, salpicavam todo o meio rural.

Os elementos da elite, mentores da surda e persistente resistência, estiveram sempre atentos à força, ou à fraqueza, de quem estava no poder. E quando se apercebiam das debilidades do mesmo poder, rapidamente

faziam circular textos onde louvavam as benesses da terra hispânica (*laude*); lamentavam a perda da mesma Hispânia (*dolo*); e procuravam prever, através de metodologias numerológicas (profetismo moçárabe), os momentos propícios, marcados pelo Divino, para a recuperação do poder pelos cristãos.

Apesar de uma condição de subalternização sociopolítica, e de abandono do seu idioma identitário — o latim —, e da adopção do árabe enquanto expressão da sua cultura, existem elementos literários únicos que têm, inegavelmente, origem moçárabe.

Há um contributo literário que teve, sem dúvida, a sua génese entre os moçárabes, e que, atendendo ao que é, não poderia ter outra. É o *dolo* (o pesar, o pranto), já atrás referido. Trata-se do relato lamentoso sobre a perda da Hispânia, este Quase-Paraíso, perda que ocorreu em virtude dos «pecados» da sociedade visigoda. Havia que expiar as faltas, e esperar com uma paciência activa, o perdão divino. O *dolo* surge logo na *Crónica Moçárabe de 754*, e surge na cronística peninsular até à segunda metade do século XIII, mais exactamente até à *Crónica General* de Afonso X.

A linguagem híbrida, nunca completamente arabizada (daí também ser chamada «moçárabe»), que se falava em al-Andalus, entrou na poesia árabe (*muwaššaha*), especialmente nas estrofes finais (*kharja*) dos poemas, expressas em árabe andalusi, cheio de termos romances. O auge desta poesia ocorreu nos séculos XI e XII.

Por fim, salientar a grande semelhança fonética ainda hoje entre o português e o árabe andalusi ou moçárabe, aparentando ser o actual idioma peninsular mais próximo daquele.

Assim, e quanto a nós, as formas mais emblemáticas da singularidade cultural, letrada e literária dos moçárabes são: o texto lamentoso, que perdurou meio milénio na literatura peninsular (e que juntamente com o *louvre* ajudou a criar a «argamassa» ideológica e emotiva do discurso da «Reconquista»); e as estrofes híbridas da poesia andalusi, meio árabes, meio romances. Sendo estas geralmente de cariz amoroso, e postas na boca de mulheres, têm algumas semelhanças com as «cantigas de amigo» galaico-portuguesas.

Como testemunho do mais genuíno daquela cultura cristã arabizada peninsular, vos deixamos, em seguida, a transcrição do primeiro relato em que surgiu o *dolo*, na *Crónica Moçárabe de 754*, bem como uma selecção de 16 *kharjât* (estrofes finais), em transcrição e em tradução, e onde é fácil reconhecer semelhanças com o idioma português, mesmo na sua forma contemporânea. Fizemos uma tradução que, sem ser literalista, pois as sintaxes nem sempre são idênticas, procura transmitir o sentido original dos textos poéticos.

«Dolo», in *Crónica Mozárabe de 754*. Tradução inédita de António Rei. 1980. Saragoça: Anubar. 69-75.

[...] na era de 749 [ano de 711]*, quarto ano do seu império [de Justiniano]†, nonagésimo segundo dos árabes, conservando Ulit [Walid]‡ o ceptro real já pelo seu quinto ano, a rogos do Senado ocupou Rodrigo o trono em virtude de uma revolta. Reinou um ano, pois no quinto ano do império de Justiniano, nonagésimo terceiro dos árabes, sexto de Ulit e 750 da era, depois de reunir um grande exército contra os árabes e os mouros enviados por Musa§, isto é Târic Abuzara¶ e outros, que estavam já realizando incursões à província que fazia tempo lhes estava encomendada e devastavam muitas cidades, foi às montanhas Transductinas para lutar contra eles, e caiu nessa batalha ao fugir todo o exército godo, que por rivalidade e dolosamente tinha ido com ele só por ambição do reino. Assim, ignominiosamente, perdeu o seu trono e a sua pátria, morrendo também os seus rivais, ao finalizar Ulit o seu sexto ano.

[...] Neste tempo, na era 749, ano quarto do império de Justiniano, nonagésimo segundo dos árabes, quinto de Ulit, enquanto devastavam a Hispânia os já mencionados expedicionários, e esta sentia-se duramente agredida não só pela ira do inimigo estrangeiro, como também pelas suas lutas internas, o próprio Musa, como as colunas de Hércules o encaminhavam a esta miséria, e cria que a indicação do livro lhe assinalava a entrada do porto e as

* O que, ao longo do texto, consta dentro de parêntesis rectos [] é da nossa responsabilidade. Fazemos já a correcção da datação da era cristã, à qual, para épocas recuadas da Idade Média, há que subtrair 38 anos. Para Portugal, esta correcção, oficial, deve-se a D. João I e ocorreu no ano de 1422 (= era de 1460).

† O texto insere as datações cristãs e islâmicas. Embora em alguns pontos refira o ano de reinado de um determinado monarca, e não o numeral do ano em si mesmo. Aqui reporta para o imperador bizantino Justiniano.

‡ Abû Ibrâhîm Walid ibn 'Abd al-Malik ibn Marwân foi o 6.º Califa Omíada de Damasco e reinou entre 705 e 715 (v. Robert Mantran, *As Grandes Datas do Islão*, Ed. Notícias, Lisboa, 1991).

§ Mûsâ ibn Nusayr al-Bakrî, governador de Ifríqiya (África do Norte) durante os reinados de Walid (705-715) e de Sulaymân (715-717). Foi Mûsâ ibn Nusayr que enviou Târiq ibn Ziyad como comandante das primeiras forças islâmicas que entraram na Península Ibérica no ano de 711 (v. R. Mantran, *As Grandes Datas do Islão*, Ed. Notícias, Lisboa, 1991).

¶ Târiq ibn Ziyad (que terá tido também a *kunya* de *Abû Za'ra* ou *Abû Dhâr*) é o comandante referido na nota anterior.

chaves na mão pressagiavam, ou abriam a passagem à Hispânia*, atravessando o estreito de Cádiz penetra nela, injustamente destroçada desde tempo atrás e invadida, para arruiná-la sem compaixão alguma.

Depois de arrasá-la até Toledo, a cidade régia, e açoitar, desapiedadamente, as regiões circundantes, com uma paz enganosa, valendo-se de Opas, filho do rei Egica, condena ao patíbulo alguns nobres anciãos, que ainda tinham ficado depois do abandono de Toledo, e com a sua ajuda, passou-os a todos à espada.

E assim, com a espada, a fome e o cativoiro devastou não só a Hispânia ulterior mas também a citerior até para além de Saragoça, cidade muito antiga e florescente, incapaz de se defender, por juízo de Deus. Com o fogo deixa assoladas formosas cidades reduzindo-as a cinzas, manda crucificar os senhores e os poderosos, e esquartejar, à punhalada, jovens e crianças. Desta forma, semeando em todos o pânico, as poucas cidades restantes vêem-se obrigadas a pedir a paz, e imediatamente, complacentes e sorridentes, com certa astúcia, concedem as condições pedidas. Mas assustados, repudiam a paz conseguida, fogem por segunda vez, em debandada para as montanhas e morrem de fome e por outras causas.

Assim, sobre esta Hispânia desditada, em Córdova, cidade que antigamente levava o título de Patrícia, que sempre foi a mais rica entre outras cidades próximas e que deu ao reino visigodo os primeiros frutos delicados, estabelecem um reino bárbaro.

Quem poderá, pois, narrar tão grandes perigos?! Quem poderá enumerar desastres tão lamentáveis?! Pois ainda que todos os seus membros se convertessem em língua, não poderia de nenhuma maneira a natureza humana referir a ruína da Hispânia, nem tantos e tão grandes males como esta suportou. Para contar ao leitor tudo em breves páginas, deixando de lado os inumeráveis desastres que desde Adão até hoje causou, cruel, por inumeráveis regiões e cidades, este mundo imundo, tudo quanto segundo a história suportou a conquistada Tróia, o que aguentou Jerusalém, segundo vaticínios dos profetas, o que padeceu Babilónia, segundo o testemunho das Escrituras, e, por fim, tudo quanto Roma enriquecida pela dignidade dos Apóstolos alcançou pelos seus Mártires, tudo isto e mais sentiu a Hispânia tanto na sua honra, como também na sua desonra, pois antes era atraente, e agora está uma desgraça.

* Sobre a estátua monumental ou Ídolo (eventualmente de Hércules, dando o nome à passagem das «Colunas de Hércules», e actual Estreito de Gibraltar) que estaria no extremo sul da Península, frente a África, e que teria numa mão uma chave e na outra um livro (v. *Crónica Mozárabe de 754*, ed. J.E. López Pereira, Saragoça, Anubar, 1980, p. 71.)

«Kharjât»*, in *Las Jarchas Mozarabes y los comienzos de la Lirica Romanica*.

Tradução inédita de António Rei. 1975. Guanajuato: El Colegio de México.

108-122.

[Transcrição fonética]

1	1
Que farei,	Que fare,
Mamã?	Mammah?
O meu amado	Mew l-Habib
Está à porta.	Est' ad yana
2	2
De manhã veio.	Al-sabâH buno
Diz-me de onde vens.	Garme d'un venis
Que importa, que outrem ames,	Yâ' l-yx qu'otri amas
A mim tanto queres!	A mibi tan querys
3	3
Dizei vós, oh, irmãzinhas!	Garid vos, ya yermanellas!
Como conter o meu mal?	Com' contener a mew male?
Sem o amado não viverei eu. A onde ablar e pralir non	Sar' e pralir non viv'rieu
	Od ablar'y demandare?
4	4
Se queres,	S'queris
Como bom para mim,	Com' bon a mib
Beija-me junto à fiada de pérolas,	Bejame idâ l-nadhma dûk
Boquinha de cereja!	Boquella d'Hab'l-mluk
5	

* Kharjât (lit.: «saídas, remates»), estrofes finais das *muwaššabat*) em árabe andalusi, impregnado de termos romances. Neste conjunto de poemas, o agente é a mulher, tendo como interlocutora a mãe (poemas 1, 5, 10 e 12), as irmãs (poema 3) e o amado (poemas 2, 4, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14 e 15). A excepção é o poema 16 em que a mulher se dirige a vários «feiticeiros», pois o vocativo é feito no plural (e o plural em árabe é a partir de três): o amado, a alva e o fulgor. Nos poemas em que a mulher se dirige à mãe ou às irmãs, pede-lhes conselhos sobre como lidar com a sua situação amorosa, ou transmite-lhes os lamentos dos seus males de amor. No entanto, naqueles em que se dirige ao seu amado o discurso assume um evidente tom de provocação; é tão explícita, que há mesmo alguns poemas cujo teor parece o de bilhetes a marcar encontros. E apesar do carácter curto dos poemas, em alguns percebe-se, a despeito da escassez textual, uma manifesta carga erótica.

Não quer, o mercador de colares
 Oh, mamã!, confiar-me adornos.
 Colo, alvo e nu, verá o meu senhor,
 Não verá ornamentos.

6

Boquinha de colar
 Doce como o mel
 Vem, beija-me
 Amado, vem junto de mim
 Para unir-nos, amando,
 Como noutro dia.

7

Alvo dia, este dia,
 Dia de Revelação verdadeira!
 Vestirei o meu brocado
 E entre ambos jogaremos o dardo.

8

Meu senhor Ibrâhîm
 Oh, nome doce!
 Vem a mim, de noite
 Se não, se não queres
 Ir-me-ei a ti
 Diz-me aonde chegar a ti.

9

Alva do meu ardor!
 Alma do meu contentamento!
 Não estando o guarda,
 Esta noite, amor!

10

Oh, mamã, o meu amado
 Vai-se e não mais voltará.
 Diz que farei eu, oh mamã!
 Nem um beijinho deixará?

11

5

Non quere tâjir al-'iqd,
 yâ mammah, amâna Hulâ lî
 Coll'albo verad fora mew sîdî
 Non verad al-Hulî

6

Boquilla al-'iqdi
 Dolje com' ax-xuhdi
 Ven, bejame.
 Habîbî, jî 'indî,
 Adunam' amande
 Como yawmi

7

Albo diya este diya,
 Diya de l-'anSara Haqqâ!
 Vestirey meu l-mudabbaj
 Wa naxuqqu r-rumHa xaqqâ.

8

Mew sîdî Ibrâhîm
 Yâ nuemne dolje
 Vent'a mib de nojte
 In non si non queris
 Yireim' a tib
 Garme a ob legarte

9

Alba de mew fogore!
 Alma de mew ledore!
 Non 'stand' ar-raqîb,
 'Sta nojte amore.

10

Yâ mamma, mew l-Habîb
 Vais' e no mas tornarade.
 Gar que fareyo, yâ mamma!
 No un bejiello lexarade?

Piedade! Piedade!
 Oh, formoso! diz
 Porque tu me queres
 Oh, Deus! matar?

12

Que farei eu, mamã?
 O meu amado já se vai.
 O coração o quer seguir.
 Quisera que não o amasse!

13

Vem junto a mim, meu amado!
 Sejas sabedor:
 A tua fuga é feia acção,
 Anda, une-te a mim!

14

Tanto amar, tanto amar!
 Querido, tanto amar!
 Enfermaram olhos exaustos,
 E doem tão mal!

15

Piedade, oh meu amado!
 O abandono me não farás,
 Vem, beija a minha boquinha.
 Eu sei que te não irás.

16

Vinde, oh, feiticeiros!
 A alva que está
 Com belo fulgor
 Quando vem, pede amor!

11

Amânû! Amânû!
 Yâ l-maliH! gare
 Por que tu me queres,
 Yâ -llah! matare?

12

Que fareyu, mamma?
 Mio l-Habîb ya vaise
 Cor le vol seguire.
 Laita non lo amase!

13

Vem 'indî, Habîbî!
 Seyas sabitore
 Tu huida samâja!
 Imxî, adûnû-nî!

14

Tant'amare, tant'amare!
 Habîb, tant'amare!
 Enfermeron walios nideos
 E dolen tan male!

15

Amânû, yâ Habîbî!
 Al-waHx me no farás.
 Ben, beja ma boquella,
 Eu sé que te no irás.

16

Ven yâ saHHâra!
 Alba qu' está
 Con bel fogore
 Cand' ben pid'amore!

A LITERATURA HEBRAICO-SEFARDITA

Yehudah ALHARIZI. «A boda», in *Hashbirá haivrit beseфарad uveprovence* [A Poesia Hebraica na Espanha e na Provença, vol. 2]. Tradução inédita de Moacir Amâncio. 1954-1959. Telavive: Devir. 115-123.

Contou Heiman o Ezrahitá: fiz parada em Tévets / para me deliciar com as delícias locais, em sossego desta vez, / e me vestir com um manto de rosas, uma túnica xadrez. / Foi então que eu me assentei com amigos queridos, / filhos de escolhidos, / para folgarmos sobre os amores / e nos divertirmos ao som dos cantores. / Mas ergui os olhos e vi — eis que um homem chegava ali, / todo cambaio, / abatido, joelhos trêmulos, caio-não-caio. / Ao ver de longe aquela imagem, / pus reparo em seu rosto, seria visagem? / — Pois era Hever, o Kenita, chegando de viagem. / Até ele me apressei, / com presteza o saudei / e o indaguei do recente passado, / por onde tinha andado? / Ele me disse: «Venho recém das ilhas do mar, / de suas garras e gargantas logrei me safar. / Pretendo agora / ter um descanso, mesmo onde o perigo mora.» / Eu disse: «Até quando não te aquietarás em repouso? / Como se morasses nas asas do vento proceloso? / Senta conosco e te beneficiaremos, estejas conosco e alcançarás teu objetivo honroso. / Se quiseres, oferecerei a ti conforto generoso, / propiciar-te-ei esposa para que com ela te divirtas / e renoves as forças finitas.» / Ele me disse: «Juro-te pela vida de todo profeta e vidente, / não me voltes a falar disso, ando diferente, / disso não me lembres nem por sonho, nada disso me porá contente, / porque fiz juramento de truz / a fim de não cair em armadilha de mulher, eia, sus! / Basta-me uma provação amarga, pura jaça, / que não me venha de novo a desgraça!» / Eu ri de suas palavras e lhe disse: «Que desgraça deparaste / que te levou a jurar o que juraste?»

Ele disse: «A Serpente me enrolou / e o Diabo me endiabrou / para que eu desejasse companheira, / mulher formosa e faceira / e encontrasse calma em minha alma atormentada / de aflição e da lida pesada. / Eu disse: não é bom que só esteja / farei uma ajudadora que comigo seja, / pois não sei o dia de minha morte, / ou quando montarei casa, com sorte. / E estando eu ainda nas ondas de um mar de pensamentos sem norte / a fazer das tripas coração, perdido nas veredas, / dos amores a esculpir labaredas, / e o coração ora renege ora se apegar, / ora se acende ora se apaga / e eu a vagar pela cidade entanto

/ de um lado a outro e de canto em canto — / mas vem ao meu encontro uma
 velha sebosa, / muito da feiosa / e toda estranhosa, / como se o Fado a roubara
 aos diabos como porção apetitosa. / Sitana chamava-se a infâmia, / palavra
 que mal esconde o nome de Satânia. / De frente parecia o avestruz de uma
 figa — / atrás, uma lombriga — / trazia a cara por véu coberta, a danada, /
 ruim e enfezada, / porém adoçou o tom e se ajoelhou / com voz untuosa. /
 Na boca dela língua era seda sedosa / e para seduzir os corações, falava toda
 melomelosa / havia néctar na boca dela e veneno de morte na goela, / filha
 da perversão e da insurgência, ela / se comportava como a brisa em bonança
 a tanger a vela, / essa praga, círculos do inferno são os dela, / em casa nunca
 descansou o pé sem cancela / e por todo lugar se espalham as vítimas de seus
 estragos na esparrela.

E ao ver à distância minha figura, / ansiou por mim qual Satã que se apura,
 / saudou-me com medida / e disse ‘Filho meu, filho meu, que o Senhor teus
 dias aumente / que da tua vida a luz nunca se ausente / e tuas flores em viço
 produzam muita semente. / Tens bom parecer, / és agradável de se ver / acen-
 des os corações com tua beleza / e as almas se encantam do esplendor de tua
 face, uma nobreza. / A beleza vestiu-te do que merece a realeza / e a árvore
 de tua infância deu os frutos com presteza — / não é nada bom que homem
 como tu durma de coração desperto / e no fogo do ardor se queime ao certo, /
 sem esposa pela qual anseie / e sem chão onde semeie. / O que é isso de buscar
 poços extintos para tua sede abrasada, / agradecer-te-á a água roubada? / Portan-
 to, se bem for aos teus olhos, dar-te-ei uma filha de gente nobre / uma corça
 de amor, ouro e cobre / o rosto dela é a manhã que enleva, / e seus cabelos são
 da noite a treva, / que nela tua alma se delicie / e ela te aprecie, / que ela faça
 um ninho em teu peito / e a tua mesa encante, com efeito / em seu rosto brilha
 uma luz e em sua boca há um vaso de flores ao jeito. / No escuro seguirás sob
 o seu esplendor / e não se apagará à noite a luz com seu calor / e mais do que
 prata vale este negócio precioso, / mui acima de pérolas é dela o preço valioso.
 / Ela tem olhos de gazela, lânguidos, / no vinho do desejo embebidos / o corpo
 é úmido, refrescante, tal / qual um cetro de cristal / puro, santo, temperado /
 quem o vê, venera-o por adorado, / que dele virá o fogo sagrado. / O semblante,
 lampiões, / os seus olhos, um leão e outro leão, / os seus dentes, pérolas em
 profusão / e os dois seios, dois corços, irmão e irmão. / Se visses a sua beleza
 superior, / um primor, perderias o juízo / à vista dos olhos dela, enlouquecerias
 sem siso. / Feliz do homem que em sua carruagem for carregado, / entre os pés
 dela, de joelhos, cairá dobrado! / Mas quem quiser com ela se casar / dois mil
 dinheiros terá de pagar / e lhe será fácil conceder todo o seu cabedal, juro, / se
 todos os bens por ela der, ainda levará a pecha de pão-duro.’»

Narrou o narrador: «Ouvindo as palavras dela sem peia / meu coração caiu na cilada feia, / eu já estava preso aos nós daquela teia. / Então lhe disse: ‘Se antes de todo o dito, essa jovem eu tivesse visto, até apostaria, / de mui bom grado a tomaria.’ / Ela disse: ‘Que me livre, que me livre de patifaria, / da mentira e do engodo / pois tudo o que professaram meus lábios e boca com denodo / é verdade a rodo.’ / Eu lhe disse: ‘Se é a mulher como disseste um amor, / pago o dote, seja lá quanto for, / pagarei tudo o que quiseres, faze o favor!’ / Ela me disse: ‘Quando encontrares a gazela, / feroz qual pantera, / saberás que não há em minha língua tramóia nem quimera, / amanhã voltarás a me ver / logo após o amanhecer, / para curar-te a alma bem curada, / pois Deus sabe o que Ele guarda.’ / E tomou a mulher o seu rumo aziago — / meu coração estava perdido e mal pago.

À noite fugiu-me o sono dos olhos e a calma, / nem cheguei a ir para a cama / fiquei para lá e para cá preso às cordas do desejo que crescia, / atacado à esperança de um novo dia. / Veio a manhã com meu ânimo exaltado / e eu ainda miolo adoidado, / com a alma aflita e o coração amuado. / Então saltou o sol sobre a terra e a velha reapareceu, aquela. / Eu me alegrei com a chegada dela / e corri sem freio ou trela / para saudá-la e recebê-la. / Disse ela: ‘Que Deus sempre te guarde bem / e nunca faltes nem / padeças, sabe que chegou a vez da alegria, / fugiram a tristeza e a nostalgia / longe de ti o vagar à toa, esse horror, / chegou a hora do amor — / o pai da jovem e seus parentes vêm ver-te / a fim de ouvir-te / e ao pacto aplicar selo e sinete.’ / Foi assim e assado, incomparável — e eis que surge o pai da jovem, numa cena formidável, / estava à porta onde surgem / a velharada e companhia de lambugem. / E quando inundou a gentarada, / a casa de fora a fora ficou lotada, / ergueu-se o pai da jovem e assim falou à malta / que ali se achava em alta:

‘A paz esteja convosco, nossos irmãos, gente da fé e da piedade, / do amor e da sinceridade, / sabeis que este homem pretende ligar-se à nossa comunidade / e entrar na tradição do pacto, além / de viajar a nossa viagem / e levar nossa filha na bagagem. / A respeito dele nos foi dito sem senões / o melhor sobre suas ações, / que pertence à família dos raros / e preclaros, plenos de bondades / diante dos quais jorram as felicidades. / Eis-me pronto a empenhar-lhe minha alma / ao entregar minha filha à sua palma / e um dote ele pagará por ela, / dois mil dinheiros, pela virgindade dela / e tudo o que ela exigir lhe será dado, que é bagatela.’ / E disseram-me os velhos: ‘Concordas com tudo que ouviste?, responde, abençoado.’ E eu, deles tão envergonhado, / não cismeio no que tinham discursado, / apenas disse, o que ouvi está acatado / acordo fechado. / No que falei apressaram-se, convocaram o escrivão mesquinho, / e trouxeram a pena mais um rolão de pergaminho, / e ele redigiu do casório a

certidão / maior que o mar, daquela extensão, / e aceitei tudo o que me disseram, enfim, / então falei assim: ‘Vim com um rolo já escrito para mim.’

Convocaram o escrivão para registrar / o preço dela e o detalhe todo,
E a nota promissória foi escrita / mais adendos, inovações, engodo,
E o Senhor abençoaram com o vinho / no pálio, tudo feito com denodo —
E o Fado comigo brincou de súbito / e fez da união um divórcio roto.

Lavrada a certidão, anunciaram-na aos judeus / e eu assinei, testemunhas
arrolei e me enrolei contra mim e os interesses meus. / Quando o sol foi
embora, / veio a noite em má hora / e a terra se cobriu de escuro e treva,
/ daí trouxeram aquela filha de Eva, / a noiva, com barulheira, / do cami-
nho o povo gritava à beira, num bruaá: ‘Com a noiva o noivo alegrar-se-á.’
Estenderam-se em cânticos de felicidade / do anoitecer até da noite a meta-
de, / e lá se foi cada qual e todo o ror / do pequeno até o maior, / então fiquei
isolado / com ela ao meu lado.

Eu disse cá comigo: esta noite rejuvenescerei com a força de águia da
juventude, / alcançarei a maior altitude, / esta é uma noite sem sono, somen-
te atitude. / Acheguei-me a ela sôfrego / e puxei de cima dela o sobretudo,
/ quase sem fôlego, mudo, / e o véu que a cobria retirei / e sem disfarce eu a
deixei. / Levei a vela ao seu rosto / o doce vinho que eu comprara era azedo
mosto / ela tinha cara de fúria e voz de trovão, / o corpo dela era igual ao do
bezerro de Jeroboão, / e sua boca igual à boca da mula de Balaão, / o nariz tre-
sandava feito o Cão, / a cara, era um carão de Cam, / como se a tivesse deco-
rado o próprio Satã / usando piche na obra vã, / eu até a confundi com uma
das filhas de Cam. / Mas se a cara era encarvoada, / a cabeleira andava toda
esbranquiçada / e ela, uma velha encarquilhada, / os seus beiços, desbeiçados,
/ os dentes, dentes de lobo ou urso esfaimado / e olhos, olhos de escorpião
encurralado. / Pensei e cantei:

Dela os dentes semelham os do urso / comem o que encontram, trituradores,
Cabeça cheia de piolhos e os olhos / roubam toda alegria, destruidores.
Alta feito uma muralha, e as pernas, / troncos mal cortados, aterradores,
A face como carvão, mas os beiços / são de burros chucros imitadores,
Os seios são iguais aos dos anjos da morte / tocá-los é cair nos estertores.

Quando vi essa visão entrei em pânico, / cheio de medo e tomado de tremor
agônico. / Então disse: É chegada a hora do castigo. / Mas me refreei, fingido
/ e falei com ela macio, comovido / dizendo-lhe: ‘Minha cara, minha cara,

/ carinha de pedregulho que é só casca, / dize o que tens em casa, as peças únicas, / onde estão os teus vestidos, as tuas túnicas, / os teus cosméticos, as tuas rendas, os teus brincos, anéis, os teus brocados, / as tuas essências, as tuas jóias, e os vidros de sais perfumados?’ / Ela disse: ‘Nada me falta de tudo / porque o Senhor me agraciou, e portanto tenho tudo, / as minhas vestes deixei todas empacotadas na casa do meu pai e senhor / onde tenho morada e calor.’ / Eu lhe disse: ‘Como é o acervo em casa de teu pai, dize, se pedir demais não for.’ / Ela disse: ‘Deixei dois sacos sem nada, / coisas quebradas, / um prato / um sapato, / um jarro, / uma mala e um suporte enfeitado, / e roupas rasgadas / e vasilhas vazadas, / duas travessas amarelas / e três panelas.’ Ao ouvir suas palavras caí estatelado, a alma tensa, / perdi a cabeça, um abandonado de Deus, que sentença! Pensei e cantei:

Dos diabos e dos duendes tu vieste? / Ou de Deus a maldição encontraste?
Como se os anjos da fúria e do mal / teus irmãos fossem, mas te destacaste,
Pareces aquele bode, o Azazel — / mas como fugiste da terra dos trastes?
Como se o Fado quisesse Lilít / e por prova de amor a ela te enviasse,
De nada serves, quem de ti precisa? / somente o Anjo da Morte que ajudaste,
Bom seria que natimorta fosses / e tua mãe fosse estéril, desastre!
Teus beijos são como os lábios do touro, / cova a boca, a pança um rombo,
e babaste.

Teus dentes são como os do urso infectados / de cuspo e fezes, que nisso abundaste.

Teus olhos são dois furos de fumaça / e a cara, a panela que tu queimaste.
Tua estatura é da força de Haman / quem me dera que lá te pendurassem.
Ao ver-te pensei nos anjos da morte / quando com fúria a todos atacassem,
Como o faraó que afundou no mar, / como Haman enforcado, outro traste.
Como Síssera ao fugir para Iael, / como a Eglon, não te há espada que baste.
Tua barriga é como um odre inchado, / o rosto e a sina negros, sem contraste,
Tua mão é a mão do macaco, peluda, / dedos-gravetos no fogão torraste,
Tua voz é trovão à meia-noite, / teu hálito do inferno em mim sopraste.
A boca, túmulo do come e bebe / que amargor viram no bucho de empaste.
Teus dentes tudo moem qual pilão — / o exército de arroz que devoraste!
Deus te dará o castigo medido / como Sodoma e Gomorra, lembra-te?
Que te masquem os dentes dos leões / dentro deles terás a cova, traste.

E quando terminei minha canção, vi que a poesia / não curava o que me afligia,
/ e pelo meu pensamento / não me livraria do tormento, / e a melodia, disse
e digo / não me livrava do castigo — / então, subiu-me à cabeça a ira / lasquei

três varas, trocando-as pela lira / e à meia-noite entrouxei-lhe a boca com o vestido / e quebrei-lhe as varas no lombo, sentido, / até pela boca extrair-lhe o sangue, / arranquei-lhe a pele do corpo exangue / e tirei-lhe pela courama o sangue de virgem malfadada. / Juntei todas as roupas, preparei a jornada, / pus tudo na montaria, / e antes da manhã bem longe eu ia. / Sumi daquela terra danada, / vazei o vazio e o nada / até cruzar o vau do Iaboque. / De dia eu dormia no bosque / e à noite seguia a galope / até constatar / que não podiam me descobrir, se bem vejo. / Tinha conseguido me safar com sobejo. / Daí, após bem pesar a trajetória, de má memória, lancei-me ao versejo:

Bendito seja aquele que me protegeu / pois Sua piedade me valeu,
Meu instinto, barato me vendeu, / mas o Senhor em sua graça me acolheu,
Minha carcaça ao inferno desceu. / Baixei fundo, mas Ele me ascendeu.»

Narrou o narrador: ao ouvir de Hever os erros, ri das patacoadas, / e me espantei com suas lorotas e palavras airadas, / em seguida eu me despedi / e logo parti, / ele também se foi pelo mundo sem eira nem beira. / Mas o que ele contou me impressionou sobremaneira.

Yehudah HALEVI. «O gazel», in *Revista de Estudos Orientais*, n.º 6.
Tradução de Moacir Amâncio. 2008. São Paulo: Departamento de Letras
Orientais — FFLCH — Universidade de São Paulo. 12-13.

Oh, oh gazel, oh senhor,
Olhos ponha em meu sofrer,
Que não cresça este penar.
Bem, bem faça à minha alma
Teus cuidados trazem calma.

Compadeça deste pobre
Que por ti jejua e sofre
Enquanto o maná não chove.
Teu, teu o teu bom maná
Por única paga, dá!

Se zombas de meu penar,
Veja a coita neste olhar.
Mas tua resposta: «Azar!
Não, não, eu nada consigo
Além do que não persigo.»

Eu me culpo toda vez:
Se temes, vem, sê cortês,
Volva meu sono e talvez
Voa, voa, oh, cai como
Ave na rede em meu sonho.

Se peço um beijo a morrer,
Enrubesce, alvorecer —
Assim esplende o seu ser:
Tal, tal o branco exangue
se transforma em vivo sangue.

Parte-me seu canto a alma,
Mas canta, porque me inflama,
Basta um beijo, a boca clama:

*Já, já beija co'alegria
E esquece a melancolia.*

Yehudah HALEVI. «A gazelinha não me toques», in *Cadernos de língua e literatura Hebraica*. Tradução de Moacir Amâncio. 2004. São Paulo: Polo Editora. 143-144.

Tem pena deste coração, ó graciosa
 gazela, pois se deixas este lar, vaidosa,
 ele ruirá; porém, se contemplo, airoso,
 tua glória, respondem as serpes do queixo
 com fogo e ácido e da ousadia já me queixo.

Roubou-me o coração com os seios que sobre
 o dela jazem — cor de pedra mas não pobre,
 pois é chão de maçãs —, ágeis, torpes quão nobres:
 à sinistra, à destra, alçam lanças, mimam seixos,
 queimam de longe, lançam-me exangue entre os freixos.

Co's olhos a gazela viola as leis do céu,
 ela me mata por malícia, sob o véu.
 Já viste cor de leo, piscar de corça ao léu?
 Rasgar qual fera sabem, são flecha e releixo,
 vazam o sangue do meu peito por desleixo!

Um dia, pelo vinho de seus seios ia
 borracho, mas saudades dela pela via
 jovens trouxeram, e à volta delas pedia a
 bela: «Anjos da paz, vinde com novas, eu deixo,
 eu quero!» Prendeu-me a fala se abrindo o fecho.

Um dia, eu pastoreava as mãos em seu jardim,
 brincava-lhe os seios, e ela: «Tira de mim
 as mãos, são toscas...», tão delgada! Foi meu fim:

*«Ai, querido meu, não me toques ou me avexo
 o corpinho é cortês, se tocas, me remexo.»*

Yehudah HALEVI. «A terra, qual menina», «Servos do tempo» e «Ofan», in *Hashirá haivrit besefarad uveprovence* [A Poesia Hebraica na Espanha e na Provença, vol. 2]. Tradução inédita de Moacir Amâncio. 1954-1959. Telavive: Devir. 454-456, 521, 524-525.

A TERRA, QUAL MENINA

Ao patrono Isaac

1. A terra, qual menina que sugasse / chuvas de inverno e a nuvem a aleitasse.
2. Ou noiva pelo inverno bem guardada / e alma que o tempo do amor ansiasse:
3. Queria o tempo do amor até a hora / em que o restaurador verão chegasse.
4. Em linho bordado a ouro qual donzela / que em volúvel delícia se mostrasse,
5. Cada dia é outra veste bordada / que em volta distribui, como afagasse,
6. De dia para dia muda o aspecto, / do nácar ao rubi e ágata, fugace.
7. Pérola, verde, rubro, ouro e rubro / como se a corça seu amor beijasse.
8. À beleza de suas flores, penso / que dos astros do céu todas roubasse.
9. Ao pomar em brotos, de manhã, fomos, / e a filha da vinha o lábio beijasse —
10. Fria como a neve por mão tocada / mas no interior o fogo alastrasse.
11. De uma ânfora chegando tão brilhante / quanto o sol que taça de ônix lotasse.
12. Com ela seguiríamos sob a sombra / e o jardim, ao pranto do céu, gozasse.
13. Alegrar-se-á com as gotas da chuva / tal contas de cristal o céu jogasse
14. E c'ò canto da andorinha e o arrulhar / da pomba que doçura segredasse
15. Por trás da galharia verdejante / qual moça que atrás dos panos bailasse.
16. Minh'alma a brisa matinal deseja, / como se o cheiro amigo esta puxasse.
17. A brisa brinca e agita o mirto, e o olor / leva aos saudosos que tudo isolasse

18. E o ramo do mirto se duplicasse / e a palma, ao chilrear, outra tocasse
19. Ondulante e depois já se curvasse / diante de Isaac, que um riso mostrasse.
20. Dirás: o Senhor me fará sorrir, / como se à corda de Isaac me ligasse?
21. Direi: não há reproche ao meu louvor, / pois não houve quem não justificasse.
22. De todo grande nome o bem e o mal / falam, o seu, ninguém que não louvasse.
23. Como é bom o nome dele ouvir quando / minh'alma dele toda se ocupasse,
24. Mas ao ver a sua imagem, aumenta o / louvor, urgindo um poema eu lavrasse.
25. Por ti, oh, meu grande Isaac, falarei / claro num canto que jamais cessasse,
26. Contigo, aliança fiz para sempre, / é um aleluia que nunca acabasse.
27. O que adiantarei em teu louvor? nada há de nobre que te faltasse...
28. Em ti se apoiam as tendas do bem, / e tua sabença a todos juntasse,
29. Tu'alma na sabedoria bebeu, / que todos os segredos devassasse,
30. Ela achou ninho no teu coração, / festeja em ti como se aconchegasse.
31. Assim, tua semente crescerá, / teu é o vento do bem, jamais cessasse,
32. Vê os filhos dos teus filhos e a nuvem / da piedade sobre eles chorasse.

SERVOS DO TEMPO

Servos do tempo são servos de um servo
 Livre é o servo de Meu Senhor somente.
 Aqueles lavram pelo próprio acervo,
 Meu acervo é o Senhor, diz a alma ardente.

ORFAN

Ó meu Deus, onde encontrar-te? / Tu moras no alto e no fundo!
 Mas onde não te encontrar? / Tua glória engloba o mundo!

És fonte de toda a vida / formaste esta terra e tudo,
 Proteges quem se avizinha / e és dos remotos escudo,

Sobre os querubins dominas, / tens no céu o teu reduto.
Exaltado pelas hostes — / mas é louvar quase mudo,
Tu não cabes nesses orbes / e nem no Templo, contudo.

Ao assomares imenso / sobre esferas, tais colossos,
Deles estás tão mais perto / que suas almas e corpos.
Sem ti não seriam por certo, / serão eles testemunho.
Quem não te respeitará, / à glória do céu profundo?
Se a todos nutres, quem há / de não chamar-te no apuro?

De ti quis me aproximar — / invoquei do coração.
Mas tu estavas a chegar — / e eu inda buscava então,
Tal poder, como negar, — / quem poderá dizer não?
Quem dirá não vejo prova — / se o céu, astros, o clarão —
A tudo isso e mais comprovam — / sem voz, clamor ou trovão.

Que assentas, será verdade / entre os humanos, no imundo?
E o que pensa o ser pensante, / pois que é do pó oriundo,
Ante o senhor operante, / que é tudo, não há segundo.
Os leões, altas esferas, / gabam a glória em rotundo.

Leões nas altas esferas / louvam a glória profundo
Sob o trono nas alturas, / Senhor qu'e levas o mundo!

Shmuel HANAGUID. [Há um mar entre mim e ti] e [Disse ela: alegra-te por ter chegado], in *Hashirá haivrit besefarad uveprovence* [*A Poesia Hebraica na Espanha e na Provença*, vol. 3]. Tradução inédita de Moacir Amâncio. 1954-1959. Telavive: Devir. 108, 131.

[HÁ UM MAR ENTRE MIM E TI]

Há um mar entre mim e ti / que me impeça a empreitada
 E eu não corra com o coração aflito / e perante o teu túmulo eu me assente?
 Verdade, se a isso eu obedecesse / trairia o teu amor!
 Ai, meu irmão, eu me sento / ao lado do teu túmulo, à tua frente,
 Por ti é a dor em meu coração / como doeu na tua morte.
 E se eu te saudar — / e não ouvir tua resposta,
 E não saíres ao meu encontro / no dia em que eu for à tua tumba,
 E não te alegrares com o meu acercar / e eu não me alegrar com a tua
 presença,
 E não vires minha imagem / e eu não veja a tua imagem,
 Porque o abismo é tua casa / e na tumba está a tua morada —
 Primícia de meu pai e minha mãe / que eterna a paz esteja contigo,
 E o sopro divino paire / sobre teu espírito e a tua alma!
 Eu sigo para a minha terra, porque / na terra te prenderam.
 Ora a dormir, ora desperto — / e tu para sempre dormirás,
 E até o dia da minha morte / arderá em mim o fogo da tua despedida!

[DISSE ELA: ALEGRA-TE POR TER CHEGADO]

Disse ela: alegra-te por ter chegado
 Aos cinqüenta anos neste mundo teu —
 Nem sabia ela, não há cisão
 Entre o dia de Noé e este meu.
 Nada tenho além da hora presente,
 que, qual nuvem, foi, desapareceu.

Shmuel HANAGUID. [A terra é do homem a prisão diária] e [Daria a vida por / Tão pérfido gazel], in *The Penguin Book of Hebrew Verse*. Tradução inédita de Moacir Amâncio. 1981. Londres / Nova Iorque: Penguin. 292, 298.

[A TERRA É DO HOMEM A PRISÃO DIÁRIA]

A terra é do homem a prisão diária,
Portanto eu digo ao tolo esta verdade:
Corre que o céu ao teu redor terás
Por todo lado; sai se tu puderes.

[DARIA A VIDA POR / TÃO PÉRFIDO GAZEL]

Daria a vida por / Tão pérfido gazel.
Amor por ele em meu / Peito ferroa agora.
Aquele que ao subir / Da lua perguntou:
«Vês o esplendor de meu / Rosto e apareces? Ora...»
A presença da lua / Nessa noite trevosa —
O topázio que à mão / De jovem negra aflora.

Shmuel HANAGUID. [Daria a vida por / Gazel que despertou] e [Vê este meu sofrer agora], in *Revista de Estudos Orientais*, n.º 6. Tradução de Moacir Amâncio. 2008. São Paulo: Departamento de Letras Orientais — FFLCH — Universidade de São Paulo. 9-13, 280.

[DARIA A VIDA POR / GAZEL QUE DESPERTOU]

Daria a vida por / Gazel que despertou
 À melodia de harpa / E flautas, gracioso,
 E ao ver na minha mão / Um copo, disse assim:
 «Beba em meus lábios sangue / De uvas especioso!»
 E a lua como um U / Grafava-se por sobre
 A veste toda treva / Em ouro precioso.

[VÊ ESTE MEU SOFRER AGORA]

Vê este meu sofrer agora / Ouve a prece de quem ora,
 Lembra deste servo Teu / Não frustra o esperar que chora.
 Mão que me fira haverá / Se és o abrigo de hoje e outrora?
 Bondade tua já vi / Por mãos de anjos sem demora,
 Águas fundas singro eu / Livra-me do que apavora.
 Piso em fogo abrasador / Salva do que me devora.
 Se faltas cometi — que / Sou eu ou que falta fora?
 Em urgência estou — não posso / Estender a prece afora
 Atende aos anseios meus / Apressa-Te nesta hora,
 Se não por mim, por meu filho e a / Torá, que minh'alma adora.

Avraham IBN EZRA. «Madrugo e à casa do patrono eu vou» e «A capa rasgada», in *Hashirá haivrit besefarad uveprovence* [*A Poesia Hebraica na Espanha e na Provença*, vol. 2]. Tradução inédita de Moacir Amâncio. 1954-1959. Telavive: Devir. 575, 576.

MADRUGO E À CASA DO PATRONO EU VOU

Madrugo e à casa do patrono eu vou —
 Dizem: no carro ele embarcou.
 Mas se vou até lá quando anoitece —
 Dizem: no sono ele embalou.
 Embarcou no carro ou / embalou no sono ou —
 Ai do desastrado que eu logo sou.

A CAPA RASGADA

Eu tenho uma capa que é uma peneira
 Que o trigo e a cevada nela se joeira
 Qual uma tenda eu a abro pela noite
 E as estrelas se exibem numa feira.
 De dentro eu vejo a Lua, Órion, eia,
 As Plêiades com toda a luz que clareia.
 Já cansei de contar a buraqueira
 A fazer da capa rede pesqueira.
 Esperar fio e agulha para os furos
 Desse xadrez é a mais pura tonteira.
 Se a mosca ali pousar com força inteira,
 Como tola, arrepender-se-á ligeira.
 Deus meu, troque esse manto por um outro,
 Divinal — e com corte de primeira!

Avraham IBN EZRA. «As esferas e os signos lá no céu», in *The Penguin Book of Hebrew Verse*. Tradução inédita de Moacir Amâncio. 1981 Londres / Nova Iorque: Penguin. 353.

1

As esferas e os signos lá no céu
Quando eu nasci perderam o seu norte:
Caso eu fosse de velas mercador —
Noite não veria até a minha morte!

2

Luto para vencer, mas não consigo,
Fizeram os astros que eu me perdesse:
Vender mortalhas fosse o meu negócio —
Ninguém morreria enquanto eu vivesse!

Moshê IBN EZRA. «E a maçã, na verdade, Deus não criou», in *Hasbirá ha'ivrit besefarad uveprovence* [A Poesia Hebraica na Espanha e na Provença, vol. 2]. Tradução inédita de Moacir Amâncio. 1954-1959. Telavive: Devir. 374.

E a maçã, na verdade, Deus não criou
A não ser para o olfato e a carícia:
Considerai — vendo o verde e o vermelho —
O rosto dele e dela em única delícia.

*

Lembrará o homem pela vida
que levado ele é para a morte.
Lento será seu dia a dia...
Pensará em descanso, com sorte...
Como o homem quieto em seu barco
Voando pelo vento sem norte.

Moshê IBN EZRA. «Túnica de cores», in *Carta a Fernando Pessoa*. Tradução de Moacir Amâncio. 2017. São Paulo: Annablume. 88.

Toda cor vestiu o jardim, / e a relva era o bordado seu,
As árvores, manto xadrez, / exibiam todo o esplendor seu
Saudavam o tempo os botões / alegres com o chegar seu.
Mas antes a rosa passou, / rainha, no alto é o trono seu.
Deixou as folhas que a prendiam / e se despiu do jugo seu.
Quem não brindar com vinho ali, / portará o pecado seu.

IBN GABIROL. [O inverno escreveu com tinta de chuva], in *Hashirá haivrit besefarad uveprovence* [*A Poesia Hebraica na Espanha e na Provença*, vol. 2]. Tradução inédita de Moacir Amâncio. 1954-1959. Telavive: Devir. 219.

O inverno escreveu com tinta de chuva
E a pena de raios nas mãos das nuvens
A carta no jardim de azul e púrpura,
Não dessa maneira o poeta escreve.
No tempo de amores a terra ao céu
Bordou estrelas num canteiro breve.

(3)
A LITERATURA BIZANTINA

Rui Carlos Fonseca

A literatura bizantina grega ocupa cerca de doze séculos e contém um *corpus* muito vasto de textos e uma grande diversidade de géneros. Distingue-se não tanto pela sua originalidade, mas pela imitação de modelos, adoptando e adaptando à época medieval *topoi* literários recorrentes entre os antigos. Os autores bizantinos valorizam a literatura clássica da Antiguidade grega, da qual são herdeiros e revitalizadores, e empenham-se em preservar essa tradição. Quanto à literatura de ficção produzida pelos bizantinos, destacam-se os géneros da poesia, do romance e da historiografia.

O epigrama 261 é da autoria de Agátias, um escritor do século VI originário da Ásia Menor, que desenvolveu actividade em Constantinopla, onde ficou conhecido como Agátias Escolástico. Compôs uma obra de poemas eróticos, *Daphniaca*, hoje perdida; uma obra historiográfica, *Histórias*, na qual relata acontecimentos ocorridos entre os anos 552 e 559, durante o reinado de Justiniano; e reuniu epigramas de temática amorosa, de amigos seus e de sua própria autoria, na colectânea *Ciclo*, transmitida no livro V da *Antologia Grega* (epigramas 216-302).

Digenis Akritis é um poema épico anónimo de inícios do século XII, organizado em oito cantos e composto em verso de 15 sílabas, o chamado verso político. Considerado um dos principais precursores do romance bizantino, tem sido classificado como epopeia-romance e proto-romance. O poema conta a história de Digenis Akritis, literalmente o Herói Fronteiro de Dupla Origem, filho de um emir sírio e de uma jovem cristã, filha de um general bizantino. Os três primeiros cantos contam a história de amor dos pais de Digenis, e os restantes cantos, a história do herói, do nascimento à morte. O excerto seleccionado do canto VI celebra, na primeira pessoa, os feitos prodigiosos realizados por Digenis para salvar a sua jovem amada, nomeadamente, a luta contra o dragão de três cabeças e depois a luta contra o temível leão.

Hismine e Hismínias de Eustácio (ou Eumácio) Macrembólites é o único dos romances eruditos do século XII composto em prosa e a fazer uso da

primeira pessoa. O trecho escolhido pertence ao livro XI, onde o par protagonista faz a recapitulação de todas as aventuras por que passou até ao reencontro final e o regresso a casa. Neste resumo da acção, nota-se o emprego de muitos dos *topoi* convencionais usados pelos autores helenísticos: a écfrase, o poder tirânico de Eros, o sonho, a fuga, a tempestade, a falsa morte, os piratas e a escravidão.

Drosila e Cáricles pertence ao mesmo grupo de romances eruditos do século XII. A obra, escrita em verso, está organizada em nove livros e é da autoria de Nicetas Eugeniano, um poeta da corte dos Comnenos, contemporâneo mais novo de Teodoro Pródromo, o responsável por recuperar o género do romance entre os bizantinos. Eugeniano é influenciado sobretudo por Pródromo e por Longo. No início do livro IV, conta-se a viagem por mar dos dois enamorados, o ataque de um bando de piratas, a batalha naval, a fuga por entre as montanhas, a chegada a uma cidade e a posterior captura pelos partos.

Beltandro e Crisantza é um romance cavaleiresco anónimo do século XIV, da época dos Paleólogos, escrito em vernáculo, em 1348 versos políticos. Os excertos apresentados incluem o retrato excepcional do herói e o exílio do reino paterno (vv. 25-40); o seu canto de lamento a tanger a cítara (vv. 122-123); as errâncias por terras estrangeiras, a emboscada de um grupo de bandidos da qual sai vencedor, e a descoberta do riacho chamejante, que o conduz ao esplendoroso Castelo de Eros (vv. 215-261).

A historiografia é um dos géneros mais importantes cultivados entre os bizantinos. Não tem apenas o objectivo de registar acontecimentos históricos, mas também, e sobretudo, o de contar boas histórias. Caracteriza-se mais pela imitação de modelos, pela manipulação competente dos recursos retóricos e literários e pelo seu carácter encomiástico do que propriamente pela autenticidade dos factos.

Entre os mais célebres historiadores bizantinos destaca-se Ana Comnena (século XII), que escreveu a *Alexíada*, onde, num estilo épico e num discurso erudito repleto de alusões aos clássicos, conta os feitos bélicos e políticos do seu pai, o imperador Aleixo I. É uma mulher das letras e das ciências, conhecedora das obras dos antigos e dos intelectuais da sua própria época. Os excertos seleccionados incluem o início do proémio sobre a acção corrosiva do tempo, a função protectora da história e a imparcialidade do historiador; uma parte do livro II onde se relata a aclamação de Aleixo I como imperador pelo próprio exército e a profecia do misterioso ancião; e uma parte do livro III onde se descreve o retrato físico dos pais da autora, Aleixo e Irene.

Ducas, historiador do século XV, escreveu a sua *História* sob o reinado do último imperador bizantino, Constantino XI Paleólogo, relatando aconteci-

mentos ocorridos entre 1341 e 1462. A obra constitui, por isso, uma fonte de especial relevância para se conhecer os últimos tempos do império. No trecho traduzido, descreve-se o dia fatídico da invasão dos turcos e da queda de Constantinopla, em 1453. Ducas escreve num estilo simples, muito menos refinado do que o de Ana Comnena, mas, como se nota no excerto escolhido, recorre a expedientes comuns da escrita de ficção, como as profecias e as citações da literatura bíblica, tão cara entre os bizantinos.

«Beltandro e Crisantza», in *Romanzi Cavallereschi Bizantini: Callimaco e Crisorroe, Beltandro e Crisanza, Storia di Achille, Florio e Plaziafiore, Storia di Apollonio di Tiro, Favola consolatoria sulla Cattiva e la Buona Sorte*. Tradução inédita de Rui Carlos Fonseca. 1995. Turim: Unione Tipografico-Editrice Torinese. vv. 25-40, 122-133, 215-261.

Havia um poderoso monarca, o imperador Rodófilo
 (o nome era grego), senhor de inúmeras terras.
 Detinha um poder absoluto como soberano natural
 e dominava os senhores das terras em redor.
 Tinha dois filhos muito belos e muito amados.
 O primeiro, todos o chamavam Filarmo.
 Beltandro era o nome do segundo, na língua grega:
 era um caçador extraordinário e um hábil arqueiro,
 magnificamente belo, bem constituído e corajoso,
 louro, de cabelos encaracolados, lindos olhos e atraente;
 o seu peito era branco como o gélido mármore.
 Os dois eram iguais no afecto e na formosura.
 Mas quando — ó loucura da sorte e do miserável destino! —
 começou a ser maltratado e desprezado pelo pai,
 Beltandro decidiu então abandonar a terra pátria,
 partir para longe, para onde o levasse a Fortuna.

Beltandro encontrou um local agradável,
 desmontou e acampou com os seus escudeiros.
 Estava uma noite de lua cheia, uma noite aprazível,
 e uma fonte irrigava o verde prado.
 Aí montou a tenda sozinho e tomou assento.
 Recostando-se, pegou na cítara e pôs-se a tangê-la
 e a entoar um triste canto assaz lamentoso:
Montes, planícies e montanhas, vales e florestas,
acompanhai-me no meu pranto, eu desventurado!,
por um ódio imenso e uma reprovação não pequena,
hoje, da minha pátria e da minha mui ilustre fama
me vejo apartado, eu infeliz! Oh, que caso estranho!

Então continuou o seu caminho por terras estrangeiras,
atravessou muitos países, províncias e castelos.
Não lhe agradou nenhum lugar onde quisesse permanecer.
Deambulou pelas partes da Anatólia e da Turquia,
andou errante à procura de lugares e castelos.
Chegou a um desfiladeiro, à passagem de Turcovuno,
controlada por bandidos extremamente ousados.
Quando os bandidos o viram e se aperceberam de que
estava armado, era belo, vestia roupas magníficas
e que era acompanhado apenas de três escudeiros,
disseram: «Deixemos que entre no desfiladeiro,
e quando já tiver avançado bem no seu interior,
não poderá escapar, cairá nas nossas mãos, sem o querer.»
Deixaram-no então entrar, andar, aproximar-se,
e tendo avançado um pouco, caíram direitos sobre ele.
Mas contra o grande e numeroso grupo de bandidos
ergueu a sua maça — não digo mentira nenhuma —
e todos eles, derrotados, caíram por terra.
Ora os quatro atingiram as fronteiras da Turquia,
juntos entraram nas proximidades da Arménia
e com eles Beltandro chegou ao castelo de Tarso.
Enquanto andava por ali com os seus escudeiros,
encontrou um riacho, e no meio das águas
dirias que corria lá dentro uma estrela do céu,
submersa, acompanhando o curso da água.
Beltandro avança e segue rio acima,
pois desejava encontrar a nascente do rio
e saber de onde provinha a chama dentro de água.
Viajou durante dez dias inteiros
até que encontrou um castelo, de aspecto grandioso,
maravilhosamente construído em sardónica esculpida.
No cimo dessa construção assaz esplendorosa,
erguiam-se em conjunto, como se fossem torres,
cabeças de leões e de dragões de ouro variegado.
Um artista construía-as com muito engenho.
Se as observasses, verias como das suas bocas
saía um silvo aterrorizante e feroz;
dirias que se moviam, como se estivessem vivas,
que falavam e conversavam umas com as outras.

Era desse local que provinha o rio chamejante.
Beltandro, aí chegado, dirigiu-se aos portões do castelo;
encontrou um portão brilhante feito de diamante.
Ao centro, havia uma inscrição gravada,
as palavras aí esculpidas diziam o seguinte:
«Aquele que as setas dos Amores nunca atingiram,
imediatamente o hão-de ferir mil vezes mil golpes,
ao contemplar o interior do Castelo de Eros.»

«Canto VI», in *Digenis Akritis. The Grottaferrata and Escorial Versions*.
Tradução inédita de Rui Carlos Fonseca. 1998. Cambridge: Cambridge
University Press. vv. I-II4.

Este sexto canto de muitos feitos corajosos
celebra as acções admiráveis de Digenis Akritis,
tal como ele próprio contou aos seus amigos.
«Se alguém quisesse eleger um rei dos meses,
Maio reinaria sobre todos os meses:
ele é o ornamento mais encantador da terra inteira,
o olho de todas as plantas e o esplendor das flores,
o que ilumina o rubor dos prados e a sua beleza,
inspira admiravelmente as paixões, impele Afrodite;
é ele que dispõe a terra a imitar o céu,
adornando-a com flores, rosas e narcisos.
Neste mês maravilhoso e por demais agradável,
quis ir passear com a minha querida amada,
a graciosa filha do general Ducas.
Quando chegámos a um prado maravilhoso,
foi aí que montei a tenda e o nosso leito,
dispondo à sua volta todo o tipo de plantas.
Cresciam cálamos que se erguiam em direcção ao céu,
água fresca jorrava no meio do prado
e atravessava toda a extensão daquela terra.
Viviam no bosque muitas espécies de aves,
pavões mansos e papagaios e cisnes:
os papagaios cantavam pousados nos ramos,
os cisnes procuravam alimento na água,
os pavões, exibindo as asas por entre as flores,
reflectiam a cor das flores nas suas asas,
e as restantes aves com as suas asas em liberdade
divertiam-se pousadas nos ramos das árvores.
Mas a beleza radiante da nobre dama
resplandecia mais do que o pavão e todas as plantas:

pois o seu rosto imitava a cor do narciso,
as faces floriam como uma rosa a despontar,
os lábios mostravam uma rosa recém-florida
quando a flor começa a despontar do seu botão,
as madeixas do cabelo caindo sobre as sobrancelhas
emanavam encantadores raios dourados;
de tudo isto resultava um prazer indescritível.
À volta do leito, fumegavam aromas de todo o tipo,
almíscar, nardo e âmbar, cânfora e cássia.
Havia um enorme prazer e uma fragrância de alegria,
tão grande era o encanto que tinha o jardim.
À hora do meio-dia, deixei-me dormir,
estava a nobre dama a aspergir-me com água de rosas,
os rouxinóis e outras aves a cantar.
Como estava com sede, a jovem dama foi até à fonte,
e enquanto se alegrava aí a molhar os pés
um dragão, tendo assumido a forma de um belo rapaz,
veio até junto dela, com a intenção de a seduzir.
Mas ela, de modo nenhum ignorante de quem ele era, disse:
'Desiste do teu propósito, dragão. Eu não me deixo enganar.
O meu amado esteve de vigília e foi deitar-se ainda agora
(pois dizia para si própria: Este é um dragão,
nunca antes tinha visto tamanha figura como esta!),
se ele acorda e te encontra, vai matar-te.'
Mas o dragão, num ímpeto desavergonhado, tentava violentá-la,
e logo a jovem emitiu um grito, chamando o meu nome:
'Acorda, senhor meu, e vem defender a tua querida amada.'
Tendo o seu grito ressoado no meu coração,
levantei-me de imediato e vi o agressor
(pois a fonte estava à minha frente, como de propósito).
Desembainhei a espada e achei-me junto da fonte,
pois os meus pés correram velozes como asas.
Quando o alcancei, transformou-se numa figura assombrosa,
gigantesca, terrível e aterrorizante para os mortais:
tinha três cabeças enormes, completamente imersas em fogo,
de cada uma delas cuspiam chamas flamejantes,
ao mover-se do seu lugar, produzia o som do trovão,
de modo que a terra e todas as árvores pareciam estremecer.
Engrossando o corpo, as cabeças movimentando como uma só,

adelgaçando-se na parte de trás com uma cauda afiada,
 contraindo-se uma vez, estendendo-se novamente,
 assim preparava toda a sua investida contra mim.
 Eu, porém, nada impressionado com este espectáculo,
 ergui a espada bem no alto com toda a minha força,
 baixei-a sobre as cabeças deste monstro terrível
 e cortei-as todas de um só golpe. O dragão caiu por terra
 com a cauda a estrebuchar nos seus últimos instantes.
 Depois de ter limpado a espada e de a ter guardado na bainha,
 convoquei os meus homens, que se achavam longe,
 e ordenei-lhes que levassem o dragão de imediato.
 Cumprida esta tarefa com toda a rapidez,
 os homens voltaram depressa para as suas tendas,
 e eu fui novamente para o meu leito para voltar a dormir,
 porque o doce sono com que me deleitava caía outra vez sobre mim,
 não me tendo ainda saciado dele, quando fui acordado da primeira vez.
 A jovem dama, impelida por um riso desmedido
 ao lembrar-se das metamorfoses do dragão
 e da súbita morte daquele monstro gigantesco,
 afastou-se para junto de uma árvore, para não me acordar
 e para se recompor um pouco do medo que sentira.
 E eis que um temível leão saiu do bosque
 e também ele se lançou ameaçador contra a dama.
 Ela soltou um grito de socorro, chamando por mim.
 Tendo-a escutado, rapidamente me levantei da cama
 e quando vi o leão irrompi contra ele sem perder tempo,
 ataquei-o de imediato com o meu bastão,
 bati-lhe na cabeça — morreu nesse mesmo instante.
 Quando o leão foi levado para longe, tal como o dragão,
 a minha amada jurou pela sua própria vida, dizendo:
 ‘Escuta-me, senhor meu, se me quiseres alegrar,
 pega na tua cítara e fica a tanger um pouco,
 distrai o meu espírito do terror daquela fera.’
 E como não me era possível desobedecer à dama,
 comecei logo a tanger a cítara, e ela começou a cantar:
*Agradeço a Eros por me ter dado uma doce paixão,
 alegro-me de ser rainha, por ninguém amedrontada.
 Ele é um lírio florescente, uma maçã perfumada,
 e, como uma rosa fragrante, encanta o meu coração.*

Enquanto a dama se referia à rosa no seu canto,
eu julgava que ela tinha uma rosa entre os seus lábios,
pois pareciam verdadeiramente uma rosa recém-florida.
A música da cítara e a voz da jovem dama
produziam um som encantador que as montanhas ecoavam,
de forma que quem estivesse longe poderia ouvir a melodia.»

Ana COMNENA. «Alexíada», in *Annae Comnenae Porphyrogenitae Alexias*. Tradução inédita de Rui Carlos Fonseca. 1884. Lípsia: Teubneri. 3-5; 77-80; 99-102.

PROÉMIO

1. O tempo, no seu fluir constante e ininterrupto, arrasta e leva consigo todas as criações desde a sua origem e mergulha-as nas profundezas da escuridão onde tanto há acções não dignas de menção como acções importantes e dignas de memória, e assim, como diz a tragédia, traz para a luz o que está oculto e faz desaparecer o que é visível. Mas precisamente a ciência da história é a mais firme protecção contra o fluxo do tempo e interrompe, de algum modo, o seu curso ininterrupto e tudo o que acontece nele, de quanto se conseguiu apoderar, ela reúne, conserva e não permite que deslize para as profundezas do esquecimento. Reconhecendo isto, eu, Ana, filha dos imperadores Aleixo e Irene, nascida e criada na Púrpura, não ignorante das letras, mas tendo-me dedicado ao mais alto grau de estudo do Grego, não inexperienced na Retórica, leitora assídua das obras de Aristóteles e dos diálogos de Platão, tendo exercitado a mente nas ciências do *quadrivium* (mas é necessário deixar estes comentários de parte, pois não se trata de fazer aqui uma ostentação de quanto a minha natureza e o meu zelo pelo saber me deram, ou de quanto Deus me outorgou das alturas e o tempo contribuiu), pretendo contar nesta obra os feitos do meu pai, indignos de serem abandonados ao silêncio e de serem arrastados pelo fluxo do tempo como para um mar de esquecimento, tanto os feitos que executou detendo o ceptro do poder, como os que realizou antes de ter recebido o diadema, enquanto esteve ao serviço de outros imperadores.

2. Contarei esses feitos não para ostentar a minha habilidade na escrita, mas para que acontecimentos tão importantes não fiquem sem testemunhas nas futuras gerações, visto que também a mais grandiosa das acções, se acaso não é preservada por escrito e transmitida pela memória, acaba por se extinguir na escuridão do silêncio. A verdade é que o meu pai, como os próprios

factos demonstraram, soube comandar e obedecer, quando necessário, aos governantes. Mas agora que decidi narrar os acontecimentos da sua vida, receio as suspeitas e as insinuações, isto é, que alguém possa julgar que, ao narrar a história de meu pai, faço um panegírico de mim mesma, e que os factos históricos pareçam uma total falsidade e um encómio aberto, se vier a admirar alguma das suas acções. E se porventura ele próprio me obriga ou se o assunto me força a repreender algumas das suas acções, não por causa dele mas pela natureza dos próprios acontecimentos, receio também que aqueles que gostam de escarnecer possam citar-me o filho de Noé, Cam, todos eles lançando olhares de inveja sobre toda a gente, sem verem o que é correcto por causa da sua cobiça e da sua maldade, eles que censuram quem não é censurável, como diz Homero. Pois quando alguém assume o carácter de historiador, forçoso é que esqueça simpatias e ódios pessoais, que celebre muitas vezes os inimigos com grandiosos louvores, sempre que as acções assim o exijam, e que acuse muitas vezes os familiares mais próximos, sempre que os erros das suas condutas a isso obriguem. Por isso, o historiador não deve hesitar nem em repreender os amigos, nem em louvar os inimigos. Eu, a uns e a outros, aos que são atacados por nós e aos que nos aprovam, espero poder tranquilizá-los em virtude dos próprios acontecimentos e daqueles que presenciaram os factos, pois invoco como testemunhas tanto as pessoas como os acontecimentos. A verdade é que os pais e os avós de alguns dos homens que ainda hoje vivem assistiram a esses eventos.

LIVRO II

7. Estavam todos expectantes e ansiosos quanto ao que estava para acontecer, desejando verem proclamado imperador aquele que esperavam. A maioria rezava para que o poder fosse atribuído a Aleixo, mas os apoiantes de Isaac não descansavam, fazendo os possíveis para conseguirem os votos de todos. A situação era inconciliável, segundo parecia, pois uma parte desejava este, outra parte desejava aquele para ser o timoneiro do império. Estavam presentes nesse dia os familiares mais próximos de Aleixo: o já acima mencionado César João Ducas, não só bom conselheiro como também hábil a agir (que eu cheguei a ver uma vez por breves instantes); os seus netos Miguel e João; e ainda o marido da irmã deles, Jorge Paleólogo — eram estes que lá estavam, combinando esforços para persuadirem as opiniões de toda a gente na escolha que lhes era desejável, mexendo todos os cordelinhos, como se costuma dizer, usando habilmente todos os seus recursos para que

Aleixo fosse proclamado imperador. Por conseguinte, iam convertendo as opiniões da multidão naquilo que lhes interessava, e daí resultou que os partidários de Isaac começaram a diminuir. Pois onde quer que o César João estivesse, ninguém era capaz de se lhe opor: na verdade, ele era imbatível pela perspicácia do seu intelecto, pela sua estatura superior e pela aparência própria de um soberano. O que é que os Ducas não faziam? Que coisas não diziam? Que favores não prometiam aos chefes e ao corpo do exército, se Aleixo subisse ao trono imperial? Diziam: «Ele vos dará como recompensa magníficos presentes e honrarias, como convém a cada um, não de forma aleatória, conforme o fazem os ignorantes e os inexperientes dentre os chefes, porque há já um longo tempo que se comporta como vosso comandante militar e o grande doméstico do Ocidente. Ele partilha do vosso sal comum, lutando valorosamente ao vosso lado em emboscadas e em combates cerrados, sem poupar nem o corpo, nem os membros, nem a própria vida pela vossa salvação, tendo já por várias vezes atravessado montes e planícies convosco, conhecendo as amarguras da guerra. Conhece-vos muito bem a todos, tanto em conjunto como cada um individualmente, tem o deus Ares por amigo e, acima de tudo, anseia por guerreiros valorosos.» Era isto que diziam os Ducas. Aleixo, porém, tratava Isaac com grande respeito, dando-lhe precedência em todas as ocasiões, quer por causa dos laços afectivos de irmãos, quer, melhor ainda, é preciso dizê-lo, porque o exército inteiro convergia para o lado de Aleixo, defendia com veemência a sua ascensão ao trono imperial e não apoiava de modo algum o partido de Isaac. Tendo por isso o poder e a força e vendo que as circunstâncias favoreciam as suas esperanças, Aleixo encorajava o irmão, fingindo apoiar as suas pretensões ao trono, sem com isso correr qualquer risco insensato. Posto que o exército inteiro o faria ascender aos mais altos cargos, poderia adular o irmão com palavras e fingir que lhe cedia o poder.

Ora, passado algum tempo desse modo, um dia todos os soldados do exército se reuniram em volta da tenda, expectantes, cada um deles rezando para que os seus desejos fossem cumpridos. Isaac levantou-se e, pegando nas sandálias de cor púrpura, tentava calçá-las no irmão. Como este recusava reiteradamente, Isaac pediu: «Deixa-me fazê-lo. É através de ti que Deus pretende chamar a nossa família ao poder.» Relembrou-lhe também da profecia que outrora lhe havia feito um homem que lhes aparecera algures nas imediações de Carpiano, quando os dois irmãos regressavam a casa, vindos do palácio. Aí chegados, veio ao encontro deles um certo homem, talvez fosse um ser superior, ou melhor, para falar com verdade, o mais clarividente dos homens a prever o futuro. De aspecto, aquele que se aproxima-

va parecia um sacerdote: a cabeça descoberta, os cabelos grisalhos, a barba comprida. Agarrou-se à perna de Aleixo e, como ia a pé e Aleixo a cavalo, puxou-o para si e recitou-lhe ao ouvido este versículo do salmo de David: «Sê atento, faz prosperar e governa em nome da verdade, da brandura e da justiça.» E acrescentou «Imperador Aleixo». Depois que proferiu estas palavras como se tivesse feito uma profecia, desapareceu de vista. Aleixo não o conseguiu apanhar, embora o tivesse procurado por todo o lado a ver se o avistaria em algum sítio, e o tivesse perseguido a galope, a toda a brida, a ver se o alcançaria, para que pudesse saber com precisão quem era e donde vinha. No entanto, a aparição tinha desaparecido por completo. Quando regressou das buscas, o seu irmão Isaac perguntava-lhe insistentemente sobre a aparição do homem e pedia que revelasse o que lhe havia dito em segredo. Como Isaac o interrogava com insistência, Aleixo, num primeiro momento, parecia recusar, mas depois contou-lhe a misteriosa profecia. Agora que ele próprio falava abertamente sobre o caso ao irmão, interpretava o incidente como uma ilusão, afirmando tratar-se de uma fraude, mas meditando sobre o assunto no seu íntimo comparava a aparição do venerável homem de aspecto sacerdotal ao Teólogo, o Filho do Trovão. Desta forma, quando Isaac viu cumprir-se a profecia do ancião, as palavras que dissera agora convertidas em acções, pressionou-o de forma mais enérgica, forçando-o a calçar as sandálias de vermelho-púrpura, especialmente porque viu o desejo ardente de todo o exército por Aleixo. A partir de então, os Ducas começaram a aclamação, eles que apoiavam este homem por várias razões, em particular porque a sua parente Irene, minha mãe, era a legítima esposa do meu pai. Juntamente com eles, os parentes de sangue faziam o mesmo com igual entusiasmo. O resto do exército, aceitando também a aclamação, elevava as suas vozes quase até ao próprio céu. Assistiu-se então a um fenómeno extraordinário: os que antes expressavam opiniões diferentes, preferindo a morte ao fracasso da sua vontade, num só instante passaram a concordar uns com os outros em tão firme unanimidade, que não era de todo possível alguém imaginar que alguma vez tinha havido desacordo entre eles.

LIVRO III

3. A aparência física dos dois imperadores, Aleixo e Irene, era deveras impressionante e sem comparação. Um pintor que contemplasse este arquétipo de beleza não seria capaz de o representar, nem um escultor conseguiria esculpir a essência inanimada da pedra de forma tão harmoniosa, e até

o célebre cânone de Policlito pareceria totalmente desprovido de arte, se alguém olhasse primeiro para estes ornamentos da natureza — refiro-me aos dois recém-coroados imperadores — e depois para as obras-primas de Policlito.

Aleixo não era de uma estatura muito elevada, mas era largo de ombros e bem proporcionado. De pé, não causava tanta admiração a quem o observava, mas quando estava sentado no trono imperial, um brilho terrível emanava dos seus olhos; parecia uma tempestade fulgurante, tão irresistível o esplendor que irradiava do seu rosto e de toda a sua pessoa. As sobrancelhas pretas desenhavam um arco de cada lado; por baixo delas, os olhos lançavam um olhar ao mesmo tempo terrível e delicado, de tal modo que, do seu brilho acutilante, do esplendor do rosto, da majestade das faces, do rubor que as tingia, inspiravam medo e confiança. A largura considerável dos ombros, a robustez dos braços, a proeminência do peito — tudo características próprias de um herói — suscitavam nas pessoas total admiração e encanto. De facto, a figura deste homem irradiava beleza, graciosidade, força e uma majestade inalcançável. E se ele participasse de uma conversa e fizesse uso da sua língua, ficarias logo a conhecer a eloquência inflamada que residia nos seus lábios. Pois, com uma avassaladora capacidade de argumentação, prendia a atenção de todos os ouvintes e conquistava-lhes os corações; era inefável e invencível tanto com a língua como com a mão, uma para arremessar a lança, a outra para espalhar puros encantos.

Por outro lado, a imperatriz Irene, minha mãe, era naquela altura uma adolescente que ainda não tinha atingido os quinze anos de idade. Era filha de Andronico, o filho mais velho do César, e pertencia a uma ilustre linhagem, cujas origens ascendiam às famosas famílias dos Andronicos e dos Constantinos Ducas. Cresceu como uma planta viçosa, sempre verdejante, os membros e as partes do corpo harmoniosamente amplos e delgados, numa simetria perfeita. Era adorável de ver, adorável de ouvir, o seu aspecto e a sua voz causavam um prazer inesgotável para os olhos e os ouvidos. O próprio rosto refulgia com o brilho da lua; não era modelado num círculo perfeito como o rosto das mulheres da Assíria, nem tampouco se alongava como o das mulheres da Cítia, mas relaxava apenas um pouco da forma exacta de um círculo. Nas suas faces, estendia-se um prado florido, um jardim de rosas perceptível mesmo para quem a visse de longe. Os seus olhos azuis fitavam com um temível encanto, de modo que com o seu encanto e a sua beleza atraía para si própria as atenções dos que a admiravam, mas com o temor que inspiravam forçava-os a fecharem os olhos, por não saberem como a contemplar nem como desviar dela o olhar. Se alguma vez existiu uma deusa Atena, como

celebrada pelos poetas e pelos autores antigos, realmente não o sei, mas ouço as histórias que transmitem e divulgam o seu mito. No entanto, se alguém tivesse dito, nesses tempos de outrora, que esta imperatriz se assemelhava a Atena em forma humana ou que tinha descido do céu com toda a glória celeste e um esplendor inacessível, seguramente que não estaria muito longe da verdade. A sua qualidade mais admirável, que nenhuma outra mulher possuía, era que, com um único olhar, rebaixava os orgulhosos e enchia de coragem aqueles que haviam sido rebaixados pelo medo. Os seus lábios estavam fechados a maioria das vezes, e assim silenciosa parecia uma verdadeira estátua de beleza, um monumento vivo respirando graciosidade. As suas mãos, expostas até ao pulso, acompanhavam habitualmente a sua fala com gestos elegantes — poderias dizer que tinham sido esculpidas em marfim por um artífice na forma de dedos e de mãos. As pupilas dos seus olhos imitavam o mar sereno, brilhando com um azul de ondas profundas e tranquilas, enquanto o branco que as rodeia produzia um contraste refulgente, e assim conferia aos olhos uma graça incomparável e uma beleza indescritível. Este é o retrato físico de Irene e Aleixo.

DUCAS. «Capítulo XXXIX — *História*», in *Ducae Michaelis Ducae Nepotis Historia Byzantina*. Tradução inédita de Rui Carlos Fonseca. 1834. Bon: Weberi. 289-296.

Ora toda a gente, mulheres e homens, monges e monjas, corria para a grande igreja, maridos e mulheres carregando os seus filhos nos braços, tendo abandonado as suas casas para quem as quisesse ocupar. Podia ver-se essa avenida obstruída por uma multidão compacta. Mas por que razão todos se refugiavam na grande igreja? Desde os tempos antigos que se ouviam profecias de falsos profetas de como a cidade de Constantinopla seria capturada pelos turcos que entrariam por ela dentro à força e os romanos seriam massacrados por eles até à coluna de Constantino, *o Grande*. Depois disso, um anjo desceria do céu empunhando uma espada e entregaria o reino juntamente com essa espada a um homem desconhecido que nessa altura se acharia junto da coluna, um homem muito humilde e pobre, e o anjo lhe diria: «Toma esta espada e defende o povo do Senhor.» Então os turcos seriam postos em fuga, e os romanos iriam em sua perseguição, massacrando-os, e expulsando-os não só da cidade como também do Ocidente e das terras do Oriente até aos confins da Pérsia, para um lugar chamado Monodêndrio. Alguns, acreditando que estas profecias se iriam realizar, corriam para a grande igreja e aconselhavam outros a dirigirem-se também para lá. Esta era a ideia dos romanos, que há já muito tempo tinham em mente e que agora punham em prática, a ideia de que: «Se deixarmos a Coluna da Cruz atrás de nós, evitaremos a ira vaticinada.» Este era o motivo por que fugiam para a entrada da grande igreja. Assim, numa hora, o imenso espaço desse templo ficou repleto de homens e de mulheres, uma multidão incalculável aglomerava-se em baixo e em cima, nos pórticos e em todo o lado. Fechadas as portas, deixaram-se ficar ali na esperança de serem salvos pelo tal homem. Ó infelizes romanos! Ó miseráveis! O templo a que ainda ontem e antes de ontem chamáveis antro e altar de heréticos, nenhum dentre vós entrava lá dentro, para não ser contaminado por aqueles que lá celebravam a missa e saudavam a união da igreja, agora porém devido à ira iminente decidistes entrar como meio de salvação. Mas nem a justa ira que vos sobreveio se compadeceu dos vossos sentimentos pela paz. Até porque, numa tal situação de perigo, se um

anjo descesse do céu propondo-vos: «Se aceitardes a união e a paz da igreja, expulsarei os inimigos da cidade», decerto que nem assim teríeis concordado. E mesmo se tivésseis concordado, essa concordância seria mentira. Sabe-se que há poucos dias diziam: «É melhor cair nas mãos dos turcos do que nas mãos dos francos.»

Então os turcos, saqueando, matando e fazendo prisioneiros, chegaram à igreja ainda não era decorrida a primeira hora do dia, e tendo encontrado as portas fechadas não demoraram a deitá-las abaixo com os machados. Entraram lá dentro armados de espadas e, vendo a multidão imensa que lá havia, cada um se pôs a capturar o seu próprio prisioneiro, pois não havia lá quem se opusesse ou quem não se entregasse como uma ovelha. Quem será capaz de descrever a desgraça que lá se passou? Os prantos e os gritos das crianças, as lágrimas e os pedidos de socorro das mães, os lamentos dos pais, quem poderá descrever? Os turcos em geral escolhiam mulheres mais delicadas: um assenhoreava-se de uma rapariga bela dentre as monjas, que outro logo a seguir raptava e prendia. Assim eram os raptos e as altercações: os cabelos violentamente puxados, o peito e os seios a descoberto, os braços estendidos. Ora a serva era aprisionada juntamente com a senhora, o senhor com o escravo, o arquiandrita com o porteiro, os rapazes novos com as virgens, virgens que o sol jamais tinha visto, virgens que até o progenitor muito dificilmente tinha contemplado — eram arrastadas, empurradas à força em sentido contrário e espancadas. Pois o captor queria levar uma rapariga para um local onde a pudesse guardar em segurança e aonde pudesse voltar e assim fazer uma segunda prisioneira e uma terceira. Os captores usavam de violência, eram os vingadores de Deus. E numa hora era possível ver todos presos e atados, os homens com cordas, as mulheres com as próprias mortalhas. Também era possível ver fileiras a saírem numerosas da igreja e dos santuários da igreja, como gado e rebanhos de ovelhas, chorando, lamentando-se, sem que ninguém lhes mostrasse misericórdia. E quanto à própria igreja? Que hei-de dizer ou que palavra proferir? A língua colou-se-me à laringe. Não sou capaz de expulsar o ar da minha boca, uma vez que tenho um cutelo atravessado na garganta. Imediatamente, esses cães destruíram os ícones sagrados, depois de lhes terem tirado os adornos, as correntes, os candelabros, os revestimentos do altar sagrado, os castiçais portadores de luz; alguns destes tesouros eram destruídos, outros eram saqueados. Os objectos sumptuosos e sagrados da sacristia, feitos em ouro, em prata e noutros materiais preciosos, reuniram-nos a todos num instante, deixando assim a igreja deserta e despida, nada deixando por levar.

Então se cumpriram na nova Sião as palavras de Deus ditas por intermédio do profeta Amós: «Isto diz o Senhor Deus Pantocrator: ‘Punirei

os altares de Betel, e os chifres do altar serão partidos e cairão por terra. E esmagarei e devastarei a casa de Inverno sobre a casa de Verão, as casas de marfim serão destruídas, e muitas outras casas desaparecerão’, diz o Senhor. ‘As vossas festas repugnam-me, e não mais sentirei o odor dos sacrifícios nas vossas festividades. Porque se me trazeis as vossas vítimas e oferendas sacrificiais, não as aceitarei. Afasta de mim o som dos teus cânticos, não escutarei o salmo dos teus instrumentos.’ E disse-me o Senhor: ‘O fim chega sobre o meu povo de Israel. Não mais me apresentarei diante dele. E nesse dia, os tectos adornados do templo ressoarão de gritos’, diz o Senhor. ‘Escutai isto, vós que espeziniais os pobres de manhã e oprimis os mendigos sobre a terra, vós que dizeis: Quando é que o mês chegará ao fim, para fazermos negócio? e: Quando é que chegará o sábado, para abirmos os tesouros, diminuirmos a medida, aumentarmos o peso e tornarmos desonesto o braço da balança, para assim comprarmos os pobres com prata e os necessitados em troca de sandálias? ‘Nesse dia’, diz o Senhor, ‘o sol se porá ao meio-dia, e a terra ficará coberta de trevas em plena luz do dia. E transformarei as vossas festas em cerimónias de luto e todos os vossos cânticos em lamentos.’» Acontece que, naquele terrível dia da destruição da cidade, se celebrava e se comemorava o dia da Santa Mártir Teodósia. Na verdade, realizava-se uma festa em que participava todo o povo. Desde o entardecer, havia uma grande multidão de homens e de mulheres que fizeram vigília ao túmulo da santa durante toda a noite. Ao nascer do dia, logo pela aurora, muitas das mulheres iam com os seus maridos em procissão, levando velas e incensos, muito bem arranjadas e cheias de adornos, quando subitamente caíram nas redes dos turcos. Pois como podiam adivinhar a ira repentina na imensa largura da cidade? Só aqueles que a conhecem estão cientes da sua imponência.

Esta ameaça, a que acabámos de nos referir, começou com um incêndio, as chamas a deflagrarem da porta de Carso e da porta de São Romão e das partes do palácio. Mas a resistência dos navios e do porto não entregava a terra aos turcos nem permitia que colocassem as escadas sobre os muros da cidade. Os romanos mostravam-se superiores aos turcos, lançando-lhes com pedras e flechas até à terceira hora do dia, no momento em que apareceram e chegaram alguns dos que saqueavam desde cedo no interior da cidade, e estes, vendo que os romanos lhes davam luta no exterior, soltaram um grito bem forte e correram sobre os muros. Quando viram os turcos no interior da cidade, os romanos soltaram um grito de dor, «Ai de nós!», e tombaram dos muros, visto já não terem nem força nem vigor. Então, os que estavam nos navios invasores, ao avistarem os turcos no interior, julgaram que a cidade havia sido tomada, pelo que colocaram as escadas o mais rápido possível

para subir, saltaram os muros e deitaram as portas abaixo, e foi assim que todos eles entraram pela cidade adentro. Ora, quando o Grande Dux viu os turcos chegarem ao local onde ele próprio se achava (fazia a vigília ao portão imperial), retirou-se para a sua casa com um pequeno contingente. Na verdade, todos os romanos estavam dispersos: uns eram feitos prisioneiros antes de chegarem a casa; outros conseguiam chegar às suas casas encontrando-as porém desertas dos filhos e da mulher e dos seus bens, e antes mesmo de poderem chorar e de se lamentar eram presos com as mãos atadas atrás das costas; outros ainda chegavam às suas casas onde encontravam a mulher e os filhos já a serem levados, eram então atados e amarrados com os seus filhos queridos e com a mulher. Quanto aos mais velhos que se achavam em casa, incapazes de sair dos seus domicílios, ou por causa da doença ou por causa da velhice, eram todos, velhos e velhas, mortos sem piedade. Os bebês recém-nascidos eram atirados para o meio da rua. O Grande Dux, por sua vez, encontrou as suas filhas, os filhos e a mulher (que estava doente) encerrados na torre, impedindo a entrada dos turcos. Também ele foi capturado com aqueles que o acompanhavam. É que o tirano tinha enviado alguns soldados para o vigiarem, a ele e à sua casa. Aos turcos que se tinham apossado da casa dele e a sitiavam, deu-lhes dinheiro bastante, de modo a parecer que os libertaria mediante juramento. E assim o Grande Dux estava protegido com toda a sua família. Todos os turcos entraram na cidade, assim como os próprios apascentadores de mulas e os cozinheiros todos, carregando o saque que conseguissem transportar.

João Constantino, de quem já dissemos ter partido para o navio para tratar do golpe que lhe fora infligido, achava-se então no porto. Alguns dos seus soldados, conseguindo escapar, correram para lhe contar que os turcos tinham entrado na cidade e que o imperador estava morto. Ao ouvir esta mui terrível e cruel notícia, ordenou aos arautos que tocassem as trompetas para assim convocar os seus escudeiros e tripulantes. E os outros navios preparavam-se de modo semelhante. É que a maior parte dos navios tinha perdido os seus capitães, que haviam sido aprisionados. No porto marítimo, o espectáculo era lastimável de ver: homens e mulheres, monges e monjas lamentavam-se miseravelmente, aos gritos, batiam no peito e suplicavam aos dos navios que os acolhessem. Mas não era possível. Pois havia sido decretado outrora que beberiam a taça cheia da ira do Senhor. Mesmo se os navios quisessem, não teriam sido capazes. É que, se os navios do tirano não estivessem ocupados na pilhagem e na devastação da cidade, nem um único dentre os romanos teria conseguido escapar. Mas como tinham abandonado os seus navios, todos os turcos se achavam dentro da cidade, e assim os

latinos, aproveitando a oportunidade, saíram do porto. Então o tirano rangia os dentes, mas não era capaz de fazer nada, pelo que se resignou a contragosto.

Tendo testemunhado esta desgraça insanável, os habitantes de Gálata corriam à praia com as mulheres e os filhos perscrutando em volta onde poderiam encontrar botes ou batéis, para irem até aos navios e subirem a bordo, abandonando assim tanto as suas casas como os seus pertences. Muitos deles, porém, por causa do tumulto, deixaram cair os seus tesouros no fundo do mar e sofreram ainda outros danos terríveis.

Agátias ESCOLÁSTICO. «V, 261», in *Anthologie Grecque, Première Partie. Anthologie Palatine, Tome II (Livre V)*. Tradução inédita de Rui Carlos Fonseca. 1928. Paris: Société d'Édition «Les Belles Lettres». 115.

Não sou apreciador de vinho, mas se me quiseres embriagar,
prova-o primeiro antes de mo trazeres, e eu aceito-o.
Pois, se lhe tocares com os lábios, manter-me sóbrio já não
será fácil, nem escapar à doce portadora do vinho:
é que o teu beijo, a taça de vinho o transporta até mim
e dá-me a conhecer a alegria que recebeu de ti.

Nicetas EUGENIANO. «Livro IV — Drosila e Cáricles», in *Il Romanzo Bizantino del XII Secolo: Teodoro Prodromo — Niceta Eugeniano — Eustazio Macrembolita — Constantino Manasse*. Tradução inédita de Rui Carlos Fonseca. 1994. Turim: Unione Tipografico-Editrice Torinese. vv. 1-70.

«Viajávamos então no navio
sobre o caminho onduloso do mar sereno
até à noite do quarto dia,
quando o rumor dos remos de uma frota de piratas
nos chegou enquanto navegávamos e feriu
não apenas a audição, mas também o ânimo
dos que íamos dentro do navio de que falei.
Assim, como a noite escurecia por toda a parte
e o gigante portador de luz descia para debaixo da terra,
não conseguíamos distingui-los claramente,
mas eles, navegando numa embarcação mais veloz,
estendendo não só as mãos mas também os pés,
para que as trirremes avançassem mais rapidamente,
manobravam os remos com todo o vigor,
todos juntos batendo o dorso do mar
com braços despidos e robustos para uma boa navegação,
e enquanto se aproximavam do nosso navio
desembainharam as suas espadas.
Ora os nossos homens, como excelentes marinheiros que eram,
embora contra tais adversários, ousados e munidos de espadas,
formassem um grupo pouco numeroso,
seguraram corajosamente os seus escudos
e lutaram com os piratas armados numa batalha naval:
matavam e eram mortos, sem recearem
a desproporção de tão numeroso bando de piratas;
tingiam de púrpura a água do mar
e conseguiram resistir com sucesso até de noite.
Mas por fim, obrigados a fazerem recuar o navio,
uma vez que muitos deles tinham morrido na luta,
desembarcaram em terra completamente exaustos.
Abandonada a embarcação com toda a carga a bordo,

privado assim o navio do seu capitão,
fugiram para as ravinas, para o meio das montanhas. Com a fuga, procuravam um meio de se salvarem.

Também eu, saído ferido da batalha,
os seguia na companhia da donzela Drosila.
Eu instigava, segurava e puxava a jovem,
conduzia-a pela mão por lugares escarpados,
até que encontrando uma densa floresta
ficámos escondidos entre a sombra dos ramos.

Ao amanhecer do dia seguinte,
olhando do cimo da montanha, vimos lá em baixo
um incêndio que ia deflagrando alto.
Presumimos que tinham deitado fogo ao nosso navio:
foram aqueles salteadores, regozijantes da pilhagem,
depois de o terem arrastado e esvaziado de toda a carga.
Sem quaisquer recursos, era dum lado para o outro
que estendíamos os nossos olhos portadores de luz
e vimos imediatamente uma altura bem fortificada,
de forma vaga e indistinta, pois estava muito longe de nós.

Ambos nos apressámos para a cidade
aonde chegámos já muito tarde e com dificuldade,
andando desde a primeira luz do dia até à noite.
Entrámos juntos na cidade, depois de termos fugido
à crueldade dos piratas no mar,
ainda que, tanto Cáricles como Cleandro, a cidade
estivesse destinada a entregar-nos, aos dois, nas mãos dos partos,
e a mim, que escapara aos perigos dos mares,
ela estivesse para lançar noutras inevitáveis penas
juntamente com, ó deuses!, a minha mui amada Drosila.
De facto, quando um dia os habitantes saíram da cidade,
também nós saímos com eles, porque se realizava
a ilustre festa do nascimento de Zeus.

Foi então que a tribo dos partos, assaz cruel,
surgiu não sei de onde; captura-nos
e, levando-nos para a sua terra pátria,
traz-nos para a prisão em que agora estamos.»

Ocupados com estes longos relatos,
os dois rapazes sofriam um pelo outro,
Cleandro e Cáricles em conjunto, os dois estrangeiros.

Eustácio MACREMBÓLITES. «Livro XI — Hismine e Hismínias», in *Il Romanzo Bizantino del XII Secolo: Teodoro Prodromo — Niceta Eugenio — Eustazio Macrembolita — Constantino Manasse*. Tradução inédita de Rui Carlos Fonseca. 1994. Turim: Unione Tipografico-Editrice Torinese. 670-680.

[1.1] No dia seguinte, novamente juntos no altar, com coroas de louro sobre as nossas cabeças, festejávamos a nossa liberdade, cantávamos odes de vitória, entoávamos cânticos de salvação, sacrificando hecatombes inteiras a Apolo. [1.2] A multidão numerosa que se aglomerava em volta do altar tinha os olhos postos em nós e apontava os dedos na nossa direcção. É que a nossa história, as aventuras que nós, Hismine e Hismínias, tínhamos vivido, andava na boca de todos, e Apolo era louvado pelo apoio que nos prestara.

[2.1] De novo chega a hora da refeição, o sacerdote prepara-nos outra vez um esplêndido banquete e de novo nos oferece um acolhimento de luxo. Quando a refeição chegou ao fim, o sacerdote que havia preparado o repasto procura inteirar-se novamente da nossa história, questionando-nos com muita insistência. [2.2] Por isso, embora com pudor, embora hesitante, receoso e a contragosto, decidi-me todavia a contar a história. Faltava-me a voz, tinha a língua presa, e assim começo com uma voz fraca.

[3.1] «Este é o meu pai Temisteu, e a minha mãe é Dianteia, a quem tu ofereces hospitalidade com todas as honrarias; a minha pátria é a cidade de Euricomis, onde fica o altar de Zeus Xenios e se realizam as Diásias. Designado por sorteio a desempenhar as funções de arauto, não para uma cidade qualquer, mas para Aulicomis, fui coroado de louro. [3.2] Cheguei com toda a pompa à cidade que me calhara em sorte, porque era o arauto de Zeus e das Diásias. Foi-me oferecida hospitalidade por este homem, Sóstenes, em casa dele fui recebido de modo sumptuoso e tratado com toda a estima. [3.3] Ora ele fez-me entrar no jardim: ao centro estava a mesa posta para mim, e perto do relvado tinha sido preparado o meu leito. Sóstenes ordenou à sua filha, Hismine, que servisse o vinho, e ela serviu o vinho, obedecendo a seu pai.

[4.1] Terminado o banquete, Hismine lavou-me os pés, os meus castos pés com as suas castas mãos. Deixei-me cair sobre a cama, na minha castidade,

abandonando-me ao sono de livre vontade. [4.2] Levantei-me na manhã seguinte, fui para o jardim, onde admirei as fileiras de flores e de outras belezas, e foi para o mural à volta do jardim que dirigi o olhar e, depois de apreciar algumas pinturas, pus-me a contemplar a pintura de um trono dourado: havia um jovem nu sentado no trono, armado, tinha uma tocha na mão, asas em ambos os pés e um rosto adorável. [4.3] Em deferência servil perante esse jovem estavam imperadores, dinastas e tiranos, animais selvagens e reis dentre os animais selvagens, toda a espécie de aves, toda a espécie de criaturas marinhas, e duas mulheres espantosas, de estatura acima do habitual, tinham rugas, eram velhas e decrepitas. [4.4] Uma era totalmente branca — o rosto, o cabelo, a túnica, as mãos, os pés e o resto do corpo; a outra era totalmente preta — o aspecto, as mãos, da cabeça aos pés, até às pontas das unhas. [4.5] Fiquei perturbado com as coisas que via e deduzi que essa pintura extraordinária fosse obra do engenho e da arte de um pintor. Mas por cima da cabeça do jovem havia versos iâmbicos, nos quais se lia que o rapaz aí representado, sentado no trono a governar todos com poder régio, era Eros. [4.6] Eu não só injuriei a pintura, como também, sendo casto, menosprezei a própria figura de Eros.

[5.1] Ele, porém, apareceu-me à noite enquanto eu dormia e repreendeu-me por aquilo que tinha feito durante o dia, e por fim infundiu-se-me na alma e inscreveu-me entre os seus escravos. Assim, de arauto, de virgem que eu era, me transformou completamente num rapaz enamorado. [5.2] E depois que me colocou Hismine aqui, nesta minha mão direita, evolou-se-me dos meus olhos, levando consigo o sono, a minha castidade e o meu caduceu de arauto. [5.3] Portanto, eu, o arauto, era agora um rapaz enamorado, eu, casto, tinha perdido a minha castidade. Profanando completamente Hismine com os meus olhos, a língua e os gestos, transformei-a também em Eros. [5.4] Desse modo, de Aulicomis regressei a Euricomis, totalmente subjogado ao amor por Hismine. Mas nem mesmo ela pôde escapar ao fogo, às asas e às setas de Eros, nem à minha língua a quem os Amores ensinaram a arte da persuasão.

[6.1] Amava então Hismine (se o meu amor era correspondido, ela o dirá), e fizemos promessas um ao outro de nos casarmos, uma união, aliás, que eu desejava concretizar às ocultas (verdade seja dita), mas a rapariga não mo consentiu. [6.2] Sóstenes aqui presente, pai desta jovem, anunciou à mesa, a meio de um sumptuoso banquete, um outro casamento para a sua filha, do qual procurámos fugir. Cratístenes ajudou-nos na fuga, e tendo subido

a bordo de uma nau partimos da minha Euricomis. Por sorte, soprava um vento favorável, e foi com muita alegria que fugimos.

[7.1] Mas Posídon agitou o mar, levantou ondas iguais a montanhas, bateu-se por afundar a nau, até que o timoneiro decretou que fosse sacrificada uma vítima. Fizemos um sorteio, e a sorte caiu em Hismine. Assim, ela foi lançada ao mar e de imediato trouxe a bonança ao mar. [7.2] Em seguida, vi-a de regresso à vida, não sei dizer como, juro por aquela terrível tempestade, por Posídon e a amarga servidão, por Apolo e a doce liberdade! [7.3] Eu perturbava toda a nau com os meus lamentos e inundava-a com as minhas lágrimas, tanto que o timoneiro e a tripulação inteira já não suportavam a situação. Por isso, aportaram numa praia e expulsaram-me da nau. E eu, naquela areia como num sepulcro, derramava libações de lágrimas pela rapariga.

[8.1] De súbito apareceu uma trirreme, repleta de bárbaros, homens selvagens que me atacaram cruelmente como feras, me arrastaram à bruta pelos cabelos, me levaram para a trirreme e me atiraram para os bancos dos remos. [8.2] Após uma refeição bárbara, partiram de lá, tomaram uma cidade de assalto, saquearam-na e encheram a embarcação com os despojos. [8.3] Aos rapazes mais novos, atiraram-nos para os bancos dos remos, mas aos homens mais velhos, de idade avançada, puseram-nos ao serviço das adagas e lançaram-nos depois ao mar (pois não era pequena a quantidade de homens que a mão dos bárbaros havia capturado da cidade). Quanto às mulheres, violaram-nas sem qualquer pudor ou regra; às virgens, porém, não lhes tocaram nem foram violentos com elas.

[9.1] E foi desse modo que viemos para Articomis. Os bárbaros fizeram negócios ilícitos com os cidadãos de Articomis, e assim, com excepção da mercadoria humana, todo o saque foi levado. Na verdade, as virgens que se encontravam entre nós foram vendidas a muito bom preço, não sem antes terem passado o teste na fonte de Ártemis. Mas nós, rapazes novos e mulheres, não tínhamos qualquer valor para os de Articomis. [9.2] A trirreme recebia-nos mais uma vez a bordo, e, desatadas as amarras que a prendiam, deixámos aquele porto e dirigimo-nos para um outro, onde os bárbaros, fundeando bem a trirreme com cabos, desembarcaram em terras do continente e levaram consigo as mulheres. [9.3] Ora, após um magnífico repasto de comidas e bebidas, que a trirreme tinha trazido de Articomis em abundância, os bárbaros violentaram brutalmente as mulheres e abandonaram-se ao sono, extasiados de vinho e de luxúria. [9.4] A meio do sono e dos

amores, ou melhor, do seu comportamento licencioso, apareceu o exército de Dafnepolis: atacou os bárbaros enquanto dormiam, agrupou-os, matou-os, apoderou-se dos despojos e levou-nos também como saque. [9.5] Então o exército celebrou um triunfo no centro da cidade em sua honra e nossa, e por fim, obedecendo ao oráculo, fez de nós escravos e distribuiu-nos por sorteio. E assim me via outra vez inscrito no lote dos escravos, e o jugo da escravidão me chamava para esta cidade de Dafnepolis.

[10.1] Mas eis que é chegado o momento presente, o momento da festa de Apolo e a esplêndida celebração da festa e das festividades do povo. Sortearam-se aqueles que iriam desempenhar as funções de arauto, e o meu senhor, que ontem me despedaçou a coroa da liberdade, foi enviado para Articomis como arauto. [10.2] Ele foi para a cidade que lhe calhara em sorteio, e eu segui o meu senhor na minha condição de escravo. Fomos recebidos com amizade por Sótrato, o pai de Ródope, ele que ontem tirou a coroa de Hismine. [10.3] Foi então que vi Hismine como escrava de Ródope. Fingi ser seu irmão, ela, por sua vez, desempenhou na perfeição o papel de minha irmã, e beijámo-nos à vista de Ródope. Se Ródope me amava e se tinha Hismine, minha irmã e sua escrava, a ajudá-la na sua paixão, Hismine que o diga. [10.4] Do que se passou no altar, tu sabes melhor do que nós e com mais exactidão: as lágrimas das nossas mães, as palavras compassivas dos nossos pais a nosso favor, o oráculo, a descoberta dos filhos, a coroa da liberdade, a coroação, a descoroação, aquela tua voz abençoada, a nossa coroa da liberdade, e tudo o resto que aconteceu neste grande altar da liberdade.»

[11.1] Quando terminei o meu relato, o sacerdote disse «Obrigado» e dirige os olhos para Hismine, pedindo-lhe: «Donzela Hismine, fiquei a conhecer da boca deste teu noivo as aventuras por que passou. Agora completa tu esta meia-lua, para que a história possa ficar completamente iluminada para mim.» [11.2] Ela responde-lhe: «Poupa a minha língua, por Apolo Salvador! Pois o pudor constrange a minha língua virginal, nem eu seria assim tão atrevida, a ponto de não temer o meu pai e de desprezar a minha mãe. O silêncio e a fala comedida são o ornamento das donzelas.»

[12.1] Foi isto que a rapariga lhe respondeu com recato, mas o sacerdote sempre bondoso diz-lhe: «Filha inocente, Apolo agracia-te com a liberdade e dá-te este belo rapaz Hismínias como marido. [12.2] Então não oferecerás tu a Apolo uma das tuas aventuras, para que a história possa ficar eternizada e não se desvaneça o prodígio que o poderoso Apolo realizou para vocês

de forma tão extraordinária com o seu oráculo?» [12.3] Mas ela permanecia em silêncio e apenas chorava. Então Sóstenes, olhando fixamente para ela, dirigindo-lhe um olhar severo, diz: «Não é o silêncio da língua que define a castidade, mas o decoro das acções e a decência de carácter. [12.4] Tu não tinhas pudor quando te comportavas de forma desonrosa, mas agora tens vergonha de o dizer. Eu peço, Apolo, com toda a minha devoção, que ela tenha mais vergonha em agir do que em falar.» A estas acusações, pelos deuses!, fiquei vermelho de raiva e pouco faltou para tapar os ouvidos — eu era um outro Proteu, mudando em mil cores, extremamente irritado com o sarcasmo do seu pai. [12.5] O sacerdote dirigiu-se-lhe: «Pára com isso, Sóstenes. Não faças com que a rapariga se retire. A vergonha é filha da reprovação, não é o comportamento que a gera.» E pede à jovem: «Não hesites e conta-me.»

[13.1] Ela, inundada de copiosas lágrimas e suores, numa língua vacilante, a voz cortada por soluços, os olhos fixos no chão, consegue dizer: «Tudo o que se passou até à nau, ao mar e à tempestade já foi contado por este homem. [13.2] Quando fui lançada ao mar, um golfinho levou-me no seu dorso, enquanto saltava por entre as ondas e nadava com muita ligeireza. Eu segurava-me ao dorso do animal, nua como estava, atordoada pelas ondas e com vertigens do mar, e tinha a alma dilacerada com medo do animal. [13.3] Esse animal foi a minha salvação, porém julgava que o meu ajudante era meu inimigo. Estava aterrorizada com o meu salvador, amava o meu inimigo e era como um salvador que o abraçava. [13.4] Uma vez que o meu salvador era um animal selvagem, procurava fugir-lhe, mas não me fiava nas ondas, e achava-me por isso oprimida pelos meus pensamentos, pelas ondas e pela criatura selvagem.

[14.1] Quando já estava para exalar a minha alma entre as ondas, apareceu diante de mim um jovem nu (também ele montado num golfinho), estendeu-me a mão e, agarrando-me, levou-me para terra firme; depois, batendo as asas dos pés (pois os seus pés eram providos de asas), voou para longe dos meus olhos. [14.2] E eu, sentada à beira-mar junto da rebentação das ondas, soluçava entre lágrimas: ‘Ó mãe! Ó mãe!’ Ora, após alguns dias, não sei dizer exactamente quantos foram, avistei uma nau a passar — estendi-lhe as mãos com gestos de súplica e gritei por socorro. [14.3] Os marinheiros trouxeram a nau até à costa, resgataram-me da praia e fizeram-me entrar na nau. Mostraram-se compassivos para comigo, deram-me uma túnica rasgada, feita em pedaços, e ofereceram-me comida com toda a simpatia, inteiramente condoídos do meu infortúnio.

[15.1] Então, navegando toda a noite com um vento favorável, a terra ainda um pouco à vista, prosseguíamos viagem sem grande violência. Ao nascer do sol, a ondulação encrespou-se, o vento intensificou-se e o mastro ruiu. [15.2] O timoneiro procurava chegar a terra para fugir à tempestade, mas, sem se aperceber, para fugir ao fumo correu para o fogo, pois no mesmo momento que atracou a nau em terra deixou-nos à mercê de homens selvagens. [15.3] Na verdade, havia uma trirreme no porto e um grupo numeroso de homens na praia, de olhos ferozes, aspecto enegrecido, mãos assassinas, mais pareciam animais selvagens do que homens. Capturaram-nos a todos, mataram os homens sem piedade e regozijaram-se com a sua presa. [15.4] Quanto a mim, não sei como, atiraram-me para o fundo do navio, prendendo-me com travas de madeira nos pés. [15.5] No final daquele dia, içaram a vela, dando o navio ao vento, e durante toda a noite fomos transportados com tranquilidade por um vento sereno:

e quando o sol brilhante despontou,
avistámos terra e uma cidade em terra.

[16.1] Tendo então desembarcado da trirreme, os piratas fizeram negócio com os cidadãos: descarregaram a mercadoria do navio e também a mim fizeram sair; levaram-me para uma fonte, coroaram-me de louro e a seguir lançaram-me dentro de água. [16.2] Uma hora depois, retiraram-me de lá e registaram-me como escrava de Ródope, com quem cheguei até este grande altar da liberdade. Ela tornou-se minha senhora por causa do mar, do destino e da escravidão imposta pelos bárbaros.»

[17.1] Enquanto a minha Hismine concluía a sua parte da história, o banquete chegava entretanto ao fim, e deixando a mesa sumptuosa fizemos logo as libações para dormir.

(4)
PÉRSIA

ATTÂR. [abre-se o vale do amor], in *Irão — Viagem ao País das Rosas*.
Tradução de Adalberto Alves. 2016. Lisboa: Althum. 105.

abre-se o vale do amor
 inflamando quem ousa penetrar.
neste vale tudo é chama:
 dele se frui com o fogo do ser.

o amor é semelhante à flama:
 ardente, rebelde e calorosa.
ele não é jamais prudente,
 capaz de incendiar o cosmos pela amada.

não pode nunca cair na dúvida ou na incerteza
 nem sequer julgar-se fiel ou infiel.
no amor, entre bem e mal, não existe separação,
 nada há que não seja a amada.

a razão não pode com a loucura do amor
 e o amor não conhece a razão.
pudesses tu o mundo invisível ver
 e nele verias a fonte do amor...

FERDOWSI. «Rostam contra Sohrab», in *Irão — Viagem ao País das Rosas*.
Tradução de Adalberto Alves. 2016. Lisboa: Althum. 107.

Rostam, enquanto ouvia o tumulto que crescia
imune ao temor humano, em seu coração,
disse: «que é isto? tal sensação é de aturdir
tal batalha só pode dever-se a Ahriman:
deve ter começado o Dia do Juízo.»

rápido armou-se, montando o veloz corcel:
era a ira reclamando velocidade.
avança a juventude de coração galante
querendo testar do adversário a força.
e, em combate singular, decide-se a lutar...

HÂFIZ. [tu tens o esplendor que é o da manhã], in *Irão — Viagem ao País das Rosas*. Tradução de Adalberto Alves. 2016. Lisboa: Althum. 97.

tu tens o esplendor que é o da manhã
e eu, candeia, dou luz na solidão da alva.
quero somente um sorriso teu
e por ele trocarei a minha vida.

p'la amada, trago no coração o luto da sua
revolta cabeleira.
se morrer, a tumba terá, por causa dela,
um manto de violetas.

esperando apaziguar o meu desejo,
p'ra ti me volto:
para que me olhes, mas de mim te apartas.

louvado seja Allâh que me inundou de
vagas de tristeza,
pois, na minha solidão, lembram-me teu
rosto sem cessar.

escravo sou da escuridão dessas pupilas
e, quando o coração te abro, brotam mil
lágrimas.

tu, meu ídolo, mostras-te a todos os olhares
profanos,
mas só eu contemplo tuas graças, invisíveis
para os outros.

ó bem amada, se passares, qual vento sobre
a minha tumba,
eu, Hâfiz, de alegria, nela hei-de rasgar
minha mortalha.

JAMI. [como é doce a brisa no sopro da manhã], in *Irão — Viagem ao País das Rosas*. Tradução de Adalberto Alves. 2016. Lisboa: Althum. 95.

como é doce a brisa no sopro da manhã!
 gratas novas me traz da alegria;
novas de que a rosa há-de vir, em breve,
 e, com ela, o melodioso pássaro da noite.
em breve, mil almas apartadas
 virão cativas através do céu
pois os laços que há em cada coração
 devem despertar ardentes flamas.
depois, p'la minha ondulante veste requintada
 passou e beijou a fragrante bainha.
a seguir ela trouxe odor ao véu do botão de rosa
 e ao branco manto do jasmim.
penosa é a ausência, e essa pena
 aos rivais muitas vezes é devida.
negro destino! da dor tenho o quinhão
 mas onde está o meu raio de luz?

Omar KHAYYÂM. [sabes lá o que o futuro te vai dar], in *Irão — Viagem ao País das Rosas*. Tradução de Adalberto Alves. 2016. Lisboa: Althum. 101.

sabes lá o que o futuro te vai dar
sê, por isso, hoje feliz até mais não!
pega no copo, bebe, e senta-te ao luar,
amanhã, talvez a lua te procure em vão.

NIZÂMÎ. [diz-me, de onde vens?], in *Irão — Viagem ao País das Rosas*.
Tradução de Adalberto Alves. 2016. Lisboa: Althum. 93.

diz-me, de onde vens?
venho do país do amor.

e que fazem no país do amor?
compra-se o tormento, vende-se a alma.

vender a própria alma é coisa infame!
nada é infame para um enamorado.

teu coração está a tal ponto apaixonado?
tu falas do coração, eu falo da alma.

quando se libertará teu coração?
quando sob a terra dormir sem ela.

vê, o amor deixou-te em triste estado!
que estado seria preferível ao amor?

não lhe dê a alma, dá-lhe somente o coração!
sem a minha bela, alma e coração seriam inimigos...

RUDAKI. [breve ou longa, que me importa a vida], in *Irão — Viagem ao País das Rosas*. Tradução de Adalberto Alves. 2016. Lisboa: Althum. 91.

breve ou longa, que me importa a vida!
não temos de morrer um dia?

por muito que se puxe e estenda o fio
não chegará um dia ao seu limite?

quer vivas infeliz e na miséria
ou mesmo seguro e afortunado,

tudo se equivale no dia de morrermos.
Quer a sorte nada te tenha oferecido

quer, deste mundo, mil terras te haja dado,
tanto faz, no dia em que morrermos.

Fortuna e infortúnio: apenas sonho!
e o sonho só vale como sonho,

não há diferença no dia de morrermos.

RÛMI. [Copeiro], in *Irão — Viagem ao País das Rosas*. Tradução de Adalberto Alves. 2016. Lisboa: Althum. 105.

Copeiro,
deixa-te de conselhos, faz girar a taça
e verte em nossa alma o vinho que anima;

Copeiro,
fiel dos amantes, põe-me na mão essa taça de vida,
venha esse vinho que ocultar devemos dos profanos;

Dá pão a quem carece de pão, ó Copeiro,
e adormece num recanto o amoroso faminto;

Ó vida da minha vida! não mendigamos pão.
nesta celebração não sejas um pedinte, ó Copeiro;

Copeiro,
toma esta taça e dá de beber ao nosso Mestre.
quando ele ficar ébrio passa-a depois aos demais ébrios;

Copeiro,
mostra coragem na espera, esquece o pudor na embriaguez
e se és pudico, afoga a tua timidez no êxtase;

Vem, pois, ó Copeiro, inimigo do pudor e da reserva!
e, de sorriso nos lábios, vem alegrar nosso destino.

SA'ADI. [somos filhos da humana condição], in *Irão — Viagem ao País das Rosas*. Tradução de Adalberto Alves. 2016. Lisboa: Althum. 99.

somos filhos da humana condição
essa é a base da própria Criação:
um sofre todos sofrem dano.
se és indiferente, como é que és humano?

SANÁ'I. [esse coração, livre de dor e de pesar], in *Irão — Viagem ao País das Rosas*. Tradução de Adalberto Alves. 2016. Lisboa: Althum. 109.

esse coração, livre de dor e de pesar,
nenhum sinal do amor o pode explicar:
se o teu amor, que eu tomo por riqueza,
me não couber, eu fico conformado,
pois a riqueza, julgo eu, pertence ao mundo,
e nunca vão juntos o mundo e o amor:

mas enquanto me encheres o coração
jamais ele será servo da dor.

(5)
ÍNDIA

A TRADIÇÃO VÉDICA

José Carlos Calazans

A tradição clássica de influência védica deu origem a vários temas e formas, todos eles de cariz espiritual e místico, sempre simbólico, convidando o leitor ou o neófito a procurar um mestre para que o iniciasse nos segredos das etimologias, das chaves semânticas que lhe permitissem abrir os textos, como é o caso paradigmático do poema *Meghaduta* (século IV?-V?-VI?) da autoria de Kálidása. Neste maravilhoso poema, a alquimia oculta-se entre os personagens da mitologia e das forças da natureza, que só um iniciado pode desvendar. A leitura é deliciosa, envolvente, teatral, natural e enaltecadora de espírito, o seu estilo perfeito e puro, superior ao estilo *Asbvagosha*, um estilo identificado como *Vidharba*.

Enquanto a literatura de romance e a poesia se desenvolveram pela forma clássica, os tratados multiplicaram-se pelas ciências e pela filosofia, mesmo o *Yoga*, considerado uma das seis escolas tradicionais não especulativas. O texto seminal e o primeiro grande tratado de *Yoga*, o *Hatha Yoga Pradipika*, da autoria do Swami Svatmarama (século XV), emerge como uma reacção ao secretismo brahmânico sobre o conhecimento restrito ao sacerdócio e aos iniciados. A revolução social e política tem na Índia um lastro antigo, que rivaliza com a Grécia clássica, e dela surgiram neste período os grandes textos práticos e especulativos. Mas a poética foi igualmente revolucionária com o movimento *Bhakti* (devoção a Krishna), trazendo para as ruas o culto dos templos, para o povo aquilo de que só os brâhmanes e as castas protegidas podiam usufruir. É deste período a melhor poética e a melhor inspiração mística que, como uma explosão de cor e de som, encheram os ouvidos e os corações dos devotos. Neste sentido, podemos dizer que um dos mais ilustres poetas e filósofos do Ser e de Deus do século XV foi Kabir, aquele que soube sintetizar o pensamento sufi e de alguma forma o hinduísmo de inspiração vaishnava, e *A Morada do Amado* é um singelo mas profundo canto de amor divino. Um pouco posterior, e contrariando os pressupostos da sociedade tradicional indiana, quanto às restrições impostas às mulheres, elevou-se a voz da poetisa e mística Mira Bai (1498-1546) (não representada

na presente antologia), totalmente inebriada pelo movimento *Bhakti* e com uma devoção avassaladora a Krishna, tão inquietante para o seu tempo como ainda hoje para os devotos do deus-homem.

KABIR. «A morada do amado», in *The World's Poetry Archives — PoemHunter*, «Kabir Poems». Tradução inédita de José Carlos Calazans. Nova Iorque: Woodstock. 4.

Oh Amigo de morada sem igual,
Onde todo o meu Amado está.
Aí não há felicidade ou infelicidade,
Nem verdade ou mentira
Nem pecado e nem virtude.
Não há dia nem noite, nem lua nem sol,
Há radiância sem luz.
Não há conhecimento ou meditação
Nenhuma repetição de *Mantra* ou austeridades,
Nenhum discurso vindo dos Vedas ou dos livros.
Fazendo, não fazendo, segurando, deixando
Todos estes (gestos) estão igualmente perdidos, aí.
Sem casa, sem morador, nem fora nem dentro
O pequeno e o grande universo são inexistentes.
Os cinco elementos constituintes e a trindade aí não são
Ouvir o Som inatingível *Śabda*, também não é possível.
Nem raiz ou flor, nem ramo ou semente,
Porém, sem árvore de frutos há enfeite,
O *Om Primordial*, o sopro sincronizado *Sobam*,
Isto e aquilo — todos estão ausentes, e a respiração ali é desconhecida.
Onde o Amado está não há absolutamente nada
Diz Kabir: por fim entendi.
Quem vê o meu sinal indicativo
Perceberá o objectivo da libertação.

KALIDASA. «A nuvem mensageira (primeira parte)», in *The Meghaduta of Kalidas: Text with Sanskrit Commentary of Mallinath*. Tradução inédita de José Carlos Calazans. 2002. Nova Deli: Motilal Banarsidass. 1-9.

Nas fragas do Ramagiri vagueiam eremitas,
 Onde Sita se purifica em levas d'águas,
 Errante Yakshka que fez seu pobre abrigo,
 Levado por seu mestre, humilde e prostrado,
 Longo, longo ano da noiva afastado. 1.1
 Meses de dor passaram neste só amante
 Libertando-se dia-a-dia do ouro deslumbrante
 Em nuvem viu o prenúncio da chuva chegar,
 Uma nuvem carregada no pico se formar
 Como o elefante que pisa a terra a desafiar. 1.2
 Antes das esperanças e medos dos amantes
 Faz tempo servo de Kubera curvado e angustiantes
 Lágrimas sufocando e meditando —
 Até corações felizes temerosos à nuvem vibrando;
 A ele, desvalido, até um abraço amado foi proibido. 1.3
 Desejando salvar a vida de sua amada,
 Com alegres notícias, nos dias de chuvada,
 Flores frescas colheu ao convidado enublado,
 Homenagem a um amigo de boas-vindas trago,
 E bravamente falando comoventes palavras saudando o louvado. 1.4
 Nem a mente enamorada de Yakshka articulou
 Quão inapta sua amiga de mensagem se ficou
 Com uma nuvem, mero fogo e água, fumo e vento —
 Nem ainda como amante pôde vislumbrar
 Entre vida e coisas sem em seu estado cego de amar. 1.5
 Eu sei, disse ele, da tua mui famosa realeza
 Teu empíreo lugar em chefe de conselho,
 Formas mutáveis em ti, são destino de acolhimento
 E eu suplicante em meu único sofrimento —
 Melhor um teu augusto «não» do que o alívio d'almas em tormento. 1.6

Ó nuvem, teu ardente espírito brande em piedade;
Minha noiva longe está, pela ira real e temeridade;
Leva-lhe minha mensagem para a cidade de Yakshka,
A Alaka rica em jardins, onde o brilho se entranha
E o crescente de Shiva em luz os palácios banha. 1.7
Quando subires aos elevados caminhos do céu,
Em cachos enrolados, o amor do viajante rasga o véu
E abençoada seja a visão de ti por conforto dar;
Quem deixa sua noiva em dias nublados a chorar
Excepto ele seja como eu, a quem os grilhões são a escravizar? 1.8
Brisas te levam suaves pelo imponente caminho,
Enquanto à tua esquerda canta e anima o passarinho
A viçosa e doce melodia, em teu fremente valor
Encontrar-te-á no céu em boas asas de clamor
Para anunciar em união as delícias do teu amor. 1.9
Porém, ó meu irmão até que vejas —
Da só e inteligente conta os vindos dias —
Esposa fiel que só vive para mim:
É flor caída, mulher de coração amoroso,
Quando os dois amantes se apartam, sustida pelo caule esperançoso. 1.10
E quando eles ouvirem teus esperados trovões,
No tempo dos cogumelos a saudarem-te copiosas emoções,
Os cisnes que anseiam do Himalaya o seu lago
Serão no Kailasa teus amigos nos picos,
Com sulos pedaços de lótus em seus bicos. 1.11
Um último adeus a esta montanha concede
Cujos flancos galgados aos pés de Rama dilectos,
Quem por ano procura seu amor para te mostrar
Calorosamente seu bem-amado amigo a cortejar
Com a lágrima derramada do adeus aos dois a separar. 1.12
Aprende primeiro, ó nuvem, o caminho que deves seguir,
Ouve então minha mensagem antes de eu partir;
Primeiro as montanhas se elevam e os rios correm sem ti:
Quando te cansas e paras nas montanhas alojado,
E quando exausto bebes, dos corgos o riacho ejectado. 1.13

Swami SVATMARAMA. «Luz sobre o Haṭhayoga», in *Hathayoga Pradipika*. Tradução inédita de José Carlos Calazans. 1914. Nova Iorque: Woodstock. 1-4.

Saudações ao primeiro Senhor (Shiva), que ensinou a ciência do *Hatha Yōga*.
 Eis a escada do aspirante para chegar às alturas do *Raja Yōga*. 1
 O *Yogi* Svatmarama, depois de saudar o Senhor e *Guru* (mestre),
 explica porque a ciência do *Hatha* é a razão do *Raja Yōga*. 2
 Para os ignorantes do *Raja Yōga*, perdidos na escuridão de muitas opiniões,
 o compassivo Svatmarama dá a luz sobre o *Hatha*. 3
 Matsyendra, Goraksha e outros bem conhecem a ciência do *Hatha*.
 Por sua graça o *Yogi* Svatmarama igualmente a conhece. 4
 Shiva, Matsyendra, Shabara, Anandabhairava,
 Chaurangi, Mina, Goraksha, Virupaksha, Bileshaya, 5
 Manthana, Bhairava, Siddhi, Buddha, Kanthadi,
 Korantaka, Surananda, Siddhapada, Charpati, Kaneri 6
 Pujyapada, Nityanatha, Niranjana, Kapali, Bindunatha,
 Kakachandishvara, Allama Prabhudeva, Ghodacholi, 7
 Tintini, Bhanuli, Naradeva, Khanda e Kapalika —
 Estes e outros grandes mestres, que conquistaram a morte
 através do poder do *Hatha Yōga*, andam pelo universo. 8-9
 O *Hatha* é o santuário para aqueles que sofrem de todas as dores.
 É o fundamento daqueles que praticam todo o tipo de *Yōga*. 10
 A ciência do *Hatha* deveria ser mantida pelo *Yogi* em grande segredo
 Para aquele que deseja o sucesso, é forte quando secreto e sem força
 quando revelado. 11
 O *Hatha Yogi* deveria viver numa cabana isolada
 sem pedras, fogo ou humidade, à distância de dois metros
 numa região de leis ordenadas, virtuosa, próspera e em paz. 12
 Estas são características de uma cabana do *Yōga*
 tal como descritas pelos mestres que praticam o *Hatha*:
 uma pequena porta, sem janelas, sem tocas de ratos;
 não muito alta, não muito baixa, nem muito larga;
 bem adubada com estrume de vaca, limpa e livre de insectos.

O pátio deve ser murado e adornado por uma árvore,
uma plataforma elevada e um poço. 13

(6)
CHINA: LITERATURA
DAS DINASTIAS TANG E SONG
(618-1279)

«A brisa no alaúde», in *Quinhentos Poemas Chineses*. Tradução de António Graça de Abreu. 2014. Lisboa: Nova Vega. 181.

Abandono o alaúde no banquinho
quedo-me sereno, a pensar.
Não é preciso eu dedilhar as cordas,
acaricia-as a brisa, tocam sozinhas.

BAI JUYI. «Canto do remorso perpétuo», in *Poemas de Bai Juyi*. Tradução de António Graça Abreu. 1991. Macau: Instituto Cultural de Macau. 78-84.

O imperador da China, eterno enamorado, sonha a beleza perfeita.
Durante seu longo reinado, por todo o país a procura.
Na família Yang, uma menina, quase criança,
cresce recolhida, bem longe do olhar dos homens.
O céu concede-lhe mil formosuras impossíveis de esconder,
um dia é escolhida para companheira do imperador.
Ao voltar o rosto e sorrir, cem encantos enovelam-se no ar,
nos seis palácios, cada vez mais tristes os rostos empoados das outras
mulheres.

Na Primavera fria, a honra de um banho nas águas tépidas de Huaqing,
a água das fontes, cálida e doce, sobre seu corpo de jade e alabastro.
Deixa o banho apoiada nas aias, lânguida e delicada,
logo o imperador lhe concede, pela primeira vez, o favor imperial.
Seu cabelo como nuvens, seu rosto como uma flor,
um alfinete, um lírio de ouro enfeitando as tranças.
Por detrás das cortinas bordadas com flores de hibisco,
a Primavera, o calor, o prazer das noites de amor.
Tão breves as noites, tão tarde se levanta o imperador,
não mais sua presença nas audiências matinais.
A beleza, activa e submissa, sempre ao dispor para todos os prazeres,
todo o dia ao lado do seu senhor, dedicando-lhe toda a noite.
Muitas as mulheres bonitas no palácio imperial, mais de três mil,
o favor imperial, outrora privilégio de tantas, apenas um corpo o recebe.
Na antecâmara dourada alinda-se a formosa Yang, depois aguarda a noite,
no pavilhão de Jade, após o banquete, embriaguez e amor.
Suas irmãs, seus primos obtêm cargos e feudos,
honorarias, louvores estendendo-se a toda a família.
Espalhadas tais novidades pelos quatro cantos do império,
os pais desejam mais o nascimento de uma filha do que de um filho.
Das torres do palácio, que quase tocam as nuvens,

a música cai docemente sobre a terra, arrastada pela brisa.
Canções, melodias, sons perfeitos de cordas e flautas,
o imperador de olhos presos na formosa dama.
De súbito, os tambores da guerra fazem tremer a terra,
cessam as odes «Vestido de Arco-Íris» e «Manta de Plumas».
Poeira e fumo levantam-se diante da cidade das Nove Portas,
mil carroças, dez mil cavaleiros acompanham a corte, rumo ao exílio.
O cortejo avança a medo, estandartes hesitam, param, recomeçam a marcha,
a vinte léguas da capital os seis batalhões recusam continuar.
A menina das sobrancelhas finas é estrangulada diante dos cavalos,
jazem por terra os enfeites de seus cabelos, ninguém os recolhe,
penas de martim-pescador, um pássaro de ouro, alfinetes de jade.
O imperador esconde o rosto, não foi possível salvá-la,
chora, suas lágrimas misturam-se com o sangue da beldade morta.
Na planície sem fim, o vento levanta poeiras amarelas,
por veredas sinuosas, entre nuvens, o cortejo alcança o desfiladeiro da
Espada.
Nas montanhas Emei, por onde tão poucos se aventuram,
estandartes e pendões esmaecidos, sob um sol pálido.
No país de Shu, rios esmeralda, montanhas azuis,
o imperador, dia após dia, noite após noite, chorando a bela Yang.
No palácio do exílio, o fulgor do luar magoa-lhe o coração,
o tinir das campainhas, à chuva da noite, rasga-lhe as entranhas.
Movem-se céus e terra, muda a roda da fortuna,
agora o imperador já pode empreender a viagem de regresso.
Ao chegar de novo à colina Mawei, apenas areia e lama,
não mais o rosto puro de jade, vazio o local da execução.
Olhos nos olhos, soberano e ministros, lágrimas encharcam as cabaias,
os cavalos conduzem os homens, ao acaso, para leste, rumo à capital.
O imperador reencontra lagos e jardins, tudo como outrora,
nenúfares no Estanque Sublime, salgueiros no Jardim dos Dias Infindáveis,
mas as flores de lótus como seu rosto, folhas de salgueiro como suas
sobrancelhas;
atormentado de tanto recordar, o monarca deixa rolar as lágrimas.
No passado, o vento da Primavera fazia desabrochar as flores da ameixeira,
hoje, folhas de plátano caem com a chuva de Outono.
No palácio do Oeste, no palácio do Sul crescem ervas daninhas,
ninguém mais varre as folhas mortas espalhadas nos degraus.
Hoje, cabelos brancos envelhecem os músicos do Jardim das Pereiras,

velhos, também eunucos e belas do serralho das Pimenteiras.
 À noite, no palácio, esvoaçam pirilampos, o imperador afundado em tristeza,
 extingue-se a luz no candelabro solitário, o soberano não tem sono.
 Timbales, gongos cadenciam o avançar da longa noite,
 depois a madrugada chega, a Via Láctea empalidece.
 Geada fina cobre as telhas decoradas com aves entrelaçadas,
 o imperador tem frio sob a coberta bordada com patos-mandarim.
 Uma infindável distância separa vivos e mortos,
 desaparecida há alguns anos, jamais ela o visitara em sonhos.
 Eis que um dia vem ao palácio um monge de Linqiong,
 capaz de invocar espíritos, de os trazer de novo à vida.
 Grande preocupação na corte, o imperador definha dia a dia,
 pedem ajuda ao necromante, ele estuda, investiga, pesquisa,
 depois lança-se no espaço, fende as nuvens, cavalga os ventos.
 Penetra a terra, sonda, busca por todos os lugares,
 no céu viaja até ao infinito azul, na terra até às Nascentes Amarelas,
 nem no vasto firmamento, nem nas profundezas do universo a consegue
 encontrar.
 Sabe, por fim, da existência de uma montanha fantástica,
 suspensa no vazio, sobre o mar, inacessível a todos os mortais.
 Aí se levantam palácios rendilhados entre nuvens de cinco cores,
 longínqua e tranquila morada de inúmeros imortais.
 Aí habita alguém chamado Essência Puríssima,
 bela como uma flor, a pele branca como a neve, talvez ela.
 O mágico atravessa o pórtico de ouro, o pavilhão do Oeste, bate à porta de
 Jade
 e pede que anunciem a sua chegada à dama estranha e linda.
 Ao saber da presença do mensageiro do Filho do Céu,
 ela, que sonhava sob cortinados bordados com nove flores,
 desperta, afasta as almofadas, levanta-se hesitante,
 sobe os cortinados de renda prateada, entreabre o painel perlado.
 O penteado de nuvens desfeito durante o sono da noite,
 ainda com a faixa florida desapertada, dirige-se à grande sala,
 suas mangas de deusa flutuam ao sabor da brisa.
 Ao recordar as melodias «Vestido de Arco-Íris» e «Manta de Plumas»,
 as lágrimas correm lentamente pelo seu rosto triste,
 gotas de chuva em ramos de pereira em flor.
 Emocionada, sustém as lágrimas e rende homenagem ao senhor seu príncipe.
 Desde a separação, o rosto, a voz do soberano, indistintos, esbatidos,

já distantes, esquecidos os jogos de amor no palácio Zhaoyang.
Como são lentos dias e meses nas mágicas Ilhas Penglail!
Ao volver os olhos e tentar adivinhar o mundo dos homens,
ela não distingue mais Chang'an, apenas poeira e névoa.
Como testemunho do seu amor perene e profundo
pede ao mensageiro que leve o cofre cravejado de pedras preciosas,
Que entregue ao seu senhor o alfinete de ouro,
ela conservará sempre a tampinha do cofre, uma haste do alfinete.
«Nossos corações nobres, preciosos como ouro e jóias,
no céu, ou entre os homens, um dia o inevitável reencontro.»
Um último pedido ao mago na hora da partida:
«Recorda ao meu príncipe o juramento secreto que fizemos outrora,
no sétimo dia da Sétima Lua, no pavilhão da Vida Eterna,
longe de todos, a meio da noite, trocámos nossa jura de amor,
prometemos, no céu, voar como duas aves com umas únicas asas,
na terra, ser dois ramos entrelaçados de uma só árvore.»
Céu e terra estender-se-ão por muitos, muitos séculos, consumir-se-á um dia
seu inevitável fim.
Apenas este lamento, este remorso perpétuo, eterno.

DU FU. «A Wei Pa» e «Lua cheia», in *Quinhentos Poemas Chineses*. Tradução de Jorge Sousa Braga. 2014. Lisboa: Nova Vega. 163, 164.

A WEI PA

Passamos pela vida como duas estrelas que nunca se encontram
Eis-nos aqui agora esta noite sentados à luz da lareira
As têmeoras cinzentas lembrando-nos a proximidade da morte
Metade dos meus amigos transformaram-se já em espectros
Como poderia eu imaginar que calcorrearia estes caminhos tantos anos
depois?
Rodeia-me agora o círculo sorridente dos teus filhos e filhas
Antes de poder chegar ao fim de uma história interminável
trazem vinho e copos. Apesar da noite estar chuvosa
vamos apanhar cebolas novas
que são servidas depois com milho amarelo miúdo
Os copos sucedem-se ininterruptamente
Não estamos no entanto ainda bêbados
A nossa amizade permanece após tantos anos ainda inalterada.
Amanhã de manhã os picos gelados das montanhas
interpor-se-ão definitivamente entre nós.

LUA CHEIA

Solitária a lua cheia suspensa
sobre uma casa na margem do rio Debaixo da ponte corre a água nocturna
Está vivo o oiro derramado no rio
O meu cobertor brilha mais que seda preciosa
As montanhas silenciosas sem ninguém
O círculo sem mácula — a lua
gira entre as constelações
Floresce uma árvore
A mesma glória banha dez mil léguas.

DU FU. «Ode aos oito imortais do vinho», in *Quinhentos Poemas Chineses*.
Tradução de António Graça de Abreu. 2014. Lisboa: Nova Vega. 158.

He Zhizhang, a cavalo, oscila como um barco,
os olhos brilham, se cair num poço continuará a dormir.
Ru Yang, um nobre a caminho da corte,
após três potes de aguardente, se chocar com uma carroça de vinho,
a baba vai escorrer-lhe da boca,
ambiciona ser príncipe nas nascentes do vinho.
Li Shizhi, o antigo primeiro-ministro,
num só dia esbanja dez mil moedas em vinho,
emborca como uma baleia,
é capaz de beber néctares de cem rios,
taça nos lábios, prefere o vinho claro ao vinho turvo,
transformando-se, diz ele, num homem melhor.
Cui Zongzhi, despreocupado, tão jovem, tão bonito,
ergue a taça, o branco dos olhos no azul do céu,
puro, iluminado com uma árvore de jade ao vento.
Su Jin jurou diante de Buda não mais comer carne, nem peixe,
mas bêbado como um cacho, esquece todos os princípios.
Li Bai, um jarro de vinho e nascem cem poemas,
adormece numa taberna da capital,
O imperador manda-o chamar, recusa comparecer e diz:
«Que sua Majestade saiba,
este seu súbdito é o imortal do vinho!»
Zhang Xu, depois de três canecos,
tira o chapéu, mostra a careca a príncipes e condes,
caligrafa caracteres cursivos como um santo,
o pincel corre no papel como fumo nas nuvens.
Jiao Sui, com cinco jarros de vinho,
liberta o coração, fala como um deus,
a suprema eloquência, o pasmo em todos os convivas.

DU FU. «Pensamentos nocturnos», in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: Do Shijing a Nalan Xingde*. Tradução de Gil de Carvalho. 1989. Lisboa: Assírio & Alvim. 83.

Ervas rasteiras,
Brisa suave
Sozinho na noite —
Sob um mastro, ao alto.

As estrelas suspensas
Sobre a vasta planície,
A lua ondula —
Corre o Grande Rio.

Vem das obras, a fama?
O letrado retira-se, velho
E doente — sempre errante —,
Que sou eu senão uma gaivota
Entre céu e terra?

HAN SHAN. [Por sorte, habito solitário entre penhascos], in *Quinhentos Poemas Chineses*. Tradução de António Graça de Abreu. 2014. Lisboa: Nova Vega. 126.

Por sorte, habito solitário entre penhascos,
no rasto dos pássaros, longe dos homens.
O que existe em redor do meu jardim?
Nuvens brancas abraçando rochas negras.
Habito por aqui há tantos anos,
quantas vezes o Outono deu lugar à Primavera?...
Hoje, compreendo melhor: riquezas, honrarias,
o nome, a fama, tudo inútil e vazio.

HAN YU. «Ruína», in *Quinhentos Poemas Chineses*. Tradução de Francisco Carvalho e Rego. 2014. Lisboa: Nova Vega. 185.

Espelha-se a Lua plácida no pátio,
Mostrando as pobres pétalas caídas
Das flores das bravas pereiras descuidadas.
Falam as pedras dum feliz passado;
Eu contemplo os degraus puídos, gastos,
Batidos pelas brisas agitadas.

LI BAI (ou LI PO). «Canto das aves, à tarde», in *Quinhentos Poemas Chineses*. Tradução de António Feijó. 2014. Lisboa: Nova Vega. 135-136.

Da viração embalsamada e pura,
Entre o murmúrio delicado e brando,
De ramo em ramo, na floresta escura,
Andam as aves joviais cantando.

Sentada ao pé da flórea gelosia,
A olhar para os bordados multicores,
Menina e moça, os pássaros ouvia
Chamando alegremente os seus amores.

E erguendo a vista que a saudade impele,
Com os braços inertes, lentamente,
Fugiu-lhe o pensamento para aquele
Que há longo tempo se conserva ausente.

As aves, à noitinha, todas elas,
Voam na selva e encontram-se a cantar,
Mas lágrimas choradas por donzelas
Os ausentes não fazem regressar!

E no seu braço reclinando a fronte,
A olhar para o finíssimo bordado,
Passou-lhe, como nuvem no horizonte,
Esta ideia no espírito enlutado:

«Nas vestes de cetim que lhe destino
Hei-de bordar uma inspirada peça.
Os versos comovidos, que imagino,
Talvez o façam regressar depressa...»

LI BAI (ou LI PO). «Com uma taça de vinho na mão» e «Uma noite entre amigos», in *Quinhentos Poemas Chineses*. Tradução de Jorge Sousa Braga. 2014. Lisboa: Nova Vega. 145, 146.

COM UMA TAÇA DE VINHO NA MÃO

Estava a beber e nem dei conta
de que entretanto a lua apareceu no céu
Ela no seu curso não pára de nos seguir
mas nós mesmo que quiséssemos não a conseguiríamos agarrar
Lua resplandecente como um espelho suspenso
de uma janela com cortinas cor-de-rosa
As nuvens azuis acabam por se desvanecer
mas ela conserva sempre o seu brilho
Nós não podemos contemplar a lua de antigamente
mas a lua iluminou todos os homens — os de hoje e os de outrora
Gerações e gerações arrastadas pela corrente
Todas elas se renderam de igual modo à sua beleza
Neste momento em que se canta e se bebe o que o meu coração anseia
e que no fundo da minha taça de oiro se reflecta a lua cheia

UMA NOITE ENTRE AMIGOS

Para esquecer a eterna tristeza do mundo
nada melhor do que ficar a beber
A noite convida-nos a conversar
A lua tão clara não nos deixa adormecer
Bebamos e cantemos entretanto
Quando cairmos de bêbados
A montanha será o nosso leito e o céu o nosso manto

LI BAI (ou LI PO). «Na margem do rio» e «Lamento nos degraus de Jade», in *Quinhentos Poemas Chineses*. Tradução de António Graça de Abreu. 2014. Lisboa: Nova Vega. 137, 139.

NA MARGEM DO RIO

O barco, ramos de magnólia,
os músicos, flautas de ouro e jade.
Mil taças vazias, sempre cheias,
meninas cantam, embalam-nos as ondas.
O imortal sobe ao céu
num grou amarelo.
O rapaz sereno entre gaivotas brancas.
Poemas de Qu Yuan brilham,
iluminam o céu como Sol e Lua.
Dos palácios, das torres dos reis de Chu
restam apenas colinas ao abandono.
Ébrio, feliz,
o meu pincel estende-se pelas Cinco Montanhas.
A poesia, irónica e soberba,
ri das vaidades do mundo
Se eternos fossem poder, honrarias, riquezas,
as águas do rio Han regressariam à nascente,
correndo de oeste para norte.

LAMENTO NOS DEGRAUS DE JADE

Os degraus de jade cobrem-se de geada branca.
O frio da noite trespassa as meias de seda.
Baixa então a cortina de pérolas de cristal
E, através do límpido painel,
enleia o olhar na Lua de Outono.

LI HO (ou LI HE). «Chega o Outono», in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: Do Shijing a Lu Xu*. Tradução de Gil de Carvalho. 2010. Lisboa: Assírio & Alvim. 243.

Vento nos «plátanos»: estremece o coração, homem ávido desesperas.
Fiandeiras: gritos de seda fria sob a lâmpada, bruxuleante.
Quem é que lerá estas tiras verdes de bambu
Impedindo os vermes de criar nelas buracos de pó?
Pensamentos de uma noite: por certo me porão as entranhas de pé.
Um espírito fragrante, frio vem na chuva consolar o poeta.
Na tumba de Outono um fantasma entoava versos de Bao
Rancor de um sangue por mil anos feito jade sob a terra.

LI QINGZHAO. «Primavera em Wuling», in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: Do Shijing a Lu Xun*. Tradução de Gil de Carvalho. 2010. Lisboa: Assírio & Alvim. 299.

Parou o vento. Até a poeira é perfumada.
Já é tarde. Não me apetece pentear-me.
As coisas estão aqui mas ele o homem não — tudo acabou.
Quero falar — mas correm-me as lágrimas
Ouvi dizer que no Regato Duplo é ainda Primavera.
Gostaria de ir até lá andar numa barca leve
Mas tenho receio que barca tão frágil
Não suporte o peso de tanto sofrimento.

LIU ZONGYUAN. «Neve no rio», in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: Do Shijing a Lu Xun*. Tradução de Gil de Carvalho. 2010. Lisboa: Assírio & Alvim. 225.

Sobre mil colinas nem um voo de ave
Em dez mil veredas vestígio algum de passos
Uma barca solitária, um velho de capa, chapéu de palha
Pescando solitário na neve do rio gelado.

SU DONGPO (ou SU SHI). «Cruzeiro no rio Ying», in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: Do Shijing a Lu Xun*. Tradução de Gil de Carvalho. 2010. Lisboa: Assírio & Alvim. 281.

... A montante corre direito e límpido
A jusante vai sinuoso, encrespado
Da barca pintada me inclino no espelho
E sorrindo pergunto: — Ei, tu, quem és?
Surge repentina uma carapaça de tartaruga
Que me transforma barba e sobrancelhas
E deste rosto faz cem vertentes leste
Momentos depois! — Eis-me inteiro outra vez.

SU DONGPO (ou SU SHI). «Escrito na parede da casa do mestre *chan*, no templo dos Dois Bambus» e «No pórtico, junto ao lago», in *Quinhentos Poemas Chineses*. Tradução de António Graça de Abreu. 2014. Lisboa: Nova Vega. 240, 241.

ESCRITO NA PAREDE DA CASA DO MESTRE CHAN, NO TEMPLO DOS DOIS BAMBUS

Ao crepúsculo, ouviu-se o rufar dos tambores,
ao nascer do dia, ouvir-se-á o dobrar do sino.
A porta fechada, a almofada solitária,
a chama da vela extingue-se lentamente.
Revolteio cinzas brancas,
avivo o fogo da braseira rubra.
Deito-me. No leito,
o bater ciciado das gotas de chuva.

NO PÓRTICO, JUNTO AO LAGO

O varandim vermelho, os pilares pintados
espelhados nas águas límpidas do lago.
Tu passeias, vestindo linho branco,
sapatos de seda, chapéu de cetim negro.
Ao entardecer, debaixo do arco da ponte,
peixes e tartarugas, aos milhares,
conhecem o ressoar do teu bastão.

WANG CHANGLING. «Dolência dos apartados femininos», in *Uma Antologia de Poesia Chinesa: Do Shijing a Lu Xun*. Tradução de Gil de Carvalho. 2010. Lisboa: Assírio & Alvim. 133.

Gineceu dentro esta mulher nova não sabe de tristezas
Dia de Primavera, e preparada, o *balcão* sobe azulado
Repentino, sobre o pequeno dique um *tom*: choupo, salgueiro
Lamenta ter dito ao marido para ir procurar emprego longe.

WANG WEI. «Uma despedida» e «Despedida», in *quàn táng shī* [*Antologia Completa de Poemas da Dinastia Tang*]. Tradução inédita de Carlos Botão Alves. 1960. Beijing: ZhongHua Book Company. 36, 57.

UMA DESPEDIDA

Com os cavalos já fora, ofereço-te vinho,
Pergunto-te onde vais. Tu dizes

que o teu trabalho se tornou um nada
irás ficar na Montanha Sul.

Após teres partido, cessam as perguntas
e a nuvem branca espraia-se interminável.

DESPEDIDA

Aqui nestas montanhas, terminada a nossa despedida,
o sol a pôr-se lá longe, fecho o meu portão de madeira.

Na próxima Primavera, as ervas brotarão verdes de novo.
E tu, meu velho amigo — estarás também de volta?

WANG WEI. «Poema mesclado», «Linhas», «Oferecendo de beber a Pei Ti», in *Quinhentos Poemas Chineses*. Tradução de António Graça de Abreu. 2014. Lisboa: Nova Vega. 132, 133, 134.

POEMA MESCLADO

De manhã, quebrei um ramo de salgueiro,
quando vos vi na muralha da cidade.
Dizem ser eu a mais bela do reino de Zhou,
pertencço ao clã dos Qin, mas sou casada.
Minhas pulseiras de esmeralda voltam-se para vós,
na penumbra desaperto a minha camisa de seda.
Os cavaleiros chegados do leste
falam da morte do meu esposo, na guerra.
Peço-vos, sede gentil para comigo,
trazei canecas de jade, meu amigo.

LINHAS

Os anos passam, eu cansado de escrever poesia,
por companhia, apenas a velhice.
Numa outra vida, o acaso fez de mim poeta,
numa outra existência, o destino fez de mim pintor.
Incapaz de lançar fora usos esquecidos,
o mundo me conhece poeta e pintor,
sabe o meu nome, identifica o meu estilo.
O meu coração ainda ninguém conhece.

OFERECENDO DE BEBER A PEI TI

Vem beber um copo e descansar,
os homens mudam sempre, como as ondas do mar.

Nós dois temos envelhecido juntos,
Apesar dos reveses, continuamos vivos.
O primeiro a habitar uma casa de portões escarlates
pode sorrir, ao olhar os outros de chapéu na mão.
Tu sabes, basta um pouco de chuva
para reverdecer a erva dos caminhos.
O vento da Primavera é ainda frio
mas os botões das flores quase desabroçam.
Porquê tanta pergunta, tanta luta,
os negócios do mundo, as nuvens flutuantes?
Descansa, deixa fluir a vida,
e vem jantar comigo.

WANG WEI. «Suspiro por um cabelo branco», in *wáng yóu chéng jí jiān zhù* [Antologia de Poemas de Wang Wei]. Tradução inédita de Carlos Botão Alves. 1984. Xangai: Shanghai Classics Publishing House. 105.

Aquele ar saudável da juventude esvai-se no ocaso da velhice,
uma mexa de criança tão cedo tornada uma madeixa branca.

Uma só vida, e tantas coisas a magoarem este coração:
Se não se entrar pelo portão vazio — onde se encontrará liberdade?

ZHANG JIULING. «Quarto minguante», in *Quinhentos Poemas Chineses*.
Tradução de António Graça de Abreu. 2014. Lisboa: Nova Vega. 114.

Desde a tua partida,
o tear não mais teceu um palmo de tecido.
Sinto a tua falta,
sou como a lua,
minguando, minguando,
noite após noite.

(7)
COREIA: A DINASTIA JOSEON

«Canções de dragões em voo», in *Anthology of Korean Literature*. Tradução inédita de Simão Valente. [1447] 1981. Honolulu: The University Press of Hawaii. 74-78.

Texto sujeito a Direitos de Autor

(8)
A IDADE CLÁSSICA DO JAPÃO

«Sobre o homem que fez cópias do sutra para salvar uma raposa», in *Konjaku Monogatari-shū: narrativas antigas do Japão*. Tradução de Lídia Ivasa. 2018. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 75-78.

Texto sujeito a Direitos de Autor

«Sobre o homem que abdicou da vida mundana ao comover-se com o local em que a fêmea de pato selvagem estava vendo o macho morto», in *Konjaku Monogatari-shū: narrativas antigas do Japão*. Tradução de Olivia Yumi Nakaema. 2018. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 137-139.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Ono No KOMACHI. [A noite mergulha], [Triste a pescadora que] e [Aqui sobre o mundo], in *O Japão no Feminino. I. Tanka. Séculos IX a XI*. Tradução de Luísa Freire. 2007. Lisboa: Assírio & Alvim. 23, 31, 35.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Zeami MOTOKIYO. «O Manto de Penas», in *O Teatro de Gil Vicente e o Teatro Clássico Japonês*. Tradução de Armando Martins Janeiro, Yoshitomo Okamoto e Oshima Akiko. 1967. Lisboa: Portugália Editora. 201-212.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Izumi SHIKIBU. [Deitada e sozinha], [O vento penetra] e [Ao lembrar-me de ti], in *O Japão no Feminino. I. Tanka. Séculos IX a XI*. Tradução de Luísa Freire. 2007. Lisboa: Assírio & Alvim. 39, 59, 70.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Murasaki SHIKIBU. «O conto de Yūgao — Conto de Verão», in *Genji Monogatari*. Tradução inédita de Mariana Nunes a partir de versão *online* [disponível em <http://www.sainet.or.jp/-eshibuya/moderno04.html#in11>: acedido a 10 de Outubro de 2019].

Foi durante o período em que frequentava discretamente a casa da Dama da Sexta Avenida que, um dia, aquando do regresso ao Palácio, o Príncipe Genji, ao pensar fazer uma visita à sua antiga segunda ama, gravemente doente, que se tinha tornado monja, investigou uma certa casa na Quinta Avenida*.

Uma vez que a entrada destinada ao veículo do Príncipe estava fechada, e ao ver o mau estado da estrada enquanto esperava, pediu que se chamasse por Koremitsu.

Ao lado da casa havia uma sebe de ciprestes acabada de construir. Na parte superior, muito branca e imaculada, encontravam-se cerca de quatro ou cinco *hajitomi*† dispostos em fila, bem como persianas de bambu, entrevedendo-se por entre as várias sombras transparentes rostos belos que olhavam na direcção de Genji. Ao imaginar como seria a parte inferior dos seus corpos, que pareciam mexer-se, o Príncipe ficou com a ideia de que aqueles corpos eram de estatura alta.

Que tipo de pessoas se terão ali reunido?, acabou por cogitar.

O veículo do Príncipe era bastante comum e seguia sem escolta. Sentindo-se mais à-vontade por poder passar despercebido, o Príncipe decidiu ir até lá, espreitando através da janela. O portão, que lhe fazia lembrar um *hajitomi*, estava entreaberto, indiciando ser uma casa modesta e pequena.

Qualquer que seja a casa de cada um, este mundo é uma residência temporária para todos, até mesmo para os senhores nobres, pensou com seriedade.

Os caules verdejantes que lembravam uma cerca de madeira enovelada entrançavam-se confortavelmente. Flores brancas desabrochavam como se estivessem a sorrir somente para ele.

* Segundo o texto original, «uma certa casa da Quinta Avenida» não se refere à casa da ama doente, mas à residência da jovem que viria a atrair a atenção de Genji.

† Persianas de madeira em malha afixadas aos lados superior e inferior da janela.

«Vou perguntar às pessoas que flor é aquela», disse para si próprio.

«Aquela flor branca que está a desabrochar chama-se *yūgao**», disse-lhe o guarda do Palácio, ajoelhando-se reverentemente. «O nome da flor é comum. Vede como floresce numa cerca de madeira tão miserável.»

Com efeito, numa vizinhança pobre em que havia muitas casas pequenas, tanto nesta casa como nas outras, as flores eram inestéticas e estavam um pouco inclinadas, entrelaçando-se na borda de um alpendre que parecia ser robusto.

«Que triste é o destino desta flor. Colhe-me um ramo delas», ordenou. O guarda do Palácio colheu-as e entrou pelo portão entreaberto.

Apesar de ser uma casa rústica, à entrada da porta de correr, assomou uma jovem adorável que envergava um longo *hakama* de pura seda dourada, parecendo convidá-lo a entrar. Estendeu-lhe um leque branco extremamente perfumado e disse-lhe: «Sempre pode colocá-las aqui, no leque, para as oferecer; os caules dessas flores também não parecem estar em bom estado.» Entretanto, o portão da outra casa tinha sido aberto e dele saiu Koremitsu Asaomi. O guarda do Palácio veio recebê-lo. Koremitsu foi ao encontro do Príncipe e entregou-lhe o ramo, desculpando-se: «Peço-vos desculpa pelo incómodo que vos causei por me ter esquecido onde tinha a chave. Não há nestas redondezas quem o possa reconhecer, mas, se permanecer aqui nesta estrada principal coberta de lixo...»

O veículo foi empurrado para dentro do portão e dele desceu o Príncipe. Estavam ali reunidos um monge, irmão mais velho de Koremitsu, o genro do governador de Mikawa e a sua filha, entre outros. Ao constatarem a presença do Príncipe, curvaram-se diante dele com derradeiro temor.

A Dama Monja†, soerguendo-se também, declarou, choramingando: «Apesar de não me arrependei por renunciar a este mundo, foi com muita pena que hesitei em fazê-lo devido a vós serdes quem sois e serdes sempre, até agora, o menino dos meus olhos. Por ter jurado seguir os preceitos da Via de Buda, recuperei e, desta forma, pude vir vê-lo. Agora, posso aguardar pela vinda de Amida sem arrependimentos no meu coração.»

* O capítulo «Yūgao» compreende o período entre o décimo sétimo Verão de Hikaru Genji e o início do Inverno, tradicionalmente, 8 de Novembro. Este excerto pertence à primeira secção do conto.

† No original, *Ama-no-kimi*. *Kimi* é, neste contexto, um título de género indefinido que indica alguém da nobreza ou realeza. Pode também significar «príncipe» ou o pronome pessoal «tu». Esta é a primeira vez em que a ama aparece fisicamente no texto. Supõe-se que ela faça parte dos «outros» mencionados anteriormente.

«Doía-me o coração de angústia por saber que não se encontrava bem há tantos dias; é uma grande tristeza ter renunciado ao mundo para se tornar monja. Que tenha uma vida longa e me veja subir de estatuto. Que renasça sem obstáculos no nível mais elevado da Terra Pura de Amida. Ouvi dizer que, no nosso mundo, até o mais pequeno apego é uma coisa má», disse-lhe o Príncipe como se estivesse a chorar.

Mesmo sendo uma criança desajeitada, o Príncipe tinha sido completamente acarinhado por esta ama. Para ela, foi uma grande honra tê-lo ao seu cuidado de forma tão próxima. Comovida e pensando que era mais do que merecia, a ama ficou mergulhada em lágrimas. Os seus filhos, considerando esta atitude inapropriada, trocaram olhares entre si e disseram-lhe: «Existem apegos persistentes no mundo a que renunciou. Mostre a sua cara em lágrimas.»

O Príncipe, profundamente emocionado, falou com familiaridade, o odor limpo das suas mangas espalhando a sua fragrância por aquele espaço bastante exíguo: «Em pequeno, as pessoas que cuidaram de mim faleceram. Muitas apareceram depois para me educar, mas nunca pensei que uma me seria tão estimada e próxima. Agora, em adulto, tenho responsabilidades, tanto de manhã como de noite, e não a posso visitar tanto quanto gostaria, mas senti-me desesperado por não a ver há tanto tempo. É caso para pensar: não quero que haja separações irremediáveis!»

As crianças, que antes tinham deitado olhares críticos, já choravam por constatar que, com efeito, não havia nada de comum na sorte da ama. Ordenando que seria melhor renovar e acumular preces e austeridades, o Príncipe, de pé, pediu a Koremitsu que lhe trouxesse uma lanterna de papel para examinar a extremidade do leque de há pouco. No leque impregnado de perfume, tinha sido escrevinhado com elegância: *Penso que terei adivinhado que sois vós, bela flor yūgao, quem recebe o brilho do branco orvalho.*

Mesmo escritas de forma confusa para que nem uma só pessoa descobrisse o autor daquelas linhas, o Príncipe reconheceu o poema como algo escrito por uma pessoa culta e, muito inesperadamente, atraiu-lhe o interesse.

Perguntou a Koremitsu: «Quem morará na casa a oeste desta? Podes ir lá perguntar?»

Sem lhe dizer *Lá vem aquele aborrecido hábito*, Koremitsu respondeu-lhe sem afabilidade: «Como estou aqui há cinco a seis dias preocupado a cuidar da doente, não pude informar-me a respeito da vizinhança.»

«Não penses neste pedido como inoportuno. Mas há algo que tenho de perguntar acerca deste leque. Chama alguém que conheça estas redondezas», ordenou-lhe o Príncipe.

Koremitsu entrou na casa e foi perguntar pelo seu senhorio. «Parece que esta casa pertence a Yōmei-no-suke*. Ele vive numa região afastada da capital, a sua esposa é jovem e extravagante, e as suas irmãs servem no Palácio e estão de visita. Seguramente que uma pessoa de baixo nível (como eu) não poderá saber algo mais exacto», informou-o.

Nesse caso, deve ser uma das que servem no Palácio. Uma das que se mostra triunfante e nos escreve poemas, pensou o Príncipe. Deve ser alguém que quer atrair o nosso interesse.

No entanto, os sentimentos que a tinham levado a escrever um poema não lhe desagradavam e eram difíceis de ignorar. Como seria de esperar, esta acção não seria lamentável...

Retirando um papel dobrado do seu quimono e fingindo a caligrafia de outra pessoa, escreveu: *Se me aproximar, claramente a verei, yūgao, a flor linda que vagamente foi observada no momento do crepúsculo.* Entregou o bilhete ao guarda de há pouco.

Apesar de nunca o ter visto, a jovem certamente não ignoraria o facto de ter observado o perfil do Príncipe. Como se passou demasiado tempo sem que um novo poema lhe fosse imediatamente entregue, o Príncipe achou este comportamento censurável. Ela devia estar a escrever um poema que pareceria dizer de forma impertinente: «O que lhe diremos?»

Pensando *Que arrogante*, o guarda regressou. Precedido pela tocha de pinheiro que iluminava fracamente, o Príncipe abandonou discretamente a zona. Os *hajitomi* estavam baixados. A luz da tocha alumiaava por entre as fendas, muito mais fraca do que pirilampos.

Chegado entretanto ao seu destino, Genji verificou que havia fileiras de árvores e jardins, mas, ao contrário dos locais comuns, aquele era bastante espaçoso e bem arranjado. Os modos resguardados da Dama Rokujō, vistos como excepcionais por outras pessoas, nunca o fariam recordar da mulher na sebe de há pouco.

Na manhã seguinte, dormitou um pouco, regressando à luz dos primeiros raios de sol. A sua aparência na manhã de regresso era ainda mais bela, digna de ser elogiada pelo público em geral.

Nesse dia, caminhou diante da casa dos *hajitomi*. Apesar de ser uma área pela qual não tinha passado até então, sentia-se ligeiramente atraído.

Pensando *Que género de mulher viverá nesta casa*, Genji concentrou-se na viagem de ida e volta.

* Oficial responsável pela administração de um determinado território.

Sei SHŌNAGON. «Notas do travesseiro», in *O Bon-Odori em Tokushima*. Tradução de Wenceslau de Moraes. 1916. Porto: Livraria Magalhães & Moniz. 23-25.

[22] *Coisas desoladoras:*

Um cão que ladra durante o dia. [...] — Um aposento de parturiente, com a criança morta. — Um braseiro sem fogo. — Um boieiro que detesta o seu boi.

[...]

Uma pessoa, que espera alguém por altas horas, ouve bater discretamente à porta. Com o coração em alvoroço, manda saber quem está. Mas é um outro, absolutamente indiferente... Coisa desoladora entre todas!...

[24] *Coisas que se desprezam:*

Um homem com a reputação de muito boa pessoa. — Uma mulher frívola. — Um muro de terra, a esboroar-se.

[25] *Coisas detestáveis:*

Um visitante que palestra largamente, no momento em que temos pressa. Se é um íntimo, podemos despedi-lo, dizendo-lhe que venha mais tarde; mas, se se trata de um homem a quem devemos atenções, é coisa extremamente detestável. [...] — Um sujeito cai, súbito, doente. Corre-se a chamar o exorcista. Este não está em casa, mas em outro lugar qualquer, sendo preciso procurá-lo por toda a parte. Finalmente, após longa demora, ei-lo que chega. Com satisfação, convidamo-lo a proceder às suas orações e aos seus ritos. Mas estará ele fatigado de dominar os espíritos mofinos? Apenas toma assento, começa uma arrastada lengalenga, com ares de quem está a cair de sono... É francamente detestável!...

[...]

Uma criança que se põe a berrar no momento em que a gente quer escutar alguma coisa. [...] — Um cão que ladra ao cavalheiro que vem discretamente procurar-nos. — Um homem, que fizeram esconder num sítio que

não foi feito para dormir, e se põe lá dentro a ressonar... [...] — Contamos uma velha história dos velhos tempos; alguém interrompe de repente, para ajuntar um detalhe que ele conhece e desmentir-nos... É verdadeiramente detestável. — [...] Seja em casa, seja na corte, onde nos encontremos de serviço, alguém vem, que não desejamos ver. Fingimos que estamos a dormir. Acodem então várias pessoas a acordar-nos, sacodem-nos, puxam por nós, julgando que realmente adormecemos... Muito detestável!...

[26] *Coisas que fazem bater o coração:*

Os pardais, alimentando os filhos. — Passar por um sítio, onde alguém está a entreter crianças. — Deitar-se a gente sozinha, num quarto onde arde um incenso, delicado. [...] — Lavar a gente o cabelo, fazer a sua toilette, vestir a sua roupa bem perfumada de incenso; mesmo quando ninguém nos vê, é ainda isto coisa comovente, na intimidade do nosso ser. — Uma noite em que se espera alguém; a chuva, o rumor das coisas que o vento agita, tudo comove.

[28] *Coisas que alegam o coração:*

[...] De volta do passeio, nos carros cheios de gente, incluindo muitos cavaleiros, os condutores guiam bem os bois e fazem rodar velozes os veículos. [...] — Quando a gente acorda de noite, beber um golo de água.

(9)
TRADIÇÕES DA ÁSIA CENTRAL

«Buč, buč, canta o sāmürgük», in *Poemas Anónimos: Turcos, Mongóis, Chineses e Incertos*, poema turco. Tradução de Gil de Carvalho. [Anterior ao século XI] 2004. Lisboa: Assírio & Alvim. 28.

Buč, buč, canta o sāmürgük
P'ra garganta limpa o grão.

«Canção de Tölös», in *Poemas Anónimos: Turcos, Mongóis, Chineses e Incertos*, poema mongol. Tradução de Gil de Carvalho. [c. 546] 2004. Lisboa: Assírio & Alvim. 36.

À margem do Tölös
No sopé dos Montes Sombrios
O céu é uma yurta
Cobre o plano — dos quatro cantos.
O céu é azul, azul
A planura vasta, infinita
Quando o vento sopra e a erva curva
Vê-se — o gado, e as cabras.

«Canção dos Qidan», in *Poemas Anónimos: Turcos, Mongóis, Chineses e Incertos*, poema mongol. Tradução de Gil de Carvalho. 2004. Lisboa: Assírio & Alvim. 22.

No Verão leite branco
No Inverno escura carne.
Movem-se das flechas, à frente: caça.
Porco-bravo, cervo, ricas presas!

«Falar ouvi», in *Poemas Anónimos: Turcos, Mongóis, Chineses e Incertos*, poema turco. Tradução de Gil de Carvalho. [Anterior ao século XI] 2004. Lisboa: Assírio & Alvim. 27.

Falar ouvi
À orelha. Na Mansão
Da lua — galho
De zimbro.

O Livro Tibetano dos Mortos. Tradução inédita de Simão Valente a partir de *The Tibetan Book of the Dead*. Tradução de W.Y. Evans-Wentz. [1927] 1968. Oxford: Oxford University Press. 63-65.

O CHIKHAI BARDO E O CHONYID BARDO

Aqui se pode ler o enfrentar a realidade no estado intermédio: a grande libertação através da audição enquanto se está no plano depois-da-morte, a partir de «A Profunda Doutrina da Emancipação da Consciência através da Meditação sobre as Divindades Pacíficas e Iradas».

AS OBEDIÊNCIAS

Ao Divino Corpo da Verdade, a Incompreensível Luz sem Limites;
 Ao Divino Corpo da Perfeita Dádiva, que são o Lótus e as Divindades Pacíficas e Iradas;
 À encarnação nascida do Lótus, Padma Sambhava, que é o Protector de todos os seres conscientes;
 Aos Gurus, aos Três Corpos, obediência.

A INTRODUÇÃO

Esta Grande Doutrina da Libertação pela Escuta, que confere liberdade espiritual aos devotos de inteligência normal enquanto se encontrem no Estado Intermédio, tem três divisões: os preliminares, a matéria principal e a conclusão. De início, os preliminares, O Guia, para emancipar seres deve ser dominado pela prática.

A TRANSFERÊNCIA DO PRINCÍPIO DE CONSCIÊNCIA

De acordo com O Guia, os intelectos mais elevados deveriam certamente ser libertados; mas se não forem libertados, enquanto estiverem no Estado Intermédio dos Momentos da Morte devem praticar a Transferência, a qual dá libertação automática através do simples acto de recordá-la. Devotos de inteligência normal deveriam conseguir libertar-se com essa prática; mas se isso não acontecer, então, durante o Estado Intermédio de Experiência da Realidade, devem perseverar na audição desta Grande Doutrina da Libertação pela Escuta. Assim, o devoto deve ao início examinar os sintomas da morte conforme estes aparecem no corpo, seguindo-se a Auto-Libertação [pela Observações das] Características [dos] Sintomas da Morte. Então, quando todos os sintomas da morte estiverem completos [ele deve] aplicar a Transferência, que confere libertação através do mero recordar [do processo].

«Tornei-me o vosso Rei», in *Poemas Anónimos: Turcos, Mongóis, Chineses e Incertos*, poema turcomano ou mongol. Tradução de Gil de Carvalho. [século XIII] 2004. Lisboa: Assírio & Alvim. 21.

Tornei-me o vosso Rei
Peguemos em arco e escudo.
Seja virtude nossa: *tamga*
Hurrah! «A lobo, gris-azulado»
As lanças darão floresta.
Onagro, de caça faz os terrenos
E mares e rios... Um estandarte
O sol. E o céu — acampamento.

«Veio ter comigo um Uigur, pagão», in *Poemas Anónimos: Turcos, Mongóis, Chineses e Incertos*, poema turco. Tradução de Gil de Carvalho. [Anterior ao século XI] 2004. Lisboa: Assírio & Alvim. 16.

Veio ter comigo um Uigur, pagão.
Falei-lhe assim: — Agora dorme.
Aos pássaros o dei de conduto.
Que te procurem. Abutre e lobo.

(10)
TRADIÇÕES FUNDACIONAIS
DO PACÍFICO

«A criação», in *Paki Waitara: Myths and Legends of the Maori*. Tradução inédita de Simão Valente. 1997. Auckland: Reed Books. 13-17.

Texto sujeito a Direitos de Autor

«A lenda de Sina e da sua enguia», in *The Myths, Legends and Customs of Old Samoa*. Tradução inédita de Simão Valente. 1955. Auckland: Polynesian Press. 106-108.

Texto sujeito a Direitos de Autor

«O segredo do fogo descoberto e perdido», in *Myths and Legends of the Australian Aboriginals*. Tradução inédita de Simão Valente. 1970. Londres, Bombaim e Sidney: George G. Harrap. 67-68.

Entre os animais, pássaros e répteis que fizeram um nome para si e para a sua tribo encontram-se, entre outros, o morcego, que, com o maravilhoso *boomerang* que lhe foi dado pelo lagarto, devolveu a luz e o calor às tribos; o coala, grande astrónomo, filósofo, descobridor e navegador; o pelicano, o grande pescador; e o rakali, o rato de água, descobridor do fogo. Antes da maravilhosa descoberta do fogo, toda a comida, animal e vegetal, era crua, e nas regiões mais frias durante o Inverno as pessoas sofriam muito. Os pequenos dingos, fascólomos, cangurus e bandicoots choravam e tremiam, uma vez que as roupas deles não eram suficientes para os aquecer.

Um dia a mulher do rakali disse ao marido: «Ai, nem te digo, tive um sonho lindíssimo! Lembras-te do *billabong** onde costumavas visitar-me quando aqueles nenúfares adoráveis estavam em flor? Bem, eu estava sentada num tronco junto à margem, a pensar no nosso namoro, quando de repente do meio da água veio uma libélula. Voou em direcção a um nenúfar e pousou ali um pouco. Depois voltou para o sítio de onde veio, e ficou ali a voar à superfície da água. Nesse instante, uma bolha grande e transparente subiu da água e foi flutuando em direcção ao nenúfar, e a libélula seguiu-a. Então apareceram muitas e cuidadosamente levantaram a bolha da água, levando-a cuidadosamente ao nenúfar, onde a pousaram. Eu fiquei a olhar maravilhada para esta estranha visão, pensando no que poderia significar, e pensei que podia ser o espírito do nenúfar a dançar à sua volta e a querer saltar para o céu. Nesse momento a bolha rebentou. Oh, querido, visão maravilhosa! Um rakali bebé estava deitado pacificamente no seio do nenúfar.»

O jovem rakali ficou sentado por uns instantes, reflectindo profundamente. Por fim, levantou-se e beijou a sua mulher, dirigindo-se depois para o sítio de que ela lhe falara. Quando aí chegou caminhou à volta da margem várias vezes procurando um lugar adequado onde construir uma casa para a sua mulher. Escolheu um lugar perto do *billabong*, e começou a cavar debaixo

* Uma depressão ao longo de um rio que recolhe o excesso de água ocasional.

das raízes de um grande eucalipto. Foi cavando até que encontrou um obstáculo. Era uma raiz da árvore. Ficou aborrecido, mas, não desejando abandonar um lugar que significava tanto para si e para a sua mulher, começou a usar os dentes para fazer um caminho. Enquanto mordida e roía a raiz, fez subitamente uma faísca com os dentes. Uma e outra vez isto aconteceu. Depois de completar a casa, e de a forrar de relva macia, foi ao encontro da sua mulher e convidou-a a segui-lo.

Foram lenta e silenciosamente para a sua nova casa. Ela entrou e sentou-se no seu confortável ninho. Um sentimento de repouso e conforto apoderou-se dela, e rapidamente adormeceu. Quando acordou, o seu marido contou-lhe da sua maravilhosa descoberta, e mostrou-lhe como tinha produzido fogo, a bênção tão necessária. Então ele foi contar ao seu pai, à sua mãe, ao seu irmão e à sua irmã, e eles espalharam as notícias aos outros membros da tribo rakali. Todos eles vieram e viram o fogo, e sentiram o calor reconfortante e fortalecedor que dele provém, e a tribo rakali resolveu que tentaria manter o segredo para si, e não o revelar a tartarugas, aves aquáticas, cangurus, dingos, ou qualquer outra tribo. Então a tribo rakali viveu com conforto em todos os tempos e climas.

(II)
SUDESTE ASIÁTICO

«O Trágulo vitorioso: o duelo», in *Anthology of ASEAN Literatures: Malaysia: Indigenous Traditions*. Tradução inédita de Simão Valente. Kuala Lumpur: Ministry of Education, Malaysia (External Affairs Division). 59-63.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Nguyễn TRÁI. [Sinto-me tão só ao trautear esta canção] e «Ancoragem nocturna em porto marítimo», in *The Heritage of Vietnamese Poetry*. Tradução inédita de Simão Valente. 1979. New Haven: Yale University Press. 45, 73.

Texto sujeito a Direitos de Autor

(12)
TRADIÇÕES PRÉ-COLONIAIS:
ÁFRICA

A Epopeia do Kajoor, in *Les Épopées d'Afrique noire*. Tradução inédita de Flávia Ba, com a colaboração de Moctar Diouf e Mactar Seck. 1997. Paris: Karthala. 257-263.

Texto sujeito a Direitos de Autor

«Sunjata», in *Les Épopées d'Afrique noire*. Tradução inédita de Flávia Ba, com a colaboração de Moctar Diouf e Mactar Seck. 1997. Paris: Karthala. 104-114.

Texto sujeito a Direitos de Autor

(13)
TRADIÇÕES PRÉ-COLONIAIS:
AS AMÉRICAS

UMA PRISÃO LUMINOSA

Bernardo Diniz Ferreira

A existência deste capítulo, os seus conteúdos entendidos enquanto conjunto uniforme no contexto de uma antologia, não pode deixar de surpreender um leitor mais atento ou conhecedor dos textos que aqui apresentamos e das culturas que os produziram face ao título *Tradições Pré-Coloniais*. E a razão é simples: nenhum deles é, no sentido mais estrito de um termo em si carregado de complexidades, pré-colonial. A tarefa de organizar um capítulo dedicado aos mundos literários antes da chegada dos europeus às Américas obriga-nos a alguns esclarecimentos, enfrentando dois desafios principais.

O primeiro é cronológico. As Américas são «descobertas» — e, assim, descritas e traduzidas para os europeus — a ritmos muito diferentes: Cristóvão Colombo escreve pela primeira vez sobre os habitantes do que hoje são as Ilhas das Bahamas a 12 de Outubro de 1492; os primeiros contactos com os Selk'nam — o povo da Terra do Fogo — datam do final do século XIX; e julgando que existirão porventura algumas tribos ainda por contactar algures na Amazónia então, afinal, a descoberta das Américas ainda não terminou. Contudo, este problema estende-se além do primeiro contacto: se alguns frades espanhóis — como Bernardino de Sahagún — desde cedo compreenderam que a evangelização dos índios deveria passar por um estudo atento e esforço de compreensão das suas mitologias e literaturas, o mesmo não se passou com outras nações europeias e, por conseguinte, com outras culturas autóctones. O resultado desta enorme extensão temporal durante a qual se vai desenrolando o conhecimento e o registo das tradições nativas é um *corpus* resistente a qualquer esforço de purificação cultural no qual podemos, ainda assim, entrever algo do que foi e não será mais.

O que significa, então, afirmar que um texto é pré-colombiano ou pré-colonial? Existem alguns exemplos de textos e fólhos compostos antes da chegada dos europeus. Mas foram poucos os que sobreviveram; o número de códices queimados em autos-de-fé é muito superior. Bernardino de Sahagún registou cantigas e relatos na língua náuatle. Mas, além de o ter feito no alfabeto latino, é difícil avaliar aquilo que poderia ter sido alterado graças

a uma sensibilidade literária radicalmente diferente, ignorante das nuances poéticas e gramaticais da língua de origem. Ou pensemos no *Popol Vuh*, esse impressionante épico, tratado filosófico, religioso e mitológico e texto emblemático de países da América Central: teria sido escrito em meados do século XVI (sobrevivendo até hoje apenas através de uma transcrição feita dois séculos depois) para os novos mestres invasores. Os primeiros capítulos indicam-no claramente:

Agora escreveremos isso já permeados pela palavra de Deus, da Cristandade, agora. E o revelaremos porque não existe mais onde ver o Popol Vuh, o instrumento da claridade — que veio lá dos lados do mar — com o relato das nossas sombras, o instrumento sobre a aurora da vida, assim se diz.*

O *Popol Vuh* declara-se, desta forma e logo à partida, como uma exortação à compreensão intercultural, um apelo à memória e ao direito da sua preservação que seria salvaguardado por e para todas as comunidades. É um manual para os que vinham de fora e é como um manual escrito por aqueles que sabem dedicado aos ignorantes que deve ser entendido. Assim, sendo certo que teria uma existência pré-invasão no domínio da oralidade, qualquer esforço de comparação entre o texto que temos e aquele que seria o texto *real* pertence ao domínio do quimérico.

A tarefa de, apesar de tudo, tentar contar esta história e encontrar um lugar para os silenciados é o único consolo para o paradoxo superficial. Contudo, se houve algo que o *Popol Vuh* foi capaz de salvar, não se pode dizer que o mesmo tenha acontecido de forma semelhante em todo o continente. Desde o Alasca até à Terra do Fogo, não é possível contar ou imaginar ou compor em palavras a dimensão de um genocídio que foi *também* cultural e literário, se hoje, acertadamente, incluímos no literário o que não é nem pode ser escrito, como tradições orais subitamente quebradas, à semelhança do jade prezado pelos poetas astecas, símbolo do quão ténue e frágil pode ser o sentido da vida terrena: «jades preciosos, / tão perfeitamente polidos, / destruir-se-ão», proclama Tlaltecatzin, um dos poucos poetas pré-colombianos que conhecemos pelo nome.

Por fim, o acesso problemático a estes textos e a dura escolha da sua representação-estabilização arrancada à riqueza da expressão original — expressão que não pode mais explicar, esclarecer — obrigar-nos-ia a consi-

* *Popol Vuh: O Esplendor da Palavra Antiga dos Maias — Quiché de Quaubtlemallan: Aurora Sangrenta, História e Mito.* Tradução de Josely Vianna Baptista. 2019. São Paulo: Ubu Editora. 116.

derar uma outra questão, já não exclusiva a estes textos, mas sobre a própria Literatura: o que é, afinal, e quais são os seus limites? A interrogação comportará alguma urgência melancólica caso reflectamos em todas as expressões da condição universal do ser humano que estão hoje perdidas para sempre porque aqueles que com elas outrora se depararam não as julgaram refinadas, literárias o suficiente, dignas de serem registadas.

Pouco depois dos primeiros conflitos violentos entre as civilizações do continente americano e os Exploradores espanhóis, os sacerdotes indígenas lamentavam-se, dizendo que, com a chegada dos invasores, a sua magia já não funcionava, que já não era possível ouvir as vozes dos deuses e delas retirar conselho. Estamos hoje mais perto de compreender a complexa teia de causas que possa explicar o trágico fim das grandes civilizações americanas, nas quais se destaca também o papel que tiveram as doenças exóticas que atravessaram o Atlântico à boleia dos navios espanhóis. Foi essa a principal razão, entre outras que também conhecemos: a decadência do Império Asteca e Maia (já antigos à chegada dos espanhóis), a ingenuidade que levou alguns a verem deuses onde haviam apenas conquistadores a cavalo, as intrigas e conspirações arquitectadas pelos espanhóis mas também por alguns nativos contra os seus próprios conterrâneos. Sabemos também que a inexistência de um alfabeto fonético (origem dessa dicotomia profunda e crucial entre *coisa* e *palavra* na raiz da cultura europeia e que já era objecto de análise no *Fedro* de Platão) ou de uma cultura literária semelhante à dos europeus não foi um factor tão decisivo na vitória dos conquistadores espanhóis como se julgou outrora; muito mais decisivos teriam sido os germes contagiosos e fatais para os autóctones. Porém, não podemos ignorar nem imaginar o choque traumático entre os que carregavam num Livro palavras que, aparentemente, não precisavam de ser ditas ou ouvidas para terem sentido, palavras que tinham para sempre perdido o vínculo com o mundo e com as coisas, e, por outro lado, aqueles que, como os poetas do *Ayvu-Rapyta*, conheciam um só termo para «palavra» e «alma», aqueles para quem, como os compositores de diálogos filosóficos maias como *Diálogo da Flor e da Canção*, flor é metáfora para palavra (os desenhos que nos parecem grotescos nos códices maias mostram isso mesmo: deuses de cuja boca aberta irrompe uma torrente infinita de flores, ou seja, belas palavras). Desta forma, o segundo problema tem profundas e interessantes consequências para os propósitos de uma antologia literária: a maior parte das civilizações, culturas e comunidades contactadas pelos europeus não possuíam um sistema de escrita.

Compreendemos hoje de uma forma mais aprofundada, graças aos esforços de estudiosos como Jack Goody, Walter Ong ou Eric A. Havelock,

as particularidades e diferenças das culturas orais, assim como os problemas levantados pelo acto da transcrição. O mundo da oralidade pura não pode ser explicado por analogias com o mundo da escrita. É um mundo altamente personalizado, no qual literatura implica sempre performatividade, um orador e ouvinte que coexistem. Não há nele lugar para textos ou palavras como nós (leitores) os entendemos. E como imaginar este mundo sem escrita, em que o canto do colibri e o som do vento são iguais à voz humana porque não existe um código que os hierarquize? Como escrever o som da água? E dessa pergunta retirar um sentido para a diferença ontológica entre as coisas só é possível para aqueles que escrevem com os sons. A América com que os europeus se depararam é, na sua grande maioria, um mundo sem escrita mas nem por isso menos atento ao valor da palavra ou menos carregado de reflexões filosóficas sobre o sentido da vida, da acção do Homem, do segredo da existência. Nele, a voz é apenas mais um instrumento na música do mundo, que se constrói e honra cantando em coro com (e para) ele.

A maioria dos textos que aqui apresentamos sofreram este trauma literário. Chegaram-nos em transcrições fonéticas em latim (como a *Canção de Tlaltecatzin*) ou tentativas — inocentes e por vezes condescendentes — de registar aquilo que era palavra, música, dança, Espaço e Tempo num único acto sob a forma de um teatro abreviado (como a *Via da Noite* registada por Washington Phillips em 1902, repleta de abreviações que ignoram o sentido que a repetição de versos e movimentos teriam na cerimónia). Para citar o grande estudioso Miguel-León Portilla, estes textos estão, a partir de agora e para sempre, na «prisão luminosa do alfabeto». Prisão porque, uma vez estabilizados, perdem o dinamismo que caracteriza o mundo da oralidade pura. E porém luminosa: sem o alfabeto, nunca seriam capazes de empreender a longa viagem através do tempo e do espaço até ao leitor, a quem, agora, apresentamos o mundo do Coiote, do Colibri, do Pássaro-Trovão.

IANOMAMI. «A Lua», in *Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro*.
Tradução de Claudia Andujar. 2001. Lisboa: Assírio & Alvim. 158-159.

As luas
Aquele a mais próxima é pequena.
A outra é muito grande e grossa.
A lua pequena está perto.
Muitos pirilampos,
pequenos e grossos.
Os que estão perto são pequenos.
Os que estão longe são grandes e grossos.
Os pirilampos são muitos.

IROQUOIS. «O Conselho da Grande Paz: A Grande Lei Vinculativa, Gayanashagowa», in *The Constitution of the Five Nations*. Tradução inédita de Bernardo Diniz Ferreira. 1916. Albany: The University of the State of New York. 30, 34-35.

1. O meu nome é Dekanawidah e, com os Senhores Confederados das Cinco Nações, planto a Árvore da Grande Paz. Planto-a no teu território, Adodarhoh, na Nação Onondaga, no vosso território pois sois os Guardadores do Fogo. Designo-a Árvore de Folhas Grandes e Longas. Sob a sombra desta Árvore da Grande Paz estendemos a penugem suave e branca do cardo-globo-pálido como assentos para ti, Adodarhoh, e teus primos Senhores. Sentamos-vos nesses assentos, suavemente estendidos com a penugem fofa do cardo-globo-pálido, aqui debaixo da sombra dos ramos largos da Árvore da Paz. Aí vos sentareis e observareis o Conselho do Fogo da Confederação das Cinco Nações, e todos os assuntos das Cinco Nações aqui serão debatidos na tua presença, Adodarhoh, e de teus primos Senhores, pelos Senhores Confederados das Cinco Nações.

2. Da Árvore da Grande Paz cresceram raízes, uma para Norte, outra para Este, outra para Sul e outra para Oeste. O nome destas raízes é Grandes Raízes Brancas e a sua natureza é Paz e Força. Qualquer homem ou nação fora das Cinco Nações que vier a obedecer às leis da Grande Paz e demonstrar essa vontade aos Senhores da Confederação poderá seguir as Raízes até à Árvore e, estando as suas mentes limpas e sendo obedientes e jurando obedecer aos desejos do Conselho Confederado, ser convidado a abrigar-se debaixo da Árvore das Longas Folhas. No topo da Árvore das Longas Folhas colocaremos uma Águia capaz de ver ao longe. Se ela vir algum mal que se aproxime ou perigo ameaçador avisaremos prontamente as gentes da Confederação.

[...]

19. Se em qualquer momento se verificar que um Senhor Confederado não tem em mente o bem-estar do seu povo ou desobedece às regras desta Grande Lei, os homens ou mulheres da Confederação, ou ambos em conjunto, virão diante do Conselho para censurar o transgressor por via do seu Chefe de Guerra. Se a queixa das pessoas por via do seu Chefe de Guerra não for aceite à primeira vez, será pronunciada uma segunda vez e se, ainda as-

sim, for ignorada, serão anunciados uma terceira queixa e um aviso. Se o Senhor for contumaz, o assunto será exposto no conselho dos Chefes de Guerra. Os Chefes de Guerra deverão, então, despojar o transgressor do seu título, segundo as ordens das mulheres, em quem a legitimidade do título está investida. Deposto o Senhor, as mulheres notificarão os Senhores Confederados através do seu Chefe de Guerra e os Senhores Confederados sancionarão o acto. As mulheres seleccionarão, então, outro dos seus filhos como candidato e os Senhores elegê-lo-ão. O escolhido deverá ser instituído na Cerimónia de Instalação. Quando um Senhor é deposto, o seu Chefe de Guerra deve abordá-lo da seguinte forma:

Assim tu, _____, ignoras e desdenhas os avisos das tuas familiares. Assim atiras tu os avisos por cima do teu ombro para trás de ti. «Contempla o brilho do Sol e no brilho da luz do Sol eu te despojo do teu título e retiro o emblema sagrado do teu título de Senhoria. Retiro da tua testa as hastes do veado, emblema da tua posição e símbolo da tua nobreza. Agora eu te depinho e devolvo as hastes às mulheres, pois delas é a tradição.»

O Chefe de Guerra deverá agora abordar as mulheres do Senhor deposto e dizer:

«Mães, porque depus o vosso Senhor devolvo-vos agora o emblema e título de Senhoria. Retomem, por isso, a sua posse.»

E falando de novo ao Senhor deposto dirá:

«Porque te depus e dispensei já não és mais Senhor. Farás o teu caminho sozinho, os restantes membros da Confederação não te acompanharão pois desconhecemos a mente que te possui agora. Porque o Criador não conhece o mal ele não virá para te salvar do precipício de destruição em que agora te lançaste. Nunca terás a posição que outrora ocupaste.»

O Chefe de Guerra deverá então dizer as seguintes palavras aos Senhores da Nação à qual o Senhor deposto pertence:

«Sabei, meus Senhores, que retirei as hastes de veado da testa de _____, o emblema da sua posição e símbolo da sua grandiosidade.»

Os Senhores da Confederação não terão então outra alternativa senão validar a dispensa do Senhor em infracção.

MAIA-QUICHÉ. *Popol Vuh: O esplendor da palavra antiga dos Maias — Quiché de Quauhtlemallan: aurora sangrenta, história e mito*. Tradução de Josely Vianna Baptista. 2019. São Paulo: Ubu Editora. 123-212.

Texto sujeito a Direitos de Autor

MARUBO. «Kaná kawã: raptada pelo raio», in *Quando a terra deixou de falar: cantos da Mitologia Marubo*. Tradução de Pedro de Niemeyer Cesarino. 2013. São Paulo: Editora 34. 88-109.

Texto sujeito a Direitos de Autor

MBYÁ-GUARANI. «Ayvu Rapyta — A fonte da fala», in *Roça Barroca*.
Tradução de Josely Viana Baptista. 2011. São Paulo: Cosac Naify. 31-41.

Texto sujeito a Direitos de Autor

NAVAJO. «Via da noite», in *Four Masterworks of American Indian Literature*.
Tradução inédita de Bernardo Diniz Ferreira. 1974. Nova Iorque: Farrar,
Straus and Giroux. 325-31.

Texto sujeito a Direitos de Autor

TLALTECATZIN de Cuauhchinanco. «Canção de Tlaltecatzin», in *Fifteen Poets of the Aztec World*. Tradução inédita de Bernardo Diniz Ferreira. 1992. Oklahoma: University of Oklahoma Press. 67-69.

Texto sujeito a Direitos de Autor

ZUNI. «O coioite rouba o sol e a lua», in *American Indian Myths and Legends*. Tradução inédita de Bernardo Diniz Ferreira. 1984. Nova Iorque: Pantheon Books. 140-143.

Texto sujeito a Direitos de Autor

A IDADE MODERNA
1500-1800

(I)
LEVANTE E CÁUCASO

«A carta que mandaram os Padres da Índia, da China e da Magna China, um relato siríaco da chegada dos Portugueses ao Malabar e seu primeiro contacto com a hierarquia cristã local», in *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXXVI. Tradução de Luis Filipe F.R. Thomaz. [1503-1504] 1991. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 119-181.

*Com a ajuda de Deus, Senhor de tudo, damos a conhecer as novas
dos Índios abençoados, e sobre a sua vinda à cidade
de Gazarta (I) de Zabdicene*

Recentemente, no ano 1801 de Alexandre, vieram três varões fiéis cristãos dos lugares longínquos da Índia até junto de Mar Simeão, Patriarca Universal do Oriente, para levarem Padres para suas terras. E um deles, segundo a vontade do Criador, faleceu no caminho; e dois chegaram vivos junto do *Mar Catholicos*; e estava o *Mar Catholicos* na cidade de Gazarta de Zabdicene e rejubilou com eles com mui grande júbilo. Chamava-se um deles Jorge e outro José. E ordenou-os o *Mar Catholicos* sacerdotes para suas terras na santa igreja de São Jorge de Gazarta, pois eram instruídos. E enviou-os ambos para o santo mosteiro do bem aventurado S.to Eugénio.

E daí mandaram vir dois monges homónimos, que se chamavam ambos de seu nome Raban José. E ordenou-os a ambos o *Mar Catholicos* bispos na igreja de S. Jorge. E a um deles chamou Mar Tomé e ao outro Mar João. E escreveu-lhes cartas patentes admiráveis e escrituras assinadas e seladas, cumulou-os de preces e de bênçãos, e mandou-os com os indianos a suas terras da Índia; e com a ajuda de Cristo nosso Senhor chegaram lá vivos todos quatro. E rejubilaram com a sua vinda aqueles fiéis com júbilo muito grande. E saíram-lhes ao caminho com gáudio, com o Evangelho e a cruz, turíbulo e archotes. E fizeram-nos entrar em grande procissão, com salmos e com hinos. E consagraram altares e ordenaram numerosos sacerdotes, pois de há muito tempo que não tinham Padres.

Mar João ficou então como bispo na Índia e Mar Tomé, seu companheiro, regressou para junto do *Catholicos* pouco depois, e trouxe-lhes primícias e oferendas, e um escravo.

E sucedeu que antes que regressasse o bispo Mar Tomé à Índia, faleceu o *Catholicos* Mar Simeão e partiu desta vida temporal e passageira para a vida duradoura e indelével, no ano de 1813 dos Gregos. E foi sepultado no

mosteiro do bem-aventurado Santo Eugénio. Que Nosso Senhor faça repou-sar a sua alma nas mansões do Reino. Amen.

E sucedeu-lhe Mar Elias como Patriarca Universal. E mandou vir tam-bém ele do mosteiro de Santo Eugénio três monges virtuosos. Um deles era Raban David, o Longo. E ordenou-o metropolitano e chamou-lhe Mar Yaballaha. A outro que se chamava Raban Jorge ordenou-o bispo e chamou-lhe Mar Denha, e a outro que se chamava Raban Mas'ud ordenou-o também bispo e chamou-lhe Mar Jacob. A estes todos ordenou no mosteiro de S. João o Egípcio, irmão carnal de Santo Aha, no termo de Gazarta de Zabdicene, no ano 1814 dos Gregos. E enviou-os, a estes quatro Padres, e à terra da Índia e às ilhas dos mares entre Dabag e Çin e Maçin; e arribaram e chegaram lá os quatro sãos e salvos com o socorro de Cristo seu Senhor. E viram Mar João bispo da Índia ainda em vida; e muito se alegrou com a vinda dos Padres, ele e todos os abençoados fiéis daquelas partes.

E depois, ao outro ano, mandaram uma carta ao *Catholicos* Mar Elias. Mas antes da chegada da carta faleceu o *Catholicos* Mar Elias e foi sepulta-do na igreja Meskinta de Moçul; e sucedeu-lhe o Patriarca Universal Mar Simeão.

E a carta que mandaram os ditos Padres da Índia tinha escrito assim:

Carta que mandaram os Padres da Índia, de Çin e de Maçin:

Ao segundo Simeão, Papa de nossos dias, Timóteo de nossa era, Josué bar-Nun de nossos tempos e Jesuya de nossa época, a quem foi dado o poder nos céus e na terra para apascentar o rebanho de Cristo com o báculo de Pe-dro que à sua mão foi confiado de era em era — feliz o povo que assim o tem e de quem ele é cabeça e guia! — a Mar Elias, Patriarca Universal do Oriente, a mãe das regiões, fortalecido, exaltado e celebrado no Senhor, seu sustentá-culo e seu auxílio para glória da Cristandade e exaltação das Igrejas! Amen!

Vossos modestos servos e discípulos imperfeitos, Mar Yaballaha, Mar Tomé e Mar Jacob e o peregrino Denha, desprezíveis e fracos, prostram-se ao escabelo de vossos pés puros e santos e imploram para alívio de suas penas vossas preces aceitas e escutadas, dizendo suplicantemente em alta voz «abençoi Senhor, abençoai Senhor, abençoai Senhor!» E que também o tabernáculo de Deus e tesoureiro de seu ministério, venerável e príncipe dos veneráveis, Mar João, bispo e metropolitano de Atel, e todos os nossos Padres veneráveis, monges rectos, sacerdotes íntegros, diáconos puros e fiéis elei-tos, e todos os cristãos daí recebam a nossa saudação em Nosso Senhor.

Fazemos agora saber ao vosso mui caro amor que chegámos pelo poder divino e por vossas preces escutadas à terra bendita da Índia, são e salvos pelo poder da graça divina. Acção de graças a Deus, Senhor de tudo, que não deixa confundir os que n'Ele confiam! Alegraram-se connosco todos os cristãos daqui com alegria enorme. E também o nosso santo Padre, Mar João, ainda está vivo e são, e pergunta por vossa saúde.

Há aqui umas trinta mil famílias de cristãos da nossa confissão e pedem a Nosso Senhor pela conservação de vossas vidas. Eis que começaram agora a edificar novas igrejas. E são abundantes de tudo, tranquilos e pacíficos. Bendito seja Deus.

E quanto à casa de S. Tomé, Apóstolo, eis que partiram para lá alguns cristãos e se estabeleceram nela e se ocupam da sua restauração. E queda distante do sítio dos ditos cristãos uns vinte cinco dias de caminho; e é sobre a costa do mar, numa cidade que se chama Mailapur, na terra de Ceilão, uma das partes da Índia, pois que as partes da Índia são numerosas e vastas, e é tempo de viagem de seis meses; e tem cada região seu nome por que a nomeiam. E a nossa região em que há cristãos chama-se Malabar. E há nela umas vinte cidades e três delas são célebres e poderosas: Cranganor, Palur e Coulão; e outras lhes são vizinhas; e há nelas cristãos e igrejas. E ficam nas cercanias de uma cidade grande e poderosa, Calicut, cidade de infieis adoradores dos ídolos.

E sabei também, ó Padres nossos, que mandou um Rei dos cristãos do Ocidente, que são os nossos irmãos Frangues, a estas partes da Índia navios poderosos; e demoraram um ano no mar até chegarem. Primeiro vieram à região meridional, para lá das partes de Cux, ou seja da Abissínia, e chegaram depois a esta terra da Índia. E compraram pimenta e outras coisas e foram-se para sua terra. E abriram o caminho e aprenderam-no belamente.

E de novo mandou o dito Rei — a quem Deus conserve a vida! — seis navios enormes e chegaram à cidade de Calicut em seis meses, pois conheceram e aprenderam os caminhos do Oceano.

Mas há na cidade de Calicut Ismaelitas numerosos; e enraivecera-se e acenderam-se na sua inveja aos cristãos; e foram caluniá-los perante o rei gentio e mentiram-lhe à cerca deles e disseram-lhe cavilosamente: «estes homens vieram do Ocidente e viram que teu país e tuas cidades são belas; e voltam para junto de seu rei e fazem vir forças numerosas e navios sobre ti, cercam-te e tomam-te o teu país.» E aquele rei gentio acreditou nas palavras dos Ismaelitas e fez-lhes a vontade: como que tomado de loucura, mandou matar todos aqueles dos ditos Frangues que estavam na sua cidade, setenta homens e cinco sacerdotes justos que estavam com eles, pois não partem

sem sacerdotes para parte alguma. E o resto dos homens que tinham ficado a bordo fizeram-se ao mar com grande tristeza, amargura e pranto, e foram para junto de cristãos nossos, na cidade que se chama Cochim.

Também aí há, de igual maneira, um rei gentio; e quando os viu em tão duros trabalhos e em tamanha aflição, mandou-os conduzir à sua presença, confortou-os e jurou-lhes: «não vos abandonarei eu até à morte!»

Quando isto ouviu o rei iníquo que mandara matar os homens deles inflamou-se em grande cólera e convocou forças numerosas e marchou sobre eles. E refugiaram-se os Frangues, com o rei junto de quem estavam, numa fortaleza que fica à beira do mar e aí permaneceram uns poucos de dias. Então apiedou-se Cristo deles e vieram muitos navios de seu país, destes Frangues, e travaram dura batalha e combate com o rei de Calicut, e arremessaram-lhe duras pedras de manganelas e mataram muitos homens do campo daquele rei iníquo; e puseram-no em fuga e rechaçaram-no e às suas forças da costa do mar.

E vieram os Frangues à cidade de Cochim e construíram nela uma grande fortaleza e colocaram nela uns trezentos homens de guerra dos seus, uns deles atiradores de pedras de máquinas, outros atiradores de setas de bestas. E puseram dentro dela umas cinquenta manganelas enormes e outras cem pequenas, e arcos de fogo com que lançam setas de besta.

E veio de novo e tornou sobre eles aquele rei seu inimigo — de que pereça a memória! — e travou com eles combate; e venceram-no pelo poder de Cristo; e mataram-lhe uns três mil homens com as pedras das manganelas. E ele fugiu de novo e voltou para a sua cidade, para Calicut. E perseguiram-no os Frangues e vieram atrás dele pelo mar, que fica à beira da sua cidade, alcançaram-no, tomaram-lhe seus navios e destruíram-nos; e mataram dentro deles uns cem homens ismaelitas condutores dos seus navios, e devastaram-lhe a cidade com as pedras que lhe lançavam de suas máquinas.

E veio o seu capitão, dos ditos Frangues, a uma outra cidade que se chama Cananor, na terra do Malabar, junto de um outro soberano gentio e rogou-lhe e disse-lhe: «dá-nos um sítio na tua cidade em que, vindo cada ano a comerciar, nele somente compremos e vendamos.» E deu-lhes um sítio e uma casa grande; e alegrou-se muito com eles. E o capitão cristão deu-lhe vestes de ouro e pedrarias e bem assim de escarlata.

E compraram de pimenta quatorze mil tagares que mandaram para o seu país, e partiram. E havia da sua gente uns vinte homens na cidade de Cananor.

E nós, quando vínhamos da cidade de Ormuz para Cananor, cidade dos Índios, fomos junto deles e dissemos-lhes «somos cristãos» e fizemos-lhes saber nossa condição; e muito rejubilaram connosco e deram-nos belas rou-

pas e vinte dáricos de ouro, e fizeram muita honra ao nosso peregrinar acima de nossas forças por amor de Cristo. E permanecemos junto deles dois meses e meio.

E determinaram que num certo dia também nós celebrássemos os mistérios, ou seja, oferecêssemos a oblação. Tinham escolhido para si um belo lugar para orarem nele como casa de oração. E todos os dias os seus sacerdotes consagram e oferecem a oblação; tal é o seu costume.

E no domingo de Nusardel depois de terem os seus sacerdotes consagrado, entrámos também nós e consagramos; e foi assaz belo a seus olhos. E depois disso voltámos para junto dos nossos cristãos que estavam distantes dali caminho de oito dias. E eram eles, os ditos Frangues, ao todo uns quatrocentos homens; e espalhou-se o receio e o terror deles sobre todos os gentios e ismaelitas que existem nestas partes. E a terra deles, dos ditos Frangues, chama-se Portugal, um dos países de Frang. E o seu rei chama-se Emanuel — de quem sempre seja Emanuel o guarda!

E não censureis, ó irmãos, por nos termos alongado nesta modesta carta, mas quisemos e desejámos dar conhecimento destas cousas a Vossas Eminências. E que Nosso Senhor esteja connosco e com cada um de nós. Amen.

Escrita e enviada foi esta carta do país da Índia no ano de 1815 dos Gregos. Ao Senhor glória, honra, louvor e adoração agora e sempre e nos séculos dos séculos! Amen.

Assim termina. E a Nosso Senhor louvor, e sobre nós as suas misericórdias para sempre.

Evliya ÇELEBI. «Secção V: Sobre o perímetro de Constantinopla», in *Narrative of Travels in Europe, Asia, and Africa in the Seventeenth Century, Vol. I*. Tradução inédita de João M.P. Gabriel. [1630] 1834. Londres: William Nicol. 12-14.

No ano de 1044 (1634) (quando acabava de chegar à idade adulta e costumava passear com os meus amigos por Islámbúl), na altura em que o Sultão Murád IV marchou contra (Riván) Eriván e deixou Kójah Baïram Páshá como Káyim-makám (vice-rei), este costumava visitar o meu falecido pai; e, no decorrer da conversa, inquiria sobre a história de Islámbúl. «Meu senhor», disse meu pai, «foi construída nove vezes, e nove vezes destruída; mas, desde que está nas mãos da casa de Osmán, nunca caiu em tamanho degredo como agora, quando carroças podem em qualquer sítio trespassar uma parede.» Sugeriu então ao Páshá que nesta cidade, invejada pelos reis da terra, enquanto residência real da casa de Osmán, seria pouco digno que ele permitisse que as muralhas continuassem naquele estado ruinoso durante o período do seu governo; e que quando o Sultão regressasse vitorioso de Riván, sentir-se-ia orgulhoso ao ver «a boa cidade», o seu ninho, brilhante como uma pérola, e recompensasse este serviço com remunerações avultadas, enquanto que o nome do Páshá seria também abençoado durante gerações pelo seu trabalho tão meritório. Todos os presentes aplaudiram o que disse meu pai, e ele concluiu repetindo a *Fátihab*. Os Mólláhs de Islámbúl, Iyyúb, Ghalatah e Uskudár (Scutari), o Shehr emíní (o superintendente da vila), quatro mestres arquitectos, Sybánbáshí (o terceiro grau entre os oficiais dos janízaros), e todos os outros homens no poder foram imediatamente convocados, com os imãs das 4700 divisões (*maballah*) da cidade, com o propósito de auxiliar o restauro das fortificações. Congregados muitos milhares de marceneiros e construtores, deu-se início à grande obra, afortunadamente concluída no espaço de um ano, antes do regresso do sultão da sua campanha vitoriosa por Riván.

O regozijo foi geral, ao chegar a notícia da conquista daquela fortaleza, e a cidade manteve-se iluminada durante sete dias e sete noites. Foi então que se formou uma ponte com vinte cúbitos de largura na base da muralha, ao longo da costa, desde Seraglio até às Sete Torres; e nela se fez uma avenida para conveniência dos marinheiros, que, com cordas, arrastavam as suas

embarcações até ao porto. Junto à muralha, todas as casas, dentro e fora, foram compradas pelo governo e demolidas para criar espaço para a estrada e aí foi-me permitido medir o perímetro da cidade, caminhando do modo que explicarei em seguida.

Dizendo uma *bismillah* ao partir, e percorrendo a borda do fosso, desde as Sete Torres até Abú Iyyúb Ensárí descobri que a distância era de 8810 passos, excluindo os oito portões. Desde o pequeno portão de Iyyúb até ao Portão do Jardim (Bágcheh kapú), incluindo o Portão dos Mártires (Shehíd kapú-sí), uma área que abarca catorze portões, são 6500 passos. O novo palácio (Yení seráí), que é a entrada da casa do regozijo (Asitánehi Dáru-s-se'ádet), partindo do granário de cevada (Arpá-enbárí), que fica perto do portão do chefe dos caieiros (kirej-chí báshí kapú-sí), tem, em todo o seu perímetro, dezasseis portões, dez dos quais estão abertos e seis fechados, excepto em ocasiões extraordinárias. Todo o circuito deste novo palácio, construído por Mohammed (II), o conquistador, tem 6500 passos. A distância desde o portão do Estábulo (Akhór-kapú), ao longo da nova avenida, até à esquina das Sete Torres, mede dez mil passos e engloba sete portões. De acordo com este cálculo, todo o perímetro de Islámbúl mede 30 mil passos, tendo dez torres por cada mil passos, e 400 torres no seu todo; mas, tendo em conta aquelas na muralha tripla no lado de terra, há ao todo 1225 grandes torres; das quais algumas são quadradas, outras redondas, outras hexagonais. Quando Bairám Páshá se propôs reparar completamente as fortificações, ordenou que fossem medidas com os ell dos construtores (arshín), e percebeu-se que o perímetro de toda a cidade era de exactamente 87 mil ell, ou cúbitos (zirá').

Na altura de Constantino (Kostantín), havia 500 canhões colocados no arsenal (Tóp-khanah) perto do depósito principal, do qual ainda se vêem os portões de ferro; o mesmo número foi colocado perto de Seraglio e cem junto à base da Torre das Donzelas (Kiz kulleh-sí, *i.e.* a Torre de Leandro). De tal forma estava Islámbúl a salvo de quaisquer ataques hostis, que nem um pássaro conseguiria passar sem ser atingido por uma destas três baterias. Nessa época, havia uma corrente tripla içada desde Ghalatah até Yemisk Iskeleh-sí, sobre a qual se construiu uma ponte que permitia a passagem de transeuntes e que, quando necessário, se abria para deixar passar as embarcações. Havia duas outras pontes que também atravessavam o mar, desde o Portão do Palácio (Balát kapú-sí) até ao jardim do arsenal (Ters-kháneh-bágheh-sí) e desde Iyyúb até Súdlijeh. Também no tempo de Yánkó Ibn Mádiyán uma corrente tripla de ferro foi puxada entre os estreitos do Mar Negro (Karah deniz bógházî), na base do castelo chamado Yórúz (*i.e.* o castelo dos Genovenses), de modo a impedir a passagem a navios inimigos. Já vi

fragmentos dessas correntes, que ainda estão preservadas em Islámbúl nos depósitos do arsenal, cada um dos seus elos tão largo quanto a cintura de um homem, mas agora jazem cobertas de areia e entulho. Islámbúl era então tão próspera que toda a costa até Silivrí de um dos lados, e até Terkóz no Mar Negro do outro, estava pejada de vilas e aldeias que perfaziam doze centenas, rodeadas de jardins e vinhas, sucedendo-se umas às outras sem interrupção. Constantino, chegado ao cúmulo da grandiosidade e do poder, poderia facilmente ter conquistado o mundo, mas preferiu dedicar o resto da sua vida a embelezar a sua capital. Nos grandes festivais, tais como os Dias-do-ovo-vermelho (Kizil yúmutah gúnlerí, *i.e.* Páscoa), os dias da Mãe Meryem (os Banquetes da Virgem), S. Nicolau (Isvat Nokólah), S. Demétrio (Kásim), S. Jorge (Khizr Ilyás), Aúsh-dús, (*i.e.* o Banquete da Exaltação da Cruz, no dia 14 de Setembro), o lançar das cruzes à água (a epifania), os dias de Karah-kóndjólóz (provavelmente, dias em que se exorcizavam espíritos malignos), e em todos os Domingos (Bázár gúnlerí, *i.e.* dias de mercado), as muralhas de Constantinopla eram cobertas com panos escarlate, e o próprio imperador, com a sua barda adornada de pérolas e com a coroa Kayaniana de Alexandre na cabeça, andava em procissão solene pelas ruas da cidade.

SAYAT-NOVA. «Eu, rouxinol no exílio», in *La poésie Arménienne du Ve siècle à nos jours*. Tradução inédita de Helena Carvalhão Buescu. [século XVIII] 1990. Paris: Éditions de La Différence. 90-91.

Texto sujeito a Direitos de Autor

(2)
ÍNDIA

Goswami TULSĪDĀS. «Colecção dos dísticos», in *Kavitavali*. Tradução inédita de Singh, Shiv-Kumar e revisão da tradução de Camila Seixas e Sousa e Helena Carvalhão Buescu. [c. 1600] 1940. Gorakhpur: Gita Press.

DÍSTICO 1 DE TULSIDAS

Compaixão é a base da religião e arrogância a do pecado,
Ó Tulsī, não largueis a compaixão enquanto tiverdes a vida no corpo.

DÍSTICO 2 DE TULSIDAS

Torna-se nocivo ver as pessoas, pequenas e pecadoras,
Que recusam amparo pensando apenas no seu prejuízo.

DÍSTICO 3 DE TULSIDAS

Das palavras doces nasce a felicidade em todo o lado:
Por esta fórmula mágica deveis desistir das palavras duras.

DÍSTICO 4 DE TULSIDAS

Quando conselheiro, médico e guru falam docemente devido a ganância
ou medo,
Rapidamente destroem império, corpo e religião.

DÍSTICO 5 DE TULSIDAS

O chefe deve ser como uma boca: embora sozinha coma e beba,
Sustenta por igual o corpo inteiro.

DÍSTICO 6 DE TULSIDAS

Ó Tulsi, não só os burros mas também os inteligentes se enganam ao ver vestidos bonitos:

Eis o caso do pavão, cuja fala é como o néctar divino, embora se alimente de serpentes.

DÍSTICO 7 DE TULSIDAS

Simple, bondoso e velho mestre: quem recusar os vossos conselhos e nada aprender,

Ficará com o coração cheio de remorsos e enfrentará o seu próprio declínio.

DÍSTICO 8 DE TULSIDAS

Ao homem sem inteligência ninguém obedece;
Da mesma forma que todos tocam a cinza sem fogo.

DÍSTICO 9 DE TULSIDAS

Ó Tulsi, os amigos nas dificuldades são: conhecimento, cortesia, raciocínio, Coragem, bons *karmas*, as suas verdades e o nome de Deus.

DÍSTICO 10 DE TULSIDAS

Os corajosos apresentam-se na guerra através das suas acções,
não precisando de auto-elogios.

São cobardes aqueles que, através das suas palavras, se auto-elogiam.

(3)
ÁFRICA

Epopeia de Askia Mohammed. Tradução inédita de Simão Valente. 1996.
Bloomington: Indiana University Press. 17-19.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Nzinga MBEMBA (Afonso do Congo). «Carta de D. Afonso a D. Manuel denunciando a cobiça do Governador e Capitão da Ilha de S. Tomé Fernão de Melo (5 de Outubro de 1514)», in *As Cartas do «Rei» do Congo D. Afonso*. [1514] 1992. [s.l.]: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para Celebração dos Descobrimentos Portugueses.

Muito alto e mui poderoso príncipe Rei e Senhor. Nós, dom Afonso por graça de Deus Rei do Congo e senhor dos Ambundos, etc. Nós encomendamos a Sua Alteza com o Rei e Senhor que muito amamos e lhe fazemos saber como em vida de nosso pai sendo cristão e crendo firmemente na fé do Nosso Senhor Jesus Cristo [...] morreu nosso pai e nós com a ajuda de Nosso Senhor e da virgem gloriosa sua mãe viemos a esta cidade a tomar posse do reino, e toda a gente, parentes e irmãos eram contra nós e nós não tínhamos outra ajuda senão Nosso Senhor e o padre Rodrigues Eanes e António Fernandes que muito esforço nos davam, estando ambos em oração a Nosso Senhor, que nos desse vencimento contra nossos inimigos, pelo qual prouve a ele pela sua misericórdia que nos deu tal vitória, que os vencemos e então chegou a nosso Reino um navio de Gonçalo Rodrigues que foi à Mina e veio por estes padres que havia muito tempo que cá estavam, e nós então os mandámos e lhes demos para eles ambos e para Gonçalo Rodrigues mil e quinhentas manilhas e cinquenta escravos, e assim escrevemos uma carta a Sua Alteza a qual escreveu um Francisco Fernandes em que lhe dávamos conta da grande vitória e vencimento que a nós Nosso Senhor deu e como nosso reino era já de cristãos para que Sua Alteza nos mandasse alguns clérigos ou frades para nos ensinarem e ajudarem a acrescentar a fé, e assim mandámos dom Henrique nosso filho e Rodrigo de Santa Maria nosso sobrinho para Sua Alteza os mandar ensinar e então no mesmo navio escrevemos uma carta a Fernão de Melo em que lhe rogávamos que ele nos mandasse visitar com alguns clérigos para que nos ensinasse as coisas de Deus, e chegando os ditos padres e Gonçalo Rodrigues à ilha quando Fernão de Melo lhe veio levar tanta fazenda entrou a cobiça nele, e mandou cá um navio sem nenhuma coisa somente um cobertor da cama e uma guarda porta e uma alcatia e um céu desparanel e uma garrafa de vidro, e assim nos mandou no dito navio um clérigo e vinha por capitão e piloto Gonçalo Peres e por escrivão João Godinho o qual navio nós recebemos muito prazer por que cuidávamos que vinha em serviço de Deus, e ele vinha por grande cobiça. E nós então perguntámos ao dito Gon-

çalo Peres se tinha Fernão de Melo alguns navios que nos mandasse com algumas bombardas e espingardas, para termos ajuda para queimarmos a casa grande dos ídolos porque se lha queimássemos sem termos ajuda dos cristãos, logo nos tornariam a pôr guerra para nos matar, e ele então nos disse que não, mas que se lhe nós mandássemos alguma fazenda que ele os compraria e nos mandaria toda ajuda que havíamos mister, e nós senhor então quisemos antes mandar quanto houvesse em nosso reino e que tudo se gastasse antes de perdermos a fé de Nosso Senhor, e isto porque cuidávamos que pois nós que éramos gentios tão pouco havia somente de nos ensinarem as coisas de Deus, nós doíamos perder a sua fé quanto mais Fernão de Melo que era cristão e filho de cristão e por isto nos parecia que se doeria da fé de Nosso Senhor e com a fazenda que lhe mandássemos compraria alguns navios que muito aginha nos mandasse, para que nos ajudasse acrescentar a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo e destruir o serviço do diabo e queimarmos quantos ídolos houvesse, [...] tudo isto saberá Sua Alteza que mandava Fernão de Melo por cá não haver feitoria de Sua Alteza, e ele a ver as lambuçadas que havia de nos roubar sempre e sem embargo senhor, [...] e lhe escreveu uma carta que se avisasse que não viesse que nós que éramos uns vampiros e que não merecíamos nenhuma coisa das que nos Sua Alteza mandava, a qual carta ele deu a um nosso criado e nos veio ter à mão e nós mostrámos a todos os criados de Sua Alteza, que na armada vieram, quando vimos aquelas coisas bem soubemos que por mandado de Fernão de Melo se faziam, e demos louvores a Nosso Senhor Deus por nos chamarem vampiros por amor dele e todas estas coisas senhor irmão, sofremos com muito siso e recado chorando muitas lágrimas, e não dávamos a entender nada a nossos fidalgos e gente porque nos não armassem alguma traição então mandámos um nosso primo com um moço fidalgo, e escrevemos a Simão da Silveira que por amor de Deus que viesse a nós consolar e castigar esta gente que cá estava, [...] Fernão de Melo dissera [...] que não merecíamos nenhuma coisa das que Sua Alteza mandava, e que éramos um cão infiel e outros mil doestos que serão vergonhosas coisas de contar a Sua Alteza, pelo qual nós contudo demos mil louvores a Nosso Senhor Deus, porque sendo nós moço e em vida de nosso pai recebendo mil milhões de ameaças e injúrias por amor de Deus, sempre cremos nele firmemente e fomos cristão, e depois com muitas guerras e canseiras queimando muitos ídolos e nunca com todas estas coisas o deixámos de servir, e agora que somos velho e temos filhos e netos cristãos, o havíamos de deixar pela boca de Fernão de Melo [...] nós não mandámos pedir a Sua Alteza senão que nos ajudasse acrescentar a fé de Nosso Senhor Deus, e que isto era o que desejávamos, [...] então começámos logo de despachar os navios de

Sua Alteza e ordenámos de mandar vinte e dois moços de nossa geração, a saber mandámos logo na mão e na caravela dois nossos sobrinhos, com dom Francisco nosso filho e quinhentos escravos para ambos os navios e trinta escravos de fora pera que se morresse algum daqueles quinhentos e refizesse daqueles trinta, e que o dito dom Francisco nosso filho fosse beijar as mãos a Sua Alteza, e lhe apresentasse aqueles escravos como filho del rei, e não como nos Fernão de Melo chama, [...] Sua Alteza não o mandar a lá se não para que ele e Jorge Machado e Álvaro Lopes e todos seus criados vivessem connosco e nos ensinassem as coisas de serviço de Deus, e não para viverem com o alfaiate nem com o pedreiro, e ele nos respondeu que porquanto o tesouro Sua Alteza tinha nem quanta riqueza havia em Portugal, ele não viveria connosco e que agora na hora havia ele de viver com um negro, assim irão que estes são os serviços que nos tem feito e ensinado e outras mil descortesias e coisas que nos tem feito que são muito vergonhosas para contar a Sua Alteza, as quais coisas todos nós pomos nas mãos de Sua Alteza, para que os julgue e dê a cada um o castigo que merecer, e se assim é costume falarem aos reis e na metade das suas barbas arrepelarem os homens, e mais tendo eles mando de justiça e Sua Alteza houver por seu serviço, nós o sofreremos com muita paciência por amor de Nosso Senhor Deus, assim como até aqui temos sofrido outras muitas coisas por amor dele. E depois irmão que o navio de Fernão de Melo pôs D. Manuel e nossos sobrinhos em terra se foi a costa de Panzelunga onde Fernão de Melo mandava muitas sedas e panos para resgatar com eles e ser seu amigo, sabendo que nós tínhamos guerra com eles por serem infiéis e que lhes temos feito muita guerra, onde nos mataram muitos fidalgos e parentes e homens brancos, e todo este irmão Fernão de Melo fazia por nos fazer mal e por dar mau exemplo aos nossos fidalgos para que dissessem que os homens queriam amizade com os panzelugos, que era porque a sua lei era verdadeira e a de Deus que lhe nós ensinávamos era mentira, e para se erguerem todos contra nós, e se tornarem aos ídolos de maneira que Nosso Senhor viu sua má intenção e lhe deu o galardão que dá aqueles que andam em serviço do diabo, pelo qual tanto que chegaram a Panzelugua foram a terra a armar o resgate e os infiéis dos que os lá acolheram mataram o dito Lopo Ferreira que era capitão e outros três ou quatro homens e os outros escaparam na barca e fugiram, ora veja Sua Alteza quantas maneiras buscou Fernão de Melo para nos destruir, e para informar Sua Alteza mal de nós, para que se esquecesse de nos mandar visitar pelo qual pedimos a Sua Alteza que pergunte a Fernão de Melo porque causa nos cativou nosso filho D. Francisco, e porque não quis deixar ir nos navios de Sua Alteza onde o nós mandámos, por mais amor porque Sua Alteza nos mandou

dizer que mandasse vinte ou trinta moços de nossa geração e nós mandamos-lhe nosso filho, para que apresentasse a Sua Alteza todos os escravos e coisas que lhe mandávamos e Fernão de Melo o não quis deixar ir trazia e por aí em sua ilha com um pau na mão a pedir por amor de Deus e assim nossos sobrinhos, a qual coisa nós muito sentimos e nos doía muito quanto era a carne porque saiu de nossos lombos, porém quando é a alma não nos dá paixão porque nós mandávamos nosso filho a ir buscar as coisas de Deus e aprendê-lam e por isso todos os trabalhos do mundo que lhe viessem por ele ir buscar a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo e aprendê-lam todos havemos por bem empregados e os sofreremos por amor de Nosso Senhor Deus porque ele se há-de lembrar sempre de nós agora pedimos a Sua Alteza por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo que nos não desamparem nem deixem perder o fruto e cristandade que é feito em nosso reino porque nós já não podemos mais nem temos mais que uma só boca para pregar e ensinar, nós já nos casámos e casaram todos os nossos fidalgos que estão perto de nós, quanto é aos que estão longe não querem casar por estes maus exemplos que cada dia vêem, e não nos querem obedecer pelo qual pedimos a Sua Alteza que por amor de Deus nos ajude porque os façamos casar, e se Sua Alteza não quiser ajudar no espiritual beijaremos as suas reais mãos, mandávamos cinco ou seis navios por nós e por nossos filhos e parentes para que não vejamos tão grande perdição, agora pedimos a Sua Alteza que nos faça direito de Fernão de Melo pois que ele difama de nós, e trabalha tanto por nos destruir, mande-nos Sua Alteza pagar toda nossa fazenda que nos tem levada por engano, e nunca connosco cumpriu nenhuma coisa e se ele não tiver fazenda por onde no-la pague mandemos dar a ilha, pois é sua maneira que com ela teremos muito descanso e não cuide Sua Alteza que lha pedimos por nenhum respeito, senão por com ela acrescentarmos a cristandade porque Sua Alteza saberá que os moços não podem aprender também onde têm suas mães e pais como apartados deles, e por este respeito mandaremos um homem de nosso sangue e Sua Alteza mandou um padre bom e virtuoso para que ambos rejam a dita Ilha, principalmente no espiritual e depois no temporal, e assim porque a dita ilha é tão perto do nosso reino mandaremos lá muitos moços e moças aprender porque cá fossem todos e um dia vêm duzentos, outro vêm cem e assim que lá em pouco aprenderiam e assim seremos provido da dita ilha de sacerdotes, vinho e farinha para o santo sacramento, não escrevemos mais a Sua Alteza porque haveríamos mister uma mão de papel para pôr quantas emburilhadas cá são feitas, mas D. Pedro dará mais larga conta a Sua Alteza de tudo e se alguma coisa aqui for mal escrita pedimos perdão porque nós não sabemos os estilos de Portugal. E isto escrevemos com um nosso moço da escola porque com

nenhum homem dos que cá estão não ousamos, porque todos esses que mais sabem têm aqui alguma culpa, beijaremos as suas reais mãos a Sua Alteza por escrever uma carta de sua parte a muene Mbata D. Jorge e outra a muene Mpango, que são os principais senhores de nosso reino em que lhe Sua Alteza dê agradecimentos por serem bons cristãos e assim lhe mande dois padres apartados dos que vierem para nós para lá nas suas igrejas lhe dizerem missa e os confessarem e ensinarem todas as coisas de serviço de Deus, porque creia Sua Alteza que estes dois fidalgos vivem de nós, bem oitenta ou noventa léguas e cada um tem sua igreja, em vem Deus e depois temos posto a cada um dois moços de escola, que ensinam a eles e a seus filhos e parentes de maneira que temos ali começado e feito um grande fruto, agora veja Sua Alteza se o quer acabar porque nós até aqui abrange nossas forças e isto é o que podemos fazer, porém tendo eles padres que lhes dissessem missa e os confessassem, será grande crédito e firmeza para ele Nosso Senhor acrescentar a sua santa fé, João Teixeira criado do muito paciente e muito tribulado príncipe rei dos reinos do Congo e na era de mil e quinhentos e catorze anos aos cinco dias de Outubro. R. a fez. El-Rei D. Afonso.

(4)
EXTREMO ORIENTE

A LITERATURA CHINESA
DAS DINASTIAS MING E QING
(1366-1912)

CAO XUEQIN. «Capítulo II», in *O Sonho do Pavilhão Vermelho*. Tradução de António Graça de Abreu [disponível *online* em <http://www.icm.gov.mo/rc/viewer/30005/1468>: acessado a 8 de Fevereiro de 2020]. [século XVIII].

Baoyu ouviu a canção, entendeu uma voz feminina. Antes de se extinguirem os últimos ecos, apareceu uma formosa mulher vinda do outro lado do monte. Aproximou-se dele, ondulando e flutuando no espaço. Era diferente de qualquer outra dama terrena, como se pode entender através do seguinte poema:

Deixa sua casa sob os salgueiros,
 seus jardins floridos, seus ribeiros,
 os pássaros abrem-lhe o caminho
 e ela vem, entre árvores, devagarinho.
 Sua sombra atravessa um sopro de vento,
 ela traz a fragrância, o movimento,
 o perfume das orquídeas nas mãos de fada,
 o tilintar de rubis atravessando a madrugada.
 De folhas de lótus é o seu vestido, suas tranças, de nuvens, de luar
 entretecido.
 Flores de pessegueiro, um aroma e gosto, desabrocham nas covinhas do seu
 rosto.
 Entre os lábios de cereja esconde os dentes que são, de romã, pequeninas
 sementes.
 O balancear sinuoso da sua cintura breve recorda o bailar dos flocos de
 neve.
 O fulgor das estrelas, uma pérola irisada, brilham em sua testa prateada.
 No rosto, um espelho de flores fugidias, a alegria e a força de todos os dias.
 Vem em bicos de pés, sobre as águas, avançando sobre musgo e fráguas.
 Um gesto ligeiro e vai falar, os pés que vacilam e vai parar, um movimento
 vago, titubeante, e continua seu andar ondeante.
 Observo sua rara compostura como cristal de gelo, como jade,
 pura, a maravilha dos vestidos refulgentes, a graça, os enfeites
 resplandcentes.

Admiro seu corpo recortado e fino, de mármore, perfumado, divino.
Contemplo a nobreza do seu porte como se acompanhasse, altiva, o seu
consorte.

Sua singeleza irei sempre recordar ao ver flores da ameixeira na neve
desabrochar.

Numa orquídea de Outono a geada cai, dela, casta e pura, a doçura sai.

Uma infinita calma, perfeita serenidade, pinheiro solitário no vale da
eternidade.

Sua beleza, o fascínio, o esplendor do brilho do sol no lago do amor.

Em si a graça dos dragões brincando, o gesto diáfano, o corpo cintilando.

Ela é apenas espírito, não sabe sonhar, é como a água sob os raios frios do
lunar.

Encantado, compreendendo que a mulher era uma fada, Baoyu correu para
ela e saudou-a com um sorriso.

— Senhora Fada, não sei de onde vem nem para onde vai, mas sinto-me
perdido neste lugar. Pode levar-me consigo e ser minha guia?

— Eu sou a Fada do Desencantamento. Vivo por detrás do Reino da Sepa-
ração, na montanha do Despertar da Primavera que se levanta no meio
do Mar da Tristeza. Nessa montanha fica o Paraíso das Flores Desa-
brochando e aí se situa a Terra da Ilusão, o meu lar. Eu lido com pai-
xões românticas, dívidas de amor, meninas com corações destrocados,
homens enamorados no vosso mundo de pó e cinzas. Hoje vim aqui
porque nesta região se registou ultimamente uma grande concentração
de capacidade de amar. Espero a oportunidade de ser capaz de distri-
buir alguns sentimentos amorosos e o meu encontro contigo não acon-
teceu por acaso, faz parte deste projecto.

O lugar onde estamos não fica longe do meu lar. Eu não tenho muito
para te oferecer, mas gostava que bebesses do chá encantado que eu pró-
pria colhi. E tenho algumas jarras de vinho novo, seleccionado e feito
por mim. Compus recentemente uma melodia em doze partes intitula-
da «Um Sonho de Dias Dourados» e tenho ensaiado com um coro e um
grupo de bailarinas que também são fadas. Elas podem cantar e dançar
para teu prazer. Vens comigo?

Baoyu ficou tão entusiasmado que se esqueceu de Qin Shi e acompanhou a
Fada.

Mais adiante, surgiu em frente deles um arco de pedra onde estava escri-
to em grandes caracteres:

TERRA DA ILUSÃO

Havia dois versos mais pequenos gravados do outro lado do arco:

«A verdade torna-se ficção quando a ficção é verdade.

O real torna-se irreal quando o irreal é real.»

HSÛ-CHÊN CH'ING. «Fantasia da Primavera», in *Oito Elegias Chinesas*.
Tradução de Camilo Pessanha. 1931. Lisboa: Edições «Descobrimento». 12.

Cai o sol, no imenso horizonte, em flor, do Kiang.
Pára o viandante a olhar. A chuva, que do arvoredado ainda goteja, vai-lhe
repassando a túnica...
Oh! se dos mil chorões, à volta das ruínas do palácio real de Ch'u,
As flores soltas me fizessem cortejo, à despedida, no regresso à pátria!

UANG-IANG-MING (ou WANG YANGMING). «À noite, no Pêgo-
-Dragão», in *Oito Elegias Chinesas*. Tradução de Camilo Pessanha. 1931.
Lisboa: Edições «Descobrimento». 8.

De onde vem êste perfume de flores, embalsamando a noite puríssima?
Entre bouças e fragas, uma cabana de ola, perto da qual um arroio murmura...
Como de costume, o eremita parte ao surgir a lua.
Em um covão do monte, um pássaro, poisado, ininterruptamente gorgeia.

Não lhe importa que as ervas, impregnadas de orvalho, lhe encharquem as
alpercatas de junça.

As suas vestes de ligeiro cânhamo, soergue-as, enviesando, a brisa
primaveril...

À borda da torrente, intento fazer versos ao viço das orquídeas.

Embargam-mo as saudades, violentas empolgando-me, do Kiang-Pei e do
Kiang-nan.

UANG LING-HSIANG. «Sôbre o Terraço», in *Oito Elegias Chinesas*.
Tradução de Camilo Pessanha. 1931. Lisboa: Edições «Descobrimento». 9.

Os antigos mortos, invisivelmente
Veem ainda ao seu terraço antigo...
Já sopra da nona lua o vento lamentoso.
De os três rios devem estar a chegar os gansos de arribação.

Cobrem nuvens a vastidão dos dois Kuangs.
Declina, pálido, o sol, sôbre Pang-Lai.
Desterrado da pátria e sem notícias dela,
Para essas bandas volvo de contínuo os olhos.

WU LI (ou WU YUSHAN). «Impossível a viagem para o Ocidente», in *Quinhentos Poemas Chineses*. Tradução de António Graça de Abreu. 2014. Lisboa: Nova Vega. 294.

Impossível a viagem para o Ocidente, como me sinto agora?
Permanecerei em Macau
Mais duas primaveras, dois invernos.
No futuro, atravessarei
as montanhas Perfumadas
e quedar-me-ei sereno
num pomar de ameixieiras,
contemplando as águas a correr.

WU LI (ou WU YUSHAN). «Para S. Inácio de Loyola», in *Quinhentos Poemas Chineses*. Tradução de Yao Jing Ming e Pedro Catalão. 2014. Lisboa: Nova Vega. 292.

Tal como um militar corajoso,
sempre combateu na primeira linha.
Menospreza a riqueza e a honra,
Segue rigorosamente os conselhos de Santa Maria.
Cria uma grande causa,
Junto com os seus camaradas.
Acalma as preocupações dos outros,
Não poupa esforços em formar as pessoas.
É talentoso e diligente,
Conhece bem as coisas do mundo
E sabe ser flexível no divulgar da fé cristã.
Louvai: é um exemplo para todos nós,
Um farol que ilumina a incerteza.
Reúne todas as virtudes humanas
Sendo um pilar da igreja.

ZHANG RULIN. «Macau festivamente límpido», in *Quinhentos Poemas Chineses*. Tradução de Luís Gonzaga Gomes. 2014. Lisboa: Nova Vega. 301.

Pela enseada, o resto do Outono é melancólico.
No zénite, dardeja o sol os seus ofuscantes raios do meio-dia.
As nuvens, na baía, dissolvem-se, abrindo a caixa do espelho.
Os pomares das restingas surgem como um tabuleiro de xadrez.
Ouve-se a água caindo ruidosamente na talha.
De longe vêem-se iluminados, os bosques e as flores das bananeiras,
Através da janela, balouçando com a pureza da sua frescura,
e voltados para nós.

JAPÃO:
UMA CIVILIZAÇÃO ENTRE DUAS ERAS

Matsuo BASHŌ. [Um templo, um tanque musgoso], in *Relance da Alma Japonesa*. Tradução de Wenceslau de Moraes. [1926] 2015. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 275.

Um templo, um tanque musgoso;
Mudez, apenas cortada
Pelo ruído das rãs,
Saltando à água. Mais nada...

Matsuo BASHŌ. Quatro *haiku*, in *Haikai: antologia e história*. Tradução de Paulo Franchetti, Elza Taeko Doi e Luiz Dantas. 1990. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas-Unicamp. 104, 115, 128, 145.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Matsuo BASHŌ. Vinte e nove *haiku*, in *Ao Encontro da Natureza Através da Poesia Haiku de Matsuo Bashô* [dissertação de mestrado, disponível *online* em <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/19227/1/MESTRADO-DISSERTAÇÃO.pdf>: acessado a 10 de Fevereiro de 2020]. Tradução de Leonilda Alfarrobinha. 2015. Lisboa: Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. 107-123.

vai-se a primavera —
choram as aves e há lágrimas
nos olhos dos peixes

—

adocendo em viagem
os meus sonhos vagueiam
pela planície deserta

—

sobre um ramo seco
veio pousar um corvo —
anoitecer de outono

—

a montanha move-se
e entra pelo jardim —
sala de verão

—

mulher velha e bela —
uma cerejeira em flor
para recordar

—

sob as cerejeiras
a sopa e a salada
cobertas de flores

—

flores de ameixeira —
que não sejam dispersas
pelas mãos do vento

—

súbito o sol nasce
no aroma das ameixeiras —
trilho na montanha

—

a lua crescente —
os «bons-dias» vão florir
na manhã seguinte

—

sou um viajante
assim quero ser chamado —
primeiro aguaceiro

—

a minha choupana —
um quadrado de luar
brilha na janela

—

chuviscos de maio —
há muito tempo não vejo
o rosto da lua

—

cheiram a *saké*
as ondas do mar azul —
lua desta noite

—

sob a lua cheia
nos campos de algodão
aparecem flores

—

a primeira neve —
felizmente estou aqui
na minha choupana

—

na manhã de neve
as folhas verdes dos alhos
revelam a horta

—

é primavera —
sobre a montanha sem nome
névoa da manhã

—

as flores abrindo
no vento da primavera
como gargalhadas

—

o velho lago!
uma rã salta e mergulha —
o som da água

—

com as cerejeiras
florindo por todo o lado
saudação a Buda

—

vento do Fuji
trazido neste leque —
lembrança de Edo

—

a abelha saciada
do coração da peónia
voa com saudade

—

que serenidade!
infiltra-se nos rochedos
a voz das cigarras

—

ah! este outono —
porquê envelhecer assim?
pássaros nas nuvens

—

crisântemo branco —
ao encontro do olhar
nem um grão de pó

—

chegou a primavera
mas o ano não findou —
ainda faltam dois dias

—

quanta saudade
de meu pai e minha mãe!
o grito do faisão

—

súbito o sol nasce
no aroma das ameixeiras —
trilho na montanha

—

estou melancólico —
faz crescer a minha solidão
cuco da montanha

Yosa BUSON. Dez *haiku*, in *Haikai: antologia e história*. Tradução de Paulo Franchetti, Elza Taeko Doi e Luiz Dantas. 1990. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas-Unicamp. 76, 85, 91, 105, 129, 134, 137, 46, 165, 175.

Texto sujeito a Direitos de Autor

CHIYO-NI (ou Chiyoyo). «A trepadeira trepou», in *Relance da Alma Japonesa*. Tradução de Wenceslau de Moraes. [1926] 2015. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 227.

A trepadeira trepou
Pela corda do pocinho;
Para não a molestar,
Vai pedir-se água ao vizinho.

CHIYO-NI (ou Chiyojo). Cinco *haiku*, in *O Japão no Feminino, Vol. II. Haiku. Séculos XVII a XX*. Tradução de Luísa Freire. 2007. Lisboa: Assírio & Alvim. 42-44.

Ele fez-me esquecer
de pôr vermelho nos lábios —
um rio cristalino.

—

Tornaram-se flores
ou são só gotas de orvalho?
Neve de manhã.

—

Rosto de criança
que o sol não tostou ainda —
pessegueiro em flor.

—

Toda solidão
está dentro de quem ouve —
um cuco a chamar.

—

Truta a descer o rio —
a água, dia após dia,
me mete mais medo*.

* A truta japonesa (*ayu*), depois de pôr os ovos no rio em finais de Outono, desce a corrente para morrer no mar.

(5)
POLIFONIAS DO NOVO MUNDO:
AS AMÉRICAS

AMÉRICA DO SUL

Viviane Maia

Nos idos de 1934, como registado em *Tristes trópicos*, o jovem Claude Lévi-Strauss, em vésperas de embarcar para São Paulo, em conversa com o então embaixador brasileiro em Paris, indaga sobre os índios do Brasil. O diplomata, ignorando a realidade dos indígenas de seu país, responde equivocadamente que estavam todos extintos. Hoje, sabe-se que existem cerca de 900 mil indígenas que, vivendo em condições diversas, ainda falam mais de 160 línguas diferentes da portuguesa. Seguem exemplos de algumas etnias e demonstração de suas culturas por meio de textos escritos que, muito provavelmente, sofreram influências de narrativas ocidentais, e, por isso mesmo, são classificados como pertencentes ao período de 1500 a 1800. Exceptuando a narrativa de Pichuvy Cinta Larga, e o texto de Inca Garcilaso de la Vega, os outros foram coligidos, escritos e organizados por professores indígenas, em actividades coordenadas pelo Núcleo Transdisciplinar de Pesquisas Literaterras: escrita, leitura, tradução de obras literárias, cujas publicações fazem parte do Acervo Indígena — Acind —, da colecção especial da Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais — Brasil.

Inca GARCILASO DE LA VEGA. «De fábulas históricas da origem dos Incas, Capítulo XVIII», in *Comentarios reales de los Incas*. Tradução inédita de Isabel Araújo Branco e Ângela Fernandes. 1609. Lisboa: Officina de Pedro Crasbeeck. ff. 16v-18v.

Outra fábula conta a gente comum do Peru sobre a origem dos seus reis incas, e são os índios que ficam ao meio-dia de Cusco, chamados collasuyu, e os do poente, chamados cuntisuyu. Dizem que passado o dilúvio, de que não sabem dar mais razão que dizer que houve, nem se entende se foi o geral do tempo de Noé, ou algum outro particular, pelo que deixaremos de dizer o que contam sobre ele e outras coisas semelhantes que, da forma como as dizem, mais parecem sonhos ou fábulas mal ordenadas que acontecimentos históricos. Dizem, pois, que cessadas as águas apareceu um homem em Tiahuanacu, que está ao meio-dia de Cusco, que foi tão poderoso que dividiu o mundo em quatro partes e as deu a quatro homens a quem chamou reis: o primeiro chamou-se Manco Cápac e o segundo Colla e o terceiro Tóçay e o quarto Pinahua. Dizem que deu a Manco Cápac a parte setentrional e a Colla a parte meridional (de cujo nome Colla se chamou depois aquela grande província); ao terceiro, chamado Tóçay, deu a parte do levante, e ao quarto, a que chamam Pinahua, a do poente; e que mandou que fosse cada um para o seu distrito e conquistasse e governasse as gentes que encontrasse. E não conseguem dizer se o dilúvio os tinha afogado ou se os índios tinham ressuscitado para serem conquistados e doutrinados, e assim é tudo quanto dizem daqueles tempos.

Dizem que desta divisão do mundo nasceu depois o que fizeram os incas do seu reino, chamado Tahuantinsuyu. Dizem que o Manco Cápac foi para norte e chegou ao vale de Cusco e fundou aquela cidade e sujeitou os circunvizinhos e os doutrinou. E com estes princípios dizem de Manco Cápac quase o mesmo que dissemos dele, e que os reis incas descendem dele, e dos outros três reis não sabem dizer o que foi deles. E desta maneira são todas as histórias daquela antiguidade, e não nos devemos espantar de que gente que não teve letras com que conservar a memória das suas antiquilhas trate daqueles princípios tão confusamente, pois os gentios do Velho Mundo, com ter letras e ser tão curiosos nelas, inventaram fábulas tão dignas de riso e mais que estouras, pois uma delas é a de Pirra e Deucalião e outras que

podéssemos trazer à conta. E também se podem cotejar as de uns gentios com as de outros, que em muitas partes se arremedam. E outrossim têm algo semelhante à história de Noé, como alguns espanhóis quiseram dizer, como depois veremos. O que eu sinto desta origem dos incas direi no fim.

Outra maneira da origem dos incas contam semelhante à anterior, e estes são os índios que vivem no levante e a norte da cidade de Cusco. Dizem que no início do mundo saíram por umas janelas de umas penhas que estão perto da cidade, num lugar que chamam Paucartampu, quatro homens e quatro mulheres, todos irmãos, e que saíram pela janela do meio, que elas são três, a que chamaram janela real. Por esta fábula forraram aquela janela por todas as partes com grandes lâminas de ouro e muitas pedras preciosas. Guarneram as janelas dos lados apenas com ouro mas não com pedraria. Ao primeiro irmão chamam Manco Cápac e à sua mulher Mama Ocllo. Dizem que este fundou a cidade e que a chamou Cusco, que, na língua particular dos incas, quer dizer umbigo, e que sujeitou aquelas nações e os ensinou a ser homens, e que deste descendem todos os incas. Ao segundo irmão chamam Ayar Cachi e ao terceiro Ayar Uchu e ao quarto Ayar Sauca. A dicção Ayar não tem significado na língua geral do Peru; na particular dos incas devia ter. As outras dicções são da língua geral: «cachi» quer dizer «sal», o que comemos, e «uchu» é o condimento que deitam nos guisados, a que os espanhóis chamam pimento. Não tiveram os índios do Peru outras especiarias. A outra dicção, «sauca», quer dizer «regozijo», «contentamento» e «alegria». Inquirindo os índios sobre o que foi feito daqueles três irmãos e irmãs dos seus primeiros reis, dizem mil disparates e, não encontrando melhor saída, alegorizam a fábula, dizendo que pelo sal, que é dos nomes, entendem o ensinamento que o inca lhes deu da vida natural; pelo pimento, o gosto que dela receberam; e pelo nome regozijo entendem o contentamento e a alegria com que depois viveram. E ainda isto dizem por tantos rodeios, tão sem ordem e concerto, que mais se tira por conjecturas do que quererão dizer que pelo discurso e ordem das suas palavras. Apenas se afirmam em que Manco Cápac foi o primeiro rei e que dele descendem os demais reis.

De maneira que por todas as três vias fazem princípio e origem dos incas em Manco Cápac, e dos outros três irmãos não fazem menção, antes pela via alegórica os desfazem e ficam-se só com Manco Cápac, e parece ser assim porque nunca depois rei algum nem homem da sua linhagem se chamou por aqueles nomes, nem houve nação que se prezasse de descender deles. Alguns espanhóis curiosos querem dizer, ouvindo estes contos, que aqueles índios tiveram notícia da história de Noé, dos seus três filhos, mulher e noras, que foram quatro homens e quatro mulheres que Deus reservou do dilúvio, que

são os que dizem na fábula, e que pela janela da Arca de Noé disseram os índios a de Paucartampu, e que o homem poderoso que a primeira fábula diz que apareceu em Tiahuanacu, que dizem que dividiu o mundo por aqueles quatro homens, querem os curiosos que seja Deus, que mandou Noé e os seus três filhos que povoassem o mundo. Outros passos de uma e outra fábula querem assemelhar aos da Santa História, que lhes parece que se assemelham. Eu não me entremeto em coisas tão profundas; digo simplesmente as fábulas históricas que na minha meninez ouvi aos meus: tome-as cada um como quiser e dê-lhes a alegoria que mais lhe quadrar.

À semelhança das fábulas que contámos dos incas, inventam as demais nações do Peru outra infinidade delas, da origem e princípio dos seus primeiros pais, diferenciando-se uns dos outros, como as veremos no decurso da história. Que não se tem por honrado o índio que não descenda de fonte, rio ou lago, mesmo que seja do mar ou de animais feros, como o urso, leão ou tigre, ou de águia ou da ave a que chamam «cúntur», ou de outras aves de rapina, ou de serras, montes, penhascos ou cavernas, cada um como se lhe antolha, para sua maior loa e brasão. E para fábulas basta o que se disse.

KRENAK. «O tempo que Deus andava no mundo», in *Conbé Panda Ríthioc Krenak — Coisa tudo na língua Krenak*. Organização de Maurício Krenak, José Carlos Krenak, Marcos Krenak, Osmar Krenak, Itamar Krenak. 1997. [s.l.]: Literaterras. 32-33.

Texto sujeito a Direitos de Autor

MAXAKALI. «As crianças cegas», in *Penãbã: livro de Pradinho e Água Boa / Pvo Maxakali*. Organização de Andreлина Gonçalves da Silva, Francisca Gonçalves da Silva e Iracema Macedo Leite. 2005. Belo Horizonte: FALE / UFMG; CGEEI / SECAD / MEC. 31-35.

Os nossos antepassados maxakali foram caçar. Todos os homens. E deixaram as crianças com as mães. Mas o tempo passou... As mães acreditaram que os maridos já deviam ter morrido, não iam voltar mais. E resolveram fazer uma troca.

Falaram assim:

— Vamos trocar nossos filhos. Assim a gente não fica sem marido.

E trocaram.

Mas tinha uma criancinha que não sabia direito como é que fazia.

E com o tempo que passou... os homens voltaram.

Quando chegaram, tinha umas mulheres grávidas e outras já haviam ganhado menino.

— Que negócio é esse? Nós não estávamos aqui! — Assustaram-se os maridos.

Um deles chegou em casa, com a caça... A esposa preparou tudo... Fizeram tudo como a gente faz até hoje. Comeram. E o menino estava chorando... chorando muito.

E os pais falaram:

— O que é que você quer? Meu filho, fala pra mim, o que é que você quer?

O menino colocou o dedo no meio das pernas da mãe dele e falou:

— Eu quero isso aqui.

O marido então já sentiu uma coisa diferente. Ele não comeu. Foi na Kuxex (Casa de Religião), reuniu todo mundo e falou:

— Olha, as coisas aqui estão ao contrário.

Aí um outro falou:

— Está tudo ao contrário mesmo, porque eu não estava aqui e minha esposa já está grávida.

E um outro falou assim:

— Eu não estava aqui e minha esposa já ganhou menino.

— Vamos arrancar os olhos das crianças. Disse outro. Mas primeiro vamos olhar o pintinho deles.

E foi olhando, cada um:

— Este aqui fez. — Ia separando.

— Este aqui fez. — Ia separando.

Foi indo até que olhou assim:

— Este aqui não fez não.

E esse que não fez nada é que vai procurar um jeito para os irmãos dele.

E foram arrancar os olhos deles dentro da Kuxex. Mas dentro da Kuxex não pode gritar, não pode chorar. Tem que ficar quietinho.

E desse que não fez nada, só arrancaram um olho. Depois esse de um olho só falou para os outros meninos:

— Vamos pegar nas mãos uns dos outros e vamos comigo.

E todos pegaram nas mãos uns dos outros.

Chegando na cachoeira do rio, eles cortaram uma árvore bem grande e colocaram-na lá no fundo. Então o menino de um olho só falou:

— Segurem nas mãos uns dos outros que nós vamos descer.

E ele desceu primeiro. Quando chegou lá no final, encontraram o Rei dos Peixes. E o Rei dos Peixes falou:

— Olha, vocês vão voltar lá. Eu vou dar um facão a cada um. Vocês vão voltar lá para matar. Cada um vai matar o pai do outro. Então vocês ficam do jeito que vocês queriam ficar.

Primeiro eu vou colocar o olho em todo mundo. Naqueles que estavam sem olho, ele colocou os dois. Mas naquele pequenininho, que falou assim: «Eu quero aquilo» e que mostrou no meio das pernas da mãe, que tinha ficado só com um olho, naquele ali, ele colocou um olho, mas ele não aguentou, estava doendo. Quando queria colocar o outro olho ele gritava demais.

— Então não vai ter jeito, você vai ficar só com um.

E voltaram.

Dizem que até hoje, entre os maxakali, é difícil você ver, mas nasce criança com um olho. Ou torto, ou meio assim, ou muito branco. Até hoje. A nossa história conta e até hoje a gente vê.

PICHUVY CINTA LARGA. «Ngurá» e «Os animais», in *Materé ma Kwé tĩnbim — Histórias de maloca antigamente / Pichuvy Cinta Larga*. Organização de Ana Leonel Queiroz, Ivete Lara Camargos Walty e Leda Lima Leonel. 1988. Belo Horizonte: SEGRAC-CIMI. 17-24, 57-58.

NGURÁ*

Ngurá nasceu de pedra. Primeiro que nós nasceu Ngurá, né?

Ngurá chama a mãe, pedra. Primeiro Ngurá falava com a pedra, a conversar com ela ainda. O pedra falava ainda Ngurá porque Ngurá nascido de pedra.

Ngurá fazeu muita coisa primeiro daqui do terra. Foi Ngurá fazeu essa terra primeiro. Ngurá fazeu nós. Depois que ele fazeu o bicho pra criar no terra. E depois, Ngurá fazeu o mato. Ngurá só falava, o mato brotando começar, o terra brotando pra virar mato. Foi Ngurá foi falava também fazer água também. Depois ele fazeu o bicho — o passarinho fazeu também — tudo bicho que por aí andar.

É assim que Ngurá fazeu essa terra pra nós morar. Depois que ele foi fazer a comida. Ele só conversava, falava, aí comida aparecer.

Foi Ngurá primeiro morava essa terra. Depois Ngurá foi embora pro céu lá em cima, né? Ninguém olha mais Ngurá. Ninguém, qualquer pessoal não vê Ngurá mais.

Foi Ngurá foi assim história nossa.

Ngurá mora lá em cima. Ele morava essa terra. Agora ele mora lá em cima, né? Ngurá que sabe tudo, né? Ngurá sabe tudo, tudo coisa, até doente Ngurá sabe. Ngurá mora no céu. Quando gente muito doente, quando morrer, aí Ngurá aparece. Nem assim a gente fica doente assim, ninguém vê Ngurá não. Quando fica doente muito, quando gente morre, aí Ngurá aparece a ver a gente.

Disse que foi Ngurá morava primeiro aqui na terra. Foi Ngurá morava aqui. Foi Deus fazer essa terra pra ele mesmo morar. Branco chama Ngurá Deus. Ele morava ainda sozinho aqui. Aí depois que Ngurá foi fazer filho dele no pedra. Mulher dele é pedra. Aí não nasceu igual gente que nasce hoje não.

* [Gurá] — Ngurá — Entidade criadora e ascendente — o Pai do mundo, dos animais, vegetais e humanos.

Ngurá é ovo igual passarinho... galinha...
 Vinte e cinco dias pedra chocou Ngurá. Primeiro que Ngurá conversar pedra.
 Disse que pedra é bonita pra ele mulher. Depois quando muita gente tem já, pedra virou pedra. Antigamente pedra era mulher. Meu vô... tudo velho que morreu contava pra nós.
 Ngurá fez Ngurá. Tem dois Ngurá igualzinho que sabe tudo. Tudo não sabia que tem pai de Ngurá, não? Mulher dele é pedra.
 Aí depois falava assim: «o pai do Deus quer de pedra pra mulher dele, pra fazer o filho». Por isso que Deus fez o filho dele de pedra.
 Ngurá nasceu no pedra. Esse daí que fez, depois, primeiro gente: Cinta Larga, branco, tudo gente...
 Pai dele fez só filho pra fazer isto. Ele morava dois junto nesta terra. Depois que ele fez neto dele. Filho fez neto. Ele fazer terra pra ele, pra ajudar companheiro dele. Esse daí ninguém sabe como ele fazer. Filho não tem filho... tem neto.
 Ngurá morava junto filho dele ainda. Aí depois que ele fez primeiro gente. Esse pandere as ka a*, primeiro nós, é primeiro neto Ngurá fez.
 Ngurá fez primeiro mato, né? Depois que mato deu fruto, ele fez mato. Ngurá conversar... queria mato... falava. Mato vai aparecer. Vai saindo... brotando raiz, folha, espinho, tudo...
 Depois Ngurá fez água só falando. Aí água... rio... água foi aparecendo tudo... Então... então Ngurá fez neto. Aí Ngurá foi embora láaaa... deixou filho sozinho. Então o pai dele foi embora. Então Ngurá, filho dele ficou.
 Depois que Ngurá foi embora, Ngurá Tisup† foi embora também. Foi passear outro muito longe... Levou neto pra acompanhar ele. Por isso Cinta Larga tem sempre companheiro dele até hoje.
 Aí quando ele voltou, neto fez Cinta Larga. Primeiro era quente, não tinha mato, não tinha nada. Primeiro era sol.
 Primeiro tinha sol, era muito quente! Então aí depois que pai de Ngurá manga Ngurá fazer e ele fez mato... rio... gente... tudo...
 Primeiro tinha pedra só junto Ngurá. Só pai mesmo que sabe. Primeiro só tinha pedra. Por isso que pai de Ngurá fez ele dentro de pedra. Não morre nunca... fica velho... Troca casca igual cobra... calango... Foi por isso que Ngurá fez filho dele de pedra. Depois que ele foi embora... só filho dele ficou.
 Quando ele foi embora, Ngurá foi passear outro mundo. Não sei que ele fez

* [Pandere Tsa Ka A] — Pandere Tsa Ka A — Neto de Ngurá, primeiro homem, o que vem na frente.

† [Gurá Tisup] — Ngurá Tisup — Neto de Ngurá.

branco já. Talvez que ele fez branco pra lá... Ngurá fez branco longe, onde foi passear. Não sei como que fez isto. Esse aí pedra virou pedra mesmo!

Aí depois que Ngurá fez primeiro nós. Depois que espalhou tudinho e chama Sucuruí, Cinta Larga, Nambiquara, Zoró... fez tudinho de uma vez, depois que gente espalhou...

Neto de Ngurá fez o índio. Transava fruto. Ngurá não tinha mulher. Sabe por quê? Ngurá tá fazendo desenho no pedra pensando. Até hoje que tem muito desenho em tudo que é pedra, desenho que Ngurá fez. «Como é que eu vou fazer gente, como eu vou fazer?» Ngurá tá desenhando lá e neto dele tá transando. Primeiro que neto dele transava terra. Fazia buraco na terra com pedacinho de pau e mete lá dentro. Não saía zup* nada. Terra seca tudo. Chupa tudo zup. Então Ngurá não sabia que neto tava transando de barro. Depois que neto transava fruto. Aí foi que deu de fazer o índio.

Primeiro ele transava o coco de castanha. Coco de castanha tem boca que cabia Jibaca† dele. Aí zup ficou lá dentro castanha. Aí Ngurá viu já. Aí viu neto transando o coco de castanha. Gente já nasceu dentro de castanha. Abelha tá comendo zup lá dentro. Neném fica gritando nhem... nehem... Por isso Ngurá vem olhar e foi viu neném. Por isso que neném começa a nascer igual de gente mesmo.

Aí Ngurá foi lá ver e tirou indiozinho e foi gente começando aumentar. Quem foi nascido no coco de castanha Ngurá chamou Mãm Ey‡, que castanha não chama Mãm?

Agora neto transou fruto. Transava fruto amarelo de Kakin, fez gente Kakin. Kakin é de casca duro, amarelo. Fruto seco, ele fez buraco e transou. Zup lá ficou. No fruto seco. Nasceu Kakin. Então que depois neto transou fruto de novo e fez Kabãn. Por isso que tem Cinta Larga Mãm, Kakin, Kabãn. Foi assim história de Ngurá que fez gente. Gente velha falou pra gente que história de Deus é assim.

Depois que Ngurá foi passear no mato. Levou neto também... foi longe andando... Depois que ele voltou onde que ele morava, onde que fez nós. Aí depois que ele chorava. Lembrou pai dele, quer pai dele. Mundo todo já tinha mato, virou mato mesmo. Todo mundo mato já tinha virado. Aí que quando já tinha mato tudo, é muito escuro a noite. Muito escuro!...

* [Dzup] — zup — esperma, sêmen.

† [Dzibaga] — pênis.

‡ [Mãm Ey] — descendente do mãm, castanha do Pará. [Kabãn Ey] — descendentes do Kabãn, árvore de grande porte. [kakĩn Ey] — descendentes do fruto do Kakin, cipó da floresta. Mãm Ey, Kabãn Ey, Kakin Ey — Divisão interna que ordena as relações sociais, políticas, casamentos. Se dividem em linhagens e subgrupos.

Primeiro que Deus fez Njoy Kap*, estrela. Sabe por quê? Pessoal falou assim também história de estrela que apareceu:

Que Ngurá fez índio e índio ficou morrendo de sol quente. Índia, até criança morreu tudo, né? Não tem nem uma folha nascer, sabe? Quando nascer, a folha morre todo o tempo. Aí Ngurá falou assim:

— Então, vou mandar escuro pra dormir. Dia todo não dá pra dormir.

Aí ficou mandar escuro índio ficou medo. Disse que ficou medo que vai acabar mundo. Aí Ngurá falou assim:

— Olha, agora melhor o escuro pra vocês! Amanhã tem outro dia...

Aí índio pensando que tudo vai ser noite. Então Ngurá mostrou estrela. Estrela saiu clareando tudo bastante e índio ficou alegre muito...

Agora lua... Deus fez lua pra ficar clareando mato. Fez lua... história de lua é assim: Ngurá mandou Ngati† ficar clareando noite. Nós achava que lua tinha pena, pena muito forte igual pena de gavião chapéu‡ gente. Daquele tipo, pena branca clareando muito... Lua usa aquele chapéu, sabe por quê? Primeiro não tem lua. Disse que lua casou com a irmã. Lua é gente também. Irmã de lua era gente, tinha noivo. Lua chega escondido e ia namorar com ela no escuro. Irmã pensando que é noivo dela. Lua trazia carne pra ela comer e mulher pensa que é namorado. Tá escuro, né? Ninguém vê. Mulher pensava: «Ah, eu vou passar tinta na cara de homem. Amanhã vou ver cara dele.» Mulher passou jenipapo§ na cara de homem. Pra conhecer cara. Outro dia mulher pensava: «Ah, meu irmão tá namorando comigo. Eu pensando que era o noivo namorando no escuro e é meu irmão.» Aí mulher contou pra Ngurá: «Meu irmão tá transando comigo.»

Ngurá ficou bravo muito... mandou lua vai embora. Ngurá não gosta que lua irmã namorava. Cê já viu estrela voando? Assim lua foi pro céu voando igual estrela e lua virou.

Mulher pintou cara de lua com jenipapo. Por isso que lua tem mancha pintado no meio. Lua ficou raiva e mandou menstruação pra mulher. Pra mulher não transar toda hora não. Ficou ciúme. Lua transava toda mulher. Por isso casou irmã dele. Lua que manda menstruação. Por isso que mulher todo tempo menstrua. Aí que mulher não pode olhar cara de lua não, que sangue muito vem. Se mulher fica olhando muito, lua transa ela.

* [Dzoit Kap] — /njoy kap/ — estrela.

† [Gati] — Ngati — lua.

‡ Chapéu — Cocar.

§ Jenipapo — fruta da qual extraem tintura negra para pintura.

Quando mulher sonha homem transando, qualquer mulher, é lua. Lua clara, vê tudinho! Se mulher dorme com perna aberta, lua pad-panzuá* ela. No mesmo dia ela fica menstruada muito... Mulher não olha nunca pra cara de lua. Lua é marido de toda mulher.

De primeiro, mulher não tem isso. Lua que fez assim. Quando Lua cansar, não vem pra trabalhar. Fica escuro muito ainda. Então Ngurá manda estrela clarear mais ainda. Melhor ainda. Aí depois que ele foi fazer nuvem.

O pai de Ngurá mesmo fazer lá em cima outra terra no céu. Igualzim. Tinha três nuvens. Então essa nuvem... não tinha chuva. Então Deus pensa de novo: «Como eu vou fazer chuva?» No chão, lá em cima, não tem chuva.

Foi assim que ele fez tudo: Kakin, Mãm, Kabãn... Por isso tem família assim. Ngurá não morre. Ngurá não fica velho. Nós fica velho. Nós fica velho, morre... fica velho logo... Ngurá quando fica velho, troca de couro. Descasca igual calango, ganha couro novo. Igual cobra. Fica novo outra vez igual criança. Depois que ele fez gente. Fez nuvem pra ninguém vê ele subindo. Fez nuvem de fumaça. Eu sei que é de fumaça...

Velho falava que fumaça tava lá em cima. Mandou vento soprar. Vento levou fumaça lá prá cima. Nuvem que Ngurá foi embora era grande. Aí não vê mais Ngurá. Mora lá até hoje. Tem muito Ngurá... Me falava assim...

Guyan† é outro Ngurá. Ele é dono da chuva.

Eu vou contar do história do Ngurá de novo...

Ngurá nasceu pra nós assim. Nasceu de pedra.

Então Ngurá nasceu de pedra, depois que ele foi fazer a gente.

É assim que foi história de Cinta Larga: «Como é que eu vou fazer a gente...» Ngurá pensava.

E dá que Ngurá foi transar a fruta. E daí gente já tinha, e quando já tinha gente já, Ngurá morava junto nós.

O velho falou pra nós história Ngurá é assim: então Ngurá morava essa terra. E daí Ngurá foi morava essa terra, então o índio tava morando junto Ngurá ainda. Então Ngurá pensava depois... já tinha mulher, o índio, né? Então Ngurá foi virava criança pequena. Ngurá foi chorava no colo de mãe. Mãe de outro neném.

Então quando Ngurá chorava, parece que foi corpo de gente chorava. Aí depois mulher bonita levava no caminho assim longe... Então Ngurá apareceu lá no mato foi transou mulher bonita. Mulher era bonita. Aí depois, que mulher gestante, o índio foi perguntou:

* [Pad panzuá] — pad — nós; pa — nós; nzuá — esperma, origem da vida; pad panzuá — vamos transar.

† [Guyãñ] — Guyam — Trovão, dono da chuva.

— Quem fez esse neném? Essa mulher? — o índio falava assim.

E depois o índio falou:

— Foi Ngurá foi fazer, foi Ngurá mesmo. Ngurá ficou bravo, ele mandou prender de maloca virando pedra.

Assim é história pra nós.

Ngurá fechou no pedra e Ngurá ficou lá fora. Então o pessoal ficou escutando lá dentro, né? Aí Ngurá ficou chorando de fora.

Então tinha veadinho lá fora. Veadinho falou pra Ngurá:

— Ngurá, chama arara pra furar pedra.

Arara fura pedra...Fazer furo no pedra e pessoal foi saindo. Fazer buraco pro pessoal sair. Então Ngurá foi chamado arara tudinho!...

Então arara chegou, outro arara chegou assim e Ngurá falava com ele:

— Fura essa pedra pra mim?

Tinha outro arara — que bico de arara não aguentava de pedra que ele mordeu. Pedra quebrou bico dele.

Ngurá chama outro arara. Esse aí arara que foi furou. Então quando furando pedra, pessoal saindo tudo. Pessoal saiu a metade. E daí que pessoal saindo aí Ngurá falou:

— Agora meu mulher vai sair — Ngurá falou assim.

Então mulher saindo buraco e mulher enganchou lá barriga, sabe? Então prendeu lá, mulher prendeu o índio pra sair no buraco, sabe? Então mulher ficou lá.

Então foi história antigamente é assim. Outro Ngurá foi assim, também.

Outro Ngurá é dono de chuva. E ele chama pra nós Bepuixi*, né? Então Bepuixi foi assim que mandou chuva... parece, sabe? Ele mesmo que manda chuva. Parece assim que ele é dono de chuva.

Então, história de Ngurá também.

Outro Ngurá também que nome é Tiriri†. Tiriri é aquele faz barulho quando começar queimar de roça. Então quando é barulho, a gente queima roça.

A gente sabendo que é pra nós queimar roça. Plantar no hora, né?

Ngurá morava daqui essa terra. Então primeiro que nós falava assim. Pajé nosso falava que Ngurá tá lá no baixo terra, no fundo, né? Aí depois que Pajé descobriu não tá lá não. Então foi embora pro céu.

* [Bépuisi] — mbé — caminho; Puit — grande ; Si — água/líquido; Bepuixi — caminho da água, o dono da chuva.

† [Tiriri] — Tiriri: o dono do barulho do trovão, da queima da roça.

Então tem outro pajé falava assim lá tem outro pessoal lá embaixo. Só Wāwā* sabe isso de história Ngurá morava. Pra nós não.

Quando nós rezava assim, quando doente assim, nós rezava. Pajé foi assim: rezava, cantava... aí ele chama espírito, né? Para salvar doente. Então história foi assim, mas ninguém sabe onde tem Ngurá.

Ngurá tem tudo canto. Parece todo canto Ngurá morava, né? Acho que Ngurá morava daqui. Morava ainda lá em baixo também. Disse que tem lugar bom. Tem lugar bom, tem água. Tem lugar não tem água... Se Wāwā eu olhava. Assim eu olhava, só o espírito de gente olha. Não é assim a gente mesmo não. Assim que é o pajé sabe isso.

Guyan é... parece que ele Guyan é que fazer barulho, sabe? Que faz barulho assim, aquele chuva começa téeee... Então por isso que nós chama Guyan. Então outro Guyan é Bepuixi. Guyan, nós chama aquele barulho trovão.

Então história de Guyan:

Foi Alia† foi descobriu assim, né? Foi Alia descobriu pra ver.

Guyan tá namorando índia, né? Então foi... Guiyan vem à noite, né? Guyan vem à noite escondido pra ver namorada dele. Então outro dia, que mulher tá pescando, né? Mulher tá pescando... nadava igarapé. Depois, depois que ela viu ovo de passarinho. Passarinzim, né? Então mulher carregava aquele panero‡ — panero grande. E daí que ela viu ovo de passarinho, ela carregava na costa, ovo quebrou lá dentro. Então ovo quebrou lá dentro, escorregava assim, aquele mela assim, ele foi, entrou lá... Então ele virou neném lá dentro de mulher. Então vai ser filho de Guyan com índia, sabe?

Então quando mulher tava grávida, né? Guyan vem toda hora à noite trazer milho pra mulher comer, sabe? Aí quando Alia entrou quando mulher tinha caroço milho comido assim, aí Alia falou pra mulher:

— Quem é esse fruto?

Mulher falou:

— Não sei.

Guyan falou pra mulher:

— Você não vai contar ninguém Alia.

Aí Alia falou:

— Quem trouxe comida pra você?

* [Wāwā] — Wāwā — pessoa com poderes elevados que conversa com animais, plantas, espíritos, fazendo a ligação entre o mundo espiritual e material — pajé.

† [Ahia] Alia — Bicho preguiça — Animal mitológico que trouxe o milho para os Cinta Larga.

‡ Panero — Palavra regional — Cesto.

Aí Alia mastigou milho. Daí, Alia mastigou milho. Tava gostoso, né? Aí Alia foi buscar — ele e grilo, sabe? Eles dois foi procurar milho. Então encontrou Guyan lá na roça, ele pediu milho.

— Nós quer milho.

Guyan falou:

— Não, cês num pode comer milho...

Daí Alia falou assim:

— Eu pode comer milho também. Você não foi levar milho pra mulher comer? Eu vi carço de milho debaixo do rede mulher.

Aí Guyan falou:

— Ah, foi eu não!

Então quando Alia pediu milho, Guyan deu milho assado pra ele plantar.

E daí, Alia embora pra casa. E daí depois outro dia ele voltou pra casa de Guyan de novo. Esse aí que vai roubar milho dele.

Então Alia foi, pediu de novo. Daí que grilo cortando lá no milho pendurado lá em cima. Aí milho caiu e carço de milho saindo, né? Daí Alia pegou um carço de milho escondeu baixo de unha.

Ele levou milho. Plantou um carço de milho terreiro dele. Esse daí que é o milho que tem até agora, sabe?

Aí Alia foi... grilo foi acompanhar Alia. Aí Alia falou pra ele:

— Você vai subir lá em cima cortar a corda do milho — tirar cipó, né? — Cê corta corda lá cipó e milho vai cair, sabe? Aí pega um semente pra nós, tá?

— Tá.

Aí o dono do milho num tá em casa, né? Ele foi passear... num sei pra onde que ele foi passear. Aí grilo falou:

— Então eu vou subir. Eu vou cantar lá em cima — igual barata cantava dentro de casa, né? Tum... tum... tum... grilo tava cantando lá em cima: tum... tum... tum... Foi roendo, aí ele cortou, táaaaa... aí milho caiu no chão ele pegou... pegou de um semente, um carço de milho. Aí depois — baixo de unha, né? — ele foi embora, foi embora. Aí não deixa nada pra nós... dá semente pra nós não. Depois dá, antes não.

Aí tem índio lá, mas não sabia que Alia foi não. Aí ele... ele foi... ele chegou no casa, ele falou assim:

— Tu esperando cara, cara demorou, né?

Aí outro índio falou:

— Como é que ele fazer?

— Não tem ninguém não. Só milho dele caiu lá em cima lá baixo.

Aí ele plantou, ninguém sabia que ele plantou, né? Ele foi, cuidava milho, milho nasceu, né? Ele pegou milho — no carço uma — e falou:

— Eu plantar milho! Ninguém sabe que vai comer milho...

Ele falou assim:

— Eu vou plantar milho aqui!

É... tá bom.

Ele cuidava milho, aí nascer milho, né? Aí milho pegou espiga de três, quatro, né? Aí índio tem vontade comer e Alia não deixa, né? Daí dois anos que milho vai ficar muito milho! Aí começou milho, né? Ele falou assim:

— Agora nós vai fazer comida — é bebida de chicha*, né? Aí procurar barro, fazer cuia, começando fazer... Aí foi tirar mel — fazer dentro de chicha, né? É doce... aí que tem tirar mel.

Aí quando ele chegou, ele chegou no mato, aí Ngurá vem, aí falou:

— Ah, cê já pegou semente, né?

Aí Alia falou:

— Eu já peguei semente! Cê quer bebida, makaloba†?

Ngurá falou:

— Quero! Ah sim, agora vocês tem milho aí, né? Tá bom...

— Foi eu que plantei! — Alia falou.

— Foi você, né?

Foi eu. Foi eu que tirei semente, peguei caroço... Eu pedi semente você não queria dar...

— Ah, você já pediu? Se já pediu, eu dei você...

— Num deu nada, você deu foi milho assado... (quando ele pediu milho, aí Ngurá deu milho assado pra ele, com medo que vai tirar, querer milho, né?)

Aí foi, chegou lá e viu muito, né? Ele Ngurá foi embora, né? Deixou sozinho, foi embora...

Aí macaco cuidava milho tudo, né? O índio não sabe não. Tem milho lá... aí começando comida tomar, fazer barro, cozinha, tudo isso... fazer cuia desse tamanho assim pra tomar chicha.

Acho que é só isso. Macaco foi chefe primeiro, quando não tem gente nascido ainda. Alia era Dzabiway‡ sim. Índio quis ele chefe dele. Pagobit§ muito... Ele foi pegar semente porque ele era chefe. Ele não tem medo pra ir, não tem medo.

* Chicha — na linguagem regional é a bebida fermentada feita de milho, cocos, frutas, mandioca, cará, etc.

† [Makaloba] — Mingau de milho fermentado — na língua suruí — empréstimo de palavra suruí.

‡ [Dzabiway] — ndzap — casa; iway — dono, chefe; Dzabiway — dono da casa, liderança, chefe.

§ [Pagobit] — pá — nós; ngobit — aprender; Pagobit — função de liderança. Tem que aprender muito, saber muito; os que sabem muito.

Gente grande contava na roda pra gente de dia também. Não é contar uma vez só não. Muita vez! Contava criança tudo!... Antigamente era assim. Agora gente velho morreu tudo! Não tem mais...

Então macaco chegou no casa, ele plantou terreirozinho assim... Plantou... Outra semente não tem não: amendoim, algodão. Só milho que é primeiro. De algodão... amendoim... ninguém contou história pra mim não. Só isso.

OS ANIMAIS

Foi história do bicho que foi pegando tudo coisa, né? Foi pegando artesanato pra enfeitar.

Quando bicho pegava artesanato, era muito bicho, sabe?

Tinha árvore grande pra guardar artesanato pra bicho. E foi, derrubaram árvore grande. E quando árvore enganchou no cipó, aí que quati-puru subiu cortando cipó. Aí que sim, bicho foi pegaram mesmo artesanato.

Aí arara foi, pegou pena vermelha. Aí arara falou assim:

— Esse pena vermelha, eu vou ficar! — arara falou assim. Aí arara pegou pena vermelha. Arara até hoje tá usando pena vermelha.

Foi mutum pegou pena branco primeiro. Mutum pegou pena branco e daí o mutum escolher pena branco.

E daí que o gavião trocou pena preto com ele. Gavião pegou pena preto, aí o gavião falou assim:

— Eu vou trocar meu pena. Você fica meu.

Aí mutum falou:

— Tá bom, pode ficar pena branco; eu fica pena preta.

Aí gavião pegou o pena mutum.

Mutum andando no terra, né? No terra do chão que o mutum andava. Aí gavião andava voando tudo árvore por cima. Por isso que gavião trocou pena branco. Gavião trocou pena preto pra mutum. Mutum, né? Aí mutum ficou pena preto, gavião ficou pena branco.

Foi beija-flor pegou o bico, bico grande também. Aí tucano pegou o bico de beija-flor. Aí tucano foi trocar bico também com beija-flor. Beija-flor não conseguiu voar com bico dele. E daí tucano experimentou o bico.

— Deix’eu ver aí, experimentar pra você...

Aí tucano voando pro bico dele. Trouxe o bico. E daí tucano cantava sentado no galho da árvore.

Aí beija-flor falou pra ele:

— Tá bom, então você fica meu. Cê fica meu. Mais fácil pra você voando. Aí beija-flor voando voando com bico dele, e conseguiu voando.

Depois que outro bicho que andar no chão debaixo da árvore:

Então é onça que escolher pelo de pintado. Aí onça falou assim também:

— Então vou ficar couro de pintado — ela pegou couro — Eu vou ficar esse couro pintado...

Aí onça pegou de pelo pintado. Até hoje onça fica usando de pintado, né?

Todo bicho que pegou coisa, ele até hoje usa tudo isso que ele pegou.

Aí tamanduá-bandeira, também ele pegou de cabelo, de cabelo, de pelo muito cabelo, sabe? E daí tamanduá pegou rabo grande e ficou: — Eu vou ficar esse daqui também.

Aí ele escolher de pelo grosso de cabelo.

Depois que foi macaco escolher de rabo. Pegou no rabo de macaco. Aí macaco falou assim:

— Então vou ficar esse rabo. Vai igual arco, né? Esse aqui vai ficar meu arco.

Aí macaco começar usar, carregar na costa atrás. Aí o macaco virou rabo de arco dele. E assim que macaco começou de rabo.

Aí depois que o quati-puru pegou rabo de bem cabelo. Muito assim forte, ele carrega... ele pegou.

— Então vou ficar esse daqui também!

Aí até hoje que quati-puru também usa.

Aí depois que o jacamim foi pegar o canela dele. Parece pé de castanha. E daí que jacamim pegou canela de madeira, sabe? Até hoje jacamim canela fina.

Por isso jacamim canela fina.

Aí gavião — tudo gavião — qualquer um tipo, pegou pena branca.

Arara também foi escolher pena branco, pena amarelo e azul, verde. Arara escolher tudo.

Aí depois que jabuti — tartaruga — pegava casca. Ele pegou o casca dele. Aí jabuti também até hoje usa casca. Então, assim que jabuti pegou.

Todo bicho foi assim escolher coisa dele, pra ele mesmo, que ele pegou escolhido.

Quando veado pegou, pegou de galho de dois — dois gaizinho de pau — Aí veado escolheu:

— Então vou ficar esses dois pedacinhos de madeira.

O veado experimentou, experimentou assim na cabeça. Falou assim:

— Então vou ficar! Eu vou ficar assim pauzinho dois lado pendurado de cabeça, de fora.

Aí cutia pegou dente; só dente pra ele mesmo.

Paca foi pegar o dente também. Isso aí que paca tava usando dente.

Porco pegou também; o dente dele também era castanha. Depois que ele virou o dente, esse castanha.

Foi bicho foi pegaram artesanato foi assim.

TUPARI. «A origem da mandioca», in *Do açaí cada fruto uma história: narrativas dos povos indígenas de Rondônia e noroeste do Mato Grosso*.

Organização de Betty Mindlin, Cristóvão Teixeira Abrantes e Maria Inês de Almeida. 2009. Belo Horizonte: Faculdade de Letras UFMG / Cipó Voador. 272-274.

Antigamente, os tupari não conheciam carne e nem mandioca. Eles comiam pau podre, frutas silvestres, cocos de palmeiras, jatobá e outras frutas que colhiam da mata. Não havia caças naquele tempo. Os bichos eram igualzinho gente. Eles sabiam se comunicar com as pessoas. Nessa época, as pessoas que iam caçar traziam somente os paus podres, comiam com os cocos de palmeira quando maduravam. Os caçadores encontravam o pau podre, flechavam, quebravam as flechas deles e diziam que eram as caças que tinha quebrado, depois de flechadas. Mentiam para suas famílias. No dia de festa, cada um dos homens trazia um pedaço de pau podre. Nesse tempo, não havia queixada, macaco, nambu, anta e outros animais.

Um dia, um homem ficou em casa consertando a flecha que tinha quebrado na caçada. Nesse tempo, só Arekoayō que se alimentava de carne dos animais, só ele sabia onde os animais estavam escondidos. Todos os dias ele chamava seu filho pequeno:

— Filho, vamos pegar um porco no curral.

Eles dois saíam. Quando chegavam no curral, que era feito por ele, todinho de pedras, quando chegava lá perto do curral, Arekoayō mandava o filho subir em uma árvore, pé de urtiga.

Depois Arekoayō escolhia um filhote pequeno de porco para não ter que dar ou dividir carne para ninguém. Um dia, o filho de Arekoayō chegou perto do homem que estava consertando a flecha que já havia quebrado na caçada. O menino estava comendo o pedaço de carne moqueada, muito cheirosa, cheiro bom!

O homem perguntou:

— O que é isso, deixa eu ver!

Depois ele provou, mastigou e gostou.

— Onde você achou essa carne?

— Papai me levou para matar no curral.

O homem pediu para o menino levá-lo até o curral dos animais. O menino não quis levar. O homem insistiu até que o menino o levou até o local.

Foram andando, junto com o tio. Quando chegaram perto, escutaram o estrondo dos animais no curral no pé da serra.

— Como é que o seu pai mata? Perguntou para o menino.

O menino mostrou o pé de uma árvore.

— Papai manda eu subir nessa árvore, disse o menino.

Mas como o homem estava com muita pressa, ele fez o menino subir num pé de urtiga. Antes de subir na árvore, o menino disse:

— Abre só um pouco a porta para os animais não saírem todos.

Depois ele meteu a mão, abriu muito a porta e os animais que estavam presos no curral saíram todos.

Como o Arekoayō era grande pajé, já tinha ido pra outra maloca e não presenciou o acontecimento. Quando os animais saíram correndo, o homem saiu também, voltando para casa.

Os animais sentiram o cheiro muito diferente e ficaram rosnando e todos agitados. Foi quando uma anta saiu correndo e deu uma cabeçada muito forte, tão forte que derrubou o pé de urtiga onde estava o menino.

Quando o menino caiu no chão, todos os animais saíram correndo em direção dele. Começaram a pisar, tirando os pedaços do menino. Nessa hora o Arekoayō estava tomando o rapé na outra maloca e caiu uma bola de sangue na frente dele. Era o sangue do menino dele. Era um aviso para o pai. Aí, ele soube que o filho tinha morrido. Rapidamente, fez o ritual para salvar a alma do seu filho.

Depois foi até o curral onde o menino foi morto pelos animais. Quando ele estava indo, no caminho encontrou uma rainha das formigas, e Arekoayō, se fazendo que não sabia da história, perguntou:

— Vovó, para onde que a senhora está indo?

A velha respondeu:

— Estou indo buscar um pouco de alimento para mim! Você não sabe o que aconteceu, não?

— Não sei não.

— Os animais mataram o filho do Arekoayō! Disseram que eles estão numa festa grande!

Sem perder o tempo, Arekoayō fez a mágica e transformou a rainha em verdadeira formiga, Hasuru.

Quando ele chegou lá, viu a porta dos animais aberta e os animais fazendo a festa, cantando, dançando. Na música, diziam que o Arekoayō já tinha fugido, deixando o filho dele para eles comerem. Foi aí que Arekoayō pegou as queixadas, as antas, os veados, enfim, todos os animais. Ele pegou cada um dos animais e começou a puxar o focinho ou a venta, achatando, batendo

com a palma da mão. Logo em seguida todos os animais foram transformados em verdadeiros animais para sempre.

Na hora da festa, da dança, todos os ossos do menino ficaram enterrados de tanto pisar neles. Quando os animais foram embora, o Arekoyô fez com que o local ficasse limpo, todo o tempo.

Depois de alguns dias passados, nasceu a primeira plantinha no local do acontecimento, depois nasceram as outras plantinhas bem bonitas!

Nunca, ninguém imaginava que aquela planta era o primeiro pezinho de alimento que já tinha nascido naquele momento.

Um dia, depois de as plantas já grandes, com as batatas todas de fora de terra, uma pessoa pegou uma batata, levou para casa, assou no fogo e comeu, muito saborosa!

A partir daí, todos se alimentaram da mandioca e das caças.

Assim surgiu a mandioca, Mãy, para o povo Tupi.

XACRIABÁ. «Ladainha», in *Para seu trono lilar: transmitindo nossos cantos, danças e rezas Xacriabá*. Organização de Andreina Gonçalves da Silva, Francisca Gonçalves da Silva, Iracema Macedo Leite. 2013. Belo Horizonte: FALE / UFMG, Literaterras. 53-55.

TODA SOIS FERMOUSA

Toda sois fermosa, ó Maria, toda sois fermosa, ó Maria, ó Maria, quem provois não chora pecador ginal.

Vós sois a glória de Jesus valer-me, vós sois a alegria de raele, vós sois a honra de vosso corpo, vós sois advogada dos pecadores, ó Maria, ó Maria, virgem podentíssima, Maria entíssima, rogai por nós se secorrei-me meus a vós, a nosso senhor Jesus Cristo.

OFERECIMENTO DA LADAINHA

Eu vos ofereço essa ladainha, com oroponobe, santa dejena cristo, oreno Deus, ingrato concreto, seja funi capacione, vós no pé do carmo parandão, Cristo Deus nosso. Amém, Amém, Jesus, Jesus.

(Rezar um Pai-nosso com Ave Maria / Santa Maria, em intenção do anjo da guarda e de todos Santos)

Pai-nosso que estás no céu, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso Reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra, como no céu. O pão nosso de cada dia nos dá hoje, perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido, não nos deixei cair em tentação, livrai-nos do mal. Amém

Ave Maria, cheia de graça. O senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre: Jesus.

Santa Maria, Mãe de Deus Rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém

MEU JESUS CRUCIFICADO

Meus Jesus Crucificado, filho da Virgem Maria, vós permitais que essa noite nós passa em paz e amanhã pra todo dia a nossa alma se não perca, meu Jesus, Ave Maria, meu Jesus, Ave Maria.

Antone e santo, ô... de Jesus querido pede vós, senhora de ser favorecido

Antone e santo, ô... vós ali, conforta Jesus, me apareça na hora da morte.

SENHOR DEUS

Senhor Deus, Misericórdia

Senhor Deus, confesso que pequei, Senhor, misericórdia

Senhor Deus, pela dor de nossa Mãe, Maria santíssima e nossa

Senhora, misericórdia

Senhor Deus, pela vossa sim conchaga, misericórdia.

Senhor Deus, pela vossa Paixão e Morte, misericórdia.

Bendito, é louvado, seja santíssima é o sacramento, da puríssima é a conceição, da Virgem Maria, senhora nossa concebida, ó, sem pecado original. Amém. Jesus.

Ó, Maria, Mãe de Graça, é Mãe da Misericórdia, nos livrai dos inimigos, socorrei-me na hora da morte.

Ó, Maria, Mãe de Graça, é Mãe da Misericórdia, nos livrai dos inimigos e defendei-me na hora da morte.

Ó, Maria, Mãe de Graça, é Mãe da Misericórdia, nos livrai dos inimigos, recebei-me na hora da morte.

GRAÇAS A DEUS

Graças a Deus

louvado seja a Deus

no céu e na terra

louvemos a Deus

meu Pai, meu Senhor,

Favor viemos pedir

graças, vida e saúde
para vós a mais servir

Aqui viemos todos
de bom coração
no céu e na terra,
louvemos a Deus
meu Jesus crucificado e senhor Deus, misericórdia.

MESO-AMÉRICA E AMÉRICA DO NORTE

Canção de Trabalho de Escravos Negros das Ilhas Barbados. Tradução inédita de Bernardo Diniz Ferreira a partir do manuscrito original [disponível *online* em <http://www.unesco.org/new/en/communication-and-information/memory-of-the-world/register/full-list-of-registered-heritage/registered-heritage-page-1/an-african-song-or-chant-from-barbados/>: acessado a 4 de Janeiro de 2020]. [c. 1770-1780].

O senhor comprou-me, ele não me matará, oh
O senhor comprou-me, ele não me matará, oh
O senhor comprou-me, ele não me matará, oh
Antes de me matar ele manda-me para venda

Antes vivia com um homem mau, oh lá
Antes vivia com um homem mau, Obudda-bo
Antes vivia com um homem mau, oh lá
Antes ia até ao rio, para venda

«Os últimos dias do Cerco de Tenochitlan», in *Visión de los vencidos*.
Tradução inédita de Bernardo Diniz Ferreira. [1528] 2000. Madrid: Dastin.
187-188.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Olaudah EQUIANO. «Capítulo 2», in *The Interesting Narrative of the Life of Olaudah Equiano, or Gustavus Vassa, the African*. Tradução inédita de Simão Valente. [1789] 2000. Nova Iorque: Library of America. 183-186.

O primeiro objecto que saudou os meus olhos quando cheguei à costa foi o mar, e um navio de escravos, que estava na altura ancorado e à espera da sua carga. Isto encheu-me de espanto, que logo se converteu em terror quando fui levado para bordo. Fui imediatamente sacudido e atirado ao ar pela tripulação para verem se eu era saudável; aí me persuadi que tinha entrado num mundo de espíritos maus, e que estes me iam matar. As suas compleições divergiam tanto das nossas, o seu cabelo longo, e a língua que falavam (muito diferente de qualquer outra que alguma vez eu tivesse ouvido), juntaram-se para me confirmar nesta crença. De facto, tais eram os horrores do que eu via e os meus nesse momento, que, se dez mil mundos fossem meus, de boa vontade os teria abandonado para poder trocar a minha condição pela do mais baixo do meu país. Quando olhei à volta no navio vi uma fornalha com cobre a ferver, e uma multidão de pessoas negras de todos os tipos acorrentadas juntas, todas com expressões de profunda tristeza e mágoa. Não tive mais dúvidas do meu destino; e, assoberbado pelo horror e pela angústia, caí no convés e desmaiei. Quando recuperei um pouco vi alguns negros à minha volta, os quais eu pensei serem alguns dos que foram trazidos comigo a bordo, e que tivessem recebido o seu pagamento; falaram comigo para me alegrar, mas tudo em vão. Perguntei-lhes se não iríamos ser comidos pelos homens brancos de horrível aspecto, caras vermelhas e cabelo solto. Disseram-me que não; e um membro da tripulação trouxe-me uma pequena porção de um licor espirituoso num copo de vinho; mas, tendo medo dele, não aceitava o copo da sua mão. Um dos negros tirou-lho e deu-mo, e eu provei um pouco, o que em vez de me reanimar, como esperavam que fizesse, deixou-me na mais profunda consternação graças ao estranho sentimento que produziu, nunca tendo eu provado um licor assim. Pouco depois os negros que me trouxeram a bordo partiram, deixando-me abandonado ao desespero. Vi-me agora privado de qualquer hipótese de voltar ao meu país natal, ou sequer da mínima esperança de chegar à costa, que eu agora considerava amigável; e até desejei a minha anterior escravidão, como preferível à minha presente

situação, cheia de terrores de todos os tipos, agravados pela minha ignorância quanto ao que iria acontecer.

Benjamin FRANKLIN. *Autobiografia*. Tradução de Paulo Belchior. [1791]
2017. Lisboa: Sílabo. 15-19.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Juan RUIZ DE ALARCÓN Y MENDOZA. «A verdade suspeitosa», in *Parte segunda de las comedias del licenciado don Juan Ruiz de Alarcón y Mendoza*. Tradução inédita de Isabel Dâmaso Santos e José Pedro Sousa*. 1634. Barcelona: Sebastián de Cormellas. vv. 1155-1292.

DOM GARCIA

Céus! Mas que felicidade,
amor, que ventura é esta?
Vês, Tristão, como chamou
a mais formosa o cocheiro
a Lucrécia, a quem eu quero?
Certo é que quem me falou
é a que o papel me envia.

TRISTÃO

Evidente presunção.

DOM GARCIA

Que a outra, que ocasião
para me escrever teria?

TRISTÃO

E a todo o mal suceder
da dúvida sairás
que esta noite poderás
sua fala reconhecer.

DOM GARCIA

Certo é que não me enganou
pois me deixou no sentido

* Uma ressalva relativamente à estratégia de tradução: tratando-se de um texto de teatro do século xvii, houve uma particular atenção a questões de oralidade, no sentido de preservar a métrica e a rima do texto de partida, bem como de manter marcas da língua desta época. Nesse sentido, utilizámos a forma arcaica de alguns vocábulos, tais como: «assi», «naci», «grã» ou «cousa».

tão doce em meu ouvido
a voz com que me matou.

Entra um pajem com um papel e dá-o a Dom Garcia.

PAJEM

Este é, senhor Dom Garcia,
p'ra vós.

DOM GARCIA

Não estejais assi.

PAJEM

Vosso criado naci.

DOM GARCIA

Cubra-se, por cortesia.

Lê, para si, Dom Garcia.

«Averiguar certa cousa
importante a sós quero
consigo. Às sete espero
em São Brás. Dom João de Sousa.»

[Aparte]

Um desafio. Deus do céu!
Que razão Dom João terá
se só ontem cheguei cá
e ele é tão amigo meu?
Dizei ao senhor Dom João
que isto assi se fará.

Vai-se o Pajem

TRISTÃO
Senhor,
Mudada está sua cor.
Que vos deu?

DOM GARCIA
Nada, Tristão.

TRISTÃO
Não o posso saber?

DOM GARCIA
Não.

Tristão
Certo que é cousa pesada.

DOM GARCIA
Dá-me a capa e a espada.

Tristão sai.

Que causa lhe dei, então?

Entra Dom Beltrão.

DOM BELTRÃO
Garcia?

DOM GARCIA
Senhor?

DOM BELTRÃO
Comigo
a cavalo haveis de andar
hoje, porque hei-de tratar
certo negócio consigo.

DOM GARCIA
Mandas outra cousa?

DOM BELTRÃO
Onde
vais quando o sol lança fogo?

Entra Tristão e dá as vestes a Dom Garcia.

DOM GARCIA
Aos truques me chego logo
do nosso vizinho o Conde.

DOM BELTRÃO
Não aprovo que vos mostreis
tendo ainda ontem chegado
descobrir-vos de bom grado
a mil que não conheceis,
se estas duas condições
não guardeis com grã cuidado
e são: que jogueis contado
e faleis boas razões.
Sendo este o meu parecer,
vosso gosto heis de cumprir.

DOM GARCIA
Teu conselho justo é seguir.

Dom Beltrão
Fazei que a vosso prazer
se ponha logo atavio
a um cavalo dos seus.

DOM GARCIA
Isso ordenarei.

DOM BELTRÃO
Adeus.

[*Aparte*]

Em tão grande desvario
o criado me deixou.
Tens estado com Garcia,
Tristão?

TRISTÃO

Senhor, todo o dia.

DOM BELTRÃO

Ainda que seu pai sou,
se é que o ânimo fiel
que em ti sempre tenho achado
não te tenha ora faltado,
diz-me o que sentes dele.

TRISTÃO

Mas que posso ter sentido
em um tempo assi tão breve?

DOM BELTRÃO

Tua língua é que não se atreve
que assaz tempo tens tu tido
e mais és bem entendido.
Diz-me tudo, sem aravia
nem lisonja.

TRISTÃO

Dom Garcia,
senhor, embora sentido,
hei de dizer-te verdade
pois que tua vida juraste.

DOM BELTRÃO

Dessa sorte obrigaste
sempre a mim tua vontade.

TRISTÃO

Tem um engenho excelente

com pensamentos subtis;
mas caprichos juvenis
con arrogância imprudente.
De Salamanca conserva
a mocidade, e nos lábios
os contagiosos ressaltos
daquela moça caterva.
Aquele falar arrojado
mentir sem recato ou modos
aquela jactância a rodos
sendo em tudo extremado.
Hoje, em menos de uma hora
disse cinco ou seis mentiras.

DOM BELTRÃO
Por Deus!

TRISTÃO
De que te admiras?
Pois o pior falta agora:
que são tais que poderá
apanhá-lo alguém um dia.

DOM BELTRÃO
Deus!

TRISTÃO
Isto não te diria,
sabendo a dor que te dá,
não fosse por ti forçado...

DOM BELTRÃO
Conheço a tua fé e amor.

TRISTÃO
A tua prudência, senhor,
advertir será escusado
o risco que posso correr
se isto o sabe Dom Garcia,
meu senhor.

DOM BELTRÃO
 Em mim confia;
 todo o medo podes perder.
 Manda logo preparar
 os cavalos.

Vai-se Tristão.

Oh meu Deus
 pois tal permitis aos teus
 isto deve importar.
 Um só filho, um só consolo
 nesta terra mereceu
 minha triste idade, e deu
 o céu a mim tão grã dolo?
 Pois bem, sendo que tiveram
 na terra os pais dores tais
 sempre os males viram mais
 aqueles que mais viveram.
 Paciência! Hei de acabar
 hoje este seu casamento.
 Com grã brevidade intento
 este dano remediar,
 antes que sua leviandade
 nesta Corte se conheça
 e os casamentos lhe impeça
 que pede a sua qualidade.
 Por dita, com o cuidado
 que tal estado acarreta
 de conduta tão infecta
 terá de ser emendado.
 Porque é pensar em vão
 que debater ou razoar
 bastam para desarmar
 uma forte inclinação.

SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ. «O sonho», in *Segundo Volume das Obras de Sor Juana Inés de la Cruz*. Tradução inédita de Miguel Filipe Mochila e Ângela Fernandes. 1692. Sevilha: Thomaz López de Haro Impressor. vv. 192-266.

A alma, pois, suspensa
do exterior governo — em que ocupada
em material emprego,
bem ou mal dá o dia por gastado —,
somente dispensa,
remota, se não toda separada,
aos à morte temporal subjugados,
lânguidos membros, ossos sossegados,
as mercês do calor vegetativo,
o corpo sendo, em sossegada calma,
um cadáver com alma,
em vida morto, e em morte vivo,
do segundo dando tardos sinais
o volante vital
de humano relógio, se não manual,
com arterial concerto, minimais
mostras, pulsando, manifesta lento
do seu bem regulado movimento.

Este, pois, membro rei e centro vivo
de espíritos vitais,
com o associado respirante fole
— pulmão, que íman do vento é atractivo,
que em movimentos nunca desiguais
comprimindo ora, ora dilatando
o musculoso, claro alcatruz brando,
faz que nele resfolgue
o que lhe circunscreve fresco ambiente
que impele agora quente
e vá sua expulsão fazendo, activo,

pequenos roubos ao calor nativo,
 algum tempo chorados,
 nunca recuperados,
 pois se ora não sentidos do seu dono,
 repetido, não há pequeno roubo -;
 estes, pois, dizia, excepcionais
 um e outro testemunhas leais,
 a vida asseguravam,
 enquanto em mudas vozes impugnavam
 a informação, calados, os sentidos
 — só por não replicarem defendidos —,
 e a língua que, torpe, emudecia,
 por não poder falar os desmentia.

E aquela do calor mais competente
 científica oficina
 propícia dos membros despenseira,
 que avara nunca, e sempre diligente,
 nem a parte prefere mais vizinha
 nem esquece a mais remota,
 e, em ajustado natural quadrante,
 as quantidades nota
 que a cada qual caber-lhe considera,
 do que destilou o quilo o incessante
 calor, nesse manjar que — medianoiro
 piedoso — entre ele e o húmido interpôs
 sua inocente substância,
 pagando por inteiro
 a que, por piedade ou arrogância,
 ao contrário voraz, ingénuo a expôs,
 — merecido castigo, desculpado embora
 o que em disputa alheia se demora —;
 esta, pois, se não forja de Vulcano,
 tépido fogo do calor humano,
 ao cérebro enviava
 húmidos, mas tão claros os vapores
 desses temperados quatro humores,
 que com eles não só não embaciava
 os simulacros que a estimativa

deu à imaginativa,
e esta, por escolta mais segura,
em forma já mais pura
deu à memória que, artificiosa,
gravou tenaz e guarda cuidadosa,
mas que também davam à fantasia
lugar donde formar
imagens diversas.

Phillis WHEATLEY. «Para S.M. Um jovem pintor africano, ao ver as suas obras», in *The Collected Works of Phillis Wheatley*. Tradução inédita de Amândio Reis. [1773] 1988. Nova Iorque e Oxford: Oxford University Press. 114.

A funda intenção do coração laborioso revelar,
E o pensamento em personagens vivas pintar,
Quando o teu pincel, essas belezas, começou a produzir,
E figuras despertas aprenderam contigo a viver,
Como deleitaram essas possibilidades a minha alma,
Surgindo ao meu olhar uma nova criação?
Persegue ainda, jovem prodigioso!, cada nobre estrada,
Em glórias imorredouras fixa a tua ardente mirada:
Que possa ainda o fogo do pintor e do poeta
Conspirar em auxílio do teu pincel e do teu verso.
E que possam os encantos de cada seráfico tema
Conduzir os teus passos à imortal fama!
Alto, às maravilhas jubilosas dos céus,
Eleva a tua alma e ergue os teus olhos desejosos.
Três vezes feliz quando exultante por procurar
Essa esplêndida cidade, coroada de eterno dia,
Cujos duodécimos portões enleiam gonzos radiantes:
Em eterna Primavera desabrocha a Salém celeste.
Calmo e sereno, ao longo dos teus momentos, desliza,
E que as musas te inspirem cada canção futura!
Abençoado, ainda, com as doçuras da contemplação,
Que a tua alma possa investir a paz de mornas asas!
Mas quando estas sombras do tempo forem rechaçadas,
E a escuridão culminar no dia sempiterno,
Com que penas seráficas nos transportaremos
E as paisagens dos superiores reinos veremos?
Lá, a tua língua em murmúrios celestes há-de fluir,
E lá a minha musa com celeste emoção há-de brilhar:
Já não para dizer de Damão os ternos suspiros,
Ou dos olhos de Aurora a radiância nascente,

Porque temas mais nobres pedem um tom mais nobre,
E linguagem mais pura na etérea planície.
Cessa, musa gentil! da noite, a solene escuridão
Aparta agora da minha vista a bela criação.

John WINTHROP. «Um modelo de caridade cristã», in *Collections of The Massachusetts Historical Society*. Tradução inédita de Bernardo Diniz Ferreira a partir de versão *online* [disponível em teachingamericanhistory.org/library/document/a-model-of-christian-charity/: acessado a 15 de Janeiro de 2020]. [1630].

[...]

Resta-nos agora aplicar o presente discurso, dados os nossos objectivos que ocasionaram a sua composição. Eis aqui as quatro propostas; em primeiro lugar as pessoas, em segundo o trabalho, em terceiro os objectivos, em quarto os meios.

Em primeiro lugar, sobre as pessoas. Somos uma companhia que se professa de Jesus e, assim sendo e embora estivéssemos separados por muitas milhas e as nossas ocupações fossem igualmente distantes, devemos porém considerar-nos unidos por estes laços de amor e viver para o seu exercício, porventura consolados pela nossa vida com Cristo. Isto mesmo era notável nas acções dos Cristãos em tempos idos; como testemunham os Valdenses, da boca de um dos adversários, Aeneas Sylvius, «*mutuo ament pene antequam norunt*» — eles amavam qualquer um da sua religião, ainda antes de se terem conhecido.

Em segundo lugar, sobre o trabalho que nos cabe. É por acordo mútuo, e pela providência que nos assegura e extraordinária aprovação pelas Igrejas de Cristo, a procura por um lugar de coabitação e convivência com um governo que seja simultaneamente civil e eclesiástico. Em casos como estes, o bem público em tudo supera qualquer assunto privado, ao qual não apenas a nossa consciência mas também cidadania nos vincula. Verdadeira é a lei segundo a qual o património privado não sobrevive face à ruína do público.

Em terceiro lugar, o nosso objectivo é o aperfeiçoamento da nossa vida para melhor servir o Senhor; o consolo e a prosperidade do corpo de Cristo, do qual somos membros, para que nós mesmos e aqueles que depois virão melhor possam ser guardados contra as corrupções vulgares deste mundo maligno, para servir o Senhor e nos dedicarmos à nossa salvação sob o jugo e pureza dos Seus decretos.

Em quarto lugar, relativamente aos meios pelos quais tudo isto deverá ser posto em prática. São dois e em conformidade com o nosso método e objectivo. Visto que estes são extraordinários, não nos devemos, portanto, contentar com meios banais. Uma vez chegados ao nosso destino fare-

mos tal qual como fizemos ou deveríamos ter feito enquanto vivíamos em Inglaterra. Aquilo que a maioria, das suas respectivas fés, preserva apenas no que professa, trá-lo-emos nós para a prática constante e familiar; servos do amor, devemos amar fraternalmente sem dissimulação, devemos amar-nos com um amor puro e fervoroso. Juntos, devemos suportar os fardos uns dos outros. Não devemos olhar apenas pelos nossos assuntos, mas também pelos dos nossos irmãos.

Da mesma forma, não devemos pensar que o Senhor tolerará as nossas falhas tal como tolerou as daqueles entre os quais até agora vivemos; as razões para isto são três:

Primeiro, porque é mais intenso o laço matrimonial entre Ele e nós, no qual Ele nos tomou como d'Ele de uma forma simultaneamente severa e única, assim também o é o Seu desejo do nosso amor e obediência. Isso mesmo diz Ele às gentes de Israel: de todas as famílias da terra, só a vós conheci, por isso vos castigarei por todas as vossas iniquidades.

Segundo, porque santificado será o Senhor naqueles que para junto dele vão. Sabemos serem muitos aqueles que corromperam o serviço do Senhor; uns porque erguem altares diante do Seu; outros porque oferecem fogos profanos e igualmente profanos sacrifícios; e contudo não desceu fogo do céu, nem nenhum outro subtil julgamento se abateu sobre eles, como aconteceu a Nadab e Abiú, os quais, contudo, podemos considerar não terem pecado com arrogância.

Em terceiro lugar, quando Deus entrega uma incumbência especial, Ele espera que a totalidade dos artigos seja respeitada. Quando coube a Saul o encargo de destruir Amaleque, a certos artigos Deus o obrigou, e, porque falhou Saul num dos menores, com justo pretexto, custou-lhe a omissão o reino, que teria sido a sua recompensa, tivesse ele respeitado aquilo de que havia sido incumbido.

Desta forma se encontra esta causa entre nós e Deus. Celebramos, com Ele, uma aliança por virtude deste encargo. Coube-nos a incumbência. O Senhor deu-nos a liberdade de escrevermos os nossos próprios artigos. E juramos emprender estes e os outros testemunhos, com vista a estes e os outros objectivos.

Imploramos, aqui, pela Sua protecção e bênção. E caso sejam do Seu agrado as nossas palavras, caso Ele nos leve em paz até ao nosso aguardado destino, assim Ele ratifica a presente aliança e sela a nossa incumbência, assim ele esperará uma execução estrita dos artigos nela inscritos; porém, caso nos recusemos a obedecer estritamente aos artigos que aqui propusemos como objectivos, e, faltando para com o nosso Deus, sucumbamos às

tentações deste mundo satisfazendo as nossas intenções carnis, no encalço de grandiosidades para nós e nossa posteridade, assim se encolerizará o Senhor contra nós, assim se vingará de tal gente e nos cobrará a negligência de tal aliança.

A única forma de evitar este naufrágio, e de prover à nossa posteridade, é seguindo o conselho de Miquéias, procedendo com justiça, amando a misericórdia, humildemente caminhando com o nosso Deus. Para isto, devemos estar juntos, neste trabalho, como um só homem. Devemos alegrar-nos uns aos outros com afecto fraterno. Devemos dispor-nos a limitar as nossas superficialidades, em nome das necessidades dos outros. Juntos, devemos defender uma ocupação que seja dócil, gentil, paciente e liberal. Devemos regozijar pela companhia uns dos outros; fazer das condições do outro as nossas; celebrar juntos, chorar juntos, trabalhar e sofrer juntos, pondo os olhos sempre na nossa incumbência e comunidade para as quais trabalhamos, como membros de um só corpo. Da mesma forma, a unidade do espírito será uma união à paz. O Senhor será o nosso Deus, e alegrar-se-á na nossa companhia como Seu povo, e abençoará tudo aquilo que fizermos, e nós estaremos mais perto de compreender a Sua sabedoria, poder, bondade e verdade. Encontraremos o Deus de Israel entre nós quando dez dos nossos forem capazes de resistir a mil dos nossos adversários; quando Ele nos conceder uma glória tal que todos dirão de outras plantações, «faça-a Deus à imagem de Nova Inglaterra». Isto porque devemos considerar que estaremos como uma cidade sobre a colina. Os olhos do mundo estão postos em nós. Porque caso faltemos para com o nosso Deus nesta missão de que fomos incumbidos, e assim afastarmos a sua assistência de que agora beneficiamos, circularemos pelo mundo sob a forma de história e provérbio. Seremos nós os responsáveis quando os nossos inimigos difamarem os desígnios de Deus e todos os que em Seu nome professam. Seremos a vergonha de todos os servos dignos de Deus e a razão por que as suas orações serão como maldições que caem sobre nós, até ao dia em que sejamos consumidos pela boa terra no nosso destino.

[...]

A REVOLUÇÃO DO SÉCULO XIX

(I)
REALIDADE E DESASSOSSEGO

«O Rei Naga», in *Phya Kbankhaak: The Toad King*. Tradução inédita de Simão Valente. 1996. Lewisburg: Bucknell University Press; Londres: Associated University Presses. 71-73.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Emily DICKINSON. «Poema 1619», in *The Poems of Emily Dickinson, Vol. III*. Tradução inédita de Ana Luísa Amaral. [1884] 1979. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press. IIII.

Porque não sei quando chega a Madrugada
Abro-lhe as Portas todas;
Será que ela tem penas como pássaro
Ou, como praia, largas vagas?

Ralph Waldo EMERSON. «Pessoal», in *The Complete Essays and Other Writings of Ralph Waldo Emerson*. Tradução inédita de João M.P. Gabriel. [1856] 1940. Nova Iorque: The Modern Library. 678-682.

Nestes comentários sobre uma antiga viagem, agora revistos após sete anos frenéticos terem mudado muito nos homens e nas coisas de Inglaterra, absteve-me de referenciar pessoas, com exceção do último capítulo e num ou dois casos em que a fama dos intervenientes parecia ter dado ao público uma propriedade em tudo o que lhes dizia respeito. Devo ainda permitir-me alguns avisos, nem que seja apenas como reconhecimento de dívidas que não podem ser saldadas. As minhas viagens foram de tal forma encorajadas por muita bondade de novos amigos, que a minha impressão da ilha está iluminada por memórias agradáveis, tanto de sociedades públicas como de lares: e, o que em Inglaterra se encontra melhor, uma pessoa cultivada rodeada por um lar feliz, com

«Honra, amor, obediência, regimentos de amigos»

é a melhor de todas as instituições. Ao aportar em Liverpool, esperava-me o meu correspondente de Manchester, um cavalheiro a cuja calorosa recepção se seguiu um discorrer de cuidados amistosos e eficazes que nunca cessaram enquanto estive no país. Um homem de bom senso e de letras, editor de um poderoso jornal local, que às suas sólidas virtudes juntava uma doçura e *bonhomie* infinitas. O seu coração parecia um lago de mel que lubrificava o seu discurso e acção com jactos de hidromel. A boa sorte estendeu-se a outros incidentes da minha viagem, mais tardios, até que a sinceridade da bondade inglesa deixou de me surpreender. A minha visita calhou nos dias bem-afortunados em que Mr. Bancroft era o ministro americano em Londres e, na sua casa, ou através dos seus escritórios, tinha acesso a pessoas de excelência e lugares privilegiados. Na casa de Mr. Carlyle, conheci pessoas eminentes da sociedade e das letras. Os privilégios do Atheneum e dos Reform Clubs foram estendidos à minha pessoa com hospitalidade e achei muito vantajosos os círculos das sociedades «Geológica», do «Antiquário» e a «Real». Todos os dias em Londres me davam novas oportunidades para conhecer homens e mulheres que conferem esplendor à sociedade. Vi Rogers, Hallam, Macaulay, Milnes, Milman, Barry Cornwall, Dickens,

Thackeray, Tennyson, Leigh Hunt, D'Israeli, Helps, Wilkinson, Bailey, Kenyon e Forster: os poetas mais jovens, Clough, Arnold e Patmore; e de entre os homens das ciências, Robert Brown, Owen, Sedgwick, Faraday, Buckland, Lyell, De la Beche, Hooker, Carpenter, Babbage e Edward Forbes. Foi igualmente um privilégio conversar com Miss Baillie, com Lady Morgan, com Mrs. Jameson e Mrs. Somerville. Uma hospitalidade mais cuidada tornou casas privadas igualmente conhecidas e queridas. Não é em círculos distintos que se encontra habitualmente a sabedoria e o carácter elevado, ou, se se os encontra, não estão a eles confinados; e as minhas reminiscências das melhores horas remetem para conversas privadas em diferentes partes do reino, com pessoas pouco conhecidas. Também não sou insensível à cortesia que francamente me foi estendida em algumas mansões nobres, mesmo que não adorne a minha página com os seus nomes. De entre os privilégios de Londres, recordo com agrado dois ou três dias dignos de menção, um em Kew, onde Sir William Hooker me mostrou todas as riquezas do vasto jardim botânico; um no Museu, onde Sir Charles Fellowes me explicou em detalhe a história do seu monumento-troféu jónico; e ainda outro, quando Mr. Owen acompanhou o meu conterrâneo, Mr. H., e eu através do Hunterian Museum.

Uma hospitalidade de igual modo franca, realmente dedicada ao serviço, encontrei entre os grandes e os humildes, onde quer que fosse; em Birmingham, em Oxford, em Leicester, em Nottingham, em Sheffield, em Manchester, em Liverpool. Em Edimburgo, através da gentileza do Dr. Samuel Brown, conheci De Quincey, Lord Jeffrey, Wilson, Mrs. Crows, os Srs. Chambers e um homem de elevado carácter e génio, o pintor David Scott, que teve uma vida breve.

Em Ambleside, em Março de 1848, fui convidado de Miss Martineau durante uns dias, então regressada da sua viagem pelo Egipto. No domingo à tarde acompanhei-a a Rydal Mount. E, tal como registei uma visita a Wordsworth, muitos anos antes, não posso esquecer este segundo encontro. Encontrámos Mr. Wordsworth a dormir no sofá. A princípio, encontrava-se soturno e indisposto, na qualidade de um homem de idade avançada subitamente acordado antes de ter terminado a sua sesta; mas rapidamente se mostrou entusiasmado com as notícias de França. Sentia um rancor nacional por franceses e também por escoceses. Nenhum escocês, disse, sabia escrever inglês. Detalhou dois modelos, em que num ou noutra se enquadram as frases do historiador Robertson. Tão pouco Jeffrey ou os críticos de Edimburgo sabiam escrever inglês, nem ***, que é uma praga para a língua inglesa. Aliás, acrescentou que Gibbon não sabe escrever inglês. A *Edinburgh Review* ditava o que seria dito e o que venderia. Tinha, contudo, mudado o tom da

sua crítica literária desde o tempo em que foi escrita uma certa carta ao editor por Coleridge. Mrs. W. tinha a resposta do editor em sua posse. Considera Tennyson um verdadeiro génio poético, ainda que com alguma afectação. Antes julgava melhor poeta um irmão mais velho de Tennyson, mas agora considera que Alfred é o verdadeiro... Ao falar de um estilo que desconheço, disse, «é certo que era essa a forma, mas, sabe, o conteúdo sai sempre da forma»... Achava que o Rio de Janeiro era o melhor sítio do mundo para uma grande capital... Falámos do carácter nacional inglês. Disse-lhe que não era credível que ninguém em todo o país soubesse nada de Thomas Taylor, o platonista, quando em todas as bibliotecas americanas se podem encontrar as suas traduções. Eu disse: «Se a *República* de Platão fosse publicada hoje em Inglaterra como se fosse um livro novo, acha que encontraria leitores?» — confessou que não: «E no entanto», acrescentou depois de uma pausa, com a complacência que nunca deserta o verdadeiro Inglês, «e no entanto já a incorporámos toda.»

As suas opiniões sobre franceses, ingleses, irlandeses e escoceses pareciam formuladas de forma precipitada a partir de pequenas historietas do que lhe tinha sucedido a si e a membros da sua família, numa diligência ou carruagem. Por vezes a sua expressão iluminava-se, mas o seu discurso não era especialmente marcado por força ou elevação. Mas talvez seja um elogio elevado à cultura geral dos ingleses, quando encontramos um homem pouco distinto. Tinha um ar saudável, com uma cara castigada pelo clima, a face enrugada, especialmente o grande nariz.

Miss Martineau, que vivia perto dele, elogiava-mo não pela sua poesia, mas por ser poupado e económico; por ter proporcionado aos seus conterrâneos um exemplo de uma casa modesta, onde cultura e conforto se asseguravam sem exibicionismo. Disse que quando começou a fazer a lida daquela casa de campo onde ele viveu primeiro, ele estava habituado a oferecer pão e comida simples aos seus amigos; se eles quisessem algo mais, teriam de pagar a sua estada. Era a regra da casa. Respondi que isso demonstrava a garra inglesa mais do que qualquer outra história que conhecia. Um cavalheiro das redondezas contou a história da estada de Walter Scott com Wordsworth durante uma semana, em que este se escapulia todos os dias, sob o pretexto de um passeio, para ir à Estalagem Swan comer carnes frias e beber cerveja preta; e um dia, ao passar com Wordsworth pela estalagem, foi traído pelo senhorio, que lhe perguntou se tinha vindo para a sua cerveja. É claro que esta característica teria outro aspecto em Londres, e lá ouvir-se-ia da parte de diferentes homens das letras que Wordsworth não tinha amigos pessoais, que não era amigável, que era parcimonioso, etc. Landor, sempre generoso,

diz que ele nunca elogiou ninguém. Um cavalheiro em Londres mostrou-me um relógio que em tempos pertencera a Milton, cujas iniciais estavam gravadas no mostrador. Disse que uma vez o mostrara a Wordsworth, que pegou nele com uma mão e que com a outra tirou o seu próprio relógio e o exibiu perante os convidados, mas, sem que ninguém tenha feito o comentário esperado, voltou a guardar o seu em silêncio. Não dou muita importância ao descrédito de Wordsworth entre os académicos de Londres. Quem o ler bem saberá que, ao seguir a tendência forte do seu génio, descuidava tanto os «muitos» como os «poucos», seguro de que devia «criar o gosto segundo o qual o deviam apreciar». Viveu tempo suficiente para testemunhar a revolução que precipitou, e para «ver o que previu». Há zonas dormentes na sua mente, há algo rígido e estéril na sua poesia, falta de graça e variedade, carência do catolicismo devido e escopo cosmopolita: conformava-se à política e às tradições inglesas; tinha puerilidades egoístas na escolha e no tratamento dos seus assuntos; mas digamos que, só no seu tempo, tratou bem a mente humana, com confiança absoluta. A sua adesão à sua crença poética baseava-se em inspirações reais. A sua *Ode à Imortalidade* é o pináculo do intelecto da sua era. Através da sua coragem, empregaram-se novos meios, e acrescentaram-se novas dimensões ao império da musa.

Nathaniel HAWTHORNE. *A Letra Escarlate*. Tradução de Maira José Navarro de Oliveira. [1850] 1976. Mem Martins: Europa-América. 75-78.

— Hester — disse ele —, não te vou perguntar porquê ou como caíste no lodaçal, ou, melhor, como subiste ao pedestal da vergonha em que te vim encontrar. A razão é fácil de encontrar: foi a minha loucura e a tua fraqueza. Eu, um homem que sempre me dediquei às coisas do espírito, o rato de biblioteca, uma pessoa já na curva descendente da vida, que perdeu os melhores anos a alimentar sonhos de saber, todo entregue à ciência, que iria eu fazer da tua juventude e da tua beleza? Foi a má estrela que presidiu ao meu nascimento. Como pude eu iludir-me com a ideia de que dotes intelectuais poderiam fazer esquecer a deformidade física a uma rapariga cheia de sonhos e de fantasias como tu eras?! Os homens chamam-me sábio. Se os sábios fossem prudentes em seu proveito, eu podia ter previsto tudo o que aconteceu. Devia ter imaginado tudo isto, quando saí da imensa e medonha floresta virgem e entrei nesta colónia de cristãos, devia ter previsto que te iria encontrar como te encontrei. A primeira coisa que os meus olhos viram foste tu, Hester Prynne, de pé, a estátua da vergonha, diante de tanta gente, a gente toda da colónia! Já no dia em que descemos juntos as escadas da velha igreja, no dia do nosso casamento, eu devia ter visto o lume da letra escarlate a brilhar no fundo do nosso caminho.

— Tu sabias... — embora deprimida, Hester não suportou o remoque do marido sobre a sua vergonha. — Sabias, fui franca contigo. Não sentia amor por ti, nem fingia senti-lo. Nunca fingi.

— É verdade — ripostou ele. — Foi a minha loucura! Já o disse. Mas, até esse tempo da minha vida, tinha vivido em vão. O mundo era falho de alegria. Senti que o coração era casa grande e podia receber muita gente; mas estava só e frio, sem lareira onde me aquecesse. Desejei dar carinhos a alguém. Não me parecia sonho que não pudesse realizar, embora soubesse que estava velho, triste e infeliz. Essa bênção tão simples, que por todo o mundo se espalha à disposição de todas as criaturas, pareceu-me que não seria difícil de conseguir para mim. Assim, Hester, meti-te no meu coração, no seu recanto mais íntimo, e procurei aquecer-te com o calor que sentia por ti, provocado pela tua presença.

— Tanto mal te fiz! — murmurou Hester.

— Fizemos mal um ao outro! — respondeu ele. — Fui eu o primeiro a fazer o mal, quando desenganei a tua juventude (tu eras um botão de rosa!), com um amor tão falso, tão pouco natural, como era o meu na minha decrepitude. Assim, um homem que não pensou nem filosofou em vão não pode nem deve desejar-te mal algum, não pode nem deve querer vingar-se de ti. Entre ti e mim o fiel da balança está a meio, os pratos equilibram-se. Mas, Hester, o homem que nos feriu aos dois ainda está vivo. Quem é ele?

— Não me perguntes! — replicou Hester, fitando-o no rosto. — Nunca saberás!

— Nunca? Disseste tu? — interrogou ele com sorriso arguto, cheio de negrume e autoconfiança. — Dizes que eu nunca saberei quem é? Podes crer, Hester, existem poucas coisas, quer no mundo que nos rodeia quer, em certa medida, no mundo invisível do pensamento de cada um, que um homem não seja capaz de descobrir por mais escondidas que estejam, se se dedicar sem reservas à solução desse mistério. Poderás ocultar o teu segredo à multidão curiosa, poderás calá-lo diante de sacerdotes e magistrados, como fizeste hoje, quando te forçavam a falar, a abrir o teu coração e a levar o teu companheiro para o cadafalso para junto de ti, mas a mim não. Entro nesta investigação com outros intuitos que não são os deles. Vou procurar esse homem como procurei a verdade nos livros, como procurei ouro na alquimia. Há uma espécie de atitude anímica que sei me dará a noção da presença dele. Hei-de vê-lo tremer, eu próprio me hei-de arrepiar, e tudo numa forma imprevista e inconsciente. Mais tarde ou mais cedo sei que o hei-de descobrir.

Os olhos do estudioso, cercados de rugas muito finas, brilharam sobre a esposa, a tal ponto que ela levou a mão crispada ao peito, como se temesse que já naquele momento o marido tivesse descoberto a verdade.

— Não queres revelar o nome dele? Está bem, nem por isso deixará de ser meu — concluiu, cheio de confiança, como se o destino desse homem já lhe pertencesse. — Ele não usa uma letra de opróbrio como tu usas, não a traz sobre o fato, mas hei-de ler-lha no íntimo. No entanto, não temas por ele, não penses que eu vá intervir no processo que o Destino usa para premiar ou castigar; não o entregarei também à opressão das leis dos homens, seria mais prejuízo que lucro para mim. Nem tão-pouco imagines que seja no que for lhe vá pôr a vida em perigo, ou o bom nome que, como presumo, ele deve ter. Quero deixá-lo viver, quero deixá-lo esconder-se nas honrarias do mundo, se for capaz. Faça o que fizer, ele há-de ser meu.

— As tuas acções parecem-se com misericórdia — disse Hester, ao mesmo tempo encantada e deprimida. — No entanto... as tuas palavras mostram-te como um verdadeiro açoite.

— Uma coisa te vou pedir, a ti, que foste minha esposa — continuou o estudioso. — Guardas o segredo do homem a quem amaste, guarda também o meu. Ninguém me conhece nesta terra. Não reveles a ninguém que foste minha esposa. Aqui nesta selvática fronteira com a floresta vou armar a minha tenda, noutra sítio qualquer serei um vagabundo, isolado dos interesses humanos; aqui encontro uma mulher, um homem, uma criança, a quem me ligam os sentimentos mais íntimos. Não interessa se são de amor ou de ódio, se são justos ou injustos. Tu, Hester, e os teus pertencem-me. A minha casa, a minha pátria está onde tu estás e ele está. Só te peço que não me atraíções.

— Qual a tua finalidade? — perguntou Hester, a tremer; ela não sabia a razão por que ele a queria ligar agora a essa promessa secreta. — Porque não proclamas a tua verdadeira identidade e me repudias imediatamente?

— Talvez porque não tenha a coragem de enfrentar a desonra que suja o marido duma adúltera — respondeu ele, sem hesitação. — Talvez por outras razões. Basta que saibas que quero viver e morrer ignorado. Deixa, portanto, que toda a gente pense que o teu marido já morreu, visto que nunca mais receberás notícias dele. Não manifestarás que me conheces, nem por palavras, nem por gestos, nem mesmo por um olhar. Não deixes transparecer este segredo, em especial ao homem a quem te entregaste de alma e de corpo. Se faltares à tua promessa... cautela! O seu bom nome, a sua reputação, a sua situação de relevo, a própria vida, tudo está na minha mão. Cautela, portanto!

— Guardarei mais este segredo, como guardo o outro — disse Hester serenamente.

— É preciso que o jures! — acrescentou ele.

E ela jurou.

— Agora, Sr.^a Prynne — disse o velho Rogério Cillingworth, pois será este o seu nome para o futuro —, vou deixá-la a sós com a sua filha e a sua letra escarlata. Como é? Até a dormir a tens de usar? Não tens medo dos pesadelos e dos sonhos horrorosos que ela te possa trazer?

— Porque fazes assim troça de mim? — perguntou Hester, inquieta, dada a expressão estranha nos olhos do marido. — És como o homem de preto que infesta a floresta na orla da cidade? Ligaste-me a um juramento que ainda mais me perturbará o espírito?

— O teu espírito, não — respondeu ele, com outro sorriso. — O teu não!

Washington IRVING. «O Palácio do Alhambra», in *Contos do Alhambra*.
Tradução de Ana Luísa Melo. [1832] 1966. Lisboa: Bertrand. 1-2, 4-6, 8.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Kobayashi ISSA. Quatro *haiku*, in *Haikai: antologia e história*. Tradução de Paulo Franchetti, Elza Taeko Doi e Luiz Dantas. 1990. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas-Unicamp. 114, 117, 166, 186.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Henry JAMES. *Os Embaixadores*. Tradução inédita de Amândio Reis. [1903] 1994. Nova Iorque e Londres: W.W. Norton & Co. 309-312.

O que ele viu foi exactamente a coisa certa — um barco avançando ao longo da curva e contendo um homem, que segurava os remos, e uma senhora, à popa, com um chapéu-de-sol cor-de-rosa. De repente, foi como se estas figuras, ou alguma coisa parecida com elas, fossem solicitadas na imagem, tivessem sido solicitadas, mais ou menos, durante todo o dia, e se oferecessem agora à vista, empurradas pela corrente vagarosa, para preencher propositadamente essa lacuna. Eles vinham devagar, flutuando, dirigindo-se evidentemente ao desembarcadouro próximo do seu espectador e apresentando-se a ele, não menos claramente, como as duas pessoas para quem a sua anfitriã preparava já uma refeição. Ele deu consigo mesmo a achá-los duas pessoas muito felizes — um rapaz em mangas de camisa, uma rapariga leve e bonita, que haviam prazerosamente subido de outro lugar qualquer, e, familiarizando-se com as redondezas, conhecido o que este retiro particular lhes podia oferecer. O ar tornou-se espesso, conforme se aproximavam, de outras intimações; a intimação de que eram especialistas, familiares, frequentes — de que esta não seria de maneira nenhuma a primeira vez. Eles sabiam como fazê-lo, sentiu ele vagamente — e isso tornou-os apenas mais idílicos, embora no exacto momento dessa impressão, como aconteceu, o barco deles parecesse começar a desviar-se, com o remador a deixá-lo ir. Não obstante, ele já se tinha aproximado muito mais por aquela altura — o suficiente para Strether sonhar que a senhora à popa se tinha dado conta, por alguma razão, de que ele estava ali a observá-los. Ela havia-o feito notar com acutilância, e, no entanto, o seu companheiro não se voltara; era, na verdade, quase como se o nosso amigo sentisse que ela lhe tinha pedido que ficasse quieto. Ela tinha interiorizado alguma coisa em resultado da qual o seu percurso oscilava, e continuava a oscilar enquanto eles se mantinham, simplesmente, afastados. Este pequeno efeito foi súbito e rápido, tão rápido que a sensação que Strether teve dele separou-se apenas por um instante do começo abrupto do efeito em si mesmo. Também ele tinha, naquele minuto, interiorizado alguma coisa, tinha interiorizado que conhecia a senhora cujo chapéu-de-sol, movendo-se

como para lhe esconder o rosto, fazia um tão fino ponto cor-de-rosa naquela cena brilhante. Era extraordinário demais, uma hipótese num milhão, mas, se ele conhecia a senhora, o cavalheiro, que ainda lhe mostrava as costas e se mantinha afastado, o cavalheiro, o herói, sem casaco, do idílio, que respondera ao susto dela, era, para igualar a maravilha, ninguém menos que Chad.

Chad e Madame de Vionnet estavam então, como ele mesmo, a passar um dia no campo — embora fosse tão estranho como a ficção, como uma farsa, que o campo deles pudesse ser exactamente o dele. E tinha sido ela a primeira a reconhecer, a primeira a sentir, através da água, o choque — porque pareceu chegar a isso — do seu fabuloso acidente. Strether tomou consciência, assim, do que estava a acontecer — de que o reconhecimento dela tinha sido ainda mais estranho para a dupla no barco, de que o seu impulso imediato tinha sido controlá-lo, e de que ela discutia rápida e intensamente com Chad sobre o risco de uma traição. Ele viu que eles não mostrariam nada se pudessem estar seguros de que não os tinha identificado; de maneira que teve perante si, por alguns segundos, a sua própria hesitação. Tratava-se de uma crise aguda e fantástica que tinha emergido como num sonho, e tivera apenas de durar aqueles segundos para lhe parecer realmente horrível. Assim estavam eles, do outro lado, a *tentar* o outro lado, e por alguma razão isso interrompeu a calma como uma nota áspera e involuntária. Pareceu-lhe outra vez, no limite, que tinha apenas uma coisa a fazer — resolver o problema em comum por via de algum sinal de surpresa e alegria. Neste ponto, deu largas a esses meios, sacudindo o chapéu e a bengala, e chamando bem alto — uma demonstração que lhe trouxe alívio assim que a viu ser correspondida. O barco, no meio da corrente, descontrolava-se ainda um pouco — o que parecia natural, no entanto, enquanto Chad deu meia volta, quase saltando; e a sua boa amiga, depois do vazio e do susto, começou a acenar alegremente com o chapéu-de-sol. Chad atirou-se de novo aos remos e o barco deu a volta, com o espanto e a graça, entretanto, a preencher o ar, e o alívio, como Strether continuou a imaginar, a sobrepor-se à mera violência. O nosso amigo desceu à água sob esta impressão esquisita de uma violência que tinha sido evitada — a violência de o terem «excluído», ali, aos olhos da natureza, na suposição de que ele não saberia. Ele aguardou-os com uma expressão da qual não tinha conseguido banir a ideia — e estava consciente disso — de que eles teriam prosseguido caminho, sem ver e sem saber, perdendo o jantar e desapontando a sua anfitriã, se ele mesmo tivesse tomado uma via semelhante. Era isso, pelo menos, o que lhe obscurecia a visão naquele momento. Logo depois, depois de eles terem esbarrado no desembarcadouro e de ele os ter ajudado a chegar a terra, o simples milagre do encontro passou uma esponja sobre tudo aquilo.

Mark TWAIN. «Capítulo I», in *As Aventuras de Huckleberry Finn*. Tradução de Miriam Marder Silva Monteiro. [1884] 1991. Mem Martins: Europa-América. 5-7.

Não sabereis nada de mim sem ter lido um livro intitulado *As Aventuras de Tom Sawyer*, mas isso não importa. O livro foi escrito pelo Sr. Mark Twain, e ele disse, mais ou menos, a verdade. Houve coisas em que mentiu, mas, em princípio, disse a verdade. Isto não quer dizer nada. Nunca vi uma pessoa que não tivesse mentido de vez em quando, a não ser a Tia Polly, ou a viúva, ou talvez Mary. Da Tia Polly, que é a tia de Tom, de Mary e da viúva Douglas, é que vos fala esse livro, que, em princípio, diz a verdade, com algumas mentiras, como já disse.

Ora o que o livro conta é isto: Tom e eu descobrimos o dinheiro que os bandidos tinham escondido na gruta, e este dinheiro tornou-nos ricos. Cada um recebeu seis mil dólares — em ouro. Todo empilhado, era um imenso monte de dinheiro. O juiz Thatcher guardou-o e investiu-o com juros, e isso deu-nos um dólar por dia durante todo o ano — demasiado para alguém dizer como gastá-lo. A viúva Douglas adoptou-me como seu filho e disse que ia civilizar-me, mas era uma má vida com ela, sempre fechado em casa, considerando ainda quão regulares e decentes eram todos os seus hábitos. Portanto, quando já não podia aguentar mais, safei-me. Vesti os meus farrapos e voltei a viver no meu querido tonel, estando de novo livre e satisfeito. Mas Tom Sawyer descobriu-me e disse que ia fundar uma quadrilha de bandidos e que eu podia ser membro se voltasse à casa da viúva e me comportasse bem. Então voltei.

A viúva chorou muito por causa de mim e chamou-me uma pobre ovelha desgarrada. Deu-me também outros nomes, mas nunca pretendeu fazer-me mal. Vesti-me de novo com bonita roupa e eu não podia fazer outra coisa que não fosse suar e suar, sentindo-me todo apertado. Recomeçou a velha história. A viúva tocava uma campainha para avisar para o jantar e lá tinha eu de estar à mesa a tempo. E, uma vez sentado à mesa, não podia começar logo a comer, não, tinha de esperar que a viúva baixasse a cabeça e murmurasse qualquer coisa sobre a comida, embora isso já não tivesse qualquer efeito, visto que já estava tudo cozido. Num tonel todo desarrumado isto é diferen-

te. As coisas ficam em desordem, espalham-se por todo o lado, mas tudo se faz melhor.

Depois do jantar ela pegava no seu livro e falava-me acerca de Moisés e dos «Juncos». Passei um mau bocado até saber tudo acerca dele. No entanto, passado pouco tempo deixou-me saber que este Moisés já tinha morrido há muitos anos, de maneira que eu não me preocupei mais com ele, porque não tenho interesse em gente morta.

Depois de estar já há alguns dias em casa apeteceu-me fumar e pedi à viúva autorização para o fazer. Mas ela disse que era imoral e um mau hábito e o que eu fazia melhor era tentar acabar com isso. É mesmo assim com certa gente. Falam de coisas que não conhecem. Por um lado, ela aborreceu-me com este Moisés, que não era parente dela, nem tinha qualquer utilidade para ninguém, visto que já tinha morrido, e, por outro lado, proibiu-me uma coisa que eu já tinha feito e que de facto era boa. E, além disso, ela tomava rapé! Isto, claro, não tinha nada de mau, porque era ela que o fazia.

A irmã da viúva, Miss Watson, uma donzela bastante magra e velha, com grandes óculos, que vivia desde há algum tempo com ela, começou a ensinar-me o alfabeto. Estudei intensivamente durante uma hora, e depois a viúva mandou-a deixar-me descansar. Não podia mais. Seguiu-se uma hora imensamente aborrecida e fiquei inquieto. Miss Watson disse então: «Não ponhas os pés aqui, Huckleberry, não te torças assim, Huckleberry, põe-te direito»; e pouco depois: «Não bocejes e não te estiques assim, Huckleberry porque não tentas portar-te devidamente?» Contou-me então muitas coisas acerca do Inferno, e eu disse-lhe que gostaria de lá estar. Ela ficou doida e eu tive pena dela, porque não pretendia fazer-lhe mal. Eu só queria ir para qualquer lado, só queria uma mudança, não esperava por algo em particular. Porém, ela disse que era mau dizer o que eu tinha dito. Ela por nada deste mundo o diria. Queria viver uma vida que a levasse ao Paraíso. Ora eu não consegui ver qualquer vantagem em ir para onde ela queria ir. Resolvi cá para mim que não ia tentar ir para lá. Mas nunca lho disse, porque sabia que isso apenas causaria aborrecimentos que não serviriam de nada a ninguém.

Entretanto ela estava inspirada e continuou a contar-me tudo acerca do Paraíso. Disse que tudo o que se teria de fazer ali seria passear todo o dia com uma harpa, cantando eternamente. Portanto, não tinha grande interesse para mim. Mas não o disse. Perguntei-lhe se achava que Tom Sawyer ia para o Paraíso e ela disse que seria pouco provável. Fiquei bastante contente com esta resposta porque queria que Tom e eu ficássemos juntos.

Miss Watson continuou a chatear-me e tudo acabou por ser fastidioso e triste. Os pretos entraram na casa e rezaram, e depois disso toda a gente

se foi deitar. Subi ao meu quarto, e, tendo um bocado de vela, coloquei-o na mesa. Sentei-me numa cadeira perto da janela e tentei pensar em algo de alegre, mas não consegui. Senti-me tão só que quase desejava estar morto. As estrelas brilhavam e as folhas sussurravam na floresta solitária. Ouvi um mocho piar, muito ao longe, em sinal de luto por alguém que estava morto; e um chorão e um cão chorarem por alguém que estava para morrer. O vento tentou dizer-me qualquer coisa, mas não consegui entender o que era. Senti arrepios de frio nas costas. Depois ouvi aquela lamentação dos fantasmas quando querem comunicar algo que os oprime, sem serem, contudo, capazes de se fazerem perceber. Por isso não encontram paz nas suas sepulturas e têm de lamentar e chorar todas as noites. Senti-me só, e tive medo. Gostaria de ter tido alguém por companhia. Neste momento subiu pelo meu braço uma aranha. Sacudi-a e ela caiu na vela, onde se queimou antes de eu ser capaz de a apanhar. Não é preciso dizer que a morte da aranha era um muito mau agouro que me ia trazer qualquer azar. Por isso fiquei inquieto, tremendo tanto que quase sacudia o vestuário. Levantei-me e dei três voltas às arrecuas em torno da cadeira, benzendo-me. Depois pendurei um pouco do meu cabelo num fio para evitar que as bruxas se aproximassem. Mas não confiei muito nisso, porque isto é o que normalmente se faz quando se perde uma ferradura que devia ter sido pregada em cima duma porta. Nunca ouvi alguém dizer que também servisse para evitar a má sorte quando se mata uma aranha.

Sentei-me de novo, todo o meu corpo tremendo. Peguei no meu cachimbo, para fumar, pois, como todos dormiam em casa, a viúva não o saberia. Passado muito tempo ouvi o sino da vila — blom, blom, doze pancadas — e depois tudo ficou de novo silencioso — mais silencioso do que antes. Ouvi um ramo quebrar-se. Lá na escuridão, entre as árvores, andava alguém. Não me mexi, mas escutei atentamente. Quase não ouvi o «miau, miau» proferido lá em baixo. Que bom! Respondi também tão baixo como me foi possível «miau-miau». Apaguei a luz e saí para o alpendre através da janela. Escorreguei até ao chão e encaminhei-me para as árvores, onde, claro, Tom Sawyer já estava à minha espera.

(2)
LITERATURA E CONDIÇÃO HUMANA

Emily DICKINSON. «Poema 1017», in *The Poems of Emily Dickinson, Vol. II*. Tradução inédita de Ana Luísa Amaral. [1884] 1979. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press. 728.

Morrer — sem os que morrem
Viver — ausente a vida
O mais árduo Milagre
Que à crença é exigido.

Kobayashi ISSA. Quatro *haiku*, in *Haikai: antologia e história*. Tradução de Paulo Franchetti, Elza Taeko Doi e Luiz Dantas. 1990. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas-Unicamp. 74, 84, 99, 141.

Texto sujeito a Direitos de Autor

MUYAKA. «Sobre a desilusão», in *Muyaka: 19th Century Swahili Popular Poetry*. Tradução inédita de Simão Valente. 1979. Nairobi: Kenya Literature Bureau. 197-201.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Amado NERVO. *O Doador de Almas*. Tradução inédita de Mitzi Guerrero. [1898] 2017. Nova Iorque: Penguin. 68-72.

A DOAÇÃO

— Doutor — disse o senhor Esteves, alto ele, loiro ele, pálido ele, com vinte e cinco anos nas costas e à guisa de adorno dois formosos olhos pardos, dois olhos de névoa de Londres estriados às vezes de sol tropical — venho dar-te uma grande surpresa.

— Muito bem pensado — replicou o doutor —; começava a aborrecer-me.

— Antes de tudo, acreditas que eu te quero bem?

— Absolutamente!

— Que eu te tenho um carinho excepcional, exclusivo?

— Mais que se o visse... mas senta-te.

O senhor Esteves sentou-se.

— Acreditas que a ninguém no mundo quero como a ti? Acreditas nisso?

— Como na existência dos micróbios... mas vens para me administrar algum sacramento?, ou, o que te propões ao fazer-me recitar tão repetidos actos de fé?

— Pretendo simplesmente dar valor à minha surpresa.

— Muito bem, continua.

— Tudo o que sou — e não sou pouco —, devo-to a ti.

— Deve-lo ao teu talento.

— Sem ti, o meu talento teria sido como essas flores isoladas que saturam de perfumes os ventos solitários.

— Poesia temos.

— Todo o homem precisa de um homem...

— E às vezes de uma mulher.

— Foste tu o meu homem; tu acreditaste em mim, tu fizeste que «chegasse o meu dia»; tu serviste de sol a esta pobre lua do meu espírito; por ti sou conhecido; por ti vivo, por ti...

— Olha, capítulo de outro assunto, não achas?

— Repito que pretendo simplesmente dar valor à minha surpresa.

— Bem, suponhamos que o seu valor é já inapreciável... Olha, poeta, certo é que eu te inventei, mas se não te tivesse inventado, outro tê-lo-ia feito. Eu não acredito nos talentos inéditos, como não acredito nos sóis inéditos. O talento verdadeiro sempre emerge; se o ambiente lhe é hostil, vence-o; se é deficiente, cria um ambiente melhor... Estamos? Se tu te tivesses tornado no fim uma nulidade, arrependia-me de ter-te convidado, como dizem que aconteceu a Deus com o mundo na véspera do dilúvio. Vales, brilhas?, estou recompensado pela minha obra e orgulhoso dela. A gratidão é acidental. Aceito-a porque vem de ti, mas não preciso dela para a minha satisfação e o meu contentamento... Agora continua a falar.

— Ora bem. Há um ano; um ano, sabes?, que penso todos os dias; todos os dias, percebes?; em dar-te uma prenda. — Aqui o doutor franziu o cenho. — Uma prenda digna de ti e digna de mim; uma prenda excepcional, e depois de 364 dias de perplexidades, de cavilações, de dúvidas... encontrei hoje essa prenda. — Segundo franzir de sobrancelhas do doutor. — Melhor dito, não a encontrei, descobri simplesmente que a possuía, como o céptico do conto descobriu que andava.

— E essa prenda?

— Vim oferecer-ta.

Andrés levantou-se como para dar maior solenidade à sua oferta, e com voz quase religiosa e comovida, acrescentou:

— Doutor, venho oferecer-te uma alma!

O doutor levantou-se por sua vez e fincou os seus olhos pretos — dois olhos muito pretos e muito grandes que tinha o doutor: não tinha dito? — nos do seu amigo, com olhar surpreendido e inquieto.

— Tomaste muito café esta tarde, não foi? — perguntou. — Não me fazes caso e o teu cérebro é que paga. És um perpétuo hiperestesiado...

— Esta tarde deram-me café que amarelecia, tão magro era — replicou o outro com simplicidade. — Acho que existe um complô entre a cozinheira e tu... Não há, então, tal hiperestesia. O que te digo é tão certo como o descobrimento da América, a menos que o descobrimento da América seja só um símbolo; venho oferecer-te uma alma.

— Nesse caso explica-te.

— Parece-me que falo com clareza, Rafael — o doutor chamava-se Rafael — uma alma é uma entidade espiritual, substantiva, indivisa, consciente e imortal.

— Ou resultante das forças que actuam no nosso organismo, como tu queiras.

— Não — disse Andrés com veemência, — isso é mentira! Uma alma é um espírito que informa um corpo, do qual não depende senão para as funções vitais.

— Não vamos discutir este ponto. Concedido que é um espírito, *et puis après*?

— Faça-te, assim, a doação de um espírito.

— Masculino ou feminino?

— Os espíritos não têm sexo.

— Singular ou plural?

— Singularíssimo.

— Independente de um organismo?

— Independente quando o quiseres.

— E esse organismo, se a pergunta não implicar indiscrição, é masculino ou feminino?

— Feminino.

— Velho ou jovem?

— Jovem.

— Bonito ou feio?

— E o que te importa se não te dou um corpo, mas uma alma?

— Homem, não é demais conhecer os vizinhos...

— Não devo dizer-te mais. Aceitas a prenda?

— Mas, falas a sério, Andrés?

— Olha-me bem.

(*Pausa durante a qual ambos «olbaram-se bem»*).

— De verdade não tomaste café forte hoje?

— De verdade.

— Bom, então, aceito-a; só que...

— Não perguntes que não te vou responder.

— Nesse caso aceito sem perguntar; mas... trarias por ventura essa alma na carteira?

— Não, essa alma vai ser tua amanhã.

— Outro enigma?

— Outro enigma. Até logo, Rafael.

— Homem, poderíamos jantar juntos sem prejuízo da doação.

— Não, não poderíamos. Tenho uma tarefa urgente.

— Relativa à alma?

— Se calhar. Até logo.

* Em francês no original.

E depois de um cordialíssimo aperto de mão os dois amigos separaram-se. A noite avançava com lentidão, afogando na sua maresia os últimos lampejos em combustão do horizonte.

Masaoka SHIKI. Um *haiku*, in *Haikai: antologia e história*. Tradução de Paulo Franchetti, Elza Taeko Doi e Luiz Dantas. 1990. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas-Unicamp. 93.

Texto sujeito a Direitos de Autor

John Greenleaf WHITTIER. «O menino descalço», in *The Complete Poetical Works of John Greenleaf Whittier*. Tradução inédita de Amândio Reis. [1855] 1884. Boston: Ticknor and Fields. 143-144.

Abençoado sejas, rapazinho,
Menino descalço de rosto trigueiro!
Com teus subidos calções
E tuas alegres, assobiadas canções;
Com teu lábio vermelho ainda mais vermelho
Beijado por morangos do outeiro;
Com a luz do sol na tua face,
Atravessando a graça vivaz da tua rota pala;
Do meu coração, ofereço-te felicidade —
Fui outrora um menino descalço!
Príncipe és tu — o homem adulto
É só republicano.
Deixa avançar o milionário!
Descalço, rojando-te ao seu lado,
Tens mais do que ele possa ter comprado
Ao alcance de ouvido e olho —
Externa luz, interna alegria,
Abençoado sejas, menino descalço!

Oh, pela brincadeira indolor de rapazinho,
Sono que acorda em dia risonho,
Saúde que troça das médicas regras,
Saber nunca aprendido nas escolas,
Da viagem matinal da abelha selvagem,
Do tempo e do lugar da flor silvestre,
Voo de ave e próprio estado
Dos inquilinos deste prado;
Como a tartaruga leva a sua casca,
Como a marmota cava a sua cela,
E a toupeira afunda o seu covil;

Como o pisco alimenta seu pintinho,
Como o papa-figos pendura o ninho;
Onde os mais brancos lírios arejam,
Onde as mais frescas bagas brotam,
Onde lança o amendoim a sua videira,
Onde brilha o cacho de uva na parreira;
Da negra vespa, o seu jeito astuto,
Operária das suas paredes de barro,
E as arquitectónicas cogitações
De cinzentos artesãos zangões!
Porque, fugindo a livros e à labuta,
A natureza responde ao que pergunta;
De mãos dadas ele caminha com ela,
Cara a cara ele conversa com ela,
Parte integrante do seu júbilo —
Abençoado seja o menino descalço!

Oh, pelo tempo de Junho da meninice,
Amontoando anos numa lua breve,
Quando todas as coisas via ou escutava,
E eu, seu mestre, por elas esperava.
Eu era rico em árvores e flores,
Em melíferas abelhas e beija-flores;
Porque brincava o esquilo a minha brincadeira,
Dobrava a pá do focinho a toupeira;
Pelo meu gosto os cachos de amoras
Arroxavam sobre sebes e pedras;
Ria-se o riacho para meu deleite
Durante o dia e durante a noite,
Murmurando na parede ajardinada,
Falava comigo a cada cascata;
Minha a arenosa lagoa dos lúcius,
Meus os montes de noqueira longínquos,
Minhas, em recurvas árvores dos pomares,
Maças de Hespérides!
Conforme, ainda, o meu horizonte estendia
Também a minha riqueza crescia;
Todo o mundo que via ou conhecia,

Parecia um boneco chinês complexo
Inventado para um menino descalço!

Oh, pelas festivas gulodices que nos dão,
Como a minha tigela de leite e pão,
Colher de estanho e tigela de madeira,
Na soleira da porta, cinzenta e grosseira.
Sobre mim, como tenda sumptuosa,
Rugoso de nuvens, o sol-pôr se debruçava,
Cortina púrpura, de áureas bordas,
Laçada em muitas ventosas dobras;
Enquanto por música vinha o trinado
Da orquestra do sapo enrugado;
E, para alumiar o ruidoso coro,
Acendia a mosca sua lâmpada de fogo.
Eu era monarca: pompa e regozijo
Serviam o menino descalço!

Alegremente, então, meu pequeno homem,
Vive e ri como pode o jovem!
Embora os duros taludes sejam custosos
E tenham lanças de palha os prados aparados,
A cada amanhecer serás conduzido
A frescos baptismos do orvalho;
Dos teus pés, a cada entardecer,
O vento frio há-de beijar o calor:
Demasiado cedo estes pés esconder-se-ão
Nas celas da prisão do orgulho,
Perderão a liberdade do gramado,
Como um potro é para o trabalho calçado,
Obrigados a percorrer os moinhos penosos,
Acima e abaixo, em labores infindos:
Felizes deles se o seu trilho não for encontrado
Nunca em chão interditado;
Felizes deles se nunca se afundarem
Nas rápidas e traiçoeiras areias do pecado.
Ah! que possas conhecer a tua felicidade,
Antes de que ela passe, menino descalço!

(3)
EMANCIPAÇÃO, LIBERDADE E RESISTÊNCIA

Frederick DOUGLASS. *Memórias de um Escravo Americano*. Tradução de Luís Nogueira. [1845] 2005. Lisboa: Mareantes Editora. 11-14.

Texto sujeito a Direitos de Autor

James FENIMORE COOPER. *O Último dos Moicanos*. Tradução de Gabriela Corte-Real. [1826] 1996. Lisboa: Círculo de Leitores. 32-39.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Harriet JACOBS. «Capítulo XVII — A Fuga», in *Incidentes na Vida de uma Escrava*. Tradução de Ana Barradas. [1861] 1993. Lisboa: Antígona. 156-160.

Texto sujeito a Direitos de Autor

José MARTÍ. *Nossa América*. Tradução inédita de Sebastián Patrón. [1891] 2002. Guadalajara: Universidad de Guadalajara. 13-18.

Acha o aldeão vaidoso que o mundo inteiro é a sua aldeia e, desde que ele fique de alcaide, ou atormente o rival que lhe roubou a namorada, ou lhe aumentem no mealheiro as poupanças, considera boa a ordem universal, sem saber dos gigantes que levam sete léguas nas botas e lhe podem pôr em cima a bota, nem da briga dos cometas no Céu, que vão pelo ar adormecidos engolindo mundos. Aquilo que ficar de aldeia na América há-de acordar. Estes tempos não são para alguém se deitar com o lenço na cabeça, mas com as armas no travesseiro, como os varões de Juan de Castellanos: as armas do juízo, que vencem as outras. Trincheiras de ideias valem mais do que trincheiras de pedra.

Não há proa que talhe uma nuvem de ideias. Uma ideia enérgica, ondeada a tempo perante o mundo, pára, como a bandeira mítica do juízo final, um esquadrão de couraçados. Os povos que não se conhecem hão-de se apressar para se conhecer, como os que vão brigar juntos. Os que mostram os punhos, como irmãos invejosos, que querem os dois a mesma terra, ou o da casa pequena, que tem inveja do da casa melhor, hão-de encaixar, de modo a que sejam uma, as duas mãos. Os que, apoiados numa tradição criminosa, cercearam, com o sabre tingido no sangue das suas próprias veias, a terra do irmão vencido, do irmão castigado além das suas culpas, se não quiserem que o povo lhes chame ladrões, terão de devolver ao irmão as suas terras. As dívidas de honra não as cobra o honrado em dinheiro, tanto por cada bofetada. Agora não podemos ser o povo de folhas, que vive no ar, com a copa carregada de flor, estalando ou zumbindo, dependendo da carícia caprichosa da luz, ou da investida e destruição das tempestades. As árvores hão-de fechar fileiras para que não passe o gigante das sete léguas! É a hora do reencontro, e da marcha unida, e havemos de andar em fileiras fechadas, como a prata nas raízes dos Andes.

Aos sete mesinhos somente faltar-lhes-á a coragem. Os que não têm fé na sua terra são homens de sete meses. Porque lhes falta a coragem, eles recusam-na aos demais. O braço franzino não lhes permite chegar à árvore

diffícil, o braço de unhas pintadas e pulseira, o braço de Madrid ou de Paris, e dizem que a árvore não se pode alcançar. Se forem parisienses ou madri- lenos, vão passear ao Prado debaixo dos faróis, ou vão comer uns gelados ao Tortoni. Estes filhos de carpinteiro, que têm vergonha de que seu pai seja carpinteiro! Estes nascidos na América, que têm vergonha, porque levam avental índio, da mãe que os criou, e renegam — velhacos! — a mãe doente, e a deixam sozinha no leito das enfermidades! Pois, quem é o homem? O que fica com a mãe, para curar a sua doença, ou o que a põe a trabalhar onde não a vejam, e vive de seu sustento nas terras estragadas com o verme de gravata, maldizendo o seio que o carregou, passeando o letreiro de traidor nas costas da casaca de papel? Estes filhos da nossa América, que se há-de salvar com os seus índios, e vai de menos para mais; estes desertores, que pedem para combater nos exércitos da América do Norte, que afoga os seus índios em sangue, e vai de mais para menos! Estes delicados, que são homens e não que- rem fazer o trabalho de homens! Pois Washington, que lhes fez esta terra, foi-se embora viver com os ingleses, viver com os ingleses nos anos em que os via vir contra a sua própria terra? Estes «incríveis» da honra, que a arrastam pelo chão estrangeiro, como os incríveis da Revolução Francesa, dançando e regozijando-se, arrastando os erres!

Em que outra pátria pode ter um homem mais orgulho do que nas nos- sas repúblicas dolorosas de América, levantadas entre as massas mudas de índios, ao barulho da luta do livro com o cirial, sobre os braços sanguino- lentos de uma centena de apóstolos? De factores tão desordenados, jamais, em menos tempo histórico, se têm criado nações tão adiantadas e compac- tas. Acha o soberbo que a terra foi feita para lhe servir de pedestal, porque tem a pena fácil ou a palavra colorida, e acusa de incapaz e irremediável à sua república nativa, porque as suas florestas novas não lhe permitem ir sem obstáculos pelo mundo como um cacique famoso, a guiar éguas da Pérsia e a derramar champanhe. A incapacidade não está no país nascente, que pede formas que o acomodem e grandeza útil, mas sim nos que querem gover- nar povos originais, de composição singular e violenta, com leis herdadas de quatro séculos de prática livre nos Estados Unidos, de dezanove séculos de monarquia na França. Com um decreto do Alexander Hamilton não se pára a investida do potro das planícies. Com uma frase de Sieyès não se faz fluir o sangue coagulado da raça índia. Ali onde se governar, há que ter atenção para governar bem. O bom governante na América não é o que sabe como se governa o alemão ou o francês, mas o que sabe de que elementos se compõe o seu país, e como os pode ir guiando conjuntamente, para chegar, por méto- dos e instituições nascidas no próprio país, ao estado desejável em que cada

homem se conhece e exerce, e onde todos desfrutam da abundância que a Natureza dispôs para todos, no povo que fecundam com o seu trabalho e defendem com as suas vidas. O governo tem de nascer do país. O espírito do governo há-de ser do país. A forma do governo há-de adequar-se à constituição própria do país. O governo não é mais do que o equilíbrio dos elementos naturais do país.

Por isso o livro importado tem sido vencido na América pelo homem natural. Os homens naturais têm vencido os letrados artificiais. O mestiço autóctone tem vencido o crioulo exótico. Não há batalha entre civilização e barbárie, mas entre falsa erudição e natureza. O homem natural é bom, e acata e premeia a inteligência superior, enquanto esta não se aproveitar da sua submissão para o magoar ou o ofender, prescindindo dele, pois isto é uma coisa imperdoável para o homem natural, disposto a recobrar pela força o respeito de quem fere a sua susceptibilidade ou prejudica o seu interesse. Por esta conformidade com os elementos naturais desdenhados têm subido os tiranos da América ao poder; e têm caído quando os atraçoaram. As repúblicas têm purgado nas tiranias a sua incapacidade para conhecer os elementos verdadeiros do país, obter deles a forma de governo e governar com eles. Governante, num povo novo, significa criador.

Em povos compostos de elementos cultos e incultos, os incultos governarão, pelo seu hábito de agredir e resolver as dúvidas com a sua mão, ali onde os cultos não aprenderem a arte de governar. A massa inculta é preguiçosa, tímida nas coisas da inteligência, e quer que a governem bem; mas se o governo a magoar, livra-se dele e governa ela. Como hão-de sair das universidades os governantes, se não há universidade na América onde se ensine o rudimentar da arte do governo, que é a análise dos elementos peculiares dos povos de América? Os jovens saem ao mundo para adivinhar, com óculos ianques ou franceses, e aspiram a liderar um povo que não conhecem. Na carreira da política se haveria de recusar a entrada aos que desconhecem os rudimentos da política. O prémio dos certames não há-de ser para a melhor ode, mas para o melhor estudo dos factores do país em que se vive. No jornal, na cátedra, na academia, deve adiantar-se o estudo dos factores reais do país. Conhecê-los basta, sem vendas nem evasivas; porque quem põe de lado, por vontade ou esquecimento, uma parte da verdade, cai a longo prazo por causa da verdade que lhe faltou, que cresce na negligência, e derruba o que se ergue sem ela. Resolver o problema depois de conhecer os seus elementos é mais fácil do que resolver o problema sem os conhecer. Vem o homem natural, indignado e forte, e derruba a justiça acumulada nos livros, porque ela não é administrada de acordo com as necessidades patentes do país. Conhecer é

resolver. Conhecer o país e governá-lo de modo conforme ao conhecimento é o único modo de o livrar de tiranias. A universidade europeia há-de ceder à universidade americana. A história de América, dos incas até hoje, há-de ensinar-se de cor, mesmo que não se ensine a dos arcontes da Grécia. A nossa Grécia é preferível à Grécia que não é nossa. É-nos mais necessária. Os políticos nacionais hão-de substituir aos políticos exóticos. Enxerte-se nas nossas repúblicas o mundo; mas o tronco há-de ser o das nossas repúblicas. E cale-se o pedante vencido; que não há pátria em que possa ter o homem mais orgulho do que em nossas dolorosas repúblicas americanas.

Domingo Faustino SARMIENTO. *Facundo: civilização e barbárie na pampa Argentina*. Tradução inédita de Sebastián Patrón. [1845] 2001. Madrid: Cátedra. 61-70.

Esta extensão de planícies imprime, por outro lado, à vida do interior [da Argentina] certa coloração asiática que não deixa de ser bem acentuada. Muitas vezes, quando sai a lua tranquila e resplandecente entre as ervas da terra, tenho-a cumprimentado maquinalmente com estas palavras de Volney, na sua descrição das Ruínas: «*La pleine lune à l'Orient s'élevait sur un fond bleuâtre aux plaines rives de l'Euphrate.*» E, efectivamente, há alguma coisa nos ermos argentinos que traz à memória os ermos asiáticos, alguma analogia encontra o espírito entre a pampa e as planícies que estão entre o Tigre e o Eufrates, algum parentesco entre a tropa de charretes solitárias que cruzam os nossos ermos para chegar, ao fim de uma marcha de meses, a Buenos Aires, e a caravana de camelos que se dirige para Bagdade ou Esmirna. As nossas charretes viajantes são uma espécie de esquadra de pequenos baixéis, cujas pessoas têm costumes, idiomas e vestidos peculiares que as distinguem dos outros habitantes, como o marinheiro se distingue dos homens da terra.

O capataz é um caudilho, como na Ásia o chefe da caravana. Precisa-se, para este destino, de uma vontade de ferro, um carácter valente até à temeridade, para conter a audácia e turbulência dos trapaceiros da terra que terá que governar e dominar sozinho no desamparo do deserto. Ao mínimo sinal de insubordinação, o capataz levanta o seu chicote de ferro e larga sobre o insolente pancadas que causam contusões e feridas e, se a resistência se prolongar, antes de apelar às pistolas, cuja ajuda no geral desdenha, pula do cavalo com a formidável faca na mão e reivindica rapidamente a sua autoridade pela superior destreza com que a sabe usar. O que morre nestas execuções do capataz não deixa direito a qualquer reclamação, considerando-se legítima a autoridade que o tem assassinado.

É assim que na vida argentina começa a estabelecer-se, por estas peculiaridades, o domínio da força brutal, a preponderância do mais forte, a autoridade sem limites e sem responsabilidade dos que mandam, a justiça administrada sem formas e sem debate. A tropa de charretes leva, adicionalmente, armamentos, um fuzil ou dois por charrete, e às vezes um canhãozinho

giratório na que vai à dianteira. Se os bárbaros a assaltarem, formam um círculo atando umas charretes com outras, e quase sempre resistem vitoriosamente à cobiça dos selvagens ávidos de sangue e pilhagem.

As mulas caem indefesas com frequência nas mãos destes beduínos americanos, e raras vezes os tropeiros escapam de ser degolados. Nestas viagens longas, o proletário argentino adquire o hábito de viver longe da sociedade e de lutar individualmente com a natureza, endurecido nas privações, e sem contar com mais recursos do que a sua capacidade e habilidade pessoal para se resguardar de todos os riscos que continuamente o cercam.

[...]

Produz compaixão e vergonha, na República Argentina, a comparação entre a colônia alemã ou escocesa do sul de Buenos Aires e a povoação que se forma no interior: na primeira, as casinhas são pintadas, o frente da casa sempre asseado, adornado com flores e arbustinhos agradáveis, o mobiliário, simples, mas completo, a louça, de cobre ou de estanho, reluzindo sempre, a cama com cortininhas graciosas, e os habitantes num movimento e acção contínuos. Ordenhando vacas, fabricando manteiga e queijos, têm conseguido algumas famílias fazer fortunas colossais e retirar-se para a cidade, a fim de desfrutar das suas comodidades.

O povoado nacional é o avesso desta medalha: meninos sujos e cobertos de farrapos vivem com uma matilha de cães, homens deitados pelo chão na mais completa inacção, o desasseio e a pobreza em todos os lugares, uma mesinha e malas de couro como mobiliário, barracões miseráveis por habitação, e um aspecto geral de barbárie e de incúria fazem-nos assinaláveis.

[...]

As cidades argentinas têm a fisionomia regular de quase todas as cidades americanas: as suas ruas cortadas em ângulos rectos, a sua população disseminada numa ampla superfície, com a excepção de Córdoba, que, construída num recinto limitado e curto, tem todo o ar de uma cidade europeia, a que dão mais realce a variedade de torres e cúpulas dos seus numerosos e magníficos templos. A cidade é o centro da civilização argentina, espanhola, europeia; ali estão as oficinas dos artesãos, as tendas do comércio, as escolas e colégios, os tribunais, tudo o que caracteriza, enfim, os povos cultos.

A elegância nos modos, o conforto do luxo, os vestidos europeus, o fraque e a sobrecasaca têm ali o seu teatro e seu lugar conveniente. Não é sem propósito que faço esta enumeração trivial. A cidade capital das províncias pastorícias existe algumas vezes sozinha, sem cidades menores, e existem até algumas em que o terreno inculto chega até a unir-se às ruas. O deserto rodeia-as a uma distância maior ou menor, cerca-as, oprime-as; a natureza

selvagem acaba por reduzi-las a uns estreitos oásis de civilização situados numa planície inculca de centenas de milhas quadradas, apenas interrompida por um ou outro povoado de consideração. Buenos Aires e Córdoba são as que mais povoados têm podido fazer surgir sobre a campanha, como outros tantos focos de civilização e de interesses municipais; só por si este é um feito notável.

O homem da cidade veste o traje europeu, vive a vida civilizada tal como a conhecemos em todos os lugares; ali estão as leis, as ideias de progresso, os meios de instrução, alguma organização municipal, o governo regular, etc. Saindo do recinto da cidade, tudo muda de aspecto: o homem de campo leva um outro traje, a que chamarei americano por ser comum a todos os povos; os seus hábitos de vida são diversos; as suas necessidades, peculiares e limitadas; parecem duas sociedades distintas, dois povos estranhos um do outro. Ainda há mais: o homem da campanha, longe de aspirar a parecer-se com o da cidade, rejeita com desdém o seu luxo e maneiras cortesias, e o traje do cidadão, o fraque, a capa, a sela, nenhum sinal europeu se pode apresentar impunemente na campanha. Tudo o que há de civilizado na cidade está ali bloqueado, embora prescrito fora, e o que se ousasse mostrar com sobreca-saca, por exemplo, e montado em sela inglesa, atrairia sobre si as chacotas e as agressões brutais dos camponeses.

[...]

Em todos os demais lugares, abundando as pastagens, a cria de gado é, não a ocupação dos habitantes, mas o seu meio de subsistir. A vida pastoril traz-nos impensadamente de volta à imaginação a lembrança da Ásia, cujas planícies imaginamos sempre cobertas, aqui e lá, das barracas do calmuco, do cossaco ou do árabe. A vida primitiva dos povos, a vida de Abraão, que é a do beduíno de hoje, assoma nos campos argentinos, ainda que modificada pela civilização de um modo estranho.

A tribo árabe que vagueia pelos ermos asiáticos vive reunida sob o mando de um ancião da tribo ou um chefe guerreiro; a sociedade existe, ainda que não esteja fixa num ponto determinado da terra; as crenças religiosas, as tradições imemoriais, a invariabilidade dos costumes, o respeito aos anciãos formam em conjunto um código de leis, de usos práticos de governo, que mantém a moral tal como a compreendem, a ordem e a associação de tribo. Mas o progresso está sufocado, porque não pode haver progresso sem a posse permanente do chão, sem a cidade, que é a que desenvolve a capacidade industrial do homem e lhe permite estender as suas aquisições.

Nas planícies argentinas não existe a tribo nómada. O pastor possui o chão com títulos da sua propriedade, está fixo num ponto que lhe pertence;

mas para o ocupar tem sido preciso dissolver a associação e derramar as famílias sobre uma imensa superfície. Imaginem uma extensão de duas mil léguas quadradas toda coberta de população, mas colocadas as herdades a quatro léguas de distância umas das outras, a oito às vezes, a duas as mais próximas. O desenvolvimento da propriedade imobiliária não é impossível; os artigos de luxo não são totalmente incompatíveis com este isolamento, e a riqueza pode levantar um soberbo edifício no deserto. Mas o estímulo falta, o exemplo desaparece, a necessidade de mostrar-se com dignidade que se sente nas cidades não se faz sentir ali, no isolamento e na solidão. As privações indispensáveis justificam a preguiça natural, e a frugalidade dos prazeres traz consigo todos os sinais exteriores da barbárie. A sociedade acaba por desaparecer completamente; fica somente a família feudal, isolada, reconcentrada e, não havendo sociedade reunida, toda a forma de governo se torna impossível: a municipalidade não existe, a polícia não se pode exercer e a justiça civil não tem meios de apanhar os delinquentes.

[...]

Mas o que apresenta de notável esta sociedade, quanto ao seu aspecto social, é a sua afinidade com a vida antiga, com a vida espartana ou romana, embora tenha, por outro lado, uma dissemelhança radical. O cidadão livre de Esparta ou de Roma punha sobre os seus escravos o peso da vida material, o cuidado de fornecer à subsistência, enquanto ele vivia livre de cuidados no foro, na praça pública, ocupando-se exclusivamente dos interesses do Estado, da paz, da guerra, das lutas partidárias. O pastoreio proporciona as mesmas vantagens, e a função inumana do hilota antigo desempenha-a o gado. A procriação espontânea forma e aumenta indefinidamente a fortuna; a mão do homem é desnecessária, o seu trabalho, a sua inteligência, o seu tempo, não são precisos para a conservação e aumento dos meios de viver. Mas se de nada disto ele precisa para o material da vida, as forças que poupa não as pode empregar como o romano: carece da cidade, do município, da associação íntima e, portanto, carece da base de todo o desenvolvimento social; não estando reunidos os fazendeiros, não têm necessidades públicas para satisfazer; numa palavra: não há *res publica*.

Harriet Beecher STOWE. *A Cabana do Pai Tomás*. Tradução inédita de Simão Valente. [1852] 2009. Cambridge: Harvard University Press. 30-32.

A cabana do Tio Tom era uma pequena construção de madeira, muito perto da «casa», como o negro *par excellence* designa a habitação do seu senhor. À frente tinha um jardim bem arranjado, onde, todos os verões, morangos, framboesas, e uma variedade de frutos e vegetais, cresciam sob vigilante cuidado. Toda a fachada estava coberta por uma grande bignónia escarlate e uma roseira multiflora nativa, a qual, torcendo-se e ligando-se, entrelaçando-se, mal deixava vestígio dos rudes troncos para ser visto. Aqui, também, no Verão, várias flores brilhantes, como tagetes, petúnias, maravilhas, encontravam um canto acolhedor onde revelar os seus esplendores, e eram a alegria e orgulho do coração da Tia Chloe.

Entremos na habitação. A refeição da noite tinha acabado, e a Tia Chloe, que chefiava a preparação como cozinheira principal, deixou a oficiais menores na cozinha o trabalho de limpar e lavar os pratos, para vir aos seus confortáveis territórios e «dar a ceia ao seu velhote»; assim, não duvide que é ela que pode ver junto ao fogo, presidindo com ansioso interesse sobre certos itens fritando numa panela, e logo com grave consideração a levantar a tampa de uma panela de ferro forjado, de onde fumegaram indubitáveis sugestões de «qualquer coisa boa». A sua cara é redonda, negra e brilhante, tão reluzente que quase parece ter sido lavada com clara de ovo, como um dos seus bolos do chá. Toda a sua figura rechonchuda irradiava satisfação e contentamento sob o seu turbante aos quadrados bem engomado, ostentando, contudo, se o devemos confessar, um pouco do toque da autoconsciência que fica bem à melhor cozinheira da vizinhança, como a Tia Chloe era universalmente vista e reconhecida.

Uma cozinheira ela era-o verdadeiramente, até à medula e ao cerne da sua alma. Todos os frangos, perus e patos na eira assumiam um ar grave quando a viam a aproximar-se, e pareciam estar evidentemente a reflectir no seu fim vindouro; e bem certo era que ela estava sempre a meditar e amarrar, rechear e assar, a um ponto que era calculado para inspirar terror em qualquer ave dada à reflexão. O seus bolos de milho, em todas as suas variedades

de queques, pastéis, *muffins*, e outros tantos tipos impossíveis de enumerar, era um sublime mistério para doceiros menos treinados; e ela abanaria os seus anafados costados com honesto orgulho e alegria, conforme narrava os infrutíferos esforços de uma ou outra das suas comadres para chegarem ao seu estatuto.

A chegada de companhia à casa, a preparação de jantares e ceias «como deve ser», despertava todas as energias da sua alma; e nenhuma visão era mais bem-vinda do que uma pilha de malas de viagem atiradas no terraço, porque aí antevia novos esforços e novos triunfos.

De momento, contudo, a Tia Chloe está a olhar para a sua travessa, bem-humorado processo no qual a deixaremos até acabar o nosso retrato da cabana.

A um canto estava uma cama, coberta cuidadosamente com uma manta esbranquiçada; ao lado havia um pedaço de alcatifa de tamanho considerável. Aí tomava o seu lugar a Tia Chloe, como sendo decididamente parte dos altos círculos da sociedade; e esse bocado de alcatifa e a cama ao seu lado, e todo o canto, de facto, eram tratados com distinta consideração, e mantidos, na medida do possível, como sagrados face às invasões e sacrilégios da ralé. De facto, esse canto era a *sala de visitas* da casa. No outro canto havia uma cama de pretensões muito mais humildes, e obviamente designada para ser *usada*. A parede por cima da lareira estava adornada com gravuras muito brilhantes da sagrada escritura, e um retrato do General Washington, desenhado e colorido de uma maneira que certamente teria espantado o herói se ele tivesse encontrado o seu semelhante.

Num banco tosco ao canto, um par de rapazes tolos, com olhos negros reluzentes e gordas bochechas brilhantes, estavam ocupados a vigiar um bebé nas primeiras tentativas de caminhar, o que, como é geralmente o caso, consistia em levantar-se, equilibrar-se um momento, e logo cair — cada falhanço sucessivo sendo violentamente celebrado, como se fosse algo decididamente inteligente.

Uma mesa, um pouco reumática nas suas pernas, estava colocada à frente do fogo, coberta com uma toalha, exibindo chávenas e pires de um padrão decididamente brilhante, ao lado de outros sintomas da aproximação de uma refeição. A esta mesa estava sentado o Tio Tom, o melhor trabalhador de Mr. Shelby, do qual, sendo ele o herói da nossa história, devemos fazer o daguerreótipo para os nossos leitores. Era um homem grande, de peito largo, e constituição forte, de um negro lustroso, e uma cara cujos traços verdadeiramente africanos eram caracterizados por uma expressão de grave e constante bom senso, misturada com muita gentileza e benevolência. Havia algo

na sua presença de auto-respeito e dignidade, mas unido a uma simplicidade humilde e confiante.

Henry David THOREAU. *A Desobediência Civil*. Tradução de Manuel João Gomes. [1849] 2005. Lisboa: Antígona. 15-18, 48-50.

(4)
A EMANCIPAÇÃO LITERÁRIA DA MULHER

Kate CHOPIN. «Um par de meias de seda», in *Meias de Seda*. Tradução de Sandra César. [1897] 2002. Queluz: Coisas de Ler. 7-14.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Emily DICKINSON. «Poema 536», in *The Poems of Emily Dickinson, Vol. II*. Tradução inédita de Ana Luísa Amaral. [1884] 1979. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press. 413.

Primeiro — o Coração pede Prazer
Depois — licença para furtar-se à Dor —
Depois — esses Anódinos
Que ajudam no Sofrer —

Depois — pede para ir dormir —
Depois — se acontecer
A alma pede ao seu Inquisidor
A liberdade de morrer —

Charlotte Perkins GILMAN. «O papel de parede amarelo», in *The Yellow Wall-Paper, Herland, and Selected Writings*. Tradução inédita de João M.P. Gabriel. [1892] 1999. Londres: Penguin. 193-196.

Viva! Hoje é o último dia, mas chega. O John pernoita na cidade e não sai até hoje de noite.

A Jennie queria dormir comigo — matreira! Mas disse-lhe que era sem dúvida melhor descansar sozinha por uma noite.

Fui esperta, porque na verdade não estava sozinha! Assim que a lua começou a brilhar e aquela coitadinha começou a rastejar e a abanar o padrão, levantei-me e corri para a ajudar.

Puxei e ela abanou, abanei e ela puxou, e antes de amanhecer tínhamos arrancado metros daquele papel.

Uma tira quase da minha altura e com metade do perímetro do quarto.

Depois, quando veio o sol e aquele padrão horrível começou a rir-se de mim, decidi que iria acabar hoje!

Amanhã vamos embora e eles estão a levar toda a minha mobília para baixo, para deixarem as coisas como estavam antes.

A Jennie olhou para a parede com espanto, mas disse-lhe alegremente que o tinha feito por puro despeito daquela coisa horrível.

Ela riu-se e disse que não se importaria de o fazer ela mesma, mas é melhor não me cansar.

Como ela se traiu daquela vez!

Mas estou aqui, e ninguém toca neste papel a não ser eu — não *em vida!*

Ela tentou tirar-me do quarto — era demasiado claro! Mas disse que agora estava tão sossegado e vazio e limpo que achava que me ia deitar outra vez e dormir tudo quanto pudesse; que ela não me acordasse nem para jantar — quando eu acordasse, chamaria.

Por isso, agora ela já não está, e os criados já não estão, e as coisas já não estão, e só resta aquele estrado pregado ao chão, com o colchão de lona que encontrámos em cima dele.

Dormiremos lá em baixo, esta noite, e apanharemos o barco para casa amanhã.

Gosto bastante do quarto, agora que está despido de novo.

A bagunça que aquelas crianças aqui fizeram!

Este estrada está bastante roído!

Mas tenho de trabalhar.

Tranquei a porta e atirei a chave lá para baixo, para o caminho da entrada.

Não quero sair, e não quero que ninguém entre até o John chegar.

Quero surpreendê-lo.

Tenho uma corda cá em cima que nem a Jennie encontrou. Se aquela mulher sair e tentar fugir, posso amarrá-la!

Mas esqueci-me que não consigo alcançar grande coisa sem ter onde me empoleirar!

Esta cama *não* se mexe!

Tentei levantá-la e empurrá-la até ficar coxa, e depois fiquei tão zangada que arranquei um pedaço de um dos cantos à dentada — mas magoou-me os dentes.

Depois arranquei todo o papel que conseguia alcançar em pé a partir do chão. Está muito bem colado e o padrão gosta disso! Todas aquelas cabeças sufocadas e olhos salientes e fungos bamboleantes guincham com escárnio!

Estou a ficar zangada ao ponto de fazer algo desesperado. Saltar da janela seria um exercício admirável, mas as barras são demasiado fortes para sequer tentar.

Além disso, não o faria. Claro que não. Sei bem que uma coisa dessas é pouco própria e podia ser mal compreendida.

Não gosto sequer de *olhar* para fora das janelas — há tantas daquelas mulheres rastejantes, e rastejam tão depressa.

Pergunto-me se todas saíram daquele papel de parede, como eu?

Mas agora estou bem amarrada pela minha corda bem escondida — a *mim* não me apanham ali na estrada!

Suponho que terei de voltar para trás do padrão quando a noite chegar, e isso é difícil!

É tão agradável estar neste grande quarto e rastejar como quiser!

Não quero ir lá fora. Não vou, nem que a Jennie mo peça.

Porque lá fora tenho de rastejar no chão, e é tudo verde em vez de amarelo.

Mas aqui posso rastejar suavemente pelo chão, e o meu ombro encaixa naquela longa mancha à volta da parede, por isso não me perco.

Ora, ali está o John à porta!

Não vale a pena, jovem, não a consegues abrir!

Como ele grita e esmurra a porta!

Agora está a gritar para que lhe dêem um machado.

Seria uma pena arrombar aquela porta tão bonita!

«John, querido!», disse na mais gentil das vozes, «a chave está perto dos degraus da entrada, debaixo de uma folha de plátano!»

Aquilo silenciou-o por alguns momentos.

Depois, disse — deveras calmo —, «Abre a porta, querida!»

«Não posso», disse eu. «A chave está perto da porta da entrada, debaixo de uma folha de plátano!»

E depois disse-o de novo, várias vezes, com muita calma e devagar, e disse-o tantas vezes que ele tinha de ir ver, e, é claro, encontrou-a e entrou. Parou à porta.

«O que se passa?», gritou. «Pelo amor de Deus, o que estás a fazer!»

Continuei a rastejar à mesma, mas olhei para ele por sobre o ombro.

«Finalmente saí», disse eu, «apesar de ti e da Jane! E arranquei a maior parte do papel, por isso não me podem meter de volta!»

Porque é que ele tinha de ter desmaiado? Mas fê-lo, e mesmo por cima do meu caminho ao longo da parede, tanto que tive de rastejar por cima dele todas as vezes!

(5)
A LITERATURA COMO ARTE

Emily DICKINSON. «Carta a senhor Higginson», in *The Letters of Emily Dickinson, Vol. II*. Tradução inédita de Ana Luísa Amaral. [1862] 1986. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press. 404-405.

25 de Abril de 1862

Senhor Higginson,

A bondade que o Senhor demonstrou solicitava mais pronta gratidão, mas estive doente, e escrevo-lhe hoje daqui, da minha almofada.

Obrigada pela cirurgia; não foi tão penosa como eu supunha. Aqui estão outros, embora não devam ser muito diferentes. Quando o meu pensamento está despido, consigo fazer a distinção; mas quando lhes coloco roupa, parecem-me todos semelhantes e frouxos.

O Senhor pergunta-me que idade tenho. Nunca fiz versos, só um ou outro, até este Inverno. Tive um terror, desde Setembro, que não pude contar a ninguém; por isso canto como fazem os rapazinhos no cemitério, porque tenho medo.

Pergunta-me ainda dos meus livros, Senhor. Por poetas, tenho Keats, e o Senhor e a Senhora Browning. Por prosa, o Senhor Ruskin, Sir Thomas Brown e o *Livro das Revelações*. Fui à escola, mas, como se costuma dizer, não tive educação. Quando era menina, tive um amigo que me ensinou a Imortalidade; mas porque nela se aventurou demais, não regressou. Pouco depois, morreu o meu tutor, e durante muitos anos o meu léxico foi a minha única companhia. Depois encontrei outro tutor, mas ele não desejou que eu fosse a sua pupila, e partiu.

Pergunta-me o Senhor das minhas companhias. São os montes, e o sol-pôr, e um cão tão grande como eu, que o meu pai me comprou. São melhores que as pessoas, porque sabem, mas não dizem; e os sons no lago, à noite, são bem mais belos que os sons do meu piano.

Tenho um irmão e uma irmã; a minha mãe não se interessa pelo pensamento, e o meu pai está sempre demasiado ocupado com os seus assuntos para reparar naquilo que fazemos. Compra-me muitos livros, o meu pai, mas implora-me que os não leia, porque receia que eles me abalem a mente. São

todos religiosos, menos eu, e todas as manhãs falam a um Eclipse, a quem chamam «Pai».

Mas temo que a minha história o possa fatigar. Eu gostaria muito de aprender. Poderá o Senhor dizer-me como hei-de crescer, ou é isso oculto, como a melodia ou a feitiçaria?

Sobre o Senhor Whitman: nunca li o seu livro, mas dizem-me que é vergonhoso.

Li *Circumstance*, de Miss Prescott, mas seguiu-me no escuro, por isso evitei-a.

Houve dois editores de jornais que vieram a casa de meu pai este Inverno, e perguntaram pela minha mente, e quando eu lhes perguntei «Porquê», disseram que eu era destituída e contaram-no a muita gente.

Nunca me consegui pesar, a mim. O meu tamanho, sempre o senti como pequeno. Li os escritos que o Senhor publicou em *The Atlantic*, e senti a honra como se fosse minha. Tive a certeza de que o Senhor não iria rejeitar uma pergunta em confiança.

Seria isto o que o Senhor me pediu que lhe contasse? Sempre sua,

E. Dickinson

Mirza GHALIB. [A rosa com suas fragrantas pétalas], in *Ghalib interpretations: translation of Ghalib's selected verse (1797-1869)*. Tradução inédita de José Carlos Calazans. 1996. Rawalpindi: Ferozsons. 61.

A rosa com suas fragrantas pétalas,
O nenúfar com sua túnica de virgem branco:
Flores que nos chegaram certamente por transmigração,
Algumas delas
Dotadas de sublime graça e beleza.
Um abraçam a morte para brotar novamente
Mas a maioria, para sempre, permanece em pó.

Kobayashi ISSA. Três *haiku*, in *Haikai: antologia e história*. Tradução de Paulo Franchetti, Elza Taeko Doi e Luiz Dantas. 1990. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas-Unicamp. 86, 147, 172.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Herman MELVILLE. *Bartleby*. Tradução de Gil de Carvalho. [1853] 1988. Lisboa: Assírio & Alvim. 27-33.

[...]

Em resposta ao anúncio que tinha posto, apareceu-me um dia, imóvel no limiar do meu escritório, um homem novo — a porta estava aberta por ser Verão. Estou a ver a sua figura, pálida e asseada, que inspirava piedade, mas respeitável, incuravelmente desamparada! Era Bartleby.

Após trocarmos algumas palavras acerca das suas aptidões, contratei-o, feliz por ter entre os meus copistas um homem tão singularmente pacato, e que poderia, pensava eu, ter uma influência benéfica sobre o temperamento caprichoso de Turkey e o outro, arrebatado, de Nippers.

Já o devia ter dito anteriormente, que umas portas de correr, em vidro, dividiam o meu escritório em dois; uma parte era ocupada pelos copistas, e a outra por mim. Abria-as ou fechava-as, conforme a minha disposição. Resolvi dar a Bartleby um canto junto destas portas, mas do meu lado, de modo a ter este tranquilo homem à mão, em caso de necessidade. Coloquei-lhe a escrivaninha junto a uma pequena janela lateral, nesta parte da sala, janela que primitivamente oferecera uma vista lateral de pátios sujos e muros de tijolos, mas que devido a construções ulteriores, não tinha neste momento qualquer vista, embora fornecesse alguma luz. A cerca de um metro dos vidros da janela havia um muro, e a luz vinha muito lá de cima, por entre dois altos edifícios, como se se tratasse de uma pequena abertura numa cúpula. De modo a tornar melhor este arranjo, adquiri um biombo alto, verde, que isolasse completamente Bartleby do meu campo de visão, mas mantendo-o ao alcance da minha voz. E era assim que, de certa maneira, privacidade e convivência se aliavam.

De início, Bartleby executou uma quantidade extraordinária de escrita. Como se andasse esfomeado por algo que copiar, parecia saciar-se nos meus documentos. Não havia pausa para a digestão. Trabalhava dia e noite, copiando à luz do sol e da vela. Têria ficado encantado com esta aplicação ao trabalho, se ele tivesse revelado alegria ao fazê-lo. Mas escrevia silenciosamente, apagadamente, mecanicamente.

Uma parte indispensável do trabalho de copista, reside, precisamente, em verificar a exactidão da cópia que faz, palavra a palavra. Onde existam

dois ou mais, ajudam-se mutuamente nesse exame, um lendo a cópia e o outro seguindo o original. É um trabalho aborrecido, enfadonho, e entorpecedor. Imagino facilmente quão intolerável será para um temperamento sanguíneo. Para dar um exemplo, não posso garantir que esse poeta fogaoso, Byron, se dispusesse de bom grado a sentar-se junto com Bartleby, a fim de ambos conferirem um documento legal, digamos de quinhentas páginas, numa caligrafia retorcida, e compacto.

Uma vez por outra, quando havia mais pressa, eu próprio costumava ajudar a conferir algum documento mais breve, chamando Turkey ou Nippers para o efeito. O meu objectivo, ao colocar Bartleby ali à mão atrás do biombo, fora o de recorrer aos seus serviços nessas alturas. Foi no terceiro dia, penso eu, de ele estar comigo, e antes de ter surgido qualquer necessidade de conferir o que ele copiava, que muito apressado em dar por concluído um pequeno trabalho que tinha entre mãos, chamei de repente por Bartleby. Com a pressa, e na expectativa, natural, de ser imediatamente atendido, fiquei sentado à secretária com a cabeça inclinada sobre o original, e a mão direita nervosamente estendida para o lado com a cópia, de modo a que, imediatamente após que emergisse do seu recanto Bartleby a agarrasse, procedendo à tarefa sem a mínima demora.

Sentado, e nesta atitude, foi que o chamei, dizendo rapidamente o que pretendia que ele fizesse — ou seja, conferir comigo um pequeno documento. Imagine-se a minha surpresa, ou antes, a minha consternação, quando, e sem se mover do seu retiro, Bartleby — numa voz singularmente suave e firme, me respondeu: — Preferia não o fazer*.

Permaneci sentado um momento, em completo silêncio, tentando recompor as minhas faculdades aturdidas. E logo me ocorreu que os meus ouvidos me haviam enganado, ou que Bartleby havia compreendido mal o significado das minhas palavras. Repeti o meu pedido no tom mais claro que me foi possível; e num semelhante veio a resposta anterior: — Preferia não o fazer.

— Preferia não o fazer! — repeti eu, como um eco, levantando-me muito excitado e atravessando o aposento de uma passada. — O que quer dizer? Está louco? Quero que me ajude a conferir esta folha — tome! — e estendi-lha.

— Preferia não o fazer — repetiu.

Olhei-o com firmeza. O seu semblante mantinha-se tranquilo; os olhos, cinzentos e calmos. Nem uma ruga de inquietação o agitava. Tivesse havido

* No original «I would prefer not to».

na sua atitude o mínimo de inquietação, cólera, de impaciência ou impertinência; por outras palavras, tivesse havido alguma coisa de ordinariamente humano nele, sem dúvida que eu logo o teria despedido sem qualquer contemplação. Mas tal como se apresentava, mais depressa eu poria porta fora o meu pálido busto em gesso de Cícero. Fiquei a olhá-lo ainda um bocado, enquanto ele continuava a escrever, e depois voltei a sentar-me na minha secretária. Isto é muito estranho, pensei para mim. O que seria melhor fazer? Mas o trabalho urgia. Entendi encerrar o assunto de momento, reservando-o para quando tivesse tempo livre. E chamando Nippers da outra sala, o documento foi rapidamente conferido.

Poucos dias depois Bartleby terminou quatro extensos documentos, quadruplicado de depoimentos feitos perante mim, durante uma semana, no exercício das minhas funções no *High Court of Chancery*. Era necessário conferi-los. Tratava-se de um processo importante, exigia-se a maior exactidão. Tendo tudo preparado, chamei Turkey, Nippers e Ginger Nut, da outra sala, com o intuito de pôr cada uma das quatro cópias nas mãos de cada um dos meus quatro empregados, enquanto que eu lia o original. Já Turkey, Nippers e Ginger Nut tinham ocupado os seus lugares, cada um com o respectivo documento na mão, quando chamei por Bartleby, para que se juntasse a este interessante grupo.

— Bartleby! Depressa, estou à espera!

Ouvi o lento arrastar dos pés da cadeira no soalho nu, e pouco depois ele surgiu, de pé, à entrada do seu refúgio,

— O que é preciso? — perguntou calmamente.

— As cópias! As cópias! — exclamei eu, apressadamente. — Vamos conferi-las.

— Ali! E estendi-lhe uma quarta cópia.

— Preferia não o fazer — respondeu, desaparecendo calmamente por trás do biombo.

Durante alguns instantes, vi-me transformado num pilar de sal, de pé à cabeça da minha coluna sentada de empregados. Recompondo-me, dirigi-me ao biombo, e inquiri da razão de tão extraordinária conduta.

— *Por que se recusa?*

— Preferia não o fazer.

Com qualquer outro indivíduo, ter-se-ia apossado de mim uma cólera terrível, e sem gastar sequer mais palavras, tê-lo-ia enxotado ignominiosamente da minha presença. Mas havia qualquer coisa em Bartleby que não só estranhamente me desarmava, como também, de um modo singular, me tocava e desconcertava. Comecei a argumentar com ele.

— São as suas próprias cópias que vamos conferir. É trabalho que lhe poupamos, visto que bastará conferir uma vez. É prática comum. Todo o copista é obrigado a ajudar a conferir as suas próprias cópias. Não é assim? Mas não fala? Responda!

— Preferia não o fazer — respondeu, numa voz aflautada. Pareceu-me que, enquanto eu lhe falava, ele ia considerando cuidadosamente tudo quanto eu dizia; apreendendo completamente o sentido; e sem poder negar a inevitável conclusão; mas, ao mesmo tempo, uma qualquer consideração suprema o levava a responder como o tinha feito.

— Está então decidido a não cumprir com o que lhe peço — uma solicitação que é feita de acordo com os usos estabelecidos e o bom senso?

Fez-me perceber, quase imperceptivelmente, que neste ponto o meu juízo era acertado. Sim: a sua decisão era irrevogável.

{...}

Edgar Allan POE. «O retrato oval», in *Poetry and Tales*. Tradução inédita de Amândio Reis. [1842] 1984. Nova Iorque: The Library of America. 481-484.

O castelo no qual o meu criado se tinha atrevido a forçar a entrada, ao invés de permitir que, na minha condição, desesperadamente ferido, eu passasse uma noite ao relento, era um daqueles amontoados de melancolia conluiada com grandeza que há tanto tempo franzem o sobrolho entre os Apeninos, não menos, de facto, do que na imaginação da Sra. Radcliffe. Tudo indicava que tinha sido temporariamente e muito recentemente abandonado. Instalámo-nos num dos aposentos mais pequenos e mobilados com menos sumptuosidade. Ficava num torreão remoto do edifício. As decorações eram ricas, ainda que desgastadas e antigas. As paredes estavam cobertas de tapeçaria e adornadas de troféus heráldicos, muitos e multiformes, juntamente com um número anormalmente grande de pinturas modernas, vívidas, em molduras de rico arabesco dourado. Nestas pinturas, que pendiam não apenas das principais superfícies das paredes, mas também dos muitos recantos que a estranha arquitectura do castelo tornava necessários — nestas pinturas, tinha-me levado talvez o meu delírio incipiente a tomar um interesse profundo; de maneira que pedi a Pedro que fechasse as persianas pesadas do quarto — uma vez que já era de noite — para alumiar as línguas de um candelabro alto posto junto à cabeceira da minha cama — e para abrir de par em par as cortinas debruadas de veludo preto que envolviam a própria cama. Eu desejava que tudo isto fosse feito para me poder resignar, se não ao sono, pelo menos, alternativamente, à contemplação destas imagens, bem como ao folhear de um pequeno volume, encontrado sobre a almofada, que prometia criticá-las e descrevê-las.

Por muito tempo — por muito tempo, li — e com devoção, piedosamente, olhei. Rápida e gloriosamente, as horas passaram a voar, e a meia-noite profunda chegou. A posição do candelabro desagradou-me, e, esticando a minha mão com dificuldade, em vez de perturbar o meu criado sonolento, posicionei-o de maneira a que lançasse a sua luz mais directamente sobre o livro.

Mas esta acção obteve um efeito totalmente inesperado. As centelhas das numerosas velas (pois havia muitas) penetravam agora um recesso do

quarto que havia até então sido mantido na escuridão profunda por uma das colunas da cama. Vi, assim, à viva luz, uma imagem despercebida anteriormente. Era o retrato de uma jovem a ponto de amadurecer como mulher. Olhei a pintura apressadamente, e depois cerrei os olhos. A razão por que fiz isto não foi evidente, a princípio, nem para mim mesmo. Mas enquanto as minhas pálpebras permaneciam fechadas, consultava na minha mente o motivo pelo qual as tinha fechado assim. Fora um movimento impulsivo que me dava tempo para pensar — para garantir que a minha visão não me enganava —, para acalmar a minha imaginação e submetê-la a um olhar mais sóbrio e mais certo. Por breves instantes, olhei a pintura outra vez fixamente.

De que agora via com clareza, eu não poderia nem iria duvidar; pois o primeiro clarão das velas sobre o quadro pareceu dissipar o espanto sonhador que me roubava os sentidos, e despertar-me imediatamente a consciência.

O retrato, como já disse, era de uma jovem rapariga. Mostrava apenas a cabeça e os ombros, feito à maneira do que tecnicamente se chama *vinheta*, muito dentro do estilo das cabeças favoritas de Sully. Os braços, o colo e mesmo as pontas do cabelo radioso misturavam-se imperceptivelmente com a sombra vaga, mas profunda, que formava o fundo de toda a composição. A moldura era oval, ricamente encastrada de ouro com filigrana mourisca. Como exemplo de arte, nada podia ser mais admirável do que a própria pintura. Mas não podia ter sido a execução do trabalho, nem a beleza imortal da expressão, o que me havia tão súbita e fortemente comovido. Não podia, menos ainda, ter sido a minha imaginação que, abalada pela sonolência, confundira a cabeça com a de uma pessoa viva. Percebi logo que as particularidades do desenho, da *composição* e da moldura dissipavam de imediato essa ideia — impediam até que a acalentasse por momentos. Meditando seriamente sobre estas questões, permaneci, talvez por uma hora, meio sentado, meio reclinado, com os olhos presos no retrato. Depois de longo tempo, satisfeito com o verdadeiro segredo do seu efeito, caí para trás sobre a cama. Tinha descoberto o feitiço da imagem na absoluta *verosimilhança* da sua expressão, que, começando por me assustar, por fim me confundiu, subjugou e impressionou. Em profundo e reverente espanto, devolvi o candelabro à sua posição anterior. Estando, assim, a causa da minha profunda agitação afastada da vista, procurei ansiosamente o livro que discutia os quadros e as suas histórias. Folheando até ao número que se referia ao retrato oval, li nele as vagas e estranhas palavras que se seguem:

«Ela era uma donzela da mais rara beleza, e não mais adorável do que cheia de alegria. E maldita foi a hora em que viu, e amou, e desposou o pintor. Ele, impulsivo, estudioso, austero, e tendo já na Arte uma noiva; ela, uma

donzela da mais rara beleza, e não mais adorável do que cheia de alegria: toda luzes e sorrisos, e brincalhona como a jovem corça: amando e apreciando todas as coisas: odiando apenas a Arte que era sua rival: temendo apenas a paleta e os pincéis, e outros incômodos instrumentos que a privavam da companhia do seu amante. Era então uma coisa terrível, para esta senhora, ouvir o pintor falar do seu desejo de retratar até a sua jovem esposa. Mas ela era humilde e obediente, e durante muitas semanas sentou-se, submissa, na alta e escura câmara da torre em que a luz pingava apenas de cima sobre a pálida tela. Mas ele, o pintor, glorificava-se no seu trabalho, que prosseguia hora após hora, dia após dia. E era um homem apaixonado, e selvagem, e taciturno, que se perdia em sonhos; de maneira que *não* via que a luz que caía tão sinistramente sobre aquele torreão solitário fazia murchar a saúde e os espíritos da sua esposa, que penava à vista de todos menos dele. Contudo, ela sorria e sorria sem cessar, sem um queixume, porque via que o pintor (que tinha grande renome), retirava da sua tarefa um prazer febril e ardente, e laborava dia e noite para retratar aquela que tanto o amava, e que, no entanto, estava mais desanimada e mais fraca a cada dia. E, na verdade, alguns dos que contemplaram o retrato falaram da sua semelhança com palavras sussurradas, como se de um grande milagre se tratasse, e uma prova tanto do poder do pintor quanto do seu profundo amor por aquela que ele representava tão insuperavelmente bem. Com o tempo, no entanto, à medida que o trabalho se aproximava da sua conclusão, a mais ninguém foi permitido entrar no torreão, uma vez que o pintor havia endoidecido com o ardor do seu trabalho e raramente retirava os olhos da tela, nem mesmo para observar o semblante da sua esposa. E ele não via que os tons que distribuía na tela eram retirados das maçãs do rosto daquela que se sentava ao seu lado. E quando muitas semanas tinham já transcorrido, e pouco mais havia a executar para além de uma pincelada sobre a boca e uma tonalidade sobre o olho, o espírito da senhora uma vez mais tremeluziu como a chama no casquilho da lâmpada. E então a pincelada foi desferida, e então a tonalidade foi aplicada; e, por um momento, o pintor quedou-se em transe perante o trabalho que havia executado; mas, no momento seguinte, estando ele ainda em contemplação, ficou trémulo e muito pálido, e aterrorizado, e gritando em voz alta, ‘Isto é realmente a própria *Vida!*’, virou-se subitamente para olhar a sua amada: — *Ela estava morta.*»

Masaoka SHIKI. Dois *haiku*, in *Haikai: antologia e história*. Tradução de Paulo Franchetti, Elza Taeko Doi e Luiz Dantas. 1990. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas-Unicamp. 123, 154.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Walt WHITMAN. «Perfumados prados do meu peito», in *Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro*. Tradução de José Agostinho Baptista. [1860] 2001. Lisboa: Assírio & Alvim. 1071-1072.

Texto sujeito a Direitos de Autor

(6)
AFECTOS E EMOÇÕES

Emily DICKINSON. «Poema 1336», in *The Poems of Emily Dickinson*.
Tradução inédita de Ana Luísa Amaral. [1955] 1979. Londres: The Belknap
Press of Harvard University Press. 923.

A natureza nomeia e aprova o sol —
Isso — é Astronomia —
Mas um Amigo não promulga ela —
Isso — é Astrologia.

Jibrân Khalîl JIBRÂN. [cala-te, meu coração! o espaço é surdo], in *Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro*. Tradução de Adalberto Alves. 2001. Lisboa: Assírio & Alvim. 1240.

cala-te, meu coração! o espaço é surdo.
cala-te, meu coração! carregado de soluços
o mais alto do céu não transportará
nem as tuas canções nem os teus cânticos.
cala-te, porque os espectros da noite
não sabem que fazer do murmúrio dos teus segredos
e diante dos teus sonhos passam,
sem um olhar, as trevas em procissão.
cala-te! o espaço está pesado com um odor de morte.
ele não beberá o teu alento.
meu coração, cala-te até ao amanhecer,
porque àquele que a manhã espreita
a manhã lhe dará o beijo da paixão.

RAMA II. «Inao», in *Anthology of ASEAN Literatures, Volume IIIa, Thai Literary Works of the Thonburi and Rattanakosin Periods*. Tradução inédita de Simão Valente. 2000. Banguécoque: Amarin. 223-230.

Entretanto, o bem disposto pintor,
Agachado e escondido, observando-a de longe,
Começou a desenhar a princesa conforme ela se levantava.
A sua cara desmaquilhada e a sua roupa por trocar,
A enlutada donzela era belíssima.
Enquanto desenhava o seu retrato
O artista maravilhava-se com a sua beleza.

Como a luz do sol se tinha suavizado
A graciosa Madewee pediu à sua filha
Para se dirigir ao pavilhão no jardim.

A princesa descansou no banco dourado
Do roupeiro, esfregou-se e lavou-se
Com água perfumada com flores,
Que deixou uma doce fragrância no ar.
A princesa pôs pó-de-arroz na cara,
Que resplandeceu brilhante e clara como a lua cheia
Logo vestiu uma saia brocada de verde cintilante
Prendendo-a com um intrincado cinto cravejado de jóias.
Enrolou à volta do peito um sabai cor de rubi
Adornado com um folho decorativo,
Pôs uma corrente de ouro com pedras preciosas
À volta do ombro e até à coxa, e um colar
De ouro importado com um padrão de flores de lamduan.
Ela envergou cuidadosamente braceletes de filigrana
E um anel com nove gemas.
Finalmente, pôs a sua tiara de rubis
E desceu do pavilhão.

Ao ver a princesa na sua gloriosa vestimenta,
 O artista, um mestre da sua arte,
 Observou-a a movimentar-se como um cisne real
 E desenrolou o papel para desenhar
 Um retrato da graciosa donzela.

As duas damas reais
 Entraram no palanquim dourado
 E foram levadas directamente ao palácio.

O industrioso pintor
 Enrolou os dois retratos,
 Pô-los no seu turbante
 E fugiu de Daha para a floresta.
 Apressou-se, viajando noite e dia.

Até que chegou a um cruzamento de três estradas.
 Uma era o caminho que o tinha trazido de Daha;
 Outra levava à cidade de Kramung-Kuning;
 A outra era para a cidade do Príncipe Choraka.
 Quando o sol se pôs, o céu ficou escuro.
 Depois da longa e cansativa jornada,
 O artista descansou na margem da floresta.

Entretanto, o avô da princesa, no céu,
 Sentiu o seu confortável assento duro e quente.
 Olhando para baixo com os seus olhos que tudo vêem,
 O ser celestial podia ver que Inao
 Tinha perdido o coração para um donzela plebeia.
 Ele amava-a, e deixara Busaba,
 A sua prometida, casar com um príncipe menor.
 «Como? Não me teme, o seu avô?
 Vou precipitar calamidades sobre ele;
 Vou fazê-lo sofrer uma grande mágoa.»
 Assim decidido, o grande espírito mostrou o seu poder
 Descendo à terra à meia-noite.

Chegado à margem da floresta,
Encontrou o artista adormecido.
Caminhou até junto dele e aí parou.
Cuidadosamente desenrolou o turbante,
Retirou o retrato de Busaba nas suas vestes reais
E voltou a enrolar o turbante como antes.
Tendo completado a sua tarefa, o avô
Deixou a floresta e voltou ao seu lugar no céu.

Ahmad SHAWQI. [confundiram-na ao chamar-lhe bela], in *Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro*. Tradução de Adalberto Alves. 2001. Lisboa: Assírio & Alvim. 1172.

confundiram-na ao chamar-lhe bela
— e ela era sensível às serenatas —
deveras esqueceu meu nome
no vai e vem dos amantes?
ela vê-me e afasta-se.
oh recordação que volvesse
a sorrisos, a olhares que todavia
faziam nossas delícias d'outrora.
separávamo-nos para a cura,
doentes um do outro até ao gemido,
quando éramos — ah não digas nada —
dois amantes possuídos pelo amor
e a castidade vigiava
sabiamente as paixões...

ela tirava a minha túnica, dizendo:
vós, belos poetas e homens enamorados
temeis Allâh
lançando-vos no coração das virgens..
mas não sabeis vós
que o coração das virgens é o vento?

SUNTHORN PHU. «Nirat Phra Bat», in *Sunthorn Phu: An Anthology*.
Tradução inédita de Simão Valente. 1990. Banguécoque: The Office of
National Culture Comission. 30-33.

Que saudades do meu amor!
Como uma flecha no coração!
Penso na minha mulher Luna.
Tens estado zangada comigo.
Do segundo ao terceiro mês.
Agora, o grande príncipe
Deixa o mosteiro em árdua viagem.
Como bom súbdito do príncipe,

A contragosto, devo deixar-te,
Para o acompanhar nesta dura viagem
Para prestar homenagem à Pegada do Senhor Buda.
Parto na décima segunda lua.
Ao amanhecer, saímos do porto.
Penso na lua ao partir;
Procuro-te em cada jangada,
Em cada nosso velho ponto de encontro.
Em nenhum lado te vejo, e sinto-me só.
A tristeza abateu-me.
Ainda assim, guardo a tua imagem no coração.
No canal cruzado de Bang Chak, entristeço ainda.
Quem deu esse nome ao distrito, para me barrar o caminho,
Como se o nome levasse o meu amor?
Quando o considero, todos os relatórios concordam:
O distrito e o canal têm o mesmo nome;
De cada lado, palmeiras do mesmo nome ombreiam o canal.
Tantas separações convergem neste caminho.
Até deixar Bang Chak faz doer o coração.
Relutante e mísero, olho para trás
Para a Cidade e para o palácio onde fui feliz.

Uno as mãos em reverência
Aos deuses tutelares do palácio.
Deixo a minha mulher ao vosso cuidado, como pais.
Que nenhum mal lhe aconteça.
Quem a quiser levar, que o mate o ódio.
Todos os anjos nos céus tenham misericórdia de mim.
Chegando a Sam Sen, o nome do sítio
Era antes Sam Saen,
Pelas pessoas que tentaram dragar um buda flutuante.
Mas a estátua não se moveu.
Ao canal foi dado o nome de Sam Saen.
Mas as pessoas na cidade chamavam-lhe Sam Sen.
Como pode o amor resistir à mácula?

Quando se pode mudar o nome de um lugar?
Imploro ao meu amor que fique
imóvel como a estátua de Buda.
Ainda que dez mil homens te cortejem
Com dez mil palavras doces, não te comovas!
Em Bang Plad, senti-me desamparado.
Quando penso na separação, quase choro.
Como me separei de ti para uma longa viagem.
Mas, no caminho, aparece tal nome de distrito!
Em Bang Sue, o nome é honesto,
Como a fidelidade que tenho ao meu amor.
Sendo eu assim fiel, que tu também o sejas.
Que o teu coração seja tão honesto como o distrito.
Em Bang Son, é como se te tivessem escondido de mim.
Escondes-te neste sítio tão grande?
Por favor, sai do teu esconderijo
Porque vou partir por longo tempo.

(7)
CONFLITOS

«Eu, rico Koča do Khan», in *Poemas Anónimos: Turcos, Mongóis, Chineses e Incertos*, poema turco [mongol], altai. Tradução de Gil de Carvalho. [século XIX?] 2004. Lisboa: Assírio & Alvim. 15.

Eu, rico Koča do Khan
Bem-aventurado,
Atravessando o Alto Kämčik
Vim furar as filhas dos Kāräs.
Atravessando o Alto Abakan
Eu vim furar as filhas dos Aba.

«Izibongo Shaka Zulu», in *Izibongo: Zulu Praise-poems*. Tradução inédita de Simão Valente. 1968. Oxford: Clarendon Press. 88.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Rubén DARÍO. «O triunfo de Calibã», in *Revista Iberoamericana*, vol. LXIV, n.º 184-185. Tradução inédita de Sebastián Patrón. [1898] 1998. Pittsburgh: International Institute of Ibero-American Literature. 451-455.

Não, não posso, não quero estar a favor desses búfalos de dentes de prata. São inimigos meus, são abominadores do sangue latino, são os Bárbaros. Assim se estremece hoje qualquer nobre coração, assim protesta todo o homem digno que algo conserve do leite da Loba.

E tenho visto esses *yankees*, nas suas atordoantes cidades de ferro e pedra, e as horas que entre eles tenho vivido tenho-as passado com uma vaga angústia. Parecia-me sentir a opressão duma montanha, sentia respirar num país de ciclopes, comedores de carne crua, ferreiros bestiais, habitantes de casas de mastodontes. Corados, pesados, grosseiros, vão pelas suas ruas empurrando-se e roçando-se como um animal, à caça do dólar. O ideal desses calibãs está circunscrito à bolsa e à fábrica. Comem, comem, calculam, bebem whisky e fazem milhões. Cantam: *home, sweet home!* e o seu lar é uma conta-corrente, um *banjo*, um negro e um cachimbo. Inimigos de toda a idealidade são, no seu progresso apoplético, perpétuos espelhos de aumento. Mas o seu Emerson bem classificado está como lua de Carlyle; o seu Whitman, com seus versículos a machado, é um profeta democrata, ao uso do Tio Sam; e o seu Poe, o seu grande Poe, pobre cisne bêbado de pena e de álcool, foi o mártir do seu sonho num país onde jamais será compreendido. Quanto a Lanier, salva-se de ser um poeta para pastores protestantes e para bucaneiros e *cowboys*, pela gota latina que brilha no seu nome.

«Temos — dizem — todas as coisas maiores do mundo!» Efectivamente, estamos ali no país de Brobdingnag; têm o Niágara, a ponte de Brooklyn, a estátua da Liberdade, os cubos de vinte andares, o canhão de dinamite Vanderbilt, Gould, os seus jornais e as suas patas. Olham-nos, desde a torre dos seus ombros, aos que não nos ingurgitamos de bifés e não dizemos *all right*, como seres inferiores. Paris é o guignol* dessas enormes crianças selvagens. Lá vão divertir-se e deixar os cheques; pois, entre eles, a própria alegria é dura e a fêmea, ainda que belíssima, de borracha elástica.

* Na época em que Darío escreve, chamava-se de guignol aos cabarets que apresentavam espectáculos decadentes.

Mimam o inglês — *but English you know?* — como o faz o *parvenu* ao cavalheiro de distinção.

Têm templos para todos os deuses e não crêem em nenhum; os seus grandes homens, se não forem Edison, chamam-se Lynch, Monroe, e esse Grant cuja figura podem confrontar em Hugo, em *O Ano terrível*. Na arte, na ciência, todos imitam e arremedam os estupendos gorilas avermelhados. Mas todas as tormentas dos séculos não poderão polir a enorme Besta.

Não, não posso estar a favor deles, não posso estar a favor do triunfo do Calibã.

Por isso, a minha alma encheu-se de alegria uma noite destas, quando três homens representativos da nossa raça foram protestar numa festa solene e simpática, pela agressão do *yankee* contra a fidalga e hoje oprimida Espanha.

Um era Roque Saenz Peña, o argentino cuja voz no Congresso pan-americano opôs, ao *slang* jactancioso de Monroe, uma alta fórmula de grandeza continental, e demonstrou na sua própria casa ao pele vermelha que há pessoas que velam nas nossas repúblicas pelos ardis da boca do bárbaro.

Saenz Peña falou comovido nesta noite de Espanha, e não se pode deixar de evocar os seus triunfos em Washington. Assim deve ter surpreendido o Blaine dos contos-do-vigário, com a sua nobre eloquência, o Blaine e todos os algodoeiros, vendedores de carne de porco e locomotivas!

Neste discurso da festa de *La Victoria*, o estadista ressurgiu juntamente com o varão cordial. Falou repetindo o que sempre tem sustentado: as suas ideias sobre o perigo que entranham essas mandíbulas de jibóia ainda abertas depois de engolir o Texas; a cobiça do anglo-saxão, o apetite *yankee* demonstrado, a infâmia política do governo do Norte; o útil, o necessário que é para as nacionalidades espanholas da América estar à espera de um estiramento do constritor.

Apenas uma alma tem sido tão providente e persistente a propósito deste conceito como a de Saenz Peña: e essa foi — curiosa ironia do tempo! — a do pai da Cuba *libre*, José Martí. Martí não cessou nunca de pregar às nações do seu sangue que tivessem cuidado com aqueles homens de rapina, que não vissem, nessas aproximações e coisas pan-americanas, senão o truque e a armadilha dos comerciantes da *yanckeria*. Que diria hoje o cubano ao ver que sob o pretexto de ajuda para a ansiada Pérola, o monstro traga-a com ostra e tudo?

No discurso que leio tenho dito que o estadista ia de braços dados com o homem cordial. Que assim é, Saenz Peña di-lo em toda a sua vida. Devia aparecer mais gente deste tipo, em defesa da mais nobre das nações, caída

debaixo das lanças dos yangueses, em defesa do desarmado cavalheiro que aceita o duelo com o Golias dinamiteiro e mecânico.

Em nome de França, Paul Groussac. Foi um reconfortante espectáculo ver esse homem eminente e solitário sair da sua gruta de livros, do isolamento estudioso em que vive, para protestar também pela injustiça e pelo material triunfo da força. Não é orador o mestre, mas a sua leitura concorreu e emocionou, sobretudo, o elemento intelectual da concorrência. O seu discurso, de alto decoro literário como tudo o que é seu, era a arte vigorosa e nobre ajudando à justiça. E há-de ouvir-se dizer: «O quê? É este o homem que devora vivas as pessoas? Este é o cortador? É este o condestável da crueldade?»

Os que têm lido a sua obra mais recente, concentrada, metálica, maciça, em que julga o *yankee*, a sua cultura adventícia, a sua civilização, os seus instintos, as suas tendências e o seu perigo, não se surpreenderiam ao escutá-lo, no momento em que falou, depois de se ouvir a Marselhesa. Sim, França devia estar a favor de Espanha. A vibrante cotovia não podia senão maldizer o machado que ataca uma das mais ilustres linhagens da veia latina. E ao grito de Groussac emocionado: «Viva Espanha com honra!» nunca brotou melhor de peitos espanhóis esta única resposta: «Viva França!»

Pela Itália o senhor Tarnassi. Numa música à maneira de Manzoni, entusiasta, fervente, italiana, expressou o voto do sangue do Lácio; falou nele a velha mãe Roma, declamou aguerridamente, como um clarim, com bravura, os seus hendecassílabos. E a grande concorrência sentiu-se sacudida por tão chamejante *squillo di tromba*.

Pois bem; todos nós, que escutamos esses três homens, representantes de três grandes nações de raça latina, pensamos e sentimos quão justo era esse desabafo, quão necessária essa atitude e vimos a palpável urgência de trabalhar e lutar para que a União latina não seja apenas uma Fata Morgana do reino de Utopia, pois os povos, sobre as políticas e os interesses duma outra espécie, sentem, chegado o instante preciso, a onda do sangue e a onda do comum espírito. Não vêem como o inglês se regozija com o triunfo do norte-americano, guardando na caixa do Banco de Inglaterra os antigos rancores, a lembrança das lutas passadas? Não vêem como o *yankee*, democrata e plebeu, lança três *burras!* e canta o *God save the Queen*, quando passa perto uma embarcação levando ao vento a bandeira do inglês? E pensam juntos: «Chegará o dia em que os Estados Unidos e a Inglaterra vão ser donos do mundo.»

De igual forma a nossa raça deveria unir-se, como se unem alma e coração, em instantes atribulados; somos a raça sentimental, mas temos sido também donos da força. O sol não nos tem abandonado, e o renascimento é próprio da nossa árvore secular.

Desde o México até à Terra do Fogo há um imenso continente onde a antiga semente se fecunda, e prepara na seiva vital a futura grandeza da nossa raça; de Europa, do universo, chega-nos um vasto sopro cosmopolita que ajudará a dar vigor à própria floresta. Mas eis que do Norte partem tentáculos de ferrovia, braços de ferro, bocas absorventes.

Agora não será com o bucaneiro Walker que essas pobres repúblicas da América Central terão de lutar, mas com os construtores de canais *yankees* da Nicarágua; o México está atento, e sente ainda a dor da mutilação; a Colômbia tem o seu istmo trufado de hulha e ferro norte-americano; a Venezuela deixa-se fascinar pela doutrina Monroe e o sucedido na passada emergência com a Inglaterra, sem perceber que, com doutrina Monroe e tudo, os *yankees* permitiram que os soldados da rainha Vitória ocupassem o porto nicaragua-no de Corinto; no Peru há manifestações simpáticas pelo triunfo dos Estados Unidos; e o Brasil, penoso é observá-lo, tem demonstrado mais do que visível interesse em jogos de dar e receber com o Uncle Sam.

Quando o porvir perigoso é indicado por pensadores dirigentes, e quando à vista está a gula do Norte, não resta senão preparar a defesa.

Mas há quem me diga: «Não vê você que eles são os mais fortes? Não sabe você que por uma lei fatal havemos de perecer engolidos ou esmagados pelo colosso? Não reconhece você a superioridade deles?» Sim, como não ver o monte que forma o lombo do mamute? Mas, perante Darwin e Spencer, não vou pôr a cabeça sobre a pedra para que me esmague o crânio a grande Besta.

Beemote é gigantesco; mas não me hei-de sacrificar por minha própria vontade debaixo das suas patas e, se me atingirem, pelo menos a minha língua lhes há-de dar a sua maldição última, com o último fôlego de vida. E eu, que tenho sido partidário da Cuba livre, mesmo que apenas fosse para acompanhar no seu sonho tanto sonhador e no seu heroísmo tanto mártir, sou amigo da Espanha no instante em que a vejo agredida por um inimigo brutal, que leva como bandeira a violência, a força e a injustiça.

«E você, não tem atacado sempre a Espanha?» Jamais. Espanha não é o fanático curial, nem o charlatão, nem o mestre infeliz, desdenhoso da América que não conhece; a Espanha que eu defendo é apelidada Fidalguia, Ideal, Nobreza; é apelidada Cervantes, Quevedo, Gôngora, Gracián, Velázquez; é apelidada El Cid, Loyola, Isabel; é apelidada Filha de Roma, Irmã da França, Mãe da América.

Miranda preferirá sempre Ariel; Miranda é a graça do espírito; e todas as montanhas de pedras, de ferros, de ouros e de toucinho, não bastarão para que a minha alma latina se prostitua a Calibá!

Abdul Abdullah KADIR (ou Munshi Abdullah). *As Histórias de Abdullah*, in *The Hikayat Abdullah*. Tradução inédita de Simão Valente. [1849] 1955. Londres: Royal Asiatic Society. 147.

Texto sujeito a Direitos de Autor

José MÁRMOL. «Capítulo II — A primeira cura», in *Amalia*. Tradução inédita de Mitzi Guerrero. [1851] 2004. Cidade do México: Editorial Porrúa. 17-22.

Quando Daniel colocou Eduardo no sofá, Amália, pois pelo seu nome distinguiremos a jovem prima de Daniel, passou a correr para um pequeno gabinete contíguo à sala, separado por um tabique de cristais, e pegou, de uma mesa de mármore preto, numa pequena lâmpada de alabastro, à luz da qual a jovem lia as *Meditações* de M. Lamartine quando Daniel a chamou à janela e, voltando à sala, colocou a lâmpada sobre uma mesa redonda de mogno, coberta de livros e de vasos de flores.

Naquele momento Amália estava excessivamente pálida, efeito das impressões inesperadas que recebia, e os caracóis do seu cabelo castanho-claro, colocados para trás da orelha poucos momentos antes, não impediram Eduardo de descobrir, numa mulher de 20 anos, uma fisionomia encantadora, uma frente majestosa e bela, uns olhos pardos cheios de expressão e sentimento, e uma figura formosa, cuja roupa preta parecia escolhida para fazer ressaltar a reluzente brancura do seio e dos ombros, se o seu tecido não revelasse que era um vestido de luto.

Daniel aproximou-se da mesa no momento em que Amália colocava a lâmpada e, tomando as pequenas mãos de lírio da sua formosa prima, disse-lhe:

— Amália, nas poucas vezes que nos vimos, tenho-te falado sempre de um jovem a quem me une a mais íntima e fraternal amizade; esse jovem, Eduardo, é quem acabas de receber na tua casa, o que está ali gravemente ferido. Porém, as suas feridas são *oficiais*, são a obra de Rosas, e é preciso curá-lo, escondê-lo e salvá-lo.

— Mas o que posso fazer eu, Daniel?, pergunta-lhe Amália comovida, virando os olhos para o sofá onde estava deitado Eduardo, cuja palidez parecia a de um cadáver, contrastada pelos seus olhos pretos e reluzentes como o azeviche, e pela sua barba e cabelos da mesma cor.

— O que tens de fazer, minha Amália, é só uma coisa; duvidas que eu te tenha querido sempre como um irmão?

— Oh! não, Daniel; nunca duvidei!

— Bom, diz o jovem, a colocar os seus lábios sobre a fronte da prima, então o que tens de fazer é obedecer-me em tudo esta noite; amanhã voltas a ser dona da tua casa, e de mim, como sempre.

— Ordena; ordena o que quiseres; eu também não poderia conceber uma ideia agora, disse Amália, cuja tez ia voltando ao seu rosado natural.

— A primeira coisa que te ordeno é que tu mesma tragas, sem acordar ainda servo nenhum, um copo de vinho açucarado.

Amália não esperou por ouvir concluir a última sílaba e correu para as salas interiores.

Daniel chegou-se logo a Eduardo, a cujos pulmões começava a dar expansão o momentâneo descanso de que tinha desfrutado, até então oprimidos pela dor e o cansaço, e disse-lhe:

— Esta é a minha prima, a linda viúva, a poética tucumana de quem eu te tinha falado tantas vezes, e que depois do seu regresso de Tucumán há quatro meses mora solitária nesta quinta. Acho que se a hospitalidade não agrada aos teus desejos, não acontecerá o mesmo aos teus olhos.

Eduardo sorriu, mas subitamente, voltando o seu semblante à gravidade habitual, exclamou:

— Mas é um proceder cruel; vou comprometer a posição desta criatura!

— A sua posição?

— Sim, a sua posição. A polícia de Rosas tem tantos agentes quanto os homens que de medo já padeceram. Homens, mulheres, senhores e servos, todos procuram a sua segurança nas delações. Amanhã saberá Rosas onde eu estou, e o destino desta jovem será confundido com o meu!

— Iremos ver isso, disse Daniel, a arranjar os cabelos desordenados de Eduardo. Estou no meu elemento quando me encontro entre dificuldades. E, se em vez de me escrever, me tivesses esta tarde falado da tua fuga, cem contra um que não terias no teu corpo um só arranhão.

— Mas como soubeste do lugar do meu embarque?

— Isso é para falar com calma, respondeu Daniel sorrindo.

Amália entrou nesse momento, trazendo sobre um prato de loiça um copo de cristal com vinho de Bordéus açucarado.

— Ó, minha linda prima, disse Daniel, os deuses teriam despido Hebe, e ter-te-iam dado preferência a ti para lhes servir o seu vinho, se te tivessem visto como eu te vejo neste momento! Toma, Eduardo; um pouco de vinho reanimar-te-á enquanto vem um médico. E, enquanto ele suspendia a cabeça do seu amigo e lhe dava a beber o vinho açucarado, Amália teve tempo de contemplar pela primeira vez Eduardo, cuja palidez e expressão dorida do semblante lhe dava um não sei quê de mais impressionante, varonil e nobre;

e, ao mesmo tempo, pôde também reparar que tanto Eduardo como Daniel ofereciam duas figuras como não tinha nunca imaginado: eram dois homens completamente cobertos de barro e sangue.

— Agora, disse Daniel, tomando o prato das mãos de Amália, o velho Pedro está em casa?

— Sim.

— Então vai ao seu quarto, acorda-o e diz-lhe que venha cá.

Amália ia abrir a porta da sala para sair, quando lhe disse Daniel:

— Um momento, Amália, façamos muitas coisas de uma só vez para ganhar tempo, onde há papel e tinteiro?

— Naquele gabinete, respondeu Amália, apontando para o que estava contíguo à sala.

— Então, vai acordar o Pedro. E Daniel passou para o gabinete, tomou uma luz dum canto, passou para a outra sala, que era o quarto da sua prima, desta para um pequeno e lindíssimo sanitário, e ali invadiu o toucador, manchando as loças e cristais com o sangue e o lodo das suas mãos. — Oh!, exclamou ao ver-se no espelho do toucador enquanto lavava as mãos; se Florência me visse assim, bem creria que eu acabava de escapar dos infernos e, com aquelas corridas que ela sabe dar quando lhe quero roubar um beijo e está zangada comigo, escapar-se-ia até Pampa. Bom!, continuou, secando as mãos no riquíssimo tecido de Tucumán, ali está a garrafa de vinho de onde bebeu Eduardo; e também beberei, para que o diabo leve Rosas, para que Eduardo se cure, e para que a minha Florência faça amanhã o que hei-de dizer-lhe! E, dizendo isto, deitou na garganta meia dúzia de tragos de vinho num magnífico copo que estava sobre o toucador de Amália, cujas flores atirou para dentro da bacia.

Voltou imediatamente ao gabinete, sentou-se diante de uma pequena escrivaninha e, tomando o seu semblante uma gravidade que parecia alheia ao carácter do jovem, escreveu duas cartas, fechou-as, colocou-as em envelopes, e entrou na sala onde Eduardo estava a trocar algumas palavras com Amália sobre como se sentia. Ao mesmo tempo, a porta da sala abriu-se e um homem de cerca de sessenta anos, alto, vigoroso ainda, com o cabelo completamente encanecido, com barba e bigodes no mesmo estado, vestido com casaco e calção de pano azul, entrou com o chapéu na mão e com um ar respeitoso, que se transformou em surpresa ao ver Daniel de pé no meio da sala, e sobre o sofá um homem deitado e manchado de sangue.

— Eu acho, Pedro, que ao senhor não pode assustar o sangue. Em tudo o que o senhor vê não há mais do que um amigo meu a quem uns bandidos acabam de ferir gravemente. Aproxime-se o senhor. Quanto tempo serviu o senhor o meu tio, o coronel Sáenz, pai de Amália?

— Catorze anos, Senhor; desde a batalha de Salta até a de Junín, em que o coronel caiu morto nos meus braços.

— A qual dos generais que serviu tem o senhor mais carinho e respeito: a Belgrano, a San Martín ou a Bolívar?

— Ao general Belgrano, Senhor, respondeu o velho soldado sem hesitar.

— Bem, Pedro, aqui tem o senhor, em Amália e em mim, uma filha e um sobrinho do seu coronel, e ali tem você um sobrinho do general Belgrano, que precisa dos seus serviços neste momento.

— Senhor, eu não posso oferecer mais do que a minha vida, e essa está sempre ao dispor dos que tenham o sangue do meu general e do meu coronel.

— Acredito, Pedro, mas aqui precisamos não só de valor mas também de prudência e, sobretudo, segredo.

— Sim, Senhor.

— Mais nada, Pedro. Sei que o senhor tem um coração honrado, que é corajoso e, sobretudo, que é patriota.

— Sim, Senhor; velho patriota, disse o soldado, alçando a cabeça com um certo ar de orgulho.

— Bom, continuou Daniel; sem acordar nenhum servo, sele um dos cavalos do carro, puxe-o até à porta com o menor barulho possível, arme-se, e venha.

O veterano levou a sua mão à têmpora direita, como se estivesse diante do seu general, e dando meia volta marchou para executar as ordens recebidas.

Cinco minutos depois, ouviram-se as ferraduras do cavalo, depois o portão da quinta a girar sobre os gonzos, e a seguir apareceu na sala coberto com o seu poncho o velho soldado de quinze anos de combates.

— Sabe, Pedro, onde fica a casa do doutor Alcorta?

— Por trás de San Juan?

— Aí.

— Sim, Senhor.

— Então vá até lá; chamará até que lhe abram, e entregará esta carta e diga que, enquanto o doutor se prepara, você vai fazer um recado, e que voltará a buscá-lo. A seguir passará o senhor em minha casa, chamará baixinho à porta, e ao meu servo, que há-de estar à minha espera, e que abrirá logo, dará esta outra carta. Tudo isto fará o senhor velozmente.

— Sim, Senhor.

— Mais uma coisa. Acabo de lhe dar uma carta para o doutor Alcorta; mil incidentes podem sobrevir no caminho, e deve deixar que o matem antes de lhe arrancarem a carta.

— Bem, Senhor.

— Mais nada, agora. São doze e três quartos da noite, disse Daniel olhando o relógio que estava colocado sobre o marco de uma lareira, à uma e meia o senhor pode estar de volta com o doutor Alcorta.

O soldado fez a mesma anuência que anteriormente, e saiu. Alguns segundos depois ouviram, a partir da sala, a impetuosa corrida de um cavalo que movia com os seus cascos a solitária rua Larga.

Daniel fez sinal à sua prima para passar ao gabinete e, depois de recomendar a Eduardo que permanecesse o mais quieto possível até o médico chegar, disse-lhe:

— Já sabes qual foi a minha escolha; quem poderia chamar que nos inspirasse mais confiança?

— Mas, meu Deus, comprometer o doutor Alcorta!, exclamou Eduardo. Esta noite, Daniel, tens-te empenhado em misturar com o meu azar o destino da beleza e do talento. A minha vida vale muito pouco no mundo para se exporem por ela uma mulher como a tua prima, e um homem como o nosso professor.

— Estás sublime esta noite, meu querido Eduardo! O teu sangue foi drenado pelas feridas, mas a tua gravidade e as tuas desconfianças ficaram donas da casa. Alcorta não se comprometerá mais do que a minha prima; e mesmo que não fosse assim, hoje estamos todos numa luta, em que os bons se devem aos bons, e os maus se devem aos maus. A sociedade do nosso país começou a dividir-se em assassinos e vítimas, e é preciso que os que não querem ser assassinos, se não pudermos castigá-los, se contentem em ser vítimas.

— Mas Alcorta não se comprometeu; porém, ao fazer com que venha cá, podes tu comprometê-lo gravemente.

— Eduardo, a tua cabeça não está boa. Olha: tu, eu, cada jovem dos nossos amigos, cada homem da geração a que pertencemos, e que tenha sido educado na universidade de Buenos Aires, é um compromisso vivo, palpitante, eloquente, do doutor Alcorta. Somos as suas ideias em acção; somos a reprodução multiplicada da sua virtude patricia, da sua consciência humanitária, do seu pensamento filosófico. A partir da sua cátedra, ele acendeu no nosso coração o entusiasmo por tudo o que é grande: pelo bem, pela liberdade, pela justiça. Os nossos amigos que estão hoje com Lavalle, que nos desafiam a tomar a espada, são o doutor Alcorta. Frías é o doutor Alcorta no exército; Alberdi, Gutiérrez, Irigoyen são o doutor Alcorta na imprensa de Montevideú. Mesmo tu, aí, banhado de sangue, que acabas de expor a tua vida por fugir da pátria, em vez de suportar nela a tirania que a oprime, não és outra coisa, Eduardo, senão a personificação das ideias do nosso catedrá-

tico de filosofia, e... mas, bah!, de que disparates estou a falar!, exclamou Daniel, ao ver duas espessas lágrimas que corriam sobre o rosto cadavérico de Eduardo. Vai, vai! Não falemos mais disto. Deixa-me fazer as coisas a mim, que se nos levar o diabo levar-nos-á a todos juntos; e, por minha fé, meu querido Eduardo, não temos de estar pior no inferno que em Buenos Aires. Descansa um momento, enquanto dou uma palavra a Amália.

(8)
HUMOR, SÁTIRA E IRONIA

Ruben DARÍO. «O sátiro surdo — conto grego», in *Curiosidades Literárias e Outros Contos*. Tradução de Rui Manuel Amaral. [1888] 2018. Porto: Editora Exclamação. 47-52.

Texto sujeito a Direitos de Autor

Nguyen KHUYEN. «A uma estátua», in *The Heritage of Vietnamese Poetry*.
Tradução inédita de Simão Valente. 1979. New Haven: Yale University
Press. 204.

Texto sujeito a Direitos de Autor

NOTAS CRÍTICAS

ABDUL ABDULLAH KADIR (OU MUNSHI ABDULLAH) (1796-1854) é um autor basilar da literatura em língua malaia, tendo como tal influência no que viria a ser a literatura indonésia. Tendo trabalhado como secretário e intérprete de numerosos administradores coloniais, a sua vida ligou-o à fundação da cidade de Singapura, relatando-a na sua autobiografia, da qual transcrevemos um episódio representativo da multiculturalidade da sua região nativa e dos desmandos do poder colonial. (Simão Valente)

ABÛ BAKR MUHAMMMAD IBN QUZMÂN (1087?-1160). Poeta admirável, ousado e mesmo desbocado, não conheceu limites na sua liberdade de expressão poética, deveras original. Terá começado por seguir a linha da nova poesia estrófica — moaxa — que misturava o árabe clássico com o romance, logo seguindo no enalço de Ibn Bajja, suposto criador do zéjel, totalmente escrito em árabe coloquial andalusino. Cultivou variados tipos de poesia: lírica amorosa, báquica, panegírica, narrativa, autobiográfica, bélica, etc. Foi um dos mais influentes criadores andaluzes, de cuja arte poética se podem detectar traços na literatura portuguesa mais antiga. (Adalberto Alves)

ABÛ NUWÂS (747-813). Foi educado em Baçorá e Kufa. Depois seguiu para Bagdade, onde cedo ganhou fama, graças não só ao seu enorme talento, mas também aos episódios da sua vida de devasso. É um dos poetas que figuram em *As Mil e Uma Noites*. Cantou o amor e o vinho com leveza e vivacidade inigualáveis, embora também, por vezes, com descarada licenciosidade. Foi um inovador nato, ao romper, em grande parte, com as velhas convenções das odes beduínas. Muitos viram nele o Rimbaud dos Árabes. (Adalberto Alves)

AHMAD SHAWQI (1868-1932). Poeta e dramaturgo egípcio de uma ancestralidade multímoda. É unanimemente reconhecido como um dos maiores poetas árabes neoclássicos da época moderna. O seu fantástico domínio do idioma árabe colocou-o ao nível da mestria dos grandes poetas antigos, fazendo dele o génio poético da

sua geração. Estudou Direito na Universidade de Montpellier. Com o esboroar do poder turco no seu país exilou-se em Espanha, tendo residido em Barcelona durante seis anos. (Adalberto Alves)

AL-KHANSÁ' (575-644/45). Uma das maiores poetisas, se não mesmo a maior, da língua árabe. Notabilizou-se pelas sentidas elegias que dedicou à morte dos irmãos, entre os quais Sakhr, como documenta o poema aqui apresentado. Viveu entre o fim da *jâbiliyya*, cujos *topoi* nunca abandonou, e os começos do Islão. Como sinal da sua celebridade, relatam algumas fontes que o Profeta Maomé, grande admirador do seu talento, costumava recitar versos dela. (Adalberto Alves)

AL-MA'ARRÎ (979-1058). Admirável poeta árabe-sírio, ficou praticamente cego a partir dos quatro anos de idade devido à varíola. Afirmava, com orgulho, nunca ter escrito um panegírico a troco de dinheiro ou recompensas. Nos últimos anos da sua vida, depois de uma estada em Bagdade, volta à terra natal e renuncia ao mundo, vivendo, como eremita, em santidade. De entre as suas obras poéticas, destaca-se a *Risâlat al-Gufrân* [Epístola do Perdão], que lhe valeu uma glória imensa. (Adalberto Alves)

AL-MU'TAMID IBN 'ABBÂD (1040-1095). Esta notabilíssima figura de rei, patrono das artes e das ciências, foi o mais eminente poeta andalusino da segunda metade do século XI. O século XI da Península Ibérica é por vezes chamado de o século de al-Mu'tamid. Os seus versos figuram em *As Mil e Uma Noites*. A sua figura, obra e destino trágico comoveram o mundo, ao longo dos séculos, tendo sido objecto de inúmeras teses e estudos em universidades de diversos países. É, a par de Camões e Pessoa, uma das maiores glórias literárias nascidas em terras de Portugal. (Adalberto Alves)

AL-MUTANABBÎ (915-955). É, em geral, considerado o maior poeta árabe de sempre, apesar dos ódios de estimação que, ao longo do tempo, alguns lhe foram votando, acusando-o de herético e plagiador. Não despido de ambição, viria a escolher um percurso errante, de corte em corte, buscando uma prosperidade que a sua infância pobre lhe negara. Durante um dos trajectos dessa errância, acabou por ser assassinado numa emboscada que lhe foi feita, no deserto, por alguns despeitados que haviam sido alvo das suas sátiras. (Adalberto Alves)

AMADO NERVO (1870-1919). Poeta, escritor e jornalista representativo do modernismo mexicano. Tendo publicado vários romances, é entretanto sobretudo considerado pela sua poesia, com obras como *Perlas negras* (1898), *En voz baja* (1909),

ou *Elevación* (1917). Defendeu o valor da arte boémia, além de reconhecer uma literatura latino-americana modernista capaz de perpetuar a cultura e literatura ocidentais, sem ter de se ajustar aos preconceitos dos critérios europeus. (Mitzi Guerrero)

ANTARA IBN SHADÂD AL-ABSÎ (525-615). Poeta que ficou conhecido para a posteridade como «O Cavaleiro Negro» e «O Audaz». Foi cultor do género épico. Da sua obra, só chegaram até nós esparsos versos e uma famosa *mu'allaqa*. Durante a Idade Média, a sua vida aventureira, da qual historicamente pouco se sabe, veio a torná-lo no protótipo do herói-poeta e personagem central de *Sirât 'Antara* [A Saga de 'Antara], que viria, posteriormente, a inspirar uma das obras sinfónicas de Rimsky-Korsakov. (Adalberto Alves)

«AS MIL E UMA NOITES» são um conjunto de histórias oriundas da tradição oral árabe. Elaboradas de uma forma que não obedecia aos cânones das *belles lettres* árabes, e quiçá por razões morais e políticas, eram desprezadas pelas elites e poucos manuscritos sobreviveram. No século XVIII aparecem as primeiras traduções para línguas europeias e os primeiros manuscritos forjados, e no século XIX as primeiras edições impressas em árabe, redigidas numa língua mais cuidada e contendo histórias traduzidas do francês, como Aladino ou Ali Babá. Impunha-se uma tradução a partir dos mais antigos manuscritos, ainda impermeáveis à influência do Orientalismo. (Hugo Maia)

ATTÂR (1142-1190). Um dos maiores sufis. Ficou conhecido pela alcunha Attâr devido à profissão de perfumista, que começou por exercer em paralelo com a medicina. Um dia, quando se encontrava na sua drogaria, um dervixe veio pedir esmola à sua porta. A espiritualidade do mendigo sufi revolucionou o ser do poeta: abandonou a loja para percorrer mundo, em busca de si mesmo. Destacamos o livro *Mantegh-ol-Tÿy* [Colóquio dos Pássaros], que descreve as etapas da via gnóstica, através de uma complexa narração alegórica. Esta obra influenciou Chaucer e também o Victor Hugo da *Légende des Siècles*. (Adalberto Alves)

AVRAHAM IBN EZRA (c. 1092-1167). A auto-ironia é a marca dos poemas deste autor que viajou por grande parte da Europa, divulgando a escola poética sefardita. Foi também importante exegeta bíblico, além de astrónomo. «Madrugou e à casa do patrono eu vou» é uma «cantiga de maldizer» a respeito do patrono que se esquiva da contribuição devida ao poeta. (Moacir Amâncio)

«AYVU ROPYTA» é o nome do livro publicado em 1959 pelo antropólogo paraguaio León Cadogan, que reúne os mitos e as tradições religiosas dos Mbyá-Guarani, povo que habita uma região sobreposta aos estados do Brasil, Paraguai, Uruguai e

Argentina. Ayvu-Rapyta é ainda o termo que designa a origem da linguagem humana. O episódio que aqui apresentamos relata a sua criação por Ñamandu, anterior à criação da terra ou das pessoas. É assim revelador da importância crucial da linguagem no imaginário Mbyá-Guarani, em cuja língua os conceitos de alma e palavra se traduzem por um único termo: *ñe'eng* ou palavra-alma. (Bernardo Diniz Ferreira)

BADI' AL-ZAMAN AL-HAMADHANI (967-1007), autor árabe do período abássida, nascido em Hamadhan, região situada no actual Irão, é considerado o criador da *maqama*, género literário originariamente árabe, que consiste numa composição curta, em prosa, marcada pelo recurso ao *saj'* (prosa rimada), assim como por uma densa ornamentação estilística e pela alternância entre prosa e poesia, mercê da frequente integração, no corpo do texto, de passagens em verso. (Raquel Carapinha)

BAI JUYI (772-846), oriundo do Henan, não só ocupou vários cargos de grande relevância política ao longo da sua vida, como foi um prolífico poeta. Figura líder do movimento Novo Yuefu, acreditava na possibilidade de transformar a sociedade através da expressão poética de valores confucionistas. Assim, além de obras narrativas como *Canto do Remorso Perpétuo*, um dos poemas longos mais populares do período Tang, Bai Juyi uniu o seu estilo simples e tom coloquial à crítica social e política. (Maria Inês Almeida)

«A BRISA NO ALAÚDE». Este poema anónimo segue a tradição poética chinesa de uma poesia imagética, que dá conta de uma simbiose entre o humano e a natureza, realçando em ambas formas de contemplação e despojamento. (Helena Carvalhão Buescu)

«BUČ, BUČ, CANTA O SÄMÜRGÜK». A glosa diz «pássaro parecido com ou da família do rouxinol» no falar de Balasayun, a nordeste da actual Kashgar, e antiga capital dos Liao ocidentais. Seria importante ver a ave que se regista neste poemeto gracioso, proveniente do Divã de Kashgari. Lembremos que o rouxinol é um símbolo dominante ou mesmo central da poesia turca otomana — vindo da literatura persa, que sobre ela pesa sobremaneira; bem como, aliás, e por esta via, a árabo-muçulmana. (Gil de Carvalho)

«CANÇÃO DE TÖLÖS». É o mais célebre poema «turco-mongol» transcrito para chinês — se é que o processo foi assim tão simples — e somente nesse registo existe. Também conhecido por «Canção de Chile», terá sido Hülü Qin (488-567) a cantá-lo ou recitá-lo diante do imperador «chinês» no ano de 546. É tão imediatamente

estranho à poesia da China (ou a dominantes dela) que se tornou o «poema dos Bárbaros» por excelência e naquela tipificação chinesa deles que perdura hoje ainda. Se o poema turco ou mongol é tantas vezes de guerra ou da Natureza, esta última comparece aqui em toda a sua infinita «música» e «ondulação». É uma pequena saudação grandiosa para esses espaços imensos. (Gil de Carvalho)

«CANÇÃO DE TRABALHO DE ESCRAVOS AFRICANOS DAS ILHAS BARBADOS». Esta curta canção tem origem nas plantações de cana-de-açúcar das Ilhas Barbados, colónia Britânica de 1625 a 1966 (antes disso portuguesa). Inscrita no Registo da Memória do Mundo da UNESCO em 2017, é a mais antiga canção de trabalho de escravos africanos de que temos registo e que nos chega sob a forma de manuscrito. Mais curioso será, talvez, o facto de a transcrição incluir não apenas a letra mas também a melodia que a acompanha, fruto da sua transcrição pelo abolicionista e melómato britânico Granville Sharp. Poucos anos depois, em 1816, as ilhas serão palco da primeira revolta de escravos das Índias Ocidentais Britânicas. (Bernardo Diniz Ferreira)

«CANÇÕES DE DRAGÕES EM VÔO PARA O CÉU» (1463) é o primeiro texto literário composto com o alfabeto coreano, marcando assim o nascimento de uma cultura escrita independente da tradição chinesa na península coreana. A obra é dedicada ao relato dos feitos da dinastia Joseon, a casa nobre que fundaria o estado coreano e que o governaria até ao fim do século XIX. O excerto celebra as virtudes de Taejo, pai de Sejong, o Grande, o rei que patrocinou a escrita do texto. (Simão Valente)

CAO XUEQIN (1724?-1764) nasceu em Nanquim numa família de mandarins arruinados. Escreveu *O Sonho do Pavilhão Vermelho*, o mais famoso romance da literatura chinesa. O enredo gira à volta do intrincado relacionamento de quatro famílias, os Jia, os Shi, os Wang e os Xue. O herói é o jovem Jia Baoyu, rebelde e apaixonado que acabará os seus dias como monge budista. Lido avidamente por gerações e gerações de chineses, esta é uma obra-prima da literatura mundial. (António Graça de Abreu)

CHARLOTTE PERKINS GILMAN (1860-?) é apontada de forma recorrente como uma das precursoras dos vários movimentos de libertação das mulheres que teriam lugar ao longo de todo o século XX. Com «O papel de parede amarelo», conto incontornável escrito em meados em 1890 e publicado em 1892, teceu uma crítica profunda à visão de uma articulação estreita entre trabalho feminino e problemas psicopatológicos, vigente à época. (João M.P. Gabriel)

CHIYO-NI (OU CHIYOJO) (1703-1775). Celebrada poetisa do Japão pré-moderno (período Edo, 1603-1868). Dedicou-se à caligrafia e à pintura haiga, mas foi no âmbito da escrita do *haiku* que se destacou. Contemporânea de Buson, foi equiparada a Bashō, de cujo estilo foi herdeira. Tematizou sobretudo a natureza e a relação desta com o homem. Bastante apreciada na época, caiu, entretanto, no esquecimento. O seu *haiku* sobre a trepadeira continua, todavia, a ser dos mais conhecidos dentro do género. (Marta Pacheco Pinto)

O COIOTE é uma das mais importantes e complexas personagens da tradição oral da América do Norte. Guardião do sentido cómico da vida, por oposição ao trágico, é protagonista de inúmeras histórias, nas quais a única constante é a sua faceta enquanto *trickster*: o elemento caótico, subversivo da condição e natureza humana que assegura a possibilidade de estabilidade e mudança, o ciclo da vida e da natureza. Esta série de subtis paradoxos e contradições está presente neste conto: o Coiote, preguiçoso e antiautoridade, descobre o Inverno que mata as plantas e traz o frio. Contudo, sem ele, o Homem nunca conheceria os prazeres do Verão. (Bernardo Diniz Ferreira)

«A DESCOBERTA DO FOGO» é episódio constante em muitos sistemas de crenças e a versão aborígine da Austrália é exemplo dessa constante. Singularmente, a agência de animais nesse processo distingue-o de outras mitologias, sendo aqueles humanizados na medida em que a presença do fogo se transforma na base da criação de um lar para uma família, no caso a do rakali, um roedor anfíbio australiano também chamado de rato-de-água. (Simão Valente)

DOMINGO FAUSTINO SARMIENTO (1811-1888) foi um político, educador e escritor cuja vida está ligada de maneira íntima à história dos primeiros anos da Argentina. A publicação de *Facundo*, em 1845, ocorreu durante o seu segundo período de exílio no Chile, e representa uma crítica tanto do modelo de nação defendido pelos federalistas, como das condições que permitiram o aparecimento dos caudilhos. Fundacional como poucos, *Facundo* é um texto ao qual numerosos autores voltarão, desde Euclides da Cunha até Mario Vargas Llosa. (Sebastián Patrón)

DU FU (712-770), oriundo do Henan, é considerado um dos grandes poetas da China, a par de Li Bai. Apesar de contemporâneos, traçaram percursos de vida e literários opostos, mas descrever Du Fu como o poeta confucionista por oposição ao taoísmo de Li Bai seria reduzir a complexidade presente nas obras de ambos. Du Fu tanto evoca episódios históricos como simples instantes de comunhão com a natureza, explorando temáticas como a amizade, a despedida, o reencontro e o

vinho. Muitos dos seus poemas seguem um complexo conjunto de regras formais, procurando transmitir aquilo que transcende a linguagem. (Maria Inês Almeida)

EDGAR ALLAN POE (1809-1849) marcou a literatura norte-americana do século XIX sobretudo como poeta e autor de contos e novelas, influenciando também sucessivas gerações de escritores na Europa e no mundo. Pela brevidade e pela concentração narrativa, o conto «O retrato oval» apresenta-se como a expressão paradigmática de preceitos que o autor delineou para a narrativa breve, ao mesmo tempo que ultrapassa muito esse quadro, ao afirmar-se sobretudo como teoria implícita da arte. (Amândio Reis)

EMILY DICKINSON (1830-1886). Oriunda da Nova Inglaterra, pertencente a uma classe abastada e culta descendente dos primeiros Puritanos, Emily Dickinson é hoje considerada a maior poeta americana de língua inglesa, a par de Walt Whitman, seu contemporâneo. Solteira, Dickinson nunca se ausentou da casa onde nasceu, tendo ficado conhecida, a partir dos trinta anos, pela sua reclusão. Escassamente publicada em vida, deixaria um acervo de quase dois mil poemas. Dela se conhecem ainda mais de mil cartas, que, ao se servirem de uma linguagem metafórica e recorrerem a um ritmo sincopado e a rimas internas, são também poesia. Thomas Higginson, escritor e crítico literário, seria um dos mais importantes correspondentes de Dickinson, desde 1862 até à sua morte; a ele a poeta confiaria dúvidas e poemas. Mas é o estilo de Dickinson, críptico, pleno de elipses, de estranha sintaxe, porém de uma beleza sem precedentes, que permite considerá-la moderna — e simultaneamente atemporal. (Ana Luísa Amaral)

«A ENGUIA» é uma história tradicional do arquipélago de Samoa, na Polinésia, que oferece uma explicação para a origem do importante recurso natural que é o coqueiro. Na base está o amor de um príncipe das ilhas Fiji por uma jovem de Savaii, uma das ilhas de Samoa, o que é testemunho da comunicação entre ilhas no Pacífico Sul. (Simão Valente)

«A EPOPEIA DE ASKIA MUHAMMAD» (1493-1528) relata a vida e feitos do maior líder do império Songai, um corpo político que durante o renascimento europeu ocupou grande parte da África Ocidental, com o seu coração no actual Mali. O texto pertence a uma tradição oral, assim se conservando ao longo de gerações. O excerto seleccionado efabula o nascimento de Askia, selando-o como um imperador predestinado. (Simão Valente)

«EU, RICO KOČADO KHAN». Faz parte de uma série de poemas, alguns bastante obscenos. O ritmo, o andamento e mesmo a «atmosfera» têm o sabor de numerosas peças centro-asiáticas, sem o carácter explícito destas, no entanto. A tradição, aqui, oral, nem sempre será bem compreendida. Há no poema a liberdade de quem desce a montanha, por desfiladeiros (ou não), até à planura e estepe. Liberdade que é humana e lembra a «descida» do mítico antepassado dos turcos, o lobo. (Gil de Carvalho)

EVLIYA ÇELEBI (pseudónimo de Derviş Mehmed Zillî, 1611-1682) foi um explorador que viajou pelo Império Otomano e territórios próximos, registando as suas viagens no seu diário, denominado *Seyâbatnâme*, que aqui apresentamos. O excerto reproduzido descreve o perímetro de Constantinopla (ou Islámbul, como o autor também a apelida) em grande detalhe, enquadrando a cidade no seu contexto cultural e político muito particular.

«FALAR OUVI». É uma tentativa de tradução. Poema proveniente do Divã de Kashgari. O semblante ou rosto da amada, numa varinha delgada e esbelta, um raio de luar — ou, por que não especular? Algo que afaga ou faz cócegas no ouvido. Possível, neste caso, influência da poesia persa. O original será um dístico de apenas oito palavras. Notar as rimas e assonâncias, o movimento ou galope breve, o enleio e a carícia — e o *staccato*. (Gil de Carvalho).

FERDOWSI (939-1020). Originário de Bâzh, e nascido no seio de uma próspera família, depois de se ter iniciado nas Letras com composições líricas, lança-se na criação do gigantesco poema *Shahnameh* [Livro dos Reis], com cerca de 60 mil versos. Nele, aquele que é o poeta épico, por excelência, da literatura persa revela todo o seu amor pelo Irão. Tendo-lhe o rei Mahmud oferecido uma ridícula recompensa por aquele poema, Ferdowsi corajosamente ridicularizou o soberano, através de uma amarga sátira. O brilho literário do *Livro dos Reis* inspirou, através dos tempos, e apesar da sua concepção pessimista do destino, a arte de numerosos poetas. (Adalberto Alves)

FREDERICK DOUGLASS (1818-1895) foi um dos nomes mais importantes do movimento abolicionista nos Estados Unidos da América. Nascido escravo no Maryland, fugiu para Nova Iorque de maneira a obter a sua liberdade, tendo subsequentemente escrito um dos documentos mais influentes na luta pela abolição da escravatura, a sua *Autobiografia*, da qual transcrevemos um excerto. (Simão Valente)

GOSWĀMĪ TULSĪDĀS (?-1623). Poeta muito popular, é considerado um santo para milhões de pessoas de fé hindu. Desenvolveu quase todas as suas obras literárias em Benares. É famoso pela escrita da epopeia *Rāmcharitmānas*. O livro *Dobā-valī* contém 573 dísticos nas línguas Braja e Awadhi que principalmente criticam os dogmas religiosos e culturais e destacam a humanidade como a religião principal. (Singh, Shiv-Kumar)

HĀFIZ (1320-1391). É considerado por muitos, entre os quais Goethe, o maior poeta lírico da Pérsia, tendo sido abundantemente traduzido. Este poeta sufi, seguramente uma das figuras cimeiras da poesia universal, era natural de Shiraz, tendo memorizado por inteiro o Alcorão, daí a sua alcunha. A sua poesia, totalmente inovadora no género ghazal (curta poesia amorosa), alcançou a mais elevada expressão, tornando-se um verdadeiro credo para o movimento espiritualista dos Fiéis do Amor. A sua figura deu azo a uma veneração que chegou aos nossos dias. (Adalberto Alves)

HAN SHAN (c. 700-780) é uma figura enigmática da tradição poética chinesa, cuja verdadeira identidade continua a ser motivo de desacordo. Geralmente associados ao budismo chan (zen) e a temáticas taoistas, os mais de trezentos poemas atribuídos a Han Shan reflectem frequentemente sobre o sofrimento e a efemeridade da vida humana, conferindo um carácter ambivalente à natureza. Esta pode surgir como perigosa, mas também como um refúgio necessário à iluminação do ser humano. (Maria Inês Almeida)

HAN YU (768-824), oriundo do Henan, teve grande influência no mundo intelectual e literário do seu tempo, procurando revitalizar o confucionismo numa altura em que a sua importância se encontrava em declínio face à do budismo. Apesar de ser mais bem conhecido pela sua prosa ao «estilo antigo» — *guren* —, Han Yu inova também na poesia, privilegiando a clareza e a precisão da linguagem. Assim, adapta o seu estilo à realidade descrita, incorporando na sua obra elementos sintácticos de ritmo e de dicção coloquiais. (Maria Inês Almeida)

HARRIET BEECHER STOWE (1811-1896), autora norte-americana, é sobretudo conhecida pela obra *A Cabana do Pai Tomás*. Este livro teve um forte impacto na causa abolicionista nos Estados Unidos, mas a representação de personagens negras aí feita contribuiu em grande medida para a difusão de estereótipos raciais negativos, como se pode ler no excerto transcrito. (Simão Valente)

HARRIET JACOBS (1811-1896) foi uma autora norte-americana, nascida escrava, e a sua autobiografia *Incidentes na Vida de uma Escrava*, do qual reproduzimos um

excerto, é um dos textos centrais da literatura abolicionista do século XIX nos Estados Unidos. O excerto conta parte dos incidentes na fuga de Jacobs para a liberdade no norte do país. (Simão Valente)

HENRY DAVID THOREAU (1817-1862) foi um dos autores mais importantes do movimento transcendentalista americano e um precursor do ecologismo. As suas obras mais marcantes são *Desobediência Civil* (1849) e *Walden ou A Vida nos Bosques* (1854), texto filosófico, ensaístico e autobiográfico, no qual reflecte sobre as relações entre o humano e a natureza, o trabalho e a contemplação, criticando a sociedade industrial emergente. (Amândio Reis)

HENRY JAMES (1843-1916) instalou-se cedo em Inglaterra e encontrou um dos principais filões da sua obra na exploração de tensões entre o novo modo de ser americano e a cultura europeia ancestral. É a partir deste «tema internacional» que se desenvolve o enredo de *Os Embaixadores*, o segundo dos grandes romances que James publicou já no início do século XX, no qual a questão transatlântica se entretetece com uma dimensão psicológica, inovadora e eminentemente moderna da focalização narrativa. (Amândio Reis)

HERMAN MELVILLE (1819-1891) tornou-se apenas postumamente um dos nomes de maior relevo na literatura norte-americana. Levando uma vida atípica que incluiu uma residência temporária na Polinésia, foi com *Moby Dick* (1851) que o escritor nova-iorquino integrou as fileiras do grande romance americano. Inspirado pela sua própria experiência no mar, este livro dá ainda provas de um agudo sentido de construção literária, bem como de gosto pelo insólito, que veio a marcar obras como *Bartleby, o Escrivão* (1853). (Amândio Reis)

«A HISTÓRIA DO HOMEM E DA MULHER». Traduzida da língua sena para o português por Lourenço do Rosário, que a recolheu, esta é uma narrativa etiológica que, apesar da sua pequena dimensão, tenta dar uma lógica mítica à origem dos fenómenos da natureza das relações humanas: a origem do Universo e do homem, a origem do amor e da traição, a relação do homem com a natureza e outros animais, a natureza mítica e sagrada da cobra de água, fonte de toda vida. Nela também se encontram referências circunstanciais de comportamentos e sentimentos, tais como o ciúme ou o castigo, o sentido da sobrevivência ou o da vingança. Trata-se, portanto, de uma típica narrativa mítica que desenreda uma série de interligações entre a vida e a história, num plano mítico e lendário, estabelecendo, também, um cruzamento com muitas outras narrativas de outras culturas e civilizações, incluindo a Bíblia judaico-cristã. (Inocência Mata)

IBN 'AMMÂR (1030-1084). A sua vida alterna entre privações, aventura, glória e tragédia. Nele coexistiram invulgar inteligência e talento, e desmedida ambição. Depois de ter estudado com os melhores mestres do Gharb, insinua-se junto do jovem al-Mu'tamid, então governador nominal de Silves. Quando este, por morte do pai, ascende ao trono do reino taifa de Sevilha, Ibn 'Ammâr é nomeado grão-vizir. A sua ambição acabaria por levá-lo à traição, acabando morto às mãos do rei-poeta. A sua oficina poética é apuradíssima e requintada, fosse qual fosse o género por si cultivado. Dele disse o grande cronista al-Marrâkushî: foi um dos gloriosos poetas que seguiram as pisadas de Ibn Hâni al-Andalusî e a quem Ibn al-Abbâr chama «o poeta do Alandalus». (Adalberto Alves)

IBN (al-) ARABÎ (1165 -1240) foi o mais notável expoente do sufismo metafísico, deixando uma obra que espanta pela sua extensão. Ficou conhecido como Shaykh al-Akbar — o Mestre Máximo. Poderá ter estado na Lisboa de D. Afonso Henriques, estudando com algum mestre na respectiva Mouraria. A sua obra centra-se na descoberta do caminho para o Homem Perfeito ou Universal (*al-insân al-kâmil*) enquanto espelho da Existência Absoluta (*al-wujûd al-mutlak*). É um dos mais venerados santos do Islão. O seu túmulo é visitado por peregrinos do mundo inteiro. (Adalberto Alves)

IBN AL-FÂRID (1181-1235). Notável poeta místico, de inspiração sufi. Filho de um jurista, seguiu, ele próprio, estudos de lei shafiita e das tradições (*abadith*), antes de uma revelação que o terá despertado para a gnose islâmica. Retirou-se, então, para os montes Muqattam, nos arredores do Cairo, dedicando-se à meditação e piedade muçulmana. Numa visita à Arábia, terá tido uma visão do profeta Maomé e aí terá escrito a maior parte da sua poesia. (Adalberto Alves)

IBN GABIROL (1021/22-c. 1055). Um dos grandes nomes da poesia hebraica no medievo e em todos os tempos. Talento precoce, dedicou-se à poesia e à filosofia, sendo o autor de *A Fonte da Vida*, escrito em árabe e, na tradução latina, confundido por muito tempo com obra de um pensador cristão. Aqui, um exemplo da criatividade de Ibn Gabirol ao tratar temas e fórmulas correntes e obrigatórias no seu tempo. (Moacir Amâncio)

IBN SÂRAASH-SHANTARINÎ (meados do século XI-1123/24). Notabilíssimo poeta andalusino que foi copista, secretário e professor de língua árabe. Muito apreciado e citado pelos literatos do seu tempo, dado o cunho pessoalíssimo das belas metáforas usadas nos seus poemas. Alguns dos seus aforismos ficaram célebres, como aquele que diz que a ignorância atrai a riqueza como o íman atrai o ferro. O seu

conterrâneo, Ibn Bassâm, também poeta e grande antologador, diz dele: um prosador e poeta extraordinário, luzeiro resplandecente que em prosa encantava e em verso deixava rasto. (Adalberto Alves)

IBN ZAYDŪN (1003-1071). Descendente de uma ancestralidade árabe ilustre, este grande poeta é, seguramente, a par de al-Mu'tamid, um dos dois maiores poetas do Alandalus. Dotado de grande cultura literária, aos vinte anos é já um poeta famoso. Tomado de amores pela caprichosa princesa-poetisa Wálada e, a princípio, correspondido, não tarda a ser por ela desprezado, o que lhe causa grande decepção e amargura. O poema apresentado é um dos numerosos que disso dão conta. Considerado o poeta andalusino de mais pura tradição neoclássica, os seus versos distinguem-se pela musicalidade e pela força metafórica. (Adalberto Alves)

INCA GARCILASO DE LA VEGA (1539-1616), ou Gómez Suárez de Figueroa, foi um importante escritor do vice-reino do Peru, descendente de uma princesa inca e de um conquistador espanhol. A sua obra mais conhecida é *Comentarios Reales*, publicada em 1609, em Lisboa; aí abordou a história e a cultura de vários povos pré-colombianos. Noutras obras contou episódios do processo da conquista europeia. (Isabel Araújo Branco)

«IZIBONGO SHAKA ZULU». Os IziBongo são cantos celebratórios dos feitos de reis e grandes guerreiros zulu, comparáveis à tradição europeia do encómio. Fazem parte de uma cultura oral em que o texto é memorizado e transmitido de poeta a poeta. Aquele que aqui transcrevemos foi composto em honra de Shaka Zulu (1787-1828), um dos mais importantes monarcas do reino Zulu, na actual África do Sul, unificando centenas de tribos e lutando contra o colonizador. (Simão Valente)

IZUMI SHIKIBU (c. 974 - c. 1034) integrou a geração de mulheres que desenvolveu o japonês como língua literária. Privou com Murasaki Shikibu, ao servir na corte de Fujiwara no Akiko (988-1074), benfeitora das escritoras mulheres. Datando da primeira metade do século XIII, Izumi Shikibu-Shū reúne cerca de 150 *tankas* (poemas de 31 sílabas, 5-7-5-7-7) — além de retratarem o ambiente da corte Heian, sobressaem pela natureza intimista e erótica, por uma imagética explícita e pela toada budista. (Marta Pacheco Pinto)

JAMES FENIMORE COOPER (1789-1851) é celebrado como um dos primeiros romancistas verdadeiramente americanos. Publicado em 1826, *O Último dos Moicanos* é, porventura, o romance mais conhecido do autor, sendo além disso uma das

obras mais emblemáticas da literatura do romantismo dos Estados Unidos da América, (re)lida e adaptada até aos nossos dias. (João M.P. Gabriel)

JAMI (817-892). Santo sufi, natural de Kharjird, mas de famílias de Isfahan, Jami é considerado a última grande voz mística da poesia do período clássico. Prolífico autor no campo da poesia lírica e idílica, é também um notável prosador, dotado de imensa sabedoria. Na obra *Salamn e Absal* utiliza sofisticadas alegorias para retratar as cambiantes sagrada e humana do amor. É também conhecido o seu longo poema *Haft Awrand* [Os Sete Tronos]. (Adalberto Alves)

JIBRÂN KHALÎL JIBRÂN (1883-1931). Apesar de ter vivido apenas 48 anos, este poeta, ensaísta, filósofo, prosador e pintor libanês, além da sua produção em inglês, foi figura incontornável da poesia árabe escrita no exílio. Muitos lhe chamaram o William Blake dos árabes. A sua obra, de acentuado pendor místico e espiritual com laivos românticos, revela as variadas influências que a sua escrita sofreu. (Adalberto Alves)

JOHN GREENLEAF WHITTIER (1807-1892), poeta quaker, publicou de 1837 a 1890 e é autor de uma obra vasta e marcante na literatura norte-americana do século XIX. Enquadrado no grupo de escritores americanos conhecidos — pela domesticidade temática e pela serena moralidade — como «poetas da lareira», Whittier bateu-se pela causa abolicionista, fazendo do antiesclavagismo e da vida política americana tópicos centrais da sua escrita. (Amândio Reis)

JOHN WINTHROP (1587/88-1649), pastor evangélico, é um dos inauguradores da parenética americana, sob todas as formas e com todas as características que ainda hoje lhe atribuímos. Deste sermão — pregado ainda em Inglaterra ou talvez já a bordo do navio *Arbella*, que haveria de levar os peregrinos até à baía de Massachusetts — ressalta a criação literária da «cidade na colina» e a comparação com as tribos de Israel, imagens que imprimem indelevelmente na imaginação americana a doutrina do Destino Manifesto e o excepcionalismo da missão divina que lhes fora reservada. (Bernardo Ferreira)

JOSÉ MÁRMOL (1817-1871). Escritor, dramaturgo, jornalista e poeta romântico argentino. Mármol é principalmente associado à actividade política contra o governo do general Juan Manuel de Rosas, da qual derivou o seu romance mais emblemático, *Amalia* (1851). Considerado como o poeta da emigração argentina causada pela ditadura de Rosas, Mármol conjuga a sensibilidade herdada dos poetas ingleses românticos (Byron, Chateaubriand, Espronceda e, principalmente, Zorrilla) com a consciência da violência da ditadura militar. (Mitzi Guerrero)

JOSÉ MARTÍ (1853-1895) é considerado uma das figuras literárias e políticas mais importantes de Cuba e da América Latina. Martí foi um dos escritores modernistas mais famosos, com uma obra que inclui romances, contos, poesia, crónicas e ensaios sobre temas políticos, culturais e sociais. De toda a sua produção, foram as crónicas e os ensaios que lhe trouxeram mais reconhecimento durante a sua vida. (Sebastián Patrón)

JUAN RUIZ DE ALARCÓN Y MENDOZA (1581?-1639) estudou Direito em Salamanca e destacou-se no círculo literário e teatral de Madrid. Inaugurou na literatura hispânica o género da comédia de caracteres, como é exemplo *La verdad sospechosa*; esta peça, inicialmente atribuída a Lope de Vega, revela clara intenção moralista ao ridicularizar a figura do mentiroso. (Isabel Dâmaso Santos e José Pedro Sousa)

«KANA KAWA». Este longo poema é apenas um dos muitos que compõem a complexa tradição oral marubo. Nele encontramos ecos de Orfeu e Eurídice com uma diferença importante: Orfeu viaja até ao mundo dos mortos mas Pajé Samaúna empreende uma travessia semelhante através da projecção da consciência — o seu corpo fica para trás ao lado da esposa. O trágico culminar da história desenvolve-se, assim, em duas linhas distintas e simultâneas: o herói tenta, na primeira, segurar a mão do espírito da esposa que desliza para o mundo dos mortos e, na segunda, impedir que os seus familiares procedam à cremação do corpo. (Bernardo Diniz Ferreira)

KATE CHOPIN (1850-1904) foi uma escritora norte-americana, autora de romances e sobretudo contos, pelos quais ficou conhecida. Nas suas obras retrata a vida da comunidade de ascendência francesa do sul dos Estados Unidos, centrada no Luisiana, um grupo com especificidades linguísticas e culturais que o diferencia dos seus vizinhos, nomeadamente pelo seu catolicismo. (Simão Valente)

KOBAYASHI ISSA (1763-1827) é usualmente considerado um dos quatro grandes mestres do *haikai*, juntamente com Matsuo Bashō, Yosa Buson e Masaoka Shiki. Dentre eles, Issa se destaca pelo despojamento total, pela simplicidade expressiva e capacidade de transmitir de imediato ao leitor um enorme calor humano e uma grande pureza de sentimentos, o que faz dele um dos poetas de *haikai* mais amados, tanto pelos japoneses quanto pelos leitores ocidentais. (Paulo Franchetti)

«KONJAKU MONOGATARISHŪ» é a maior colecção de histórias breves do folclore e imaginário japonês, datadas do início do século XII e de autoria desconhecida. Conjugando retrato de costumes, religião e maravilhoso, destinar-se-iam a divulgar a doutrina budista. O manuscrito mais antigo que se conhece pertence ao século

XIII e foi descoberto no século XIX. Constituída por 31 volumes, de que 28 chegaram até nós, e com cerca de 1100 histórias, a antologia divide-se em três partes: Índia, China e Japão. As histórias aqui reproduzidas pertencem à terceira parte. Esta obra inspirou escritores modernos como Akutagawa e Tanizaki. (Marta Pacheco Pinto)

KRENAK. Nos fins do século XIX, saindo do recôncavo baiano, os krenak deslocaram-se para o Rio Doce, em Minas Gerais. A população é composta de aproximadamente 350 indivíduos. A narrativa — «O tempo que deus andava no mundo» — faz parte do livro com as primeiras histórias reunidas a partir de pesquisas orais entre os mais velhos da aldeia. Foram gravadas e transcritas por professores krenak, que se empenham na reconstituição da própria língua. (Viviane Maia)

LI BAI (701-762) é considerado um dos maiores poetas da China, juntamente com Du Fu. Além do seu génio irreverente e fortemente influenciado pelo taoísmo, encontra-se associado à imagem de poeta vagabundo e boémio. Na sua poesia, marcada por temáticas como a natureza, o amor, a amizade, a embriaguez e a guerra, optou frequentemente pela liberdade permitida pela «poesia ao estilo antigo», não deixando de dominar a quadra de «versos cortados» — *jeuju* —, da qual é exemplo «Lamento nos Degraus de Jade», cuja concisão e ambiguidade, comuns na poesia chinesa, têm motivado variadas traduções. (Maria Inês Almeida)

LI HO (ou LI HE) (c. 791-817) desde cedo revelou aptidão para a poesia. Nesta, criou um universo singular onde o fantástico se mistura com uma atmosfera lúgubre e trágica, causando estranheza ao leitor. As exuberantes imagens criadas combinam vários elementos simbólicos, entre os quais surgem frequentemente o sangue e a espada. Em «Chega o Outono», dominado por uma atmosfera inquietante, a transformação do sangue em jade denuncia a inocência de um homem executado. (Maria Inês Almeida)

LI QINGZHAO (c. 1081 - c. 1145), oriunda do Shandong, é a poetisa mais célebre da China. Filha de um famoso letrado, casou com um mandarim que partilhava o seu amor pelas belas artes. Os fragmentos sobreviventes da sua obra demonstram o seu domínio da poesia *ci* — «lírica» —, assim como revelam elementos da sua experiência pessoal. De facto, após a morte do seu marido, compõe poemas sentidos como «Primavera em Wuling», marcados pelo luto e pela saudade. (Maria Inês Almeida)

LIU ZONGYUAN (773-819), oriundo do Shanxi, foi condenado ao exílio devido ao seu envolvimento, em 805, no movimento de reforma de Wang Shuwen. Juntamente com Han Yu (768-824) foi um dos mestres da prosa clássica chinesa, contribuindo

para o seu desenvolvimento. Contudo, enquanto Han Yu defendeu essencialmente a instauração de valores confucionistas, Liu Zongyuan explorou também o budismo. *Neve no Rio* é bastante famoso na China e no Japão, tendo inspirado diversas obras de outros artistas. (Maria Inês Almeida)

«O LIVRO DOS MORTOS TIBETANO», nome pelo qual o *Bardo Thodol* é conhecido no ocidente, faz parte da literatura sapiencial da Nyingma, a mais antiga escola do budismo tibetano. Trata-se de um guia espiritual para a alma no momento em que esta parte para o plano intermédio entre a morte e a reencarnação. (Simão Valente)

MARK TWAIN (1835-1910) foi escritor, humorista, jornalista e palestrante. Na sua ampla obra literária, destacam-se as narrativas de viagem e os romances juvenis protagonizados por jovens rapazes, de entre os quais os mais célebres são *As Aventuras de Tom Sawyer* (1876) e *As Aventuras de Huckleberry Finn* (1885). Neste último, escrito na primeira pessoa e num inglês vernáculo, sobressaem nitidamente o humor, a ironia subtil e uma meditação sobre o racismo. (Amândio Reis)

MARYAM AL-ANSARÍ (c. séculos x-xi). Poetisa silvense, em 1009 já se teria mudado para Sevilha, onde se tornou famosa pela sua poesia e pela excelência do seu ensino das Belas Letras, ministrado principalmente a mulheres. Atingiu provecta idade e, como se vê no poema, aos 79 anos ainda a sua veia literária se mantinha. No dizer do califa al-Mahdi, o talento de Maryam ultrapassava o da célebre al-Khansâ'. (Adalberto Alves)

MASAOKA SHIKI (1867-1902) é considerado um dos quatro grandes mestres do *haikai*, juntamente com Matsuo Bashō, Yosa Buson e Kobayashi Issa. Vivendo o início da ocidentalização do Japão, Shiki devotou-se a preservar e multiplicar o interesse pelo *haikai* clássico e suas qualidades fundamentais: expressão directa, objectiva, por meio de imagens claras, sem abstrações nem sentimentalismo. Graças à sua intensa actuação, o *haikai* clássico voltou a ser praticado em grande escala no Japão. Shiki foi também o mentor da importante revista *Hototogisu* (fundada em 1897), na qual se divulgaram e fixaram os princípios da sua escola. (Paulo Franchetti)

MATSUO BASHŌ (1644-1694) foi o expoente máximo do *haiku* clássico japonês, além de cultor da composição colectiva conhecida como *renga*. Embora a sua obra seja inspirada pela trajectória religiosa, ligada sobretudo ao budismo zen, o que de radicalmente novo a sua poética veio propor foi um afastamento do «mundo vulgar». Unindo a escrita à contemplação, abraça com mestria a figura do eremita e do viajante, patente também nos seus diários de viagens. (Catarina Nunes de Almeida)

MAXACALI. Os maxacali possuem uma língua própria e uma integridade cultural ainda muito viva. Com uma população aproximadamente de 1330 indivíduos, vivem no Vale do Mucuri, no estado de Minas Gerais, em duas aldeias diferentes. A narrativa — «As crianças cegas» — foi publicada numa edição bilingue escrita por professores maxacali com a colaboração de estudantes do curso de Letras, em oficinas de leitura, produção de texto e editoração. (Viviane Maia)

MIRZA GHALIB (1797-1869) é um dos nomes centrais da literatura em urdu. Tendo escrito igualmente em persa, foi testemunha da queda do secular Império Mogol e do estabelecimento do poderio britânico no subcontinente indiano. A sua poesia reflecte essa transitoriedade do mundo, ainda que sem referências directas ao seu contexto histórico, como é o caso do poema aqui recolhido. (Simão Valente)

«MITO DA CRIAÇÃO MAORI». O excerto aqui transcrito conta do início dos tempos, associando-o a um acto de amor entre um deus pai e uma deusa mãe. O panteão de deuses subsequentes são filhos dessa união, tendo de combater o peso opressor do amor de seus pais para que o mundo, e neste a humanidade, possam crescer. Os paralelos com outras tradições são altamente sugestivos. (Simão Valente)

MOSHÊ IBN EZRA (c. 1055 - após 1135). Originário de Granada, teve uma vida errante que se reflecte na sua obra. Foi autor de um livro fundamental para o conhecimento da poética hebraica medieval. Compôs poesia laica e sacra, sendo que poemas seus foram incorporados à liturgia sinagagal. (Moacir Amâncio)

MOTOKIYO ZEAMI (1363-1443) é o pai do teatro *nô*. As suas peças continuam a ser as mais representadas e deixou importante reflexão crítica, em que estabelece os princípios estéticos do *nô*, entre os quais o *yûgen* (mistério ou charme subtil). Dirigiu a escola *nô* de Kanze e foi com ele que esta tradição dramática, combinando música, dança e o uso de máscaras, de influência zen budista e com raízes na poesia, mais prosperou. «Manto de Penas» (*Hagoromo*) conta a história de um anjo que tenta recuperar o manto que lhe foi roubado para regressar ao céu. Segundo o tradutor, esta lenda seria comum à China, Índia e Escandinávia. (Marta Pacheco Pinto)

MURASAKI SHIKIBU (c. 973-1014?) é autor de *Genji Monogatari*, que se centra nas peripécias amorosas de Hikaru Genji — tomado como paradigma do nobre japonês — e descreve o quotidiano da corte japonesa do período Heian (794-1185). Considerado um dos mais antigos exemplos do género romance, *Genji Monogatari* é uma referência no estudo da poesia e também parte do programa escolar japonês. O capí-

tulo em questão, «Yūgao» [Rosto da noite], recebe o seu título da flor que floresce na vizinhança onde mora a jovem por quem Genji se apaixonará, nunca negligenciando as normas de etiqueta com que foi educado. (Mariana Bernardo Nunes)

MUYAKA (1776-1860) foi um autor da região africana onde hoje em dia é o Quênia, que se notabilizou por ser o primeiro poeta de temática não-religiosa na língua suaíli do qual há registo. Escrevendo especialmente quadras, a forma tradicional para se tratarem tópicos filosóficos, Muyaka alia uma reflexão sobre a condição humana com uma veia satírica da qual são exemplo os versos transcritos. (Simão Valente)

NATHANIEL HAWTHORNE (1804-1864). Celebrado como um dos grandes ficcionistas da literatura dos Estados Unidos da América, é autor de um dos grandes romances do século XIX — *A Letra Escarlata*, que aqui apresentamos. Situado cronologicamente durante a era puritana, este romance acompanha Hester Prynne, que, após o nascimento da sua filha, fruto de adultério, se esforça por reconstruir a sua vida de forma digna. (João M.P. Gabriel)

NAVAJO. A Via da Noite é uma cerimónia de exorcismo praticada pelos membros da nação navajo, com uma duração total de nove dias, na qual a purificação de um paciente por via de invocação divina se transforma numa celebração de renovação religiosa para todos os participantes. Foi registada pela primeira vez por Washington Matthews no final do século XIX. A acumulação de paradoxos e antíteses que caracterizam todo o texto desta cerimónia culmina e explode na nona noite, durante a qual o poema seria repetido uma e outra vez até ao nascer do Sol. Assim, o tempo do texto seria o tempo sagrado da sua leitura, das suas danças, o tempo das estações e do movimento dos astros. (Bernardo Diniz Ferreira)

NGUYEN KHUYEN (1835-1909) foi um poeta e filósofo confucionista vietnamita. Durante a sua vida assistiu à invasão e sucessiva colonização do seu país natal pela França, tendo participado activamente na resistência, ao mesmo tempo que criticava os excessos do regime feudal nativo. Na sua poesia combina a reflexão filosófica com um certo pendor satírico, como demonstra o poema seleccionado, em que se dirige a uma estátua erguida pelos colonizadores. (Simão Valente)

NGUYỄN TRÃI (1380-1442) foi um poeta, político e filósofo confucionista do actual Vietname, estando no centro do cânone da literatura vietnamita na medida em que contribuiu com poemas e tratados para a independência do seu país em relação à China. A sua poesia reflecte uma visão personalista, centrada nos detalhes do seu quotidiano de onde parte para reflexões morais ou existenciais. (Simão Valente)

NIZAMI (1140-1220). Natural de Gandjé, notabilizou-se na poesia de carácter idílico, onde se revela toda a sua visão sufi. Todavia, combina frequentemente o lírico com o épico. Além dos seus quatro romances em prosa poética (*Khrosrow e Chirina*, *Leily e Madjnun*, *Os Sete Ídolos* e *O Livro de Alexandre*), a sua obra prima absoluta talvez seja a narrativa *Makbzan-ol-Asrâr* [O Tesouro dos Mistérios]. Goethe, na obra *Divan Ocidental-Oriental*, louva o seu delicado e altamente dotado espírito. (Adalberto Alves)

NZINGA MBEMBA (AFONSO DO CONGO). Numa sociedade em que a tradição do registo escrito era inexistente, a existência de «cartas» que manifestam relações, neste caso, entre o Congo e Portugal, no século XVI, assume o maior interesse. Reproduz-se aqui uma carta do chamado «rei» (*ntotila*) do Congo, D. Afonso I (Mbemba-a-Nzinga), a D. Manuel I de Portugal. Esta carta insere-se num conjunto de documentos que dão conta da forma como a chegada dos portugueses a África foi vista por chefes africanos, e das ambiguidades e dos desacertos históricos e simbólicos que desde logo pautaram essas relações iniciais. (Helena Carvalhão Buescu)

OLAUDAH EQUIANO (c. 1745-1797). A sua autobiografia foi um texto-chave do movimento abolicionista no Reino Unido. O autor, nascido no Benim, foi capturado e vendido como escravo nas Caraíbas. Conseguiu comprar a sua alforria, vivendo de seguida em Londres e empenhando-se na luta contra a escravatura. O excerto aqui reproduzido centra-se no choque e na violência da chegada a bordo do navio negreiro. (Simão Valente)

OMAR KHAYYÂM (1048-1139). O patronímico Khayyâm (o fazedor de tendas) designa um homem de excepcional saber nascido em Nishapur. Este astrónomo, matemático, filósofo, poeta e gnóstico teve uma vida ainda hoje, em boa parte, imersa em sombras. Parece ter tido, desde tenra idade, uma curiosidade sem limites por todas as formas do saber do seu tempo. A sua poesia, de contornos indefiníveis, foi uma influência decisiva para a poesia ocidental inspirada no orientalismo. (Adalberto Alves)

ONO NO KOMACHI (c. 825 - c. 900) foi das primeiras vozes femininas da poesia escrita em japonês no início do período clássico (Heian, 794-1185). Cultivou o *tanka* (poema de 5 versos e 31 sílabas, 5-7-5-7-7), antecessor do *haiku*. Ficaria conhecida pela sua beleza e pelo tom apaixonado e emotivo das suas composições amorosas. Ao tema do desejo juntam-se o da melancolia, ligada ao *mono no aware* (sofrimento das coisas), e o da impermanência, de tradição budista. Está representada na primeira

antologia poética japonesa, *Kokinshū* (c. 905), de Ki no Tsurayuki (c. 872-905). (Marta Pacheco Pinto)

PICHUVY CINTA LARGA. Pertencentes ao grupo étnico tupi mondé, os cinta larga vivem na fronteira entre Rondônia e Mato Grosso. De 500 indivíduos na década de 1980, a população passou a cerca de mil indivíduos no início dos anos 2000. As histórias «Os animais» e «Ngurá» compõem as narrativas contadas por Pichuvy, cacique cinta larga, à pesquisadora Leda Lima Leonel, na década de 1980. Foram gravadas, depois, escritas e publicadas, por meio de parcerias diversas, no livro *Histórias de maloca antigamente*. É uma obra potente, que transmite a força do saber tradicional dos cinta larga aos leitores. (Viviane Maia)

PHILLIS WHEATLEY (1753-1784) chegou aos EUA na condição de escrava e foi a primeira afro-americana a publicar um livro de poesia. Encorajada pela família adotiva, Wheatley publicou a sua obra de estreia em Londres, em 1773: *Poems on Various Subjects, Religious and Moral*. Celebrizando-a dos dois lados do Atlântico, esta obra explora uma associação entre cristianismo e classicismo que atravessa toda a sua poesia. (Amândio Reis)

«POPOL VUH» surge pouco depois das invasões e conquista espanholas e representa um esforço de preservação e transmissão de uma cultura que já se percebia como em risco de extinção e contaminação. É, característica de outros contemporâneos, um texto híbrido, escrito no idioma quiché e alfabeto latino, entre 1554 e 1558, e irremediavelmente «catequizado.» Contudo, pela proximidade com o mundo da pré-conquista e pela extensão do texto e dos seus temas, elevou-se ao estatuto de texto fundamental quer de países meso-americanos (dando nome ao Museo Popol Vuh na Guatemala) quer de tribos maias, como repositório das suas tradições ancestrais. (Bernardo Diniz Ferreira)

RALPH WALDO EMERSON (1803-1888). Nome maior do pensamento oitocentista, consagrou-se como um dos principais nomes associados ao movimento transcendentalista, que, entre outras coisas, procurou recuperar a ideia de homem bom, resgatando-o dos males exercidos pela sociedade e contexto em que se insere. «Pessoal» faz parte de uma narrativa de viagem, *English Traits*, que Emerson escreveu aquando da sua visita ao Reino Unido. Este capítulo ganha particular interesse ao permitir uma aproximação, não só à sociedade e aos costumes do outro lado do Atlântico, mas também às poéticas da época, através da descrição de um encontro entre Emerson e o seu contemporâneo, William Wordsworth. (João M.P. Gabriel)

RAMA II (1767-1824) foi rei do Sião, actual Tailândia, e um dos autores centrais do cânone tailandês. Poeta e dramaturgo, durante o seu reinado a literatura tailandesa atingiu um período de esplendor, tendo o rei sido um protector do poeta Sunthorn Phu, também recolhido nesta antologia. A peça de teatro *Inao* parte de histórias tradicionais de amores cortesões para servir como novo modelo para os seus sucessores relativamente à boa conduta do monarca. (Simão Valente)

RUDAKI (880-940). Originário de Samarcanda, deixou uma extensa obra, composta sobretudo por *qasidat* (odes). Considerado o primeiro grande poeta da Pérsia Islâmica, a maior parte da sua poesia, tocada por um sentimento hedonista e melancólico, que anuncia Khayyâm, perdeu-se, incluindo o seu Divan de mais de 180 mil versos, de que restam excertos dispersos. A sua poesia, de grande musicalidade, caracteriza-se por um estilo depurado. Criou uma famosa versão versificada de *Kalilê e Demné*, conjunto de fábulas indianas divulgado na Europa, de onde La Fontaine extraiu vários temas para a sua obra. (Adalberto Alves)

RÛMI (Balkh, 1207-1273). Uma das figuras imortais da Pérsia. A sua obra revela principalmente a influência de dois mestres espirituais: Attâr e o dervixe errante Shams-é-Tâbrizî. A sua obra máxima é o imenso poema *Masnavi*, com mais de 25 mil dísticos. Nele se descreve o drama humano do fiel de amor em busca da verdade e do sentido da vida. É limitativo considerá-lo apenas numa dimensão islâmica, pois é um homem para todas as eras. Hegel, Goethe, Ruckert e Victor Hugo, entre outros, foram seus «discípulos» espirituais. (Adalberto Alves)

SA'ADI (1215-1292). Natural de Shiraz e autor de *Gulistan* (roseiral) e do *Bustan* (vergel), Sa'adi é o maior poeta didáctico da Pérsia. Cultivou géneros variados, entre os quais a ode e a ghazal, com excepcional virtuosismo. Traduzido no Oriente, desde o século XVIII, foi admirado por figuras tão díspares como Voltaire, Herder, Benjamin Franklin, Emerson e Aragon, graças à esfuziante espiritualidade sufi que emana dos seus versos. O seu tûmulo, tal como o de Hafiz, é venerado diariamente por inúmeros visitantes. O poema apresentado encontra-se em cinco línguas a decorar uma das salas das Nações Unidas em homenagem ao poeta e filósofo da Paz, que tanto trabalhou em prol da humanidade. (Adalberto Alves)

SANÂ'I (1046?-1150). Natural de Ghasa ou de Balkh, é considerado o iniciador da grande poesia sufi da Pérsia. Começou por ser poeta da corte, mas abandonou tudo para aderir ao sufismo, tornando-se dervixe. Deixou odes, poesia lírica e mesmo um poema épico de carácter religioso, a *Viagem dos Servidores de Allâh ao Lugar do Regresso*, que parece ter sido umas das influências islâmicas na *Divina Comédia* de Dante.

Outra das suas obras de grande influência, no sufismo subsequente, é o *Jardim da Verdade e a Lei da Autêntica Via*. (Adalberto Alves)

SEI SHŌNAGON (966-1020), contemporânea de Murasaki Shikibu, escreveu em hiragana, no início do século XI, o diário *Makura no sōshi* [Notas do Travesseiro], um registo vívido das suas impressões da sociedade aristocrática de Heian (794-1185). O excerto aqui reproduzido, numa tradução de Wenceslau de Moraes (1854-1929) extraída de *O Bon-Odori em Tokushima* (1916), é tão fragmentado quanto o é a própria narrativa, listando reacções emotivas à experiência quotidiana de coisas várias (*mono no aware*). (Marta Pacheco Pinto)

«O SENHOR RESOLVE-DE-UMA-SÓ-VEZ». Num registo entre a fábula e o conto maravilhoso, esta narrativa — originariamente em língua koti, ou ekoti (Nampula, Moçambique) — é um exemplo de condensação de saberes de diferentes matrizes, de âmbito filosófico e de política de gestão de fraquezas nas relações sociais. Em face das «desventuras» que lhe vão acontecendo, o homem chamado Senhor Resolve-de-uma-Só-Vez, através da sua hábil inteligência, e não enfrentando nenhum dos seus inimigos, consegue montar uma estratégia em que eles se vão eliminando e ele mesmo se vê, no final, livre deles, na verdade de uma só vez. E, vingado, dignificou o seu nome. (Inocência Mata)

SHMUEL HANAGUID (993-1056). O autor destacou-se não só como poeta, mas também como vizir de Granada entre 1038 e 1056. Foi comandante militar, além de líder da comunidade judaica. Deixou obra volumosa que abrange diversos géneros. A sua narrativa de guerra tornou-se documento histórico e o tom sálmico impregna seus lamentos fatalistas. A temática do gazel (o efebo), um dos emblemas da poesia na época, também ocupou o autor, como o demonstram os exemplos aqui presentes. (Moacir Amâncio)

SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ (1648-1695) foi uma poeta, dramaturga e pensadora da Nova Espanha. Aclamada como uma das mais importantes autoras barrocas, é conhecida pelas suas posições feministas e pela sua forte ligação às ciências, nomeadamente a física, a astronomia e a matemática. Autora de forte pendor intelectual, inclui na sua obra linguagem da rua, pronúncias, vozes indígenas e mitos astecas. (Isabel Araújo Branco)

SU DONGPO (1037-1101) foi o nome adoptado pelo poeta Su Shi, oriundo do Sichuan. Frequentemente considerado o maior poeta da dinastia Song (960-1279), Su Dongpo foi também calígrafo, pintor e prosador. Devido ao seu envolvimento

na política durante um período de intensas disputas, acabou por ser condenado ao exílio múltiplas vezes. Ainda assim, a sua obra poética é marcada pelo optimismo, tal como por um cromatismo diverso e pelas temáticas da natureza, da amizade, do amor, do exílio e do retorno. (Maria Inês Almeida)

«SUNJATA» é uma epopeia que narra a história de Soundiata Keita (1214-1255), fundador do Império Mali. A tradução dos episódios procurou manter marcas de oralidade, próprias das narrativas de tradição oral, tendo em conta que Sunjata é uma epopeia contada por *griots*, ao longo de gerações. Por se tratar de uma epopeia não escrita, a manutenção do estilo eloquente e elegíaco tornou-se condição *sine qua non* para a tradução, de forma a respeitar o tema e a forma como o *griot* transmite esta narrativa. (Flávia Ba)

SUNTHORN PHU (1786-1855) pode ser descrito como o poeta nacional da Tailândia, na medida em que, numa cultura literária em que a escrita da poesia está intimamente ligada ao poder real e ao ambiente de corte, Sunthorn é o primeiro poeta de renome de origem plebeia. A sua obra aqui transcrita relata o sofrimento sentido com a separação da sua mulher quando o autor viaja em trabalho numa embaixada. (Simão Valente)

TLALTECATZIN DE CUAUHCHINANCO (actual Puebla, no México) teria praticado a sua arte em Tezcoco, nessa altura um importante centro cultural e artístico. Um só poema constitui o legado daquele que seria um dos grandes poetas Astecas, tão bem lembrado que não só a sua composição foi registada duas vezes pelos frades espanhóis, como também outros poemas dos Cantares Mexicanos, por exemplo, o recordam, aludindo ao seu famoso dom poético. O seu poema é uma ode ao prazer que nele incorpora a dor da morte inadiável, a dor de tudo isto se perder no momento da morte. Uma e outra vez Tlaltecatzin nos oferece imagens desta inquieta condição humana, culminando na esperança de que prazer e morte possam ser convidados de honra na mesma festa da vida, se nela for possível encontrar paz. (Bernardo Diniz Ferreira)

«TORNEI-ME O VOSSO REI». Turcomano, ou Mongol? Segundo Gerard Clauson, pode tratar-se de traduções do mongol (alguma língua do grupo) para uma língua turca. Surge num Oğuzname, possivelmente do século XIII (enquanto recolha) e a transcrição é incerta. Pode ser o chefe de tribo turcomana vivendo nas proximidades do mar Cáspio ou do mar Aral. É mais um poema «pagão», sem sabor muçulmano, mas numa atmosfera ou num clima onde aquela fé é já fortemente presente. (Gil de Carvalho)

«OTRÁGULO» é uma das várias fábulas tradicionais da Malásia cujo protagonista é o pequeno animal do mesmo nome nativo da península malaia, semelhante a um pequeno veado. Em todas as histórias o trágulo é confrontado com problemas ou adversários que supostamente exigiriam força física para serem ultrapassados, mas o protagonista sempre resolve as suas dificuldades através do uso da inteligência. (Simão Valente)

TUPARI. Os tupari vivem no estado de Rondônia. No início do século xx, havia cerca de 3000 indivíduos dessa etnia. Actualmente, são menos de 500. Diferentemente das versões difundidas no Brasil sobre o mito da mandioca (alimento essencial para os indígenas e primeiros colonizadores da América do Sul), a narrativa — «A origem da mandioca» —, em publicação bilingue, revela o esforço de recuperação e difusão da própria cultura por meio da escrita. (Viviane Maia)

UANG-IANG-MING (OU WANG YANGMING) (1472-1529), também conhecido como Bo'an, foi um importante estadista e alto oficial militar, bem como notável educador, calígrafo e filósofo que viveu no período da dinastia Ming. Considerado um dos pensadores neoconfucionistas mais importantes, era distinguido nos círculos literários com o nome de Mestre Yangming. Este poema foi traduzido para português por Camilo Pessanha. (Paulo Franchetti)

«OS ÚLTIMOS DIAS DO CERCO DE TENOCHITLAN». É de um manuscrito anónimo de Tlatelolco (hoje cidade do México) que nos chega um dos mais expressivos testemunhos da tragédia da conquista. O feito dos autores não é menor: trata-se de uma transcrição fonética da língua nahuatl para o alfabeto latino, anterior à fundação do Colégio de Santa Cruz, em 1536, onde o padre franciscano Bernardino de Sahagún haveria de vir a trabalhar com os nativos na elaboração da História Geral das Coisas da Nova-Espanha. Ao fazerem-no sozinhos, os autores deste texto teriam posto um fim precoce às discussões sobre a capacidade de os índios aprenderem a ler, a escrever e eventualmente poderem (pois era esse o principal objectivo do Colégio) ser ordenados padres e bispos. Não sobrevivendo às polémicas, o Colégio caiu em ruína e eventual abandono pela ordem franciscana em menos de meio século, sem ter produzido sequer um sacerdote indígena. (Bernardo Diniz Ferreira)

«VEIO TER COMIGO UM UIGUR, PAGÃO». Primeiro recolhido no célebre Divã do príncipe e lexicógrafo turco, residente em Bagdade, Mahmud al-Kashgari. Aquela obra é um «dicionário» [*lugat*] que recolhe numerosos exemplos e pedaços de poesia turca antiga (cerca de 1074). Os originais, transcritos, foram traduzidos por

Carl Brockelmann. É uma pequena canção brutal e seca que releva ainda e sempre da descarga épica. (Gil de Carvalho)

WALLÂDA BINT AL-MUSTAKFI (1001?-1091). Poeta e princesa do período omíada, célebre pela sua beleza e talento literário, e pelos seus costumes, alegadamente licenciosos. Procurou afirmar sempre a sua liberdade, inclusive recusando-se a usar o véu, o que só era, então, possível dado o seu elevado estatuto social. Entre os seus parceiros conta-se o grande poeta Ibn Zaydûn, a quem acabaria por rechaçar, mas a quem ficou devendo uma boa parte da sua celebridade, graças aos admiráveis poemas que ele lhe dedicou. A sua poesia alterna talentosamente entre a amorosa e a sátira contundente. (Adalberto Alves)

WALT WHITMAN (1819-1892). Embora seja hoje lembrado como um dos escritores mais importantes da literatura norte-americana, o seu *magnum opus*, *Folhas de Erva* (1855), não foi recebido unanimemente. Contudo, a inovação e a influência desta obra — materializadas no verso livre e longo, e no seu carácter proto-modernista — viriam a ser reconhecidas no século xx. Obra monumental da poesia, *Folhas de Erva* seria alvo de sucessivas revisões e republicações, pela mão do próprio autor, até à sua morte. (Amândio Reis)

WANG CHANGLING (698-c. 756), oriundo do Shanxi, não só se destacou pela sua admirável carreira no serviço público, como também se tornou célebre pelos seus poemas evocativos da fronteira, contribuindo para o desenvolvimento estilístico da «quadra heptassilábica» chinesa — *qijue* —, da qual a temática da mulher abandonada presente em «Dolência dos apartados femininos» também faz parte. De modo a superar a brevidade desta forma poética, Wang Changling procurou inovar ao criar poemas compostos por séries de *qijue*. (Maria Inês Almeida)

WANG WEI (701-761). Espírito polifacetado nas artes e nas letras, é um dos poetas maiores do período T'ang, cuja obra literária deverá ser entendida de forma transversal, especialmente a par da sua pintura. Estruturante da sua obra, encontramos uma proposta búdica de vida próxima da Natureza e uma profunda confiança no Homem, os dois aspectos que iniciam o leitor à compreensão da Unidade, que permite entender o Vazio e que convida à contemplação. (Carlos Botão Alves)

WASHINGTON IRVING (1783-1859) publicou sobretudo obras que cruzam os géneros do conto e do ensaio, bem como biografias de diversas personagens históricas, entre as quais Maomé e George Washington. Os volumes *The Sketch Book of Geoffrey Crayon, Gent* (1819 a 1820) e *Contos do Alhambra* (1932) consolidaram-no como

um dos fundadores da moderna narrativa breve, exercendo uma influência determinante nas obras de outros contistas da primeira metade do século XIX. (Amândio Reis)

WU LI (ou Wu Yushan, 1632-1718), oriundo do Jiangsu, foi poeta, calígrafo, pintor e padre católico, tendo composto numerosos poemas de carácter religioso, dos quais «Para S. Inácio de Loyola» é apenas um exemplo. Amigo de Philippe Couplet, ponderou viajar até ao Ocidente com o jesuíta, mas tal possibilidade não se materializou, acabando por ficar em Macau, onde se votou ao estudo. Em 1688 foi ordenado, passando a dedicar-se à evangelização em território chinês. (Maria Inês Almeida)

XACRIABÁ. Os xacriabá vivem no norte de Minas Gerais, no município de São João das Missões, e possuem uma população estimada de 7700 indivíduos. Actualmente, falam português com características da região do Norte de Minas. Estão em processo de reconstrução das suas tradições culturais. No texto — «Ladainha» — flagramos o latim, ainda que subvertido, presente no registo de suas rezas. (Viviane Maia)

YANOMAMI. Ocupam a região da Amazónia compreendida entre as bacias dos rios Orinoco e Amazonas, entre a Venezuela e o Brasil. Com mais de quinze mil indivíduos, é uma das maiores tribos brasileiras. A sua fama à escala mundial ficou inadvertida e principalmente associada ao filme italiano de 1980 *Holocausto Canibal* (os yanomami praticam, efectivamente, uma forma de endo-canibalismo, segundo a qual as cinzas de um familiar são consumidas de forma a manter o seu espírito vivo na comunidade). Contudo, há na tradição oral e literária yanomami lugar também para a beleza subtil da metafísica e poesia da realidade, como o comprova este curto poema recolhido pela fotógrafa e activista Claudia Andujar no âmbito do seu trabalho de defesa e promoção dos direitos deste povo indígena. (Bernardo Ferreira)

YEHUDAH ALHARIZI (1170 - após 1235). Foi o grande mestre da *maqama*, género que percorreu da Pérsia à Ibéria, misto de prosa rimada e poesia com métrica e rima. *Maqama*, árabe, em hebraico, *mabbêret*, significa assembleia, indicando que as composições seriam declamadas em público. O modelo básico é o da narrativa de peripécias vividas por uma personagem aventureira. Os autores judeus perceberam o potencial da *maqama/mabbêret* como veículo para diversão, crítica, didatismo, expressão da fé, registo histórico, etc. O tradutor pautou-se pelo tom da narrativa popular. (Moacir Amâncio)

YEHUDAH HALEVI (1075 - após 1141). Outro nome entre os mais notáveis poetas medievais, pela versatilidade e pelo vigor da expressão hebraica é Yehudah haLevi. Teve uma vida perturbada pelas instabilidades da época. Foi médico, além de poeta e pensador. Escreveu poemas laicos e sacros. A sua obra mais conhecida é «O Cuzari», escrita em árabe, uma apologia sobre o judaísmo a partir do diálogo entre sábios dos três monoteísmos. No final da vida decidiu partir para o Oriente, em busca de Sion. Morreu em Alexandria. (Moacir Amâncio)

YOSA BUSON (1716-1783) foi um dos mais importantes cultores do *haiku* japonês. Ofício complementar à sua actividade de pintor, que daria ao *haiku* uma expressividade visual única, a poesia de Buson é marcada ainda pela espiritualidade zen e pelas suas muitas viagens. Os exemplos apresentados são reveladores não só dessa beleza plástica, mas também de temas caros ao *haiku* clássico, como a passagem do tempo e as transformações naturais e emocionais inerentes às estações. (Catarina Nunes de Almeida)

ZHANG JIULING (678-740), oriundo da actual província de Guangdong, ocupou diversos cargos de relevância política durante o reinado de Xuanzong (713-756). A qualidade da sua poesia foi reconhecida ainda no seu tempo, tendo contribuído para o desenvolvimento da produção poética chinesa antes da rebelião de An Lushan (755-763). «Quarto minguante» é um exemplo das concisas «quadras pentassilábicas» chinesas — *wujue* — onde o poeta é desafiado a condensar harmoniosamente cada tópico em breves imagens. (Maria Inês Almeida)

ZHANG RULIN (1709-1769), oriundo do Anhui, foi um mandarim e o sucessor de Yan Guanren como subprefeito de Macau. A ambos é atribuída a autoria da obra *Monografia de Macau* (c. 1751) — *Aomen Jilue* —, a primeira publicação enciclopédica da região sobre a sua geografia e a sua história, onde foram incluídos diversos poemas. «Macau festivamente límpido» é mais um exemplo das várias produções poéticas compostas por Zhang Rulin alusivas ao universo macaense. (Maria Inês Almeida)

LITERATURA-MUNDO
COMPARADA, PERSPECTIVAS
EM PORTUGUÊS, PARTE TRÊS,
PELO TEJO VAI-SE PARA O MUNDO
VOLUME 5



*foi composto em caracteres Hoefler Text
e impresso em papel Coral Book de 70 g,
na Eígal, Indústria Gráfica, no mês
de Abril de 2020.*